REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRAZIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XLIX

2° VOLUME DE 1886

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C.

71, Rua dos Invalidos, 71

1886

CAMPOS DOS GOYTACAZES EM 1881

PELO

DR. JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO

INTRODUCÇÃO

Approximava-se a epoca em que devia realizar-se na Bibliotheca Nacional a Exposição de Historia e Geographia do Brazil, a esforços, que nunca se louvarão demasiado, do seu douto bibliothecario, o snr. dr. Ramiz Galvão, e ia dar-se o facto, dolorosissimo para os brios do meu patriotismo e—porque o não direi?—para os meus foros de homem de lettras, de não vir do importante municipio de Campos nenhuma informação satisfazer ao empenho da Commissão que reunia os elementos para aquelle singular congresso da Historia e Geographia patrias. Nessa emergencia, e á ultima hora, resolvi reunir ás pressas, mas em substancial e fiel resumo, os dados historico-topographicos que constituem a presente memoria, organizada de accôrdo com o *Questionario*, que

a todas as camaras municipaes do Imperio dirigira a Commissão; tive assim principalmente em vista evitar, bem ou mal, que merecesse a terra que me foi berço a increpação de indifferente ao progresso scientifico nacional e ao interesse que a realização d'aquella generosa idéa despertava.*

Muitas das informações que ministro, quanto ao estado actual do municipio, sobretudo na parte estatistica, foram bebidas na larga fonte de consulta que me offerecia o *Almanak Mercantil de Campos, anno primeiro*, recentemente publicado pelo digno condomino do *Monitor Campista*, o snr. João de Alvarenga. Fazendo esta declaração, rendo preito á verdade e presto áquelle serio talento nacional a devida homenagem.

Guiaram-me tambem na elaboração do presente trabalho alguns relatorios dos engenheiros das Obras Publicas da Provincia de 1837 a 1847, principalmente o do illustre major de engenheiros Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde, com que tive a fortuna de deparar.

Quanto ao mais, prevaleci-me do conhecimento proprio que tinha das localidades e de notas e observações anteriormente colhidas de monsenhor Pizarro, de Balthazar da Silva Lisboa, do snr. commendador Joaquim Norberto (*Memoria historica das aldêas de indios da provincia*), de José Carneiro da Silva, Milliet de Saint-Adolphe, etc.

---

* Esta memoria figura no Catalogo d'aquella Exposição sob o n. 19346, com o titulo *Descripção historico-geographica do municipio de Campos dos Goytacazes...* (Resposta ao *Questionario*).

Em nada essencial a modifiquei para a impressão, por lhe não tirar o caracter de obra de occasião que tem, e é talvez o seu unico merito.

Agosto 28 de 1886.

Mais tarde, quando a urgencia de outros trabalhos que trago em mão me deixarem mais desafogado o tempo, pretendo abalançar-me a estudo de mais folego, que abranja toda a antiga e vasta *Capitania do Cabo Frio* ou *de S. Thomé* ou ainda *da Parahyba do Sul*, concedida primitivamente a Pero de Góes e depois ao visconde de Asseca, hoje retalhada em umas tantas comarcas e municipios, como aliás se fazia preciso ao bom andamento da publica administração.

Rio de Janeiro, 9 de Novembro de 1881.

T. DE M.

ASPECTO GERAL

Assentada no extremo norte da provincia do Rio de Janeiro, da qual é uma valiosa parcella, constituia d'antes a comarca de Campos uma consideravel extensão de territorio, que, abrangendo os municipios de S. Fidelis e S. João da Barra, terminava de um lado no Atlantico e de outros entestava largamente com as provincias de Minas-Geraes e do Espirito-Santo. Hoje aquelles municipios têm jurisdicção independente e a comarca de Campos ficou circumscripta—a léste e oeste por elles, ao sul pelo de Macahé—e ao norte pela provincia do Espirito-Santo.

No tempo do dominio da casa de Asseca tão extensa era a sua circumscripção territorial que tinha a designação official de *Capitania*.

Em uns livros de *Accordãos* da Camara Municipal de Campos, que a Bibliotheca Nacional possue por copia [1],

[1] Ns. 5.534 e 5.535 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

em *vereança* de 30 de dezembro de 1713 ainda se lhe dá o nome de *Capitania da Parahyba do Sul*. Em *accordão da vereança*, a que chamamos hoje *acta da sessão*, de 16 de fevereiro de 1788 diz-se simplesmente : *N'esta villa de S. Salvador, Parahiba do Sul.*

E' o municipio de Campos formado, como o indica o seu nome, por uma vastissima plánicie que, começando á léste, na face occidental do de S. João da Barra, que por sua vez termina á léste no Atlantico, vai ao occidente, pela freguezia da Natividade do Carangola, encostar-se á provincia de Minas.

Referindo-se ao territorio que se extende de Macahé a Campos, na sua segunda viagem ao Brasil (*Paris*, 1833), diz Auguste de Saint-Hilaire :

«... mais proximo da villa de Campos torna-se (*o terreno*) de extrema fecundidade.

« Uma população numerosa o cultiva, e o viajante, que por muito tempo teve de sob os olhos plagas aridas e desertas, gosa emfim do prazer de admirar um *paiz* risonho, que lhe recorda os arredores das grandes cidades da Europa. »

Da confluencia porém do Muriahé com o Parahyba, rio acima, começa o terreno a ondular-se e a mais e mais erguer-se, de modo a tornar-se inteiramente montanhosa a parte occidental do municipio.

Comtudo, nesta immensa planura, a que se diz que deram os naturaes o poetico nome de *Goytacámopi*, que se tem traduzido por *Campos das delicias*, ha perto da cidade de Campos, a oeste d'ella, na margem direita do rio Ururahy, o morro, bastante elevado, da *Itaóca*, nome que significa *casa de pedra*, o qual se separa totalmente do systema de montanhas que d'esse lado fecham a campina e emmolduram de azul o horizonte. Contraste da natureza, aquelle *blocco* de granito, envolto na sua tunica de eterna verdura, como que foi ali posto de industria para corrigir a monotonia da interminavel planicie aos olhos do viajor contemplativo.

O nome de *Goytacazes*,[2] dado a estes campos, lhe advem da tribu principal dos indios que primitivamente os habitavam e que a civilisação exterminou pelo mais certo ou obrigou a procurarem outro assento. *Assento* é um modo de dizer, porque, errabundos como eram por natureza os nossos autocthones, misturaram-se seguramente estes com os das demais tribus que encontraram, ao recuarem deante do europeu, e se absorveram nellas, a menos que se não queira acceitar como a expressão da verdade historica a causa do exterminio da raça aborigene referida pelo chronista da Companhia de Jesus que adeante citarei.

A palavra *goitacá* quer dizer, segundo o visconde de Porto Seguro—corredores.

Tres eram as nações indigenas que habitavam esta afamada região: Puri, Guarú e Goytacá; era esta a mais numerosa e dividia-se em tres hordas—Goytacá-guaçú, Goytacá-moppi e Goytacá-jacoritô, — cada uma d'ellas inimiga figadal da outra, todas tres intractaveis, todas ellas anthropophagas.

D'esses indios e da localidade que habitavam falla com muita indíviduação Simão de Vasconcellos na sua *Vida do P. Joam d'Almeida da Companhia de Jesus na Provincia do Brazil* (*Em Lisboa, na Officina Craesbeeckiana, Anno de* 1658), Capitulos XI e seguinte.

« O lugar considerado em si, diz elle, era naquelle tempo huma paragem das mais notaueis, & apraziueis, que ha em todo este Brazil. Sam humas Campinas Fermosissimas d'algumas vinte, ou mais leguas d'espaço, quasi todo tam raso como o mesmo Mar; tam verde, enfeitado, & retalhado da Natureza, que parecem outros Campos Elysios, & sam chamados os Cãpos dos Goaitacâzes: ha nelles fermosas Alagoas, & hũa de tanta grandeza, que do meïo della mal se enxerga Terra d'hũa

---

[2] Vide nota no fim; entretanto, declaro desde já que só por obedecer á consagração do uso geral é que digo e escrevo *Goytacaz* e *Goytacazes*, pois o vocabulo indigena é, no singular, *Goytacá* e, portanto, no plural *Goytacás*.

parte, & d'outra. Sam suas Agoas doces, & habitadas d'infinidade de Patos, & outras Aues semelhantes.

« Porẽ ainda q̃ estas Cãpinas sejam tam fermosas em-si, sucedelhes o q̃ aos Cãpos Elysios attribuïam os Antigos; q̃ custaua muito grãdes Trabalhos, & Perigos, o auer de chegar a Elles; porq̃ por hũa parte os cercou a Natureza d'Aruoredos Espessos, Rios Medonhos, & Alagadiços imcõparaueis (posto que já hoje estam melhorados, & seguidos os Caminhos, pelos sucessos que depois contarèmos) por outra parte estam cercadas das Espantozas Serranias da Corda, que já assima pintei, habitada toda de varias Nações de Gente, de diuersas Linguas, & pela maïor parte Inimigas entre si, & tudo Castas de Tapuïas.

« Fica este lugar dos Campos dos Goaitacazes, entre o Rïo de Janeiro, & a Capitania do Espirito Santo; & entre os termos dos dous Rïos Paraïba, & Macaé, da Costa do Mar nam muitas leguas pera o Sertam, em altura de 21. graos. Era lugar emtam sospeito, & arriscado a todo o Homem, que ouuesse d'aportar a este Destritto; porque como esta casta de Gentio Goaitaca, nam tinha Pazes firmes com ninguem, & discorria todo o espaço de seu Destritto continuamente, assi do Sertam a suas Caças, como do Maritimo a suas Pescas; a toda a Pessoa estranha, que encontraua, fazia Pasto de seus Dentes: & era esta a melhor Iguaria sua, a de Carne Humana. Nisto tinham parado varios Caminhantes, que se atreueram a querer passar aquella paragem do Rïo de Janeiro pera o Espirito Santo; & nisto parou a Gente d'alguns Nauios que por sucesso tomaram aquellas Praïas; posto que já hoje está liure este Destritto, & seus Campos senhoreados, & habitados de Portuguezes, & d'infinidade de Gados (grande Remedio destas Capitanias) & o modo como se desempedio, & se acabou esta Gente, direi breuemente aqui, por ser Galãte; ainda que pareça que antes de chegar a ella, a faço já acabada. Foi o caso.

« Nauegaua certo Nauio da Cidade do Porto, pera esta do Rïo de Janeiro, o anno de 1630. Areou o Piloto delle, & enxorou em Terra, naquellas Praïas habitadas sómente dos nossos Goaitacazes; & como os pobres

Naufragantes areados nam conheciam a paragem onde estauam, mas só sospeitauam qual poderia ser, aproueitandose do Batel, fugiram della como Terra Cruel, & Praïas Auaras, largando o Nauio exposto aos Mares, que breuemente se fez em pedaços, & encheo de fazendas aquellas Enseïadas. Tiueram noticia do tal Naufragio, assi os Indios da Aldeïa de Cabo Frio, pertencente ao Destritto do Rïo de Janeiro; como os Indios da Aldeïa de Riritiba[3] pertencente ao Destritto da Capitania do Espirito Santo. Partiram estes d'huma, & outra parte, com intento d'acodir ao destroço, saluar as Fazendas; & juntamente os Homens (se ainda os achassem com Vida:) senam que chegando á paragem, acharam nella, aproueitandose da occasiam, soma de *Goaitacazes*; & leuados da sospeita cõmũa de certos sinais, que acharam, nam vendo Portuguez ali algum; formaram conceito que aquelles Barbaros os tinham Mortos, & Comidos; & entrando em Zelo (ou por Prouidencia particular do Ceo) feitos em hum Corpo, deram sobre os Indios, & os mataram todos; & o que mais he, que nam contentes com esta vingança, entraram o Sertam até suas Aldeïas, & a todos os mais que lá acharam Homens, Molheres, & Mininos deram a Morte, sem perdoar a Sexo, nem a Idade; destruindo as Aldeïas; & acabando por hũa vez aquella tam nociua Naçam de Gente, tam odiósa todo o Hospede, & a todo o Caminhante; ficando dahi em diante seguras, & tractaueis aquellas Praïas, & aquellas Campinas.

« Verdade he que a presumçam destes Indios Vingadores, neste caso foi falsa; porque os pobres dos *Goaitacazes* não tinham Morto, nem Comido Homem algum daquelles Nanfragentes; senam que estes receiosos só pelo medo d'auerem de ser comidos delles, largaram as Praïas com mais presteza, do que emxoraram nellas, & antes que auistassem a cara de nenhum destes Barbaros: mas foi castigo de delitos passados... »

No capitulo seguinte, que não posso furtar-me ao dever de reproduzir, supprimindo tãosómente o que fôr

---

[3] Hoje Benevente.

alheio ao meu proposito, trata elle especialmente dos nossos indios do modo seguinte:

« Dado a conhecer o lugar, demos breue noticia desta Gente... Tres Castas auia desta Gente, falando agora sómente della, & deixando todas as mais Naçoens, que cõ Ella confinam, que sam innumeraueis) huns chamauam *Goaitaca-Goaçú*, outros *Goaitaca Jacoritó*, & outros *Goaitaca Mopi*... Todos sam Gente Féra Syluestre, & Tragadoura de Carne Humana; assi andam á Caça huns dos outros, como das Féras; & com mais gosto se apacentam na Carne do que catiuam, q̃ nam na das Féras, que Caçam. Tem nos Terreiros de suas Aldeïas, junto ás portas de suas mesmas Casas, grandes Rumas d'Ossadas, dos que mataram, & comeram, & disto se jactam; & quanto he maïor a Ruma da Ossada dos que mataram, & comeram, tanto maïor fica sendo a Nobreza de cada qual das Casas: Estes são seus Brazões, & suas Proezas. Eram cõmũmente Gente Agigantada, Mẽbruda, & Forçoza: o Cabelo anterior da Cabeça rapado amodo de Caluos, & o demais crecido até o hõbro, amodo de Cesarie, todos nús, Homẽs, & Molheres, sem pejo algũ da Natureza.

« Todo o Edificio de suas Aldeïas, vinha a parar em humas Choupanas a modo de Pombais, fabricadas sobre hum só Esteïo, por respeito das Agoas; estas muito pequenas cobertas de palhas, a que chamam Tabúa; com portas tam pequenas, que pera entrar era necessario ir de gatinhas. Nam tinham Redes, nem Cama, nem Enxoual, porque toda a sua Riqueza consistia em seu Arco. Seu modo de viuer, era pelos Campos Caçando as Féras; & pelas Alagoas, Rïos, & Costas do Már pescando o Peixe, & em huma, & outra Arte eram Insignes: onde matauam a Féra, ou pescauam o Peixe, ahi o comiam, & este mal assado nas brazas, & escorrendo o Sangue; & tam golosos eram, que nam esperauam, que se assasse ainda demeïas d'hũa, & outra parte; senam que meïo assado d'hũa, logo o comiam, & virandoo da outra o comïam tãbẽ, deixandolhe o Espinhaço inteiro; & o mesmo faziam nas Féras. Nẽ em cõpanhia da Carne, & Peixe usauam d'outra mistura de Farinha, Legumes, ou outra semelhante.

« Eram tam insignes no pescar, que se diz delles (se he pera dar credito) que se ajuntavam em certas paragens baixas do Mar, & com Páos nas mãos curtos, & agudos d'huma, & outra parte punham em cerco os Tubarões, & arremetiam a elles, & quando hia ao abrirẽ a boca, lhes metiam nella a mam, & o páo, & engasgados os traziam â Terra. Nam curauam de Roças, nem de Criações, nem d'outra alguma Grangearia, tudo fundauam em seu Arco. No beber eram supersticiosos; porque tendo Alagoas, & Rïos d'Agoa doce, o seu beber era de Cacimbas, que pera este effeito faziam com grandes trabalhos, & alguns affirmam que bebiam tambem Agoa salgada.

« Não tinham Religiam alguma, nem Diuindades aquem adorassem, nem tratauam d'outra Vida, tudo com esta lhes parecia que acabaua: tinham porem entre si Agoureiros, nam com Arte de Feitiçarias a fim de fazer mal, mas pera adeuinhar os sucessos de suas Guerras, de suas Caças, & de couzas semelhantes. Era notauel o Exercicio da Guerra, em que sempre andauam, ora com as outras Naçoens das Brenhas mais remontadas; ora com as outras Especies de sua mesma Gente *Goaitacâzes*; & especialmente os *Goaitacázes*, *Mopis*, & *Iacoritós* tinham Odio entranhauel a outra Especie de *Goaitacá-Goaçús*, de tal maneira que onde quer que se encõtrauam infalliuelmente se matauam, & comiam huns aos outros. E chegaua a tanto o Odio, que a hũ Principal dos *Goaçús*, que em certo tempo, & por certo sucesso se acolheo a huma Aldeïa dos Indios dos Padres (*da Companhia de Jesus*), sita em Cabo Frïo, com quatro Crïados seus (sendo que estauam então de Pazes com os Padres), nam descansáram ali de vigialo, & perseguilo; & sabendo que adoecera o ditto Principal, & morrera, & onde estaua enterrado; nam aquietáram com isso, & tiueram traça d'ir desenterralo, & assi morto que brarlhe a cabeça, (que he o modo entre Elles de fartar seu Odio, & tomar uingança) & dos Crïados por mais que os Padres os guardáram, ouvéram ás mãos dous, que logo matáram, e tornáram em Pasto de suas Entranhas.»

Os Goytacá-guaçús habitavam o sertão mais interior dos campos: eram os mais bem dispostos e bem apessoados entre todos os das tres raças; gosavam por isso de certa primazia, de onde lhes provinha o qualificativo *Guaçú*, que, como se sabe, quer dizer *Grande*.

« Os Goytacazes, diz por sua vez Aug. de Saint-Hilaire citado, eram os mais ferozes e crueis dos indios que habitavam a costa. Reuniam a um talhe gigantesco uma força extraordinaria e sabiam manejar o arco com dextreza. »

Gabriel Soares de Sousa dissera d'estes indios, antes de todos, no seu *Tratado descriptivo do Brazil, a obra mais admiravel de quantas em portuguez produziu o seculo quinhentista*, como d'elle escreve o incansavel e erudito Varnhagen, visconde de Porto Seguro:

« Este gentio têm a côr mais branca que os que dissemos atraz (*os tamoyos, os tupiniquins, os papanazes*), e têm differente linguagem; é muito barbaro; o qual não grangêa muita lavoura de mantimentos; plantam somente legumes, de que se mantêm, e da caça que matam ás flexadas, porque são grandes flexeiros. Não costuma esta gente pelejar no mato, mas em campo descoberto, nem são muito amigos de comer carne humana, como o gentio atraz; não dormem em redes, mas no chão, com folhas debaixo de si. Costumavam estes barbaros, por não terem outro remedio, andar no mar nadando, esperando os tubarões com um páo muito agudo na mão, e em remettendo o tubarão a elles, lhe davam com o páo, que lhe mettiam pela garganta com tanta força que o afogavam e matavam,[4] e o traziam á terra, não para o comerem, para o que se não punham em tamanho perigo, senão para lhes tirar os dentes, para os engastarem nas pontas das flexas. Tem este gentio muita parte dos costumes dos Tupinambás assim no cantar, no bailar, tingir-se de genipapo, na feição do cabello da cabeça, e no arrancar os mais cabellos do corpo, e outras gentilidades muitas, que, por

[4] Como se vê, é o que repetiu Simão de Vasconcellos muitos annos depois, pois Gabriel Soares escrevia em 1587.

excusar proluxidade, as guardamos para se dizerem uma só vez (*Revista trim. do Instituto Historico*, tomo XIV, 1851).»

Consubstanciou o que de mais importante lhe offereciam as *Memorias historicas* de monsenhor Pizarro, os *Annaes* de Balthazar da Silva Lisboa, e outras fontes especiaes, o snr. commendador J. Norberto de Sousa Silva na sua opulenta e laureada *Memoria historica e documentada das aldêas de indios da provincia do Rio de Janeiro.*[5] D'ella resumirei o que fôr indispensavel para melhor conhecimento de outra tribu de indios que habitaram parte do territorio de Campos, os *Guarús* ou *Garulhos*, de quem trato um pouco de afogadilho, a proposito da parochia que ainda conserva o seu nome.

Depois de fallar-nos dos indios d'este appellido, sujeitos á civilização pelo capuchinho italiano fr. Francisco Maria Todi e aldeados sob a sua direcção na raiz das montanhas orientaes dos Aymorés, junto á nascente do ribeiro que tomou o nome de rio da Aldêa Velha; mudada depois a aldêa para o rio de S. João de Ipuca e mais tarde administrada pelos religiosos Franciscanos, até desapparecer o ultimo vestigio d'elles; refere-nos o auctor o aldeiamento realizado em fins do seculo XVII pelo padre jesuita Antonio Vaz Pereira, em sitio não mui distante da foz do rio Macahé, em meio de espessas mattas habitadas por aquelles indios, que foi tambem buscar, penetrando as florestas das margens dos rios S. Pedro e Macabú, aos ribeiros e lagôas intermediarias do Paulo, do Morcego, da Capivara, do Anil, do Carmo, da Mandicuéra, do Engenho Velho, dos Paulistas, de Carapebús e de Jerebatiba, e *á mais que todas magestosa Lagôa Feia*, e constituiu a capella de Santa Rita, que, freguezia depois, tomou a invocação de Nossa Senhora das Neves e Santa Rita, pertencente hoje a Macahé, até que finalmente desappareceram por sua vez do povoado, para se unirem de novo aos seus companheiros, *aldeados a seu modo nos sertões de Macabú* (*Vide* Pizarro, *Memorias historicas*, V).

---

[5] *Revista do Instituto Historico*, tomo XVII (1854).

Quando, pelo correr do anno de 1659, dous missionarios capuchinhos francezes, cheios de ardor evangelico, se dirigiram para os campos dos indios Goytacazes, com o intuito de lhes domar a natural braveza, prepararam assim, pela persuasão e pela brandura, o triumpho alcançado treze annos depois pelos missionarios italianos fr. Jacomo e fr. Paolo, que conseguiram congregar grande numero de indios Guarulhos nas margens do Muriahé, provavelmente no mesmo ponto em que se levantou a capella de Santo Antonio. Dirigida depois por capuchinhos portuguezes da provincia da Conceição (Carta Regia de 16 de dezembro de 1699), começaram a desertar a aldêa e a refugiar-se de novo no matto.

D'ahi foram levados muitos d'elles para o lugar da cachoeira do Muriahé, do lado do sul, e para patrimonio do novo aldeamento o p. fr. Antonio de S. Roque, ministro provincial da provincia da Conceição no Rio de Janeiro, pediu ao brigadeiro Mathias Coelho de Sousa, governador da capitania, uma sesmaria de terras do lugar chamado *Facão* até o cachoeiro do rio Muriahé, da parte do sul, com uma legua de testada e outra de fundo, onde haviam os missionarios congregado os Guarulhos com casas e igreja e lavouras. O pedido fôra feito em 10 de julho de 1749. Mathias Coelho, á vista de attestação da camara de Campos e outras formalidades, concedeu-a em nome d'el-rei D. José e confirmou-a a Carta passada em Lisboa a 20 de março de 1754.

Os indios, porém, não satisfeitos com a transferencia, começaram em breve a abandonar a aldêa, « que assim, diz o snr. J. Norberto, tinha de caminhar de mudança em mudança até a total dispersão de todos os aldeados, depois de tantas fadigas dos capuchinhos francezes e italianos. »

Com effeito, transportou-se o aldeamento para o sitio denominado *Tabatinga* e depois ainda para o denominado *Larangeiras*, onde, em um monte, se erigiu a igreja matriz, feita de pedra e cal, mas sem nenhuma elegancia e cheia de irregularidades e defeitos: tinha setenta palmos de comprimento, da porta principal ao arco da capella-mór, e trinta d'ahi ao altar, com vinte de largura em ambos os corpos.

Muitos annos depois, em março de 1792, em um attestado passado na villa de S. Salvador, no dia 22, por Francisco de Azevedo Lima e Eduardo José de Oliveira, que tinham acompanhado áquelles lugares o sargento-mór José Thomaz Brum, com outras pessoas da villa, se descrevem os vestigios das referidas fundações « no meio dos sertões comprehendidos na sesmaria obtida pelo padre provincial fr. Antonio de S. Roque.»

Como pode a parte essencial d'esse documento orientar os curiosos na pesquiza d'esses focos de civilisação que se mallograram, aqui a transcrevo da Memoria do snr. Joaquim Norberto :

« Achamos, dizem elles, no primeiro cachoeiro do rio Muriahé da parte do sul mixto ao dito rio, vestigios de uma derrubada que ali houvera com a testada de trezentas braças pouco mais ou menos, e com fundo de sessenta braças com pouca differença, em terra varzeada, e parte d'ella encharcada. No meio das ditas trezentas braças tem um córrego bastantemente fundo, varios pés de larangeiras, bananeiras e limoeiros, tudo por debaixo da capoeira do dito roçado. E assim mais tem pegado á mesma varzea um morro no qual se vê outra derrubada por elle acima de outras tantas braças, com terreno muito sufficiente e capaz de produzir todo o genero de legumes; e tivemos noticia que ha mais de trinta annos assistiram n'este logar religiosos franciscanos com o gentio *Coroado*. Outrosim mais abaixo, na margem do dito rio, achámos igualmente da parte do sul outra derrubada, que terá trinta braças de testada pouco mais ou menos, e outras tantas de fundo, em terra montuosa e inutil para a lavoura, e mais abaixo terceira derrubada, tambem da parte do sul, que terá trinta e cinco braças de testada, pouco mais ou menos, com quarenta de fundo com pouca differença, em terreno de varzea sufficiente para plantação de todo o genero de legumes, e para os ditos fundos de todas essas terras são morros, e entre estes tem logares planos e sufficientes para se fundar qualquer fabrica por serem as terras muito excellentes para pastos e para lavouras, muito abundantes de toda a madeira para a construcção de qualquer obra e fabrica que se

quizer erigir. Tem o rio bastantemente largo; é navegavel, alegre e abundante de peixes, e em varias partes muito fundo e acompanhado todo das mais excellentes terras, que no tempo das inundações padece infelizmente a mesma epidemia que grassa por toda a margem do sobredito rio, e ainda todo o continente das margens do Parahyba; o dito Muriahé admitte em todo o tempo bôa navegação de canôas, e da villa de S. Salvador ao Cachoeiro são tres dias de viagem com mais ou menos differença, e dia e meio do ultimo morador. Aquella margem do rio é capaz de toda a plantação e lavoura; não se inunda ainda nas soberbas enchentes, sendo todo acompanhado, tanto rio acima como abaixo, das ditas varzeas.»

Voltemos porém aos nossos indios.

O sñr. J. Norberto pensa, e com todo o fundamento, que a causa d'esta constante debandada dos miseros selvicolas provinha do extremo rigor com que eram governados. O *Regimento para todas as aldêas das missões*, estabelecido por actas do capitulo provincial celebrado no convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro a 13 de agosto de 1745, cheio de attentados contra a liberdade dos indios, apesar das bôas disposições concernentes á administração interna e economica, muito concorreu para a dispersão dos conversos, além da sua nativa tendencia para a vida errante e a ociosidade: uma vez evadidos, afastavam-se o mais que podiam pelo intrincado das selvas remotas, impellidos pelo terror do castigo, que era inevitavel, atroz e barbaro, mais talvez do que attrahidos pelos haustos da liberdade tão longamente coacta.

As mais insignificantes faltas, os menores delictos eram punidos com o tronco e açoites e a terrivel pena de excommunhão, e esta commutada em pesados e duros castigos corporaes. Sob este ferreo regimen esteve a aldêa até 1758, em que passaram a administral-a sacerdotes seculares, ganhando muitissimo os indios com a mudança de dominio, pois ficaram então livres das torturas e castigos a que tinham estado sujeitos. Isso porém em nada embaraçou o aniquilamento da aldêa, pois ao demasiado rigor succederam a incuria e o deleixo, e estes trouxeram

o relaxamento dos costumes e o afrouxamento dos laços sociaes. Além d'isso, a invasão de arrendatarios extranhos e intrusos, que se foram apossando mansa e sorrateiramente das terras dos miseros indios, acabou por affastar os que ainda restavam em torno da igreja, ou esparsos aqui e ali.

Com o desbarato dos mesquinhos bens territoriaes dos infelizes indios, doados com clamoroso abuso pelos ouvidores da camara a individuos que nenhum titulo tinham a elles, extinguiu-se a aldeia e passaram os foros de suas terras a ser applicados aos da aldeia, hoje cidade, de S. Fidelis de Sygmaringa, para onde, por ordem do vice-rei Luiz de Vasconcellos, se foram aldeiar, ficando apenas o lugar, que primitivamente occuparam ás margens do Muriahé, com o nome, que ainda tem, de *Aldeia* e a freguezia com o de *Santo Antonio de Guarulhos*. Foi esse o seu terceiro e derradeiro exodo.

Milliet de Saint-Adolphe diz pouco mais ou menos o mesmo no seu *Diccionario Geographico, Historico e descriptivo do Imperio do Brazil:*

« Santo Antonio dos Guarulhos. Freguezia da provincia do Rio-de-Janeiro, na margem esquerda do rio Parahiba, quasi defronte da cidade de Campos. Derão-lhe principio, em 1659, dous capuchinhos francezes que vierão ao Brazil, determinados a converter á religião os Indios, e com effeito penetrárão numa aldeia do gentio Guarús ou Guarulhos, onde forão mui bem recebidos. Passados treze annos, alguns missionarios italianos se adiantárão mais para o poente, e penetrárão, como os primeiros, em outra aldeia. A doce moral que estes religiosos pregavão acarreou-lhes o amor d'aquelles povos, que se não podião apartar d'elles; porêm tiverão de sujeitar-se á esta separação, em 1699 ou 1670, em que El-Rei de Portugal D. Pedro II lhes ordenou de saïr de seus dominios do Brazil, e por alvará de 3 de Novembro de 1700, deo aos Indios duas legoas de terra, e os capuchinhos francezes forão rendidos por alguns religiosos portuguezes da mesma ordem; porêm, como estes se lembrassem de mudar os Indios para diversos sitios, e isto por tres vezes, em cada uma d'ellas

familias inteiras d'elles se acolhêrão ás matas para se libertarem de toda sujeição. Felizmente aggregárão-se aos religiosos muitos colonos portuguezes ; e o padre Angelo Pessanha mandou fazer uma bella igreja de pedra que dedicou a Santo Antonio. D'então por diante começou a povoação a engrossar em gente, fizerão-se alguns engenhos, e concedêrão-se á sua igreja as prerogativas de parochia, por decisão episcopal de 3 de Janeiro de 1759, a qual foi confirmada pelo soberano longo tempo depois, no anno de 1808. Por decreto de 14 de Junho de 1830, creou-se nesta freguezia uma escola de primeiras lettras. Seu termo confronta, ao norte, com a provincia do Espirito-Santo, servindo-lhe de separação o rio Camapuana ; da parte de léste, entesta no Oceano ; da do sul, no Parahiba ; e da do oeste, se dilata pelos montes pouco conhecidos da serra dos Aimorés. Encerra actualmente (*O auctor publicou a sua obra em* 1845) perto de 6,000 habitantes, entrando neste numero alguns Indios de todo em todo civilizados, e grande quantidade d'escravos. Seus productos agricolas principaes são cannas, arroz, mandioca, feijões e algodão. Alêm da industria do fabrico do assucar e da distillação d'aguardente de canna e de melasso, ha tambem a da preparação de madeiras de construcção, e uns e outros productos são conduzidos em barcos para o Rio-de-Janeiro, quando lh'os consentem os ventos e as marés. As duas legoas de terra concedidas pela Corôa ás differentes aldeias d'Indios, forão dadas pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza á aldeia de São-Fidelis por dotação, e achão-se actualmente arrendadas, e os rendimentos applicados ás despezas do culto e á dotação dos Indios pobres que se casão.»

Veja-se ainda o que acêrca dos indios Guarulhos diz P. Rocco da Cesinale na sua *Storia delle Missioni dei Cappuccini*.[6]

As mattas que originariamente cubriam o territorio do municipio estão hoje distantes. Para o norte e oeste

---

[6] Vide nota no fim.

são ellas mais espessas e formadas do mais vigoroso arvoredo. As que se observam nas visinhanças da cidade e nas parochias ruraes da planicie são raras e carrasquentas. Na freguezia de Guarulhos o bosque é cerrado e rico de madeiras de lei, e assim em Bom Jesus de Itabapuana e Carangola. Nesta sobretudo a vegetação é admiravelmente luxuriante: toda a natureza nesta previlegiada zona apresenta tal exuberancia de vida e tons de tal modo vigorosos e quentes, que desafiam os seculos porvir, embotando por muito tempo ainda a sua selva secular o fio do machado destruidor.

LIMITES

Este municipio limita-se actualmente— ao norte com a provincia do Espirito-Santo pelo rio Itabapuana; ao sul com o municipio de Macahé pelo rio do Furado, a Lagôa Feia e o rio de Macabú; a léste com o municipio de S. João da Barra e o oceano (Freguezia de S. Sebastião), e ao oeste com os municipios de S. Fidelis e de Santa Maria Magdalena pelas serras do Imbê e das Almas.

O snr. major Fernando José Martins, na sua, hoje rara, *Historia do descobrimento e povoação da Cidade de S. João da Barra...*, diz, a proposito das divisas dos dous municipios:

« Suscitaram-se algumas duvidas sobre o ponto de limites do rio Iguassú, pretendendo a municipalidade de S. João da Barra que se entendesse até o Furado, duas leguas mais ao Sul; porém encontrei documentos authenticos e antigos que attestam o contrario, porque sempre o considerou naquelle rio, Iguassú, o ponto divisorio dos dous termos na costa do mar. Partindo por este rio que corre ao O. noroeste vai seguindo a divisão dos dous municipios pela passagem do Ingá, Tahy pequeno, a desembocar no Parahyba, 4 leguas acima da sua foz: e d'ahi correndo para a serra ao rumo do noroeste pela logôa das Saudades, e Sertão da Cauaia, desce por elle a encontrar o rio Itabapuana, cuja extensão do caxoeiro á barra não

só divide a cidade de S. João da Barra com o Itapemerim, como tambem as provincias do Rio de Janeiro e Espirito Santo...»

O snr. dr. João José Carneiro da Silva, na sua importante *Noticia descriptiva do municipio de Macahé*, recentemente escripta, dá os limites seguintes áquelle municipio pelo lado do nosso :

« ...acha-se limitado ao Norte pelo municipio de Campos, servindo o rio Furado, antigo rio Iguassú (hoje rio morto), a Lagôa Feia e o rio Macabú de divisas entre os dous municipios...»

MAR E PORTOS

Até não ha muitos annos, quando á comarca de Campos pertencia o municipio de S. João da Barra, tinha ella o seu porto de mar natural na foz do Parahyba, á curta distancia da cidade que deu o nome áquelle municipio. Por ahi descarregava Campos todo o cabedal agricola dos seus numerosos estabelecimentos ruraes, de 15 em 15 dias, por meio de vapores apropriados e que só nas marés plenas achavam na barra a agua indispensavel para a transporem, e em epocas indeterminadas, conforme a monção do vento, por uma frota de brigues e sumacas, cujo numero está hoje consideravelmente reduzido por desnecessario.

Tratando d'este antigo porto maritimo de Campos, dizia o major de engenheiros Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde no *Relatorio* que apresentou como chefe da 4ª secção de obras publicas da provincia em 1837 :

« Muitos e perigozos alfaques são os guardas d'esta entrada, e altos e repetidos bancos de areia embargão a cada passo a navegação, na bôca do caudalozo Parahyba, o qual tendendo a despejar-se impetuozamente no Oceano deixa após si as consideraveis maças de areia que em sua arrojada corrente acarreta, e que o embate das ondas não deixa fluir para o alto mar, conservando-as ora em huns pontos, ora em outros da entrada. Em huma semelhante barra, que se rasga no Oceano em lugar desabrido,

e bravio de huma costa sobremodo arenoza, nenhum melhoramento se póde, a meu vêr, aconselhar, que seja proficuo e duradouro. . . Tal he todavia, a riqueza do districto de Campos dos Goytacazes, que, sem embargo de tamanho obstaculo, ainda assim em cada dia prospéra, e por esta mesma precaria barra faz huma consideravel exportação em mais de 70 embarcações para isso destinadas, e que de continuo navegão entre aquelle Porto, e o da capital do Imperio.

« Alguns outros surgidouros há na costa, desde Ponta Negra, até ao sul da Ponta de Piuma, porêm por pequenos e falsos, aqui não merecem menção especial. »

Os embaraços de que fallava o provecto engenheiro ainda subsistem. Só com fabuloso dispendio poderiam ser removidos. O eminente engenheiro inglez John Hawkaw avaliou-o em oito mil contos da nossa moeda.

Hoje em dia, depois do estabelecimento da via ferrea de Campos a Macahé, despeja por ella o municipio os generos que recebe do interior, café, assucar, aguardente, madeiras, trazidos pela estrada de ferro do Carangola, pela de Campos a S. Sebastião e por outros meios de transporte, tanto fluviaes como terrestres, por aquella primeira estrada na maxima parte, indo ainda algum para o grande mercado do Rio de Janeiro pelo seu antigo porto de mar de S. João da Barra.

Rigorosamente fallando, não tem hoje o municipio porto maritimo, ou tem dous, o de *Imbetiba*, ponto terminal da via-ferrea de Macahé, e o que fica acima mencionado.

ILHAS

Conta o Parahyba 72 ilhas, pela mór parte insignificantes, sem denominação especial, a mais consideravel das quaes, abaixo da cidade, em aguas que banham o municipio de S. João da Barra, tem entretanto em si uma fazenda de assucar.

SERRAS E MORROS

As serras do municipio não são notaveis pela sua elevação: as do *Imbê*, *Macabú*, o morro do *Garrafão*, o morro da *Onça*, o morro de *Santa Rita*, a serra do *Bahú* e outras, que se alteiam nas freguezias do *Morro do Coco*, *Bom Jesus* e *Natividade* do Carangola, onde campeia o verde-negro *Itaperuna*, antigamente denominado *Pedra do Elephante*, não podem a rigor ser consideradas taes.

Do *Itaoca*, situado na freguezia de Santa Rita e banhado pelo Ururahy, já aqui se fallou. D'esta bella montanha, em grande parte granitica, desfructa-se uma soberba vista para a cidade e contemplam-se as mais pictorescas paysagens, em que alvejam as fazendas derramadas 12 kilometros em redor.

Si houvesse entre nós o espirito bretão da iniciativa e verdadeira intuição do bello reunido ao util, aquella paragem convidativa seria a *Cintra Campista*.

RIOS E CANAES

Além de outros menos importantes, de que tratarei em seguida, regam o municipio de Campos quatro rios de não pequeno curso e cabedal d'aguas: o *Parahyba*, que é tambem o mais consideravel da provincia; o *Muriahé*, tributario d'este; o *Itabapuana*, nos limites da provincia do Espirito-Santo; e o *Ururahy*, que, nascendo da lagôa denominada *de Cima*, termina na *Lagôa-Feia*, perto do *Cabo de S. Thomé*, de sorte que parece que as duas lagôas não são mais do que a ampliação do rio, accidente geographico que convém assignalar por pouco commum.

Darei de uns e outros noticia individuada.

Parahyba (*Rio de aguas claras*, na lingua geral).— Nasce na serra da Bocaina, provincia de S. Paulo, com o nome de *Piratinga*, e percorre uma extensão de 1,059 kilometros, engrossado por innumeros mananciaes e

muitos rios, entre os quaes sobresahem o Jacuhy, o Parahybuna, o Piabanha, o Pirahy, o Pomba e o Muriahé; encachoeirado em grande extensão do seu percurso, notavelmente até pouco acima da cidade da Cachoeira, naquella provincia (S. Paulo), até pouco acima tambem da cidade de S. Fidelis, provincia do Rio de Janeiro, deixando então cêrca de 104 kilometros de franca navegação até ao mar, onde desagua, pouco além da cidade de S. João da Barra, aos 21°33' de lat. s. e 43°22' de long.; —banha 39 kilometros do municipio de Campos. Da Cachoeira a S. Fidelis é elle igualmente livre em grandes porções e meandros do seu longo trajecto.

Navegam-n'o pelos referidos 39 kilometros 30 ou mais canôas, que transportam diariamente lenha, farinha e muitos productos agricolas das fazendas ribeirinhas, para exportação e consumo da cidade. Cêrca de 60 barcas e *pranchas* sulcam-lhe as aguas, trazendo para o mesmo destino assucar, aguardente, café, madeiras e legumes.

A navegação fluvial é tambem feita pelos vapores *Muriahé*, *Cachoeiro*, *Agente* e *União*, conduzindo passageiros e mercadorias para o Muriahé, S. Fidelis, S. João da Barra, e vice-versa, e muitas vezes, em falta de vento, rebocam, numa e outra direcção, canôas e pranchas.

O fundo da barra do Parahyba tem sido quasi sempre de 13 palmos, isto é, 2^m,88, na preamar das marés extraordinarias; nunca, porém, de ordinario passa de 6 a 7 pés, ou 1^m,82 a 2^m,13.

O snr. major Fernando Martins, na sua citada memoria, diz a este respeito, em nota, que no anno de 1709 tinha a barra 13 palmos de fundo, mas que em meiado do seculo XVII, no tempo do descobrimento, tinha apenas um friso coberto de geobêras, que o povo ia desentupindo em epocas de enchente, porque a exportação primitiva era levada á *Barra-Secca* e, pela valleta, á barra do *Assúzinho*, no Iguaçú, onde pequenos barcos a tomavam de canôas de voga, que faziam a baldeação. « Estas canoas estacionavam por dentro da dita barra, nos alagados chamados Brejos de Dentro, e conduziam para fóra o carregamento aos barcos que por elle esperavam 3 e 4 dias ».

O Parahyba é atravessado em frente á cidade, desde

1873, por uma solida ponte de ferro, construida por Thomaz Dutton Junior.

Ha alguns annos esta communicação se fazia, desde 3 de julho de 1846, por meio de uma barca-pendulo, de que era emprezario o vice-consul de França Julio Lambert e depois de propriedade de sua viuva.

A ideia da construcção d'uma ponte que ligasse as duas margens do grande rio fôra apresentada em 1830, em sessão da camara de 15 de novembro, pelo vereador Cándido Narciso Bittencourt.

Em 1831 tinha o engenheiro Pedro Taulois offerecido á municipalidade o projecto de uma ponte-barca para ser collocada no *porto da Lancha*; não sei si foi esse o projecto adoptado em 1846.

Em 1840 abortára a idéa de uma ponte fixa por desintelligencias do engenheiro Domingos Monteiro, director da obra, com a companhia que a devia effectuar.

Já anteriormente ao anno de 1837 se tratára de subrepor ao rio uma ponte. Chegou-se mesmo a accumular materiaes, a levantar-se na margem fronteira barracões para os trabalhadores e imprimiu-se naquelle anno, na *Typ. patriotica de A. J. Maya Parahyba*, o *Regulamento da companhia da ponte da cidade de Campos*, companhia que se propunha a realizal-a por 46 contos em que fôra orçada; ideia que, como se verá, só mais tarde vingou.

A' ponte que existe liga-se o triste acontecimento do suicidio do barão da Lagôa Dourada, em julho de 1876, capitalista notavel, caracter immaculado, que nella embarcára cabedal seu.

Com Ayres do Casal na sua *Corographia Brasilica* diz d'este rio o major Bellegarde no seu citado relatorio:

«O rio Parahyba mostra no districto de Campos hum volume de agoas muito inferior áquelle que se lhe observa emquanto corre ao longo da estrada de Minas, e que lhe compete tanto pela extensão de seu curso, como pela riqueza dos outros que em si colhe; inclino-me a pensar com o sensato Author da *Memoria Topografica e Historica de Campos*, que semelhante phenomeno he devido a grandes filtrações, e a occultos canaes, que absorvem e

derivão grande parte de suas agoas; ao menos muitos factos concorrem para fortificar esta opinião.»

Na margem direita, onde fica a cidade, é a sua ribanceira mantida, de epoca anterior a 1833, por uma muralha de pedra, interrompida em alguns pontos onde havia casas de residencia particular, que foram desapropriadas em 1843 pelo notavel campista dr. João Caldas Vianna, então presidente da provincia, e nos pontos em que subsistem ainda algumas, que fôra conveniente demolir, não só para desafogar a cidade, como porque, nos fundos não primam muitas d'ellas pela belleza architectonica nem pelo asseio.[7]

Foi esta muralha projectada pelo brigadeiro Antonio Elisiario de Miranda e Brito, para amparar á cidade das repetidas e sempre desastrosas invasões do rio. A parte construida em 1837, de que falla no seu relatorio o major Bellegarde, tinha em julho d'aquelle anno 295 palmos, ou 64,^{m}90, de desenvolvimento, 14 palmos, ou 3,^{m}08, de largura na face superior, competentemente taludada, com 17 palmos, ou 3,^{m}74, de altura acima das aguas normaes do rio, reforçada em partes por tres solidos gigantes de alvenaria e lageada no plano superior na extensão de 155 palmos, ou 34,^{m}10. Toda a muralha devia ter mais 531 palmos, ou 116,^{m}82, que, com os 295, já então promptos, daria um total de 826 palmos ou 181,72 metros de extensão. Em 1840 ainda se trabalhava nella. Em março de 1843 não estava terminada, e ainda em março de 1849, o snr. dr. Pedreira, depois visconde do Bom Retiro, presidente da provincia, communicava á Assembléa o numero de braças de muralha feita de janeiro a agosto anteriores, com 28 palmos de altura, comprehendidos os alicerces, com a espessura média de 5 palmos, além de 9 contrafortes interiores, que acompanhavam a sua altura, e o calçamento do porto da Lancha, com o que se despendêra, de janeiro a março, a quantia de 10:908$340 réis.

De distancia em distancta ha nesta ribanceira rampas denominadas *portos*, para servidão publica do rio: *o porto do Janipapo, da Lancha, de Anna Maria, o porto Grande, de José da Silva, da Escada*, etc.

---

[7] Vide nota no fim.

Muriahé — Segundo curso d'agua consideravel do municipio : é o *Buieé* dos indigenas, ou talvez mais propriamente *Mbuieé*, que não sei o que significa.

Nascido na serra dos *Bugres* (segundo o *Almanak de Campos*) ou do *Bagre* (segundo outros) ou na do Pico (segundo Ayres do Casal), perto de S. José do Presidio, na provincia de Minas-Geraes, atravessa S. Paulo do Muriahé, Vargem Grande, etc., naquella provincia, penetra na do Rio de Janeiro, corre pela freguezia da Lage, pertencente até ha pouco ao municipio de Campos, recebe depois o riacho do Cubatão e entra no termo de Campos pela freguezia da Natividade, atravessa a de Santo Antonio de Guarulhos, onde se lhe ajuntam as aguas do Carqueja e do Rio Morto, e conflue no Parahyba pela margem esquerda d'este, 7 k. acima da cidade.

Neste ponto offerecem ambos, rei e vassallo, um magnifico panorama, que nada tem que invejar aos seus similares da Europa.

Antigamente, antes das grandes derrubadas para o estabelecimento de fazendas de assucar, eram as aguas do Muriahé prejudiciaes á saude, pela immensa quantidade de *timbó* e *guaratimbó* que lhe infestavam as margens e envenenavam a agua e de que hoje nem ha noticia.

Tem este rio um curso de 106 kilometros. O engenheiro H. L. de Niemeyer Belegarde dá-lhe (*Relatorio*, 1837) 16 leguas, isto é, 105^k,6 de extensão e fal-o nascido na serra do Pico. E' navegavel desde o lugar denominado *primeiro Cachoeiro*, fronteiro á estação da via-ferrea do Carangola.

Descem por elle, em grande numero, *balsas* com madeiras: jacarandá, peroba, cedro, vinhatico, etc, e canôas que trazem á cidade os productos agricolas das fazendas que lhe ficam ás margens ; é semanalmente sulcado pelo vapor do seu nome ou pelo denominado *Cachoeiro*.

Rio Macabú.—Nascido na juncção das serras de Macahé, do Imbé e dos Crubixaes, cordilheira dos Aymorés, dirige-se para o norte, separa as parochias de N. Senhora da Conceição de Macabú e de Quissaman, naquelle districto, do de Campos e termina na Lagôa Feia, e dando

navegação, atravez de innumeros pantanos, a pequenas pranchas e canôas das freguezias da Conceição, Carapebús e Dôres de Macabú, vem, pelo canal de Campos a Macahé, trazer os generos usuaes á cidade de Campos. Tem um curso de 66 kilometros aproximadamente (segundo o major Bellegarde). Havia antigamente, alimentada por este rio, uma lagôa denominada *dos Patos,* que não existe mais.

Rio Itabapuana, antigamente *Cabapuama,*—mais volumoso e extenso que o precedente. Nasce na *Serra do Pico* ou na *do Brigadeiro*(segundo o major Bellegarde) ou ainda entre as serras do Brigadeiro, da Cayana e de Santa Margarida, como declara o snr. José Joaquim da Silva no seu *Tratado de Geographia... da provincia de Minas Geraes* (1878). Outros o fazem nascido entre as serras da *Pedra Menina* e *Serra Negra*, na provincia de Minas, não muito longe da origem do Muriahé. Separa a provincia do Rio de Janeiro, que banha pela margem direita, da do Espirito-Santo, que rega pela esquerda, e, depois de um curso de 237 kilometros, lança-se no Atlantico, 30 kilometros ao norte da embocadura do Parahyba.

E' navegado por *balsas* e canôas na extensão de 90 k. da sua barra (segundo o *Almanack de Campos*, e só 33 k., segundo Bellegarde). Dá porém mais franca navegação em cêrca de 60 kilometros desde o arrayal da *Limeira*, pertencente ao municipio de S. João da Barra. A 56 kilometros da sua foz separa esta ultima freguezia (*Limeira*) da do *Morro do Coco.*

Dá vasão pela sua barra ás madeiras do *Morro do Côco* e *Bom-Jesus* e outr'ora, antes do estabelecimento do ramal ferreo de *Santo Eduardo*, da estrada do Carangola, por elle desciam todos os productos d'aquellas duas freguezias.

Conta o municipio de Campos muitos pequenos rios e canaes, que servem para a navegação local, como sejam:

O Vallão da Onça. — por onde descem ao Muriahé, no tempo das aguas, canoas com as producções agricolas

de *Villa-Nova* e *Pedra-Lisa* e as madeiras das mattas visinhas. Mandado abrir pelo governo provincial, vem da freguezia do *Morro do Côco*, a 1 kilometro de *Villa-Nova*, atravessa a lagôa da *Seregeira* e a que lhe deu o nome, indo desaguar na margem esquerda do Muriahé, 18 kilometros antes da barra d'este no Parahyba. Ficou concluido em 1840 e importou em 5:670$920 rs. Esta obra foi emprehendida pelo cidadão José Fernandes da Costa Pereira, pae do snr. conselheiro Costa Pereira. A estrada de ferro do Carangola inutilisou-o ; hoje, obstruido por arvores desarraigadas e lodo, está abandonado.

O **Rio Morto** — deriva-se dos pantanaes chamados *Brejo do Mello*, entre o Parahyba e o Muriahé, na fazenda denominada da Barra, e vai desaguar neste rio, pela sua margem direita, depois de um placido e tortuoso curso de menos de 12 kilometros.

Corrego do Jacaré — Nasce na *Lagôa das Pedras* e desagua na margem esquerda do Parahyba, no lugar denominado *Aldeia*, ao norte da cidade e acima d'ella. Dá regular navegação a canôas, desde a sua nascente, e por elle descem á grande arteria fluvial do municipio madeiras, cereaes, assucar, aguardente, dos estabelecimentos agricolas do *Travessão do Nogueira*.

Rio Imbê — á direita do Parahyba. Provém da *Serra de S. Salvador*, nas divisas do municipio com o de Cantagallo ; *recolhe o ribeiro Urahy* (*que não se deve confundir*, diz Milliet de Saint-Adolphe, *com o rio Ururahy*), *com o que se torna desde então navegavel até penetrar na Lagôa de Cima, onde entra pela margem occidental.* Tem 117 kilometros de curso, navegavel para pequenas canôas.

Rio Urubú — tributario, como o precedente, da *Lagôa de Cima.* Nasce na *Serra do Quimbira*, na freguezia de Santa Rita; dá tambem navegação para pequenas canôas por espaço de 45 kilometros. Corre a léste do rio *Imbê* e é menos extenso do que elle.

O café, lenha, cereaes, *balsas* de madeira dos sertões do Imbê e Urubú descem por estes dous pequenos rios até á lagôa, d'ahi tomam o rio Ururahy, e d'este o canal de Campos a Macahé e vão ter á cidade.

Rio Ururahy—Deriva da margem oriental da *Lagôa de Cima*, e depois de percorrer 52 kilometros, dando voltas que quasi se tocam, vai lançar-se na *Lagôa Feia* pela sua orla septentrional, offerecendo livre passagem em canôas aos productos da lavoura de suas ribas, como lenha, mantimentos, &., que vão para a cidade.

Banha no trajecto a *Serra da Itaóca.*

Na estação das chuvas abre-se á sua esquerda um sangradouro que, correndo cêrca de 6 kilometros ao norte, vai desembocar no Parahyba.

Rio Carangola—Partindo da *Serra do Caboçú*, nos limites da provincia com a de Minas-Geraes, atravessa a freguezia do seu nome e desagua no Muriahé, perto da freguezia da Lage, depois de um curso de 52 kilometros, aproveitado por canôas e pequenas pranchas.

Rio Preto—Nasce na *Serra das Almas*, nas divisas do municipio de S. Fidelis com a freguezia campista de Santa Rita ; banha esta freguezia e lança-se no Parahyba pela sua riba austral ou direita, a 21 kilometros da cidade de Campos, depois de um curso de mais de 50 kilometros. Offerece navegação a pequenas pranchas e canôas em cêrca de 24 kilometros do seu desenvolvimento.

O **Rio da Onça**— situado em ponto diametralmente opposto e que nada tem de commum com o vallão do mesmo nome, é um dos afluentes artificiaes do *Furado*, desaguadouro da *Lagôa Feia.*

Rio Açú ou Iguaçú — formado pelas aguas de diversas lagôas das freguezias de S. Gonçalo e S. Sebastião, e, recebendo o canal da Onça da Lagôa-Feia, mandado abrir ha mais de um seculo pelo capitão José de Barcellos Machado, vai desaguar no *Furado*. E' hoje mais conhecido

pelo nome de *Rio Açú*. Era antigamente corrente e livre de obstaculos ; quasi que desappareceu hoje, conservando apenas vestigios do que fôra, quando o engrossam as enxurradas no tempo das aguas.

Rio do Furado.—Escoadouro das aguas superabundantes da Lagôa-Feia para o oceano, tem este pequeno rio tão pouca correnteza, que muitas vezes as areias que o mar amontôa na sua foz o obstruem de todo e as aguas represadas da lagôa innundam os campos circumjacentes : torna-se então preciso que os pescadores e outros moradores da localidade, prejudicados com esta invasão d'aguas, abram o rio á força de enxada. Assisti uma vez a um facto d'estes, que se renova todos os annos. Neste rio se reunem todos os outros escoadouros da Lagôa Feia.

Ha ainda no municipio outros pequenos rios, a que farei rapida referencia.

O *Corrego do Collegio*, que provém da lagôa das *Bananeiras* e vai desaguar no oceano. O *Rio Virgem*, que nasce na *Lagôa Salgada* e morre tambem no oceano. O rio ou *Corrego Carquêja*, que procede da *Lagôa do Grumarim*, no municipio de S. Fidelis, e conflue no Muriahé pela margem direita d'este, acima do primeiro Cachoeiro, na fazenda das Taipabas. O *Vallão Grande*, que parte da *Serra do Pico* e desemboca tambem no Muriahé, acima da fazenda que foi do snr. Manuel Joaquim Ribeiro de Castro, denominada S. Pedro, antes do Cachoeiro.

O rio *S. Domingos*, que nasce na *Serra do Pico*, municipio de S. Fidelis, e vai despejar-se no Muriahé, na fazenda de S. Domingos, acima tambem do Cachoeiro. O rio *Perdição*, que mana do *Morro do Elephante* (hoje *Itaperuna*) e desagua no rio Carangola, que é por sua vez confluente do Muriahé, como já disse. O *Rio do Campo* e o *Belmonte*, que têm nascimento no *Sertão das Frecheiras*, e depois de um curso de poucos kilometros se lançam juntos no Carangola.

Canal de Campos a Macahé — Pelos annos de 1837 emprehendêra abrir dous grandes canaes, um do Parahyba

ao rio Macahé e outro entre este rio e a bahia de Niteroy, o cidadão inglez John Henrique Freese, que depois se consagrou á educação da mocidade brasileira em Friburgo; mas não passaram de projecto estas duas grandiosas emprezas. Só vingou a primeira, realizada por outros.

D'entre as vias fluviaes de communicação do municipio, é o *Canal de Campos a Macahé* a de mais importancia. Decretado pela lei provincial n. 333, de 11 de maio de 1844, foi solemnemente inaugurado a 2 de dezembro de 1861, com assistencia do, hoje fallecido, venerando visconde de Araruama (pae do actual visconde), o mais enthusiasta e tenaz propugnador d'essa obra, que devia dar, como meio de communicação, mais vantajosos resultados do que os que na realidade deu. De ordinario obstruido por um fundo de lodo e pelas areias das ribanceiras, por *pipiris* e *tiriricas* e outros vegetaes especiaes ás aguas dormentes, sem nenhum cuidado de conservação por parte de quem quer que seja a quem isso compita, atravessando, além de lagôas e brejos, um terreno arenoso e de alluvião, que facilmente se esborôa, para pouco tem elle prestado. Podia-se entretanto aproveital-o para a navegação a vapor, já uma vez tentada, e não só o constante abalo das aguas não deixaria inutilisar-se uma obra que custou mais de dous mil contos aos coffres provinciaes, como manteria para esse lado uma perenne fonte de escoamento para os productos campistas, preferivel de certo, pela barateza dos fretes, á via ferrea de Campos a Macahé, com a qual estabeleceria uma concurrencia proveitosa ao commercio e lavoura comarcãos. A sua abertura tinha tambem em vista o deseccamento dos pantanos, que seriam aproveitados para a cultura, e o saneamento da região que atravessa.

Ainda assim, presta serviço aos moradores dos sertões do Imbê, Urubú, Ururahy, Lagôa de Cima e Macabú, que por elle conduzem madeiras de construcção, lenha, farinha, legumes, etc., á sua bacia na cidade de Campos, onde foi outrora a *Lagôa do Furtado,* hoje *Praça de Azeredo Coutinho.*

Tem obra de 90 k. de extensão.

Acêrca d'este canal presta minuciosas informações o *Relatorio da Commissão de Engenheiros* que o examinaram officialmente em fevereiro de 1850 e vem annexo ao Relatorio do vice-presidente da provincia João Pereira Darrigue Faro, ulteriormente visconde do Rio Bonito, apresentado em março d'aquelle anno á Assembléa provincial.

Canal do Nogueira—na margem esquerda do Parahyba, do lado opposto e a 1 k. de distancia da cidade, na freguezia de Guarulhos ; destinava-se a pôr em communicação o rio com a *Lagôa do Fogo* ou *do Campello*, de que dista alguns kilometros e tem perto de 7 de circumferencia, aproveitando-se a navegação d'aquella lagôa e todas as que com ella se communicam, em beneficio dos seus moradores e dos da parochia do Morro do Coco.

Começou-se a abril-o em setembro de 1833 ; apenas, porém, se levou a effeito a abertura de 1 k. d'este mallogrado canal até ao *Brejo-Grande* e se fez a eclusa no Parahyba, em pouco tempo ficou paralysado. Projectado em 1829 pelo brigadeiro Antonio Elisiario de Miranda e Brito, trabalhou-se nelle até novembro de 1840, tendo os seus extremos tocado ao norte a *Lagôa do Taquaruçú* e ao sul a de *Maria do Pilar*. Em julho de 1844 continuou-se nesse trabalho até 22 de setembro de 1845; mas depois não se proseguiu mais e começou desde logo a sua ruina.

A porção construida, que é de cantaria, custou mais de 1,053 contos de réis, quantia que pareceria fabulosa a não vir a eloquencia esmagadora das cifras comproval-a;[8] o certo é que não ha ainda muitos annos concedeu a assembléa ao empresario avultada somma, a titulo de indemnisação, que os coffres da provincia pagaram.

Estas e outras emprezas dispendiosas e de resultados negativos têm feito com que, quando na assembléa provincial algum deputado campista propõe uma medida de beneficio real para o municipio, desafie logo os remoques da assembléa em peso, que atira á face do proponente, como objecção formidavel, o que já se lhe concedêra em pura perda.

---

[8] Nota no fim.

Para mostrar o quanto custa amadurecer uma ideia nesta parte do continente americano, apenas direi que já em 1836 escrevia o 1º visconde de Araruama, ainda então não titular, a proposito das vantagens d'esses meios de communicação, uma « Memoria sobre canaes, e estradas, e a utilidade que rezulta a Civilização, a Agricultura, e ao Commercio, da construcção destas obras.»

Esta memoria, que elucida magistralmente a questão, foi impressa mesmo em Campos na *Typ. Patriotica de A. J. P. Maya Parahyba e Cª., rua do Conselho N.* 94.

Ja tratava nella o nosso erudito compatriota da necessidade de uma ponte sobre o Parahyba, ideia que debalde se tentou realizar por aquelle tempo e que só 37 annos depois amadureceu e fructificou.

LAGOAS

Tres são as lagôas mais importantes do municipio : a *Lagôa Feia*, a *Lagôa de Cima* e a *Lagôa de Jesus*, todas situadas na parte austral d'elle e do rio Parahyba.

A Lagôa de Cima— fica 27 kilometros a oeste da cidade, tendo em suas margens, fronteiras, as sédes das freguezias de Santa Rita e S. Benedicto, ás quaes serve. Tem cêrca de 12 kilometros de comprimento e metade de largura. Recebe as aguas dos rios Imbê e Urubú e d'ella nasce o Ururahy, que vai terminar na Lagôa Feia. As suas margens, d'antes cobertas de cannaviaes, ostentam o verde das pastagens. Assegura Milliet de Saint-Adolphe que houve antigamente um sangradouro de 6 k. de extensão que a communicava nas grandes cheias com o Parahyba. A esse respeito Ayres do Casal apenas diz : « com o qual (*Parahyba*) se póde (*a lagôa*) communicar por hum canal através d'huma planura, que não excede huma legoa de largo.»

Limpa de vegetação extranha, de um aspecto verdadeiramente pictoresco e poetico, só lhe faltam as vivendas confortaveis e acastelladas do europeu para não temer confronto com os afamados lagos da Suissa.

A **Lagôa de Jesus.**—Situada ao norte da Lagôa Feia, com a qual se communica pelo rio de Jesus, e a 10 k. da cidade, tem perto de 20 kilometros de circumferencia, 8 de comprimento e 6 de largura. Foi varada pelo canal de Campos a Macahé e é de difficil navegação, não só pela grande quantidade de vasa que contém o seu fundo, como pelo *balsêdo* de que está sempre cheia e que é necessario romper á força, chegando muitas vezes, quando reinam os ventos NO. e SO, a embaraçar quasi completamente a sua juncção com aquelle canal. Pertence ás parochias de Santa Rita e das Dôres.

A **Lagôa Feia**—a maior do municipio, chamada primitivamente *Lagoa de Iguaçú*, tem nas aguas medias 32 kilometros de comprimento e 24 de largura na sua parte norte, com 130 de circumferencia,[9] e fundo bastante para ser navegado por pequenos vapores. Recebe em seu seio ou, antes, alimenta-se principalmente das aguas do Ururahy e Macabú. E' um pequeno mar interior, de arriscada navegação ou travessia em dias de tempestade: encrespam-se-lhe as aguas em *marólas*[10] tão temerosas, que a fazem merecer o nome que prevaleceu e a distingue.

Quando em 1847 visitou o Imperador pela primeira vez o municipio, vendo-a mansa e dormente, desejou que a denominassem *Lagôa Bonita.*

Da parte do sul ha nella uma peninsula chamada *Capivary*, de 6 kilometros de extensão, que quasi a divide em duas, das quaes a porção maior fica ao oeste.[11]

---

[9] Balthazar da Silva Lisboa, *Annaes*, I, dá-lhe 30 leguas de circumferencia.

[10] Vocabulo local que designa, em relação a rios, o mesmo que *grandes vagas* em relação ao oceano.

[11] Em carta dirigida a meu cunhado, o tenente-coronel Antonio Ferreira Saturnino Braga, pelo snr. Manuel Antonio Ribeiro de Castro, digno neto do 1º barão de Santa Rita, de quem herdou com o nome as virtudes publicas e privadas, lê-se a respeito d'esta peninsula e da capella a que parece alludir M. de Saint-Adolphe:

« Existiu uma igreja no lugar denominado *Furado*, mesmo ao pé da barra do rio d'este nome; passou-se essa igreja depois para a peninsula denominada *Capivary* e d'ahi para a freguezia de Quissamã, onde subsiste ainda sob a invocação de *Nossa Senhora do Desterro.* »

Uma das enseadas que fórma denominava-se *Saco da Pernambuca* (Ayres do Casal).

Despeja as suas aguas no Atlantico, ao sul do Cabo de S. Thomé, pelo canal, hoje *Rio do Furado*, rasgado ha mais de um seculo pelo capitão José de Barcellos Machado, um dos successores de Miguel Ayres Maldonado e instituidor do vinculo de Capivary, hoje dominio da familia Carneiro da Silva (visconde de Araruama). Pelo canal da Onça ou *Valla Grande*, aberta pelo mesmo capitão, para deseccamento dos terrenos paludosos que circumdam a lagôa pelo lado norte, communica-se com o *Açú* ou *Iguaçú*. Os outros canaes que a esgottam para o oceano são os pequenos rios do *Barro-vermelho*, *Castanheta*, o mais meridional e principal d'elles, e o rio *Novo do Collegio*. Não sei a qual d'estes é que denominou *Rio Bragança* o principe Maximiliano de Neuwied na sua *Viagem ao Brasil* em 1821.

« Como o cômoro de areias, diz o major Bellegarde no seu mencionado *Relatorio*, proximo ao mar, e os ventos reinantes muitas vezes conspirão para obstar a sahida das aguas, acontece que, rodeando estas então pelo interior do cômoro, vão formar ao Norte do citado Cabo (*de S. Thomé*) a Lagôa de Iguassú, que abre para o Oceano a barra denominada da Canzonga (*alias Canzoza*), e deixa descobertos ricos e extensos pastos. »

No lugar conhecido pelo nome de *Ponta-grossa dos fidalgos*, nas margens d'esta lagôa, ha uma povoação de cêrca de 400 habitantes, que vivem da pesca não só nas suas aguas, como nas do Açú e da Lagôa da Piabanha, em que o peixe é abundante.

Referindo-se á peninsula que divide em duas quasi a lagôa, diz Milliet de Saint-Adolphe no seu *Diccionario Geographico do Imperio do Brazil* :

« A igreja de N. S. dos Remedios, que fez as vezes de parochia desde 1694 até 1756, foi fundada na peninsula, e vista de longe parece estar assentada no meio da lagôa.»

No *Diccionario topographico do Imperio do Brazil* de José Saturnino da Costa Pereira (*Rio de Janeiro*, 1834), lê-se a respeito d'esta lagôa :

— « Na Provincia do Rio de Janeiro, no Districto

de Campos dos Goitacazes, com 5 legoas na sua maior extensão de N á S e 4 de E a O: he muito piscosa *e por ella navegão Hiates*: o angulo mais saliente para o N dista 3 legoas e meia da Villa de S. Salvador. Ha hum sangradouro para o mar, que se abre ou natural, ou artificialmente, quando he necessario, por inundação dos campos vizinhos, motivada pelas muitas agoas da lagoa: a ella vem varios rios, e outros tem n'ella nascimento; o sangradouro sahe ao mar na lat. de 22°, 10', e long. de 43°, 30'. »

O mesmo diz o auctor da *Corographia brasilica.*

Esta lagôa[12] é abundante de peixe: robalo, tainha, piau, piabanha, crumatan, corvina, etc. O robalo da Lagôa Feia tem fama em toda a comarca.

Além d'estas ha no municipio, do mesmo lado sul do Parahyba, as lagôas seguintes, que merecem menção:

Lagôa da Piabanha.—Braço importante da precedente, toma esta denominação na freguezia de Santa Rita. Abundante de bom peixe. Tende a desapparecer.

Tahy-Grande.—Com 6 kilometros pouco mais ou menos de comprimento norte-sul e 1 de largura, demora entre a freguezia de S. Sebastião, no municipio de Campos, e a do Amparo, no de S. João da Barra. Dista 18 kilometros do mar.

Tahy-Pequeno.—Tem pouco mais ou menos 5 kilometros de comprido por 1 de largo e fica tambem entre as duas freguezias supra-mencionadas.

São ambas estas lagôas mui fartas de peixe e utilisadas nesse sentido pelos pescadores que habitam as suas margens e os de S. Gonçalo e S. Sebastião. Ambas communicam com o Parahyba por sua orla direita e nas grandes enchentes periodicas d'este rio recebem d'elle muita agua.

---

[12] Vide nota no fim.

Lagôa da Saquarema.— Situada na freguezia de S. Gonçalo, entre o promontorio da *Ponta negra* e a Lagôa de Araruama, mede 4 kilometros de comprimento sobre 1,5 de largura. Na estação das chuvas alaga as terras de cultura circumvisinhas, sendo necessario abrir vallas nos medões de areia que se accumulam, para dar escoamento ás aguas. Dos ribeiros que a alimentam é o de mais cabedal o *Tinguy*.

Nas freguezias de S. Gonçalo e de S. Sebastião, onde estão estas lagôas situadas, ha outras de secundaria importancia, como sejam:— a *dos Sequeiras, das Bananeiras, das Frecheiras, Salgada, Rasa, da Vermelha, do Kagado, dos Jacarés, dos Colomys, do Pachéco, Lagôa Grande,* etc. Algumas seccam no verão.

Nas proximidades d'essas, mas pertencendo á freguezia de S. Salvador, ha ainda as pequenas lagôas denominadas *do Coelho, do Cedro,* a *Caroca,* etc.

Da *dos Jacarés* diz o auctor do *Diccionario Geographico do Brazil* que por sua extremidade septentrional se communica com o rio Parahyba, pela sua margem austral ou direita, *por meio de um canal de algumas legoas de comprimento e ao mesmo tempo, pela extremidade meridional, por via d'outro canal de muito maior extensão, com o Furado, o qual desemboca no mar, perto do Cabo de São Thomé, da parte do sudoeste.*

Todas estas lagôas, grandes e pequenas, ficam ao sul do rio Parahyba, como se terá notado e ficou dito. A seguinte tambem tem a mesma situação, mas muito ao noroeste das precedentes.

Lagôa da Cacumanga. — Demora a 4 kilometros e á léste da cidade, na freguezia de S. Salvador.

Resta-me tratar de algumas outras dignas de nota que demoram ao norte do Parahyba.

A Lagôa do Vigario, defronte da cidade, na parochia de Guarulhos, a oeste d'ella.

Lagôa do Campello. — Diz a seu respeito Milliet de Saint-Adolphe:

« Lago da provincia do Rio de Janeiro, embocadura e sobre a margem esquerda do Rio Parahiba, com o qual communica por dous canaes em sua extremidade meridional, os quaes formão uma ilha, cuja maior largura fica defronte do rio. Tem este lago 2 legoas de norte a sul, e mais de meia de largo.»

E o major Bellegarde:

«A do *Campello* cujas agoas se communicão com as das Lagôas das Saudades, e Formoza, e com as dos Brejo—Grande, dos Côxos, e da Tigibibaya, communicando-se tambem com as do Parahyba, pelos corregos do Jundiá, e do Jacaré, e pelo Valão de Campo Novo ; tem 3,400 braças sobre 800.»

Lagôa das Pedras.—Situada entre o rio Muriahé e a margem esquerda ou septentrional do Parahyba, na freguezia de Santo Antonio dos Guarulhos, a 12 kilometros da cidade de Campos, tem cêrca de 1 k. de comprimento e 0,5 de largura ; dá navegação, numa extensão de 9 k. desde o seu porto até a cidade, pelo canal ou *Corrego do Jacaré-grande*, pelo qual desagua no Parahyba, 4 k. acima da cidade. São povoadas as suas margens por casas de negocio, tascas, armazens de madeiras e depositos de assucar, aguardente, &., dos estabelecimentos agricolas da visinhança, generos que são transportados em canôas. Esse desaguadouro é natural.

Lagôa da Onça.— Assenta na freguezia de Guarulhos, a 3 kilometros da orla esquerda do Muriahé, em terras da fazenda do *Outeiro*, do finado visconde de Itabapuana. Tem talvez 2 kilometros de circumferencia. Por ella passa o canal ou *Vallão do Onça*, de que em seu lugar se fallou e que era por onde se escoavam na estação das aguas os generos e productos agricolas d'essa parte da freguezia do Morro do Coco.

Lagôa da Saudade.— Está situada na freguezia de

Guarulhos, no Travessão do Nogueira, não longe da lagôa do *Vigario.*

Brejo-grande.—E' quasi uma lagôa: occupa uma superficie de 6 k. em terrenos da parochia de Guarulhos, a menos de 1 k. de distancia da cidade, e vai até ao *Sertão do Nogueira.*

OUTRAS VIAS DE COMMUNICAÇÃO

Estradas de ferro.—Tratando dos meios de communicação de que dispõe o municipio, não devo omittir as estradas de ferro com que o dotou a iniciativa particular.

Conta Campos tres linhas ferreas: a de Campos a S. Sebastião, a de Campos a Macahé e a de Carangola. Esta recebe auxilio do governo provincial e geral: é, segundo a lei, a unica da provincia que o tem.

E. F. de Campos a S. Sebastião.—Tem a precedencia, por ser a primeira que se construiu no municipio.

Iniciada em 1870 pelo campista sñr. João de Sá Vianna e o snr. Rodolpho Evaldo Newbern e realizada por uma companhia com accionistas, cuja séde, mácula original, se estabeleceu na cidade do Rio de Janeiro, tem 19 kilometros e 930 metros de desenvolvimento, com estação central no Largo do Rocio, e liga a cidade á freguezia de S. Sebastião, a cuja séde comtudo não chega. O seu custo primitivo foi de 600 contos. Tem a bitola de $1^m,00$ de centro a centro dos trilhos.[13]

Foi inaugurado o seu trafego a 5 de julho de 1873.

Não tendo dado os resultados pecuniarios que d'ella se esperavam por causas diversas, especialmente pelo elevado preço de suas tarifas, passou, em 18 de junho de 1881, ao dominio, primeiro de 7, e logo depois de 5

[13] V. Relatorio do barão de Holleben, 1874.

possuidores, que a compraram á companhia, a saber: os snrs. Francisco Ferreira Saturnino Braga, dr. Julio de Miranda e Silva, commendador José Cardoso Moreira, Francisco das Chagas Silva Junior e Antonio Manuel da Costa. Graças a esta sua recente administração, vai hoje em via de prosperidade, prestando bons serviços á freguezia de S. Gonçalo, que atravessa, e ás duas em que começa e termina.

E. F. de Campos a Macahé.—Inaugurada em 13 de junho de 1875, com a presença de SS. MM. e do snr. Conde d'Eu, que pela primeira vez visita Campos, tem cêrca de 97 kilometros de extensão desde a sua estação central na Corôa, distante aproximadamente 0,5 kilometro do centro da cidade de Campos, até á estação de Macahé. O seu ponto terminal é na *Imbetiba*, ao sul d'aquella cidade.

Apesar dos exhorbitantes fretes que cobra, é esta via-ferrea o quasi exclusivo intermediario da exportação agricola do municipio de Campos e circumvisinhos para a capital do Imperio e vice-versa.

Foi realizada por meio de acções.

« Esta estrada, diz o auctor do *Almanak Mercantil de Campos*, comquanto não lhe faltem animação nem generos para transportar, vai comtudo em decadencia financeira, por estar oneradissima de divida, etc. Além disso a sua construcção e preparo forão feitos a despeito da má vontade do governo provincial, que approvando o peior dos traçados apresentados, obrigou a companhia ao sacrificio dos capitaes de seus accionistas».

E. F. do Carangola. — Iniciada pelos constantes esforços do dr. Francisco Portella, presidente da sua primeira directoria desde abril de 1874, tem esta estrada actualmente 149,300 kilometros de percurso, com o ramal de Itabapuana, e 14 estações em todo elle, a contar da estação principal, do lado norte da cidade, junto á ponte que se sobrepõe ao Parahyba, até á estação de Porto-Alegre, ponto terminal da 2ª secção.

Deve constar de tres secções.

E' desde fevereiro de 1879 administrada por nova directoria, tendo o snr. Francisco Ferreira Saturnino Braga por presidente, o snr. commendador José Cardoso Moreira por thesoureiro, e o snr. José Alves da Torre por secretario ; directoria que succedeu á primitiva, constituida pelos snrs. dr. Francisco Portella, presidente, dr. Manuel Rodrigues Peixoto, secretario, e commendador José Cardoso Moreira, thesoureiro.

Como esta via-ferrea é a mais extensa e de mais futuro do municipio, pelos feracissimos terrenos a que serve, permitta-se-me que me demore um pouco mais no que lhe diz respeito.

A 14 de junho de 1875 assentara-se a pedra fundamental da sua estação central na margem esquerda do Parahyba, fronteira á cidade, acto solemne a que assiste o imperador, que então visitava pela segunda vez o municipio.

A 19 de novembro de 1877 abria-se ao trafego o 1° tracto da 1ª secção d'esta estrada, com a extensão de 17 kilometros entre a referida estação central e a do *Travessão.*

A 21 de fevereiro do anno seguinte iuaugurava-se a estação da *Penha.* A 22 de abril do mesmo anno a de *Villa-Nova* e a 10 de agosto, ainda do mesmo anno, a do *Murundú.* A 4 de dezembro, de 1878 ainda, abria-se a do *Cachoeiro* com a assistencia de SS. MM. II., concluindo-se assim a 1ª secção da estrada, que, começando defronte da cidade, termina em terras que foram da fazenda de D. Anna Joaquina Carneiro Pimenta, nos primeiros cachoeiros do Muriahé, margem esquerda, com um desenvolvimento de 74 kilometros.

A 13 de junho de 1879 inaugurou-se o *Ramal de Santo Eduardo*, construido para o fim de dar sahida aos productos de uma uberrima zona da provincia do Espirito-Santo, ramal que constitue uma das mais importantes fontes de renda d'essa ferreo-via. Parte elle da estação do Murundú, no k. 50, e, com o desenvolvimento de 23 k., vai ter a 700 metros da barranca direita do rio Itabapuana, limitrophe do municipio e da provincia do Rio de Janeiro com aquella provincia.

Não tenho presente a data de quando se inaugurou a estação do *Guandú*.

A 1 de junho de 1880 dava-se ao trafego mais um trecho da estrada, installando-se as estações do *Monção* e de *S. Pedro*, no Muriahé (lado direito), distante esta 23 k. da do Cachoeiro.

A 4 de agosto do mesmo anno de 1880 installou-se a estação de *Belem*, no k. 106, a 10 k. da precedente (S. Pedro) e á quasi 106 da cidade. Até aqui mede a linha construida 128 k., incluindo os 23 do ramal de Santo Eduardo, 74 na 1ª secção e 32 na 2ª.

No 2° k. d'esta secção e 104 de toda a linha está assentada uma bella ponte de encontros e pilares de alvenaria de pedra e superstructura de trelliças de ferro, que atravessa o rio Muriahé, na fazenda do snr. Antonio Francisco Torres Junior. Divide-se a ponte, que é a primeira por que passa este via-ferrea, em 3 vãos, medindo o do centro 33 m. e os extremos 22 m. cada um.

Atravessou-a pela 1° vez a locomotiva a 6 de março de 1880.

A 2ª ponte, ainda sobre o Muriahé, a cargo do intelligente e laborioso engenheiro residente Manuel Ferreira Saturnino Braga, fica na estação de Porto-Alegre e tem 96 m. de extensão.

A 3ª atravessará o rio Carangola.

Ha outras de menor importancia.

A 9 de julho de 1881 abriu-se a estação de *S. Domingos* e a 5 de dezembro abrir-se-ha a do *Cubatão*.

A 17 de outubro d'esse mesmo anno entregara-se ao trafego a de *Porto Alegre*, Muriahé acima, fim da 2ª secção, onde se suppõe que ficará limitada por algum tempo a construcção da estrada na sua parte ou tronco principal. E' esta estação a maior de todas da estrada do Carangola.

A 2ª secção d'esta promissora via-ferrea desenrola-se quasi toda pela margem direita do Muriahé, cortando muitas fazendas importantes, tornando-se a viagem nesta parte do seu percurso muito aprazivel por pictoresca.

No 2° semestre de 1881 rendeu esta estrada a quantia de 201:758$400 réis e despendeu a de 141:974$417

com o seu custeio e outras verbas, deixando um saldo de réis 59:783$983.

E' de 30,000 o seu numero de acções e de 6.000:000$ o seu capital, a que o Estado garante os juros de 7 °/$_o$ ao anno. E' a unica da provincia que goza d'esse favor.

Conta a directoria levar a effeito um outro ramal, o do Patrocinio, com que espera augmentar os reditos da empreza, substituindo temporariamente por elle a 3ª secção, que poderá a todo o tempo ser feita com o excedente da renda da propria estrada.

Até Porto Alegre custou cada k. d'esta ferreo-via a quantia de 30:506$666 e o total a de réis 4.576:000$.

Na data de 1 de Junho de 1880, dizia eu nas *Ephemerides Nacionaes* a respeito d'essa estrada, e apraz-me repetil-o aqui :

« Lançada no terreno dos factos consummados pela perseverante e intelligente iniciativa do snr. dr. Francisco Portella, que foi o primeiro presidente da sua directoria, vai levando-a ao desejado termo o tino administrativo do seu actual presidente, o laborioso e probo snr. Francisco Ferreira Saturnino-Braga, efficazmente auxiliado pelos seus dignos companheiros de directoria. »

SALUBRIDADE. — CLIMA

Devido a estar assentada num terreno nimiamente paludoso, como se deprehende da simples enumeração das suas lagôas e brejos; tendo no seu perimetro pequenos depositos d'agua estagnada, permanentes ou formados pelas chuvas, e sem nenhum declive para o seu natural escoadouro, o rio Parahyba, é a cidade de Campos sujeita a febres palustres, a hepatites e splenites chronicas, á anemia (que é mais geral do que se cuida) e a complicarem-se todos os outros estados morbidos com o elemento paludoso. Grande parte do municipio padece do mesmo mal. E' Campos uma das cidades do interior que maior numero

de pharmacias encerra e conta maior numero de medicos e todos com clientela !

Fóra d'isto, o clima é temperado e o calor abrasador do verão attenuado pelas correntes regulares e frequentes do nordeste, saudavel e puro, que vem sempre pela tarde. O sudoeste ou o *vento sul* é, pelo contrario, sempre nuncio de mudança de tempo e precursor de manifestações morbidas mais ou menos sérias do apparelho respiratorio e do locomotor, por excessivamente humido e frio e sobrecarregado de effluvios miasmaticos que acarreta dos brejos e lagôas que atravessa na direcção da cidade e municipio.

De vez em quando é a população, especialmente a da cidade, rudemente assolada pela variola, e na epidemia de *cholera-morbus* de 1855 muito soffreu. Já lhe não é extranho o *béri-béri*, que tanto preoccupou o espirito de um dos mais atilados clinicos da localidade, o dr. Miguel Antonio Heredia de Sá, e de que tive occasião, como medico, de observar por minha parte dous casos.

Ha todavia no municipio lugares privilegiadamente saudaveis, como são as ridentes margens do alto Muriahé, de atterradora fama nos tempos primitivos, as pictorescas e nemorosas varzeas e encostas da Natividade do Carangola e outras.

MINERAES

Ha uma preciosa mina de pedra calcarea na margem austral do Parahyba, pela altura da fazenda da Boya, a qual surge igualmente em abundantes veios em diversos pontos da mesma orla do rio e das do Muriahé. Neste, em terras do snr. commendador José Cardoso Moreira, faz-se excellente cal para consumo d'aquelle importante agricultor e seus visinhos.

Diz-se que nos sertões do *Imbê* existem não só jazidas de ouro e prata, como de amianto, lenhito schistoide e anthracito.

Ha com certeza grande quantidade de ferro e da melhor qualidade, o magnetito. Existindo, como fica dito,

grande abundancia de combustivel e fundente apropriado (o calcareo e o anthracito), concorrendo o capital necessario, a exploração do ferro existente no municipio seria altamente remuneradora á empresa que a isso se propuzesse.

No gabinete de mineralogia da Escola Polytechnica da còrte guardam-se bellas amostras de alguns mineraes provindos d'este municipio.

Assevera-se igualmente que na margem direita do Muriahé, na fazenda do snr. commendador José Ribeiro de Castro (posteriormente 2° barão de Santa Rita), ha excellente *kaolim* ou terra de porcelana, que tambem se encontra nas *Frecheiras*, entre os rios Pomba e Parahyba e no *Vallão das Antas*.

Na barra do ribeirão denominado *Gavião* com o Muriahé (?), segundo o roteiro do guarda-mór Pontes, escripto em 1812, existe tambem uma rica mina de ouro.

Nesse roteiro se diz que « descendo o rio Muriahé e chegando-se á barra do *Gavião*, *segundo ribeirão* que entra da parte esquerda *depois do rio da Gloria*, subindo-se até ás cabeceiras do *Gavião*, entrando-se por uma *bocaina* e descendo o monte, se encontrará um campo em que existiram casas, das quaes ainda restavam de pé tres esteios e um pé de larangeira : estava ali enterrado um caldeirão de cobre cheio de ouro em folhetas. »

Em outro roteiro, fornecido por um indio ao coronel Luciano (?), confirmado por um capuchinho da *Aldeia da Pedra* e communicado áquelle guarda-mór, se dão as indicações seguintes :

« Atravessada a serra da Frecheira e o rio Muriahé (em certa altura), e encontrando-se a barra de um ribeirão, que desce do Norte, subir por elle ao alto do morro, e descendo pela encosta contraria chegar a outro ribeirão, que corre entre campos nativos. Em um d'estes campos achar-se-ha no meio das ruinas de uma casa um caldeirão cheio de ouro.»

Ainda mais. Um certo Moraes, administrador da *Aldêa dos Purys* (?), declara:

« Na serra da Frecheira procurar as cabeceiras de um regato que entra no rio Pomba, caminhar tres leguas

para o norte. Avistar-se-ha o extincto estabelecimento (?) em que ainda se encontrão restos de socalcos, e troncos mortos de arvores fructiferas, que forão plantadas a cordel. Ahi está o caldeirão de cobre.»

São, como se vê, indicações muito vagas e que perderam o valor que poderiam ter, ou porque o enygmatico da linguagem em que estão escriptas as torna incomprehensiveis, ou por terem variado com o andar do tempo as circumstancias locaes.

Possue o *Instituto Historico* uma curiosa memoria msc. do capitão André Martins da Palma, da qual darei mais de um excerpto não destituidos de interesse.[14] Essa memoria tem por titulo «Reprezentação sobre os meios de promover a povoação e desenvolvimento dos campos de Goitacazes em 1657.»

Acêrca da existencia de jazidas de metaes preciosos neste municipio diz o capitão Palma: « Ha mais no sertão muitas minas de prata e ouro, e mais materiaes, a que não tenho dado principio por estar inerme de segurança para o poder fazer, e já de algumas mandei ao Rio de Janeiro pedras de prata para se vêr, e se achou ser da mais fina.»

MADEIRAS. PLANTAS UTEIS

Encontra-se nas florestas dos sertões montanhosos do municipio uma prodigiosa diversidade de madeiras, aproveitaveis para artefactos de todo o genero e construcções, tanto civis como navaes.

Na exposição municipal que se effectuou em 1875 em Campos, graças ainda á perseverante iniciativa do snr. dr. Francisco Portella, efficientemente ajudado pelo snr. José Pinto Cambucá e especialmente pela *Sociedade Artistica União Beneficente*, de que era a alma o encyclopedico Francisco de Paula Bellido, seu presidente ; nessa exposição, a primeira do seu genero que se realizou

[14] Vide nota no fim.

no Brasil, o snr. José Joaquim de Araujo e Silva apresentou *specimens* de 120 qualidades diversas de madeira do municipio, numero que está longe de ser o maximo, porque muitas outras variedades ha que não são bastante conhecidas nem estão devidamente classificadas.

Pelo lado da industria extractiva corre parelhas o municipio com todo o Brasil.

Classificarei porém entre as principaes, porque constituem um importante ramo de exportação de toda a comarca, as seguintes :—jacarandá (*tan* e *cabiúna*), peroba, sôbro, tapinhoan, araribá-rosa e preto, cedro, vinhatico, jequitibá, ipê (preto, rosa e tabaco), genipapo, tatagiba, canella, guarubú ou gonçalo-alves, roxinho (excellente para varaes e raios de rodas de carro), gurataia (propria para esteios), carobuçú, grumarim, louro (proprio para remos), caixeta (para fôrro de casas), sapucaya, sapucayú, jundiahy, maporoá, bicuhyba e copahyba (que tambem fornecem os oleos medicinaes dos seus nomes), sepipira (tambem utilizada em medicina), oleo de macaco, oleo vermelho (magnifico para eixos de carros), apraiú, aderne, angelim, arecuim (cujo pó de serradura cega; resiste ao cupim; excellenté madeira do ar e para canôas), graúna ruiva e preta, ceregeira (para canôas, gamellas e côxos), araçá, jatahy (que dá uma bella resina hyalina propria para lustrar moveis), oiticica, pimenta preta (para esteios), inhayba de rego, grapiapunha, funcho preto, canella-funcho (para esteios), pau-ferro e o privilegiado pau-brasil.[15]

D'estas têm as duas primeiras a primazia; da segunda, a peroba, consome ainda o Rio de Janeiro não pequena quantidade. Do jacarandá tem entretanto diminuido consideravelmente a exportação, que não é hoje a vigesima parte do que era ha 40 annos. Ainda assim, no corrente anno de 1881 exportaram-se cêrca de 12,000 couçoeiras. A exportação da peroba foi durante o mesmo periodo de 3,274 pranchões e 4,774 taboas. A de tapinhoan e sôbro foi de 1,192 taboas. A de vinhatico e cedro

[15] Vide nota no fim.

andou por 4,532 pranchões e da de diversas outras madeiras exportaram-se 3,415 pranchões. A via de exportação preferida foi, como era de esperar, o porto de S. João da Barra.

Não levantarei mão do assumpto sem fazer honrosa menção do monjolo branco e vermelho, magnifico este para o cortume de pelles, pela extraordinaria proporção de tannino que a sua casca contém.

FRUCTOS SILVESTRES

As frutas de que mais abunda o municipio são laranjas, de que ha muitas variedades, e goiabas. Esta ultima manteve no municipio, especialmente na cidade, uma fonte importante de industria, chegando o fabrico da goiabada a attingir a cifra de 1,200,000 latas em um anno. A goiabada de Campos alcançou uma reputação européa. Hoje, porém, desceu a 500,000 latas annualmente, devido sobretudo ao ter-se estabelecido no Rio de Janeiro, no proprio mercado consumidor, fabricas do mesmo producto, que o podem offerecer com mais vantagem aos varegistas, si bem que menos perfeito no fabrico.

O municipio produz ainda, em abundancia, muitos fructos quasi sem nenhum cultivo: o cajú, o cajá, o ananaz, modernamente supplantado pelo abacaxi proveniente de Pernambuco, o abacate, o abricó, o bacopary, o jambo, a cabelluda, a grumichama, o araçá, a jaboticaba, a jaca (molle e dura), o maracujá (grande e merim), o figo, as bananas (de S. Thomé, da terra, pacova, maçan, prata, ouro, figo), a ameixa do Perú, a lima, o limão doce e o azedo, o pecego, a pitanga, o abío, o sapoty, a pinha, a fruta do conde, a carambola, a roman, a sapucaia, a manga, o tamarino, o cambucá, a castanha do Pará, o cacau (que todavia não é cultivado nem aproveitado devidamente), o coqueiro denominado da *Bahia* e outras variedades da mesma familia, como o coco de quarta, o baba de boi, de ayry, guriry, tucum, &. De algumas d'essas palmeiras aproveitam as cozinhas o palmito.

Cultivam-se no municipio a melancia, o melão, as aboboras de mais de uma variedade, o amendoim, a tayoba, a araruta, e, posto que em pequena escala,a uva chamada *americana*.

Das plantas uteis que crescem no municipio espontaneamente, guiando-me pela excellente monographia —*Note sur les plantes utiles du Brésil*, que em 1879 fez publicar em Paris o douto snr. barão de Villa-Franca, apontarei as seguintes:

O *andaaçú* (cujas sementes se empregam com efficacia em emulsão emeto-cathartica nas febres palustres rebeldes aos saes de quinina); a agoniada (empregada nas affecções uterinas) ; a almécega (igualmente aproveitada na medicina e na industria); o angico (empregado nas affecções pulmonares); a aroeira (excellente adstringente) ; o açafrão; o endro; a herva-doce (aniz); o algodoeiro; o cafeeiro; a bicuyba; a copayba ; o cacau; o cardamomo; a caroba; o jaborandy (de que se conhecem 3 especies no municipio: o *bétys*, a pitarran, que o povo denomina *aperta-ruão*, e o popular *João-brandí*) ; o pau-pereira (succedaneo da quina), o mil-homem ou jarrinha; a japecanga (a salsaparrilha do paiz); o cravo da India; a pimenta do reino; a canella; o mamão; o mamão jaracatiá (cujo leite é de um effeito seguro na cachexia paludosa e obstrucções abdominaes com hydropesia); o ingá; o jatahy (empregado na asthma); a jurubeba; o pinhão de purga (excellentes ambos nas hepatites chronicas); a batata de purga (cuja resina tem os bons effeitos do calomelanos nas molestias do figado e da pelle e nas ulceras syphiliticas); o melão de S. Caetano ; o maririçó ; o gervão ; o urucú ; o mulungú ; o pico-preto ; o barbatimão ; a cuitê ; a lingua de vacca ; o cipó-chumbo ; o cipó-imbê ; a herva tostão ; a labaça ; a herva-santa (anthelmintico por excellencia); a cataya ou herva de bicho ; o carrapato ou mamona ; o ora-pro-nobis ; o mastruço ; o vampir ; o agrião ; o sabugueiro ; a mostarda ; a ipecacuanha ou poaya ; a mangabeira ; a orelha de onça ; o *vetivér* ; o tucum ; o gravatá ; o pepino ; a baunilha ; o anil ; a mandioca ; o aipim; o cará; o mangarito ; o mandacarú ; a abobora ; o fumo, que podia, cultivado convenientemente, constituir uma

larga fonte de renda para todo o municipio; a alfavaca; o fedegoso; o alecrim; a arruda; a herva cidreira; a losna; o trevo; etc.

Com certeza ficam por mencionar muitissimas outras plantas empregadas na pharmacia, nas artes, nos usos domesticos, por lapso de memoria.

Ha em todo o municipio uma prodigiosa variedade de bromeliaceas e orchydéas, sobretudo nas arvores que habitam os banhados.

Está claro que d'entre as plantas uteis sobresahêm o feijão, a ervilha, o guando, a fava, o milho, o arroz, a batata doce, o carurú, a beldroega, a serralha, a couve, a alface, a abobora d'agua, o xuxú, o maxixe, o nabo, o giló, o quiabo, o tomate, a salsa, o coentro, o alho, a cebolla, a pimenteira, etc., largamente cultivadas em todo o municipio.

Mais claro ainda fica que a canna de assucar e o café são os que dominam como soberanos.

ANIMAES SILVESTRES. AVES

Ennuméra o municipio nas suas selvas e descampados a anta, a capivara, a queixada, o caitetú ou porco do matto, veados de duas especies (galheiros e campineiros), a preá, o gambá, a onça, o ouriço-caixeiro, o bracayá (especie de gato do matto), a cotia, a preguiça, o tamanduá, a lontra, o jacaré, o kágado, o cachorro do matto, a pacca, o tatú, o quati, o lagarto, o macaco e suas variedades: barbado, mono, saguim, caxinguelê.

Das aves silvestres, conhecem-se no municipio as seguintes, salva omissão involuntaria:— mutum, jacutinga, capoeira, araponga, sanhaçú, grumará (comedor de milho nas roças), jacú, jacupema, juô, macuco, nhambú, rôla e jurity, arára, papagaio, periquito e suas variedades (maracanan, querequeté, maitaca, o periquito sem cauda, para não lhe dar o nome porque é conhecido, &), anú preto, anú branco, picapau, ticotico, guache, araçahy, tucano, sem fallar na andorinha, no

bemtevi e ciriry, e na cambaxilra, que sem serem silvestres, não se podem comtudo dizer domesticas.

Na numerosa familia das aves aquaticas e ribeirinhas tem o municipio— a colhereira, a irerê (a chenquem, a de queixo branco, a de pé vermelho, a do sertão), a pacaparra, a garça, o frango d'agua, o soccó, a piaçoca, a sericoria, o quéroquéro, o carão, a lavandeira, o maçarico, a viuvinha, o pato selvagem, o franganito.

Das aves de rapina só percorrem o municipio o gavião, o urubú e o urubú-rei, e das noctivagas a coruja, o caboré, o noitibó (ou bacorau).

Da classe das aves canoras possue—o sabiá (sabiá-sica, o do bardo, o da larangeira, o da praia), o canario, o melro, o encontro, o papa-capim, a colleira, o avinhado, o gaturamo, o bico-de lacre, o virabosta, o sanhaçú do coqueiro, o bicudo, o caboclinho, etc.

Uma vez, descia eu de madrugada, em canôa, pelo Muriahé, com minha familia. Ao passarmos pela fazenda da viscondessa de Muriahé, eu, que adormecêra á toada monotona dos remos na canôa, desperto de repente e assisto a um espectaculo original e unico de que fôra testemunha em minha vida : na baixada cortada pelo rio, em uma e outra margem, creio que todas as aves canoras da região se haviam congregado, para commemorarem talvez alguma data gloriosa ou triste entre ellas, por um concerto vocal matutino, a que a technologia extrangeira denomina *matinée musicale* ; era admiravel a harmonia d'aquelle conjuncto de mil vozes, regidas por batuta invisivel, tão maravilhosamente se combinavam os cantos em uma *opera* phantastica que nenhum Meyerbeer, nenhum Carlos Gomes, nenhum Vagner comporá jamais. Como que todas as aves canoras da região estavam ali representadas no que tinham de mais melodioso e exercitado. Foi um espectaculo sublime que na occasião nos pareceu sobrenatural, desvanecendo-se rapido como um sonho ; mas deixou-me a mais grata e duradoura impressão.

Das aves de plumagem, além dos papagaios, periquitos e aráras, temos no municipio os tigês ou tiês (um

azul e outro *berne*), beija-flores admiraveis pelo iriado brilhantismo das pennas de seda, os sahys, igualmente bellos, etc.

Ha nos campos immensa quantidade de codornas e perdizes, que fornecem uma larga e inesgotavel fonte de caça.

Das aves domesticas mencionarei a gallinha, o perú, o pato, o ganço, o marreco ou patury, o pavão, a gallinhola (branca e cinzenta), o pombo.

Ha mais de uma variedade de abelhas, que dão um mel muito doce e saboroso, posto que escuro, e fabricam a cera denominada *da terra*, de que a industria não soube ainda entre nós tirar partido.

Reverso da medalha, ha tambem no municipio bastante formiga saúva, que devasta as plantações e subverte o terreno, e o cupim, não menos prejudicial ás habitações dos campos e dos povoados.

ANIMAES UTEIS

Parece excusado referir que o municipio possue larga copia de animaes indispensàveís, como o cavallar, o vaccum, o cerdum, o ovelhum e cabrum. Da raça cavallar distingue-se a localidade pelos denominados *pequiras*, pequenos cavallos, que se não encontram em outra parte, e todos elles notaveis pela excellencia dos andares e o bem proporcionado das fórmas.

A carne de porco é saborosissima e inoffensiva: a de vacca, porém, é inferior á de S. João da Barra.

PEIXES

Os rios e lagôas do municipio fornecem á população peixes excellentes, como sejam:— o robalo, o suruby, o piau, a piabanha, a tainha, a corvina, a acará, a curumatan, o jundiá, a trahyra, o caximbau, a piaba e a manjuba

(similhantes estas duas á sardinha e tão saborosas como esta), o ticopá, o duyá, o bagre, o morobá, o urutum, o sairú, a lagosta d'agua doce, o muçum, &.

De S. João da Barra vêm-lhe o camarão e mariscos e o vermelho e calunga (salgados).

HISTORIA

Pela sua antiguidade, tanto como pela sua importancia commercial e agricola, merece este municipio que lhe escrevam a historia, desenterrando-se do pó do olvido os documentos de mais de tresentos annos que a illustram e delucidam.

Darei apenas aqui, para satisfazer os quesitos do *Questionario*, um succinto esboço do que foi e do que é, noticia de certo ephemera: as fontes de indagações mais completas e profundas, que auxiliem o futuro historiador d'esta parte do Imperio, devem ser procuradas em obras de mais folego. Ainda assim, não são para desprezar, como elementos, os documentos que apresento em notas avulsas.

Campos constituiu a principio a donataria concedida por d. João III, em 28 de janeiro de 1536, a Pero Goes da Silveira, irmão do famoso Damião de Goes, chronista d'el-rei d. Manuel. Eram 30 leguas de terra na costa, ou antes 21 leguas, que era o que realmente havia, limitando ao norte com a de Vasco Fernandes Coutinho (capitania do Espirito-Santo) e ao sul com a de Martim Affonso de Sousa (capitania de S. Vicente). Da doação passou-se foral a 29 de fevereiro d'aquelle mesmo anno de 1536.[16]

[16] Tinha (*Pedro de Goes*) vindo na armada com Martim Affonso, e acompanhado Pero Lopes ao rio da Prata, e naufragado com elle. Teve a doação de 30 leguas de costa, datada a 28 de Janeiro de 1536, e recebeu o Foral da Capitania a 29 de Fevereiro do mesmo anno (General Abreu e Lima, *Synopsis ou Deducção chronologica*).

Pero de Goes fôra do numero dos que vieram ao Brasil na armada de Martim Affonso, com o qual naufragára na costa meridional do continente; indo depois com Pero Lopes collocar padrões no Rio da Prata. Diz d'este fidalgo Gabriel Soares no seu admiravel *Tratado descriptivo do Brazil*:

« Pedro de Goes foi um fidalgo muito honrado, cavalleiro experimentado, o qual andou na costa do Brasil com Pedro Lopes de Sousa, e se perdeu com elle no Rio da Prata; e pela affeição que tomou d'este tempo á terra do Brazil, pediu a el-Rei D. João, quando repartiu as capitanias, que lhe fizesse mercê de uma, da qual S. A. lhe fez mercê, dando-lhe trinta leguas de terra ao longo da costa, que se começariam onde acabava a capitania de Vasco Fernandes Coutinho, e d'ahi até onde acaba Martim Affonso de Sousa; e que não as havendo entre uma capitania e outra, lhe dava sómente o que houvesse, o que não passaria dos Baixos dos Pargos.»[17]

Teve esta donataria o titulo de *Capitania de S. Thomé*, por ser este o ponto mais notavel d'ella. Para o norte ia até ao rio Itabapuana, quando dada ao visconde de Asseca, porém até ao rio Itapemerim, quando doada a Pero Goes.

Suscitando-se duvidas entre o donatario da capitania do Espirito-Santo e o da do cabo de S. Thomé sobre os limites de uma e de outra, a carta de confirmação, datada de Almeirim a 12 de março de 1543, poz termo á contestação[18], estabelecendo, por accordo feito entre ambos, que a linha divisoria seria *o rio que se chamava na lingua*

---

[17] Assim se chama o Campo entre a ponta de Manguinhos e o rio Itabapuana, perto da *Ponta do Retiro*, onde se acham vestigios de antiga povoação. Em cima da *Ponta* existe um comoro com umas mós, e d'ahi veio o nome para este Campo (Dr. Cezar Augusto Marques, *Dicc. hist. etc. da prov. do Espirito Santo*).

No vocabulo *Cabapuana* escreve o auctor:

« Nas margens desta bahia existiram por muito tempo ruinas de uma povoação, e de casas construidas de pedras trazidas da Europa, pelo que se conjectura haver Pedro de Góes alli assentado sua residencia em 1540, quando El-Rei D. João III lhe fez doação deste paiz ».

[18] Vide no fim a integra da Carta, por onde se vê que a donataria de Pero de Goes ia muito além do rio Itabapuana.

dos indios Tapemery e os ditos Vasco Fernandes e Pedro Goes lhe puzeram nome Rio de Santa Catharina e está em altura de vinte e um gráos e obra de duas leguas de uma terra do dito Vasco Fernandes que se chama Aguapé.

Em 1539[19] veio de Lisboa o donatario em pessoa tomar posse d'ella, apparelhado de provisões de bocca e de guerra, trazendo algumas familias de colonos, em companhia de Martim Ferreira, com quem se associára para a empreza. Entrando pelo Parahyba, estabeleceu-se Pero de Goes na sua capitania, na qual viveu sete annos, dous dos quaes em harmonia com os naturaes d'ella, que eram os indomitos e ferozes *goytacazes*.

Nos cinco ultimos annos, porém, moveram-lhe estes tão porfiada serie de hostilidades, que os colonos, que de mais a mais nenhum soccorro tiveram nunca da metropole, resolveram dar de mão á empreza e se dispersaram. O donatario, completamente arruinado, voltou para Lisboa, graças á generosidade do seu visinho, o donatario do Espirito-Santo, que cavalheirosamente o agasalhára.

« E vendo-se já sem remedio, diz a este proposito Gabriel Soares, *l. c.*, foi forçado a despejar a terra, e passar-se com toda a gente para a capitania do Espirito-Santo, onde estava a esse tempo Vasco Fernandes Coutinho, que lhe mandou para isso algumas embarcações ».

Do que pondera Ayres do Casal na sua *Corographia Brasilica*, deprehende-se que o primitivo estabelecimento de Pero de Goes, no *Baixo dos Pargos*, denominado *Santa Catharina das Mós*, fôra fundado « junto a extremidade d'uma bahia ao lado meridional do rio Itabapuana, *então Cabapuâma*, mui perto da praia do mar, onde existem duas mós de pedra européa com alguns resquicios de povoação, e entre os moradores da visinhança ha tradição que fôra alli a morada de Pedro Goes ».

Nesta mallograda empreza gastou o donatario não só quanto tinha de seu e nella embarcára, como *muitos mil cruzados de Martim Ferreira.*[20]

---

[19] *Em 1553*, diz na sua *Memoria* José Carneiro, depois visconde de Araruama.

[20] V. nota no fim.

Voltou Pero de Goes ao Brasil em principios de 1549 como capitão-mór do mar, com Thomé de Sousa, primeiro governador geral, a quem ajudou a povoar e fortificar a cidade da Bahia de Todos os Santos.[21]

Emquanto ao norte e ao sul medravam as povoações que pelo mesmo tempo se fundaram, ficou esta abandonada por muitos annos aos indios ferozes que a povoavam e aos faccinoras qus nella se acoutavam por fugirem á punição dos seus crimes.

Ficou, pois, a povoação em abandono por longos annos, até que Gil de Goes, um dos remotos descendentes do primitivo donatario, fazendo válida a doação e associando-se, em 1623, a João Gomes Leitão, tentou por sua vez estabelecer-se nella, mas debalde, por falta ainda dos capitaes necessarios. Segundo outra versão, foi este o que fundou a povoação de *Santa Catharina das Mós*, mas do lado do norte, no lugar denominado *Enseada dos Pargos*, entre a ponta de Manguinhos e o rio Cabapuana, o que padece contestação, porque teria assim invadido o territorio da capitania visinha, que já tinha por extrema a riba septentrional d'aquelle rio.

Fôsse, porém, onde fôsse o assento da nova empreza, o que é certo é que tambem abortou.

Nos ultimos annos da sua vida passára Gil de Goes procuração ao capitão Martim de Sá, governador do Rio de Janeiro, para gerir a sua donataria, e este concedêra por sesmaria aquellas terras, até então desaproveitadas, aos capitães Gonçalo Corrêa, Manuel Corrêa, Duarte Corrêa e Miguel Ayres Maldonado e a Antonio Pinto, João de Castilhos e Miguel Riscado, por escriptura lavrada a 19 de agosto de 1627.[22] A sesmaria concedida comprehendia as terras que se estendem do rio Macahé ao rio

---

[21] Em carta sua dirigida ao rei e escripta da Villa da Rainha a 29 de abril de 1554, conta elle os serviços que fez á corôa desde o anno de 1549 até o em que escrevia, e outras cousas extranhas ao assumpto exclusivo d'esta memoria (V. *Rev. trim. do Inst.*, tomo V, 1843).

[22] Balthazar da Silva Lisboa indica outra data.

Iguaçú, do cabo de S. Thomé para o norte, *correndo pela costa entre um e o outro rio, e para o sertão até o cume da serra*, segundo dizem Balthazar da Silva Lisboa nos seus *Annaes do Rio de Janeiro* e o visconde de Araruama na sua curiosa e interessante *Memoria Topographica e historica de Campos dos Goytacazes*. Eram homens importantes do Rio de Janeiro, que haviam prestado á corôa relevantes serviços *com as vidas e fazenda*, no decurso de 30 annos, nas guerras com intrusos francezes e hollandezes e em incursões de barbaros nas capitanias do Rio de Janeiro, e de S. Vicente e em Cabo-Frio. A concessão era-lhes feita para a criação de gado e sob a condição de, si levantassem engenhos, pagarem ao donatario o fôro que lhe competia e o dizimo ao mestrado da Ordem de Christo.

Estes cessionarios, cujos nomes a historia registrou sob a denominação de *heréos*, nemhum passo deram, durante annos, para se utilizarem da concessão, até que, voltando victorioso dos hollandezes nos presidios de Angola o afamado general Salvador Corrêa de Sá e Benevides, filho do governador procurador de Gil de Goes, trazendo no seu comboy immensa escravatura africana, se lembrou de empregal-a no aproveitamento d'aquellas terras. Já por esse tempo haviam morrido alguns dos *heréos*, deixando a seus herdeiros os seus direitos; outros os tinham passado a terceiros. O general foi um d'esses compradores e entrou em composição com Miguel Ayres Maldonado e Antonio Pinto, que, por sua vez, admittiram na sociedade ao provincial e ao reitor dos jesuitas, ao prior do Carmo, ao abbade de S. Bento, ao governador Duarte Corrêa Vasqueannes e ao capitão Pedro de Sousa Pereira —os quaes, associados, deram principio á *conquista* da capitania, fundando a aldêa de S. Pedro na margem septentrional da lagôa de Araruama, em Cabo-Frio. Ayres do Casal assigna para este facto não só a era de 1629, como o mez de abril. Acossaram os indigenas, mataram os mais intrepidos ou menos prudentes e com os que se submetteram povoaram aquella aldêa, sujeita á jurisdicção de Cabo-Frio.

Dividiram então entre si o terreno em 12 *quinhões* e

cada *sesmeiro* o seu em 8 *curraes* de 800 a 1,000 braças cada um.[23]

No seu quinhão, que ficava mais para o interior das terras, á alguma distancia da margem austral do Parahyba, mandou Salvador Corrêa edificar uma ermida ou capella, consagrada ao santo do seu nome, e confiou a sua administração aos seus visinhos de quinhão, os monges bentos, os quaes vieram assim a ser os primeiros vigarios e juizes ecclesiasticos que teve a terra de Campos.

Sob a administração dos benedictinos esteve ella durante 22 annos, até entrar como parocho curado o padre Manuel de Bastos, clerigo secular, a 30 de setembro de 1674.

O lugar em que se ergueu a primitiva referida ermida não era exactamente o mesmo em que assenta e se vê hoje a matriz de S. Salvador, mas afastado 2 kilometros da orla do rio, segundo se deprehende do dizer de alguns chronistas. Parece-me tambem que talvez fôsse a pequena igreja que ainda campeia na fazenda denominada *Visconde*, além da *Cruz das Almas*, de propriedade da viuva de Domingos Pereira Pinto, comprada por este aos herdeiros do visconde de Asseca.

Ayres do Casal, monsenhor Pizarro, Balthazar Lisbôa e José Carneiro da Silva dão para a fundação do alludido templo o anno de 1652.

Já por esse tempo era numeroso o povo do lugar e se achavam tambem povoadas as outras sesmarias, não só de foragidos das justiças, como de pessoal mantido pelos foreiros. Como ficavam longe, em Cabo-Frio, *as justiças de el-rei*, e de uma população tão heterogenea, composta de tantos elementos dissolventes,[24] não era de esperar-se

---

[23] D'esta composição lavrou-se escriptura a 9 de março de 1648, na qual se declarou que Antonio Pinto compartilhára metade do seu quinhão com os monges de S. Bento, e o general a metade de tres quinhões que tinha com os padres da Companhia de Jesus.

[24] «Assim que, diz Milliet de Saint-Adolphe, das familias dos proprios associados, da dos religiosos, dos indios submettidos e dos portuguezes e brazileiros condemnados a degredo, se formou a povoação dos Campos-dos-Goytacazes.»

Nem de outro modo, accrescento eu, se agremiaram e constituiram todos os povos do globo.

a regularidade de costumes e a inteira obediencia ás leis, si leis havia, ou pelo menos que se submettessem de bom grado ao respeito reciproco, fructo da civilisação adeantada: commettiam-se muitos abusos e excessos, sem que os pudessem cohibir os delegados dos proprietarios das fazendas, prepotentes por sua vez. Resolveram então os moradores do lugar, no mesmo anno de 1652, em que se edificára a capella de S. Salvador, constituir-se em *republica*,[25] com o fim de reprimirem-se de mais perto e mais promptamente os crimes e *se governarem com alguma apparencia de legalidade.*

Segundo notas tomadas de livros antigos de accordãos da camara, já em 1653 se vendiam na povoação de S. Salvador de Campos engenhos de fabricar assucar, cujas terras seus proprietarios haviam comprado ao mosteiro de S. Bento.[26]

Na representação dirigida a el-rei em 1657 pelo capitão André Martins da Palma, que faz parte da collecção de manuscriptos do *Instituto Historico*, da qual dou alguns extractos no fim da presente memoria, se refere o auctor á perseguição exercida contra os moradores da povoação, que dera em resultado retirarem-se muitos *amedrontados*, proporcionando assim occasião a rebelar-se o gentio, pondo em risco as vidas e propriedades já existentes.

« Neste conflicto, diz elle, passando em correição o ouvidor geral d'esta repartição do Sul, João Velho de Azevedo, e propondo-lhe eu, e os moradores d'estes campos, por passarem de cincoenta, a grande utilidade

---

[25] «... Hum governo a que derão o nome de Republica.» Balth. da Silva Lisboa I, p. 385.

[26] Dos mesmos livros colho a nota seguinte, que não quero deixar de reproduzir por curiosa :

No dia 1° de janeiro d'esse anno de 1653 prestaram juramento de vereadores do senado da Camara de S. Salvador—Gaspar David Alvarenga, vereador mais velho ; João Gonçalves Romeiro e Miguel Gonçalves, este ultimo como procurador; deixando de prestal-o o vereador Adriano de Aguiar Tavares, por não se achar na terra e só o fez em 16 de maio do mesmo anno.

Tanto o vereador Alvarenga como Romeiro *assignaram de cruz* !

assim da corôa de V. Magestade, como de sua real fazenda, pedindo-lhe, emquanto se fazia este aviso a V. Magestade, nos apresentasse uma villa com justiças, que pudessem conhecer das causas com appellação e aggravo para seu juizo, e antevendo elle o grande serviço que obrava na creação da dita villa, emquanto se não fazia o dito aviso a V. Magestade, que não mandaria o contrario, mandou levantar pelourinho nella, creando por eleição juizes e vereadores, ficando na posse da villa de S. Salvador da Parahiba do Sul. »

A ideia não foi por deante por opposição dos que no Rio de Janeiro eram interessados em que as cousas ficassem no *statu quo* anterior.

Em 1673 resolveram de novo aquelles povos, reunidos aos capitães João Gonçalves Romeiro e João Pacheco, aos alferes Domingos Lopes Barreto, Manuel Corrêa da Fonseca e Pedro Serpes de Mendonça, e a Gaspar Rodrigues de Magalhães, e outros *homens bons do povo*, erigir em nome d'el-rei, que então era D. Pedro II, a povoação em villa, com a mesma invocação do orago da igreja, e assim o executam, elegendo os juizes e officiaes para o senado da camara e decidindo levantar um pelourinho, o que nesses bons tempos era uma das preoccupações dos governantes e um espectaculo indispensavel para os governados. De todos estes actos dão parte ao ouvidor geral e corregedor do Rio de Janeiro em 2 de setembro d'aquelle anno de 1673.

Foram levados aquelles povos a isso, segundo resa um *accordão* contemporaneo « por se verem opremidos das vexaçoens, que os criadores de Gado, que morão no Rio de Janeiro lhe estão fazendo por seos feitores e Negros, como he notorio... »

« Desde a posse de Constantino de Menelau (*do governo de Cabo-Frio*), os Campos Goitacazes até Guaraperim, que naquelle tempo se chamava de Santa Catharina de Móes, ficárão sugeitos até o anno de 1675 á jurisdição da justiça e Governo de Cabo Frio, cujo limite foi alterado depois por sentença do Desembargador Manoel da Costa Mimoso... (Balthazar Lisboa, *Annaes*, I).»

No anno de 1674 fôra a igreja de S. Salvador elevada á freguezia.

Esse governo democratico, unico de que vejo noticia nos fastos nacionaes, aturára 11 annos.

Quarenta annos havia que fallecêra Gil de Goes e a sua capitania se incorporára á corôa, quando fizeram o conde Fernando de Attouguia e seu irmão Affonso Furtado de Mendonça uma tentativa para nella fundarem uma villa, o que não chegaram a realizar, por falta dos *aprestos necessarios*.

Então o visconde de Asseca Martim Corrêa de Sá e Benevides, por si e seu irmão João Corrêa de Sá, general do Estreito na India, obteve do principe regente, por carta de 15 de setembro de 1674,[27] a posse da capitania devoluta de S. Thomé, que passou a denominar-se da *Parahyba do Sul*, sob a jurisdicção do juiz de fóra de Cabo-Frio, com a condição de nella fundarem duas villas, com 30 casas, cadeia e matriz: uma das villas ficaria no interior das terras, para rebater as aggressões dos indios e as desordens em que viviam os povos, e outra perto do mar, para maior segurança da navegação costeira. Esta condição foi cumprida em 1676, indo (a 29 de maio de 1677) o juiz ordinario de Cabo Frio e o procurador do novo donatario confirmar á de S. Salvador o titulo de villa, que já tinha, creando-lhe novo senado da camara. Vinte dias depois foram erigir a da barra do Parahyba, que teve S. João Baptista por padroeiro (18 de junho de 1677).

Não foi comtudo no tempo do visconde Martim Corrêa que estes factos se deram, porque elle havia fallecido dous mezes depois de obtida a donataria. Passára porém sua parte de doação, com todas as condições que lhe andavam inherentes, a seu filho Salvador, então menor e sob a tutella de seu avô, o general Salvador Corrêa de Sá e Benevides, que o requerêra por seu neto. Esta transferencia de dominio se legalisára a 23 de novembro de 1674, mas só dous annos depois é que se tornou effectiva a posse.

---

[27] V. o n. 19,617 do Catalogo da Exp. de Hist. da Bibl. Nacional.

No mesmo anno de 1676 da creação da villa, a 24 de outubro, representavam ao visconde de Barbacena, governador do Rio de Janeiro, contra aquelle acto o juiz ordinario José de Barcellos e o procurador José de Azedias, em nome do senado do Rio de Janeiro, allegando que já tinham os moradores d'aquelles campos, por ordem do dr. João Velho de Azevedo, ouvidor geral em correição, erigido uma villa com os officiaes, juizes e vereadores, e que estes se supprimiram sem passar a novos officiaes, por ordem do mesmo ouvidor, em virtude de representação que tivera d'esse governo, *por ser a dita villa mais para prejuizo da cidade do Rio de Janeiro, a que abastecia de gado, do que para utilidade tanto commum como do principe.*

Por fôrça d'esta representação continuou a povoação a ser governada apenas por um capitão, que servia de ouvidor para as execuções da justiça, emquanto não se crearam em Cabo-Frio os officiaes e ouvidor, que em sua jurisdicção comprehendiam tambem os Campos dos Goytacazes.

O marco que dividia a capitania do visconde de Asseca da de seu tio o general João Corrêa foi collocado em 1678 duas leguas distante da villa de S. João e barra do rio Parahyba *para a parte do norte,* deixando-se quatro leguas para o sul como termo d'aquella villa e capitania de Asseca, além de mais meia legua de terra para *rocio* da villa.

Verificando depois o povo que o local escolhido não era o mais apropriado para séde da villa, por ficar distante do rio,[28] mudou-se em 1678, com annuencia do procurador do donatario,[29] para o lugar em que hoje assenta a cidade de Campos, á margem do rio, precedendo composição ou accôrdo com os monges benedictinos, possuidores d'esse terreno, que trocaram por igual porção de outro em outra parte.

---

[28] *Dez leguas,* diz Milliet de Saint-Adolphe, o que não parece exacto.

[29] Capitão-mór Martim Corrêa Vasqueannes, sobrinho do general Salvador e primo do joven visconde.

Afincam então marcos no terreno demarcado e obriga-se Sebastião Rebello a construir a cadeia e casa da camara, *com salla separada para as audiencias e as enxovias respectivas*, e a fazer o mesmo em S. João da Barra, com o accrescimo de uma igreja para matriz, *tudo por cincoenta mil réis, duas pipas de agoa-ardente, hum alqueire de farinha em cada mez, e meia arroba de carne todas as semanas*. Por mais quatorze mil réis obrigou-se Rebello a concertar a matriz de S. Salvador, *reduzindo-a a que ficasse como nova*.

Não foi todavia essa troca de terrenos isempta de contestações, que aturaram 12 annos. Effectuara-se ainda assim a mudança e o novo povoado ia em via dė prosperidade.

A demanda terminou em 1690 por uma excomunhão intimada aos officiaes da camara, em plena sessão, si não desistissem do terreno occupado. Provavelmente entrou o mosteiro mais tarde na posse d'elle, porque ainda hoje cobra foros de muitos terrenos e casas da cidade. Nesse particular a chronica local nada adianta.

Permaneceu todavia o fermento da discordia por muitos annos entre os procuradores do donatario e os monges, que sempre se aproveitavam, no dizer dos chronistas, das occasiões que se lhes deparavam para incitarem o povo, já de si bulhento, contra aquelles, até á revolta de 1720, de que tratarei em tempo.

Em 1689 (é uma data authentica) era vigario da freguezia o padre Francisco Gomes Sardinha, que parece claudicava um tanto no cumprimento dos deveres do seu cargo. Aproveitando a estada na localidade do bispo d. José de Barros Alarcão, de visita pastoral nella, faz o senado da camara, incorporado ao povo, *homens e mulheres*, uma representação, *em altas vozes e de clamores*, ao prelado contra o vigario, que foi com effeito suspenso das ordens e do beneficio (*Accordão* de vereança de outubro 25).

Em vereança de 8 de Novembro do mesmo anno de 1689, os officiaes da camara accordaram ainda em escrever-se « huma carta á sua Magestade sobre o Padre

Vigario Francisco Gomes Sardinha para não ser mais Vigario. »

Era um povo irrequieto e trefego, que não se accommodava facilmente com os abusos da auctoridade, não se acobardava deante da prepotencia, como o demonstram mais de um passo da sua historia, e tinha a hombridade precisa para deliberar e pôr logo em pratica o deliberado.

Em 1720 ainda insistia o clero para que a camara se retirasse da villa. Então Bartholomeu Bueno, um dos potentados do lugar e, ao que parece, partidario dos monges, reune em torno de si os da sua parcialidade e encabeça uma revolta, que deu em resultado apossarem-se das pessoas dos vereadores e remetterem-n'os presos para o Rio de Janeiro. O representante do donatario, que fazia causa commum com o senado da camara, consegue fugir á sanha dos contrarios e escapar ao mesmo destino.

Segundo refere Balthazar Lisbôa nos seus *Annaes*, I, Bartholomeu Bueno, com outros implicados na revolta, evadiram-se para o rio de S. Matheus, onde deram principio á freguezia que tem aquelle nome e fica entre Caravellas e o Rio Doce.

Ayres de Saldanha e Albuquerque Coutinho Mattos e Noronha, que então governava o Rio de Janeiro como capitão general, envia tropas contra os rebellados, faz reintegrar os officiaes da camara e manda prender Bueno; este porém offerece tenaz resistencia e alcança pôr-se a salvo : foram-lhe confiscados os bens. Sem embargo da fuga do cabeça do motim, continuaram as cousas no mesmo pé por muitos annos, apesar de forças mandadas para obrigar a população a entrar na via da normalidade.

Por duas vezes recusou-se a propria camara a dar posse a Pedro Velho Barreto, procurador do donatario, que então era o visconde Diogo Corrêa de Sá e Benevides.

O povo chegou umas vezes a atacar e prender o procurador do donatario, outras a cercar a casa da camara quando nella se achavam os *senadores* a tratar de negocios que lhe não eram favoraveis, prendendo-os e enviando-os presos para a Bahia ou Rio de Janeiro e elegendo novos camaristas da sua facção.

Por morte do visconde Salvador Corrêa sem descendente directo, obtivera seu irmão, o visconde Diogo Corrêa, a donataria, que lhe foi concedida a 23 de março de 1727, com limitação porém em alguns dos privilegios de que haviam gosado os seus antecessores. No anno seguinte manda elle a Campos seus dous filhos Martim e Luiz José Corrêa de Sá e Benevides, o primeiro dos quaes jurára homenagem nas mãos do governador do Rio de Janeiro Luiz Vahia Monteiro.[32]

Por esse tempo crescêra a população e com ella o movimento e a vida da villa. Os habitantes, sobresaltados e descontentes com a ordem de cousas estabelecida, faziam repetidos requerimentos para se sujeitarem sómente á auctoridade real. O capitão-general do Rio de Janeiro, para contel-os e *reprimir* mais uma vez *acontecimentos funestos*, envia para a localidade uma companhia de infantaria paga, commandada pelo capitão Francisco Pereira Leal. Havia uma causa mais para o desgosto geral : o donatario impuzera a contribuição annual de 4$000 por engenho de assucar e dizia-se que poria outra sobre o algodão e outras mercadorias locaes. Em principios de 1730 repetem os povos os seus requerimentos e queixas contra o donatario ao governo do rei.[33]

Nesse mesmo anno faz-se, por ordem régia, a medição legal das terras possuidas pela casa de Asseca, e verifica-se que o extremo norte da sua donataria ia até á *Enseada dos Pargos*, onde ainda encontraram (a 27 de novembro de 1730) umas mós e ao pé d'ellas vestigios de edificios antigos, onde Gil de Góes pretendêra estabelecer a povoação. D'ahi devia a medição comprehender 10 leguas para o interior ou sertão ; mas o receio de encontrar indios fez parar a medição no fim de 3 leguas e 520 braças. A do sul só se effectuou a 1 de junho de 1731 (*Monsenhor Pizarro*). Esta chegou ao campo da fazenda de Sant'Anna em Macahé, ficando o marco respectivo defronte da igreja da dita fazenda, *leste oeste com as ilhas denominadas de Sant'Anna.* Tomou-se o rio Macahé para servir de limite.

---

[32] Vide nota no fim.

[33] Vide a mesma nota.

Era então donatario da capitania Martim Corrêa, 4° visconde de Asseca.

Em 1730 representava o senado da camara ao rei contra o visconde, segundo se vê dos livros de registro da camara, de que tenho notas summarias extrahidas pelo fallecido secretario Euzebio Ildefonso Barroso, e da copia das proprias representações nos livros de *Accordãos da vereança* possuidos pela Bibliotheca Nacional.[34]

No anno de 1733 foi separado o juizo de orphãos da villa de S. Salvador. Em 1735 contribuiu ella com a quantia de 60$ rs. *para se levantar* o tribunal da Relação do Rio de Janeiro.

Em 1740 passára o donatario patente de capitão-mór a Pedro Velho Barreto; o lugar, porém, estava preenchido por outro, o capitão Manuel de Carvalho Lucena ; os officiaes da camara não estiveram pela nomeação e representam contra o nomeado ao governador interino do Rio de Janeiro, o mestre de campo Mathias Coelho de Sousa, que substituia temporariamente a Gomes Freire de Andrada, capitão-general. Coelho de Sousa ordena, por um *bando* publicado nas villas de S. Salvador e de S. João da Barra, que todos os corpos militares e de justiça obedeçam ao capitão-mór nomeado. O juiz ordinario, Pedro da Fonseca Carneiro, manda tambem, por edital, que se lhe obedeça. O ouvidor do Rio de Janeiro, dr. João Alvares Simões, expede uma *carta de diligencia*, ratificando a nomeação do donatario. Gomes Freire adverte de Minas-Geraes, onde então se achava, aos officiaes da camara recalcitrante e intima-lhes que cumpram as ordens expedidas. A nada, porém, attende a camara, até que são presos os vereadores e remettidos para o Rio de Janeiro. Só assim entra de posse o capitão-mór nomeado!

Attendendo de certo ao reclamo dos povos e vendo a face que tomavam sempre os acontecimentos, no anno seguinte, 1741, ordena el-rei d. João V que se obedeça ao visconde Diogo, emquanto não se effectua a permutação

---

[34] Vide ainda a nota anterior, no fim.

das suas capitanias, para o que entrára em ajuste com o dito visconde.

E' no mesmo anno incorporada a donataria á capitania do Espirito-Santo e no de 1742 vai o ouvidor d'aquella comarca, Paschoal Ferreira de Veras, em correição a Campos, a chamado do alcaide-mór da villa de S. João da Barra, Caetano de Barcellos Machado.

A 30 de dezembro de 1743 faz aquelle ouvidor, em presença dos moradores e auctoridades, a demarcação da capitania com os territorios annexados.

Morre em 1746 o visconde Diogo Corrêa de Sá e Benevides. Ao chegar aos Campos dos Goytacazes a noticia d'esse successo, os officiaes da camara accordam em vereança de 30 de setembro (de 1746) em tomarem posse da capitania em nome d'el-rei, dão-n'a por incorporada á real corôa e communicam o facto ao ouvidor da comarca no Rio de Janeiro, o dr. Matheus Nunes José de Macedo, e ao ouvidor da capitania do Espirito-Santo. Demora-lhes aquelle magistrado a *resolução*. Elles porém fixam editaes e o participam ao proprio general Gomes Freire. Além d'isso, recorrem *por duas vias* á Relação da Bahia, *increpando ao ouvidor na demora*. O certo é que obtiveram da Relação provimento ao seu recurso e se lhes declara que haviam obrado com acerto.

El-rei, entretanto, confirma na pessoa do visconde Martim Corrêa, primogenito do fallecido, a doação da capitania no anno de 1747.[35] Manda este no anno seguinte seu proprio tio, o tenente-coronel Martim Corrêa de Sá, a tomar posse da donataria em seu nome.

Os animos já excitados dos povos exacerbam-se com este facto: levanta-se grande parte d'elles, tanto homens como mulheres, para se opporem á posse. Acodem em tropel á casa da camara, *pedem vista* da carta de confirmação e allegam que a posse não póde effectuar-se, por não haverem os ascendentes do donatario satisfeito as clausulas da doação, isto é: fazer-se casa para audiencias da camara, igreja, cadeia e 30 casas, e que nem tão pouco mediram e

---

[35] Por carta regia de 23 de agosto.

demarcaram a donataria. O senado não attende á reclamação do povo, que elege um procurador seu para tratar da questão. Este accorda em que apresente o procurador do donatario as ordens escriptas do soberano, mas que nada se decida antes de se ouvir o parecer do capitão-general, governador do Rio de Janeiro. Chega porém ordem formal d'este; abre-se a sua carta nos paços do conselho; mas o povo, presente á audiencia, não consente que se acabe a leitura, *por perceber a reprehensão e increpação de desobediencia* que ella continha, põe a casa da camara em cêrco, prende o juiz ordinario, os vereadores e escrivão, e os obriga a embarcarem para a Bahia. Mais de 80 homens armados, levantando vivas ao rei e morras ao donatario, atacam a residencia do capitão-mór Antonio Teixeira Nunes, prendem-n'o, depois de muitas mortes e violencias de parte á parte, e procedem á eleição de novo capitão-mór e novos vereadores.

Quando soube Gomes Freire d'esse desacato ás auctoridades constituidas, mandou, para castigar os culpados e reprimir a rebelião, duas companhias de infantaria e uma de granadeiros, com o competente trem de polvora, balas, granadas, etc. Desembarcando em Macahé, entra a tropa a *toque de caixa* na villa amotinada.

Referindo-se a estes acontecimentos, diz na sua citada *Memoria* o visconde de Araruama (*José Carneiro da Silva*):

« Na acção do levante deo grande brado huma mulher por nome Benta Pereira, que pelejava contra o partido do Donatario, a qual montada a cavallo com pistolas nos coldres, e huma espada na mão, fazia desapparecer tudo diante de si, com huma rezolução mais que varonil; e desde então ficou tão celebre o seu nome, que inda hoje hé mui nomeado. »

« Gósto muito d'esta Clorinda campista, diz Charles Ribeyrolles no seu *Brazil Pittoresco*. Recorda as nossas *gaulezas* do tempo de Cesar e as nossas *vivandeiras* da republica. E' necessario, porém, não abusar da mulher-heróe. A familia tem os seus deveres, as suas alegrias, os seus berços, que valem bem a gloria:— e depois, quem nos faria os doces?

« Quando as massas não são guiadas por uma grande idéa, as victorias da praça publica duram pouco; a de Campos não passou de um dia. A represalia acudiu toda armada, feita por tres batalhões de linha, expedidos pelo capitão general Gomes Freire de Andrada. Houve prisões, confiscações e condemnações. Tendo-se entretanto acoutado os cabeças da revolta, a justiça só teve que se haver com pequenas correcções. Ficou, porém, uma guarnição militar em Campos e a auctoridade do visconde de Asseca foi reconhecida.»

Assim se passou com effeito.

Em dias de junho d'aquelle anno de 1748, ao chegarem á villa os granadeiros e fuzileiros do capitão-general, fogem alguns dos amotinados, outros são presos e dá-se posse do seu cargo ao procurador do donatario, ficando d'este modo applacado o motim, não sem que o fisco distribuisse as fazendas dos rebeldes em soldo e subsistencia da tropa pacificadora.

« Depois de tomar posse o procurador do donatario, diz por sua vez o general Abreu e Lima (*Synopsis*), ficárão alli só 80 homens de tropa para conter em socego aquelle povo inquieto.»

Essa tropa de occupação era commandada pelo capitão João Pinto Vellasco.

Como um d'esses contrastes que tantas vezes se reproduzem nas paginas da historia, emquanto o sangue campista, sempre em ebulição, lançava metade da população em pugnas fratricidas contra a outra metade, a religião fundava um novo templo, abria um novo recolhimento ás almas contemplativas. O missionario Angelo de Siqueira e frei Manuel da Cruz fundavam o *Asylo de Nossa Senhora da Lapa*, para servir de seminario. Lançada a pedra fundamental a 24 de julho de 1748, ficou concluido no fim do anno de 1755. Nunca serviu para o fim da sua fundação, sinão já em nossos dias, por muito pouco tempo, para o extincto *Lyceu de Campos*. Nelle residiram alguns vigarios da vara. Cedido pelo bispo conde de Irajá para *Asylo das Orphãs da Santa Casa*, como em seu lugar se dirá, serviu até então por muitos annos de

quartel de tropa de linha, milicias, guardas nacionaes e corpo militar de policia.

Assentava-se por esse tempo na séde episcopal fluminense d. frei Antonio do Desterro Malheiro. Não podendo percorrer aquella parte da sua vasta diocese, mandára em commissão o visitador geral d. João de Seixas da Fonseca Borges, bispo titular de *Areópolis,* que foi a Campos no anno seguinte ao do motim, em 1749.

Não ficára de todo aplacada a irritação popular, que datava de longos annos de oppressão: aturava ainda o resentimento reciproco, que só cessou em 1752 com o indulto régio. Fôra encarregado de o ir pedir á côrte o prestante e importante campista Sebastião da Cunha Coutinho Rangel.[36] Soube Sebastião da Cunha, honesto e grave, patentear os queixumes dos povos opprimidos, expor os vexames, expoliações e perseguições de que foram victimas por parte dos prepostos dos donatarios, sempre ausentes e extranhos aos povos.

A exaltação de d. José ao throno dos seus maiores deu aberta ao perdão requerido, e em seguida á ordem ao ouvidor geral da capitania do Espirito-Santo, Francisco de Salles Ribeiro, para tomar posse da donataria da *Parahyba do Sul* em nome da corôa, por ter el-rei entrado para esse fim em accordo com o visconde Martim Corrêa, por *carta de padrão* passada em Lisboa a 14 de junho de 1753.

A secção de Manuscriptos da Bibliotheca Nacional possue um requerimento de José Luiz da Costa, procurador da camara da *Villa de S. Salvador dos Campos dos Goytacazes*, dirigido á rainha d. Maria I e por ella despachado no palacio real de Queluz a 6 de setembro de 1798, acêrca da *compensação* feita por d. José ao visconde de Asseca pela incorporação da sua donataria á corôa. Este documento é copia authentica ou traslado do despacho á petição feita á soberana pelos habitantes de Campos, queixando-se dos procuradores dos donatarios, os

---

[36] Pae do doutissimo d. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, bispo de Pernambuco, luminar da Igreja brazileira, honra não só da terra do berço, como da patria americana.

quaes, diz o manuscripto, « valendo-se da Jurisdição de Juizes privativos, vexão os Supplicantes, lançando-os fóra das Terras, que elles e seus Avoz possuem ha muitos annos, sem precederem as necessarias formalidades, que as Leys prescrevem ». Segue-se á petição o traslado da *compensação feita pelo Senhor Rei D. José ao Visconde de Asseca, que se acha no livro oitenta e tres da Chancellaria do Mesmo Senhor, a folhas cento settenta e duas verso.* O procurador da camara pedia copia da *Carta de padrão*, que é concedida nestes termos :

« Attendendo á boa situação da capitania de Campos, por conter duas boas villas, e se achar toda povoada, concedeu o rei a elle visconde em satisfação da dita capitania e de tudo o que a ella pertence, assim pelo que respeita ao util, como ao honorifico, as honras de Grande do Reino que competem aos Condes, no seu mesmo titulo de Visconde de juro e herdade, dispensada duas vezes a Lei mental, e quatro mil cruzados cada anno em hum Padrão de Juro Real... passado sobre os effeitos do Conselho Ultramarino.»

Concedendo-lhe essas honras e pensão, attendia o monarcha a que aquelle visconde, perdendo a jurisdicção que tinha sobre a capitania, vinha a ficar com grande parte da *casa* que nella possuia *muito exposta e diminuta, tendo contra si* (palavras textuaes) *a notoria dezafeição d'aquelles moradores*, como, *e, muito mais, por ser elle visconde descendente de Salvador Corrêa de Sá que tinha tão justa acção a esta mercê, e que fez tão importantes serviços que ainda hoje merecião a Real attenção de Sua Magestade*, isso além dos merecimentos pessoaes do proprio visconde. Nesta escriptura de compensação assignou-se o *padre mestre doutor* frei Salvador Corrêa de Sá, monge de S. Jeronymo, em nome e como procurador de seu irmão Luiz José Corrêa de Sá, capitão general de Pernambuco, herdeiro immediato do visconde Martim. Não é pois monsenhor Benevides, actual bispo de Marianna, a primeira dignidade ecclesiastica que conta esta illustre familia.

A 30 de novembro d'aquelle mesmo anno de 1753 tomára o ouvidor Francisco de Salles Ribeiro posse da capitania com as formalidades então em vigor.

Voltam portanto os Campos dos Goytacazes ao regio dominio, cessando o dos delegados da familia Asseca, ficando incorporados, por provisão do conselho ultramarino de 1 de junho de 1753, á capitania do Espirito-Santo. Não deixaram os povos de acudir com o agradecimento ao regio deferimento á sua petição. Na mesma data da incorporação[37] agradecia o senado da camara a el-rei o *ter livrado o povo desta villa da sujeição do visconde de Asseca*, deçlarando ter assistido ao acto da destituição d'aquelle donatario com grande jubilo dos seus habitantes.

No correr d'esses tempos, na ebulição renascente d'essas commoções civis, fundaram-se na villa, graças ao espirito religioso da epoca, as igrejas da *Bôa Morte* e de *N. Senhora da Lapa*, como já ficou dito.

A igreja da Lapa começou-se a edificar em 1748 pelos missionarios p. Angelo de Siqueira e fr. Manuel da Cruz, como tambem já disse. Depois da devolução da capitania á corôa fundaram-se as igrejas da *Mãe dos Homens*, de *N. Senhora do Carmo*, de *S. Francisco* e de *N. Senhora do Rosario*. A de *S. Sebastião*, na freguezia do mesmo nome, foi edificada por esse mesmo tempo.

Com a pacificação dos animos, voltaram as cousas aos seus eixos e a povoação começou a desenvolver-se e medrar.

No vice-reinado do conde de Azambuja crearam-se no termo dous *terços* de milicias, um de auxiliares e outro de ordenanças ; o 1° composto de quatorze companhias, das quaes duas de cavallaria, oito de infantaria de homens brancos e quatro de homens pardos. Teve por primeiro *mestre de campo*[38] ao alcaide mór da villa de S. João da Barra, João José de Barcellos Coutinho. O pessoal d'este corpo não fôra determinado, mas orçava por mil e oitocentas praças. O terço de ordenanças era de dez companhias,

---

[37] V. o livro de registros da camara fl. 192 v. e 194 v.

[38] A antiga denominação de *terço* corresponde á moderna de *regimento*. *Mestre de campo* vale tanto como si se dissesse *coronel*. *Capitão-mór* corresponde ao actual posto de tenente-coronel.

das quaes uma de *forasteiros*. O seu 1° capitão-mór foi Thomé Alvares Pessanha.

Como Balthazar da Silva Lisboa nos seus *Annaes*, aproveito-me da paz e quietação de espirito de que então gosava a população campista, para descrever, e pelos proprios termos do auctor, o local em que se assentava a villa, hoje cidade, de S. Salvador de Campos dos Goytacazes e seu districto:

Todo o *paiz* é riquissimo pelas vastissimas campinas, que o constituem, de incomparavel fertilidade. A canna de assucar e todos os legumes, a mandioca, os fructos naturaes e aclimatados produzem de modo tal que excedem sempre as esperanças do agricultor. As suas mattas encerram todo o genero de madeiras uteis para a construcção naval e civil, *e até são abundantes de ouro os sertões do Rio Imbê.*

Descreve depois Balthazar Lisbôa os rios que regam a região e as suas amplas lagôas.

Os habitantes, que até então quasi que exclusivamente se empregavam na criação de gado, que vinham vender ao Rio de Janeiro, de 1753 em diante voltaram-se para a cultura das feracisssimas terras que possuiam, proprias para toda a qualidade de plantação, exportando o que lhes sobrava para a Bahia e Rio de Janeiro, em embarcações suas proprias, como fossem: milho, feijão, porcos, queijos, aves, além do assucar, que só por si se elevou em 1792 a quatro mil caixas, e muita madeira de construcção, especialmente taboado de tapinhoan.

O córte de madeiras, que era a principio livre, foi prohibido aos particulares por Carta Regia de 8 de março de 1773, dirigida ao vice-rei marquez de Lavradio, salvo as que tivessem de ser remettidas para o arsenal do Rio de Janeiro. Muita madeira foi de Campos para a marinha real e arsenal de Lisbôa. Até para reparo das fortalezas do Maranhão foram de uma vez d'essa procedencia mil e quinhentos pranchões de vinhatico.

Eis como, pelo seu lado, se exprime monsenhor Pizarro a respeito da fertilidade do solo de Campos dos Goytacazes:

« As terras sempre flexiveis á intenção do lavrador,

não dependem do subsidio do estrume, nem de multiplicados instrumentos, que as forcem a produzir. O terreno da Fazenda dos extinctos Jesuitas he tão benefico, que ainda hoje se colhe a melhor Cana, e os melhores effeitos, onde á mais de 80 annos se principiaram á cultivar sem interrupção.»

Isto escrevia monsenhor Pizarro ha mais de outros 80 annos, em 1819 ou 1820.

« Em outro tempo, continúa elle, era o algodão um dos generos de muita cultura, que já em rama, já em panos tecidos, saía para differentes lugares em porçoens avultadas ; mas a indolencia, e abandono deste ramo de Commercio, tem obrigado a substituir a sua falta com o algodão, ou manufacturado, ou simples, da Capitania do Espirito Santo. O milho, e o feijão, foram á principio outro objecto muito principal dos lavradores ; pois que o rendimento commum desses generos era de 100 por 1 ; e o milho produzia com tanta fartura, que chegou a vender-se á 20 réis cada alqueire ; porem sentindo hoje essa lavoura a mesma sorte, que outras semelhantes, apenas suppre o gasto dos habitantes do paiz, quando a estação felizmente coopera para a sua abundancia. O arroz he pouco cultivado ; não, porque deixe de nutrir-se avultadamente, e produza com sobeja parcimonia, mas por abranger a plantação da cana a maior parte dos cuidados dos lavradores. A cultura da mandióca nunca fartou a terra de farinha para sustento de seus habitantes, que sempre dependeram de soccorros extranhos, principalmente de Caravellas, e de S. Matheus. O trigo vegeta muito bem : o Caffé, e Cacáo tem propagado felizmente. O anil he producção espontanea do paiz... A baunilha se cria com fertilidade nos seus lugares nativos ; mas transplantada, nunca fructifica. A coxonilha he tratada por coriosidade : a amoreira nutre-se muito bem, e alguns sugeitos tem criado o bicho da seda. A hortaliça cresce sem repugnancia : a uva, e o figo, não se differençam dos criados no paiz Europeo : e finalmente o melão, e a melancia, quasi por todo o anno apparecem. Neste paiz se pode seguramente plantar em cada mez do anno, por não faltar a producção, quando com regularidade corre a estação.»

Referindo-se ao abandono da cultura dos demais generos, por preferirem o da canna de assucar, diz ainda o nosso auctor:

« á excepção do tabaco, cuja lavoura subsiste, por ter saida prompta, e certa a conveniencia. Em Macabú prospéra o de melhor qualidade. »

Do mestre de campo Barcellos Coutinho faz os maiores elogios Balthazar da Silva Lisbôa. Pela merecida influencia de que gosava, devida ao seu animo conciliador, benemerencia publica e muitos dotes naturaes, concorreu para a riqueza e prosperidade da terra natal *com hum luzimento que deslumbrava a expectação publica*. Restabeleceu-se por sua influencia a tranquillidade dos povos e *desapparecerão os vestigios da sua antiga ferocidade*.

No tempo do seu commando, por fins do anno de 1776, o vice-rei marquez de Lavradio ordenou-lhe que se preparasse com o seu terço para marchar ao primeiro signal de rebate para o Rio de Janeiro, por causa da guerra que então se trazia com a Hespanha e da qual a invasão da Ilha de Santa Catharina, em fevereiro de 1777, foi um triste episodio. Quinze dias depois d'esta ordem marchava o benemerito mestre de campo por Macahé e chegava á capital do vice-reinado a 27 de janeiro d'este ultimo anno, com duas companhias de cavallaria e quatro de infantaria de bravos campistas, que foram destacados parte para a fazenda de Santa Cruz e parte para a fortaleza do mesmo nome.

Quando em 1779 falleceu Barcellos Coutinho, depois de ter commandado o districto de Campos por espaço de 11 annos com exemplar rectidão e justiça, foi lamentada e sentida pela população inteira a sua perda. Succedeu-lhe no elevado posto seu filho, o capitão José Caetano de Barcellos Coutinho, com 26 annos apenas de idade. Commemoro os nomes d'estes distinctos conterraneos, porque os vejo apagados da memoria da geração actual.

D'essa data em diante até 1783 nada occorreu no seio da laboriosa familia campista digno de particular menção. Nessa epoca podia-se dizer da população ribeirinha do Parahyba: *Felizes os povos que não têm historia!* Apenas neste ultimo anno foi ella abalada pela *caçada*

real que se diz recrutamento; o tenente-coronel Antonio Joaquim de Velasco Molina, mandado para esse fim do Rio de Janeiro, derramou a matilha e fez um apanhado de 259 recrutas. Não sei de quantas mil almas era a população para avaliar da importancia do *tributo*, mas em 1754 era ella de 6,080 pessoas; pode-se calcular que seria de 7,000 em 1783.

Nesse tempo a matriz tinha só tres altares; no maior collocara-se o Tabernaculo, em um dos lateraes Santo Antonio e em outro a Senhora do Rosario. Desde 1754 cooperava a irmandade do Santissimo Sacramento para a regularidade e esplendor do culto divino; era decente o baptisterio e excellentes os paramentos do templo. Sob a sua jurisdicção, na comprehensão da villa, contava seis igrejas filiaes: a do Rozario e S. Benedicto (nesse tempo reunidos), erigida tambem pelos viscondes de Asseca, a da Lapa, ao lado da qual se edificára um seminario, a da Bôa-Morte, a da Mãe dos Homens, a do Carmo, a de S. Francisco, a do Terço e a capella de N. Senhora do Rosario do Sacco, distante 1, 6 k. do povoado, e para onde se faziam todos os annos concorridas e pias romarias pela festa do Espirito-Santo, romarias que ainda se fazem, mas sem aquelle ardor religioso e extraordinaria concurrencia de que pude alcançar os derradeiros vislumbres. Por esta saudade retrospectiva não vá agora o pio leitor chamar-me *laudator temporis acti!*.

Em 1797 concorreram os habitantes de Campos com 130 mil cruzados, ou sessenta e dous contos de réis, para as urgencias do reino, quantia avultadissima para o tempo presente e que para então pode-se dizer que fôra um donativo de principes. Concorreram além d'isso com uma grande porção de madeiras de construcção. « E esta não foi a unica vez, diz o visconde de Araruama, que elles derão iguaes provas de patriotismo. »

A 5 de dezembro do anno seguinte partiu da villa para a cidade do Rio de Janeiro o primeiro estafeta do correio. No 1° de janeiro de 1799 sahiu outro para a capitania do Espirito-Santo, a que Campos continuava annexada.

Em 1798 dera-se um facto, que não mereceria as

honras da chronica local, si não tivesse produzido commoção geral na villa. Andando um dia de passeio o ouvidor da comarca José Pinto Ribeiro, foi aggredido por um individuo, que tentou feril-o. O magistrado, que poude livrar-se da aggressão, tratou logo de processar o delinquente, participando o occorrido ao vice-rei conde de Resende. Este, lembrado das antigas dissensões intestinas d'estes povos e receiando alguma nova sublevação, mandára um destacamento de sessenta soldados, sob o commando do tenente-coronel Joaquim Xavier Curado,[39] que permaneceu na villa de 21 de novembro d'esse anno até dias de Julho de 1799.

Com o expirar do seculo encetára a população campista nova vida, cheia de pujança e tenacidade para o trabalho; o nascimento do actual viu continuarem os elos d'essa cadeia de prosperidade e desenvolução na via do progresso.

Ao abrir-se o corrente seculo estava todo o territorio da antiga *Capitania da Parahyba do Sul* repartido por quatro grandes senhores, que cultivavam quasi que exclusivamente a canna de assucar: as fazendas dos jesuitas, confiscadas no masculo governo do marquez de Pombal, tinham sido vendidas a Joaquim Vicente dos Reis (*Fazenda do Collegio*); os benedictinos administravam as suas (*Fazenda de S. Bento*); as fundadas por Salvador Corrêa de Sá continuavam nas mãos dos seus descendentes, os viscondes de Asseca, no mesmo pé de igualdade que os demais possuidores territoriaes (*Fazenda do Visconde*); a quarta porção, ao sul da Lagôa Feia na direcção de Macahé, creada por Miguel Ayres Maldonado, erigira-se em morgadio da familia Barcellos (*Fazenda do Morgado*).[40]

O municipio de Campos que, segundo Augusto de Saint-Hilaire, possuia em 1769 apenas 56 engenhos de assucar, segundo o mesmo illustre viajante contava já 168 em 1778; d'esse anno ao de 1801 o seu numero subiu a 200; 15 annos mais tarde elevava-se a 360 e em

[39] Morreu general e conde de S. João das Duas Barras.

[40] Pertence hoje na maxima parte á familia Araruama.

1820 havia no districto 400 engenhos e 12 fabricas de distillação.

Sem fallar no seu proprio consumo, sahiram de Campos nos annos anteriores a 1818 cêrca de 8,000 caixas de assucar e 5 a 6,000 pipas de cachaça.

Referindo-se ás fabricas de assucar do municipio, diz Pizarro, *quasi todas fundadas entre a Lagôa Feia, e o Rio Paraiba, e pelas margens do Muriaé,* até 1769 havia 56 engenhos, entre grandes e pequenos ; de 1770 a 1778 subiram a 168 e de então até 1801 se contavam 280, dos quaes 98 grandes, e quando escrevia as suas *Memorias*, publicadas em 1820, numeravam-se 400.

O consideravel desenvolvimento que tiveram a população e edificação da villa de S. Salvador induzira seus habitantes a requererem do governo geral a creação de um lugar de *juiz de fóra* para o seu districto. Por decreto de 5 de março de 1800 teve a petição favoravel deferimento. Creado o lugar, o decreto de 11 de novembro do anno seguinte preenchia-o nomeando para servil-o a Sebastião Luiz Tinoco da Silva, que d'elle tomou posse a 11 de abril de 1803. Tinoco da Silva foi depois um dos primitivos senadores que teve a provincia de Minas-Geraes e como tal falleceu a 11 de junho de 1839. De 1805 em diante exercitou elle tambem a sua jurisdicção na villa de S. João da Barra. Nesse mesmo anno dividiu-se o officio de tabellião do publico, judicial e notas de S. Salvador e ordenou-se que escrevessem ambos tanto nas causas civeis, como nas crimes, por distribuição, o que começou a ter execução em 1806, sendo juiz de fóra José de Azevedo Cabral.

O bacharel Manuel Joaquim da Silveira Felix foi nomeado juiz de fóra para Campos por despacho de 13 de maio de 1812, anniversario natalicio de d. João VI. São os dous unicos de que tenho noticia.

A vaccina, importada por um meio engenhoso para a colonia em 1804, e propagada na Bahia por esforços do benemerito marquez de Barbacena, foi introduzida pela primeira vez em Campos em 1805, por diligencias do coronel Joaquim Vicente dos Reis.

A' chegada da familia real ao Rio de Janeiro,

convertido logo em *côrte* de toda a monarchia portugueza, um decreto determinou que todo aquelle que quizesse voluntariamente servir na tropa de linha serviria só 8 annos. Então cincoenta e oito voluntarios campistas partiram para o Rio de Janeiro. Pouco depois, o tenente-coronel Felix Merme, encarregado do recrutamento no termo de Campos, conseguiu em 15 dias 127 recrutas.

Em 1689 tivera a villa a visita pastoral do diocesano d. José de Barros Alarcão. Em 1749 visitou-a o bispo titular de *Areópoli.* Em 1812 o bispo d. José Caetano da Silva Coutinho percorreu-a por sua vez como pastor e a ella voltou em 1819. O bispo conde de Irajá, de saudosa memoria, honrou tambem a cidade de Campos com a sua presença.

A viuva do capitalista do Rio de Janeiro coronel Braz Carneiro Leão, que havia prestado valioso auxilio pecuniario ao Estado á chegada da familia real ao Brazil, teve o titulo de *Baroneza de S. Salvador de Campos*, titulo que, ampliado depois ao de visconde, tocou mais tarde a seu filho José Alexandre Carneiro Leão.

Não quero deixar de consignar nestas paginas uma data pessoal; tal é a consideração e respeito que me merece a sua memoria: Manuel Antonio Ribeiro de Castro prestou juramento do cargo de capitão-mór do districto de Campos em 30 de abril de 1812. Falleceu barão de Santa Rita, 1° do titulo, a 26 de maio de 1854, deixando, entre filhos e netos, uma descendencia de 70 pessoas, que o veneravam e a quem dera sempre o exemplo do trabalho intelligente e perseverante e o de muitas das virtudes que enobrecem o coração e constituem o caracter.

A primeira noticia que subsiste de escolas creadas no municipio data de 1831. Nesse anno, por decreto de 25 de outubro da Regencia trina, assignado por José Lino Coutinho como ministro dos negocios do Imperio, estabeleceram-se tres escolas de primeiras lettras: uma, de ensino mutuo, na villa de S. Salvador, com o ordenado annual de 400$; outra na Aldêa da Pedra com o de 200$; outra na villa de S. João da Barra, *pelo methodo antigo, si não puder ser pelo de Lencaster* (dizia o decreto), com o ordenado de 250$000.

Para dar tal ou qual idéa do movimento intellectual da população campista nessa epoca memoravel, em que a agitação dos espiritos solevantados pelos acontecimentos politicos não se circumscreveu á capital do nascente Imperio, darei resumida e de certo incompleta conta dos periodicos que então se publicavam em Campos e de alguns que até a presente data se publicaram e subsistem.

Em 1831, no 1° de janeiro, sahiu á luz o primeiro periodico que teve a villa, o *Correio Constitucional Campista*, de que era editor e proprietario Antonio José da Silva Arcos, brasileiro adoptivo, que ainda cheguei a conhecer, e tinha por principal redactor o dr. Francisco José Alypio, tão distincto medico como exaltado patriota, que morreu ás mãos do assassino a 21 de dezembro de 1834, não sei si victima das suas opiniões politicas, si immolado á vindicta particular. Do *Correio Constitucional Campista* publicaram-se 76 nos. ou pouco mais, sendo o ultimo, que tenho á vista, de 21 de dezembro de 1831.

No anno d'essa catastrophe redigia ainda o dr. Alypio o *Campista* de parceria com o dr. José Gomes da Fonseca Parahyba, tendo antes, ainda em 1831, redigido *O Goytacaz*. Ficam assim desde já mencionados tres dos primeiros focos de irradiação do pensamento local no immenso scenario da imprensa.

Do *Campista*, um d'elles, de que possuo a collecção mais completa, graças á generosidade do snr. tenente coronel José Joaquim de Moraes, sahiram 96 nos., de 1 de janeiro de 1834 a 31 de dezembro do mesmo anno ; era impresso na *Typ. Patriotica de Parahyba, e Alypio*, in-fol. peq. a 2 columnas.

O Pharol de Campos, que depois passou a denominar-se *O Farol Campista*, appareceu poucos dias após o *Correio Constitucional*. *O Simplicio* é d'esse mesmo tempo.

Da leitura do *Campista* se deprehende que naquelle mesmo anno de 1834 se publicava tambem na villa *O Mosquito*, de que era redactor Prudencio Joaquim de Bessa, que mais tarde redigiu tambem a *Malagueta*,

cuja epigraphe em verso terminava pelo seguinte conceito :

Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha ;

Prudencio Bessa morreu ha pouco, ainda agarrado á sua paixão dominante, redigindo, depois da *A Ordem*, o seu derradeiro periodico, *O Independente*, já então valetudinario e visivelmente inclinado para o tumulo : era um ardente polemista, para quem a luta era um elemento de vida, e um espirito de variada cultura.

O *Campista* dá-nos ainda noticia da existencia, no referido anno de 1834, da *A Novidade*, *O Popular*, *O Mentiroso*, *O Diabo Coxo*, que substituia *O mosquito*, e por ventura mais outros, cujos nomes não desespéro ainda de apurar.

O povo, cuja indole primigenia ficou esboçada, affeiçoou-se bem depressa a esta valvula aberta ás paixões politicas, então effervescentes por causa dos importantes successos do tempo e, porque o não o direi ?— outrosim aberta ás paixões menos nobres, aos mexericos de campanario. Os memoraveis acontecimentos que abalaram o nascente Imperio desde 7 de abril e cuja influencia se prolongou até á morte do 1° imperador, tiveram grande repercussão em Campos, não só na imprensa periodica, como em publicações e associações de caracter e intuitos mais duradouros. Tenho á mão um exemplar dos *Estatutos da sociedade campista anti-restauradora*, impressos na *Typographia patriotica de Parahyba, e Alypio* em 1834, que são um documento do facto.

Do *Correio Constitucional Campista* dizia Evaristo Ferreira da Veiga, o eminente patriota mineiro, no seu *Diario Mercantil* de 12 de janeiro de 1831 :

« As luzes se vão propagando rapidamente por todo o Brazil, graças ao benefico influxo de uma Constituição liberal ! A villa de Campos possue hoje um periodico, O *Correio Campista*, escripto no sentido nacional, e que apparecerá duas vezes por semana. Vimos o 1° n. d'esta folha, que contém alguns artigos mui bem escriptos.»

Teve as honras d'este baptismo solemne o primeiro periodico de Campos.

De então até hoje quantos jornaes não se têm publicado naquelle recanto do Imperio! Longa iria a lista dos que já desappareceram de ha muito da arena jornalistica. Mencionando apenas os mais importantes tem-se ainda assim os seguintes, extinctos pharoes, cuja luz não foi sem proveito para esclarecer o povo nos seus direitos e deveres e pôl-o ao nivel do adiantamento intellectual do seculo:

A Regeneração, redigida pelo bacharel Eduardo Manuel Francisco da Silva, que mais tarde creou e redigiu *O Paiz*; *A Alvorada Campista*, redigida pelo dr. Miguel Antonio Heredia de Sá, que redigiu depois *A Gazeta de Campos*; *O Diario de Campos*, orgão do partido conservador, sem redacção ostensiva e singular; *O Independente*, redigido por Prudencio Bessa, que redigira proximamente antes *A Ordem*; o *Commercio de Campos, S. Fidelis e S. João da Barra*, redigido pelo dr. Domingos Maria Gonçalves, que ainda redigiu outro; *O Futuro*, orgão do partido liberal, redigido principalmente pelo dr. Manuel Rodrigues Peixoto; *O Jornal da Provincia*, de que por fim era redactor e proprietario o commendador Guilherme Klerk.

O decano porém de todos elles e que imperterrito se mantem na estacada é o *Monitor Campista*, presentemente o 3° dos jornaes do Imperio em longevidade. Fundado em 1840 por Evaristo José Pereira da Silva e Abreu, passou depois a seu genro Eugenio Bricolens, cidadão francez, e por sua morte ao dr. Domingos de Alvarenga Pinto, que ainda superintende nelle, mas legou a sua propriedade a seus filhos Attila, João e Roberto de Alvarenga. O 2° d'elles e o dr. Francisco Portella são os seus actuaes redactores. Tenho á vista o 1° n. do *Monitor Campista*, de *terça-feira* 31 *de março de* 1840, mandado reproduzir pela sua benemerita redacção actual.

Ha mais de 40 annos pois que esse conceituado orgão de publicidade, hoje diario, se conserva no seu posto de honra.

Em 1881 publicam-se tambem na cidade de Campos

o *Diario Popular*, sob a redacção dos drs. Manuel Joaquim da Silva Pinto e Antero Fernandes Cassalho de Oliveira; a *Gazeta do Commercio*, propriedade dos srs. Francisco Luiz Minucci & C., e a *Matraca*, por ventura o mais avidamente procurado de todos, porque sabe aguçar a curiosidade publica explorando o escandalo, de que é redactor ostensivo Victor Benoit.

—

Em 1753, como disse, foi este municipio annexado á provincia, então capitania, do Espirito-Santo, da qual se desligou em 1832, por lei geral de 31 de agosto, passando de novo a fazer parte da do Rio de Janeiro, a que ficou até hoje incorporado. Por esse mesmo tempo foi a villa de S. Salvador de Campos designada por cabeça de uma nova comarca de seu mesmo nome, instituindo-se nella, refere Milliet de Saint-Adolphe, além das cadeiras de latim e de primeiras lettras, que já existiam, as de mathematica, philosophia, rhetorica, francez, e uma escola primaria para o sexo feminino.

—

Transportarei para estas paginas o conceito que da indole da população campista formava em 1819 um distincto patricio, José Carneiro da Silva, cuja *Memoria Topographica* tem sido aqui tantas vezes invocada :

« Os naturaes dos Campos são hospitaleiros, e Sociaveis, e amão com extremo a sua Patria. Nelles reina o espirito de bazofia, ou gloria. São inclinados a Festas, no que consomem grande parte das suas rendas, são gastadores, e poucos ha naturaes do Paiz, que ajuntem riquezas, pela pouca economia, que tem ; ao mesmo tempo que os Europeos logo enriquecem : são poucos os que se inclinão ás Sciencias, e por isso he pequeno o numero daquelles, que as cultivão ».

Como se vê, este juizo teria actualmente de ser em grande parte reformado pelo proprio auctor, si ainda vivesse.

Balthazar Lisboa dissera dos campistas nossos predecessores, nos *Annaes do Rio de Janeiro* I, cap. VIII, § 44:

« Os habitantes supposto fossem cheios de um espirito inquieto e dados á preguiça, que apenas se occupavão na creação do gado que conduzião para o Rio de Janeiro, comtudo desde aquella época de 1752 se entregárão ao amor do trabalho, e desenvolvimento de todo o genero de agricultura, a que prodigiosamente forão levados os habitantes que a cultivão com todo o affinco, não só os mantimentos da primeira necessidade, exportando nas suas proprias embarcações para o Rio e para a Bahia, com copiosa quantidade de milho, feijão, queijos, porcos, e criações de aves, como de caixas de assucar, cujo prodigioso producto montava em 1792 a quatro mil caixas, e immensa copia de taboado de Itapinhoan que levantárão muitas fabricas de tonnelaria, que se importa tambem para esta famosa capital. »

—

Houve em 1833 uma extraordinaria enchente do Parahyba, que chegou a seu maximo a 13 de fevereiro, arruinando muitas casas, derribando outras, submergindo extensos campos e causando enormes prejuizos á villa e seu municipio.

Por essa occasião o governo mandou como soccorro á parte indigente da população 900 saccas de farinha e 100 com milho, de 2 1/2 alqueires cada uma, isto é, 2,250 alqueires de farinha e 250 de milho. Henrique José de Araujo, do Rio de Janeiro, mandou 100 arrobas de carne secca. Creio que o governo enviou mais 300 saccos de farinha e 400 de milho. O fiscal de S. Sebastião e diversos cidadãos acudiram com donativos de dinheiro e mantimentos. Até da villa de Areias, na provincia de S. Paulo, soccorreu a respectiva camara com a quantia de 728$870 á população campista. Uma subscripção agenciada na côrte rendeu 11:434$000, réis dos quaes o governo deduziu a importancia dos mantimentos que mandára, ficando ainda de resto 3:657$360 réis.

As camaras municipaes de S. João do Principe e de Rezende enviaram tambem soccorro em dinheiro.

Em virtude do *Acto addicional* ou *Lei das reformas constitucionaes*, promulgada em agosto de 1824, crearam-se as assembléas provinciaes. Um dos primeiros actos da do Rio de Janeiro foi a elevação da villa de S. Salvador á categoria de cidade com o nome de *Campos dos Goytacazes*, por decreto legislativo n. 6, de 28 de março de 1835.

A 21 de setembro de 1834 fundara-se em Campos a *Caixa Economica*, instituição particular, que ainda perdura e tem ido sempre em ascendente prosperidade, graças á sabia administração que tem tido a felicidade de possuir sempre na pessoa do snr. tenente coronel José Joaquim de Moraes, seu thesoureiro, a quem rendo aqui a homenagem da minha consideração e respeito. Fundada por 57 accionistas, com o modesto capital de tres contos novecentos e cincoenta mil réis, em fins de 1881 possuia um fundo social de mais de tres mil contos. Em outubro de 1877 contava ella 5690 socios.

A' sua primeira assembléa geral, que se effectuou no consistorio da igreja da Misericordia e foi presidida por d. Manuel de Assis Mascarenhas, que falleceu em 1867 senador do Imperio pela provincia do Rio Grande do Norte ; a essa reunião, digo, em que ficou a *Caixa Economica* definitivamente organizada, concorreram 25 accionistas, dos quaes subsistem o seu actual thesoureiro e o snr. Thomé José Ferreira Tinoco.

Ao dr. Domingos José Vieira Ribeiro, advogado de nome no fôro campista, deve-se a elaboração dos seus estatutos, modelados pelos da Caixa Economica da Côrte, pouco antes fundada por influencia e esforços de Evaristo Ferreira da Veiga.

Com pouco mais terminarei a minha tarefa quanto aos factos relativamente notaveis da historia do municipio.

Em 1847 visita o Imperador, ainda então bem moço e quasi imberbe, a cidade de Campos, onde entrou a 25 de março e permaneceu até 7 de abril, percorrendo nesse espaço de tempo algumas das mais importantes locali-

dades e fazendas do districto, cuja prosperidade teve S. M. ensejo de ver pela primeira vez de perto : S. M. a Imperatriz o acompanhava.

O Imperador tem-n'a depois visitado mais vezes, como por occasião de se assentar a pedra fundamental da estação central da via-ferrea de Carangola e em 1878 (a 22 de novembro) quando se inaugurou a *Usina-Barcellos* no visinho municipio de S. João da Barra.

A Princeza Imperial e seu consorte o snr. Conde d'Eu, visitaram-n'a de 10 a 30 de junho de 1868.

Tendo-se em todo o tempo reconhecido a necessidade de um estabelecimento superior de instrucção em Campos, ideia generosa e proficua que se ventila de novo agora, a lei provincial de 14 de março de 1844 creára um Lyceu na cidade, applicando-lhe as disposições da lei que regulava o de Angra dos Reis. A 11 de abril de 1847 installou-se elle no consistorio da igreja de N. Senhora do Terço, lugar sem duvida improprio para um estabelecimento d'essa natureza pela carencia de espaço para as accommodações exigidas, collocado no centro da povoação, onde, por essas e outras causas, vegetou por algum tempo até encerrar-se de vez.

Em 1880 votou a assembléa provincial, por indicação dos drs. Francisco Portella e Candido de Lacerda, a creação de um estabelecimento do mesmo genero, que ainda não teve começo de execução.

A ideia pois não morreu e tenho fé que vingará algum dia : um traço feliz de penna da administração superior da provincia converterá em fecunda realidade esta fervente aspiração campista.

A cidade de Campos foi a primeira no Imperio que cogitou de levar a effeito uma exposição publica dos productos artisticos, industriaes, commerciaes e agricolas do municipio, tentativa auspiciosa, que, pela sua primazia, o campista recordará sempre com desvanecimento, porque na sua realização não entrou o elemento governamental, que lhe desvirtuaria o caracter : foi um commettimento puramente municipal, [41] promovido pela iniciativa local

---

[41] A exposição realizou-se a 7 de setembro.

personificada no notabilissimo artista Francisco de Paula Bellido, que era uma encyclopedia viva, e no dr. Francisco Portella. Bellido desde 9 de dezembro de 1873 que pagou á terra o pesado tributo que a ella devemos.

Ao dr. Portella, valentemente auxiliado pelo distincto campista José Pinto Cambucá, deve tambem a cidade a creação da primeira bibliotheca que teve franqueada ao publico. Refiro-me á da *Sociedade brazileira de beneficencia de Campos*, a qual se inaugurou sob a sua fecunda presidencia a 11 de janeiro de 1874 com 3,014 volumes, que hoje (1881) passam de 6,000. Por uma activa e bem dirigida administração conseguiram aquelles dous esforçados batalhadores elevar a sociedade, que arrastava uma existencia precaria e ingloria, a um lisongeiro grau de prosperidade, que não pudera attingir antes nem soube conservar depois.

Antes d'essa fôra creada a *Bibliotheca Municipal de Campos* pela lei provincial de 20 de dezembro de 1871, e dera-se-lhe regulamento a 1 de março de 1873. Cumpre porém confessar que á *Bibliotheca municipal* tem faltado o bafejo benefico de uma d'essas vontades de ferro que sabem crear aonde nada existe ou dar o devido desenvolvimento ás ideias em germen. Está essa bibliotheca ainda por organizar, deve contar um numero muito reduzido de livros e não tem sido aproveitada pelo publico ledor.

A cidade de Campos, que a principio era illuminada a azeite, passou depois a alumiar-se a kerosene e, de 7 de setembro de 1872, do mesmo dia em que se inaugurava na côrte a estatua do venerando patriarcha da Independencia, começou a ser illuminada a gaz corrente, tendo assentado o seu gazometro, hoje de propriedade do snr. Wiliams Schuly, abaixo da Lapa. Falla-se em dotal-a com a luz electrica, vindo assim a ser a primeira cidade não só do Brasil, como de toda a America do Sul, que gose d'esse ousado melhoramento.

A 2 de dezembro de 1861 inaugurara-se solemnemente a linha terminal do canal de Campos a Macahé, via de communicação que não deu os resultados que d'ella se esperavam, pela natureza dos terrenos em que foi aberto:

teria entretanto a vantagem de offerecer um recurso á exhorbitancia da tarifa da E. de Ferro do mesmo nome.

Desde 2 de dezembro de 1869 está a cidade de Campos dos Goytacazes ligada á capital do Imperio pelo fio telegraphico, que tem a extensão de 96 kilometros até Macahé; e desde 2 de abril do anno seguinte se communica do mesmo modo com a cidade de S. João da Barra.

Contam a cidade e freguezias ruraes grande numero de collegios e escolas de instrucção elementar e secundaria, tanto publicas como particulares. De uns e de outros tratarei em seu lugar proprio.

Nella e seu municipio funccionam tres estradas de ferro: a da cidade á S. Sebastião, a de Campos a Macahé e a de Carangola, tambem opportunamente tratadas na presente *memoria*.

Tem o municipio em si muitos elementos de prospedade e grandes recursos para viver vida propria. E' o mais populoso, commercial e productivo da provincia, para cujo cofre contribue com uma subida renda, e, si mais attenção merecesse dos publicos poderes, faria a cidade de Campos inveja a muitas das capitaes das grandes provincias.

Para não ser taxado de suspeito valho-me da opinião de um dos espiritos mais levantados da geração moderna e juiz competente. O snr. dr. João José Carneiro da Silva na sua citada *Noticia descriptiva do Municipio de Macahé* faz o seguinte vaticinio acêrca de Campos, a proposito da sua exportação:

« Campos é um municipio de grande futuro não só para a lavoura de café, como de assucar. As ferteis e virgens regiões do alto Muriahé, do Carangola, do Itabapoana, do Rio Doce em futuro proximo serão desbravadas e cultivadas pelo contacto civilisador das estradas de ferro que para lá se encaminham. Virá, em seguida a esses trabalhos preparatorios, a onda da immigração, e os desertos se converterão em centros de civilisação ».

Encantadora perspectiva, que nos tonifica a fibra do patriotismo! Formosa prophecia, que o tempo se encarregará pelo certo de realisar em todas as suas partes, convertendo em facto consummado as esperanças do illustre

macahense, que quasi contamos por campista e cujo amor ao meu patrio torrão muito honra a esta terra dos indomaveis goytacazes.

A respeito da futura provincia diz elle ainda :

« A creação da provincia de Campos e o estabelecimento do commercio directo do porto de Macahé—são os dous pontos objectivos a que tendem todos os espiritos que se occupam com os interesses geraes desta importante e auspiciosa zona.

« Toda esta região foi outr'ora conhecida sob a denominação de Campos dos Goytacazes e é portanto de justiça que o nome da nova provincia recorde estes tempos primitivos. Assim tambem Campos, pela sua posição central, pela importancia do seu actual movimento commercial e agricola, está no direito de aspirar a ser a capital da nova provincia. Macahé, pelo seu porto, já bom e susceptivel de ser ainda optimo, e por achar-se no ponto onde vêm affluir todas as vias ferreas existentes e projectadas, está predestinada a ser o emporio commercial e manufactureiro da nova provincia.

« Esta nova provincia, tendo em attenção os laços hoje creados pela sede das estradas de ferro, devia abranger os municipios de Macahé, Santa Maria Magdalena, S. Fidelis, Campos, S. João da Barra e Barra de S. João. E alem disso essa parte da provincia de Minas que ha de ser influenciada pelas mesmas estradas.

« A estrada de Nictheroy a Campos, uma vez concluida, collocaria esta zona em communicação prompta com a Côrte, que será sempre o ponto attractivo da maior somma de viandantes, e igualmente importante mercado onde se consumirá parte dos productos da nova provincia. O prolongamento da estrada de ferro de S. Sebastião através dos Campos da Bôa Vista e de Capivary, e orlando as margens da Lagôa Feia até á estrada de ferro de Quissamã, serviria importantes zonas dos municipios de Campos e Macahé, e serviria aos interesses dos futuros Engenhos Centraes que se estabelecessem nas terras innateiradas pelas aguas turvas do grande lago, e aos interesses da industria pecuaria, que encontra ahi bases para um grande desenvolvimento, capaz de satisfazer, em mais

remoto futuro, quando crescer a população da nova provincia, as necessidades de um grande consumo de carne verde e de lacticinios.

« Independentemente da creação da nova provincia, esta zona (*de Campos e de Macahé*) está preparada para tomar um grande impulso desde que em Macahé o Governo estabelecer uma agencia de immigração, e que alguns capitalistas, aproveitando-se das franquezas aduaneiras que já existem e de outras que poderão ser solicitadas, se resolverem a crear em Macahé importantes casas de commissões com relações commerciaes em alguns portos do Imperio, com a Europa e com o Rio da Prata, fomentando ao mesmo tempo a fundação de industrias, como a manufactura de tecidos de lã, algodão, a manufactura de estrumes chimicos, que servirão para aproveitar as materias primas—lã, ossos e outras, que a região do Prata exporta para a Europa ».

E' voto porém do auctor d'estas paginas, não que a convertam em provincia: seria uma das mais insignificantes e de 2ª ou 3ª ordem do Imperio ; mas que façam de Campos a capital da provincia do Rio de Janeiro. Então, a formosa neta dos indomitos goytacazes, a risonha sultana do Parahyba, desempenharia o poetico nome, que lhe puzeram os seus aborigenes, de *Goytacamopi* — *Campos das delicias*,—e nada teria que invejar ás capitaes das demais provincias do Brazil.

O actual territorio do municipio, que d'antes, como já disse, comprehendia mais o de S. Fidelis e o de S. João da Barra, hoje separados, tem 5,415,10 k. quadrados de superficie.

O seu terreno é especialmente adaptado, na parte plana e alagadiça, que tem de extensão 1,338 k. quadrados, á cultura do arroz, que todavia dá bem em todo o municipio ; e não só nessa parte como nas terras altas do Muriahé, á da canna de assucar, café, milho, feijão, algodão, mandioca, fumo, anil, cacau, e é o mais apropriado possivel para a criação de gado vaccum, cavallar, lanigero e suino.

Faz-se em todo o municipio muito uso do fumo, importado todo da côrte, quando esta planta dá perfeitamente sem cultivo nenhum em Campos.

Traçando agora uma breve noticia das freguezias de que se compõe o municipio actual, tenho desempenhado o espontaneo compromisso tomado quanto aos lineamentos da sua historia.

TOPOGRAPHIA

§ 1.º

Pertencente á freguezia de S. Salvador e edificada na margem austral e direita do Parahyba, que neste ponto fórma um como sacco ou enseada, têm a cidade de Campos quasi 4 kilometros de extensão pela beira-rio, que é a mais longa de suas ruas, e seguramente metade na sua maior largura para o interior.

Começarei pela cidade.

Fica esta ao nordeste da capital do Imperio, em 21°, 32' de lat. S. e 43°, 38' de long. occidental.

Diz a seu respeito Balthazar da Silva Lisboa nos *Annaes do Rio de Janeiro*, I:

« He situada a Villa na latitude de vinte e hum gráos e meio, distante nove legoas da costa do mar, e da de S. João da Barra oito, tem a sua situação na costa, e ambas na margem do grande Rio Parahiba da parte do Sul, todo o paiz he riquissimo pelas vastissimas campinas que possue de huma fertilidade incomparavel. As canas de assucar e todos os legumes, a mandioca, os fructos naturaes e aclimatados produzem de huma maneira tal, que supera as esperanças do agricultor : as suas matas são cheias de todo o genero de madeiras uteis para as construcções navaes e do commercio, e para obras da necessidade e luxo, e até são abundantes de ouro os sertões do rio Imbé. »

Como se deixou dito, foi esta a primeira parochia creada no municipio. A sua instituição data de 1674. Teve a categoria de cidade em 1835.

Ruas, praças, largos, beccos e travessas da cidade de Campos dos Goytacazes [42]

Rua de Pedro II (antiga *Beira-rio*).
» Primeiro de Março (antiga *Direita*).
» dos Andradas (antiga *Traz do Rosario*).
» do Rosario.
» do Ouvidor.
» da Quitanda.
» do Conselho.
» do Barão de Amazonas (antiga *do Alecrim*).
» do Sacramento.
» Formosa.
» do Proposito.
» da Constituição.
» do Furtado.
» de S. Bento.
» Voluntarios da Patria.
» Sete de Setembro (antiga *das Flôres*).
» das Cabeças.
» de Santa Iphigenia.
» dos Frades.
» do Principe.
» da Imperatriz.
» Nova do Ouvidor.
» das Cancellas.
» Detraz da Matriz.
» do Mafra.
» da Bôa-Morte.
» do Riachuelo.
» do Leão.

---

[42] Informação dada em 1867 ao snr. dr. A. J. de Mello Moraes.

Rua do Cabral.
» de Gil de Góes.
» de Salvador Corrêa.
» do Barão.
» da Baroneza.
» do Conselheiro Thomaz Coelho.
» do Conselheiro Costa Pereira.
» das Covas d'Areia.

PRAÇAS E LARGOS

Praça de S. Salvador (antiga *Praça Principal*).
» do Imperador.
» da Imperatriz.
» das Verduras (ou *da Quitanda*).
Largo do Rosario.
» do Rocio.
» do Capim ou do Pelourinho.

TRAVESSAS E BECCOS

Travessa do Carmo.
» do Curral.
Becco do Barroso.
» do Busca.
» do Constantino.

CEMITERIOS

Cemiterio Publico.
» do Carmo.
» de S. Francisco.
» do Rosario.
» do Terço.

ESTRADAS

Estrada de Anna Benta (ou *rua do Vallão*, porque acompanha o canal de Campos a Macahé).
» do Sacco.
» do Becco.
» do Rumo.

PORTOS

Porto da Princeza (antigo *da Cadeia*).
» de Anna Maria.
» das Pedras.
» da Lancha.
» do Fragata.
» da Escada.
» de José da Silva (ou *da Banca*).
» Novo.
» do Pelourinho.
» da Lapa.

CASAS DE FUNDIÇÃO

Lelarge & Mignot.
Fundição do Fundão (do dr. Caetano da Rocha Pacova, hoje extincta).
Fundição de João Pinto da Motta Porto.
Fabrica do barão da Lagôa Dourada, hoje de Francisco Eugenio Magarinos Torres & Comp.

EDIFICIOS NOTAVEIS

Palacete do barão da Lagôa Dourada.
» do commendador João Joaquim de Sá e Costa.
» da baroneza do Muriahé (*Beira-rio*).
Casa da Camara Municipal.
Palacete do barão de Bôa-Viagem.
Santa Casa da Misericordia.
Asylo de Nossa Senhora da Lapa.
Hospital da Beneficencia Portugueza.
» da Ordem 3.ª de S. Francisco (por concluir).
Chacara e palacete do dr. José Pinto Rodrigues de Brito.
Theatro S. Salvador.
Fazenda do Becco.
» do Queimado.

« A cidade está situada na margem direita do Rio Parahyba, a oito leguas da foz, em terreno ligeiramente accidentado. As ruas são mal alinhadas, estreitas e tortuosas, as casas mal construidas, pois são feitas de tijolos

e raras são as que têm as 4 paredes de pedra e cal, pois que, não havendo pedreiras na cidade, a pedra vem de longe, dos lados de S. Fidelis. A cantaria vem do Rio de Janeiro e fica aqui por alto preço. O rio Parahyba no tempo das aguas toma grandes proporções e torna-se caudaloso, a ponto de alguns annos inundar a parte da cidade que fica proxima ao rio. E' navegado por 3 vapores: *União*, *Agente* e *Muriahé*, que facilitão as communicações com S. Fidelis, S. João da Barra, Campos e Muriahé.

« O commercio foi grande e abastado, mas hoje está limitado, de sorte que os fazendeiros são obrigados a embarcar os seus generos para o Rio de Janeiro, sujeitando-se a quebras, á baixa no preço e a muitos outros accidentes de um commercio fluctuante.

« Ha muitas e abastadas fazendas, com machinas de vapor, turbinas e grandes alambiques de distillação.

« Os generos de 1ª ordem são em geral de alto preço e pouco abundantes.

« Ha muito luxo e nenhuma sociabilidade: vive-se isoladamente.

« Ha 2 edificios publicos: a cadêa, mal construida, sem condição alguma hygienica e com pouca segurança mesmo; os proprios presos quasi que se guardão a si mesmos; a Camara Municipal, e o *forum*, que é por baixo da dita camara, não tem proporções dos edificios publicos nem luxo correspondente.

« E' uma verdadeira miseria.

« Ambas as casas são alugadas.

« As sessões do Jury fazem-se na sala da Camara.

« Ha um grande e magestoso edificio, construido na Rua de S. Bento em uma pequena eminencia, que é o Hospital da Sociedade de Beneficencia Portugueza.... »

—

Assentada a freguezia de S. Salvador em uma planicie de 342 kilometros quadrados de extensão, são suas terras apropriadas a todo o genero de cultura, especialmente á da canna de assucar, do arroz, milho, e outros cereaes, de que entretanto só tira partido para seu proprio consumo.

Tem esta freguezia 55 fazendas ou engenhos de assucar, dotados quasi todos de machinismos movidos a vapor ; alguns d'elles possuem os apparelhos mais apropriados para o fabrico do assucar, moendo as suas proprias cannas e as dos pequenos lavradores circumvisinhos. D'estes ultimos, denominados *engenhos centraes* ou *usinas*, existem o do *Queimado*, o do *Cupim*, o da *Conceição*, o da *Figueira*. D'estas 55 fazendas, 38 são servidas por vapor e 17 movidas por animaes.

Além das especialmente nomeadas, merecem particular menção, pela sua importancia, a fazenda do *Becco*, de propriedade do snr. coronel Miguel Ribeiro da Motta, que pertenceu outr'ora ao barão de Carapebús ; a *Fazenda Grande*, da viuva de Miguel José Ferreira Conteiro ; a do *Sacco*, do dr. Julio de Miranda e Silva ; a da *Cacumanga*, da viuva de Chrysantho Leite Pereira de Sá ; e a de *Santa Cruz*, do snr. commendador Julião Baptista Pereira de Almeida. O snr. commendador Julião Baptista é um lavrador benemerito : foi o primeiro que, ha 30 annos, abalando pelos alicerces a velha rotina, introduziu na lavoura campista os machinismos da importante casa Cail, que foram depois adoptados em outras fazendas do municipio.

Com os seus 342 k. de superficie tem a cidade e parochia uma população de 11,511 habitantes livres, ou quasi 34 habitantes por kilometro quadrado.

Em 1754 tinha a então villa de S. Salvador uma população de 6,080 *pessoas de sacramento*, como se exprime Balthazar da Silva Lisboa nos seus *Annaes*, derramada por 980 fogos. Em 1814 dá-lhe o visconde de Araruama 1,102 casas, *segundo o alistamento que se tirou para a decima*, e seis a oito mil almas.

Na sua *Voyage dans l'interieur du Brésil* (2ª parte) dá Auguste de Saint-Hilaire, em 1816, a população seguinte ao municipio :

Livres......................	14,560
Escravos.....................	17,357
Total............	31,917

« Havia por legua quadrada, diz elle, 13 vezes mais habitantes que em toda a provincia de Minas-Geraes, 4 vezes mais do que na comarca de S. João em particular, e apenas 10 vezes menos que em França. »

Pelo recenseamento cuidadosamente feito em 1873 pelo barão, hoje visconde de Pirapetinga, que mereceu os applausos dos encarregados superiores do recenseamento geral do Imperio, – a população da cidade e seu municipio em junho d'aquelle anno era de 19,520 almas, sendo :

Livres......................	11,279	
Ingenuos....................	232	
Escravos....................	8,009	
	———	19,520

Brazileiros...................	16,769
Nacionalidades diversas........	12,751

Dos extrangeiros, 1,690 eram africanos.

Sabiam ler..................	4,881	
Frequentavam escolas.........	686	
Analphabetos................	13,953	
	———	19,520

Nesse anno havia em todo o municipio 35,688 escravos.

Naquelle mez e anno verificou o barão de Pirapetinga que a parochia de S. Salvador tinha 2,928 fogos, 3,482 casas, das quaes 3,166 terreas e 316 de mais de um pavimento. Contava 15 templos, dos quaes 9 na comprehensão da cidade, além do de S. Benedicto, que estava e está ainda por concluir. Possuia dous hospitaes, o da Misericordia e o da Sociedade Portugueza de Beneficencia, sem contar o da Ordem 3ª de S. Francisco, em que se trabalhava e de que só estão promptos, mas sem emprego ainda, o corpo principal e uma das alas. Tinha: uma cadeia; um asylo ou recolhimento de orphãs (o Asylo da Lapa); 3 lojas maçonicas regulares; uma casa da camara; um theatro (o S. Salvador; depois edificou-se o *Empyrio*, ao gosto

dos *cafés cantantes*) ; um matadouro publico, que substituiu o informe *curral do açougue*; um gazometro ; uma estação de estrada de ferro (a de S. Sebastião) ; dous bancos ; duas companhias de seguros maritimos e terrestres ; uma estação telegraphica ; uma caixa economica (com um fundo de 2,480 contos de réis em junho de 1874) ; uma agencia de correio ; cinco hoteis ; quatro trapiches ; seis cemiterios (reunindos em um só ponto e communicando-se entre si) ; tres typographias ; tres periodicos (o *Monitor Campista*, a *Gazeta de Campos*, o *Independente*); 15 estabelecimentos publicos e particulares de instrucção; uma bibliotheca (a da S. B. de Beneficencia, que contava 3,800 volumes em agosto de 1874); seis praças ou largos ; um quartel; quatro fabricas de fundição de machinas para a lavoura; tres fabricas de distillação; uma serraria a vapor; dous cortumes; uma ponte de ferro sobre o Parahyba. O culto presbyteriano tinha e tem tambem em Campos um tabernaculo, situado á rua do Mafra, em casa sem fórma exterior de templo, como preceitua a constituição do Imperio. Uma officina photographica, dirigida pelo snr. Guilherme Bolckau, satisfaz por esse lado as necessidades da população campista.

Ha presentemente (1881) na cidade 32 estabelecimentos de instrucção, quasi que exclusivamente primaria, para ambos os sexos; d'estes são publicos dez e subvencionados cinco. Só uma escola, a do *Carvão*, está estabelecida fóra do perimetro da cidade.

A creação das *escolas municipaes* subvencionadas veio satisfazer uma grande necessidade do ensino rudimentar no municipio; porque, ao passo que a cidade mantinha tão consideravel numero de focos de instrucção, o resto do municipio se resentia da carencia d'elles.

Si se levarem a effeito os projectados *Lyceu de humanidades* e *Escola agricola*, ficará o municipio largamente dotado quanto aos estudos secundarios e ao profissional mais de accordo com a sua indole industrial, a agricultura.

Acêrca do primeiro Lyceu fundado em Campos leio no relatorio do visconde de Villa Real da Praia-Grande, vice-presidente da provincia, em 1845, que ainda não tinha elle

regular andamento, nem se havia ainda achado edificio em que se accommodasse, tratando naquella epoca o governo de obter do bispo diocesano o antigo seminario da Lapa para esse fim. Estava nomeado o director e passavam a ter exercicio naquelle estabelecimento os professores publicos de aulas maiores que existiam na cidade. Mais tarde achou elle guarida no consistorio da igreja do Terço, onde começou a funccionar em abril de 1847.

Por falta de frequencia regular, que compensasse as despezas que acarretava, foi em breve supprimido; ficáram porém a perceber até hoje o respectivo ordenado de 600$000 réis annuaes alguns dos professores, dos quaes existem ainda nestas condições o snr. tenente-coronel Antonio Rodrigues da Costa, lente de mathemática elementar, o snr. dr. Francisco Rodrigues Penalva, de philosophia, e o snr. dr. Caetano Thomaz Pinheiro, de agricultura. A morte eliminou os outros do orçamento da provincia.

Com o restabelecimento do Lyceu podia-se aproveitar a aptidão profissional dos sobreviventes, igualando-se-lhes o ordenado aos dos que viessem completar o quadro do respectivo professorado.

O que occorre relativamente á instrucção nas demais freguezias de que se compõe o municipio se mencionará á medida que se tratar de cada uma d'ellas, bem como o que diz respeito á população, etc.

Produz a de S. Salvador, por si só, a quinta parte do assucar e aguardente que o municipio fabrica, consome e exporta.

Em 1876 o lançamento da decima urbana mostrou que a cidade possuia 2.254 predios, dos quaes só 291 do valor locativo de 40$ mensaes para cima; 31 de 6$ mensaes e 95 de 7$. Creio porém que só ha uma ou duas cujo aluguel chega a 100$ por mez.

Dos dados estatisticos fornecidos pelo *Monitor Campista* de 25 de setembro de 1879, se verifica que nesse anno o numero total de predios da cidade era de 2,253, dos quaes apenas 1 paga o aluguel de 130$ mensaes, 1 o de 120$, 1 o de 110$, 3 o de 100$, 5 o de 90$, 23 o de 80$, 291 pagam, como em 1876, o aluguel mensal

de 40$ para cima, 663 o de 11$ a 20$. mensaes, 330 o de 10$ por mez, 207 o de 8$, 95 o de 6$ e 31 o de 5$.

Tinha em 1880 uma população de 19,400 almas; das quaes:

Livres	11,490
Escravos	7,910
Total	19,400

Dos livres, dedicam-se ás:

Sciencias, artes e officios	2,585
Ao commercio	880
A' lavoura	868
São jornaleiros	429
De serviço domestico	3,743
Não têm profissão determinada	2,895
	11,490

Da população escrava, 4,739 empregam-se na lavoura; 591 no serviço domestico; 509 são artezãos e 2,074 não têm profissão especial.

Para o que, nesta importante especialidade, desejar informações mais minuciosas, o *Almanack de Campos* as fornecerá.

Direi comtudo que da população livre acima mencionada

Sabem ler	4,860
São analphabetos	6,630
	11,490

Como curioso termo de comparação para as estatisticas futuras, accrescentarei ainda que da população escrava da parochia, quanto ao cultivo intellectual, 20 sabem ler!

Da população parochial, residem na cidade—9,221, a saber:

Livres	8,000
Escravos	1,221

A população de todo o municipio em 31 de dezembro de 1880 era de :

Livres......................		56,212
Ingenuos.............	10,266	
Escravos.....................		35,668
Total.............		91,880

Tendo o municipio 5,415 k. quadrados de superficie, tocam 10 habitantes livres por kilometro quadrado.

Tem a cidade de Campos as seis praças ou largos seguintes :

De *S. Salvador* ou *Praça Principal*, que mede cêrca de 220 metros de cada lado, circumdado de gradil, com algumas palmeiras e arvores de sombra nos passeios ou ruas lateraes : tem, na face de terra, em frente, a matriz, e na opposta ou do rio, a velha e carunchosa cadeia do tempo colonial. Ao lado esquerdo da praça, na contiguidade das outras casas d'esse lado, estão o paço da Camara Municipal e a igreja de N. Senhora Mãe dos Homens e junto a esta o hospital da santa casa da Misericordia.

A *Praça do Imperador*, situada á margem do canal de Campos a Macahé : nella vão ter diversas ruas. Convenientemente nivellada e arborisada, seria um excellente ponto de diversão para a população, que não tem nenhum.

A *Praça Municipal* ou *de S. Benedicto*, que tem aproximadamente 600 metros por 500 ; cercada de casas e chacaras, tendo em uma das extremidades a igreja de S. Benedicto, em construcção.

A *Praça do Rocio* ou de *Santa Iphigenia* com 300 metros sobre 200. Tem em uma das faces a igreja da santa que lhe dá o nome,na outra a estação central da estrada de ferro de S. Sebastião, e casas nas outras duas. No centro fica a moderna praça do mercado, que substitue a antiga e acanhada *Praça das verduras*.

Faziam-se nella as execuções da alta justiça ; depois da que ali se effectuou em 1852, na pessoa do escravo Nicolau, que assassinára seu senhor, o sapateiro francez Delmas, primeira e ultima a que assisti e assistirei em minha vida, foram, a 9 de outubro de 1873, justiçados

na Praça de S. Benedicto cinco escravos, tres dos quaes na tarde de 9 de janeiro do mesmo anno haviam assassinado, na fazenda do Boyanga, a seu senhor o fazendeiro dr. José Antonio Barroso de Siqueira, e dois, quatro dias depois, a seu senhor José Joaquim de Almeida Pinto, fazendeiro no Rio-Preto.

Felizmente, nesta parte da America, onde impera um homem de lettras, que prefere, para vencer as difficuldades do seu arduo officio de reinar, os meios brandos e suasorios do raciocinio e da longanimidade, aos meios violentos da força material e da dura applicação da lei; si não foi ainda riscada do nosso codigo similhante pena, tão raras vezes tem ella sido executada, nas raras vezes que a extrema indulgencia do jury a tem imposto, que de facto quasi que se póde consideral-a abolida.

O *Largo do Rosario*—cercado de casas por tres lados, tendo no outro a igreja que lhe dá o nome. E' de menores proporções que os precedentes.

O *Largo do Pelourinho*—situado na rua *Beira-rio* ou de *Pedro* 2.°, entre as da Quitanda e do Rosario, é um pequeno alargamento triangular, onde se assentava na epoca do dominio colonial um pelourinho de pedra, que foi em 1856 demolido por ordem da municipalidade e removida a peça principal para o cemiterio, onde a armaram em cruz.

Possue a cidade os 11 templos seguintes: a Matriz de S. Salvador, a igreja de N. Senhora Mãe dos Homens (levantada por provisão de 28 de maio de 1768), situadas ambas na Praça de S. Salvador; as das ordens terceiras de S. Francisco da Penitencia, levantada por provisão de 28 de novembro de 1769, de N. Senhora do Carmo, de N. Senhora do Rosario, de N. Senhora da Conceição e Bôa Morte (levantada por provisão de 3 de outubro de 1772), de N. Senhora do Terço, e as igrejas de N. Senhora da Lapa, de Santa Iphigenia, de S. Benedicto, todas no perimetro da povoação. Fóra d'essa conta-se a capella de N. Senhora do Rosario do Sacco.[43] Si nenhuma d'ellas

---

[43] A capella de N. Senhora do Rosario e *Santa Rita*, diz monsenhor Pizarro, e accrescenta: *feita por Manoel Rodrigues.*

prima pela belleza da architectura interna e exterior, são pela mór parte bem ornamentadas interiormente, com valiosas obras de talha artisticamente douradas.

Estando bastante arruinada, foi em 1862 reparada a Matriz pelo visconde de Araruama e commendadores João de Almeida Pereira, Julião Ribeiro de Castro e Joaquim Ribeiro de Castro, em tempo do vigario dr. João Carlos Monteiro. Gastaram aquelles benemeritos fieis mais de 60 contos de réis nesse concerto.

Tambem a igreja da Mãe dos Homens, capella annexa á Santa Casa da Misericordia, soffreu reparos consideraveis, por arruinada. Os de que ha muito carecia, começados em 1877, sob a zelosa e solicita administração do snr. tenente-coronel José Joaquim de Moraes, ficaram, graças aos esforços d'este protector dos desvalidos, concluidos este anno de 1881 e o templo foi de novo entregue ao culto divino no dia 30 de junho. Gastaram-se na sua reconstrucção mais de 30:000$ réis, dos quaes cêrca de 14:000$ fornecidos pelo cofre da Santa Casa.

Dos outros edificios publicos da cidade, que devam ser especificados, sobresaem os seguintes:

O paço municipal.— E' um predio espaçoso, soffrivelmente adaptado a seus fins, de solida construcção, de sobrado; foi comprado por 50 contos de réis á familia Araruama. Creio que pertencêra anteriormente ao coronel João Antonio de Barcellos Coutinho. Nelle funccionam o tribunal do jury, a secretaria da Camara, e se celebram as audiencias civeis e criminaes. Nelle existe o nucleo da Bibliotheca Municipal, planta exotica, cultivada em estufa e que parece não se dar bem no nosso clima. De todas as tentativas que se têm feito em Campos para se diffundir o gosto pela leitura dos bons livros, esta é a que mais tem custado a vingar: falta-lhe talvez o bafejo official, sem o qual nada se faz no nosso paiz.

A cadeia.— E' um rijo pardieiro de pedra e cal, que attesta a nossa incuria e deshumanidade; porque, pelas suas acanhadas dimensões e constante humidade, impõe aos verdadeiros criminosos maior pena do que a que lhes

impoz ou ha de impôr a lei, e aos simples indigitados antecipa-lhes a pena ou fal-os ir além d'ella. A sua conservação é uma affronta publica á seriedade da justiça e um diuturno brado á consciencia ultrajada. Não attende ella a nenhuma das grandes medidas postas em pratica pela civilização hodierna para regenerar o delinquente e suavisar-lhe o rigor da sorte adversa, temperando a acção justa da lei com os deveres da humanidade.

Tem-se ha mais de 40 annos tentado substituil-a por outra, edificada em local mais apropriado, com os melhoramentos introduzidos nas detenções modernas. Já no seu *Relatorio* de 1837 falla o major Bellegarde da existencia de mais de um projecto para nova cadeia, calculando em 30 contos a sua construcção, si se quizesse attender ás necessidades do municipio pelo lado da repressão do crime alliada aos principios de humanidade e de justiça. « A actual cadeia, ponderava elle, de nenhuma fórma offerece sufficiente segurança, decencia e commodidade para os presos e detidos que recebe de todos os pontos do termo.»

Por Portaria de 27 de maio de 1835 mandára-se entregar á camara municipal a quantia de 6:000$ com destino á nova cadeia, e por outra de 11 de julho do mesmo anno a de 20:000$ mais, a contar d'aquelle mez até ao fim do anno financeiro.

O local para a sua edificação, então designado pela commissão incumbida da escolha, foi á rua do Cercado do Furtado, adiante do caminho do Porto da Lancha, onde houvesse 14 braças de frente por 25 a 30 de fundo.

Deve existir no archivo da Municipalidade um relatorio do dr. João Baptista de Lacerda Filho, como relator de uma commissão da qual tambem fiz parte, encarregada pela Camara de visitar as casas de caridade e de detenção do municipio e de dar parecer a respeito d'ellas. Nesse documento, que faz honra ao espirito adiantado que o traçou, estão comprehendidas as mais sans doutrinas que póde o assumpto comportar e inspirar a um homem de coração. O echo da verdade ainda aqui as repete.

Entretanto, aquelle escarneo á civilização do seculo

permanece resupino e lugubre a cubrir-nos de vergonha aos nossos proprios olhos e aos do extranheiro que nos visita!

Possue a cidade de Campos um excellente hospital, o da *Santa Casa da Misericordia*, cuja fundação data do tempo colonial, tendo principiado por uma pequena casa edificada a esforços do sargento-mór Gregorio Francisco de Miranda, pae do barão da Abbadia, auxiliado naquella meritoria empreza pelo benemerito ancião Jeronymo do Cortume. Por provisão da rainha d. Maria I, de 5 de julho de 1791, foi approvado o compromisso da primitiva *Casa da Santa Misericordia* que teve a cidade, concedendo-lhe os mesmos privilegios de que gosava a do Rio de Janeiro, como se vê do livro 1° de Accordãos de 18 de dezembro de 1792. Reunidos em meza naquelle dia comprometteram-se os treze primeiros irmãos a cumprir e fazer comprir aquelle compromisso. Presidiu o acto, como juiz da irmandade, o padre Silvestre Fernandes Rocha.

No seu citado relatorio de 1837 refere-se o major Bellegarde a um projecto apresentado por seu irmão o major Pedro de Alcantara Bellegarde, para um novo e mais amplo edificio que devia substituir o primitivo hospital annexo ao templo de N. Senhora Mãe dos Homens, onde está o actual. Esse projecto foi depois alterado pelo major Domingos Monteiro quando iniciou a sua construcção. Concluiu-se em 1840 o lanço esquerdo do edificio, maior que o anteriormente delineado, e já nesse mesmo anno abrigava elle 170 expostos e fôra de 40 a 50 o numero de enfermos que a elle recorreram. Segundo o *Relatorio geral* do brigadeiro Henrique Isidoro Xavier de Brito, presidente da directoria das Obras Publicas da provincia, apresentado em fevereiro de 1841, a receita d'esse pio estabelecimento no anno financeiro de 1839-40 montára a 22:967$720 réis e a despeza a 784$305 réis menos. Tinham parado naquelle ultimo anno as obras.

Reconhecendo-se que era acanhado o predio para conter o grande numero de expostos que recebia e quão pouco conveniente lhes era a visinhança tão immediata do hospital, o provedor commendador José Gomes da

Fonseca Parahyba obtivera o grande edificio abandonado contiguo á igreja da Lapa, em uma das extremas da cidade, para asylo das orphãs. Cedeu-o o presidente da provincia, snr. dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta, hoje barão de Villa-Franca, e o bispo diocesano conde de Irajá abriu mão da parte que nelle tinha a mitra, completando assim a doação. Tratou então aquelle provedor de alcançar da caridade publica os fundos pecuniarios precisos para patrimonio do estabelecimento, e a 23 de junho de 1864 inaugurava-se o *Asylo das Expostas e Orphãs desvalidas* no antigo seminario da Lapa. Nesse anno o numero de expostos subira a 124 ; em 1865-66 fôra de 118 ; das do sexo feminino existiam no *Asylo* 20, que recebiam a educação domestica de accôrdo com a posição social que as esperava.

Neste ultimo anno compromissal trataram-se no hospital, que ficou assim separado do *Asylo*, 481 doentes, dos quaes falleceram 48. No numero geral dos tratados contam-se 72 provindos de S. João da Barra e 57 de S. Fidelis. A receita do hospital fôra de 44:575$500 réis, e a despeza de 46:321$838 réis, havendo portanto um *deficit* de 1:746$338 réis.

Aproximando-nos mais dos tempos presentes, visto que não escrevo a historia particular d'esses estabelecimentos, vê-se que no anno financeiro de 1878-79 a despeza orçára por 61:063$523 réis, havendo um saldo a favor do thesoureiro, e portanto contra o hospital, de 11:729$563 réis. Nesta conta comprehende-se tanto este estabelecimento como o Asylo. Trataram-se naquelle 618 doentes, cuja mortalidade fôra de 14 por cento. Entraram durante o mesmo exercicio 20 expostos e passaram do anterior 57, total 77. Era provedor da Santa Casa o benemerito tenente-coronel José Joaquim de Moraes. No Asylo existiam no fim do exercicio 34 orphãs, tendo passado do anterior 26, havendo entrado 9, mas uma casou-se.

No anno compromissal de 1879-1880 a receita do hospital e do Asylo fôra tal, que deixára um *deficit* de 16:944$753, incluindo o do anno antecedente. Só com obras na igreja e no hospital gastaram-se 11:421$135.

Nesse anno foram recebidos e tratados no hospital 673 enfermos, dando a mortalidade de 17 por cento. Existiam 60 expostos e a Santa Casa acolheu mais 10; foi uma orphã recolhida ao Asylo e falleceram 19. Neste ultimo estabelecimento existiam 21 expostos e 13 orphãs: total 34; e de 4 que haviam entrado durante o anno, só 2 ficaram no Asylo: total 36.

O movimento do hospital no exercicio de 1880-1881 foi de 741 doentes, dos quaes sahiram curados 529 e falleceram 138. Passaram 74 para o anno seguinte.

Longe vai o tempo em que as *deixas* testamentarias vinham engrossar o peculio da Santa Casa da Misericordia. Parece que a caridade ou o fervor religioso têm arrefecido neste recanto do mundo. Ou é a falta de confiança nos homens e nas instituições que os retrahe e conserva mudos e indifferentes perante os males dos que não têm de si mesmos recursos para os remediarem? Seja como fôr, o certo é que d'antes não havia um cidadão abastado que não se lembrasse da Santa Casa na hora extrema, e ha muitos annos que a philantropia posthuma não vem ao encontro do indigente que enferma e do orphão que carece de luz e de amparo....

Antes de encetar outro assumpto direi que a administração interna do Asylo, sujeita á administração geral da Santa Casa, era feita por uma associação de senhoras, congregadas sob a devoção da padroeira da igreja da Lapa. Essa associação prestou relevantes serviços. E d'entre os cidadãos que mais a peito tomaram a tarefa de a auxiliar nessa obra de caridade, além do provedor o commendador Parahyba, releva mencionar o snr. dr. Antonio Secioso Moreira de Sá, que exerceu o cargo de mordomo do Asylo nos annos de 1866-67 e 1867-68; e Antonio Pereira da Rocha, por alcunha *o Fundado*, o de thesoureiro. Nelle são acolhidas as orphãs desde que completam a criação e d'ali saem para casar ou para algum emprego domestico permittido pelo regulamento da casa.

Conta ainda a cidade um excellente hospital no da *Sociedade Portugueza de Beneficencia,* fundado em 13 de agosto de 1852 pelos esforços de portuguezes benemeritos; d'entre elles é de justiça dar o lugar de honra aos

commendadores José Ribeiro de Meirelles, vice-consul de Portugal, e Manuel Pereira de Azevedo, para os quaes perante este generoso facto, tão fecundo em valiosos resultados praticos, não ha elogios que bastem. O snr. Manuel Francisco de Carvalho, distincto leiloeiro campista, desafia tambem a citação do seu nome pelo efficaz auxilio que, com o exercicio da sua profissão, tem prestado á sociedade. Todos os portuguezes opulentos, que de Campos constituiram pelos laços da familia uma segunda patria, têm philanthropicamente concorrido não só para manter aquelle importante estabelecimento, como para erguel-o ao pé de prosperidade em que se acha, concorrendo um mez cada um com as despezas a que não bastam as rendas do seu patrimonio.

Dispõe este bello hospital de uma modesta bibliotheca que cresce todos os dias e de que foi iniciador o snr. Antonio Teixeira de Sá, um dos benemeritos da associação e modesto cultor das bôas lettras.

Si chegar a concluir-se e tiver o destino que se lhe dava quando começaram a edifical-o, offerecerá a cidade mais um vistoso hospital no da *Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia,* do qual já de ha muito estão concluidos o corpo principal e a ala direita, parallela á rua do Cabral. Faz face á rua Direita, contiguo á igreja d'aquella ordem terceira.

Tem a cidade outras associações de beneficencia mutua, que cumpre mencionar.

A *Sociedade Brasileira de Beneficencia*, fundada no 1° de outubro de 1854 pelo p. João Antunes de Menezes e Silva, José Joaquim Freire Larangeira e outros, cujos nomes o *Almanak de Campos* commemora dignamente. D'entre os beneficios que esta associação tem prestado á humanidade devo consignar o do hospital provisorio que manteve em 1855 para o tratamento dos atacados de *cholera-morbus*, na gestão presidencial d'aquelle digno sacerdote. Ampliando os intuitos sociaes em 1870, com a diffusão popular do ensino, manteve a associação por muito tempo aulas nocturnas gratuitas de primeiras lettras, grammatica da lingua nacional, arithmetica e historia patria, contando nesse anno 70 alumnos, numero que em

1874 ascendeu a 141. Neste ultimo anno abriram-se aulas de francez, geometria e desenho linear e de figuras. A 11 de janeiro d'este mesmo anno inaugurou uma bibliotheca, de que já em outro lugar tratei, a qual foi franqueada ao publico das 9 horas da manhã ás 10 da noite. Em 1874, ainda, abriu á sua custa um hospital provisorio, em que recebeu apropriado tratamento um avultado numero de variolosos. Estes ultimos actos, diffusão do ensino e nova applicação da caridade evangelica, passaram-se sob a presidencia do dr. Francisco Portella: foi tambem essa a epoca em que maior impulso recebeu a instituição. O retrato d'aquelle presidente foi collocado no salão de honra da sociedade em lembrança dos seus serviços.

Por falta de casa propria celebrava ella as suas sessões e tinha a bibliotheca e as aulas em uma casa da rua Direita pertencente ao barão da Lagôa Dourada.

Si fôssemos dotados do espirito altamente utilitario e pratico que predomina no caracter dos filhos da União Americana, estas aulas e a bibliotheca existiriam ainda, produzindo os sasonados fructos que taes instituições soem dar. Nós os brasileiros temos a intuição do bem, do bom, do bello, do artistico, do scientifico, do util sob todos os aspectos que possam occorrer á perspicacia humana; chegamos mesmo a emprehender tudo o que de bom seja capaz de imaginar outro qualquer povo do mundo... mas falta-nos o salutar tempêro da força de vontade para persistirmos na empreza encetada; ficam-nos sempre em meio os mais generosos emprehendimentos; de sorte que, depois de passos agigantados dados para a luz, tornamos a mergulhar-nos na penumbra de que apenas tinhamos sahido! E' uma falha no caracter, um vicio de origem, um virus que deprime e entibia o temperamento, uma dyscrasia moral, que sei eu? Não vejo remedio a este mal enorme. E' triste dizel-o, mas estou convencido que sou o historiador da verdade.

Dorme hoje esta promissora instituição o somno da apathia em que circumstancias especiaes a lançaram; creio porém que o seu actual presidente, o dr. Affonso Peixoto de Abreu e Lima, que está mandando construir uma casa para séde permanente da sociedade, a fará

resurgir á vida em occasião opportuna. Oxalá aquelle somno não seja o precursor da morte!

A *Sociedade União Artistica Beneficente* é uma das que mais honram Campos e parece fadada a mais longa vida.

Creação querida do consummado artista Francisco de Paula Bellido, cujo nome os echos campistas repetirão por muitos annos com sentida saudade, data de 1870. Foi esta sociedade a que chamou a si a realização da *Exposição Municipal de Campos* de 1871, de que já tratei nestas paginas.

Da *Associação Medico-pharmaceutica Beneficente*, que teve em seu seio os drs. João Baptista de Lacerda, Marianno Pinto Rodrigues de Brito, Miguel Antonio Heredia de Sá, Olympio Joaquim da Silva Pinto, Lourenço Maria de Almeida Baptista, &., só resta hoje, memoria immorredoura da sua gloriosa mas ephemera existencia, o trabalho que apresentou em sessão, e foi depois divulgado pela imprensa local e do Rio de Janeiro, escripto pelo dr. Francisco Portella sobre a *loucura palustre*, baseado em valiosas observações clinicas e delineado por mão de mestre. O dr. Miguel Heredia fôra o primeiro medico que chamára a attenção da corporação para aquelle facto, aliás observado por todos os praticos da localidade. Assentada em terreno eminentemente paludoso, baixo, enxarcado e de alluvião, não admira que todos os estados morbidos se compliquem do miasma palustre e acabe este por dominar todos os outros symptomas da lesão inicial.

Conta Campos dos Goytacazes dous bons theatros, o *S. Salvador* e o *Empyrio Dramatico*, situados ambos na rua Direita, em frente um do outro.

Em 1837 traçára o major Bellegarde um projecto para a edificação do primeiro dos nomeados, a pedido da sociedade que para esse fim se organizára e que já havia adquirido o terreno necessario. Deve existir esse plano na Directoria das Obras Publicas da provincia. A sociedade, que constava de 22 membros e dispunha de um capital de 24:000$, reuniu-se pela primeira vez para tratar do assumpto a 8 de janeiro d'aquelle anno de 1837, sob a

presidencia de d. José de Saldanha da Gama. A 7 de setembro de 1839 lançou-se a pedra fundamental do edificio na rua Direita, canto da rua Formosa, e a 7 de setembro de 1844 era inaugurado o theatro, a que se deu o nome do padroeiro da cidade.

O denominado *Empyrio Dramatico*, construido pelo snr. João Gil Ribas, foi inaugurado a 6 de setembro de 1874. Não apresenta a belleza exterior de fórma do precedente e, comquanto destinado a peças de menos folego, preenche as condições exigidas para o seu fim. As suas dimensões foram dadas no 6° numero da *Lux*, periodico litterario que redigimos em 1874 em Campos os drs. João Baptista de Lacerda Filho, Francisco Gil Castello Branco e eu.

Tem a cidade um prado para corridas hippicas denominado *Jockey-Club Campista*.

Antigamente o mercado diario de hortaliças, aves, ovos, legumes, etc., se fazia na pequena *Praça da Quitanda*, tambem chamada *Largo das Verduras*. Actualmente dispõe de um mercado regular no Largo do *Rocio*, fronteiro á estação central da estrada de ferro *S. Sebastião*.

Ha na cidade tres lojas maçonicas apellidadas *Firme União*, *Goytacaz*, e *Progresso*, que funccionam regularmente.

Conta tres associações musicaes : *Phil' Euterpe*, *Corporação Musical N. Senhora da Conceição*, e *Sociedade Musical Lyra de Appollo*.

Liga a cidade ao lado opposto uma solida ponte de ferro, de que aqui já se tratou e que substituiu a *barca-pendulo* que existia desde 3 de julho de 1846.

Dos portos de que dispõe a cidade para servidão publica do rio, o chamado *Porto de Anna Maria* foi demarcado pela camara em 1801 com 81 $^1/_2$ palmos de largura, e o

de José Fernandes Lima, hoje *Porto das Pedras*, com 89 palmos e rampas o que pudesse soffrer na vasante do rio.

Para as necessidades da sua lavoura, quanto a machinismos, tem o municipio o de que póde carecer nas fabricas de fundição, movidas a vapor, dos snrs. Chrysostomo, Victor & Comp., Francisco Torres & Comp., Reid, Noble & Comp.,situadas todas na rua Beira Rio (Pedro II hoje). Ha muito que deixára de funccionar a dos snrs. Lelarge & Mignot e a do dr. Caetano da Rocha Pacova, fallecido nesta côrte a 17 de outubro de 1873.

Tratando do movimento commercial do municipio deixei mencionadas as sociedades commerciaes que elle possue e têm a sua séde na cidade: companhias—de *bonds*, do gaz, de estradas de ferro, de seguros maritimos, terrestres e de vidas de escravos, bancos, caixa economica, etc.

Quando presidia a provincia o snr. desembargador Bento Lisboa, lavrou a presidencia contracto, a 28 de janeiro de 1873, para um serviço de abastecimento d'agua potavel filtrada e de exgotos subterraneos de materias fecaes e aguas servidas para a cidade, devendo cada casa pagar a taxa annual de 48$, em 2 prestações semestraes de 24$, por esse serviço, que ainda não teve principio de execução, não sei si em bem ou si em mal para Campos, mas cujo privilegio ainda está de pé.

O decreto provincial n. 1,229, de 19 de novembro de 1872, tornára obrigativo o serviço de exgoto para todas as casas, marcando a taxa, exhorbitante além de pouco equitativa, de 48$ annuaes, como já ficou dito, sem attenção ao valor locativo de cada predio.

Em 20 de Dezembro de 1831 foi arrematado o 1° serviço da numeração das casas e disticos das ruas e praças por 340$. O 2° o foi em 3 de agosto de 1840.

§ 2.°

Occupar-me-hei agora com as freguezias ruraes do municipio, começando pela de *S. Gonçalo*, distante da cidade cêrca de 9 kilometros, que se podem vencer pela via ferrea de *S. Sebastião*.

Creada logo após a de S. Salvador, com a qual se limita, em terras que na partilha dos *heréos* pertenciam á sesmaria dos jesuitas, nas proximidades da fazenda que a Companhia de Jesus nella possuia, denominada *Fazenda do Collegio*, hoje propriedade do snr. tenente-coronel Francisco de Paula Gomes Barroso, teve por matriz a capella fundada por um devoto de S. Gonçalo, cujo nome a chronica não registrou. Foi *capella curada* desde 20 de abril de 1722. Em 14 de maio de 1753 concedeu o ordinario aos seus moradores ou *applicados* que nella erigissem a irmandade do SS. Sacramento. Erecta em *parochia amovivel* por edital de 11 de setembro de 1763, teve a principio como parocho de encommenda o p. Ignacio Filgueira Corrêa, segundo se lê nas *Memorias historicas* de monsenhor Pizarro.

Subsistiu como parochia encommendada até determinar o alvará de 20 de outubro de 1795 e a Carta Regia de 11 de novembro de 1797 que taes igrejas fossem a concurso, para entrarem na serie das permanentes. Teve então por primeiro vigario proprio ao p. Francisco Rodrigues de Aguiar.

Tem a freguezia de S. Gonçalo a superficie de 182,24 kilometros quadrados e possue 1,093 casas habitadas, disseminadas pelo seu territorio.

Computa-se a sua população em 37 habitantes por kilometro quadrado, sendo a sua totalidade de 11,674, dos quaes 7,191 livres, incluindo 685 ingenuos, e 4,483 escravos.

Vê-se que a proporção dos livres sobreleva á dos escravos, o que é para se notar em uma freguezia inteiramente agricola, em que a séde parochial conta um insignificante agglomerado de casas.

O generoso movimento emancipador, que se levanta e derrama por todo o Imperio, tambem ali se tem feito sentir.

Quanto a profissões, os dados seguintes confirmam o que acabo de expender :

Assim, da sua população occupam-se os

Livres

Em sciencias, artes, officios....	1,021
No commercio..................	72
Na lavoura....................	1,298
São jornaleiros................	221
No serviço domestico...........	52
Ignoram-se as profissões de......	4,527
	7,191

Escravos

Artes e officios................	281
Lavoura......................	2,597
Serviço domestico.............	486
Profissão ignorada............	1,119
	4,483

Quanto ao estado intellectual

Dos livres

Sabem ler.....................	944
São analphabetos.............	6,247

Dos escravos

Sabem ler.....................	6
São analphabetos..............	4,477

Tem entretanto a freguezia 7 escolas de ensino elementar, que foram frequentadas durante o anno de 1880, as cinco do sexo masculino por 961 alumnos, dos quaes 112 ingenuos de 6 a 9 annos de idade, deixando de as frequentar 732 dos matriculados. As duas para o sexo

femenino tiveram uma frequencia de 882, em cujo numero figuram 114 ingenuas de 6 a 9 annos: d'estas a cifra dos que deixaram de as frequentar sobe a 798, sendo apenas de 313 a frequencia. Para o total da população estes dados não satisfazem de certo a sêde de instrucção que nos devora; mas, parcos como são, estes algarismos nunca entraram nas estatisticas dos anteriores tempos. Contentemo-nos pois com o movimento, embora tardo, que se opéra: o mais virá a seu tempo.

Possue a parochia de S. Gonçalo a sua Matriz e as pequenas igrejas ou capellas de S.Benedicto, Santo Amaro, N. Senhora do Rosario, N. Senhora do Carmo e tres capellas ou ermidas consagradas á N. Senhora da Conceição, uma no lugar denominado *Vermelha*, outra na *Fazenda Velha* (do snr. Francisco Ferreira Saturnino Braga, que a edificou de seus fundamentos e á sua custa) e outra em *Campo Limpo*, e uma dedicada a Santo Ignacio na Fazenda do Collegio.

Na freguezia residem habitualmente 4 medicos, um pharmaceutico e um sacerdote (o vigario).

Possue 86 engenhos de assucar e aguardente, dos quaes 21 movidos a vapor. O engenho central do *Limão*, propriedade do snr. João José Nunes de Carvalho, a *Fazenda Velha*, do snr. Saturnino Braga, dirigida por seu filho o tenente-coronel Antonio Ferreira Saturnino Braga, a da *Tocaya*, do Barão de Itaóca, a *Fazenda do Collegio*, fundada pelos Jesuitas, e a do *Visconde*, que fez parte das antigas possessões da familia de Asseca, merecem menção especial pela sua importancia, não só por causa da excellencia e aperfeiçoamento dos apparelhos que empregam, como pela superior qualidade e grande quantidade de productos que apresentam.

A freguezia compõe-se na sua quasi totalidade de uma extensa planicie, prolongamento da em que assentam as suas limitrophes de S. Salvador e S. Sebastião, cortada, em natural e vasta *drainagem*, das lagôas e brejos, de cuja maior parte em outro lugar se tratou.

E' toda ella, pela immensa camada de *humus* que a reveste, apropriada á cultura do arroz e da canna de assucar, e presta-se vantajosamento á criação de gado.

Convenientemente exgotados aquelles brejos e lagôas, que enorme campo não se ergueria para novas e maiores pastagens e para um largo cultivo do arroz, que constituiria um ramo consideravel de commercio na exportação de um genero que a nossa incuria consente que importemos! Renovadas as raças bovina, ovelhum e cavallar, que definham e se atrophiam pela carencia de sangue novo, que interesse pecuniario não daria tambem esse intelligente e facil emprego de capital não só á freguezia, mas ao municipio e quiçá á provincia!

O principal commercio da freguezia de S. Gonçalo com a cidade de Campos e o Rio de Janeiro é feito por intermedio de Campos: possue ella todavia cêrca de 20 pequenas casas de negocio a varejo, que supprem de mais perto a sua população.

§ 3.º

A freguezia de *S. Sebastião* está situada na continuação da planicie em que o estão as duas precedentes, e limita-se do lado do sul com a Lagôa Feia e do nascente abrange a praia do Açú e o Cabo de S. Thomé; cercada de lagos, como a de S. Gonçalo.

Conta tres modestos templos: o do orago, o de S. Bento e o de Santo Amaro, famoso este pelas romarias que a elle concorriam ha alguns annos, quando mais ardente se expandia o espirito religioso da população, romarias que rematavam sempre pelo classico leilão de prendas e offertas no coreto do *Imperio*, pela longamente desejada cavalhada ou jogo da argolinha e o tradicional fogo de vistas, coroado com o obrigativo retabulo da effigie do santo na peça final.[44] Começava sempre a 13 de

---

[44] V. o *Ostensor brasileiro* (1845—46), em que se lê, á pg. 299, um artigo do dr. M. (*Miguel*) A. (*Antonio*) Heredia de Sá, intitulado *Festa de Santo Amaro em Campos*. E' a descripção de uma d'essas romarias.
No mesmo periodico, á pag. 114, se publica uma poetica descripção

janeiro e ia até 15, dia do padroeiro da capella, assentada numa extensa campina, distante 30 k. do povoado ou séde da parochia, 52 da cidade e 12 do mar. O circuito da pequena igreja cubria-se litteralmente de carros de bois, com toldos de couro, resguardadas as duas entradas ou abertas por vistosas colxas de chita, o que tudo fazia um effeito maravilhoso : homens e mulheres, domingueiramente vestidos, a pé e á cavallo, cada qual mais garrido e sécio, enchiam de figuras e de ruido a rustica esplanada e proximos arredores. Esse borborinho e convivencia de romeiros provindos de todos os angulos do municipio, que não só da freguezia, aturavam 3 dias e 4. Hoje ainda se faz a festa do santo, mas creio que aquelles devotos accessorios, que lhe davam uma feição especial, caracteristica e encantadora, têm desapparecido. Vai a civilização uniformizando os costumes e fazendo recuar deante do seu carro de triumpho, ou esmagando-as, essas peregrinas usanças de outras eras, apagando-lhes a côr local que as distinguia e tão gracioso relevo lhes davam.

A matriz da freguezia foi fundada em 1710 pelo fazendeiro Sebastião Rebello, em suas terras; d'ella se aproveitavam os moradores circumvisinhos para satisfazerem os preceitos annuaes e usuaes da igreja, até que, no anno de 1753, fallecido o fundador e arruinado o templo, apesar do patrimonio que elle lhe estabelecêra, o renovaram os moradores interessados na sua conservação e requereram a el-rei que o declarasse capella ou freguezia perpetua, desligando-se da de S. Gonçalo o terreno para esse fim necessario ; o que lhes foi concedido por alvará de 5 de fevereiro de 1811, em conformidade do qual se lavrou o edital de 24 de abril do mesmo anno, marcando os limites da nova freguezia. Foi seu 1° parocho proprio o p. João Rodrigues de Aguiar.

Tem de superficie 821,96 k. quadrados, com uma população, que em 1880 se compunha de 9,440 pessoas,

---

da cidade de Campos, devida á elegante penna do dr. José Ferreira Passos. Acompanha-a uma *vista* de Campos lithographada por Heaton & Rensburg (Rio de Janeiro).

o que equivale a 8 habitantes por kilometro quadrado. D'aquelle total eram livres 5,638, ingenuos 764 e escravos 3,038. Quanto aos livres, incluindo os ingenuos, distribuem-se segundo as profissões em

Sciencias, artes e industrias....	587
Commercio....................	41
Lavoura......................	2,688
Jornaleiros..................	840
Profissões ignoradas..........	1,628
	6,402

Quanto aos escravos em

Artes e officios..............	341
Lavoura......................	1,471
Serviço domestico............	619
Profissão interminada.........	607
	3,038

Dos livres sabem ler..........	590
São analphabetos.............	5,812

Os escravos são todos inteiramente ignorantes.

Ha na freguezia 3 escolas, uma publica e duas particulares para o sexo musculino e uma particular para o feminino. As primeiras tinham matriculados 459 meninos em 1880, contando 39 ingenuos. Não me consta a frequencia que tiveram. As do sexo feminino tinham 573 matriculadas, entre as quaes 142 ingenuas, com a frequencia de 218. Do total de 1,032 alumnos inscriptos, 814 não frequentaram as aulas. Não admira pois que tão avultada seja a proporção dos analphabetos.

Como na precedente, o commercio da freguezia de S. Sebastião faz-se tambem principalmente pela estrada ferrea do seu nome.

§ 4.°

A freguezia de *Santo Antonio dos Guarulhos*, mais extensa em territorio que as anteriores, deriva o seu nome de uma aldêa de indios *coroados*, mais propriamente denominados *Guarús*, que se haviam fixado em uma pequena eminencia, na margem septentrional do Parahyba, 3 k. acima da então villa de S. Salvador.

Eram estes indios tão ferozes como os seus parentes, os *goytacazes*. D'elles relata o general Abreu e Lima na sua *Synopsis chronologica* que nos annos de 1757 e seguintes fizeram grandes incursões devastadoras pelas capitanias do Rio de Janeiro e Minas-Geraes. O zelo porém e a actividade do p. Angelo Pessanha, distincto campista, conseguiram que fizessem pazes com os portuguezes por um pacto, que foi por elles de tal modo respeitado que, quando, dez annos depois, os *botocudos* accommetteram o territorio de Minas, no tempo do governo de Luiz Diogo Lobo da Silva, aquelle prestigioso sacerdote chamou-os em auxilio dos Mineiros e elles cahiram com tal impeto sobre os invasores que os destroçaram, obrigando-os a retirarem-se para além do Rio Doce.

Da séde da antiga *Aldêa*, nome este que ainda conserva, apenas subsistem as ruinas da primitiva capella, que ali levantára o p. Angelo Pessanha para congregar os indios, capella que, ainda depois da remoção d'estes para S. Fidelis, serviu de matriz até ao anno de 1874. Já antes de 1841 estava ella arruinada, segundo informa no seu *Relatorio* d'esse anno o major Galdino Justiniano da Silva Pimentel, chefe da 4.ª secção das Obras Publicas da Provincia, restando apenas de pé as paredes da frente e lateraes, cheias de fendas e desaprumadas. Notas que tenho dão-n'a como tendo desabado em 1832. Estas ruinas serviam desde então de cemiterio, passando os officios divinos a celebrarem-se provisoriamente em uma casa immediata, acanhada e mal construida: apenas a cruz solitaria e tosca que a encimava dizia aos que passavam que ali estava a matriz de uma populosa, vasta e rica freguezia. Si a grandeza da religião do Christo em

nada se amesquinhava com tal tabernaculo, pois que o seu instituidor nascêra em um estabulo, a grandeza do culto externo, que exige a religião do Estado, sentia-se de certo rebaixada. Este estado de cousas prolongou-se até 1874, em que, a esforços do actual vigario, o conego Joaquim José Pacheco Guimarães, se concluiu a edificação da nova matriz, alguns kilometros abaixo da primitiva, do mesmo lado, fronteira á cidade. Esse templo foi aberto ao culto nos dias 6,7 e 8 de setembro do referido anno. A proposito d'elle dizia eu na *Lux*!, contemporanea do facto :

« Si a edificação da egreja tão perto assim da cidade attende ou não ás necessidades espirituaes mais urgentes da população da extensa freguezia, apesar da sua recentissima divisão em tres—na de Guarulhos propriamente dita, na de Santo Antonio dos Cachoeiros e na de N. Senhora da Conceição do Travessão,— decidam os competentes ».

Esse novo templo tem as convenientes proporções para o piedoso fim a que se destina ; mas não se distingue, como obra d'arte, nem pelo aspecto externo, nem por suas decorações interiores.

Não obstante a sua divisão, ainda é esta parochia a mais extensa do municipio, pois apresenta uma superficie de 800,88 k. quadrados. Possue 3.088 casas habitadas e 354 deshabitadas.

Defronte da cidade tem a parochia um pequeno povoado de cêrca de 200 casas, na extensão de 2 kilometros, sobre a orla esquerda do Parahyba, povoado que da comporta do mallogrado canal do Nogueira se prolonga rio acima até a foz do Muriahé, de onde tende para o Travessão. Nesse espaço está a nova matriz.

Pela ponte de ferro que atravessa o Parahyba envia a freguezia á cidade, dos seus productos agricolas e industriaes os que vão pela Estrada de Ferro de Carangola ou pelo rio Muriahé.

Cêrca de 50 metros da margem do Parahyba vê-se a estação central da ferreo-via de Carangola, em territorio da parochia e quasi em frente á ponte.

Ha na freguezia de Guarulhos, no lugar denominado *Lagôa das Pedras*, outro pequeno povoado.

Ha ainda outro nucleo de povoação no *Travessão*, provido de uma capella consagrada á *N. Senhora da Conceição* do Nogueira.

A importante estrada de ferro acima referida percorre de um extremo a outro toda a freguezia. Já d'ella e de suas estações se tratou em outra parte d'esta memoria.

A população da parochia se compõe de 14,309 habitantes. D'estes são livres 6,484 (contando com 290 ingenuos), isto é, 8 habitantes livres por k. quadrado, e escravos 7,825. Segundo o cultivo intellectual, sabem lêr 1,356 e são analphabetos 5,128, sem metter em linha de conta a população captiva. Todos estes dados e os seguintes se referem ao anno de 1880.

Mantem-se na freguezia duas escolas publicas para o sexo masculino e uma para o feminino. Estavam em 1880 matriculados 537 alumnos, incluindo 99 ingenuos, nas primeiras; nas segundas a matricula era de 410, incluidas 24 ingenuas. A matricula total era, como se vê, de 947, mas 823 não concorriam ás aulas!

O terreno da freguezia de Santo Antonio dos Guarulhos, que é na sua quasi totalidade montanhoso e arenoargilloso, principalmente no *Sertão do Nogueira*, presta-se, no alto Muriahé, á cultura do café, que já tem sido exportado nestes ultimos tempos em não pequena proporção. No Nogueira dá bem a mandioca, que é alli cultivada em larga escala. Comquanto estejam as suas mattas em grande parte devastadas, d'ellas se extrahem ainda annualmente perto de 100 duzias de taboado de peroba.

Tem esta freguezia 61 fabricas ou engenhos de assucar, que é o seu principal ramo de agricultura; d'estas merecem especial menção a da snra. viscondessa do Muriahé; a da *Sapucaia*, do snr. barão de Santa Rita; a de *Santa Rosa*, do dr. Paulo Francisco da Costa Vianna; a de *Sant'Anna*, do snr. Francisco Ferreira Saturnino Braga, dirigida por seu digno filho F. F. Saturnino Braga Junior; a de *S. José*, do snr. Antonio Francisco Torres Junior, que tambem possue um bello estabelecimento para a distillação do alcool, montado por Pascal Roussoulières;

a das *Taipabas* e do *Carquêja*, dos herdeiros do commendador Candido Francisco Vianna, e a do commendador José Cardoso Moreira, tocadas estas duas por agua.

Dispõe de valiosas e seguras vias de communicação com o mercado da cidade, e d'esta com a praça do Rio de Janeiro, pelo rio Muriahé, servido por vapores apropriados, canôas e pranchas, pela E. F. do Carangola e a Lagôa das Pedras. Da cidade são os seus productos expedidos pela E. F. de Campos a Macahé ou, pela via fluvial, por vapores, pranchas, barcas e canôas para S. João da Barra.

§ 5º

A parochia de *N. Senhora da Penha do Morro do Coco*, creada pela lei provincial n. 1,225, de 21 de novembro de 1861,[45] é constituida por territorio desmembrado da de Guarulhos. A mesma lei assignou-lhe por séde a capella d'aquella invocação existente no lugar denominado *Morro do Coco*. Teve porém primitivamente por séde o lugar da

---

[45] Lei n. 31, sanccionada pelo desembargador Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, presidente da provincia:

Limites da freguezia.—De um lado os serrotes que vertem para o estabelecimento de José Alves Corrêa; e da banda opposta para o do finado José Delgado Motta; d'estes serrotes pelo corrego que passa no estabelecimento de José Joaquim do Amaral e em seguida pela sesmaria de José Ribeiro de Castro até á de D. Anna Joaquina Carneiro Pimenta exclusive; d'ahi pelo rumo que divide estas duas sesmarias aos fundos do Pau Brazil, seguindo por esses fundos, pelos da sesmaria de Santa Rosa com legua e meia até o corrego da Buraca; d'este pelos fundos das sesmarias de Manuel Rodrigues Peixoto e outros até o porto da Madeira no Vallão da Onça. Do outro lado, a partir do dito porto da Madeira, de uma e da outra banda, até encontrar as sesmarias do Muriahé, pela estrada do Vallão da Onça; d'esta, atravessando a de Villa Nova, pela da fazenda do Muquirão, de José de Mattos Pimenta; d'ahi, pela estrada do Morro do Ovo, até á estrada geral do Imbury, de onde irá até o rio Itabapuana e limites com o municipio de S. João da Barra.

Ficam pertencendo á nova freguezia todo o territorio comprehendido entre os pontos acima indicados, o rio Itabapuana e o corrego de Santo Eduardo; não devendo estes limites prejudicar a linha divisoria que tem de extremar o municipio de Campos do de S. João da Barra, dependente de accordo das respectivas camaras e approvação do governo.

Pedra Lisa, onde se fundára, pelos annos de 1844, uma colonia de belgas, a qual não poude manter-se e se dispersou depois. A colonia fôra contractada pela presidencia da provincia com o belga Ludgero José Nellis em 1842 e em janeiro de 1844 chegaram a Campos os 95 primeiros colonos. Esta povoação, que se desenvolvêra com o concurso de pequenos lavradores e madeireiros de S. Gonçalo e S. Sebastião, d'aquem Parahyba, tem presentemente o nome de *Villa Nova.* D'ahi decorre o territorio da parochia até á margem direita do Itabapuana. Começaram os moradores pela extracção de madeiras,—jacarandá, peroba, cedro, vinhatico, tapinhoan, que exportavam para a cidade pelo *Vallão da Onça*, ou para a côrte por aquelle rio. Essa industria é porém hoje diminutissima e quasi nulla. Com o esgotamento das mattas passaram os habitantes para o cultivo da canna de assucar, do café, milho, feijão, mandioca; entretanto, o terreno presta-se a todas as culturas em voga no municipio. A do café parece ultimamente tender para tornar-se preponderante nella.

De todas as fracções parochiaes do municipio é nesta que mais generalizada se acha a *pequena lavoura,* cujo centro é o lugar denominado *Murundú*, séde de uma das estações da estrada de ferro do Carangola, por onde transporta os seus productos para o mercado central, a cidade.

Tem a freguezia do *Morro do Côco* 15 engenhos de assucar, dos quaes 3 movidos a vapor; 22 fazendas de café e cêrca de 200 pequenas lavouras de café, milho, mandioca e feijão.

Comprehende uma superficie de 537,04 kil. quadrados, com 761 casas habitadas e 9 habitantes por kilometro quadrado.

Quanto á sua população, cujo total ascende a 6,650 habitantes, reparte-se em:

Livres (contando 171 ingenuos)....	4,884
Escravos........................	1,766
	6,650

Discriminando-se os livres pelas profissões e misteres em que se empregam, tem-se:

Sciencias, artes e officios........	72
Commercio....................	90
Lavoura......................	1,313
Jornaleiros....................	908
Serviço domestico..............	1,425
Profissão ignorada.............	1,076
	4,884

Pelo que diz respeito aos escravos, temos:

Artistas......................	12
Lavoura......................	1,132
Serviço domestico..............	312
Occupação desconhecida.........	310
	1,766

Em relação ao estado intellectual, os livres dividem-se:

Que sabem ler..................	865
Analphabetos..................	4,019

Os escràvos são todos ignorantes.

Mantem a freguezia 2 escolas publicas para meninos e uma da mesma classe para o sexo feminino. Ha uma escola subvencionada no lugar denominado *Imbury.* Estavam em 1880 matriculados nas 2 escolas publicas 438 meninos, dos quaes 48 ingenuos, mas só 141 as frequentavam. Na escola de meninas a matricula era de 462, incluidas 100 ingenuas; a sua frequencia porém foi apenas de 30 no total. De onde se tira esta desconsoladora conclusão: de 1,000 meninos e meninas 829 não procuravam instruir-se!

§ 6.º

A freguezia de *Santa Rita*, creada pela lei provincial n. 272, de 9 de maio de 1842, tem de superficie 325 kil. quadrados. Andam por 670 as casas habitadas que possue, das quaes 19 casas de negocio.

Por escriptura lavrada em 7 de junho de 1816 no cartorio do tabellião de Campos Manuel Marques Simões, de honrada memoria, doaram Manuel José Martins Leão e sua mulher D. Anna Pereira 50 braças de terra em quadra á margem da Lagôa de Cima, para patrimonio da igreja e freguezia de Santa Rita (Monsenhor Pizarro, *Memorias hist.* III, pag. 102). A provisão episcopal de 23 de setembro d'esse mesmo anno permittiu aos moradores da Lagôa a erecção da capella, da qual ficou em maio do anno seguinte concluida a capella-mór, e assim começou a funccionar. Teve mais tarde pia baptismal, sacrario e cemiterio. A sua séde fica á margem sul da Lagôa que lhe dá o nome e ao seu pequeno povoado.

Tinha a freguezia de *Santa Rita da Lagôa de Cima* em 1880 uma população livre de 4,292 almas, em cujo numero incluem-se 460 ingenuos, e uma população escrava de 1,195, total : 5,487, tocando 16 habitantes por kil. quadrado.

Em relação com a profissão distribuem-se em :

	Livres	Escravos
Sciencias, artes, officios...	483	4
Commercio..............	30	
Lavoura................	1,149	938
Jornaleiros..............	21	
Serviço domestico.........	55	40
Occupação desconhecida....	2,554	213
Total....	4,292	1,195

Quanto ao cultivo intellectual, da sua população livre sabem ler........................... 405

São analphabetos........................ 3,887

Dos escravos sabem ler................. 12

Havia em 1880 na freguezia 2 escolas publicas para o sexo masculino ; estavam nellas inscriptos no mencionado anno 392 alumnos,contando com 76 ingenuos.D'esse total somente 64 as frequentavam. Achavam-se matriculadas, segundo os dados que vejo no *Almanak de Campos*, 312 meninas, incluindo 72 ingenuas ; mas não havia na parochia uma escola para esse sexo. Esta falta foi sem duvida sanada depois.

Presta-se o terreno da freguezia a mais de uma cultura, porque contém terras baixas e arenosas, outras alagadiças e ainda outras montanhosas. Nestas cultiva-se bem o café, a mandioca ; naquellas a canna de assucar.

Si se dessecassem os immensos pantanaes que possue, poderia apresentar uma espantosa cultura de arroz, que se tornaria inexgotavel.

As suas vias de communicação, além da estrada geral, são a Lagôa de Cima, o rio Ururahy e o canal de Campos a Macahé.

Conta 14 fazendas de assucar e aguardente, das quaes 6 movidas a vapor. A mais notavel d'ellas é a *Fazenda do Cupim*, de propriedade do dr. Joaquim Manhães Barreto e hoje de sua viuva e herdeiros. Fez outr'ora parte dos avultados bens da casa de Asseca.

Tem a freguezia seguramente 100 *situações*, em que se cultivam com vantagem a mandioca, o milho, o feijão e o café.

Si se attendesse mais em nossa terra para a união de todas as pequenas forças em uma collectividade mais ampla e unica, esses cem pequenos lavradores, cultivadores de cereaes, se congraçariam estabelecendo, como muito bem lembra o auctor do *Almanak de Campos*, uma *usina* central para o preparo da farinha, da tapioca, do fubá, em larga escala, o que compensaria de certo o labor empregado.

§ 7.°

A freguezia de *S. Benedicto da Lagôa de Cima*, situada, como o seu nome o indica, á margem da Lagôa

em que existe a precedente, mas na orla septentrional, foi instituida pelo decreto legislativo provincial n. 1,391, de 11 de dezembro de 1868, desmembrando-se da de *Santa Rita* o territorio necessario. Tem por matriz a capella mandada edificar pelo notavel fazendeiro commendador João Vicente de Almeida.

Com uma área de 391,96 kilometros quadrados e 484 casas habitadas e 7 que o não eram em 1880, a sua população orça por 4,174 habitantes, sendo livres 3,426, dos quaes 211 ingenuos, e escravos 748. Habitantes por kilometro quadrado 9.

Quanto ás profissões, distribue-se a população em

	Livres	Escravos
Sciencias, artes, officios....	185	7
Commercio..............	62	
Lavoura.................	1,128	529
Jornaleiros..............	187	
Serviço domestico........	180	75
Occupação desconhecida....	1,684	137
	3,426	748

Quanto ao estado intellectual,

Dos livres, sabem ler...............	348
São analphabetos..................	3,078
	3,426

Todos os escravos não sabem ler.

Havia na freguezia 2 escolas publicas e 1 particular para o sexo masculino e nenhuma para o feminino. Aquellas foram frequentadas por 141 alumnos, de 386 (incluidos 40 ingenuos) que se haviam inscripto. Havia matriculadas 268 meninas, das quaes 30 ingenuas, que não tinham escolas para frequentar. Pelo menos é isso o que colho do *Almanak de Campos*, em falta de dados officiaes ou fornecidos por outra qualquer fonte, para termo de comparação e rectificação.

Na verdade, nas freguezias ruraes, em que a população vive disseminada, ficando as escolas á grande distancia das respectivas residencias, com a carencia de bôas estradas, não é muito de admirar que as meninas não procurem as escolas. E' sem duvida uma falta muito sensivel e grave, mas como remedial-a?

As terras da parochia de *S. Benedicto* são identicas ás da de Santa Rita: a lavoura em que a população se emprega é a mesma.

Ha nesta freguezia 31 engenhos de assucar e aguardente, dos quaes se movem a vapor 8 e por agua 6. Possue, além d'isso, 58 fazendas de café e mandioca, e cêrca de 100 pequenos lavradores que vivem do cultivo do milho, da mandioca, do feijão e ainda do café, mas em menor escala. As fazendas de assucar estão quasi todas situadas no lugar denominado *Rio Preto* e as de café nas serras do Imbê e suas vertentes, onde dá bem.

A sua principal via de communicação é o mencionado Rio Preto, especialmente no tempo das aguas. Do lugar denominado *Trapiche da Barra*, onde se accumulam os productos agricolas da freguezia, descem estes pelo Parahyba á cidade de Campos ou para a de S. João da Barra e d'ahi para o grande emporio da côrte. Os dos estabelecimentos do Imbê e mais proximos á Lagôa, por ella vão ter á cidade pelo rio Ururahy e *Canal de Campos á Macahé.*

§ 8°

A freguezia de N. Senhora das Dores de Macabú, creada pela lei provincial n. 961, de 2 de outubro de 1857, compõe-se do territorio que constituia o 2° districto da subdelegacia de policia da freguezia de Santa Rita da Lagôa de Cima. Por essa mesma lei se ordenou que servisse provisoriamente de matriz a capella do cidadão Pedro Nolasco Pessanha, até se fazer nova igreja

no lugar denominado *Quilombo*, designado para séde da nova freguezia.

Tem de superficie 793,34 k. quadrados, com 1,197 casas habitadas.

A sua população era em 1880 de 8,047 almas, sendo livres 5,949 (incluidos 257 ingenuos) e 2,098 escravos. Distribuidos pelas profissões que exercem :

	Livres	Escravos
Sciencias, artes, etc.	419	62
Commercio	63	
Lavoura	1,496	1,127
Jornaleiros	138	
Serviço domestico	116	138
Profissão desconhecida	3,717	771
	5,949	2,098

Quanto ao estado intellectual :

Livres

Sabem ler	516
São analphabetos	5,433
	5,949

Escravos

Sabem ler	4
São analphabetos	2,094

Havia no mesmo anno de 1880 na parochia uma escola publica e outra particular de instrucção primaria para o sexo masculino. Para o sexo feminino nenhuma. A matricula das primeiras subia a 632, dos quaes 49 ingenuos, e a sua frequencia era apenas de 79. Havia entretanto 785 meninas, das quaes 35 ingenuas, inscriptas, que não tinham onde beber a instrucção !

Os terrenos da freguezia, que se estendem ás serras do Imbé, Zamba e Macabú, são na maxima parte paludosos, atravessados pela via ferrea de Campos a Macahé.

A vegetação que as reveste é uma especie de junco, que se propaga de modo prodigioso e constitue um constante elemento de febres palustres, a que denominam *sezões*, e que deixam uma invencivel cachexia, com hypertrophia do baço, de preferencia á do figado, e não raro das duas visceras.

O fumo, que produz maravilhosamente nas terras mais altas do sertão de Macabú, é entretanto cultivado e aproveitado apenas em escala insignificante. O plantio do café tem-se propagado nella. As culturas porém mais em uso na freguezia são a da mandioca, do milho e do feijão : ha mais de 120 pequenos estabelecimentos d'essas lavouras. Ha na parte baixa 21 fazendas de assucar e aguardente, das quaes as mais notaveis pela sua importancia são a do *Guriry*, dos herdeiros do commendador Joaquim Ribeiro de Castro, e a da *Batalha*, actualmente do snr. cons. João de Almeida Pereira Filho e que pertenceu outr'ora a d. Isabel Marques de Moraes.

§ 9.°

A freguezia de *N. Senhora da Natividade do Carangola*, creada pela lei provincial n. 636, de 23 de agosto de 1853,[46] teve a invocação que tem pela lei n. 1,244, de 14 de dezembro de 1861, que completou a disposição da lei precedente.

Constituia antes d'esses actos legislativos o 2.° districto de paz da freguezia de Guarulhos, creado por deliberação do governo provincial de 12 de agosto de 1844.

A sua extensão mede 793,34 k. quadrados de superficie, com uma população livre de 3,995 almas, contando 389 ingenuos, e 1,764 captivos, fazendo um total de 5,759 habitantes. Ha na parochia 670 casas habitadas, entre essas 33 armazens commerciaes e 20 predios occupados por varias industrias.

---

[46] Dr. João Baptista Cortines Laxe, *Regimento das Camaras Municipaes.*

Segundo os misteres em que se emprega divide-se a população em :

	Livres	Escravos
Sciencias, artes, etc.......	479	150
Commercio...............	94	
Lavoura.................	1,221	998
Jornaleiros..............	242	
Serviço domestico.........	587	280
Profissão desconhecida.....	1,392	336
	3,995	1,764

Quanto ao estado intellectual :

Dos livres sabem ler — 623, os mais, tanto livres como escravos, são analphabetos.

Ha na parochia duas escolas publicas e uma particular de primeiras lettras para meninos e nenhuma para meninas. De 720 alumnos matriculados nas primeiras, entre os quaes 60 ingenuos, só 94 as frequentaram em 1880. Havia entretanto 307 meninas, entre as quaes 25 ingenuas, que não receberam instrucção.

A séde d'esta freguezia assenta em um local aprazivel e contém uma população superior á de muitas villas do interior do Imperio, com um commercio florescente, que certamente a estrada ferrea do Carangola fará mais e mais avultar e desenvolver-se.

Distante 6 k. da sua séde, conta a parochia outro importante nucleo de população no denominado *Arrayal de Santo Antonio.*

Os seus primeiros estabelecimentos agricolas consagrados ao cultivo do café deve-os a freguezia a importantes familias mineiras que a revolução de 1842 fez emigrar da provincia para aquelles invios, posto que feracissimos sertões e para os do Itabapuana.

Aproveitando-me da mais proxima fonte de informações que a respeito da Natividade do Carangola encontrei de momento, o *Almanak de Campos*, direi resumidamente de suas terras o que desenvolvidamente poderá ali encontrar o leitor mais curioso.

São os seus terrenos dos mais productivos de todo o municipio. As suas inextricaveis mattas seculares e a sua natural configuração e disposição geologica promettem-lhes um grandioso futuro, si os seus proprietarios souberem aproveital-os por meio de uma nova organização do trabalho, de modo a conjurarem em tempo a crise que a falta do braço servil tem de por força occasionar.

Repetirei com o illustrado auctor do *Almanak*:

« O viajor que por suas mattas se embrenha fica extatico ante a enorme e inesgotavel prodigalidade da natureza, e os seus grandes dotes augurão-lhe em breves tempos o futuro e a missão de ser um dos primeiros municipios da provincia, si houver, como é de esperar, um accordo geral de todos os seus grandes interesses.»

E' prodigiosa a diversidade de madeiras que encerram, que ficaram por longos annos intactas e inaproveitadas por causa da sua situação muito acima das extensas e arriscadas cachoeiras do Muriahé. Em 1864, porém, João Lopes da Silva Lima, um d'estes arrojados sertanistas que lembra os famosos *bandeirantes* paulistas dos primeiros tempos, e emprehendedor como elles, ousou exploral-as e conseguiu extrahir mais de cem duzias de couçoeiras de jacarandá, do melhor que o mercado tem visto, e, superando innumeras difficuldades, abriu á parochia mais esta fonte de industria e riqueza. Este nosso ousado sertanejo falleceu, victima da sua tenacidade nas privações de semelhante commettimento, em uma humilde choça do *Arrayal de Santo Antonio, legando aos industriaes um tocante exemplo de amor ao trabalho*, longe do conchego do lar domestico e das placidas alegrias da familia.

Apesar dos enormes gastos do transporte, o jacarandá e a peroba, de que abunda a localidade, continuam a ser explorados. Quando a estrada do Carangola completar o seu traçado, maior desenvolvimento terá por certo a industria extractiva da freguezia com o estabelecimento de serrarias, que proporcionarão ao mercado a madeira já reduzida a taboas e pranchões, de mais facil conducção, aproveitando-se tambem as outras variedades de madeira de que estão pejadas aquellas florestas.

O terreno presta-se, como os melhores da provincia, para a cultura do café. Ha igualmente localidades em que a canna de assucar dá tão bem como nas terras baixas do municipio. Sirvam de prova do assérto as fazendas, tocadas por agua, de *S. Pedro*, propriedade do dr. José de Siqueira Tinoco, e a *de Todos os Santos*, que pertenceu ao snr. Manuel Joaquim Ribeiro de Castro.

Esses terrenos, situados em uma zona temperada e sob um clima secco, são appropriados a todas as culturas adoptadas no municipio e ás da vinha, do cacau, da baunilha, do fumo, do algodoeiro, &. A sua lavoura, porém, especial é a do café e a sua industria, além da extractiva, a de criação do gado.

A criação do bicho da seda e a das abelhas estão apontando aos carangolenses uma industria nova, seguramente lucrativa. A do gado suino, para exportar em pé ou aproveitado em todos os productos a que póde reduzir-se, daria para manter na localidade um estabelecimento central occupado do preparo de taes productos, com que não só se abasteceria o mercado de Campos e circumvisinhos, como tambem viria concorrer com os seus similares no grande emporio da côrte.

Possue a freguezia da Natividade do Carangola 109 fazendas de café, entre as quaes merece particular menção a *Fazenda de S. Domingos*, dos herdeiros do commendador Joaquim Ribeiro dos Santos, a qual póde ser dada por modelo d'entre todas do municipio.

A Natividade produz por si só a terça parte do café exportado de toda a comarca; essa producção subirá ainda a muito maiores proporções á vista da avultada plantação de cafezaes que se está fazendo na freguezia.

Nenhuma localidade do territorio campista se presta mais do que esta e mais do que esta reclama a creação de uma *Escola Agricola*, na opinião auctorisada dos que mais de perto conhecem as suas necessidades. A introducção de colonos suissos, belgas, allemães, portuguezes, italianos, viria tambem imprimir um salutar impulso ao seu já notavel desenvolvimento agricola, aproveitando a enorme extensão de terreno tão fartamente dotado de elementos aproveitaveis, que jazem inertes.

§ 10.°

A freguezia do *Bom Jesus de Itabapuana* data de 1862.

A séde parochial, assentada á margem direita do rio de que tira o nome, tem uma pequena igreja, que serve de matriz emquanto não se conclue outra de pedra e cal, que se acha em construcção. Conta a povoação 64 casas, dos quaes 6 de sobrado.

A área da freguezia comprehende uma superficie de 686,68 k. quadrados, com 454 predios habitados.

A sua população livre consta, em 1880, de 2,842 habitantes, entre os quaes 466 ingenuos. A escrava é de 1,298 individuos:—total 4,140.

Segundo as profissões e misteres em que se emprega distribue-se em

	Livros.	Escravos.
Sciencias, officios, etc......	335	49
Commercio...............	10	
Lavoura.................	1,688	956
Jornaleiros...............	96	
Serviço domestico.........	310	223
Profissão ignorada	403	70
	2,842	1,298

Quanto ao desenvolvimento intellectual:

Dos livres—1,100 sabem ler, e os mais, reunidos á população escrava, são todos analphabetos.

Ha na freguezia uma escola publica e outra particular para o sexo masculino e uma publica para o feminino. Nas primeiras matricularam-se 457 alumnos, dos quaes 46 ingenuos; na de meninas inscreveram-se 428, das quaes 40 ingenuas. A frequencia foi no anno de 1880, a que estes dados se referem, de 169 para aquellas e de 40 apenas para as segundas: 685 de um e outro sexo não frequentaram as aulas.

O solo da freguezia, em grande parte revestido ainda de densas florestas virgens, é o mais adequado possivel para a cultura do café, do fumo, do cacau, etc. A do primeiro d'esses generos na freguezia é considerada uma das mais prosperas do municipio.

Cortado de innumeros regatos, que vão engrossar a arteria fluvial do Itabapuana, são saluberrimos o solo e o clima da freguezia.

Começou a desenvolver-se a nova freguezia com o advento de familias mineiras e a abertura de uma estrada, que vai ter ao porto da Limeira, mandada fazer pelo governo da provincia: tem outras faceis vias de communicação e de sahida para os seus productos, como sejam o seu rio principal, limitrophe da provincia do Rio de Janeiro com a do Espirito-Santo, e o importantissimo *ramal de Santo Eduardo*, da estrada de ferro de Carangola, que os transporta directamente a Campos, indo d'ahi a Macahé ou a S. João da Barra.

Pela barra do Itabapuana faz-se um activo commercio de madeiras para o Rio de Janeiro, que orça por metade da totalidade das madeiras que exporta todo o municipio, constituido principalmente por jacarandá, que já vai rareando, peroba, sobro, vinhatico, cedro, tapinhoan e canella. Para o porto da Limeira, povoado de mui recente creação, chegou a exportar-se mais de 800,000 arrobas de productos, sem contar o que poderia ainda exportar e o que se encaminha para a visinha provincia.

Iniciada, como se acha, a criação de gado suino na freguezia, uma fabrica de preparos de productos relativos, podia contribuir para a ampliação d'essa nova industria com seguro proveito para a localidade em que se fundasse, quiçá para toda a parochia, e para os que nella embarcassem capitaes e cuidados. O cultivo do fumo, que ali produz maravilhosamente, seria outra fonte de riqueza que não daria menos lucros. O de milho, feijão e arroz, em mais ampla escala, seria sem duvida remunerador.

Sobe a 157 o numero de fazendas de café na freguezia, que possue 3 fazendas de assucar e 18 estabelecimentos de criação de gado vaccum.

Do 2° districto d'esta freguezia desmembrou-se o territorio que constitue a parochia de *S. Sebastião de Itabapuana*, tendo por séde a povoação de *Varre-Sahe* e por limites a linha que, partindo do ribeirão de Agua Limpa na sua confluencia com o Rio Preto ou Itabapuana, que separa a provincia do Rio de Janeiro da do Espirito-Santo, e seguindo por ella, vá encontrar as divisas da provincia de Minas-Geraes e da freguezia de N. Senhora da Natividade do Carangola: d'esta ficaram pertencendo á nova freguezia as fazendas do *Cigarro*, de Felicissimo de Faria Salgado, a do *Monte-Verde*, de Antonio Teixeira de Siqueira, e a do *Pouso-Alto*, de Francisco Vicente Domingos.

DIVISÃO ECCLESIASTICA DO MUNICIPIO

Pertence o Municipio de Campos dos Goytacazes á diocese do Rio de Janeiro e divide-se, como ficou dito em outro lugar, em dez freguezias com a da cidade. As epocas das erecções de cada uma d'ellas já foram tambem dadas, á medida que tratei de cada uma: ocioso seria repetil-o.

Na freguezia de S. Salvador, a que pertence a cidade, ha, como cabeça de comarca ecclesiastica que é, um vigario da vara, cargo actualmente desempenhado pelo snr. conego Antonio Pereira Nunes, em substituição do padre mestre José Rodrigues Barbosa, hoje fallecido e que o exercêra por longos annos;[47] um vigario da freguezia, lugar que desempenha actualmente o snr. conego dr. Luiz Ferreira Nobre Pelinca desde 2 de abril de 1876, tendo succedido ao conego dr. João Carlos Monteiro (vigario collado), hoje fallecido; tem por coadjutor o padre Francisco da Cruz Paula. O mosteiro de

[47] O conego dr. João Carlos Monteiro, vigario da igreja, serviu tambem este cargo antes do snr. conego Nunes e depois do padre mestre Barbosa.

S. Bento conserva ainda um representante no municipio, com residencia na cidade, na respeitavel pessoa de frei Manuel de S. Bento. Occupa o lugar de escrivão do juizo e cartorio ecclesiastico o snr. José Pires da Silva.

Na freguezia de S. Gonçalo occupa a séde parochial, desde o fallecimento do padre Manuel José de Faria, o padre Antonio Luiz Ferreira Pinto.

Na de S. Sebastião exerce o cargo o padre José Pires da Silva e Almada.

A de Santo Antonio dos Guarulhos tem por vigario o conego Joaquim José Pacheco Guimarães e por coadjuctor o padre Joaquim José Teixeira de Castro. Foi por muitos annos vigario d'esta freguezia o conego João José da Silva Pessanha Baptista, hoje cura do Sacramento na côrte.

Na freguezia da N. Senhora da Penha do Morro do Côco exerce essas funcções o padre Francisco Cardoso de Mello.

A de Santa Rita da Lagôa de Cima tem por vigario o padre Pedro da Fonseca Osorio.

A séde parochial de S. Benedicto está presentemente (1880) vaga.

A de Nossa Senhora das Dores de Macahú tem por vigario, unico collado, ao padre Manuel Marques Monteiro.

A de Nossa Senhora da Natividade do Carangola é preenchida pelo padre João Baptista de Souza.

A freguezia do Bom Jesus de Itabopuana tem por vigario o padre José Guedes Machado.

Em todas ellas, incluida a da cidade, com excepção apenas da de Macabú, os vigarios são encommendados. O snr. bispo diocesano, levado sem duvida por motivos ponderosos, que cumpre respeitar, não tem querido prover de pastores amoviveis as innumeras parochias da sua triplice e vasta diocese, apesar de mais de uma vez admoestado para o fazer pelo ministerio competente.

DIVISÃO POLICIAL

Conta o municipio um delegado de policia com tres substitutos, um subdelegado com outros tantos, 4 juizes de paz, um escrivão da delegacia e outro da subdelegacia e paz. Cada freguezia tem igualmente um subdelegado com tres substitutos, 4 juizes de paz e um escrivão de paz e subdelegacia. A de Guarulhos, porém, tem 2 subdelegados, um do 1° districto e outro do 2°, com um escrivão de subdelegacia e paz. A do Bom Jesus tambem tem dous subdelegados, um para cada districto; a de Carangola tambem e a de Macabú. Nesta ha dous escrivães, um para a subdelegacia e um para o juizo de paz. Em todas ellas o numero de juizes de paz é sempre de 4, embora se dividam em mais de um districto.

OBRAS PUBLICAS DO MUNICIPIO

O paço da Camara Municipal, a cadeia, o matadouro publico e a ponte de ferro que atravessa o Parahyba, são as unicas obras d'essa categoria que conheço no municipio.

RENDAS PUBLICAS

Pelo livro do registro dos balanços da Camara Municipal de Campos se verifica que durante o biennio de 1880 -- 81 foi a receita do municipio de réis 150:147$220, sendo a do anno de 1880 de 71:577$450 réis. A despeza no mesmo biennio foi de réis 176:561$663, tocando ao anno de 1880 a quantia de réis 99:032$235. Houve neste anno um *deficit* de 27:474$785 réis. No de 1881, porém, verifica-se um saldo de réis 1:040$342.

Nesta demonstração não se incluem nem a receita proveniente dos subsidios, nem a despeza realizada por conta dos mesmos.

Os impostos municipaes arrecadados nos annos de 1880 e 1881 vão espicificados na seguinte tabella, que é official :

IMPÔSTOS ARRECADADOS

ANNOS	QUARTEIS	POLICIA	DECIMAS	AGUA-ARDENTE	SIZAS	LEGADOS	MULTAS	EMOLUMENTOS	AVERBAÇÕES DE ESCRAVOS	DIVIDA ACTIVA	TOTAL
1880	1.º	11:390$000	337$680	7:490$000	7:672$971	3:744$271	46$080	20$200	....	5:126$563	
	2.º	1:350$000	20:187$720	360$000	5:249$901	814$909	59$940	16$200	80$000	3:879$758	
	3.º	325$500	1:005$480	90$000	4:049$053	1:246$805	41$374	130$326	80$000	5:731$875	
	4.º	705$500	23:506$740	150$000	3:200$562	34:104$146	215$386	20$200	20$000	4:305$234	
	Addicional	241$000	2:813$220	....	....	....	172$475	....	....	....	
		24:013$000	47:850$810	8:090$000	20:172$487	39:910$131	538$255	186$926	180$000	19:043$130	159:985$069
1881	1.º	17:083$000	283$500	5:740$000	3:940$000	13:257$007	140$100	27$400	20$000	819$[illegible]02	
	2.º	4:008$000	20:788$920	1:530$000	4:386$666	845:047	224$640	136$911	300$000	234$743	
	3.º	633$000	1:618$020	120$000	5:440$680	10:267$336	252$600	16$400	420$000	3:578$298	
	4.º	470$000	21:911$100	60$000	5:314$998	5:048$314	223$740	9$200	370$000	3:299$165	
	Addicional	150$000	2:136$120	30$000	....	....	128$160	....	180$000	....	
		22:314$000	49:737$960	7:480$000	19:082$344	29:417$704	969$540	189$911	1:290$000	7:962$408	138.473$867
	Totalidade	46:357$000	97:588$800	15:570$000	39:254$831	69:327$835	1:507$795	1:376$837	1:470$000	27:005$838	298:458$936

Como se vê, a receita municipal do anno de 1880 importou na quantia de 159:985$069 e a do anno de 1881 na de 138:473$867; sommado o total dos dous exercicios dá a média de 149:229$418.

CURIOSIDADES NATURAES

Nenhuma offerece este municipio digna de menção, que eu o saiba.

DISTANCIAS

Dista a cidade de Campos da de S. João da Barra, rio abaixo, 50 kilometros, e mais 2 kilometros da foz do Parahyba.

Fica distante da de S. Fidelis, aguas acima, 57 kilometros. Estas duas cidades estão tambem na margem direita do rio.

Dista a cidade de Campos da de Macahé e porto de Imbetiba, ponto terminal da linha ferrea que as liga, 104 kilometros, e por aquella estrada 97 k.

Da capital do Imperio fica distante cêrca de 390 kilometros.

POPULAÇÃO

Quando tratei das freguezias de que se compõe o municipio dei a população que cada uma continha. Agora reproduzirei apenas o total de cada parochia, para se ter o total da população do municipio.

Tem actualmente o municipio a superficie de 5415,10 kilometros quadrados.

Conta uma população livre de 56,191 almas, tocando 10 habitantes livres por k. quadrado. Até 31 de dezembro de 1880 estavam matriculados 10,266 ingenuos. A população escrava era nessa data de 32,125: total—88,316 habitantes, distribuidos do modo seguinte pelas freguezias:

	Livres	Escravos
S. Salvador..........	11,490	7,910
S. Gonçalo	7,191	4,483
Guarulhos	6,484	7,825
	25,165	20,218

Transporte	25,165	20,218
Dores de Macabú.....	5,949	2,098
S. Sebastião	5,638	3,038
Morro do Côco.......	4,884	1,766
Santa Rita...........	4,292	1,195
Carangola	3,995	1,764
S. Benedicto.........	3,426	748
Bom Jesus...........	2,842	1,298
Total......	56,191	32,125
Total geral		88,316

Convem que se note que, de todos os municipios do Imperio, é este o que conta maior numero de escravos. Quando as provincias do norte, com verdadeira intuição do generoso movimento social que se está operando em nossos dias, lançavam toda a sua escravatura sobre as provincias do sul, foi Campos o municipio que em mais larga cópia a recebeu.

AGRICULTURA

O principal genero de cultura do municipio é o da canna de assucar. Com os melhoramentos mechanicos modernamente applicados, graças ao desenvolvimento da iniciativa individual que se vai entre nós operando, quebrando-se o mago encantamento que prendia á rotina até os mais qualificados dos nossos fazendeiros, quasi que rivalisa a municipio nesse ponto com Pernambuco. Em algumas fazendas o producto é igual ao d'aquella procedencia.

Cultiva outrosim em não pequena escala, nos terrenos altos de Guarulhos, o café. Tambem cultiva a mandioca para o consumo, o milho, o arroz, o feijão, a araruta, etc. O algodão até hoje cultivado no municipio, em pequena proporção em comparação com o tempo colonial, é o arboreo, que entretanto não é aproveitado para a exportação, como podia ser.

Não menciono os legumes e fructos cultivados no municipio, porque já d'elles me occupei em outro lugar.

Criação.—Ha no municipio a necessaria criação de gado vaccum, cavallar, lanigero, cerdum, etc. Não se tem tido todavia cuidado de renovar as raças ; por isso o que o municipio apresenta nesse sentido não prima pela grandeza das proporções nem pela robustez e belleza da especie.

Na freguezia de S. Sebastião, á beira mar, junto ao Cabo de S. Thomé, ha bellos campos de pasto nativo, onde se faz em ponto grande a criação de gado, quasi exclusivamente bovino : estes campos, que foram dos primitivos *hereos*, pertenceram depois, na maxima parte, ao commendador José Martins Pinheiro, barão da Lagoa Dourada.

A pequena criação resume-se na de aves domesticas, e pelos vapores de Macahé exporta-se constantemente para o Rio de Janeiro grande quantidade de ovos.

Pesca.— Feita nos rios e lagôas do municipio, dá quasi que sómente, não obstante a sua abundancia e excellencia, para o consumo da população.

INDUSTRIA FABRIL

Consiste no fabrico do assucar, aguardente, farinha de mandioca, tapioca, polvilho, milho e outros cereaes, telhas e tijollos, louça de barro, pelles curtidas, sola, calçado, etc.

COMMERCIO—ARTES—OFFICIOS

Conta o municipio, especialmente a cidade, grande numero de casas de negocio de fazendas e de seccos e molhados. A cidade continha em 1880 exactamente 130 casas de seccos e molhados ; 33 lojas de fazendas; 4 lojas de livros; 1 fabrica de cerveja; 11 hoteis e *casas de pasto* ou hospedarias ; 21 açougues; 12 padarias ; 5 relojoarias; 4 lojas de ourives e mercadores de joias ; 8 officinas de

alfaiate; 2 de chapellaria; 5 charutarias; 3 officinas de fogos artificiaes; 2 ferradores; 4 caldeireiros; 8 ferreiros; 15 funileiros; 7 lojas de obras brancas; 4 pintores; 14 marcineiros; 7 sapateiros; 9 selleiros; 2 segeiros; 1 tamanqueiro; 5 tanoeiros; 3 tintureiros; 2 photographos e retratistas; 3 fabricas de fundição mechanica; 5 serrarias, entre manuaes e a vapor.

A exportação limita-se ao assucar, uma terça parte do que produz; aguardente, café e madeiras. O valor total do commercio de exportação e importação calcula-se que foi em 1880 de dez mil contos de réis.

Em outros tempos, quando a comarca recebia productos do sul de Minas e dos municipios de S. Fidelis, Santa Maria Magdalena e parte do de Cantagallo, antes que tivessem estes municipios outros escoadouros, regulava, só quanto á importação, em seis a oito mil contos annualmente.

A importação do municipio de Campos consiste principalmente em fazendas de seda, velludo, linho, lã e algodão, de fabricas francezas, inglezas e americanas; carne secca, ferragens, louça fina, papeis pintados, livros e outros objectos necessarios ao bem-estar de uma população habituada não só ao confortavel e ao indispensavel, como ao luxo. Sob este ultimo aspecto, teve sempre Campos fama de amiga do luxo e da ostentação, e ainda hoje não perdeu de todo essa reputação secular. A outra face do caracter popular campista era a hospitalidade, tanto que só de poucos annos a esta parte, notavelmente depois do estabelecimento da ferreo-via de Campos a Macahé, foi que se fundaram e conseguem manter-se os *hoteis* que de presente conta. No tempo da visita do principe Maximiliano, e até nos nossos dias, apenas havia na rua Beira-rio, hoje de Pedro II, uma hospedaria manhosa, com o lettreiro *Casa de Pasto*, pertencente a um fulano Durão. Não tinha ainda, nem teve por longos annos, direito de cidade a palavra franceza *hotel*, hoje, por *fas* ou por *nefas*, addicionada á lingua nacional.

D'antes recebia e expedia tudo, já tive occasião de o dizer, pelo porto de S. João da Barra, que conservava uma navegação quinzenal de dous vapores para o Rio de

Janeiro, além de um grande numero de sumacas e patachos, que faziam as viagens que os ventos permittiam. Depois que se estabeleceu a estrada de ferro para Macahé, importa e exporta quasi que exclusivamente tudo pelo porto de Imbetida, expedindo e recebendo o seu antigo porto de mar uma minima parcella dos seus productos; todavia, toda a madeira que extrahe exporta-a por ali.

Exporta tambem, como já em outro lugar se disse, muita goiabada e pelles curtidas.

De um quadro publicado pelo *Almanak de Campos* dos *Productos do municipio que são vendidos e revendidos para o consumo municipal*, referentes ao anno de 1880, extrahirei os seguintes dados:

Farinha produziu de renda...	285:084$000
Feijão....................	420:000$000
Assucar....................	28:000$000
Aguardente................	160:000$000
Café......................	360:000$000
Arroz.....................	3:000$000
Polvilho..................	16:000$000
Toucinho..................	60:000$000
Bois (para consumo)........	400:000$000
» (para serviço agricola)..	160:000$000
Porcos....................	320:000$000
Queijos...................	16:000$000
Milho.....................	8:000$000
Goiabas...................	50:000$000
Leite.....................	7:200$000
Ovos......................	144:000$000
Aves domesticas............	100:000$000
Frutas....................	7:200$000
Verduras..................	7:200$000
Peixe.....................	40:000$000
Lenha.....................	35:500$000
Fumo......................	3:000$000
Meios de sola..............	66:000$000
Madeiras para manufactura e construcção............	40:000$000
Total........	3,015:884$000

A exportação durante o mesmo anno orçou pelo seguinte:

Café	750:000$000
Assucar	2,645:456$000
Aguardente	773:775$000
Alcool	64:000$000
Goiabada	150:000$000
Feijão	4:200$000
Milho	8:000$000
Sola, pelles	18:000$000
Jacarandá	360:000$000
Peroba	133:352$000
Tapinhoan	4:788$000
Cedro	45:320$000
Outras madeiras	34:150$000
Productos diversos	20:000$000
Total	5,011:021$000

Estes dados, cuidadosamente colhidos, dão de certo uma ideia vantajosa do nosso movimento commercial interno e externo.

Si cada municipio pudesse empregar em seu beneficio proprio os direitos do que produz, o de Campos seria sem duvida um dos mais properos do Imperio. Entretanto, para as suas despezas annuaes recebe apenas a quantia de 20:000$000 réis.

Ha ainda na cidade e municipio um grande movimento financeiro, de que o commercio local se aproveita, representado pelo numerario que gyra nos bancos, companhias de seguros, &. e que resumirei nos seguintes dados. Estas associações commerciaes e companhias têm todas a sua séde na cidade, menos a E. F. de *S. Sebastião*, que a tinha na côrte, com manifesto detrimento para a sua renda, que, por um verdadeiro milagre de equilibrio, sempre andava a par com a despeza. São : — *Companhia ferro-carril (bonds) de Campos ; Campos Gas Company ; C. Estrada de Ferro de Campos a S. Sebastião ; C. Estrada de ferro de Carangola : C. de Seguros Maritimos*

e *Terrestres S. Salvador*, com um capital nominal de mil contos de réis e cujas operações durante o anno de 1880 excederam de 800:000$0000 ; *C. de Seguros Maritimos e Terrestres e de Escravos Perseverança*, com igual capital e cujas operações são comtudo menos avultadas ; *Banco de Campos*, com um capital nominal de dous mil contos e cujas transacções no ultimo semestre d'aquelle anno foram de 2,951:044$783 réis ; *Banco Commercial e Hypothecario de Campos*, com 1,000:000$000 de capital e que durante o mesmo semestre fez transacções no valor de 1,007:652$000 ; *Caixa Economica de Campos*, que accusou em dezembro do dito anno um capital de 3,612:581$430 réis, cuja quasi totalidade era representada por 3,476 apolices da divida publica, o que demonstra que refoge do movimento commercial, industrial e agricola do municipio um grande peculio monetario assim immobilisado. Aproveitado em um *Banco de credito real*, por exemplo, coadjuvaria sem duvida o desenvolvimento da industria agricola, fabril e correlativas, fazendo multiplicarem-se os respectivos productos e o valor do solo ; auxiliaria a transformação, que ora começa, no systema de agricultura e do trabalho servil para o livre, para o qual caminhamos mais depressa do que se cuida.

A 7 de abril de 1834 fundara-se em Campos uma instituição, que pudera ter prestado immenso auxilio á sua lavoura e de que foi principal promotor e primeiro presidente o conselheiro Joaquim Francisco Vianna, posteriormente senador pela provincia do Piauhy : quero fallar da *Sociedade Campista de Agricultura*. Essa associação, que de vez em quando como que tenta reviver, solevantando o sudario de gelo que a envolve, tem um fundo superior a 30:000$000, que em 1880 se tratou de empregar utilmente mandando-se vir 50 familias de emigrantes, composta cada uma pelo menos de 4 pessoas. Esse projecto, que tanto tinha de ajuizado e opportuno, não teve execução.

Abundam no municipio elementos com que se fundem e prosperem novas industrias, que trariam maior somma de bem estar a seus habitantes, aproveitando-se forças

latentes que se conservam inactivas. Assim, podiam estabelecer-se fabricas de graxa e sabão, de tecidos de algodão, cuja materia prima é de tão facil cultivo, de pilação de arroz, de preparados dos productos do gado suino e outros.

Tempo virá em que tudo isto se ha de fazer e muito mais ainda, redundando em proveito da patria, em cujo futuro confio. Então os nossos netos se admirarão de como pudemos dormir tão longo somno, sem procurarmos tirar partido do que de mãos largas nos offerecia a prodiga natureza.

INSTRUCÇÃO

Possuia o municipio, em 1880, 49 escolas de ensino primario, sendo 32 para meninos e 17 para meninas. Pelo que toca á frequencia, de 11,854 alumnos que naquelle anno nellas se inscreveram,sendo do sexo masculino 6,346 e do sexo feminino 5,508, só 1,442 d'aquelles e 614 d'aquellas, total 2,056, as frequentaram : 9,798 não o fizeram.

Dou por finda a tarefa que sobre mim tomei. Espero toda a benevolencia para as lacunas que neste trabalho notarem. Eu mesmo não estou satisfeito com o que ahi fica exposto. Arredado porém da amada terra campista desde 1875, visitando-a apenas todos os annos durante um mez, antes como hospede do que como filho, ha de forçosamente ter-me escapado muita circumstancia digna de nota e muito facto digno de memoria.

E' pois um trabalho de occasião, que me proponho emendar e ampliar com vagar e quando puder. Fique porém desde já fincado este marco, lavrado toscamente pelo patriotismo á luz serena da verdade historica.

Seguem-se as notas avulsas a que me refiro no correr da memoria.

NOTAS

Etymologia da palavra goytacá

Pag. 9.

A' bella monographia de Fernam Cardim « Do principio e origem dos Indios do Brazil e de seus costumes, adoração e ceremonias, » que vai ser publicada pela primeira vez em portuguez este anno de 1881 pelo snr. João Capistrano de Abreu, que ministra assim um valioso documento a mais para a elucidação dos primeiros dias da historia patria, tão obscuros ainda; accrescentou notas illustractivas de incontestavel valor o snr. dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, eminente ethnologo nacional, tão profundo no saber como na modestia.

D'essas notas aproveito-me da seguinte :

« GUAYTACÁ (pag. 37).

O Visconde de Porto Seguro explica este nome : *Guata-cá* corredores, até certo ponto procedentemente, pois do verbo *guata*, andar, se deriva *guatahar* o que anda, andejo, e si bem que não seja usual a mudança do *h* em *c*, comtudo é admissivel e satisfaz ao que se diz no texto e narram os chronistas. Martius cita em falso o Visconde de Porto Seguro (Ethnogr. pag. 302 nota) e talvez tambem Alcide d'Orbigny, quando lhes attribue a explicação de *Goyataca* por *goata* (*wandern*) e *caá* (wald), mas com razão diz : « aber die festgestellte Thatsache, dass sie (die Goiatacá) immer den Aufenthalt in offenen Gegenden nahmen, widerspricht dieser Erklaerung.»

E não é só por isso: a explicar-se *Guaitaca* por *guatá* e *caá*, ter-se-hia *guata-caá* matto de andar (que nada significa).

O facto de serem os Goitacá de nacionalidade diversa das do tronco Tupi, a qual Martius filia aos Guayana e ethnographicamente considera aparentada com os que elle denominou *Ge* e *Guck* (a designação generica dos estranhos ou inimigos na lingua geral era *tapyi*), devia, ou pelo menos podia influir no nome que lhes fosse dado em Abañeenga, e pelo que precede não se vê isso.

Pelo contrario, reportando-se os *Guaytacá* aos *Guayaná* (os alliados, embora de raça diversa), pela lingua geral se poderia explicar até certo ponto *coya-etá-cab* (ou *acâb*), mas muito forçadamente (Veja-se *auca* e *cua*).

Com a significação de «corredores» que lhe dá o Visconde de Porto Seguro daria mais litteralmente o Abañeenga *aquãn-atahár* (ligeiro marchador), onde a mudança do *h* em *c* é justificavel.»

Dos indios Guarulhos

Pag. 20.

Acêrca da reducção primitiva d'estes indios diz P. Rocco da Cesinale na sua *Storia delle Missioni dei Cappuccini* (Roma, 1867-73), vol. III :

« Scopo principale la riduzione degli Indi, in generale sappiamo che fin da principio si diffusero nelle selve, ne raccolsero molti, li unirono in aldee. In particolare le memorie ci richiamano a S. Antonio dos Guarulhos, a S. Pedro do Rio Grande e Campo Novo : Guarulhos o Guarus erano Indi sulle rive del Parahiba del Sud, fra i quali entrati Gio. Battista (*) e compagni come prima posero stanza in Rio de Janeiro, furono accolti con umanitá, con caritá li raccolsero ; onde una nuova aldea intitolata al santo lusitano di fronte a Campo.

(*) Cappuccino della Provincia di Bretagna.

. . . Un'altra ne trovo a Guaitacazes di mano loro (1687). Di là un p. Fiorentino, « memorabile per sempre per l'intrepidezza del suo zelo, che gli fece attravessare con un bastone in mano, senza guida e senza compagno, un deserto de cinquecento leghe, ove da alcune Missioni in fuori, non s'incontrano che tigri ed antropofagi », accostò il Paraguay e si fece da guadagnarsi il titolo di « uomo apostolico. »

Accanto ai Missionarii francesi troviamo fin d'allora gli italiani. I primi tra i Guarulhos tre anni dopo l'ingresso dei confratelli (1672) in altra aldea piú a ponente sulle sponde del Muriahé. Altri andarono ai Goitacazi, feroci ed antropofagi, per comporne nuove popolazioni. Un p. Paolo assunce poi la cura del borgo di S. Salvatore, oggi cittá di Campos. . .»

Muralha do Parahyba

Pag. 27.

Construindo-se mais 493,^{m}25 nos pontos desde a volta acima da Lapa até em frente á officina de fundição de Chrysostomo & Victor, onde não existe nenhuma obra de segurança ou está damnificada a antiga, ficaria a cidade premunida contra as innundações trazidas pelas enchentes do grande rio e convenientemente regularisado o seu aspecto geral.

Como geralmente se suppõe que quem mandára de seu principio fazer esta muralha fôra o digno e illustre campista dr. João Caldas Vianna, pae do visconde de Pirapetinga, dou em seguida o que pude colher relativamente ao assumpto nos relatorios presidenciaes do tempo.

No que apresentou em 1843 á assembléa provincial o dr. Caldas Vianna, vê-se que para a construcção d'essa muralha mandára elle desapropriar 31 predios edificados na ribanceira, que obstruiam a vista da cidade, e construir parapeitos e outras obras de segurança.

Eis o que diz elle:

« Os panos da muralha do Parahyba antigamente construida, parece que só o forão no intuito de evitar o esboroamento das ribanceiras com o fim principal de guarnecer a cidade contra os transbordamentos funestos do rio nas cheias extraordinarias, por isso que o plano superior das cortinas acompanha as ondulações do terreno, tendo sido por vezes sobrepujado pelas aguas do rio. He portanto de indispensavel e absoluta necessidade elevar a mesma muralha actual, e a nova quatro palmos acima do calçamento da rua, formando um parapeito com boeiros para o esgoto das aguas da chuva. Esta obra, indispensavel para conservar uma Cidade, que por sua população, riqueza e civilisação he sem duvida a primeira da Provincia, e d'est'arte as vidas, e fortunas de immensas familias, que nella habitão. Mandei fazer esta obra na extensão de toda a Cidade entre a Corôa e o porto do Maciel junto á Lapa, com o parapeito de quatro palmos com os gigantes soterrados da parte da rua, alteamento, e calçameuto simultaneo da beira do rio pela Camara, e plantio de arvoredo.

«Desapropriei 31 casas, que ficão nessa rua com fundos sobre o rio, afim de que a muralha possa fazer-se desassombrada, e como com essa desapropriação se alargou muito a rua nesses pontos, ordenei que a despeza com a desapropriação fôsse feita pela Camara Municipal. Esses edificios todos estão arruinados, ou velhos, com os pequenos reparos, que lhes fazem os proprietarios; só 6 são de sobrado, e 4 mui decadentes; todos os mais são casas terreas ordinarias, e destas ainda 6 pertencem á Camara Municipal. Fiz proceder a uma avaliação pela Collectoria do lugar, como vereis da relação appensa, e foi tudo avaliado, inclusivamente as 6 casas da Camara, em 36:300$000: creio, pelo conhecimento que tenho de taes edificios, que a avaliação he justa, e a judicial não elevará de certo esta rubrica. Abatido o valor dos edificios da Camara, ficam 34:000$000 a despender com as indemnisações; e como estou na persuação de que a obra da muralha não se ultimará antes de 3 a quatro annos, sollicito de vós que no orçamento da Camara Municipal de Campos contempleis a quantia de

8:000$000 para as indemnisações com esta desapropriação.»

Deu, como se acaba de ver, o benemerito campista grande impulso á construcção d'esta obra indispensavel e reconhece-se o decidido empenho que nutria pela sua execução, ampliando-a á frente de toda a cidade.

Um dos seus illustres antecessores no cargo, o dr. Paulino José Soares de Sousa, posteriormente visconde de Uruguay, porém, já dizia á Assembléa em 1838:

« No Relatorio do Presidente da Directoria (*da 4ª secção das Obras Publicas*) encontrareis amplas informações ácerca do estado da muralha do Parahyba em Campos, e vereis que essa rica e populosa cidade já se acha, ao menos naquelles lugares em que estava mais exposta, garantida contra as invasões das grandes enchentes do rio Parahyba. »

José Ignacio Vaz Vieira, antecessor do dr. Paulino de Souza na presidencia, no seu relatorio, em 1837, diz:

« A obra da *Muralha do Parahyba* em Campos tem tido andamento. Para segurança desta cidade nas invasões do Rio he sem duvida necessario que a muralha se prolongue por toda a sua fronteira.»

Recuando um anno mais, no relatorio apresentado á Assembléa pelo mesmo dr. Paulino, em outubro de 1836, lê-se:

« Pelo que toca á muralha do Parahyba, levantada para preservar a Cidade de Campos das innundações desse caudaloso rio, está ella, segundo as ultimas informações que tenho do Official encarregado da Secção do Nascente, Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde, com altura já fóra do alcance das ordinarias enchentes, e continuão com rapidez os trabalhos. »

Em março do mesmo anno de 1836 o presidente conselheiro Rodrigues Torres, depois visconde de Itaborahy, dizia aos membros da Assembléa:

« O concerto da parte da muralha, de que tambem vos dei conta o anno passado, está concluido com dispendio de 8:000$000 réis, com que para elle contribuio o Cofre da Provincia: cahio porém no principio de Dezembro

ultimo hum lanço da antiga muralha, e o que della resta está a pique de ter a mesma sorte ; de modo que he preciso desmanchar 40 braças da muralha que já cahio, ou está a cahir ; eleva-las de novo nas convenientes proporções ; e fazer algumas rampas calçadas ; o que tudo foi pelo Engenheiro orçado em 20:000$000 réis pouco mais ou menos ; e dado que pareça esta obra de exclusivo interesse municipal, nem por isso julgo menos necessario destinar-se-lhe huma consignação, que faça accelera-la mais, do que o permittem as rendas do respectivo Conselho ; pois pede a equidade que assim se proveja sobre hum objecto, na qual póde hir a propria existencia de huma Cidade tão importante, e cujo Termo com tamanho contingente concorre para as rendas da Provincia.»

Em 1835, finalmente, o presidente, primeiro que teve a provincia, o mesmo conselheiro Rodrigues Torres, diz no Relatorio com que abriu a 1ª sessão da 1ª legislatura :

« A' beira do Parahyba, e do lado, que fica a Oeste da Villa de Campos, se havia levantado huma muralha para preserva-la das innundações do Rio, que com a menor enchente lança por ali as aguas, que não póde conter por ser a margem mui baixa naquelle lugar.

« A pouca espessura da muralha, e defeitos de sua construcção fizerão que a enchente de 1833 a derribasse em parte, e foi por isso mister reedifica-la. Para obra de tanta urgencia determinei a prestação mensal de 600$, contados do 1° de Janeiro deste anno. A despeza total foi calculada em 8:000$000 réis.»

Fica assim averiguado que a muralha da nossa cidade preexistia á historica enchente grande de 1833.

Já nesse tempo pediam os campistas á administração superior da provincia, entre outros melhoramentos, a «construcção de huma Cadeia com commodidades garantidas pela Constituição, e casa para Sessões do Tribunal dos Jurados e da Camara; o esgoto das lagoas do Osorio e Cortume, que ficão contiguas á Villa.»

Canal do Nogueira

Pag. 34.

RELAÇÃO DAS IMPORTANCIAS PAGAS PELA PROVINCIA COM DESPEZAS DO CANAL DO NOGUEIRA, EM CAMPOS, A PARTIR DE 1835

Anno	Designação	Importancia	Total
De 1835 a 1852	....	....	29:970$400
Em 1853	Limpeza e derrubadas no Canal.	2:256$240	
» 1854	Construcção de obras..........	103:192$866	
» 1855	Idem........................	83:497$805	
» 1856	Idem........................	88:463$680	
» 1857	Idem........................	91:474$502	
» 1857	Conservação e limpeza........	87$096	
» 1858	Conservação do Canal.........	1:712$904	
» 1858	Obras que accrescêrão........	27:539$458	
» 1858	Despeza com o levantamento da planta do Canal............	500$000	
» 1859	Importancia paga ao arrematante pela limpeza do Corrego das Pedras e Brejo Grande, na 4.ª Secção; resto do que se lhe devia......................	20:397$836	
» 1860	Limpeza do Canal de 15 de Dezembro de 1858 a 14 de Dezembro de 1859................	1 800$000	
» 1861	Obras de 1856.................	14:594$974	
» 1864	Idem idem....................	2:122$960	
» 1868	Importancia de despezas feitas..	323:230$778	
» 1869	Idem idem....................	54:871$311	
» 1870	Idem idem....................	881$200	
» 1870	Idem idem....................	13:321$330	
» 1871	Indemnisação de reclamação do arrematante................	193:732$520	
» 1871	Despeza feita pelo Procurador Fiscal com sellos em duas lettras acceitas a favor do arrematante da referida importancia de 193:732$520........	194$000	1.023:871$460
			1.053:841$860

Nota fornecida pela Thesouraria da Provincia.

Excerptos da Representação do capitão André Martins da Palma

LAGOA FEIA

Pag. 34.

Ha uma alagôa mui grande para a communicação dos povos vizinhos, que, sendo de agoa doce, se não vê terra, navegando-se por muitos dias, e é tão dilatada que por um mez e mais se não corre. N'esta póde V. Magestade mandar, que fazendo-se povoações, se cultivem, podendo-se pôr n'ella grandes moinhos, com o que haja dilatadas searas de trigo pela terra o dar em muita abundancia, e crescendo os moradores n'ella importaráõ muita fazenda á real corôa de V. Magestade pela brevidade do commercio, em razão de ser por mar, e vir sahir duas legoas do sitio, em que advirto a V. Magestade se faça a cidade, além de muitos curraes, que cresceráõ com as ditas povoações, importando só o dizimo d'elles em grande numero de dinheiro, como hoje importão os da Bahia, sendo em quantidade as duas partes menos, e se remata o ramo do gado cada anno em quarenta mil cruzados para a fazenda de V. Magestade; o que tudo se lhe tem occultado, por não chegar á sua noticia a de tanta riqueza sonegada com o poder (*Reprezentação* sobre os meios de promover a povoação e desenvolvimento dos campos de Goitacazes em 1657, pelo Capitão André Martins da Palma, *Msc. inedito do Instituto Historico e Geographico do Brazil.*) »

Excerptos da Representação do capitão André Martins da Palma

Pag. 48

« Passados tres annos, que gastei no propagamento do gentio indomito que senhoreava estes campos, no decurso dos quaes gastei, além da vida, a fazenda,

impossibilitando-me a viver fóra d'elles, por não ter com que assistir aos gastos da côrte, domei a mór parte de todo elle, e não contente com o descobrimento de 60 leguas de largo e 80 de comprimento, que tantas são té a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, me fui metter com elles pelo sertão dentro, pondo-os tanto de paz, que vêm ao resgate, trazendo suas mercancias de cêra, mel, e mais lavouras da terra, a que sua industria chega, para com ellas levar ferramentas, enxadas, fouces, machados, para lavrar a terra e fazer roçarias, que é o pão da terra, aos quaes todos assisto com notavel dispendio de minha fazenda, por não deixar perder o que com tanto trabalho e risco da vida tenho alcançado, só afim dos grandes lucros que espero alcançar para a fazenda de V. Magestade, dilatados acrescentamentos de sua real corôa, como espero ver pela maneira seguinte.»

Propõe aqui o auctor a construcção de uma *fortaleza real*, na barra do Parahyba, com sua artilharia, *que resguarde d'ella e do inimigo hollandez que infecciona esta costa, e não vir a entrar por ella a ser senhor de um tão grande thesouro*. Propunha mais que se fizesse *á bocca da barra* uma villa com suas justiças, para as entradas das embarcações, etc.

—

« Os moradores da dita villa ou cidade, continúa elle, aonde ha grande numero de criadores de gado vaccum, concorrerão todos na obra da grande fortaleza, e todo o dispendio d'ella terão por muito suave á vista do grande interesse que estas terras promettem pela abundancia de sua fertilidade e só com V. Magestade mandar um navio carregado de ferro, e artilharia bastante para a dita fortaleza, em a qual mandará V. Magestade pôr capitão maior com seu soldo, sem que a fazenda de V. Magestade diminúa de cousa alguma, antes maiores acrescentamentos d'ella... »

« E' saber, continúa elle em outro lugar, que pela muita fertilidade da terra ha nella muitos cannaviaes de cannas de assucar, e a terra em si, com tanto assento-

para engenhos de agua, que todos se metterão no emprego d'elles, sabendo que o fazem no seu, e de onde os não mandem despejar, quando quizerem, por tudo ser em campos á borda do rio, tão grandioso que poderá mover mil engenhos sem lhes fazer falta a agua, carnes, lenhas, por tudo ser em tanta abundancia, e a terra tão fecunda que para tudo ha sem detrimento, com que V. M. terá de renda muitos mil cruzados sem gastar algum de sua real fazenda, e será necessario para se comboiarem os assucares uma grande frota.»

« Além de tudo isto, diz elle ainda, tem V. Magestade grandes e dilatados matos de pau de jacarandá, a que chamam pau de el-rei, que só de direitos, havendo navegação, importará em muitos mil cruzados. »

« E porque tudo tenha felizes acertos, deve V. Magestade, como tão catholico que é, mandar-nos apresentar vigarios, que nos administrem o culto divino com suas rendas, e ordem para que, primeiro que tudo, se celebre, e se catechizem os pagãos gentios, para que, *alumiados com o leite da santa fé*, fique facil o poder domal-os á vista dos reduzidos a ella; lembrando a V. Magestade carece esta christandade muito de parochos, por não o haver nas ditas povoações, e das rendas e dizimos de V. Magestade se lhes podem fazer as ditas congruas, promettendo-nos com tão santos principios grandes successos, como esperamos.»

—

Nesta sua *Representação* queixava-se o capitão Palma a el-rei, que então era d. Affonso VI, de perseguições que havia soffrido, que o obrigaram a fugir para a Bahia. Afinal foi assassinado.

No Cat. impresso de manuscriptos da Bibliotheca Nacional, I, pg. 166, vêm, sob os ns. 18 e 19, mencionados dous documentos curiosos relativos a esse facto ; não os transcrevo por demasiado extensos; são: « Alvará para se entregarem os papeis e presos dos q̃. o estiverem em poder de qualquer Ministro na Capitania da Parahiba do

Sul dos culpados na morte de André Mĩz da Palma, Capitam della. »—Tem a data de 21 de maio de 1658.—E o «Regimento q̃ levou o Ajudante João Gomes Barrozo para ir a Parahiba do Sul (*prender e levar á Bahia os indigitados assassinos*).»— Datado de 23 de maio. Acompanha-o uma « Memoria dos culpados na morte do Capitão André Martins da Palma, e seus signaes, q̃ levou o Ajudante João Gomes. » Esta curiosa *memoria* consta do seguinte:

« *Manoel Ribeiro Caldeira.*—Espigado de corpo, mancebo, gadelha grande e crespa.

« *Antonio da Silva.*—Já de cincoenta annos, pretalhão, com uma cutilada na cara, gadelha meia crespa, pouco alto do corpo, e não muito cheio de carnes.

« *Hieronymo Dias.*—Alto do corpo, cheio de carnes, pretalhão, vermelho da cara, barba meia ruiva, cabello grande.

« *Antonio Fernandes.*—Homem baixo, refeito, com pouca barba.

« *Francisco da Arruda.*—Homem de poucas carnes, de meia estatura, o bigode ruivo e o cabello da cabeça preto e crespo. »

Estes documentos são passados pelo secretario d'Estado Bernardo Vieira Ravasco, irmão do p. Antonio Vieira, em nome do general Francisco Barreto, governador e capitão-general do Estado do Brasil, por denuncia e queixa dadas por Gaspar da Vide de Alvarenga (sogro do capitão morto), que fôra, diz o alvará, *querellar d'elles diante do ouvidor geral do crime do Estado, o qual os pronunciou á prisão e sequestro dos seus bens.*

Madeiras preciosas do municipio, com a designação dos respectivos generos

Pag. 49

Nota dada pelo snr. dr. José de Saldanha da Gama, illustrado lente da cadeira de Botanica da Escola Polytechnica, natural de Campos, e tão illustre pelo

nascimento como pelos proprios meritos, que quiz assim honrar este meu tosco trabalho.

1 Angelim rosa (folha larga) — *Platyciamus.*
2 Maçaranduba — *Mimusopis.*
3 Ipê-preto — *Técoma.*
4 Garaúna parda ou ruiva — *Melanoxylon.*
5 Grumarim — *Evodia.*
6 Peroba — *Aspidosperma.*
7 Gurubú (Gonçalo-alves) — *Astronium.*
8 Aroeira — *Astronium.*
9 Vinhatico testa de boi — *Platymenia.*
10 Pequiá amarello — *Aspidosperma.*
11 Chibatan, ubatan ou aderne — *Astronium.*
12 Sucupira ou sepipira — *Bowdichea- major.*
13 Sucupira aquosa — *Bowdichea-minor.*
14 Falsa sucupira ou sucupira amarella — *Ferreiria.*
15 Oleo vermelho ou balsamo — *Myrospermum.*
16 Oleo pardo, cabureira ou oleo de macaco — *Myrocarpus.*
17 Copahyba vermelha — *Copayfera.*
18 Angelim amargoso — *Andira.*
19 Angelim pedra — *Andira.*
20 Jatobá — *Hymenœa.*
21 Jetahy — *Hymenœa.*
22 Jacarandá-tan — *Macherium.*
23 » roxo — »
24 » sipó — »
25 » branco — »
26 » pretro (cabiúna) — *Dalbergia.*
27 Eriribá (araribá) roxo — *Centrolobium.*
28 Pau-brazil — *Cœsalpinea.*
29 Cannafistula — *Cassia.*
30 Vinhatico flôr de algodão — *Enterolobium.*
31 Muçutuayba* (Ipê-boia) — *Zollernia.*
32 Ipê-tabaco — *Técoma.*
33 » preto ou roxo — *Técoma.*
34 » branco ou cinco folhas — *Técoma.*
35 Jaquá — *Lucuma.*
36 Guapeba — *Lucuma.*
37 Guaracica — *Lucuma.*

38 Bacomixá — *Syderoxylon.*
39 Guaranhem (Buranhem) — *Chrysophyllum.*
40 Guaraitá — *Chrysophyllum.*
41 Urucurana* — *Hieronyma.*
42 Grumamé ou Santa Luzia — *Ophtalmoblapton.*
43 Sapucaya — *Lecythis.*
44 Sapucaya-mirim — *Lecythis.*
45 Jequitibá rosa (Caixão) — *Couratary.*
46 Jequitibá branco — *Couratary.*
47 Cedro — *Cedrela.*
48 Cangerana — *Cabralea.*
49 Murecí — *Byrsonima.*
50 Canella preta — *Nectandra.*
51 » sassafrás — *Nectandra.*
52 » puante ou de mau cheiro — *Nectandra.*
53 » limão — *Nectandra.*
54 » parda ou baraúna — *Nectandra.*
55 » batalha — *Nectandra.*
56 Tapinhoan — *Sylvia.*
57 Canella tapinhoan — *Lauracea.*
58 » caixeta — *Nectandra.*
59 » do brejo — *Nectandra.*
60 Oiticica — Antiga *Soaresia.*
61 Bainha de espada — Antiga *Acantinophyllum.*
62 Gamelleira (Cerejeira) — *Urostigma.*
63 Tatajuba, tatagiba ou pau amarello — *Maclura.*
64 Bicuiba — *Myristica.*
65 Sebastião de Arruda — *Physocalymma.*
66 Guarajuba — *Terminalia.*
67 Merendiba — *Terminalia.*
68 Arapóca amarella ou guratáia-póca — *Galipea.*
69 Tinguaciba — *Xanthoxylum.*
70 Arco de pipa — *Erythroxylum.*
71 Sobrasil — *Erythroxylum.*
72 Carne de vacca — *Rhopala.*
73 Monjolo vermelho — *Pyptadenia.*
74 Pau-ferro — *Cœsalpinea ferrea.*

As marcadas com um * pertencem mais propriamente ao municipio de S. Fidelis.

Carta de confirmação dos limites das capitanias de Vasco Fernandes Coutinho e Pedro Góes da Silveira

Pag. 56

Dom João &. A quantos esta minha carta virem Faço saber que Eu houve por bem de confirmar e approvar a demarcação que Vasco Fernandes Coutinho e Pedro Góes Fidalgo de Minha Casa entre si por Meu mandado fizeram das suas Capitanias do Brasil em que concordaram e assentaram que a terra do dito Pedro Góes começa donde acaba a terra de Martim Affonso de Souza pela sua demarcação correndo para a banda do norte até vir entestar com a terra do dito Vasco Fernandes e que partem ambos por um rio que tem na boca a entrada de umas ilhotas de pedra e de baixa mar e dahi cobre outra ilhota mais pequena, o qual rio se chamava na lingua dos Indios Tapemery, e os ditos Vasco Fernandes e Pedro Góes lhe poseram nome Rio de Santa Catharina e está em altura de vinte e um gráos e obra de duas leguas pouco mais ou menos de uma terra do dito Vasco Fernandes que se chama Aguapé, e fica todo o dito rio com o dito Pedro Góes, e cortando da banda do dito rio pelo sertão a dentro parte o dito Pedro Góes com o dito Vasco Fernandes Coutinho, segundo fórma das suas doações ficando todo o dito rio com o dito Pedro Góes como dito é tomando para a banda do sul, e o dito Vasco Fernandes fica da banda do dito rio para a parte do norte segundo tudo mais inteiramente é conteudo e declarado em uma Minha Provisão e Apostilla que está ao pé da doação que o dito Pedro Góes de Mim tem da dita sua Capitania que é feita a vinte e seis dias do mez de Março do anno de quinhentos e trinta e nove; e ora o dito Pedro Góes Me apresentou um assignado do dito Vasco Fernandes de que o teor tal é:—Digo eu Vasco Fernandes Coutinho que é verdade que nós somos demarcados Pedro Góes e eu por o rio Santa Catharina que está em vinte e um gráos a qual demarcação fizemos porque o dito Pedro Góes tinha trinta leguas de terra que se acabavam nos baixos dos Pargos e porque sustinham que os baixos eram ao sul do dito rio e tambem até elle e avante

havia presumpção delles para a banda do norte do dito rio chegarem os ditos baixos, e para se isto haver de averiguar havia mister tempo para escusar isto e por me parecer ficar eu bem demarcado pelo dito rio pela demarcação nossa, que El-Rei Nosso Senhor houve por bôa, e depois da tal demarcação feita porque nella houve ajudar-me e soccorrer-me e fazer obras porque depois de Deos a minha Capitania se sustivesse, e eu recebi grande bem com dar-me escravos e outras boas obras o dito Pedro Góes teve escrupulos em sua consciencia muitas vezes porque isto não foi declarado a El-Rei Nosso Senhor pelo miudo se seria conloio, e me pedio e requereu se era satisfeito da tal demarcação ou se me parecia dava do meu e me achava enganado ao qual eu digo que não mas que sou contente da tal demarcação, e me parece ter todo o meu e delle lhe não dar nada ao dito Pedro Góes, mas que bem e verdadeiramente está, para comigo a demarcação e eu della satisfeito sem do meu nem dos meus herdeiros lhe dar nenhuma cousa e isto ainda que ao presente se não saiba verdadeiramente pela terra não saber homem como se ha de medir que de uma maneira crescerá e d'outra minguará, com tudo isto eu estou bem satisfeito e com o meu, e digo mais que sendo o caso que o dito Pedro Góes quizesse dar disso conta a El-Rei pelo miudo para mais sua satisfação de vontade peço por mercê a Sua Alteza que por todas as vias haja a dita demarcação por boa porque ainda que o dito Pedro Góes da sua Capitania terra tivesse o que não tem a seu vêr e saber elle em sua consciencia ainda que lh'a o dito Pedro Góes tivesse era bem tida pela ajuda que delle recebeu a sua Capitania e em sua consciencia tomava têl-a verdadeiramente e a seus filhos e nenhum tempo seu encargo e por verdadeira verdade lhe dei este por mim assignado aos quatorze dias de agosto de mil quinhentos trinta e nove.—Pedindo-me o dito Pedro Góes por mercê que houvesse por bem de confirmar e approvar o que assim entre elle e o dito Vasco Fernandes era concertado e assentado sobre a dita demarcação pelo dito seu alvará e Minha confirmação e assim Me prouvesse que ainda que se em algum tempo achasse ficarem os baixos dos Pargos ao sul do rio de Santa Catharina por onde

ambos partem e sendo minha a terra que houvesse dos ditos baixos até o dito rio lhe fizesse della doação e mercê para que chegasse com a terra de sua Capitania ao dito rio de Santa Catharina. — E visto seu requerimento com o dito assignado e vista a fórma de Minha confirmação da dita demarcação na qual consentio e outorgou Dona Maria mulher do dito Vasco Fernandes como nella é conteudo e por alguns justos e bons respeitos que Me a isso movem Me apraz e Hei por bem de confirmar e approvar como de facto por esta presente carta Confirmo e Approvo para sempre a dita demarcação e assignado o consentimento do dito Vasco Fernandes sobre ella feito e Quero e Mando que se cumpra e guarde como se na dita confirmação e assignado contém posto que pela tal demarcação agora ou ao diante em qualquer tempo ache e mostre o dito Pedro Góes tomar da terra da Capitania do dito Vasco Fernandes ou elle Vasco Fernandes tomar terra da Capitania do dito Pedro Góes porquanto me apraz que elles e todos seus herdeiros e successores para sempre estejam pela dita demarcação na fórma e maneira que se contém na Minha confirmação e no dito assignado de Vasco Fernandes, e não possam em tempo algum vir contra elle em parte nem em todo por via alguma que seja posto que algum delles por bem da dita demarcação e concerto assim entre elles tome da terra do outro ou outro de outro e sejam nisso enganados como o dito é, e isto Me apraz assim sem embargo de o dito assignado e concerto não ser feito por escriptura publica e da Ordenação do Livro Terceiro titulo quarenta e cinco das provas que dispõe que todos os contractos, divisões e demarcações sobre bens de raiz sejam feitos por escriptura publica, e posto que o dito Vasco Fernandes désse o dito assignado sem outra outorga e consentimento da dita Dona Maria sua mulher visto como já tinha outorgado na dita demarcação e é já confirmada por Mim e como agora não póde outorgar no dito assignado por ser ausente e sem embargo da Ordenação do quarto Livro titulo seis que dispõe que o marido não possa vender nem alienar bens de raiz sem outorga e consentimento de sua mulher, porque sem embargo de tudo de Minha certa sciencia poder Real e absoluto Me apraz e

Hei por bem de confirmar e approvar o dito concerto e demarcação na maneira sobredita e assim Hei por bem e Me apraz que sendo caso que agora ou em qualquer tempo se ache ou mostre que os baixos dos Pargos ficam ao sul do dito rio de Santa Catharina por onde os ditos Pedro Góes e Vasco Fernandes partem de maneira que por elle Me pertença e seja Minha a terra que Eu houver dos ditos baixos até ao dito rio de fazer della doação e mercê a elle Pedro Góes para elle e todos seus herdeiros e successores para sempre na fórma e maneira que se contém na doação da dita Capitania para que possa chegar e chegue com a sua terra della ao dito rio de Santa Catharina e Suppro e Hei por suppridos todos os defeitos e nullidades que de feito ou de direito nesta confirmação e doação e mercê haja ou ao diante possa haver por onde sejam em prejuizo do dito Vasco Fernandes, ou do dito Pedro Góes e de seus herdeiros, e descendentes ou de cada um delles e isto sem embargo das doações dos ditos Vasco Fernandes e Pedro Góes dizerem que nunca em tempo algum se possam as ditas suas capitanias e cousas dellas partir nem escambar nem em outro modo alienar e assim que Me não vá nem consinta ir em tempo algum contra as ditas suas doações em parte nem em todo e sem embargo do direito commum e Ordenações que prohibem os beneficios e doações e confirmações dos Principes serem feitas em prejuizo de terceiro as quaes Ordenações e direitos e quaesquer outros que em contra haja Hei neste caso por derogados cassados e annullados e Quero que não tenham força nem vigor algum contra o conteúdo nesta Carta posto que nella não sejam declarados e especificados de verbo a verbo e sem embargo da Ordenação do segundo Livro titulo quarenta que diz que se não entenda nunca ser por Mim derogada Ordenação alguma se della e da substancia della não fizer expressa menção e por firmeza delle lhe Mandei dar esta Carta por Mim assignada e sellada com o Meu sello de chumbo pela qual Mando a todos os Desembargadores, Corregedores, Ouvidores, Juizes, Justiças, Officiaes, e pessoas de Meus Reinos ou Senhorios a quem fôr mostrada e o conhecimento della pertencer que a cumpram e guardem e façam inteiramente

cumprir e guardar para sempre assim e da maneira que se nella contém sem duvida nem embargo algum que a elle seja posto porque assim é Minha mercê. João de Seixas a fez em Almeirim a doze dias do mez de março anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quinhentos e quarenta e trez.—Manoel da Costa a fez escrever.»

(*Braz da Costa Rubim*, Memorias historicas e documentadas da Provincia do Espirito-Santo.— *Revista do Instituto Historico*, vol. XXIV, 1861).

Pero de Goes e a sua donataria

(*segundo Varnhagen*)

Pag. 57

Pareceu esquecido até agora o fidalgo donatario de Campos, o nobre amigo de Martim Affonso, e ora senhór quasi feudal seu limitrofe, não pela escacez das suas trinta leguas, que não são ellas tão insignificantes quando ha principes soberanos que regem estados muito menores, mas sim porque effectivamente a doação dellas só se realizou posteriormente ás outras. Sabemos como tinha ficado por ordem de Martim Affonso em S. Vicente, e naturalmente não lhe havia sido possivel fazer antes valer os seus direitos, apresentando para isso o alvará de lembrança que da mercê lhe fôra passado anteriormente.

Depois de attrahir a si a seu irmão Luiz de Goes, e alguns outros parentes e mais colonos, foi tomar posse das suas terras, e assentar nellas alguns ranchos e tujupares, a que deu o nome de *Villa da Rainha*. Tratou então de fixar com Vasco Fernandes a demarcação, que não estava bem deslindada nos respectivos titulos. O rio Itapemerim foi por mutua convenção escolhido para servir de barreira ás pretenções futuras de seus descendentes.

Cremos que já estaria estabelecido na capitania, ou que iria a partir para ella, no meiado de 1536, em

que se effectuava em um Antonio Teixeira a nomeação de feitor e almoxarife regio na mesma.

O activo Pero de Goes, vendo-se de posse das fecundissimas liziras do Parahiba, cuidou desde logo de introduzir de S. Vicente alguma planta de cana, e começou a cultival-a, ainda antes de ter pensado no modo como conseguiria os meios para fazer um engenho. Convencido de que nada podia emprehender faltando os capitaes, resolveu passar ao Reino, e assim o executou (*Carta de Duarte Coelho de* 27 *de abril de* 1542), deixando em seu logar por chefe a um Jorge Martins.

Em Portugal acertou de associar-se com alguns tratadores, aos quaes concedia mais vantagens em todo sentido, entrando no numero a melhor qualidade da terra, que as que se proporcionavam em S. Vicente. Conseguiu principalmente entender-se com um mercador de ferragens, que lhe devia fornecer os generos e artigos de resgate, para pagar as roças que fizesse o gentio, e mandar-lhe novos operarios e colonos.

Ufano do bom exito desta ida ao Reino, entrava de novo o donatario pela barra do seu rio da Parahiba do Sul, quando logo soube quanto havia sido desastrosa a curta ausencia que de sua propriedade fizera o que para vêl-a tem cem olhos, como diz a fabula antiga.

Tudo se desbaratára: os colonos tinham pela maior parte desertado, e á frente delles o administrador. Pero de Goes soffreu muito desgosto; mas de grandes animos e affeito aos trabalhos, não se descoraçoou; angariou de novo o gentio; e emprehendeu outras plantações. Foi em pessoa ao Espirito Santo, e trouxe dahi um official de engenhos, com o qual começou a correr suas terras, e além de duas engenhocas de cavallos, que fez perto da costa, se deliberou a construir, na distancia de dez leguas pelo rio acima, onde havia bastante ferida de agua, um grande engenho; e dahi a pouco escrevia a seu socio que esperava dentro de um anno mandar-lhe duas mil arrobas de assucar. Instava entretanto por mais trabalhadores, e pedia sessenta escravos de Guiné (*Carta a Martim Ferreira: original na Bibl. publica eborense*).

Passando-se á visinha capitania do Espirito Santo, e desta recolhendo a Portugal, deixou em poder dos Barbaros alguns edificios já feitos de pedra e cal ; facto que nos póde ministrar clara idéa de como por ventura succederia em outras paragens da America, v. gr. no Iucatan e no valle do Mississipi, onde se encontraram mausoléos que eram, não obra dos Barbaros que senhoreavam a terra no seculo XVI, mas sim de outras gentes semi-civilisadas, e quem sabe se idas algum dia do velho Continente, e dahi expulsadas ou exterminadas por esses invasores vindos do norte, cujo numero infinito era sufficiente para triunfar, ainda de gentes mais fortes e mais civilisadas, quando em maior numero (V. de Porto Seguro, *Hist. geral do Brazil*, 2ª ed., vol, I, pp. 193-196).

Carta de Pero de Goes a Martim Ferreira

O dr. Mello Moraes publicou no seu *Brazil Historico* (*Rio de Janeiro*, 1866), tomo I, pp. 87 e seguinte, a carta do nosso donatario a seu socio na administração da capitania, a que se refere Varnhagen no topico transcripto. Para ella remetto o leitor curioso e interessado por estas cousas, si a puder entender, tão abstrusa é a linguagem em que está escripta. — E' datada *desta sua vila da Rainha oje* xbiy dagosto de 1545.

D'ella extractarei todavia alguns trechos que mais nos possam interessar ; parece-me que devo conservar-lhe a orthographia nos trechos integralmente reproduzidos :

« Despois de me vir e largar no Rio da peraiba nosa fazenda que faziamos (detriminei ver as augoas que nesta terra omde fiquo avia) e luis de goes ao presente estava (as quoaes em as ver amdei perto de dous mezes) por a terra ser chea de arvoredo e os Indios pouco praticos no que nos queremos nellas e em algumas que tenho pera mi sejam milhores e mais perto (por ser o lugar por omde se avia de busquar trabalhosa a saber—

as propias augoas sujas com paos que ao presente e trabalhosa cousa a limparem-se (fuime A fonte limpa e omde estaa cousa certa ainda que pera o presente seja hum pouquo longe que pode aver per terra sete ou oito legoas (e por augoa dez). Isto na propia verdade que outra cousa nã e Razão que lha escreva) ne se sofre emtre pesoas (e tanto Amor e Razão). »

Continuando, diz que no rio, em que está, vêm ter outros rios que ainda não poude vêr ; estava no ponto em que o rio (*Parahyba?*) *começa de cair de quedas*, até onde podem ir facilmente as barcas. Assegura que se podem fazer nelle quantos engenhos se quizer, *por ser hu Rio omde emtrão e podem Emtrar navios* em tempo de aguas, como o em que elle fôra. De lá foi com muito trabalho ao Espirito-Santo.

Em um ponto, que mais apropriado então achou, levantou um engenho: «fiqua o primeiro Emgenho daugoa, diz elle, cõ oitocentas braças de levada de tres palmos sos Em largo.» A queda d'agua, para mover o engenho, era de sessenta palmos, e aquelle edificado á borda do Rio, onde podem facilmente chegar as barcas. Distava do mar, ao que parece, dez leguas pelo rio e sete leguas por terra, por onde mandou abrir um caminho « que pode hu carro sem molhar pee chegar ao Emgenho, » e cavallos e tudo o que se quizer. Pelo rio, diz elle, « se póde acarretar ho açuquar sem trabalho, e por terra servir-se por mais presteza.» Tomára um feitor e mais dous homens a soldo, para rotear a fazenda com os Indios e escravos : « a saber prantar hua Ilha que ja tenho pellos Indios Roçada de canas.» Emquanto elles preparavam a terra e plantavam, fazia Pero de Góes dous engenhos movidos por cavallos, dos quaes um moía cannas para os moradores e outro para *nós sómente*. Querendo Deus, continúa elle, poderemos dentro de anno e meio mandar «huu par de mil a Robas daçuquar noso destes Emgenhos, e dahi para o deante mais : nisto Eu porei toda a deligencia que poder. E deus poraa a vertude.»

Esperava concluir o engenho dentro de um anno, e seis mezes depois moer. Os dous movidos por cavallos deviam moer tanto como um tocado por agua. *Mestre de*

assucar tinha já um, casado, mandado vir do Espirito-Santo, assoldadado por tres annos, ao qual daria *vinte mil réis mortos* pelo primeiro anno, em que se não moia, e d'ahi por deante, quando se moer, *quarenta mil réis.* Era preciso tel-os de antemão e pagar-lhes, embora não trabalhassem, do que depois de feito o engenho esperar por elles e perderem-se as cannas.

Pedia ao socio que lhe mandasse sessenta negros de Guiné para os outros engenhos, porque, para os de animaes, bastavam elle e *João Velho.* D'esses negros, dez seriam para «ajuda dos acarretos e lenha», e cincoenta para os engenhos d'agua ; e além d'elles, vinte homens livres, a soldo.

Recommendava-lhe que do ferro e demais mercadorias que pedia lhe mandasse do melhor, porque o ruim, de que se não pode fazer nada, posto que barato, sahia caro.

Como se vê, foi d'esta carta que tirou Varnhagen, visconde de Porto Seguro, a asseveração que faz de que Pero de Goes trouxera mudas de canna de assucar para a sua capitania, &.

—

Como existe em Evora a copia d'esta carta, o snr. J. Capistrano de Abreu, espirito nimiamente adaptado para os estudos da historia, tenciona mandal-a copiar : tel-a-hemos assim seguramente mais comprehensivel.

Desintelligencias dos povos com os viscondes de Asseca

—

1728.—CLXXVI.

Ordem pelo Conselho Ultramarino sobre a Conta q̃ deo o Governador do Rio de Janeiro a respeito da posse que Martim Correa de Sâ tinha tomado da Capitania dos Campos dos Goytacazes, como procurador de seu Pay o

Visconde da Asseca, comessando logo a exercitar jurisdicção, não tendo poderes mais que para tomar a dita posse, reprezentando juntamente a duvida que os Officiaes da Camera da Villa de S. Salvador tiverão a mandar, ou vir ajustar com o mesmo Governador o Donativo com que devião concorrer para a despeza dos Cazamentos.

Declara S. Magestade ao Governador, que obrara bem em não consintir que Martim Correa de Sâ exercitasse a jurisdicção que era só concedida ao Visconde Donatario, ou a seu Lugar Tenente, aprovado pelo mesmo Senhor, o qual era o que havia dar omenagem nas mãons do mesmo Governador, porquanto os Donatarios a não costumavão dar, e não consintisse que o Donatario exercitasse mais jurisdicção da que lhe era concedida pela sua Doação, nem imponha tributos &.ª e que a elle Governador tocava regular pelo que pertencia ao Donativo (Colesão das Ordens mais necessarias ou curiozas que se achavam dispersas, e em confuzão na Secretaria do Governo do Rio de Janeiro reduzidas a sua ordem natural. Vol. II. Que comesa no ano de 1701. e acaba no de 1729.) —Bibliotheca Nacional, secção de Mss.

Esta ordem régia refere-se, como se vê, á duvida ainda suscitada pela Camara no *Accordão* adeante transcripto. Dou em seguida as cartas que, sobre o mesmo assumpto, dirigira a Camara ao Governador do Rio de Janeiro e um *accordão* de 30 de setembro de 1746. Tenho-os por ineditos.

—

6ª CARTA

« Senhor.—Os Officiaes que servimos no senado da Camera da Villa de Sam Salvador Parahiba do Sul, este prezente anno de mil settecentos e trinta, fazemos a saber a Vossa Magestade em como chegando a esta Capitania Martim Correa de Sâ filho mais velho do Visconde de Asseca com a doação, e Procuração do ditto Visconde para

tomar posse desta Capitania, o que com effeito tumou, e della rezultou empenhar o Governador do Rio de Janeiro Luis Vahia Monteiro pela falta dos poderes da ditta Procuração, ainda que alguns do Povo intentarão impedir esta posse, e como o ditto Governador do Rio de Janeiro nos consta deo conta a Vossa Magestade della rezultou ser deposto do Governo o ditto Martim Correya de Sâ e todos os mais officiaes de Justiça e milicia. Aprezentou Martim Correya de Sá huma nova Procuração de seu Pay com mais largos poderes e sosicivamente com huma patente pasçada em Nome de sua Magestade para governar esta Capitania tomando primeiro omenage nas maoens do Governador do Rio de Janeiro, e como antes de partir para a dita Cidade elegesse Capitão Mór em virtude de huma Patente pasçada por seo Pay o Visconde de Asseca, querendo nesta Eleição suspender o Capitão Mor que o Governador do Rio de Janeiro tinha nomiado em Nome de Vossa Magestade, de que se originarão algumas duvidas que para quietação delles chegou a esta Villa digo chegou a esta Capitania hum Capitão com hum destacamento de soldados afim a fazer administrar o Contracto do Vento (*evento*?) digo o contrato do Gado do Vento que estava suspendido como tãobem a conservar o Capitão Mor provido pelo ditto Governador, o que assim se conseguio estando o ditto Martim Correia de Sáa detido no Rio de Janeiro. O qual partindo para a ditta Cidade a buscar digo a tomar a omenage nas maõens do Governador da ditta Cidade deixou ordem ao Escrivão da Camara João da Silva Guimaraens famolo da Caza do ditto Martim Correya de Sáa provido por elle para que procurasse officiaes nossos anteseçores tres folhas de papel em branco digo de papel assignadas em branco para o ditto Martim Correya de Sáa lançar sobre as ditas firmas o que lhe parescece a Vossa Magestade em seos Nomes o que elles repugnarão mas como foscem amiasados com castigos e degredos vierão a consentir de que considerando o grande erro, que tinhão feito principalmente os Juizes Ordinarios, nos fizerão requerimento sobre este particular dando por nullo, e invalidum, tudo quanto sobre as dittas firmas tinhase

lançado contra o Real servisso de Vossa Magestade, e utilidade da Republica requerendonos dessemos a Vossa Magestade noticia desta materia. E porque nos he patente que o ditto Martim Correia de Saâ sendo restituhido ao Governo desta Capitania amiasse a muitos dos moradores principalmente ao Capitão Mor Provido pelo Governo do Rio de Janeiro, e a todos os seos parentes o fazemos a saber a Vossa Magestade para que nesta parte dê providencia com affecto a seos Povos entrando neste odio hum novo rendeiro do Contrato do Vento que por ordem de Vossa Magestade se arematou na praça do Rio de Janeiro, e como não seja couza uzada nesta Capitania se tem declarado contra o ditto Rendeiro não somente o ditto Martim Correya de Saá, senão todos aquelles que aproveitavão estes Gados e cavalgaduras do Vento. Não menos se tem estimulados estes Povos principalmente os que tem Enginhocas de Aguasardentes, e melados com os novos tributos que nunca pagarão mais, que a Vossa Magestade de que rezulta se sentir a Real fazenda, em alguma parte deminuida nos seos Dizimos; porque huns butarão abaixo as Engenhocas, e outros não uzão dellas.

Tambem nos pareseo avizar a Vossa Magestade e mesmo o ditto Martim Correya de Saá athe o prezente se não tem demarcado da terra que Vossa Magestade foi servido nomiar-lhe para detriminação da sua Capitania segundo temos nos nossos Livros de Registos de vinte Legoas de Costa e dez de sertão por cuja cauza se segue muitas encomodidades, porque muitos destes moradores tinhão pedido por sismarias de terras ao Governador do Ryo de Janeiro como sismeiro de Vossa Magestade, e o ditto Martim Correya de novo tem passado outras sobre estas de que muitos tumarão posse fazemos a saber isto a Vossa Magestade por evitar as duvidas que se tem seguido e poderão seguir; porque nos paresse que sem demarcação não podia o ditto Martim Correya de Saá passar sismarias, e inda queremos intender, que com a dita demarcação ou sem ella se não podia empedir as sismarias de Vossa Magestade que em seo Real Nome se tinha passado.

Tudo isto nos he forçozo avizar a Vossa Magestade para que ponha os olhos neste seo Povo porquanto o ditto Martim Correya de Saá obra de sorte que a maior parte deste Povo está rezoluto a empedir a posse que elle quizer tomar, e como nós neste Lugar attendemos mais a conservação da Republica, que a guardar as novas Leys, que introduz o ditto Martim Correya de Saá recorremos a Vossa Magestade por entendermos a mayor parte deste Povo o não quererem obdesser nem conhecer outro senhorio mais que a Vossa Magestade.

A Real pessoa de Vossa Magestade Guarde Deos para nosso amparo.—Villa de S. Salvador em Camara de oito de Fevereiro de mil settecentos e trinta annos.—*João Coelho. João Soares. Ignacio dos Santos. Francisco da Terra Pereira. Domingos Rodrigues Pereira.*

—

7ª CARTA

Persizamos darmos conta a Vossa Senhoria e assim o fazemos a Sua Magestade, que Deos Guarde sobre as dispoziçoens desta Villa e a Republica della por ser muito recommendado dos Corregedores quando vinhão de Correição a ella como consta da Certidão junta que tiramos dos nossos Livros dos Acordoens desta Camara e com elles e com outros mais documentos fazemos patentes a Sua Magestade, e a Vossa Senhoria para que tãobem o faça da sua parte ao mesmo Senhor, que assim lho dissemos no nosso manifesto; porque como as dos nossos antesseçores que escrevião não herão entregues a Sua Magestade por todas hirem parar em as maoens do Donatario destas Capitanias como consta de huma sua reprehenção que escreveo aos mesmos nossos anteçessores que tãobem o fazemos patente a Sua Magestade. E as cauzas, que alegamos he, que o Visconde de Asseca como Donatario destas Capitanias pela Doação da merçê, que lhe fes Sua Magestade emthé aqui não tem dado cumprimento as obrigaçoens que lhe forão impostas pelo mesmo Senhor, que

herão de dar trinta Cazas de Telha, e huma Matris, Cadeia, e Caza de Camara, o que nada disto fez o ditto Donatario emthé hoje e depois que Sua Magestade foy servido confiscar as dittas Villas por outras cauzas que teve desse tempo para cá he que se augmentou esta pelos Povos della pelas recommendaçoens dos dittos Corregedores. E logo se fes huma Matris muito boa, que para a Capela Mor della foi servido sua Magestade mandar ordem ao Provedor de sua Real fazenda dar-lhe com que se fizesse, como se deo, e se fez logo Cazas de Telha, Cadeia, Caza de Camara o que se vira tudo feito a custa dos mesmos Povos, e a ditta Villa da praya (*) ainda está sem augmento algum; a vista desta Verdade por requerimento que nos fez o nosso Procurador da parte destes Povos, que visto serem elles os que fizerão e augmentarão só querião conheser a sua Magestade por Senhor dellas, e estes Povos como liais vassallos e não a Donatario algum pois faltarão as condiçõens, e que emquanto Sua Magestade nos não ouvir os nossos requerimentos que lhe reprezentamos por nosso manifesto e Procuradores se suspendese toda a execução, que houvesse da parte do Donatario ; e quando Sua Magestade fosçe servido conservar o ditto Donatario requeremos por ultimo nos desçe tempo para dezertarmos desta para outra de Sua Magestade sem que o ditto Donatario nos faça violencia; porque conhesemos havemos de ser asperamente castigados por esta Conta, que damos nesta frotta. Fazemos patente a Vossa Magestade, digo patente a Sua Magestade o nosso Manifesto com procuração para alegarmos a nossa Justiça para o que demos esta Conta a Vossa Senhoria e lhe requeremos da parte de Sua Magestade, que Deos Guarde, que emquanto nos não defere seja Vossa Senhoria servido não admittir requerimento da parte do dito Donatario com que nos pertube ou faça alguma violencia, e desta mesma sorte o fazemos com outra ao Douttor Ouvidor Geral deça Cidade para que dê conta a Sua Magestade, e a Vossa Senhoria rogamos que

* S. João da Barra.

com esta acompanhão duas vias do nosso manifesto para que Vossa Senhoria com segurança as remetta ao ditto Senhor e lhe sejão entregues, e nos não susede o que tem exprimentado os nossos antesessores ; porque os que lhe tem escripto, lhes não chegarão a mão e assim lhe requeremos da parte de Deos e do ditto Senhor, e assim o confiamos da retidão de Vossa Senhoria, que Deos Guarde muitos annos.—Villa de Sam Salvador em Camara de seis de Mayo de mil settecentos e trinta.— Senhor Governador do Rio de Janeiro, Luis Vahia Monteiro.— *Domingos Rodrigues Pereira.— Heironimo Ferreira de Azevedo.— João Coelho.— João Soares.— Francisco da Terra Pereira.*

—

ACORDÃO

Aos trinta dias do mez de Setembro de mil setecentos e quarenta e seis annos nesta Villa de Sam Salvador Parahyba do Sul na Caza da Camera della se ajuntarão os Offeciaes da Camera em veriança prezidindo nella o Juis Ordinario Antonio da Fonceca Carneiro, e nella acordarão que pello falescimento do Illustrissimo Visconde de Aseca Diogo Correya de Sá Donatario que hera desta Capitania por encartamento Real que já não subeixte para com o defunto e devendo logo que se fês constante a morte deste Titullar tomar posse pella Real Coroa desta Capitania o Doutor Ouvidor geral, e corregedor desta Cumarca Matheos Nunes Joze de Macedo no que se tem descuidado o seu Suprimentto os ditos Offeciaes da Camera poem em execução esta deligencia em Nome de Sua Magestade tomão posse desta Villa para a Real Coroa, e hão por encorporada nella pella authoridade de seos Cargos e em cumprimento das Leys de Sua Magestade como tambem declarão por suspensos todos os provimentos do defunto Donatario ou a sua nomiação havidos, tanto no Pulitico como no Militar por ser corrente esta dispozição, digo essa pespedição; Sim em nome de Sua Magestade Mandão. e

pello que da sua parte lhes incumbe intimão a todos que nenhuma das Pessoas assim providas tenhão exercicio de Officio algum desta Villa sem provimento do Excellentissimo Senhor General desta Capitania, ou do Excellentissimo Visse Rey do Estado, ou de Sua Magestade; Advertindo que os havidos do Excellentissimo General conforme o Estillo devem de ser tirados com emformação desta Camera se são ou não Sugeitos edoneos para os postos, e Cargos, porque faltandolhe algum destes requezitos não serão ademitidos nelles: e do contrario se procederá contra os transgreçorez das Ordens, e bens de Sua Magestade em Observancia dos quaes se derigem esta despuzição ; e na mesma acordarão escrever ao Senhor General, e com effeito escreverão; e se despacharão algumas Petiçoens, e por não haver mais que acordar mandarão fazer este termo, em que asignarão. e eu Domingos Rodrigues Carneiro digo Pereyra escrivão da Camera que o Escrevy. *Carneiro. Almeida. Couto. Motta.*

(Bibliotheca Nacional : Copia dos Acordãos que se achão registados no Livro dos Mesmos que se acha em poder do respectivo Escrivão da Camera Christovão Munis Barreto de Menezes)

CAMPOS DOS GOYTACAZES

INDICE

NOTAS :

TRECHOS

DO

RELATORIO

Que leu na sessão especial do
Instituto Archeologico Geographico Pernambucano
de 9 de Maio de 1886

O DR. JOSÉ HYGINO DUARTE PEREIRA

de volta da sua excursão á Hollanda para fazer acquisição de documentos relativos ás lutas com os Hollandezes no Brazil

---

Archivo da Companhia das Indias Occidentaes

A mais volumosa collecção deste archivo é a que tem o titulo de *Brieven en Papieren uit Brazilie*, 1630-1654, « Cartas e mais papeis procedentes do Brazil »—Compõe-se de 19 in-folios, contendo cada um delles centenas de peças.

A' principal categoria dos seus documentos pertencem os officios que o Supremo Concelho do Recife, o Concelho de Justiça, o de Finanças ou Fazenda, os generaes e almirantes ao serviço da Companhia no Brazil, dirigiram aos directores desta.

As *missivas* ou officios do Supremo Concelho são extensos documentos, que podemos denominar *relatorios*. Nelles o governo colonial refere os factos occorridos, dá conta da execução das ordens da Assembléa dos Dezenove,

e pede as providencias que julga necessarias para o alargamento das conquistas, á segurança ou ao bem-estar da colonia. Minutava-os o secretario do concelho, eram lidos e discutidos neste, e, depois de approvada a redacção definitiva, copiados por amanuenses juramentados e lançados em um registro que se guardava no archivo do Recife.

Além das cartas do Supremo Concelho, as ha tambem de alguns de seus membros, entre as quaes se distinguem, como summamente interessantes, as do conselheiro Paulo de Serooskercke.

Numerosos documentos, uns originaes (1) e outros por cópia, acompanhavam a correspondencia official como peças de instrucção. Entre esses annexos figuram muitos escriptos em portuguez, como: representações dos moradores ou das camaras de escabinos, cartas do governador da Bahia, Antonio Telles da Silva, de André Vidal de Negreiros, Martim Soares Moreno, João Fernandes Vieira, dirigidas ao Supremo Concelho; toda a correspondencia encontrada a bordo do navio, em que foi aprisionado Serrão de Paiva na Bahia de Tamandaré, inclusive a compromettedora carta original de D. João IV dirigida a Salvador Correia de Sá e Benevides; numerosos extractos de cartas enviadas de Portugal ou de suas ilhas para o Brazil e interceptadas em caminho pelos navios da Companhia.

Merece especial menção a serie de cartas *em tupi* dirigidas por D. Antonio Filippe Camarão, D. Diogo Pinheiro Camarão e Diogo da Costa a Pedro Poty, Antonio Parapaba e outros indios da Parahyba e Rio-Grande do Norte, que se tinham alliado aos Hollandezes. São em numero de seis, a 1ª e a 5ª firmadas por Diogo Pinheiro, a 2ª por Diogo da Costa e a 3ª, a 4ª e a 6ª pelo capitão-mór Camarão; o conteúdo de todas é identico—os dous Camarões e Diogo da Costa tentam induzir os seus parentes, que tomaram voz por Hollanda, a se bandearem para os Portuguezes. Foram escriptas uma em Agosto e as

---

[1] De ordinario os originaes eram guardados no archivo do Recife.

outras em Outubro de 1645 ; e acompanha-as uma traducção em hollandez feita pelo ministro da egreja reformada Johannes Eduards.

Copiei pessoalmente cinco destas cartas ; não ousando porém copiar a ultima, cuja lettra está um pouco apagada, fil-a photographar, e da reproducção photographica trago os dous exemplares que neste momento apresento ao Instituto.

Frei Manoel do Salvador affirma que D. Antonio Filippe Camarão não só sabia ler e escrever, como possuia os rudimentos do latim.[1] Nenhuma razão temos para duvidar do testemunho do auctor do *Valeroso Lucideno*. De documentos hollandezes consta que em certas aldêas o mestre-escola era indio ; taes mestres deviam pelo menos saber ler e escrever em sua lingua materna. Porque não o saberiam tambem os dous Camarões, educados desde a sua mocidade pelos Portuguezes ? E porque não haviam de escrever em *tupi* aos seus parentes, que abandonaram a causa dos moradores para se lançarem com o inimigo ?

A leitura dessas cartas nos confirma no presupposto de que foram escriptas ou pelo menos dictadas por aquelles a quem são attribuidas. Ellas têm um cunho que de algum modo authentica a sua procedencia : aquellas phrases infantis, desconnexas, a repetir monotonamente o mesmo pensamento, devem ter sido concebidos pelo espirito de um *petiguar*.

Em uma ou outra hypothese, as cartas em questão são preciosos textos para o philologo que se dedicar ao estudo do *tupi da costa*, de qne, afora algumas orações, vocabularios e grammaticas compostas pelos padres jesuitas, restam-nos mui poucos monumentos.

Chamam igualmente a nossa attenção os jornaes ou noticias das expedições emprehendidas para o descobrimento de minas no interior do Brazil. Essas explorações tiveram logar em Sergipe, na Parahyba, no Rio-Grande do Norte e principalmente no Ceará.

---

[1] *Val. Lucid.*, p. 165.

A Companhia, sentindo escassearem-lhe as rendas, tentou, no ultimo periodo do Brazil hollandez, reparar as suas finanças, adquirir novos elementos de força por meio do ouro ou da prata, extrahida das minas que firmemente acreditava existirem nos sertões das capitanias conquistadas.

A mais séria e prolongada tentativa deste genero foi a que se realisou no Ceará: começou em 1649 e só terminou com a ruina da colonia hollandeza. Foi chefe da expedição organizada para a occupação definitiva do Ceará e exploração das suas minas um habil aventureiro, Mathias Beck. Desembarcou na bahia de Mucuripe, fundou o forte Schoonenburch, entrou em relações com as tribus indigenas, e deu começo aos trabalhos da exploração no monte *Itarema,* ligado ao de Maranguape, suppondo ter encontrado ahi as minas de prata que, segundo a tradição, já haviam sido descobertas por Martim Soares Moreno. Esperando de dia em dia encontrar o filão do cubiçado metal, perseverou no seu illusorio empenho até que o veio sorprender a noticia da rendição da praça do Recife.

Possuimos todos os dados relativos a esse emprehendimento: o jornal de Mathias Beck, um dos melhores documentos para o estudo das relações dos Hollandezes com os selvagens, a correspondencia trocada entre elle e o supremo conselho do Recife, e o mappa do Ceará, que foi levantado por ordem deste.

Não são de somenos importancia as cartas, em que o missionario calvinista Jodocus Astetten nos dá noticia de suas excursões ao centro da Parahyba e Rio-Grande do Norte para o mesmo fim em 1645. Este energico e activo missionario se nos apresenta como um typo curioso: trouxe para cá mulher e filhos, e no curso de suas peregrinações pelas capitanias do Brazil, tendo perdido, como elle diz, a sua *querida Margarida,* deu-se pressa em casar-se de novo para laborar corajosamente na vinha do Senhor pela catechese e principalmente pelo descobrimento de minas.

Barlœus nos informa que, durante o governo do conde Mauricio, teve logar uma expedição contra os negros

dos chamados *Palmares Maiores.* * Na collecção de que trato encontrei o diario de uma outra jornada tambem emprehendida contra os *Palmares*, a qual se effectuou em 1645 sob o commando do capitão João Blaer. Nesse jornal se descreve a região percorrida pela tropa hollandeza, bem como os *Novos* e os *Velhos Palmares*, que Blaer encontrou desertos e mandou abrasar.

Acêrca da egreja neerlandesa, estabelecida no Brazil, restam cartas e relatorios dos seus ministros, sobresahindo os de Jodocus Astetten, Francisco Plante, capellão do conde Mauricio, e do calvinista francez Soler. Mas os documentos principaes são as actas das assembléas synodaes, que funccionaram no Recife, compostas dos representantes do clero calvinista das quatro capitanias conquistadas, e assistida por um delegado do supremo concelho. Essas actas, denominadas *Classicale Acta van Brasilie*, divididas em sessões e subdivididas em numeros, contêm as deliberações synodaes sobre a administração ecclesiastica, pontos de disciplina e costumes, a instrucção primaria, a catechese dos indios, etc. Ellas fornecem materiaes para escrever-se uma interessante monographia sobre a egreja calvinista do Brazil Hollandez.

As actas de 1636 a 1644 já foram publicadas na *Chronica* do Instituto Historico de Utrecht no anno de 1673, e acabam de ser reimpressas na obra do professor Grote, intitulada *Archief voor de Geschiedenis van oud hollandsche Zending* (Archivo para a historia das antigas missões hollandezas). Trouxe um exemplar de cada uma destas obras, mas como a serie das actas das assembléas synodaes do Brazil não se acha ahi completa, fiz copiar as actas de data posterior a 1644 que encontrei nesta collecção.

Na mesma collecção se acham numerosas peças de processos judiciaes. E' um dos mais curiosos o processo instaurado contra Crayestein e o conselheiro Balthazar vander Voorde, director politico de Porto Calvo, accusados de terem conferenciado com o capitão Paulo da

---

* Barl. pag. 291.

Cunha no engenho do *Morro* pertencente a Rodrigo de Barros Pimentel. O jantar a que assistiram o lettrado hollandez e o guapo capitão portuguez, a entrevista que se seguio na camara de D. Jeronyma de Almeida, o colloquio entre uma das filhas desta e B. vander Voorde, a prisão dos dous accusados, as allegações com que se defenderam, as declarações feitas pela mulher de Rodrigo de Barros, e muitas outras circumstancias accessorias, dão a este processo uma *côr local* tão vivamente accentuada que o tornam recommendavel á nossa attenção.

Citarei tambem o processo ou antes inquerito instaurado contra o conselheiro politico Schielt, accusado de ter praticado no engenho *Obú* em Itamaracá atrozes torturas para descobrir thesouros que suppunha existirem alli occultos. O caso do engenho *Obú* é um exemplo entre muitos das violencias de que foram victimas os moradores portuguezes, por parte das auctoridades superiores. Com razão o velho Duarte Gomes da Silveira, referindo-se á crua perseguição que soffrêra de Ypo Eyssens, tambem conselheiro politico, escrevia ao conde Mauricio a 8 de Novembro de 1643 : « Si nos faltára a vinda de V. Ex., não houvera Portuguezes que tivessem vida nem fazenda.»

Restam algumas peças dos processos de Vaz Cabral e de Gonçalo Cabral de Caldas, entre as quaes se notam as declarações que fizeram na sala das torturas e as sentenças que os condemnaram á morte como traidores.

Nesta collecção encontra-se tambem uma serie de cartas particulares dirigidas aos directores da Companhia, nas quaes são accusados de corrupção varios funccionarios publicos, e especialmente Hamel, Bas e Bullestraten, membros do Supremo Concelho. Os factos ahi se acham referidos com todas as suas circumstancias. Os auctores dessas cartas, processados e condemnados no Recife, não só levaram as suas queixas aos Estados-Geraes, senão tambem as reproduziram em opusculos impressos, como o *Bree-Byl* e o *Brasilsche Gelt Sack*, que traz a falsa declaração de haver sido impresso no Recife. Com a revolta dos Portuguezes essas repetidas accusações tomaram vulto ; os directores da Companhia mandaram que os novos governadores da colonia abrissem uma devassa sobre os actos

dos seus antecessores. Conservaram-se algumas peças desse curioso inquerito, e por ellas sabemos que não se conseguio apurar a verdade, ou porque muitas das victimas não puderam ser ouvidas, ou porque os subornadores não se quizeram denunciar a si proprios.

Apezar da corrupção, das violencias praticadas para com os moradores, e dessa dissolução de costumes que vulgarizou o dito repetido por Barlæus: *ultra æquinocialem non peccari*, seria injusto suppor que a colonia hollandeza não se assignalou senão pelos seus vicios. A' sua frente se acharam funccionarios distinctos, cujo zelo e probidade nunca foram postos em duvida—os Gysselings, os van Ceulens, os vander Dussens, e especialmente o muito nobre conde Mauricio de Nassau, dotado de qualidades verdeiramente principescas, e talvez mais amado dos portuguezes do que dos seus proprios conterraneos.

Além de que—e é isto o que sobretudo importa notar—esses estrangeiros que de tão longe vieram fundar uma nova Hollanda nesta parte da America eram superiores em civilisação aos Portuguezes. Formaram-se na escola dos homens livres, eram regidos por uma legislação já penetrada desse espirito liberal dos tempos modernos, inteiramente estranho á ferrenha legislação de Portugal; intervinham nos publicos negocios, usavam largamente do direito de representação, sabiam defender com firmeza os seus direitos nos tribunaes, e resistir ás prepotencias das autoridades, recorrendo aos poderes supremos do Estado ou á opinião publica pela imprensa, do que no Brazil temos o exemplo de Abraham de Vries, auctor de um dos pamphletos, a que ha pouco me referi.

A colonia portugueza, pelo contrario, tinha vivido até então no mais completo obscurantismo sob a suzerania dos donatarios, e nesse obscurantismo continuou depois do dominio hollandez, submissa ao jugo dos governadores, proconsules do cesarismo portuguez; as queixas dos moradores, abafadas no conselho ultramarino, rara vez chegavam até ao throno.

Basta um facto para pôr em relevo o atrazo de Portugal e o espirito progressivo da Hollanda, que póde

reivindicar para si a honra de ter dado as primeiras lições de liberdade politica a toda a Europa, já pelos livros dos seus escriptores, já pelas suas proprias instituições.

Sabemos que, durante o dominio hollandez, os judeus podiam livremente praticar o seu culto, commerciar e exercer qualquer industria no Brazil. [1] Essa tolerancia, porém, cessou, desde que foi restaurado o dominio portuguez. Com effeito, o Supremo Concelho hollandez, tendo-se dirigido a Francisco Barreto para pedir-lhe que permitisse aos judeus permanecerem no Brazil até que liquidassem os seus negocios, o mestre de campo portuguez respondeu negativamente, dizendo-lhe que, apenas expirasse o prazo de tres mezes concedido aos Hollandezes para embarcarem para a Hollanda, elle não poderia obstar que o vigario geral lançasse mão dos judeus portuguezes e os entregasse á inquisição. [2] Uma nova era se achava inaugurada!

Seria abusar da vossa attenção levar mais longe a apreciação das peças contidas nessa collecção que, como vêdes, só por si é um archivo. Direi para terminar que ahi se encontram tambem jornaes de expedições militares, relatorios das visitas que fizeram ás capitanias conquistadas os membros do Supremo Concelho ou pessoas por elle delegadas, interrogatorios dos transfugas ou prisioneiros portuguezes, o inventario dos engenhos confiscados pela Companhia, listas dos arrematantes dos impostos com declaração dos preços das arrematações, e muitos outros documentos de maior ou menor importancia.

Acham-se copiados os principaes documentos desta collecção relativos aos annos de 1630 a 1635, de 1643

---

[1] Segundo o pacto da união de Utrecht « cada um poderá conservar livremente a sua religião, e ninguem será perseguido ou sujeito a inquisições por motivos religiosos. » E' justamente o preceito do art. 5º e 179 § 5º da Constituição do Brazil.

[2] *Notulos* de 1654. A maior parte dos judeus, que se achavam no Brazil, eram portuguezes, tendo emigrado de Portugal para Hollanda. Veja-se no *Val. Lucid.* pag. 244, a scena da conversão dos dous judeus portuguezes condemnados á morte pelos revoltosos.

a 1646, de 1648 a 1649, cuja lista darei no fim deste relatorio.

Os documentos relativos aos annos que faltam serão copiados de accôrdo com as instrucções e listas que deixei.

*
* *

Dagelyske Notulen van den hoogen en secreten raad in Brazilie, « actas ou notulos diarios do Concelho Supremo e Secreto do Brazil, 1635—1654 »— é o titulo de uma outra importantissima collecção, que se compõe de 8 in-folios.

Sendo o governo supremo do Brazil hollandez um collegio ou junta, todas as suas resoluções, espontaneas ou provocadas, tomadas sobre negocios de interesse publico ou particular, eram consignadas diariamente, com declaração dos motivos que as justificavam, em um livro de actas ou *Notulen*, do qual se extrahiam cópias authenticas em cadernos para serem remettidas periodicamente aos directores da Companhia.

Os *Notulos* são pois uma chronica diaria e minuciosa de todas as deliberações e actos do governo.

Basta esta simples explicação para dar-vos uma idéa do immenso repositorio de noticias que os *Notulos* contém.

Como eu disse em um artigo publicado no periodico *Brésil*, não sei que acêrca de algum outro periodo da historia colonial deste pais exista uma collecção de noticias authenticas tão extensa e tão completa quanto os *Notulos*. « Todos os pormenores relativos ao governo politico, civil ou militar, tudo o que concerne ás relações entre os Hollandezes e os Portuguezes, entre os calvinistas, os catholicos e os judeus, todos os dados sobre a situação economica e financeira da colonia ahi se acham mencionados.»

A' vista desta collecção é permittido dizer que cessou todo o mysterio sobre a organização administrativa e a administração do Brazil Hollandez.

E' verdade que dos annos de 1635 a 1636 não restam senão alguns cadernos. Mas desde o começo do anno de 1637, em que teve principio o governo do conde Mauricio, até Abril de 1654, mez em que a colonia hollandeza embarcou para a Hollanda, deixando para sempre o solo do Brazil, esta collecção é completa, havendo sómente a lamentar a lacuna de alguns cadernos relativos aos mezes de Março a Novembro de 1640.

Farei menção de alguns assumptos sobre que os *Notulos* nos ministram as suas mais interessantes informações.

Abstrahindo da cópia de noticias consignadas nos *Notulos* sobre expedições militares e feitos de guerra, chamarei a vossa attenção para os dados que elles fornecem acêrca da egreja neerlandeza do Brazil, a qual, como guarda e fiscal dos bons costumes, e por sua intervenção na administração das escolas, hospitaes, etc., se achava em frequentes relações com o governo. Ora são os deputados do synodo que comparecem perante o concelho supremo para submetter á sua consideração as deliberações synodaes; ora são propostas do *Kerkenraad* ou concelho ecclesiastico para a nomeação de mestres-escolas, de enfermeiros ou de ministros que se dedicassem ao serviço divino nas diversas freguezias das capitanias conquistadas; ora são representações do mesmo collegio, pedindo providencias contra a prostituição, as uniões incestuosas, os casamentos illegalmente celebrados pelo clero catholico, ou reclamando contra as procissões dos catholicos nas ruas ou a publica observancia dos ritos judaicos; ora emfim são petições dos proprios ministros sobre diversos assumptos.

As camaras de escabinos figuram frequentemente nos *Notulos*. Eram eleitos annualmente por uma eleição de tres gráos. O concelho de justiça elegia os eleitores, estes organizavam as listas dos individuos aptos para serem membros das camaras, e sobre essa lista o supremo concelho escolhia os escabinos. Nos *Notulos* se encontram anno por anno as listas dos escabinos eleitos e empossados.

As representações das camaras dos escabinos são reproduzidas *in extenso*, tendo á margem o despacho que o supremo concelho entendia dever dar a cada uma das supplicas daquellas corporações. As mais notaveis são as das camaras de Olinda e da cidade Mauricia: não versavam sómente sobre negocios de interesse local, mas tambem sobre medidas de ordem geral.

A politica dos Hollandezes para com os indios do Brazil foi sempre protectora e paternal. Elles os consideravam como pessimos inimigos, que podiam comprometter a segurança da colonia, e, por outro lado, como utilissimos alliados pelo medo que essas hordas selvagens incutiam aos Portuguezes durante a guerra. Não os escravisaram, não os constrangeram ao trabalho, e libertaram os indios escravisados durante o dominio de Hespanha*. Desta habil politica se encontram abundantes provas nos *Notulos*, que nos transmittem toda a sorte de particularidades acêrca das tribus, com que os Hollandezes se acharam em contacto. Assim todo o movimento dos indios em tempo de guerra, os nomes dos seus chefes, o numero de homens e mulheres que os acompanhavam, os salarios e presentes com que eram recompensados, os seus aldeiamentos, as suas escolas, a catechese encarregada aos ministros da egreja reformada, as ordens ou instrucções dadas aos capitães hollandezes postos para dirigirem as aldeias, são assumptos de que ahi se trata minuciosamente.

Não tendo provado bem o systema a principio seguido de fazer administrar por conta da Companhia ou arrendar os engenhos confiscados aos Portuguezes que não se submetteram ao dominio hollandez, o supremo

* Veja-se Barlœus, pag. 49, e o trecho final do 2º relatorio que o conde Mauricio apresentou aos Estados Geraes em 1611. As Instrucções de 23 de Agosto de 1636 positivamente recommendavam:

« De brazilianen ende naturalen van t'Land, sullen in haere vryheit werden gelaten, ende in geender wysen sal slaven worden gemaeckt, maer sullen nevens d'andere inwoon deren gegouverneert, soo int politycq als int civil, ende naer de selve wetten worden geoordeelt. »

concelho resolveu em 1637 vendel-os com suas fabricas e pertences. Por occasião dessas vendas se faz menção nos *Notulos* da situação dos engenhos, dos nomes dos seus anteriores proprietarios, dos compradores, preços e prazos para o pagamento, etc. Algumas vezes os engenhos e terras confiscadas foram reclamados por herdeiros dos primitivos proprietarios, e essas reivindicações deram logar a discussões, em que se colhem noticias de interesse para a genealogia de algumas familias pernambucanas.

As arrematações dos dizimos e miunças, dos impostos sobre o gado, bebidas e outros, os contractos para o córte do páo-brazil, o accôrdo entre a Companhia e os senhores de engenhos para que estes lhe entregassem os seus assucares, obrigando-se a Companhia a pagar aos demais credores dos mesmos senhores de engenho, as vendas publicas dos negros importados da costa d'Africa, os editaes sobre a cultura da mandioca e as fintas de farinha, os regulamentos de diversos collegios ou para execução de certos serviços, como o da balança para pesar o assucar, e até posturas municipaes sobre a limpeza e varrimento das ruas nos sabbados, segundo o costume observado na Hollanda, tudo isto, e muitas outras deliberações sobre negocios de administração que seria fastidioso enumerar, tem o seu logar nos *Notulos*.

Devo ainda observar que esta collecção nos fornece copiosa materia para o que se póde chamar a *Historia Anecdotica*, auxiliar indispensavel para o estudo dos costumes de uma época. Citarei os dous seguintes factos, como exemplos frisantes.

Lê-se no *Notulo* de 26 de Janeiro de 1635 a seguinte petição dirigida ao supremo concelho e por elle deferida :

« João Luyberts van Loos, que foi pastor (da egreja reformada) na Parahyba, pede para ser *carrasco*, poisque, segundo elle diz, bem sabe e póde exercer tal officio ; é aceito, e se lhe dará por mez a mesma quantidade de vinho a que tem direito o outro carrasco, quando deca-

pita, enforca ou pratica actos que taes, a contar desta data. »[1]

Deste padre demissionario ou demittido se póde dizer que tinha mais vocação para torturar os corpos do que para curar das almas!

A primeira menção de João Fernandes Vieira que encontrei nesta collecção, é a que consta do seguinte *Notulo* de 17 de Agosto de 1638:

« E' accordado com João Fernandes Vieira que elle poderá apanhar todos os negros pertencentes áquellas pessoas que se tenham retirado, trazendo todos os que apanhar á presença dos membros deste concelho, e lhe serão vendidos por 130 reaes a peça, no estado em que se acharem, sejam moços ou velhos, homens ou mulheres. »[2]

E' singular que um dos factos mais notaveis do governo do conde Mauricio passasse quasi desapercebido aos escriptores coevos. Barlœus[3] e Frei Raphael de Jesus nos transmittiram a noticia desse facto em algumas linhas; é a Frei Manoel do Salvador que devemos o pouco que a tal respeito sabiamos. Alludo á *Assembléa Legislativa* que foi convocada pelo conde e se reunio no Recife em Agosto de 1640.

A perda dos cadernos dos *Notulos* relativos aos mezes de Março a Novembro de 1640 nos privaria de informações mais completas, si, por um acaso feliz, não se conservasse entre os *Notulos* daquelle anno nada menos do que as *Actas da mesma Assembléa*.

Este precioso documento nos revela todas as particularidades do que ahi se passou.

---

[1] « Jan luyberts van loos geweesen domine in Parahyba nu verzoekende Scherprechter te mogen wesen, alsoo hy seide sulcx wel te weten, ende te connen doen, soo hy dartoe aengenomen ende sal pr. maent genieten gel. den anderen scherprechter soodanich wyn als den anderen over t'onthoofden, hangen ende diergel, gemeten ingaende dato deses. »

[2] Geaccordeert met Jan Fernandes Vieira dat hy sal vermogen alle negers uyt geweeckenen toebehorende op te vangen, en alle die hy sal konnen op te vangen sal hy voor de heeren brengen en sullen hem vercocht syn voor een hondert dertig realen t'stuck, soo als die sullen op gevangen werden, out, jonck, mannen ende vrouwen. »

[3] Barlœus p. 139.

O conde Mauricio, tendo triumphado da frota hespanhola ao mando do conde da Torre, e suppondo por isso sopitadas todas as velleidades de levantamento da parte dos moradores portuguezes, de cujo auxilio precisava para restabelecer a tranquillidade publica perturbada pelos salteadores que infestavam os campos, e querendo tambem angariar a estima dos seus subditos portuguezes, [1] resolveu, como politico habil e sagaz que era, reunil-os em torno de si e do Supremo Concelho para deliberarem em commum sobre os negocios publicos.

Convocou pois uma assembléa ou côrtes das capitanias conquistadas, [2] a qual se comporia de escabinos portuguezes e moradores de todas as freguezias, e deliberaria sobre os negocios peculiares ao Brazil hollandez. « As proposições approvadas por esse congresso, dizem as Actas, serão havidas por leis e inviolavelmente guardadas.» [3]

E pois podemos dizer que a Assembléa que se reunio no *palacio dos Torres* da cidade Mauricia, e cujos trabalhos se prolongaram desde 27 de Agosto até 4 de Setembro de 1640, composta de 55 membros, todos portuguezes, «dos mais nobres e graves,» segundo affirma o *Valeroso Lucideno*, foi a primeira *Assembléa Legislativa* que funccionou no Brazil.

Eis o titulo do documento a que me refiro :

« Generale vergaderinge, die sijn Extie Maurit Grave van Nassau........ ende de Edele heeren hooge ende secrete raden, beroepen hebben tegen den 27 Augusto 1640 ende de volgende dagen, in dese stadt Mauritia van alle de Cameras oft gericht bancken uyt schepen

[1] O conde se tinha impopularisado entre os moradores por causa da recente expulsão dos frades, como se deprehende das palavras de Barloeus : « quae res licet primó commovisset populus... »

[2] Ignoro porque razão não figurou nessa assembléa nenhum morador do Rio Grande do Norte.

[3] Die propositien die geapprobeert syn, sullen by de leeden der vergaderinge geteeckent werden, en *sullen blyven gelden voor wetten ende ongevioleert onderhouden worden in dese republicque.*

en de gemente, portuguezen, van hare jurisdictie, om aldaer te handelen van dingen die noodich syn tot het gemeen best, ende directie van't governo van desen staet, geassisteert by den gemelten hoogen raed, te weten :

President........................ Syn Extie

De heeren van den hoogen ende secreten raed — Johan Gysseling, Hendrick Hamel, Dirck Codde vander burch,

Assessor, Secretarius, — Johan van Walbeeck, Abraham Tapper. »

— Assembléa geral que S. Ex. João Mauricio conde de Nassau......... e os nobres membros do Concelho Supremo e Secreto convocaram para reunir-se a 27 de Agosto e dias seguintes de 1640 nesta cidade Mauricia, composta de Portuguezes de todas as camaras de escabinos ou tribunaes de justiça [1] e das freguezias [2] de suas respectivas juridicções, afim de tratarem de negocios que interessam ao bem publico e á direcção do governo deste Estado, assistida pelo mencionado Concelho, a saber, etc.—

As actas se compõem das seguintes peças:

Regulamento da assembléa;

Falla com que o conde a abrio;

Cinco propostas apresentadas á assembléa em nome do conde e do supremo concelho;

Approvadas estas, seguem-se as propostas apresentadas pelos membros do congresso em nome das camaras e freguezias, com as resoluções tomadas pelo conde e supremo concelho;

Por ultimo a falla de encerramento.

---

[1] As camaras de escabinos tinham tambem attribuições judiciarias.

[2] *Gemente* significa propriamente *communa*, mas ahi se empregou para designar as villas e povoados comprehendidos no termo de cada camara. Usei da palavra *freguezia* por falta de outra mais apropriada.

As camaras e freguezias representadas foram as seguintes:

Camara da cidade Mauricia, 3 escabinos ; freguezia da Varzea, 4 moradores ; do Cabo, 3 moradores; de Ipojuca, 4 ; de S. Lourenço, 3 ; de Muribeca, 4 ; de S. Amaro Jabotão, 2 ; de Paratibe, 3 ; Camara da Parahyba, 2 escabinos ; freguezia da Parahyba, 3 moradores ; Camara de Itamaracá, 2 escabinos ; freguezia do mesmo nome, 4 moradores ; Camara de Iguarassú, 2 escabinos ; a respectiva freguezia, 4 moradores ; Camara de Serinhaem, 1 escabino ; respectiva freguezia, 4 moradores.

A leitura destas *Actas* me deixou a impressão de que os nossos antepassados, convocados para formarem *côrtes* e cooperarem com a administração colonial no restabelecimento da ordem publica, souberam haver-se como homens de governo, correspondendo assim lealmente á honra que lhes fôra feita ; as suas reflexões, tanto quanto as suas propostas, são em geral criteriosas. Si o governo hollandez desejava sinceramente esclarecer-se, ouvindo os moradores, estes não illudiram a sua expectativa. Entretanto poucas foram as medidas propostas por elles que mereceram a approvação do conde e do concelho supremo ; não é que considerassem as outras nocivas ou inconvenientes, mas por se julgarem incompetentes para as admittir, promettendo submettel-as á consideração da assembléa dos 19.

Dizendo que os moradores que figuraram naquelle congresso se mostraram cordatos e desejosos de auxiliar o governo colonial, não quero com isto significar que tenham tomado em face deste uma attitude servil. Conservaram-se igualmente distantes dos dous extremos, e o prova o seguinte facto.

Os Portuguezes estavam privados do uso das armas ; o conde e o supremo concelho consultaram á assembléa, si esta convinha em que tal prohibição fôsse levantada, sendo as armas restituidas aos moradores para que se defendessem contra os assaltos dos bandidos. A resposta foi que os moradores as acceitavam, mas com a condição de que não haviam de ser obrigados a servirem-se dellas

contra os soldados do rei de Hespanha, cujas guerrilhas aliás infestavam os campos tanto quanto os bandidos. « A sua intenção, disseram elles, não era empunhar as armas contra o rei de Hespanha e seus soldados, mas sómente defenderem os seus bens e as suas casas contra aquelles que os quizessem tomar ou queimar sem direito e sem razão alguma.[1] » E este protesto foi acceito pelo governo hollandez.

Este documento se recommenda ainda ao nosso estudo, por ser talvez o que nos dê a idéa mais ajustada da situação do Brazil hollandez em 1640. Ahi se acham indicados todos os males que padecia o corpo social e os remedios que, a juizo dos conquistados e dos conquistadores, se lhes devia oppor. As propostas da assembléa versam sobre o culto, a administração da justiça, a policia, assumptos economicos, e especialmente sobre a administração local. O terror dos moradores portuguezes eram as autoridades locaes denominadas *escoltetos*. O proprio governo colonial tomou a iniciativa das medidas as mais severas para reprimir os desmandos desses tyrannos de aldeia.

A falla de encerramento é tambem digna de nota. Mauricio, que desejava ver o porto do Recife aberto ao commercio de todas as nações, e acclimar nas conquistas do Brazil a canella, o cravo, a noz moscada e mais especiarias do Oriente,[2] prevaleceu-se do ensejo para inspirar aos moradores vistas mais largas sobre a agricultura do paiz. « Estas terras, disse elle, são productivas de varios fructos e drogas preciosas, que muito se estimam na Europa, e de que entretanto os moradores não fazem caso, ou pela sua falta de curiosidade ou por causa da abundancia do assucar. Desses fructos e novidades os ha que vêm

---

[1] Dat de wapenen die men ons toestaet tot geenen tyde ons en sullen dienen tegens den coninck van Spagnien, wantonzc intentie niet en is de wapenen tegens hem te aenvaerden noch tegens syn soldaten, maer alleen om te defenderen onze goederen en woonplaetsen tegens die geene die ongerechtelyck ende tegens alle redenen ons van de selve willen berooven ofte die verbranden, tegen welcke wy ons willen defenderen en dese defentie ons nimmermeer en sy geattribueert tot eenig intentie tegens den gemelten co : van Spagnien.

[2] Moreau, p. 205; Driesen, p. 113.

de si mesmos, sem que se tenha o trabalho de cultival-os, e muitos moradores que, por sua penuria não são capazes de fabricar o assucar, e por isso vivem na miseria, bem poderiam occupar-se com a cultura do algodão, do anil, da gengibre, da pimenta, da malaguêta (que aqui se encontra de diversas especies) ou explorar o salitre, que sabemos se póde haver tambem no Brazil. » E como o seu desejo era promover o engrandecimento e a riqueza da colonia, recommendou aos representantes das camaras alli reunidos em assembléa que cada uma dellas persuadisse os moradores dos seus respectivos termos a plantar e beneficiar aquelles fructos, e para que estes o fizessem com certeza de lucro, declarou que o supremo concelho se obrigava a compral-os, devendo os cultivadores apresentar-se para ajustarem préviamente o preço ; assim fazendo veriam quanto essa industria lhes seria proveitosa. Os membros da assembléa responderam, compromettendo-se a envidar esforços nos seus respectivos districtos para corresponderem aos nobres intuitos de S. Ex.

Os *Notulos* não terminam no dia em que se assignou a capitulação da praça do Recife. Como o supremo concelho continuou a funccionar para fazer os aprestos da viagem e liquidar os negocios da Companhia até o dia em que embarcou para Hollanda, continuou tambem a consignar nos *Notulos* todas as suas deliberações. Não é a parte menos interessante desta collecção a que se refere aos ultimos dias da colonia hollandeza, tanto mais quanto a respeito bem pouco sabiamos.

Eis ahi o que tinha a dizer-vos sobre os *Notulos*, e só me resta accrescentar que eu trouxe extractos dos seus principaes trechos de 1635 até 1641. Infelizmente o governo imperial não me deu tempo para mais : o que falta será copiado de accôrdo com as minhas instrucções.

***

Além dos *Notulos* diarios ou ordinarios, ha mais os *Nutulos secretos* (*Secrete Notulen*), em que se acham consignadas as deliberações secretas do governo colonial.

Est'outra collecção começa em 1642 e vai tambem até 1654, mas faltam muitos cadernos, e fórma apenas um in-folio. Apezar disso, os fragmentos que restam contém noticias da maior importancia acêrca das operações de guerra projectadas ou effectuadas pelo supremo concelho, de accordo com as autoridades militares superiores, para supplantar a revolta dos Portuguezes.

Destes *Notulus Secretos* tenho cópias até o fim do anno de 1646 ; o resto ficou encommendado.

*
* *

Os seguintes livros e volumes pertenceram tambem ao archivo da Companhia das Indias Occidentaes.

Registro das Resoluções Secretas da Assembléa dos 19.—1629-1645 (*Secrete Notulen van de vergadering van de Negentienen*).

Nas primeiras paginas se encontram as instrucções dadas ao almirante H. Lonck para a conquista de Pernambuco, nas quaes tudo se acha previsto e regulado com a maior minuciosidade, desde as preces que deviam ser dirigidas ao Altissimo antes de desembarcarem as tropas em Páo Amarello até a installação do governo civil e militar na praça a conquistar.

Mostra-nos este documento quanto eram vastos os disignios da Companhia: recommendou-se ao almirante não só que conquistasse Olinda e o Recife, como tambem a praça da Bahia, em caso de insuccesso, e a do Rio de Janeiro, e ainda a de Buenos-Ayres em todo o caso.

Segue-se uma série de officios secretos dirigidos pela Assembléa dos 19 aos seus delegados do Brazil, as instrucções dadas a J. Gysselingh, M. van Ceulen e ao conde Mauricio em 1636, e finalmente um grande numero de resoluções tomadas pelos directores acêrca do Brazil ou de negocios administrativos da Companhia.

Devo dizer que Netscher teve conhecimento deste registro ao tempo em que escrevia as notas do seu livro, e o cita na nota 71.

Fiz copiar os documentos mais importantes, como as instrucções, as cartas secretas, etc.

Um outro registro em 3 volumes contém, por ordem chronologica, a serie completa dos officios que os directores da Companhia dirigiram ao governo colonial do Brazil, e ás autoridades civis e militares da costa d'Africa, 1639-1653.

Importante collecção que não me consta tenha sido conhecida por nenhum dos meus predecessores: serve de complemento á correspondencia dirigida pelo conselho supremo do Brazil aos directores da Companhia.

Não tive porém tempo de fazer copiar um só documento desses tres volumes. Nas instrucções que deixei pedi cópia de todas as cartas dirigidas ao governo do Brazil.

— Em um volume especial se acham reunidos varios relatorios ou memorias acêrca do Brazil.

Fiz copiar as seguintes:— Korte deductie ofte beschryvinge overgegeven aen de Erw. Heeren Bewinthebberen der Geotr. West-Indische Comp. ter vergaderinge van de Negentienen, nopende de gelegentheid der plaetsen in Noort Brasil genaemt Marian ofte Maranhon, Cameta, Gram Para en andere revieren liggende int begrip der faemryck reviere van d'Amazones.... met alle de gelegentheid ende omstandicheden, gelyck ick de selve gelaten hebbe den lest November 1636. Door Gedeon Morris de Jonge. Tot middelbourg den 22 October overgelevert.

(Breve discurso ou descripção apresentada aos honrados srs. directores da Previlegiada Comp. das Ind. Occ. em assembléa dos 19, acêrca da situação dos logares do Brazil septentrional denominados Maranhão, Ceará, Cametá, Grão Pará e rios comprehendidos na bacia do famoso rio das Amazonas, com toda a sua disposição e particularidades, como as cousas se achavam quando deixei essa região no ultimo de Novembro de 1636; por G. Morris de Jonge. Entregue em Middelburgo a 28 de Outubro).

O auctor mostra que a Companhia podia apoderar-se facilmente dessas regiões e quão uteis ellas lhe seriam.

— Verhael van de Maranhon ende de reviere Amazones overgelevert door du Jardin, aldaer geresideert

ende gevangen geweest 13 a 14 jaeren den.... November 1638, vaude voors. quartieren gecomen int jaer 1637.

(Noticia do Maranhão e do rio das Amazonas apresentada em Novembro de 1638 por du Jardin que alli residio e esteve preso durante o tempo de 13 a 14 annos, tendo voltado dessa região no anno de 1637).

Foi escripta a pedido dos directores da Camara da Zelandia, aos quaes é dirigida.

— Corte reales ende sommerlycke descriptie van de landen, steden, en fortressen... met de wapenen van myne heeren de Bewinthebbeeren der Gen. Geoctr. West-Indische Comp. in de gewesten van Brasil geconquesteert....

(Breve summária descripção das terras, cidades e fortalezas conquistadas nas regiões do Brazil pelas armas dos Srs. Directores da Geral e Privilegiada Comp. das Ind. Occ).

Por W. Schult. Entregue em Haya a 24 de Setembro de 1639 a dous delegados da Camara da Zelandia.

E' uma descripção succinta, mas completa, do Ceará, Rio Grande, Parahyba, Itamaracá e Pernambuco até o rio de S. Erancisco.

— Rapport van den staet van de geconquesteerd landen in Brasilien door den heer van der Dussen.

(Relatorio ácerca do estado das terras conquistadas no Brazil; pelo Sr. van der Dussen).

Este extenso relatorio é um dos mais completos e instructivos que possuimos ácêrca do Brazil hollandez. Van der Dussen, membro do concelho supremo, o escreveu durante a sua viagem de regresso do Brazil para a Hollanda, como se lê na ultima pagina:

Actum int Schip Overyssel den 10 Decemb. 1639 op noorder breet van 49 graden 54 minuten. (Escripta a bordo do navio Overyssel a 10 de Dezembro de 1639 na lat. sept. de 49° 54').

—Corte verhael wegen de Maranhan overgelevert den 3 Febrero 1640 door Gedeon Morris ende Jean Maxwell.

(Breve noticia do Maranhão apresentada a 3 de Fevereiro de 1640 por G. Morris e J. Maxwel)

E' continuação do relatorio anterior do mesmo Morris. O que ha de especial neste segundo trabalho é a narração da viagem de oito Hespanhóes, a saber, dous padres, um mineiro e cinco soldados, que em 1637 desceram do Perú ao Maranhão.

« Esses Hespanhoes, diz a *Noticia*, vieram miraculosamente de Quito pelo rio das Amazonas até o Maranhão, e foram os primeiros descobridores desse caminho do Perú para cá, pelo que não me parece escusado, antes julgo necessario fazer uma narração historica do facto, esperando que a leitura deste meu trabalho não será penosa aos olhos nem aos ouvidos dos Srs. directores. »

O que Morris sabia a respeito de tão notavel acontecimento lhe fôra referido por Maxwell, « homem perito em medicina, que residia no Maranhão e hospedou em sua casa o mineiro hespanhol. »

Em seguida narra a viagem dos ditos Hespanhóes, e dá noticia da flotilha de quarenta e tantas canôas que o governador do Maranhão expedio com um habil piloto portuguez para remontar o Amazonas e descobrir o caminho percorrido pelos aventureiros do Perú. Como se vê, trata-se da viagem de exploração que fez o capitão Pedro Teixeira do Pará a Quito, 1637-1638, descripta pelo padre Christoval de Acuña.

Gedeon Morris e Maxwell concluem insistindo sobre as vantagens que a Companhia obteria, si se apoderasse daquellas vastas e ferteis regiões.

E' provavel que estes escriptos de Morris, Maxwell e du Jardin tenham exercido muita influencia no animo dos directores, decidindo-os a mandarem effectuar a jornada do Maranhão, que teve logar menos de dous annos depois da data desta ultima memoria.

Além dos relatorios reunidos neste volume, tenho cópias tambem dos seguintes :

—Rapport van den staet van de geconquesteerde landen in brasil gedaen ter vergadering van hare doorluchtige hooge Mogentheden de heeren Staeten Generale der Verenigde Nederlanden door Servaes Carpentier,

Politique raet aldaer, ten dien eynde uit den raet van Brazil gecommitteert. (Relatorio ácêrca do estado das terras conquistadas no Brazil apresentado á assembléa das Illustres e Altas Potencias dos Snrs. Estados Geraes das Provincias Unidas Neerlandezas por Servaes Carpentier, conselheiro politico do Brazil, para este fim delegado pelos seus collegas).

Foi entregue a 2 de Julho de 1636.

— Copie van t'geschrifte dat colonel Artichofsky in Pernambuco aen syn Extie Graef Maurits van Nassauwen overgesonden, oock aen den hoogen Secreten Raet overgeven heeft, in syn vertreck naert Vaderlandt, int eynde van Martio a.° 1637. (Cópia do escripto que o coronel Artichosky enviou em Pernambuco ao conde Mauricio de Nassau, e tambem entregou ao Concelho Supremo e Secreto, ao partir para a Hollanda no fim de Março de 1637).

O auctor nos diz que recebêra ordem do conde Mauricio e do Supremo Concelho para, antes de partir, manifestar o seu juizo ácêrca do estado das cousas nas conquistas do Brazil. Para desempenhar-se cabalmente desta incumbencia, dividio o seu trabalho em tres partes, tratou largamente de cada uma dellas, e no desenvolvimento do plano que seguio vai transmittindo noticias e fazendo apreciações as mais curiosas sobre as cousas e as pessoas do Brazil Hollandez. Defende a idéa de transferir-se a séde do governo colonial para a ilha de Itamaracá, faz um historico das suas excursões militares nos annos de 1635 e 1636, e termina dando noticia das minas de que elle tinha conhecimento.

— Missive van den colonel Artichofsky aan graaf Maurits en den Hoogen Raad in Brasilie 24 July 1637. (Carta do coronel Artichosky ao conde Mauricio e ao Supremo Concelho do Brazil).

Foi escripta na Hollanda, logo que Artichosky alli chegou. Versa sobre a questão da liberdade do commercio do Brazil e o melhor modo de promover-se a riqueza e a colonisação dessa possessão da Companhia.

— Apologia van Artichofsky tegen de beschulding van den raad van Brasilie ingeleverd aan de Staten

Generaal in Augustus 1649 (Defesa apresentada por Artichosky aos Estados Geraes, refutando a accusação que lhe fez o Conselho Supremo do Brazil).

De volta á Hollanda em 1639, Artichosky apresentou-se no paço da assembléa dos Estados-Geraes, pedindo audiencia para queixar-se do procedimento que para com elle tivera o governo colonial. Os estados-Geraes, já informados de tudo o que se passára no Recife por carta de Mauricio, negou a pedida audiencia, e asperamente declarou que não queria tomar conhecimento desse negocio, podendo Artichosky ir queixar-se onde e do modo que bem quizesse.[1]

Manifestamente as queixas que Artichosky tinha de externar perante os Estados-Geraes são as que constam desta *memoria*, onde elle impugna todas as razões que o supremo concelho adduzira para justificar a sua resolução de expellil-o da Brazil. Depois de uma longa apreciação dos factos, conclue encarecendo os bons serviços que prestára no Brazil, e pedindo reparação da offensa que soffrêra em sua honra.

Artichosky foi um bravo e intelligente cabo de guerra, ao meu ver a primeira espada que a Companhia teve ao seu serviço no Brazil. Além do seu talento militar, superior aos de Mauricio e Segismundo van Schop, este official polaco se nos recommenda ainda pela sua educação litteraria: era um bom latinista, segundo affirma frei Manoel do Salvador, e os seus escriptos que acabo de mencionar nos mostram que elle sabia manejar a penna com muita habilidade em uma lingua estranha.

Estas tres memorias de Artichosky foram publicadas tambem na *Chronica* do Instituto Historico de Utrecht em 1869.

— Sommier discours over den staet van de vier geconquesteerde capitanias Pernambuco, Itamaracá,

---

[1] « ...... verclaert sich niet te willen inlaten, ofte kennisse te nemen van de voors. doleantien, maer dat de voors. Archisserosky sich dies aengaende elders sal moeten adreseren sulox en daer hy te raed sal werden ».

Resolução de 21 de Agosto de 1639.

Parahyba ende Rio Grande in de noorder deleen van Brazil, 1638 (Breve discurso acêrca do estado das quatro capitanias conquistadas.... na parte septentrional do Brazil).

E' um relatorio do Supremo Conselho do Brazil, e tambem foi publicado na *Chronica* daquelle Instituto.

Na mesma chronica foi publicada ainda a «Generaele Beschryving van de capitania Parahyba, Recife de Pernambuco den lesten July 1639, door Elias Herckman» (Descripção geral da capitania da Parahyba). E' uma instructiva monographia, onde se encontram todos os dados acêrca da Parahyba.

— Mencionarei emfim o relatorio que o conselheiro van Goch apresentou aos Estados Geraes no 1° de Agosto de 1653, e os dous relatorios apresentados á mesma Assembléa pelo conde Mauricio em 1644.

— De um outro volume contendo diversas peças (Band met stukken meerendeel betreffende Brazilie) fiz copiar as duas seguintes :

Uma extensa memoria dirigida ao rei de Portugal a 20 de Julho de 1645 por Gaspar Dias Ferreira.

O auctor, depois de fazer largas considerações acêrca da situação financeira da Companhia das Indias Occidentaes, submette á consideração do rei o plano que lhe parecia mais adequado para obter-se a restauração do Brazil, de Angola e S. Thomé. As negociações deviam ser entaboladas primeiramente, não com os Estados-Geraes, mas com as diversas Camaras da Companhia. Entendia que, corrompendo-se os directores, não seria difficil conseguir que elles propuzessem aos Estados-Geraes a venda daquellas colonias por tres milhões de cruzados. Essa proposta, procedendo da Companhia, não deixaria de ser acceita pelos Estados-Geraes, e, si necessario fôsse, devia-se corromper tambem os seus membros. Quanto ao dinheiro de que S. M. precisava para effectuar a compra e occorrer a todas as despezas, o poderia haver das mesmas colonias,sem gravame para os povos, segundo o plano financeiro tambem explicado na mesma memoria. O proprio Gaspar Dias Ferreira se offerecia a contribuir

com 18000 cruzados em tres annos, entregando 6000 annualmente.

Termina recommendando a sua pessoa pelos bons serviços que na Hollanda havia prestado á S. M. e no Brazil aos Portuguezes.

Esta memoria, originariamente escripta em portuguez, foi vertida para o hollandez em Dezembro de 1645 por ordem dos escabinos de Amsterdam, que a encontraram entre outros papeis, não menos compromettedores, pertencentes a Dias Ferreira. Foi uma das bases do processo que contra elle se instaurou por crime de traição.

O outro documento é um jornal da viagem ao Brazil do vice-almirante Wit Carnelisz, de Wit, por elle mesmo escripto para justificar o seu modo de proceder.

— Dous registros, um da Camara de Amsterdam e outro da da Zelandia, são de pouca importancia: contém resoluções sobre negocios de mera administração. Todavia no registro da primeira destas duas Camaras encontrei, além de algumas noticias sobre a emigração dos judeus para o Brazil, o seguinte acêrca do padre Manoel de Moraes.

Notulo de 10 de Novembro de 1636. « Is by den heer Conradus en van Geel gerefereert dat Manuel Morais den *Brasilschen Diccionarium mette historie* gemaeckt hebbende, eyst 1500 guld. tot syn brulof hem mocht worden toegevoucht, ende 800 guld.s' jaers, en daervoor genegen is de Comp. daer hy can, alle dienst te doen. Waer op geresolveert is hem boven de 100 guld. hem by Jeronimus uytgereyckt noch 300 guld. te geven, ende hem te seggem dat dese vergaderinge als syn vorstel niet vremt vindende inde aenstaende vergaderinge van XIX favorabel sal voordragen».

(Os Snrs. Conrado e van Geel referem que Manoel de Moraes, tendo composto o seu *Diccionario Brasiliense com historia*, pede que se lhe conceda a quantia de 1500 florins para as suas nupcias, e 800 florins por anno, compromettendo-se por isso a prestar á Comp. todos os serviços onde puder. Resolve-se que, além dos 100 florins que lhe foram abonados por Jeronimo, se lhe dêm mais 300, e

se lhe diga que esta assembléa, não achando estranha a sua proposta, a recommendará á proxima assembléa dos dezenove).

Como se vê, este notulo nos informa que o padre Manoel de Moraes compuzera um *Diccionario* e uma *Historia*.. O diccionario não é outro senão o *Diccionariolum nominum et verborum linguæ brasiliensis maxime communis*,[1] que acompanha, como annexo, a *Historia Naturalis* de Piso e Marcgraf. Quanto ao outro trabalho, deve ser a *Historia do Brazil ou da America*, que nunca se imprimio, e cuja existencia mesmo era problematica. Ter-se-hia perdido esse manuscripto por occasião da venda dos papeis da Companhia em 1821?

— O registro sob o titulo de — *Aenvang en beginsel van de West-Indische Compagnie*—é uma collecção das resoluções dos Estados Geraes acêrca da Companhia, 1623-1624, e de algumas outras peças que mais interessam á historia da mesma Companhia do que á da sua colonia do Brazil.

ARCHIVO DOS TRIBUNAES DA HOLLANDA

A provincia da Hollanda tinha dous tribunaes superiores, o mais antigo denominado *Hof van Holland*, e o *Hoog Raad*, instituido por Guilherme Taciturno, para conhecer das appellações interpostas das decisões do primeiro; ambos estendiam a sua jurisdicção sobre as provincias da Hollanda, Zelandia e Frisa.[2] Os seus archivos foram tambem recolhidos ao real archivo de Haya.

Entre os papeis procedentes do tribunal provincial da Hollanda, encontrei a collecção denominada *Criminele Papieren*, contendo as peças do processo instaurado contra Hendrik Haecks e Walter van Schoonenburch, membros

1 Pelo menos assim pensa Candido Mendes, *Memorias para a Historia do Maranhão*.

2 Meyer, *Esprit, origine et progrès des Institutions judiciaires*.

do supremo concelho do Brazil, que assignaram a capitulação da praça do Recife a 26 de Janeiro de 1654.

O tenente coronel Sigismundo van Schop e os dous membros do governo colonial, ao chegarem á Hollanda, foram alvo de acerbas recriminações por parte do publico e da Companhia, exprobrando-se-lhes o haverem entregue tantas praças fortes que com mais valor poderiam ter conservado. Os Estados-Geraes prestaram ouvidos a essas queixas injustas, e resolveram que o Concelho de Estado procedesse a um inquerito sobre o facto. Reclamaram contra este acto do governo os Estados-Geraes da provincia da Hollanda, que se suppunham offendidos em suas franquezas, e, não se pagando de simples protestos, mandaram prender a Haecks e Schoonenburch em suas proprias casas, e responsabilisal-os pelo respectivo tribunal provincial.

São as peças desse processo que a mencionada collecção encerra: consta de interrogatorios dos réos, depoimentos de testemunhas e de várias memorias escriptas pelos principaes funccionarios da colonia que se achavam no Recife ao tempo da capitulação.

O tenente-coronel van Schop compareceu, não perante o tribunal da Hollanda, mas perante o concelho de guerra instituido pelos Estados-Geraes da Republica, e foi condemnado em 20 de Março de 1655 a perder todos os seus vencimentos e mais vantagens pecuniarias que pudesse pretender da Republica ou da Companhia.

Quanto a Haecks e Schoonenburch, não consta que o tribunal da Hollanda proferisse sentença condemnando-os ou absolvendo-os, e tudo quanto sabemos a respeito do resultado do processo é o que consta do seguinte trecho da *Vaderlandsche Historie* de Wagenaar:

« Não se achou fundamento bastante, diz o historiador hollandez, para declaral-os culpados de covardia e ainda menos de traição. Foram, portanto, soltos depois de alguns mezes de prisão. Não tardou muito que se attribuisse geralmente a perda do Brazil á falta de viveres e de munições, de que não se pôde prover convenientemente aquella longinqua parte dos dominios do

Estado por causa da guerra com os Inglezes (l. 12, pag. 384). »

Nem por isso esses documentos são destituidos de importancia. Fil-os copiar, como se verá da lista que publicarei no fim deste relatorio.

*
* *

No mesmo archivo existem algumas peças de um outro processo que nos interessa — o que foi instaurado contra Gaspar Dias Ferreira, accusado do crime de traição; porquanto, tendo-se naturalisado cidadão da Hollanda a 4 de Fevereiro de 1645,* nesse mesmo anno entretivera correspondencia com o inimigo para o fim de prejudicar a Republica e as duas Companhias das Indias Occidentaes e Orientaes.

Desse processo resta sómente o seguinte:

Uma lista das cartas e outros escriptos constantes de um registro ou livro de minutas, por onde se vê que o réo em 1645 escrevia ao rei de Portugal, ao seu embaixador na Hollanda D. Francisco de Souza Coutinho, ao secretario da embaixada Feliciano Dourado, a Mathias de Albuquerque, ao Marquez de Montalvão, etc.

Relação das peças entregues pelos Senhores (escabinos) de Amsterdam ao tribunal da Hollanda.

O acto da appellação interposta da sentença deste tribunal pelo procurador geral.

Resolução tomada pelos Estados-Geraes a 18 de Junho de 1648, isto é, « que, sem prejuizo do direito e autoridade dos dous tribunaes, o processo de Gaspar Dias Ferreira seguisse o seu curso em gráo de appellação no Tribunal Supremo.»

Esta decisão dos Estados-Geraes na questão de competencia entre os dous tribunaes constituia um precedente notavel nos annaes judiciarios da Hollanda. O

* *Acte-Boek,* 1643-1645.

caso de Gaspar Dias Ferreira foi objecto dos commentarios dos velhos criminalistas hollandezes,[1] e mais tarde foi lembrado em uma causa analoga, a de Isaac Coymans, tambem accusado de traição para com a mesma Companhia das Indias Occidentaes.

Finalmente restam as sentenças tanto do tribunal provincial como do supremo concelho. A primeira, datada de 16 de Maio de 1646, condemnou Gaspar Dias Ferreira a banimento perpetuo e na multa de 12000 florins; a segunda sentença, proferida no ultimo de Julho de 1647, reformou a anterior para condemnal-o a 7 annos de prisão, e, depois de cumprida esta pena, a banimento perpetuo do territorio neerlandez e das possessões das duas Companhias, e na multa de 30000 florins.

Depois de mais de tres annos de prisão, Dias Ferreira conseguio fugir a 17 de Agosto de 1649[2], deixando uma carta em latim dirigida aos Estados-Geraes, a qual foi impressa sob o titulo de « *Epistola Gasparis Dias Ferreira in carcere, unde erupit, scripta* » (Asher. n.º 239).

Dous dias depois publicou-se um edital em nome dos dous tribunaes da Hollanda, concedendo o premio de 600 florins a quem aprehendesse o fugitivo, assignalado deste modo: « homem de 50 annos de idade, baixo, gordo e de côr morena.»[3]

Baldado esforço! O ardiloso portuguez conseguio transpôr a fronteira da Republica e refugiar-se em Portugal, como annunciára na carta dirigida aos Estados-Geraes. Nos ultimos mezes de 1652 sei que elle se achava em Lisboa, porquanto entre as cartas remettidas naquelle anno de Portugal para o Brazil e interceptadas pelos Hollandezes, encontrei diversas cartas dirigidas por elle

---

[1] Borst, *van Criminele Saeken*; *Lœnius, Dicis. p.* 77.

[2] Aitzema diz que G. D. Ferreira serrou os varaes da prisão com as cordas de uma guitarra (*citer*); é mais provavel que elle tenha conseguido abrir as portas do carcere com *chave de ouro.*

[3] Encontrei este edital no Placaet-Boeek de 1640-1650.

ao mestre de campo Francisco Barreto, a Philippe Bandeira de Mello, a João Fernandes Vieira, etc. pedindo para ser nomeado procurador perante o rei de Portugal.

* * *

Deveria lançar muita luz sobre a administração de Bas, Hamel e Bullestraten o processo que os Estados-Geraes mandaram intentar contra os tres ex-governadores do Brazil, quando voltaram á Hollanda, sob o peso das accusações dos moradores portuguezes, dos Hollandezes e da propria Companhia.

O governo da Republica não se poupou a esforços para colher as provas dos seus crimes e entregal-as á justiça. Eis o que consta do registro das resoluções dos Estados-Geraes:

Hamel, Bas e Bullestraten compareceram a 20 de Agosto de 1647, perante a assembléa dos Estados-Geraes afim de apresentarem o seu relatorio sobre os negocios da colonia. Dez dias depois, a mesma assembléa mandou recommendar á dos 19 que se informasse acuradamente acêrca dos actos dos tres ex-governadores, e lhe communicasse o resultado de suas investigações. A 15 de Setembro mandou chamar á sua presença o conde Mauricio afim de ouvil-o « acêrca de diversas cousas de importancia que occorreram no Brazil. »[1] O conde compareceu no dia seguinte, tendo discorrido sobre « o que se passára ali a respeito dos moradores portuguezes e dos subditos do Estado neerlandez,[2] » pediram-lhe os Estados-Geraes que reduzisse a escripto as suas declarações. Mauricio prometteu fazel-o, mas no dia seguinte mandou pedir escusa de tão ingrata tarefa, dizendo que « diversos individuos, vindos do Brazil, sendo interrogados sobre esse assumpto, dariam testemunho dos graves *excessos* e *abusos*.

---

1 « Van verscheidene grove saecken in Brasyl gepasseert...»

2 « openinge gedaen vant gene in Brasyl en andere plaetsen daer outrent is gepassert ten regard van de portugesche ingesetenen en subjecten van desen staet...»

praticados na colonia. »[1] Os Estados-Geraes resolveram então commetter a alguns dos seus membros o encargo de inquirir dos factos, interrogando especialmente Abraham de Vries, Greving e Pieter van der Hagen, para apresentarem o seu relatorio com pleno conhecimento de causa. A 3 de Outubro, tendo sido chamados a Haya os tres ex-governadores, mandou-se-lhes dar cópia das accusações formuladas contra elles. A 11 responderam por escripto, apresentando documentos comprobatorios das suas allegações; o que tudo se mandou entregar aos accusadores para replicarem tambem por escripto. A 31 do mesmo mez, a pedido de Abraham de Vries, ordenaram os Estados-Geraes que o tribunal da Hollanda interrogasse o preso Gaspar Dias Ferreira e a seu sobrinho Francisco Ferreira Rabello sobre os pontos indicados por de Vries. A 14 de Janeiro de 1648, o tribunal remetteu aos Estados-Geraes os interrogatorios dos dous Ferreiras. A 18 Grevingh P. van der Hagen apresentaram as suas réplicas, que foram remettidas aos accusados. A 4 de Março os Estados-Geraes concederam ainda o prazo de um mez a A. de Vries para formular a sua resposta, permittindo-lhe, a seu pedido, examinar no archivo da Companhia as peças de que precisava. A 13 de Maio os grandes accionistas da Camara de Amsterdam accusaram tambem os tres ex-governadores, imputando-lhes, « que com a sua administração fizeram decahir consideralvemente a Companhia.»[2] A 25 a commissão dos Estados-Geraes apresentou finalmente o seu relatorio, e dous dias depois a assembléa dos mesmos Estados resolveu que se remettesse « o saco com os documentos e mais papeis » ao tribunal provincial da Hollanda para serem processados os tres ex-delegados da Companhia, devendo cessar desde então a gratificação de 4 florins diarios que percebiam os accusadores. A 14 de

---

[1] Dat Syn Extie meynt dalter vele en vescheidene persoonen uyt Brazil alhier te lande syn weder gekeert, die, des gevraecht wesende, grondetiche, getuigenisse souden connen geven vande grove excessen en abuysen in Brasyl gepasseert en geperpetreert...

[2] Dat de generael Compagnie door deser hooge raden administratie in Brasil mercklick is verachtert...

Maio de 1650 porém, depois de varios incidentes, os mencionados papeis ainda não haviam sido levados ao conhecimento do tribunal, e de novo resolveram os Estados Geraes que fossem remettidos com o respectivo inventario ao fiscal ou promotor publico para agitar a competente acção criminal.

Assim vê-se desta exposição que os Estados Geraes, a Camara de Amsterdam e o conde Mauricio imputavam a Hamel, Bas e Bullestraten *graves abusos e excessos de poder* praticados durante a sua administração, causando com isto geral descontentamento entre os Portuguezes e provocando a revolta de 1645.

Entretanto creio que o processo não chegou a ser instaurado: nada mais encontrei a tal respeito no registro das resoluções dos Estados-Geraes; no archivo do tribunal da Hollanda não existem as peças que lhe foram remettidas ou pelo menos se mandou remetter para servirem de base ao processo, nem consta da collecção das sentenças daquelle tribunal que alguma tenha sido proferida pró ou contra os tres membros do Supremo Concelho do Brazil.

Outro tanto devo dizer do processo do ex-assessor Johannes van Walbeeck, tambem accusado de se haver locupletado á custa dos moradores e com prejuizo da Companhia. Apenas encontrei neste archivo do tribunal da Hollanda a carta de Marcus de Vogelaer, director da Camara de Amsterdam, dirigida aos Estados-Geraes, accusando a Walbeeck, um outro escripto do mesmo director em que são formulados com precisão os artigos de accusação, e finalmente uma carta do proprio Walbeeck datada de Amsterdam a 29 de Maio de 1649, na qual elle se defende. Pedi cópia destes tres documentos.

ARCHIVO DOS ESTADOS-GERAES

Já vos disse que o archivo dos Estados-Geraes foi o objecto especial das investigações do general Netscher e do Dr. J. C. da Silva. Por isso e por ser mui limitado o

tempo de que eu dispunha, entendi que não devia submetter os mesmos documentos a um novo exame. Aprovetei sómente aquelles que por sua extrema importancia não podiam deixar de fazer parte do meu peculio de cópias.

Neste caso se achavam as cartas que o conde Mauricio dirigio aos Estados-Geraes durante os seus oito annos de governo no Brazil. Comquanto ellas já tivessem sido copiadas para o Instituto Historico da Côrte, fil-as copiar tambem para o Instituto de Pernambuco, tendo em attenção a importancia das informações e apreciações que encerram, procedentes do personagem o mais illustre, quer pelo seu nascimento e posição social, quer pelos dotes do seu espirito, que governou a colonia hollandeza do Brazil. Além disso, a collecção das cartas de Mauricio que encontrei neste archivo e fiz copiar é mais completa do que a collecção que possue o Instituto da Côrte, a julgar pela lista que de lá me foi remettida.

Por exemplo : não consta dessa lista uma das cartas mais importantes do conde Mauricio—a que elle dirigio de Wesel aos Estados-Geraes em 29 de Janeiro de 1646. O Brazil hollandez se achava então ameaçado de imminente ruina em consequencia da revolta dos moradores portuguezes; os Estados-Geraes e a Companhia tratavam de abafal-a no sangue, e de reconstituir a colonia já pela extirpação de abusos inveterados e já pela introducção de reformas salutares. Nestas condições, e justamente quando se aprestavam os soccorros para o Brazil, os Estados-Geraes se dirigiram ao conde Mauricio para pedir-lhe que auxiliasse o governo com as suas luzes e a sua experiencia, expondo as suas idéas sobre o modo de effectuar as operações de guerra e as reformas de que necessitava a colonia. Mauricio respondeu por esta carta, dando o seu parecer com a maior franqueza, e por ella sabemos que o plano adoptado, isto é, o perdão geral concedido aos moradores pelos Estados-Geraes, a occupação do rio de S. Francisco para interceptarem-se as communicações entre a Bahia e Pernambuco, o commettimento contra a mesma Bahia, etc., foi inspirado por elle.

Mas não é esta parte da carta, por muito importante que seja, que me levou a cital-a. Trata-se de um outro facto, para o qual peço a vossa attenção. Duarte de Albuquerque asseverou nas suas *Memorias Diarias* que, depois da conquista do Arrayal em Junho de 1635, os conquistadores usaram para com os moradores rendidos de *feresa barbara*, « violentando-os a se resgatarem com dinheiros, cujas quantias foram taxadas arbitrariamente e não conforme ás circumstancias de cada um, » e accrescenta— « chegaram a dar crueis tormentos a Antonio de Freitas e Silva, e outro mais, para que dessem mais dinheiro, cousa nunca vista. »

Southey reproduzio indignado a noticia do facto, estygmatisando-o como merecia, tanto mais quanto fôra praticado para com os bravos que durante tanto tempo haviam resistido dentro das muralhas daquelle forte. Netscher porém rebateu a accusação, contestando o mesmo facto, sem ter para isso outro fundamento senão o silencio guardado por de Laet. A autoridade de Netscher, de cuja bôa fé e imparcialidade não é licito duvidar, influenciou de tal modo o espirito dos proprios escriptores brazileiros, como o conego Fernandes Pinheiro, que chegou-se a duvidar da palavra do auctor das *Memorias Diarias*: a *feresa barbara* usada para com os indefesos moradores tornou-se problematica. Eis que surge agora das sombras do passado a voz a mais insuspeita e autorizada para restabelecer a verdade historica, dando plena confirmação á asseveração de Duarte de Albuquerque. E' o proprio conde Mauricio quem nol-o affirma no seguinte topico desta carta:

«Als ick in Brasil aengelant was soo hebe het aldaer gevonden vol verwaringen in alle staten. De Portuguensen meest van haere landeryen ende engenhos gevlucht, de landen woest en onbe bout, de luiden vol wantrouwens d'eene van de andere. De principaelste gebleven Portugueseen ten hoogsten gemiscontenteert door de exactien haer gemaeckt, daer of de minste niet en was dat men Areal verovert en de portuguesen in protectie aengenomen hebbende, daernaer echter de principaelste met pinigen ende by de armen op te haelen haere middelen af

perste, oock mede door dien de regierders aldaer om dat eenige inwoonderenhaer hadden begeven tegen haeren eedt by de macht van Spangien s'jaer te voren daer aengecomen, deselve door de Tapuias voor soo veel sy die conden becomen, hadden doen massacreren, soo wel onschuldigen als schuldigen sonder onderscheyt, nochte oock vrouen ofte kinderen te verschoonen. »

« Quando eu desembarquei no Brazil, encontrei alli a confusão em todas as classes. A maior parte dos Portuguezes tinha fugido de suas propriedades e engenhos, as terras estavam desertas e incultas, as pessoas cheias de desconfiança umas para com as outras. Os principaes Portuguezes daquelles que haviam ficado summamente descontentes pelas extorções que com elles se praticaram, em contrario ao accôrdo solemnemente pactuado, e dessas extorções não foi a menor a que passo a referir. Conquistado o Arrayal, e apezar de haverem sido os Portuguezes tomados debaixo de nossa protecção, depois se *extorquio a fazenda aos principaes, torturando-os e içando-os pelos braços;* outrosim, como alguns moradores contra o seu juramento se tinham juntado com as forças hespanholas que alli foram no anno anterior, os governadores da colonia (*regierders aldaer*) mandaram trucidal-os pelos Tapuias, tanto quanto estes pudessem haver ás mãos, assim culpados como innocentes sem distincção, e sem se poupar mesmo a mulheres ou a crianças ! »

E' com o mais profundo respeito que devemos receber este testemunho do principe magnanimo em prol das victimas de tão *barbara fereza!*

Abstendo-me de fazer referencia a outras cartas do conde, darei no fim deste relatorio a listas das que mandei copiar.

*
* *

Os registros das Resoluções dos Estados-Geraes da Republica Neerlandeza contêm numerosas noticias e utilissimas informações sobre os negocios do Brazil, visto como todas as deliberações sobre assumptos referentes á

Companhia e suas possessões foram consignadas naquella enorme collecção de *in-folios*. Tentei fazer um extracto, por ordem chronologica, das resoluções que são de interesse para nós, começando de 1623, anno em que a Companhia encetou as suas operações de guerra. Não pude porém levar a cabo este meu trabalho por ter sido interrompido pelo governo imperial. Não sendo possivel que taes extractos se concluissem na minha ausencia, limitei-me a marcar as resoluções mais importantes para serem copiadas textualmente.

Entrego os meus extractos ao Instituto, apezar de se acharem incompletos.

***

Placaet-Boeck é o nome de uma volumosa collecção impressa das leis, ordenanças, regimentos e outros actos officiaes emanados dos Estados-Geraes. Ahi encontrei todos os regulamentos relativos ao Brazil, os quaes foram organizados pela Companhia e approvados pelos Estados-Geraes.

O primeiro delles tem a data de 13 de Outubro de 1629. E' o regimento do governo das conquistas da Companhia, e comquanto na época em que foi expedido nenhuma parte do Brazil se achasse conquistada pelas armas da Companhia das Indias Occidentaes, todavia esse regimento fez-se para o Brazil, e aqui foi observado até que veio substituil-o o regulamento definitivo de 23 de Agosto de 1636.

Est'outro é o que se póde chamar a *lei organica do Brazil Hollandèz*. Contêm 99 artigos, em que se acham definidas as attribuições do governo supremo colonial, e dos mais collegios e autoridades civis e militares, assim como tudo quanto dizia respeito ás relações entre o governo e a egreja reformada, ás autoridades locaes, á instrucção primaria, ás terras vagas, ás minas e pedras preciosas, ao modo por que deviam ser tratados os indigenas e os moradores portuguezes, etc.

O regimento de 23 de Agosto de 1636 soffreu posteriormente algumas modificações, principalmente pelas

Instrucções de 6 de Novembro de 1645, baixadas para os novos governadores do Brazil que foram nomeados naquelle anno.

Segue-se uma serie de regulamentos sobre o commercio entre a metropole e a colonia do Brazil, e outros assumptos.

Eis os titulos e as datas desses actos legislativos:

— Edital pelo qual são chamados os moradores portuguezes a voltar á posse dos seus bens, 10 de Agosto de 1630.

—Regulamentos de 14 de Maio de 1632 e 15 de Julho de 1633, segundo os quaes podem ser equipados navios hollandezes para navegarem dentro de uma parte dos limites marcados no privilegio da Companhia.

—Editaes de 25 de Maio de 1624 e 14 de Junho de 1632, prohibindo que, sem consentimento da Companhia, alguem se engajasse ou se obrigasse a servir nas Indias Occidentaes.

— Regulamento sobre a liberdade do commercio de Pernambuco, 9 de Janeiro de 1634.

— Regulamento pelo qual os naturaes das Provincias Unidas poderiam navegar e tomar mercadorias em certa parte comprehendida nos limites da Companhia, 6 de Janeiro de 1635.

— Regulamento provisorio sobre a liberdade do commercio do Brazil, 29 de Abril de 1638.

— Regulamento sobre a colonisação e cultura das terras do Brazil conquistadas pela Companhia das Indias Occidentaes, 26 de Abril de 1639.

— Artigos, segundo os quaes qualquer pessoa podia ser acceita pela Companhia para navegar em seus navios para as Indias Occidentaes, o Brazil, etc., 24 de Novembro de 1647.

— Regulamento sobre a liberdade do commercio, 10 de Agosto de 1647.

— Edital concedendo o direito de livre importação de viveres no Brazil, 11 de Dezembro de 1649.

— Edital permittindo a livre exploração das minas de prata nas Indias Occidentaes, 31 de Agosto de 1652.

Acham-se todos copiados.

ARCHIVO PARTICULAR DO REI

Além do archivo real de Haya (Rijksarchief), de que até o presente me tenho occupado, visitei tambem o archivo particular de S. M. o rei da Hollanda (Het Huis-archief), e á obsequiosidade do archivista, o snr. general Mansveld, devo ter podido consultar os papeis concernentes ao Brazil que pertenceram ao conde Mauricio de Nassáu.

Esses papeis formam duas collecções.

A primeira dellas tem o titulo de *Stukken betreffende het gouverno van J. Maurits in Brazilie*, 1636-1643 (Peças relativas ao governo de João Mauricio no Brazil). Contém toda a sorte de documentos: relatorios, roteiros, descripções de diversos paizes (Chile, Perú, Rio da Prata, Vera Cruz), editaes, petições, cartas do marquez de Montalvão e outras em portuguez.

Chamarei a Vossa attenção para as cartas e dous pareceres de Gaspar Dias Ferreira que ahi encontrei. Sete dessas cartas, sendo duas em portuguez, e as mais em latim, são dirigidas ao conde.

Gaspar Dias Ferreira era natural de Lisbôa, donde veio para o Brazil em 1618.[1] O dominio hollandez lhe proporcionou o ensejo de fazer fortuna rapidamente. Era intelligente e diligente, astuto e pouco escrupuloso, o que importa dizer que tinha as qualidades necessarias para medrar no meio em que se achou collocado. Assim vemol-o galgar posições na colonia hollandeza— foi presidente da camara de Olinda e depois escabino na cidade Mauricia,— arrematar impostos, comprar engenhos (Novo e Santo André), e angariar as bôas graças do conde, sobre cujo espirito parece ter exercido influencia. Abusando porém da protecção que o conde lhe dispensava, servio-se della e do nome do seu illustre patrono para extorquir dinheiro aos Portuguezes e aos Hollandezes, pelo que se tornou odioso a uns e a outros.

---

[1] E' o que consta da carta de naturalisação de G. D. Ferreira, *Acte-Boek*.

A mais antiga de suas cartas é de 1643 : ella nos mostra que o conde ouvia conselhos de Dias Ferreira e obrava de accôrdo com elles, que lhe liberalisava as suas mercês, tinha conhecimento e favorecia negocios particulares do seu trefego subdito portuguez.

Eis o final desta carta :

« .... favor sou de parecer não conceda V. Ex. senão mui poucos, porque entendo que convem á reputação de V. Ex. que assi seja ; o meu negocio se vai fazendo devagar porque pretendo proveito, em poucas pessoas tenho feito cousa de 406 florins, porém muito fiado nas bôas pessoas (promessas?). Dou a V. Ex. as graças pela (mercê) da (attestação) que quer dar-me para desobrigar a fiança (dada) a Homem Pinto, V. Ex. sabe muito bem quanto isto é (util?) a este seu criado, fico tratando da venda deste engenho a Fernão do Valle, querendo Deus se effectue para que mais livre delle possa melhor occupar-me no serviço de V. Ex. etc.»

Em uma outra carta em latim, sem data— talvez a primeira que dirigio ao conde depois de se achar na Hollanda— nota-se um tom de profundo desanimo: queixa-se de sua triste sorte naquelle paiz, não lhe tendo sido possivel avistar-se com S. Ex. em Haya, nem em Amsterdam, e receia que S. Ex. se vá para Allemanha sem vel-o. Esperava que S. Ex. lhe desse occasião de beijar as mãos do Principe de Orange, que tal fôra a causa de sua viagem á Hollanda etc.»

A essa tristeza porém succedem a alegria e a esperança em uma outra carta tambem em latim e sem data, na qual communica ao conde que, depois da partida de S. Ex. (de Haya), o secretario Hugens o apresentára ao principe e á princeza de Orange, de quem foi recebido mui amistosamente. Annuncia a sua intenção de se naturalisar cidadão da Hollanda, e de pedir ao principe cartas de recommendação para os novos governadores do Brazil. Permitti que tambem transcreva o final desta carta :

« Depois da partida de V. Ex., diz elle, fui a Amsterdam para fallar a Barlœus, como V. Ex. me ordenára,

e Barlœus me respondeu que ainda estava meditando, e ordenando o assumpto e o plano de sua obra, e quando lhe fosse necessaria alguma informação me mandaria chamar por um proprio para me entender com elle, o que prometti fazer, como V. Ex. me recommendou etc.»

Em uma longa carta em latim, escripta em Amsterdam a 17 de Agosto de 1645, desculpa-se de não enviar ao conde o dinheiro que este lhe pedira, allegando não haver recebido o fructo de seus engenhos (que aliás esperava para pagar dividas), porque os seus assucares ficaram retidos no Recife por falta de embarcações que os levassem á Hollanda.

« No Brazil, diz elle, eu seria rico de bens, aqui me acho baldado de tudo ».

A seguinte carta, dirigida de Amsterdam ao conde a 2 de Outubro de 1645, é uma das mais interessantes da serie :

Tratando do Brazil, diz elle que S. Ex. já havia de ter recebido a noticia do crime e traição do mulato Vieira (notitiam...... de scelere et perfidiâ illius mulati Vieiri). « Non potest arbor mala, accrescenta reproduzindo a phrase do Evangelho, bonos fructus facere. » Lamenta a sorte dos moradores, e dá graças ao conde de o haver levado do Brazil para aquello asylo da Hollanda, onde contempla como do cume de um alto monte a tempestade que passa.

Na bolsa os negociantes censuravam como absurda e estulta a resolução tomada pela Companhia de retirar S. Ex. do Brazil, acreditando elles que bastava a presença de S. Ex. alli para serenar os animos. Defende em seguida o rei de Portugal, referindo-se ás cartas regias que lhe foram mostradas pelo embaixador Souza Coutinho; este receiava que castigo capital recahisse sobre o governador da Bahia, si fosse verdade, como se dizia, ter elle enviado tropas para auxiliar os revoltosos. Conclue communicando que constava ter Schoonenburck acceito a presidencia do Supremo Concelho do Brazil. « Depois de V. Ex. não conheço nenhum homem mais apto para o cargo ».

Certo, estas cartas não desmentem o apoucado conceito que frei Manoel do Salvador nos deixou do caracter de quem as escreveu. Mas apresso-me a dizer que os dous pareceres de Gaspar Dias Ferreira, a que já alludi, nol-o apresentam sob um novo e muito mais favoravel aspecto.

Esses pareceres sem data e sem assignatura são incontestavelmente de Gaspar Dias Ferreira. A lettra, o estylo, as allusões que o auctor faz á sua pessoa, tiram toda a duvida a tal respeito.

O auctor discute os meios de que a Companhia poderia lançar mão para reduzir á obediencia os revoltosos de Pernambuco, e demonstra não sómente que qualquer delles seria improfiquo, senão tambem que nenhuma razão de Estado aconselhava a Companhia ou o governo da Republica a conservar aquellas provincias, povoadas por Portuguezes, hostis ao elemento hollandez, e cuja presença, entretanto, era alli necessaria, porque só elles conheciam o meneio dos engenhos, podendo os moradores por sua obstinação na resistencia extinguir a planta da canna, abrasar as fabricas, assolar a terra e tornal-a infructifera por largos annos, resultando dahi enormes gastos para a Hollanda sem compensação possivel.

« Si razão de Estado é a conveniencia de cada um em seu proprio Estado », a razão de Estado exigia que a Companhia, longe de continuar a despender os seus capitaes e os da Republica para conservar o Brazil, tratasse de o vender a Portugal, que sem gastos o poderia conservar e defender. « Com essa venda, observa elle, ficaria logo prospera e pujante a Companhia para com muitas utilidades continuar a guerra contra o inimigo commum, o qual por esta falta está colhendo sem risco das Indias as riquezas com que se sustenta contra toda a Europa. Não sei como isto se não considera ; parece quer Deus que assim seja, e não alcanço outra razão.»

Estes dous pareceres, um dos quaes pelo menos é dirigido ao conde Mauricio, fazem honra á lucidez do espirito de Gaspar Dias Ferreira. A linguagem é incorreta, mas a argumentação é vigorosa, as conclusões irrecusaveis. Com muita habilidade elle põe em toda a

evidencia o lado fraco da colonia hollandeza estabelecida nesta parte da America. A conquista das capitanias do Brazil septentrional pelas armas de uma Companhia de mercadores se explica, como empresa militar e emquanto perdurasse a guerra, podendo dahi advir lucros tão consideraveis para os accionistas quanto perdas avultadas para o inimigo. Mas como empresa colonial, destinada a florescer na paz e pela paz, o seu mallogro devia ter sido previsto: era vão o intento de fundar uma colonia em provincias cultivadas por Portuguezes, distanciados dos conquistadores por lingua, crenças, costumes e instituições, e de cujo concurso dependia, aliás, a prosperidade da mesma colonia. Concluida a paz não restaria á Companhia outra fonte de renda senão o trabalho agricola dos Portuguezes; estes, apezar de vencidos, não cessariam de ser os dominadores, e desde que se levantassem em som de guerra, como aconteceu em 1645, feito era da colonia—a sua ruina seria inevitavel.

Ferreira deu pois o conselho o mais salutar, recommendando á Companhia que quanto antes se desfizesse por venda dessas provincias, que de então em diante não seriam para ella senão occasião de enormes perdas.

Comparem-se os dous incorrectos pareceres do obscuro portuguez com o afamado *Papel Forte* do padre Antonio Vieira, obra prima de estylo e de argucias. A superioridade dos conceitos e da argumentação do primeiro sobre os sophismas do segundo salta aos olhos. E sob um outro ponto de vista se póde assignalar uma differença ainda mais notavel. Ao passo que o padre jesuita teve a fraqueza de dar um conselho anti-patriotico, porque sabia que assim favorecia as vistas de el-rei, Dias Ferreira, fallando como Hollandez a Hollandezes, em cujo poder se achava, externa corajosamente o seu pensamento, annuncia uma verdade dolorosa, de que só a experiencia póde convencer os directores da Compania.

Si algum acto deste homem pudesse, por assim dizer, resgatar aos olhos da posteridade os seus erros,

os defeitos de seu caracter, seriam certamente estes dous toscos pareceres ![1]

***

A segunda collecção dos papeis do conde Mauricio é propriamente um registro, no qual se contém a correspondencia em francez acêrca dos quadros ou pinturas do Brazil que elle presenteou a Luiz XIV.

Faz-se aqui necessaria uma pequena digressão para intelligencia do que tenho a dizer-vos sobre essa curiosa correspondencia, e tambem porque trata-se de um assumpto mui pouco conhecido: o destino que tiveram as pinturas que o conde levou do Brazil para a Hollanda.

A paixão predominante do conde João Mauricio durante toda a sua longa existencia, foi o amor ás bellezas da natureza e ás bellas-artes. Elle o manifesta desde 1633, quando, sendo um simples coronel de regimento, sem largas rendas, quasi sem bens patrimoniaes,[2] começou a construir o seu magnifico palacio e os seus jardins de Haya,[3] e conservou esse culto ao bello até os

---

[1] Para dar uma idéa do estylo epistolar de uma dama pernambucana daquella época, trnascreverei a seguinte carta dirigida pela bella, rica e festejada D. Anna Paes ao conde Mauricio:

« Illm. Snr.—Como nos devemos toda a obdiencya a nosos superiores tanto mais a vosa ecelencya de quem temos resebydo tantas onras e merces, assim que este animo me faz tomar atrevymento de pedyr a vosa ecelencya queyra aseitar seys caixas de asuquere branco, perdoandome vosa ecelencya no que ajudandome o Snr. Ds. servyrei a vosa ecelencya como merese e fico pedindo a Ds. aumente a vida e estado a vosa ecelencya pera emparo de suas cativas.

De vosa ecelencya a muito obediente cativa Dona Anna Paes.»

[2] O pae de Mauricio, o conde João de Nassau, teve nada menos de vinte filhos; e por isso os bens herdados por Mauricio na Allemanha não podem ter sido de muita importancia. Veegens, *Historische Studien*.

[3] Quando Mauricio partio para o Brazil, este seu palacio (convertido presentemente em museu) ainda não se achava concluido; os cuidados do governo não fizeram com que elle se descuidasse de promover de cá o andamento das obras, enviando de quando em quando as madeiras as mais preciosas do paiz, e grande quantidade

ultimos dias de sua vida no tranquillo retiro de Bergendal, onde, para encher as suas horas de vagar, continuava a plantar e a construir, como si obedecesse a um instincto irresistivel. Em Haya, em Cleves, em Wesel, no Brazil, Mauricio plantou ou transplantou, segundo o seu proprio testemunho, mais de um milhão de arvores !

Em parte alguma porém elle deu mais expansão ao seu espirito creador do que no Brazil. E' que achou-se então em uma situação excepcional e a mais propicia ao seu genio. Uma colonia nova em um mundo novo de opulencia tropical era, na verdade, o theatro digno de um principe amigo das artes e das sciencias naturaes. Cercou-se de sabios e de artistas, deu-lhes o impulso, proporcionando-lhes todos os meios de acção, e por tal modo assignalou o seu governo, como um periodo fecundo para a architectura, a pintura, a geographia, a astronomia, a botanica e a zoologia, que os oito annos da administração do conde Mauricio nada encontram que lhes possa ser comparado em todo o decurso da historia colonial deste paiz.

Foi no observatorio desta cidade construido por Mauricio — o primeiro da America — que Jorge Marcgraf pôde entregar-se ás suas observações astronomicas ; foi á custa do conde e sob os seus auspicios que o mesmo sabio percorreu a colonia para tomar a altura dos logares, observar o littoral e levantar os mappas topographicos das quatro capitanias conquistadas ; foi ainda devido á mesma protecção que Guilherme Piso e Marcgraf puderam penetrar no interior do paiz para estudar-lhe a flora e a fauna, e obter os especimens vivos que,

---

de assucar, cujo producto devia ser applicado ás despezas da construcção. Os directores da Companhia queixavam-se dos desperdicios de Mauricio, e a construcção desse luxuoso edificio era para elles uma prova de que o conde gastava mais do que lhe permittiam as suas rendas. Em uma carta dirigida da ilha de Antonio Vaes ao seu secretario Huygens a 9 de Maio de 1642, dizia Mauricio :

« Messieurs les Directeurs, à ce qu'on m'a dit, le nomment (o palacio de Haya) la *maison de sucre*, à laquelle neantmoins ils ont fort peu contribué; ausi je ne les ay pas prié au compérage. Dieu soit loué qu'il est venu jusques là...... Quant à moi je ne manqueray point d'envoyer de beaus bois et sucre»........

Veegens, ibid.

transportados para Mauriciopolis e os jardins do conde, foram observados, descriptos e desenhados para serem levados ao conhecimento do velho mundo.[1]

A população do Recife se achava encerrada no estreito ambito do *burgo* do mesmo nome. Elle projectou edificar uma cidade nessa ilha, tão vantajosamente situada, que se interpunha entre o bairro do Recife e o continente. Os membros do supremo concelho, como mercadores que eram, oppuzeram-se, allegando razões de economia. Mauricio, para quem a falta de rccursos nunca foi um obstaculo á realização dos seus planos principescos, comprou a ilha a seu dono, mandou abrir canaes, circumvallal-a, lançar pontes, levantar casas com os materiaes da arruinada Olinda, e construir para si dous palacios, um dos quaes —*Friburg*—foi o objecto especial dos seus desvelos: ornou-o com os moveis do mais fino lavor, cobrio-lhe as paredes de grandes quadros pintados por Frans Post, cercou-o de jardins e de um extenso parque, para onde fez transplantar centenas de arvores do interior do Brazil e da costa d'Africa.[2]

« A capital do Brazil, diz Driesen, esteve a ponto de vir a ser a Rainha do Occidente, assim como, sob a administração de Koen e dos seus successores, Batavia foi a Rainha do Oriente.»

A guerra e o tempo fizeram desapparecer as construcções materiaes do conde Mauricio—os seus palacios, as suas piscinas, os seus jardins e as suas pontes. Nada obstante, um monumento immorredouro resta entre nós, que nos permitte repetir a phrase de Barlœus: « Fulget... Nassoviæ magnitudinis in alio orbe perenne monumentum.» E' esta *Mauriciopolis*, que elle edificou e onde quiz fundar uma imprensa e uma universidade para toda a America, e cujo nome, por nossa ingratidão, deixamos cahir no esquecimento!

Quanto aos objectos d'arte, como as pinturas, que destino tiveram? O conde os levou comsigo, quando

---

[1] Barlœus, pag. 330; Driesen, *Leben des Fursten J. Morits von Nassau.*

[2] Barlœus, pag. 146; Driesen.

partio do Brazil, para collocal-os no seu palacio de Haya, onde residio durante tres annos [1]; mas em 1652 vendeu uma grande parte delles ao eleitor de Brandeburgo por 50,000 taleres. Possuimos a escriptura de venda, bem como o inventario, que a acompanha, das peças vendidas. Eis o que deste ultimo documento consta com relação aos desenhos e pinturas:

O n.° 14 do inventario faz menção de dous volumes, um grande *in-folio* e outro menor, contendo desenhos de tudo o que (com relação aos homens, aos quadrupedes, passaros, reptis, peixes, arvores, plantas, frutos e flores) se póde encontrar no Brazil, e que se suppõe terem sido executados por Marcgraf.

O n. 15 menciona mais de cem pinturas do Brazil (elevam-se a 1640) a oleo sobre papel grosso e em folhas avulsas.

Aquelles dous albuns e estas pinturas, segundo nos informa Driesen, existem actualmente no real museu de Berlim.

Emfim o n. 13 do inventario faz mensão de 7 grandes quadros a oleo tendo sete covados brabantinos de altura, com os quaes se podia cobrir as paredes de uma sala, como si fossem tapeçarias, representando em tamanho natural os homens e os mais notaveis individuos da fauna e da flora do Brazil; e mais 9 quadros menores para serem collocados nos intervallos entre as janellas, com figuras proporcionalmente reduzidas.

Driesen diz que esses quadros não existem no museu de Berlim, mas suppõe serem os mesmos que se acham no castello de Frederiksborg, na Dinamarca, de que falla Humboldt em seu *Cosmos.* [2]

---

[1] Alem das pinturas e dos moveis, como cadeiras, mesas e consolos feitos de marfim da costa d'Africa e de madeira do Brazil, Mauricio levou tambem *indios vivos*. « Durante a sua administração o bondoso principe, diz Veegens, fez-se tambem amado dos selvagens. Uns 11 tapuias quizeram a todo o custo acompanhal-o, e effectivamente vieram com elle para Haya. Em uma festa que teve logar no seu palacio em Agosto de 1641, á qual compareceram entre outras pessoas diversos embaixadores com suas mulheres, Mauricio fez os indios dansarem suas danças nacionaes perante toda a assembléa.»

[2] Driesen, pag. 107.

Afóra esses desenhos, pinturas e quadros, o que acaso restava das *curiosidades* do Brazil que o conde levara para a Hollanda, suppunha-se ter ficado no palacio de Haya, e perecido nas chammas que em 1704 devoraram todo o interior desse edificio. [1]

A correspondencia, porém, que encontrei entre os papeis do conde, e de que agora vou tratar, vem nos mostrar que esta supposição é erronea, pelo menos quanto aos quadros. Os que Mauricio não vendeu em 1652, e talvez os mais preciosos, por isso mesmo que os conservou em seu poder, foram por elle enviados para Paris em 1679, como presente á Luiz XIV.

Essa correspondencia, repito, é curiosa por mais de um titulo.

Mauricio militara como feld-marechal na guerra entre a Hollanda e a França. Foram estes os seus ultimos serviços. Em 1676, sentindo-se enfermo, e comprehendendo que não estava longe o termo de sua existencia, pedio e obteve permissão para retirar-se para o ducado de Clèves, do qual era governador. Da capital do ducado passou-se para o delicioso valle de Bergendal, onde foi aguardar a morte á sombra das arvores que alli plantára.

Antes de assignar-se o tratado de Nimegue, pactuando pazes entre a Hollanda e a França (10 de Agosto de 1678), e muito antes de concluir-se a paz entre Luiz XIV e o eleitor de Brandeburgo, já o conde Mauricio se dirigia ao conde Desprence ministro do *grande rei*, para pedir-lhe que se incumbisse de offertar a S. M. a collecção de quadros que Mauricio levára do Brazil.

A 21 de Dezembro do mesmo anno de 1678 escreve no mesmo sentido a um outro ministro de Luiz XIV, o marquez de Pomponne. « As ditas *raridades*, diz Mauricio referindo-se aos seus quadros, representam todo o Brazil por meio de figuras, a saber: a nação e os habitantes do paiz, os quadrupedes, os passaros, os peixes, fructos, plantas, tudo de tamanho natural, bem como a situação do paiz, cidades e fortalezas, com os quaes retratos se póde formar uma galeria, o que seria uma cousa

---

[1] Veergens, ibid.

mui rara, que se não encontra no mundo, pois eu tive ao meu serviço durante o tempo que vivi no Brazil *seis pintores*, cada um dos quaes pintava aquillo para que era mais apto ; e si um curioso vir essa tapeçaria, não terá necessidade de atravessar os mares para contemplar o bello paiz do Brazil, que não tem igual debaixo do céo ; ha cêrca de *quarenta quadros* entre grandes e pequenos todos originaes (de que não guardo cópia), os quaes servirão de modelo (para uma tapeçaria), e como a minha idade e os meus incommodos me impedem de apresental-os pessoalmente á S. M., rogo a V. Ex. muito humildemente se digne de me communicar si posso ter a ousadia de remetter ditos modelos... certo de que á S. M. será agradavel ver a grande differença entre a Europa e a America... etc. P. S. Seria pena que, por minha morte, esses quadros passassem a outras mãos que não as do rei. »

Escreveu na mesma data ao proprio rei, e depois por diversas vezes ao conde Desprence e ao marechal d'Estrades. Emfim este ultimo lhe communicou, por carta datada de Paris no 1° de Junho de 1679, que o rei acceitava o presente ; * a 4 do mesmo mez Colbert, que se achava em Nimegue, tambem lhe communicou ter recebido ordem para levar os ditos quadros com a sua bagagem. Mauricio, transportado de jubilo, a julgar pelas suas cartas, apressou-se a remettel-os para Nimègue, fazendo-os acompanhar do seu pintor Paulo de Milly, do seu criado particular de With, e do seu jardineiro incumbido de explicar o uso de certos instrumentos de jardinagem.

Os quadros foram transportados pelo Rheno e pelo Mosa de Nimegue á Rotterdam, e dahi por mar e pelo Sena até Paris, onde chegaram a 13 de Agosto ; no dia seguinte foram collocados na *Sala da Comedia do Louvre*.

A 22 do mesmo mez o rei foi ver os quadros, mas pouco se deteve, promettendo voltar para aprecial-os com mais vagar. Esta segunda visita teve logar tres

---

* Note-se que a acceitação do presente coincide com a resolução tomada pelo rei de conceder a paz ao eleitor de Brandeburgo.

dias depois, sendo o rei acompanhado de sua côrte. Eis como Paulo de Milly refere o que se passou:

« S. Germano 28 de Agosto de 1679. O rei voltou a 25 para ver os quadros e as outras cousas que V. A. lhe offertára, acompanhado da Rainha, do Snr. Delphim, do Snr. Duque e da Snr.ª Duqueza de Luxemburgo e de muitos outros senhores da côrte, e todos unanimemente admiraram o mimo de V. A., dizendo que nunca tinham visto uma cousa tão rara; tambem o rei não deixou de mostrar a sua alegria e contentamento, quando vio os quadros e as outras cousas, e sobretudo admirou o cavallo marinho, o papagaio, e esse animalzinho, cujo filho entra e sahe do ventre materno. Senhor houve que parecia duvidar do facto, e pediam para ver o meu livro (memoria explicativa dos quadros), e Monsenhor tomou-o, e leu o art. 3º e outros, dizendo que não duvidava, visto como o principe Mauricio o affirmava. Cada qual mostrava-se curioso de ouvir explicar os quadros, V. A. póde crer que muito me custou satisfazer a todos, o que todavia fiz sem prejuizo do Rei, a cujo lado sempre me conservei; mas Monsenhor me puxava ora para um lado, ora para outro, a Rainha, o Snr. Delphim e Madame que não era menos curiosa do que a outra de ver e ouvir a explicação dos ditos quadros, de sorte que todos tiveram prazer e contentamento, e disseram quasi todos que era bonito para uma tapeçaria, mas o Rei não resolveu ainda mandar fazer que eu saiba . . . . . » Paulo de Milly.

Mauricio remetteu tambem, além de uma memoria sobre o modo de replantar as arvores e o uso dos instrumentos de jardinagem inventados por elle, uma descripção das pinturas, onde os quadros são designados por lettras desde *A* até *M*, e depois desde *AA* até 11, o que faz crêr que essa descripção não está completa, por faltar a menção dos quadros da serie *N* até *Z*.

A installação no *Louvre* dos quadros offertados por Mauricio foi definitiva ou provisoria? Onde esses quadros se acham presentemente? Não sei. Embalde percorri as galerias do Louvre, e examinei o seu catalogo, e especialmente o das pinturas da escola flamenga e hollandeza; embalde interroguei a varias pessoas competentes

para esclarecer-me sobre o destino das *raridades* do Brazil : nada encontrei, nada pude descobrir. Estou, porém, persuadido de que uma pesquiza feita com mais vagar poderá conduzir a melhor resultado, por quanto não é crivel que uma collecção tão curiosa de *quarenta quadros* tenha desapparecido sem deixar vestigios.

Um outro ponto resta a esclarecer.

Que motivo levou o conde Mauricio a offertar os seus quadros a Luiz XIV ? Porque ao glorioso Guilherme III ou ao eleitor de Brandeburgo preferio elle o autocrata da França, que caprichosamente invadira a Hollanda, e tel-a-hia desmembrado e sujeito ás condições as mais humilhantes para obter a paz, si não fôra o genio do joven heroe que, como *Staathouder*, se collocára á frente da Republica Neerlandeza? Como se explica que o feld-marechal da Hollanda e o loco-tenente do eleitor de Brandeburgo não duvidasse fazer um tal presente ao *rei-sol*, antes mesmo do tratado de Nimegue e ainda quando as tropas francezas occupavam o ducado de Clèves ?

A principio me pareceu achar a palavra do enigma na ultima carta que o conde Mauricio escreveu ao conde Desprence a 5 de Dezembro de 1679 (quinze dias antes de morrer).

« Avisam-me, diz elle, e V. Ex. terá sem duvida ouvido dizer que o rei quer fazer a mercê de me obsequiar por occasião de algumas pequenas raridades das Indias, que eu tomei a liberdade de offerecer á S. M... Ouso confiar a V. Ex. que eu desejára muito que esse presente (que de ordinario se faz em joias) passasse a ser feito em dinheiro de contado; si eu tivesse a honra de poder fallar pessoalmente a V. Ex., acredito que V. Ex approvaria as razões que para isso tenho. E pois que de ordinario as joias se estimam em grande preço, sem que se possa tirar dellas todo o proveito, e o rei não tem interesse no modo por que o presente se fará, persuado-me de que poderei obter a substituição de uma cousa por outra, caso V. Ex. se digne de interessar-se por esse negocio............... è o que aprouver a S. M. conceder-me seja assignado sobre as contribuições destes paizes de Clèves, donde eu o poderei tirar a meu commodo, etc. »

A julgar por esta carta, tratava-se de uma *venda disfarçada* : o conde Mauricio não presenteou, vendeu as suas *raridades*, assim como já havia vendido uma outra parte dellas em 1652.

Entretanto seria temerario affirmar que tal foi a sua intenção desde o começo, podendo bem ser que Mauricio tivesse sido induzido a offertar os seus quadros a Luiz XIV por outros motivos que hoje é impossivel penetrar. [1]

MAPPAS

Volto ainda ao real archivo de Haya para dar-vos noticia dos mappas e plantas referentes ao Brazil que alli existem.

Esses mappas foram em geral levantados pelos engenheiros ou empregados da Companhia, com excepção apenas de alguns de origem portugueza. São os proprios originaes manuscriptos e nunca foram gravados. Acham-se descriptos no catalogo do archivo (*Inventaris der verzameling kaarten berustende in het Rijksarchief*, *S'Gravenhage* 1867), cujo director se dignou de entregar-me um exemplar para vos offertar em seu nome.

As cópias que vos trago são dos mappas mais importantes ; foram feitas sob a direcção do distincto snr. J. Hingman, *Charter-meester* do real archivo, e vos posso assegurar que esse trabalho nada deixa a desejar com relação á fidelidade.

---

[1] Quer parecer-me que isto mesmo se deprehende do seguinte topico da carta de Mauricio a Desprence em data de 6 de Outubro de 1679, na qual o principe, referindo-se ás cartas que Luiz XIV lhe escreveu para agradecer o presente, diz: « Je l'avoue que cette lettre (du roi) ne marque pas moins la grandeur de l'ame de ce Roy, que toutes ses autres actions, et qu'elle m'a servi d'un grand soulagement dans ma maladie qui me tient encore attaché au lit. J'en conserverai la memoire pour moi tant que je serai dans ce monde et recommanderai aux miens de la garder parmy les papiers les plus considerables de ma maison......» Porque razão o facto de ter Luiz 14 escripto uma simples carta de agradecimento pelo mimo acceito e recebido revela a sua *grandeza d'alma*, tanto quanto *todas as suas outras acções*? Tudo isto não passa de meras formulas cortezãs ?

Eis a lista dos mappas, cujas cópias neste momento vos entrego:

Mappa da ilha de Antonio Vaes, do Recife e cidade de Pernambuco antes da conquista.

Outro mappa dos mesmos logares depois da conquista.

Esboço da cidade de Pernambuco por D. Ruyters.

Planta da ilha de Antonio Vaes, do Recife e Terra Firme com seus fortes e reductos por Andrew Drewisch Bongesaltenis, engenheiro, 1631.

Outra planta dos mesmos logares pelo mesmo engenheiro.

Planta do forte real (*Arrayal Velho*).

Planta do forte real que manda fazer Mathias de Albuquerque para segurança do porto de Pernambuco, 1629, por Christ. Alvares.

Perfil do forte real pelo mesmo.

Mappa da cidade de Pernambuco por Pieter van Buren, 1630.

Planta do novo forte e algumas trincheiras do Recife por P. van Buren.

Esboço da região a oeste do Recife de Pernambuco, feito de accordo com as informações havidas dos prisioneiros portuguezes, 1632, por Johannes van Walbeeck.

Pequeno mappa do Pontal e do Cabo de S. Agostinho depois da conquista em 1634, por Tourlon, com uma legenda em papel separado.

Outro mappa dos mesmos logares por Teunis, 1634, com uma declaração dos navios que tomaram parte na conquista.

Outro mappa do mesmo Cabo.

Planta, feita a olho, do Cebedello na Parahyba durante o cêrco posto por Stein Callenfels, levantada por Drewisch, 1631.

Desenho da cidade de N. S. da Conceição, com a indicação dos quarteis das tropas hollandezas.

Cidade do Salvador e Bahia de todos os Santos, 1638.

Desenho das fortificações e trincheiras que se fizeram em defesa do inimigo, bateria do inimigo hollandez.

Perfil da cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos que mostra a altura do mar á ella, 1638.

Desenho da cidade e forte do Grão-Pará.

Mappa do Ceará com o desenho do forte Schoonenburch, 1649.

A uma outra collecção de plantas e vistas coloridas, não mencionadas no catalogo impresso, pertencem as seguintes aquarellas que tambem fiz copiar:

Recife e cidade Mauricia.

Itamaracá.

Planta de Olinda.

Cabo de S. Agostinho e Rio Ipojuca.

Porto de Pernambuco, Recife, Mauricia e Olinda.

Vista de Olinda.

Chamo a attenção do Instituto para a acquisição que fiz de um precioso *Atlas*, contendo 57 mappas manuscriptos de varias capitanias do Brazil e de todo o littoral desde o rio da Prata até o Cabo Nassau. Comprei-o ao successor de Frederico Muller, livreiro de Amsterdam.

Este *Atlas* encerra tudo quanto os Hollandezes conheciam acêrca da geographia do nosso paiz no seculo XVII é um auxiliar mais valioso para o estudo topographico do que os mappas do livro de Barlœus, que até o presente tem sido a nossa unica fonte de informação. Estes ultimos, tendo sido gravados, não são tão perfeitos nem tão exactos quanto os mappas da collecção que vos trago.

Não pude saber a quem esse importante *Atlas* pertenceu primitivamente; é bem provavel que tenha pertencido a alguns dos directores ou a alguma das camaras da Companhia.

Sómente dous mappas trazem os nomes dos seus auctores: n. 1, mappa geral do Brazil por *Jean Vingboon*; n. 44, mappa da costa desde o rio *Ilheos* até o Ceará pelo almirante Lichthart (*Pas-Caerte der custe van Brazil beginnende van rio Ilheos en eyndigende aen rio Siera met alle de revieren, capen, bayen, clippen en droochten der selven met de diepten der principaelste revieren vertoont in dry stukken, door naerstich ondersoek gedurende de tyt van seven jaeren, gedaen door den E. heer admirael J. C. Lichthart*).

Os mappas topographicos das quatro capitanias de Pernambuco (inclusive Sergipe e Alagoas), Itamaracá, Parahyba e Rio Grande do Norte, sob os numeros 38, 39, 40, 42, 49 e 51, não têm o nome de seu auctor, mas não é difficil verificar quem elle seja e em que época foram levantados.

Em o segundo relatorio que o conde Mauricio apresentou aos Estados-Geraes em 1644, elle diz que mandará levantar mappas de toda a região desde o rio Real até o Rio Grande, nos quaes se achavam notadas e representadas a situação, altura, extensão e divisão das capitanias conquistadas, bem como as cidades, castellos, povoações, aldêas, curraes de gado, salinas, fontes, paues, cabos, montes, rios, parceis, engenhos, egrejas, conventos, etc. Barlœus nos transmitte a mesma noticia: « Tabulas geographicas magna curâ et sumtibus suis exarari fecit (Mauritius) in quibus oppida, pagi, arces, armentorum septa, aliaque mira accuratione representantur». E accrescenta... « auctore Georgio Markgraphio, geographo et astronomo eximio». Ora, a estas indicações correspondem os mappas de que se trata, sendo que o primeiro delles traz esta legenda :

« Correcte Zee kaerte der custe van vier Capitanien in Brazilien, als Phernambocque, Itamarica, Parayba en Rio Grande met alle Reciffen ende droocheen der selver, meede alle steden, dorpen ende aldeas der selver capitanien, alles door order van sjn Extie Graeff Joan Mouritius van Nassauw.» (Mappa exacto da costa das quatro capitanias do Brazil,— Pernambuco, Itamaracá, Parahyba, e Rio Grande— com todos os seus arrecifes e baixos, bem como todas as cidades, povoações e aldeias de ditas capitanias, levantado por ordem de S. Exc. o conde João Mauricio de Nassau)

Portanto concluo que esses mappas manuscriptos foram confeccionados por Jorge Marcgraf.

Os seguintes tambem foram levantados de ordem ou durante a administração do conde, como consta de suas respectivas legendas : N.° 25, Bahia de todos os Santos e cidade do Salvador durante o cêrco posto pelo conde ; 37, rio de S. Francisco com o forte Mauricio ; 41, porto

de Pernambuco, Recife e cidade Mauricia ; 47, ilha de Itamaracá com a cidade Schop e o forte Orange, 1639 ; 48, mappa de Porto Calvo durante o cêrco posto pelo conde, bellissima aquarella onde se acham representadas a povoação, as suas fortificações e o acampamento dos Hollandezes ; 53, mappa do Ceará.

Finalmente são tambem dignos de nota os seguintes :

N. 36, mappa desde os Ilhéos até a capitania de Pernambuco com as fortificações « como presentemente existem sob o governo do snr. conde de Banholo »; n.º 33, Bahia de todos os Santos com o nome dos engenhos do rio *Perasu* (Paraguaçú); 27, capitania de S. Vicente, serra do Cubatão e povoações do interior ; 38, porto de S. Vicente ; 29, porto do Rio de Janeiro ; 31, porto do Espirito Santo ; 34, Bahia de todos os Santos. Estes quatro ultimos são aqurellas.

LIVROS E OPUSCULOS

Além de cem volumes sobre assumptos de historia e geographia, especialmente da America— comprehendidos não só os que agora vos apresento, senão tambem os que remetti de Londres em Dezembro de 1884— fiz acquisição de uma collecção de opusculos hollandezes do seculo 17 relativos ao Brazil.

Dos opusculos publicados na Hollanda acêrca da Companhia das Indias Occidentaes e suas possessões coloniaes se póde dizer que, pelo seu grande numero, formam uma *litteratura*. Era o *jornalismo* da época : habituados a discutir os negocios publicos nas suas assembléas municipaes, nos seus Estados provinciaes e geraes, os Hollandezes serviam-se dos opusculos para discutil-os tambem pela imprensa.

Asher[1] nos informa que a real bibliotheca de Haya, na sessão denominada *Bibliotheca Duncaniana*,

---

[1] *Bibliographical Essay.*

encerra 20,000 brochuras publicadas desde o reinado de Filippe II, até o fim do seculo xviii, das quaes elle consultou 7,000 para formar o seu bem conhecido catalogo dos materiaes impressos que dizem respeito á historia daquella Companhia, e á historia e geographia da Nova-Neerlandia.

Os opusculos que se referem ao Brazil, quero dizer, ás lutas entre os Hollandezas e os Portuguezes, á debatida questão de saber si o commercio entre a metropole e a colonia devia ser livre ou não, e ás questões diplomaticas a que deu logar a occupação do nosso paiz pelos Hollandezes no seculo xvii, attingem o numero de 200 pouco mais ou menos.

Infelizmente eu não dispuz do tempo necessario para formar uma collecção mais completa dos pamphletos e opusculos que nos interessam. Elles são muito raros e só occasionalmente se encontram. Tudo quanto eu pude obter é o que consta da seguinte lista:

« Redenen waerom de West Indische Comp. dient te trachten het Lande van Brasilie den Coninck van Spangien te ontmachtigen, 1634» (Razões porque a Comp. das Ind. Occ. deve esforçar-se por tomar a terra do Brazil ao rei de Hespanha).

« Ordres and articles granted by the High and Mightie Lords The States General of United Provinces concerning of a West India Compagnie, 1621.» (E' a traducção ingleza da carta patente da Companhia).

« Claer veertooch van de verradsche en vyant lycke Acten en Proceduren van Portugael.... in Brasyl, 1647.» (Clara demonstração dos actos e procedimento hostis e traiçoeiros de Portugal no Brazil).

«Reden van dat die West-Indisch e Compagnie oft handdlinge niet alleen profytelyck, maer oock noodtzaekelyck is tot behoudenisse van onsen staet» (Demonstração de que a Companhia das Ind. Occ. ou o seu commercio é não sómente proveitoso, como necessario á conservação do nosso Estado).

« Consideratie over de tegenwoordige gelegentheyt van Brasil, 1646.» (Considerações sobre a situação actual do Brazil).

« Examen over het vertooch tegen het onghefondeerde ende schadelyek sluyten der vryen handel in Brasil, 1637 » (Exame da demonstração de que é infundada e prejudicial a prohibição do commercio livre no Brazil).

« Consideratie als dat de negotie op Brasil behoort open gestelt te woorden, 1638.» (Considerações com que se mostra que o commercio do Brasil deve ser declarado livre).

« Journalier verhael ofte copye van seckeren brief geschreven uyt Brasil, nopende de victorye.......... tegen de machtige vloot des konings van Spangyen....... voorgevallen in de maent van Januario 1640.» (Diario ou cópia de certa carta enviada do Brazil acêrca da victoria alcançada sobre a poderosa armada do rei de Hespanha em Janeiro de 1640).

— « Trou-hertige onderrichtinge aen alle hooft-Participanten.............. nopende het open stellen van den handel op de cust van Africa.... mitsgaders Marignian, Nieu Nederland en West-Indien, 1643.» (Leaes informações a todos os grandes accionistas acêrca da liberdade do commercio na costa d'Africa, bem como no Maranhão, Nova Neerlandia e Indias Occidentaes).

« Aenwysinghe dat men van de Oost en West Indische Compagnien een Compagnie dient te maecken, 1644.» (De como se deve fazer uma só Companhia das duas Companhias das Indias Orientaes e Occidentaes.)

« Aenspraeck aen den Getrouwen Hollander, nopende de proceduren der Portuguesen in Brasil, 1645.» (Prática com o fiel Hollandez acêrca do procedimento dos Portuguezes no Brazil.)

« Journael ofte korte Discours, nopende de rebellye .... der Portuguesen alhier in Brazil voorghenomen, Arnhem. » (Jornal ou breve discurso acêrca da rebellião dos Portuguezes no Brazil.)

« Brasilsche Bree-byl, 1647. » (Machadão do Brazil.)

« Brasilsche Gelt-sack, gedrucht in Brasilien op' t Recif in de Bree-byl, 1647.» (A bolsa do Brasil. Impresso no Recife, no Bree-byl)

« Vertooch aen de Hoog ende Mogende Heeren Staten General der Vereenichde Nederlanden, nopende de voorgaende ende tegenwoordighe proceduren van Brasil, 1647. » (Representação ás suas Altas Potencias os Snrs. Estados Geraes das Provincias Unidas Neerlandezas acêrca do procedimento anterior e actual dos Portuguezes no Brazil.)

« Pointen van consideratie rakende de vrede met Portugael, 1648. » (Pontos que são dignos de consideração a respeito da paz com Portugal.)

« Copye van de resolutie vande heeren Burghemeesters ende raden tot Amsterdam op't stuck van de West-Indische Compagnie, genomen in August 1649 » (Cópia da resolução tomada pelos snrs. burgosmestres e conselheiros de Amsterdam sobre a materia da Comp. das Ind. Occidentaes).

« Amsterdams Dam-praetje van wat outs en wat nieuws em wat vreemts, 1649. (O que se diz nas ruas de Amsterdam sobre o que ha de novo, de velho e de estranho.)

« Zeeusch Verre-Kyker, 1649 » (O oculo da Zelandia).

« Examen van de valsche resolutie van de heeran burgemeeters en raden tot Amsterdam, 1649. » (Exame da falsa resolução tomada pelos Snrs. burgos-mestres de Amsterdam)

« Amsterdams Tafel-praetye van wat goets, en wat quaets en wat noodichs. » (O que se diz á mesa em Amsterdam sobre o que ha de bom, e de máo e o que é necessario)

« Amsterdams vuur-praetye, 1649. » (O que se diz em Amsterdam junto á lareira.)

« Manifest ofte reden van den oorlogh tusschen Portugal ende de vereenigde Provintien van de Nederlanden......... mitsgaders manifestatie van de leugenen en valsheden waer mede het is vervult, 1659. » (Manifesto ou razões da guerra entre Portugal e as Provincias Unidas Neerlandezas, bem como manifestação das mentiras e falsidades, de que o manifesto está cheio.)

« Journal ofte Historiaelse Beschryvinge van Matheus van den Broeck, 1651. » (Jornal ou narração historica de Matheus van den Broeck.)

« Vertooch over den toestant der West-Indiche Compagnie in haer begin, middelen ende eynde, 1651.» (Exposição da situação da Comp. das Ind. Occ. em seu comêço, meios e fim.)

« Copia van t'Octroy door de Hoogh Moog. Heeren Staten Generael der Vereenigde Nederlanden gegeven aen Jan Reeps en syne mede participanten, om een colonie op te rechten aen de Westzyde van Rio de las Amazonas tot aen Cabo d'Orange, 1659.» (Cópia do privilegio concedido por Suas Altas Potencias os Snrs. Estados-Geraes das Provincias Unidas Neerlandezas a João Reeps e seus socios para fundarem uma colonia desde a margem occidental do rio das Amazonas até o cabo de Orange.)

« Eerst vervolgh van hetecht relaes en Dagverhael wegen het afloopen van t' oost-indische Compagnie Schip Nyenburg, 1764». (Primeira continuação da verdadeira relação ou diario da revolta acontecida a bordo do navio *Nyenburg* da Comp. das Indias Orientaes). Uma parte da tripolação refugiou-se no Rio Grande do Norte).

Uma serie de cartas impressas acêrca dos negocios do Brazil, dirigidas por H. Doedens a Ant. van Hilten, secretario dos Estados-Geraes da provincia de Utrecht, 1641-1648.

Não encontrei na Hollanda a « *Epistola Gasparis Dias Ferreira, in carcere, unde erupit, scripta* », de que já vos fallei. Constando-me que existia um exemplar impresso na bibliotheca de Gand, dirigi-me ao respectivo secretario, e delle obtive uma bellissima cópia manuscripta.

Na nota 502 da obra de Dermout sobre a egreja reformada das Provincias-Unidas (*Geschiedenis der Nederlandesche Hervormde Kerk*) o auctor faz menção de um *Catechismo Brasiliense* (*Brasiliansche Katechismus*) composto para os indios e publicado em Enkuisen. Foram baldados todos os meus esforços para encontrar esse catechismo, quer nas bibliothecas da Hollanda,

quer nas livrarias de livros antigos. O governo imperial não me deu tempo para procural-o tambem nos archivos synodaes, como eu pretendia, onde talvez encontrasse não só este, como outros trabalhos dos ministros calvinistas que no Brazil se empregaram na catechese dos indios.

INDICAÇÕES BIBLIOGRAPHICAS

Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.— Sessão especial de 9 de Maio de 1886.— Junho de 1886. Recife. Typographia Industrial. Rua do Imperador n. 14. 1886.

Um quasi pacto, tendo por fim uma como illusão— a de descobrir partes de um mundo que sómente para poucos não estava inteiramente descoberto—acaba de alargar os horizontes da nossa historia, e especialmente da de Pernambuco.

O Dr. José Hygino Duarte Pereira, lente da Faculdade de Direito do Recife, o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano e a Assembléa Legislativa da mesma Provincia— eis aqui as partes que directamente pactuaram a alliança para a acquisição do resultado que, não só confirmou mas até transcendeu a presumpção.

O Dr. José Hygino teve a idéa de se mandar alguem proceder ao exame de documentos nos archivos de Haya pelo qual se apurasse o mais possivel a historia inedita e authentica das nossas lutas com a Hollanda no seculo XVII.

Communicou a idéa ao Instituto Archeologico, e este, assimilando-a, tomou a si a tarefa de promover a commissão. A Assembléa Provincial completou a obra votando

os fundos considerados indispensaveis para que a commissão fôsse preenchida.[1]

Sem a menor intenção de menosprezar serviços que andam justamente aquilatados em nossa critica historica, parece-nos podermos affirmar que os archivos de Hollanda ainda não foram examinados com sentimento mais altamente patriotico do que o foram pelo Dr. José Hygino[2].

. . . .

[1] Art. 10. Fica o Presidente da Provincia autorizado, de accordo com o Instituto Archeologico, a incumbir a um dos membros dessa associação de ir á Hollanda afim de examinar e extrahir copias dos documentos officiaes existentes nos archivos e bibliothecas daquelle reino, relativos ás lutas dos Hollandezes no Brazil.

§ 1.° Para desempenho dessa commissão o presidente da Provincia fica autorizado a conceder a subvenção de 7:000$, pagos integralmente ao mesmo Instituto, logo que tenha elle reclamado.

§ 2.° As copias authenticas dos ditos documentos serão recolhidas ao archivo do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, e por elle igualmente publicadas.

§ 3.° Para usar da presente autorização poderá o Presidente da Provincia effectuar qualquer operação de credito.

. . . .

Lei n. 1810 de 27 de Junho de 1884.

(2) Dão testemunho da exacção desta affirmativa os escriptos seguintes :

LA HAYE LE 13 JANVIER 1886 *Mon cher Monsieur Pereira....* Je me plais à y ajouter, que j'espère sincèrement que vous aurez beaucoup de satisfaction des travaux assidus que vous avez faits ici aux Archives du Royaume. Pendant plusieurs mois que j'y ai travaillé presque tous les jours simultanément avec vous, j'ai remarqué le courage et la persévérance avec lesquelles vous avez, malgré votre santé délicate, poursuivi vos recherches historiques, et j'ai admiré le talent que vous possédez à déchifrer ces énormes liasses de vieilles écritures dans une langue qui vous est étrangère et *qui même pour nous Hollandais présentent parfois de si grandes difficultés.*

. . . .
. . . .

Votre dévoué serviteur.

P. M. NETSCHER.
General major.

***

Illm. Sr. Dr. José Hygino Duarte Pereira.— Rotterdam, 25 de Janeiro de 1886.— Pela carta que V. S. se dignou dirigir-me em 20 do corrente, fico sciente de ter resolvido antecipar o seu regresso ao Brazil, para onde parte no dia 1° de Fevereiro proximo.

Ninguem havia de suppôr, depois das pacientes investigações devidas ao nosso eminente compatriota Dr. Joaquim Caetano da Silva, que, assim perlustrados, os mesmos archivos pudessem ainda offerecer valiosa contribuição para o estudo da guerra hollandeza. Quem com erudição não vulgar e alto criterio julgou um melindroso assumpto de historia patria e assignalou os verdadeiros limites septentrionaes do Imperio[1], deixaria fóra da collecção de copias de que dotou a nossa Bibliotheca Nacional[2] documento que de qualquer modo concorresse para a acquisição da verdade? Ninguem o poderia pensar.

Ao deixar V. S. essa cidade, devo felicital-o pelo resultado de sua commissão, para cujo bom desempenho foi V.S. infatigavel, esquecendo-se mesmo de sua saude sempre alterada.

Assim, durante quasi um anno de aturado exame nos archivos de Haya, onde foi notavel a sua assiduidade, pôde V. S. organisar a bella collecção de documentos da occupação hollandeza no Brazil, cuja importancia historica será, por certo, apreciada devidamente pelos homens competentes do nosso paiz.

Aproveito com prazer a opportunidade para reiterar á V. S. as seguranças de minha perfeita estima e distincta consideração.

A. C. TEIXEIRA.

Consul Geral do Brazil.

***

G. S.—Le soussigné déclare que Monsieur le Professeur Dr. Duarte Pereira souffre beaucoup de l'insomnie et autres symptomes nerveux qui lui empêchent le travail intellectuel. Un repos absolu lui est nécessaire. Pour cela et pour acquérir ses forces, Monsieur Pereira doit repatrier et s'abstenir de toute application intellectuelle pendant quelques mois.—

DR. G.P. TIENHOVEN.

Médecin Directeur de l'hôpital civil de la Haye.

La Haye 9 Février 1886.

Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano de Junho de 1886, pp. 132.

1 Veja-se: a obra *L'Oyapoc et l'Amazone*, a *Rev. Trim. do Inst. Hist. de 1850 p. 421* e a *Rev. Amazonica de Janeiro de 1884.*

2 Compõe-se de oito tomos in-fol. a importante collecção de copias authenticas colligidas pelo Dr. Joaquim Caetano da Silva quando alli esteve na qualidade de Encarregado de Negocios.

Pertence ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro que a expoz na Bibliotheca Nacional por occasião da Exposição de Historia do Brazil.

Vem apontada no vol. IX dos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, p. 926, sob o n. 10628.

Mas o passado não se mostra de um golpe[1], e a sciencia historica ainda não chegou e certamente não chegará nunca á perfeição de exhumar em um só instante os factos com todas as suas relações, como da sepultura o coveiro retira o cadaver com todos os seus restos dentro do caixão mortuario que o teve recluso por um certo numero de annos.

Quando parecia estar dita a ultima palavra sobre o periodo hollandez no Brazil, parte pelas referidas indagações de J. Caetano da Silva, parte pelos trabalhos do erudito escriptor hollandez Netscher[2], parte pelo estudo especial do illustre historiador brazileiro e nosso consocio Visconde de Porto Seguro[3], outro consocio nosso de eminentes aptidões historicas largamente comprovadas no logar de director da Bibliotheca Nacional, o Dr. B. F. Ramiz Galvão, ergueu a ponta do véo que encobria ainda thesouros ineditos de grande valor, e por uma simples affirmativa gerou no espirito do estudioso lente da Faculdade do Recife, que por espontanea sympathia

---

[1] Cada dia vão apparecendo novas contribuições para o esclarecimento da guerra hollandeza.

Merece menção especial a collecção de obras que remetteu de Nova York a 25 de Março de 1884, o Sr. Dr. Salvador de Mendonça, nosso consul alli.

« Algumas dellas—escreve o nosso illustre consocio Sr. Dr. Teixeira de Mello no *Esboço Historico* que precede o *Catalogo da Exposição Permanente dos Cimelios da Bibliotheca Nacional*—, pela sua extrema raridade, podem ser consideradas como documentos. Consta esta soberba offerta de 122 obras em 215 volumes, sem contar 7 mss. de valor que as acompanham e uma serie de estampas. Tudo nella tem um merito real : a muitas das obras deu o douto e paciente colleccionador a categoria de raras, no minucioso catalogo explicativo, com que as acompanhou, e na verdade o são. Mencional-as todas fôra longo, destacar algumas fôra injusto. Dellas inseriu luminosa noticia, que devia ter enchido de contentamento os excavadores das cousas patrias, o *Jornal do Commercio* de 13 de Junho do mesmo anno. Dessa noticia extractamos : « Do seu complexo, no aturado e delicado afan de selecção de escriptores, obras e edições, está a revelar-se o critico sagaz e judicioso; em todas as minucias, até no acondicionamento destes valores, como que se sente a carinhosa solicitude, o fino gosto do bibliophilo ».

[2] *Les Hollandais au Brésil*, notice historique sur les Pays-bas et le Brésil au XVII siècle, etc. 1853. La Haya.

[3] *Historia das lutas com os Hollandezes no Brazil* desde 1624 a 1654. Nova edição melhorada e accrescentada, etc. 1872. Lisboa.

trazia a attenção applicada aos estudos hollandezes, o pensamento, agora realizado, de ver esmiuçados os archivos de Haya.

Eis aqui as palavras com que o Dr. José Hygino trata deste ponto:

«... Uma razão peremptoria houve que decidiu este Instituto a levar a effeito o seu intento de mandar visitar o archivo de Haya. E' a seguinte:

« O illustrado Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, tendo sido encarregado pelo Governo Imperial de visitar as principaes bibliothecas da Europa, apresentou o seu relatorio ao Ministro do Imperio em 29 de Maio de 1874, e ahi fez menção de algumas collecções de documentos do seculo XVII acerca do Brazil, as quaes, comquanto parecessem ter o mais alto valor historico, eram completamente desconhecidas: nem Netscher nem o Visconde de Porto Seguro a ellas se referiram.

« Foi especialmente para consultar esses documentos que esta associação me incumbiu de ir á Hollanda.[1]»

Sem outro auxilio para se manter alli que os seus vencimentos de lente,[2] o illustre investigador não hesitou em acceitar a commissão, que, por ser quasi exclusivamente promovida pela provincia, e sómente de longe favorecida pelo governo, na concessão da licença com os respectivos vencimentos, offerece certo aspecto singular que não parece estar muito na indole do nosso paiz nem nas tradições do nosso mundo litterario. Bello exemplo que, em circumstancias identicas, merece imitado pelas outras provincias, não só na prestação de auxilios,

---

1 *Revista do Instituto Archeol.*, de Junho de 1886, pags. 11 e 12.

2 «...... Exceptuada a importancia das minhas passagens, não distrahi um ceitil do dinheiro, que me foi confiado, para despezas com a minha pessoa.

« As minhas despezas pessoaes foram feitas á custa dos meus vencimentos e dos meus proprios recursos.

« Não tive nenhuma gratificação da provincia e nenhuma quiz receber do Instituto, por considerar que, sendo muito modica a somma posta á minha disposição, ficaria ella consideravelmente reduzida e não daria para a execução do serviço de que eu estava encarregado, si a applicasse tambem ás despezas pessoaes.»

Revista citada, pag. 99.

ainda que minguados, para mandarem examinar fóra do Imperio, ou em outras provincias fontes originaes que esclareçam a sua propria historia, mas tambem na creação de associações congeneres que sirvam, como serviu o Instituto Archeologico, de centro motor de tão patrioticos commettimentos. De ha muito pensamos que, emquanto cada provincia não tratar de ter por si mesma, no seu meio, pelas suas tradições, pela sua poesia popular, pelos seus proprios archivos municipaes e provinciaes, a sua historia, nenhuma dellas será devidamente representada na historia geral, porque quasi todos estes instrumentos de critica se alteram de provincia a provincia, e muitos não podem ser conhecidos sinão por quem está com elles em relações directas.

O resultado da viagem alludida veio confirmar esta opinião que não é só minha mas pertence a todos os que ponham por algum tempo a attenção neste assumpto ; e—porque não o direi ?— quanto a mim, um dos maiores encantos deste facto está justamente na particularidade de ser devido quasi inteiramente á iniciativa e aos recursos provinciaes. A fé, a perseverança, a vontade,o patriotismo, os meios do Dr. José Hygino, do Instituto Archeologico,da Assembléa Provincial alargaram as grandes paginas da historia de Pernambuco, e fizeram entrar na historia do Brazil novas paginas que hão de ser estudadas d'ora em diante com mais vantagem. Sei quanto é desagradavel esta linguagem a quem passou por muitas contrariedades e teve de empregar grandes sacrificios para poder subjugar difficuldades que estiveram mais perto de vencer que de ser vencidas.

Mas não posso exprimir-me de outro modo, porque entendo que sem este combate ainda que por vezes mortal, não se ha de crear nunca a iniciativa provincial.

Volvendo ao assumpto direi que não será nos documentos fornecidos pelas lutas flamengas no Brazil que o historiador estude a grandeza da raça hollandeza.

Antes que se estabelecesse na America mostrára para quanto prestava « esse pequeno povo de pescadores e commerciantes que salvou a sua liberdade civil e a sua liberdade de consciencia por uma guerra de oitenta annos

contra a formidavel monarchia de Philippe II e fundou um Estado que se tornou a arca santa da liberdade de todos os paizes, patria adoptiva das sciencias, Bolsa da Europa, estação de commercio do mundo; e estendeu o seu dominio á Java, Sumatra, Indostão, Ceylão, Nova-Hollanda, Japão, Brazil, Guyana, Cabo da Bôa Esperança, Indias Occidentaes, Nova-York; e triumphou sobre a Inglaterra no mar, e resistiu ás armas unidas de Carlos II e Luiz XIV e tratou de igual para igual com as maiores potencias que dirigiam os destinos da Europa».[1]

Quando considero importante a nova acquisição realisada pelo investigador pernambucano, attento menos nos subsidios que ella traz para o estudo do governo das Provincias-Unidas na America Portugueza do que para o estudo da nossa physiologia e mentalidade colonial. As mesmas forças — o patriotismo e o sentimento de religião, posto que encarados de um ponto quasi inteiramente contrario, fizeram nos Paizes-Baixos o que fizeram no Brazil, isto é, emquanto aquelles triumpharam com a liberdade politica e a liberdade de consciencia, o Brazil Colonia triumphou com a dedicação á metropole portugueza e com uma só religião que excluia todas as demais.

Como tivemos nós força bastante para repellir depois de trinta annos de sujeição, e quando a metropole deixava á ventura os nossos proprios destinos, esse grande povo que de outras immensas lutas sahiu vencedor? Eis o que o historiador ha de pôr em pratos limpos estudando documentos que ainda não fôram devidamente meditados e de que ainda não foi desentranhada toda a verdade pela critica moderna.

Os novos subsidios que o Dr. José Hygino recolheu para o archivo pernambucano, podem facilitar este resultado, e a intenção de concorrer para melhor comprehensão da historia de sua provincia parece que tem origem muito remota e de ha muito o não deixa.

---

[1] E. De Amicis, *La Hollande*, 3ª edição. 1885, pp. 14 e seguintes.

O primeiro passo que elle deu neste sentido foi aprender o hollandez, e nisto pôz tão serio empenho que, sem mestre, chegou a familiarisar-se não sómente com este idioma, tão pouco conhecido entre nós, mas tambem com o allemão, o italiano e o abañeenga.

Logo que se reconheceu capaz de manejar a primeira destas linguas deu principio á traducção da obra de Laet *Historia ou Annaes dos feitos da companhia privilegiada das Indias Occidentaes*[1]. Desta obra publicou sómente os quatro primeiros livros num só volume ; e comquanto a traducção não passasse de ensaio nem se destinasse á publicidade, o traductor com a intenção de auxiliar o nosso consocio José de Vasconcellos, que então escrevia as suas *Datas Celebres*, entregou-lhe o manuscripto que o nosso consocio deu á estampa em suas officinas. O Dr. José Hygino tem agora quasi completa a traducção destes *Annaes*.

Neste mesmo anno ou no seguinte publicou a traducção do *Diario ou Narração historica de Matheus van den Broeck*, a mesma que em 2ª edição offereceu ao nosso Instituto.[2]

Dando o devido apreço ás duas anteriores versões e reconhecendo por ellas as notaveis aptidões do Dr. José Hygino para semelhantes trabalhos, o nosso fallecido consocio senador Candido Mendes pedio-lhe que traduzisse a *Narração da Viagem* de Thomaz Candish.[3] Achava-se então nesta capital o Dr. José Hygino, e, accedendo ao pedido, realisou a versão.

A estas traducções devo accrescentar a do trabalho escripto em hollandez em 1746, intitulado *A Bolsa do*

---

[1] *Historia ou Annaes dos feitos da companhia privilegiada das Indias Occidentaes desde o seu começo até ao fim do anno de* 1636 *por* JOANNES DE LAET, *director da mesma companhia.—Traduzido do hollandez pelo Bacharel José Hygino Duarte Pereira.* Pernambuco. Typographia do *Jornal do Recife* — Rua do Imperador n. 47. 1874.

[2] *Revista Trimensal* de 1877, tomo 1º, p. 7.

[3] Cit. *Rev.* de 1878, tomo 1º, pp. 183 e seguintes.

Brazil.[1] Publicado na *Revista do Instituto Archeologico*, mereceu grande acceitação do publico.[2]

Das traducções devidas á penna do Dr. José Hygino, são estas as que já viram a luz da imprensa. Ellas, porém, não constituem os unicos fructos da sua applicação e não nos demoraremos a demonstral-o.

Movido pelas obrigações da sua cadeira na Faculdade, deu elle aos discipulos as *Prelecções do curso de Direito Natural e Direito Privado*, em satisfação ao programma da 1ª cadeira do 1° anno, em 1883. Foram publicadas pelos mesmos discipulos e formam um volume de mais de 100 paginas.

Nellas mostra-se summamente familiarisado com os adiantamentos scientificos vigentes, provando a cada passo que, quando se liberta da concentração a que o obriga o estudo das memorias e datas antigas, o seu espirito eleva-se e penetra sem vertigens na grande região offerecida pelas doutrinas novas aos vôos do pensamento humano. Nestas mesmas idéas mostrou seguir ultimamente quando teve de dirigir a palavra aos seus discipulos na Faculdade.[3]

Mas a sua predilecção está conhecida: elle não se esquece dos estudos hollandezes. No meio das occupações professoraes a historia da sua provincia, do ponto de vista que lhe apresenta a lição de autores apenas conhecidos de um ou de outro compatriota erudito, o attrahe

---

[1] *Revista do Instituto Archeologico Pernambucano* n. 28, de Abril de 1883.

[2] Dando noticia desta publicação escreveu o *Industrial, revista de industria e artes*, p. 45 : « A *Bolsa do Brazil*, escripta em Hollandez em 1716 e traduzida pelo orador do Instituto, o activo e illustrado Dr. J. H. Duarte Pereira, que ainda mais enriqueceu a sua traducção precedendo-a de luminosas considerações acerca do logar em que foi impressa a *Bolsa do Brazil* e acompanhando-a e seguindo-a de muitas notas de grande alcance historico. A *Bolsa do Brazil* nos dá novos conhecimentos acerca do governo Hollandez em Pernambuco e das causas da insurreição pernambucana pelos portuguezes». A redacção desta revista compunha-se dos Drs. José Hygino, Barros Guimarães, Tobias Barreto de Menezes e Graciliano Baptista, lentes da Faculdade de Direito.

[3] Veja-se *Discurso*.

irresistivelmente para o theatro do passado que elle reconstitue, pela visão retrospectiva, submettendo á nova representação dramas e tragedias que pareciam de todo sepultadas no sarcophago dos archivos.

Póde-se affirmar que não é só a gloria litteraria o que o excita a estes emprehendimentos, mas sim tambem o patriotismo,o qual tanta força tem nas suas acções e é uma das grandes bases do seu caracter.

O Sr. José Hygino tinha 18 annos, e estava no 3° do curso academico, quando se declarou a guerra contra o Paraguay. Não hesitou em trocar os livros pelas armas, e si seu pae, que estava então exercendo um logar de magistrado na provincia do Espirito Santo, vendo-o chegar com praça no 3° batalhão de voluntarios, não lhe promovesse a baixa, o illustre traductor teria ido dar ao sul, pelas armas, testemunho dos sentimentos patrioticos que tão ampla revelação deviam ter nas traducções do hollandez e nas pesquizas historicas.

Seguio dahi em diante, concluidos os exames academicos,a sua carreira civil sem accidentes nem interrupção. Bacharel em direito em 1867 ; promotor publico da capital da provincia de Santa Catharina em 1868; membro da assembléa legislativa da mesma provincia em 1870—1871; juiz substituto do Recife em 1872; doutor em direito em 1876; secretario da provincia de Pernambuco em 1878; lente substituto da Faculdade em 1879, e membro da assembéa provincial em 1880, eis os principaes pousos e datas da sua vida publica.[1]

Bem depressa porém, uma saudade infinda volveu-o de novo para os estudos historicos. Elle nunca os esquecêra – é verdade, mas as transições da vida o tinham forçado a pôr de parte companheiros que tanto lhe mereciam nos seus dias de folga e nas suas vigilias.

Principiou então, si não recomeçou a sua campanha no sentido de realisar-se uma viagem á Hollanda para

---

[1] Estes apontamentos são tomados á biographia do Dr. José Hygino, escripta pelo Dr. Isidoro Martins Junior, poeta e critico pernambucano de grande merito, e publicada no *Contemporaneo*. de Lisbôa, n. 126.—1883.— 10° anno.

serem consultados os archivos donde esperava que viessem, como trouxe elle mesmo, copias de documentos que muito convém á nossa historia.

Neste particular, mais do que em nenhum outro, revelaram-se sobejamente os recursos da sua perseverança

Foi uma verdadeira campanha. Nas provincias ainda ha muita fé; por infelicidade, porém, são muito apoucados os meios de que pódem dispôr, quando não lhes faltam elles inteiramente, para realisarem emprehendimentos de que não provenham receita immediata, segura, ou, ao menos, provavel. Que receita immediata póde provir de ficar mais bem conhecida a historia provincial ou geral? As quantias applicadas á elucidação de factos ou pontos historicos duvidosos ou obscuros entram na ordem das despezas improductivas.

O Dr. José Hygino, a quem não é estranho este ponto donde são consideradas as nossas finanças, não medio tempo nem esforço para levar a sua avante. Ao espirito dos que diziam que já estava no dominio da imprensa ou das bibliothecas do Imperio o que havia mais importante sobre as lutas Hollandezas, pôde elle levar convicção contraria, e tanto andou e tanto fez que appareceram meios e elle vio emfim chegado o momento de executar-se a viagem. Estes meios foram escassos; si o não fôssem, outro seria o resultado; mas, ainda assim, merecem grandes elogios o Instituto e a Assembléa provincial de Pernambuco por terem entrado com grande patriotismo e alta intuição historica na execução do nobilissimo pensamento de refazer as fontes de consulta sobre o dominio hollandez.

Ainda ultimamente o general Netscher, na carta em que agradece a sua nomeação de socio honorario do Instituto Archeologico, dirigida ao 2º Secretario, dá testemunho da consideração que lhe merece o mesmo Instituto [1]

---

[1] Eis o que diz a carta: Monsieur José Domingues Codeceira, Sécrétaire de l'Institut Archéologique et Géographique de Pernambuco.— Monsieur!

Par votre intermédiaire j'ai reçu le diplome d'associé honoraire, que l'Institut a daigné me décerner et je m'empresse de vous en accuser

A ninguem melhor do que ao Dr. José Hygino cabia a incumbencia da commissão e o Instituto não se deteve em offerecer-lh'a, e o consocio escolhido acceitou-a, declarando «bastar-lhe que o governo imperial lhe concedesse os seus vencimentos — os parcos vencimentos de lente da Faculdade—durante o tempo necessario para o desempenho da mesma commissão». Tendo annuido a isto o Ministerio do Imperio, embarcou o esforçado investigador para Haya onde deu começo aos seus trabalhos em Abril de 1885.[1]

---

la réception. Je vous prie en même temps, de vouloir bien me servir d'interprête auprès de cette société de savants, pour lui exprimer ma gratitude pour la distinction dont elle m'a honorée.

Veuillez dire en mon nom, je vous en prie, que j'ai apprécié vivement cette faveur inattendue de la part d'un Institut, qui comprend si bien sa haute mission scientifique et qui eut l'heureuse idée et l'énergie d'envoyer un de ses membres en commission spéciale pour explorer nos archives.

Je profite de cette occasion, monsieur le sécrétaire, pour vous rappeler ce que j'ai déja dit à Mr. Duarte Pereira lui même: que j'ai suivi avec le plus grand interêt ses laborieuses et intelligentes recherches sur l'histoire de votre pays pendant la domination Hollandaise.

Il y a *bien* longtemps déjà, que j'ai publié mon travail sur cette période de votre histoire, mais je vous assure que ma sympathie est encore toujours acquise d'avance à tous les Brésiliens, qui s'en occupent, et il m'a été très agréable d'avoir pu rendre quelques faibles services à votre envoyé et confrère Mr. Pereira, qui a su trouver et utiliser plus de trésors dans nos Archives, qu'aucun historien avant lui.

Veuillez agrêer, Mr. le secrétaire, l'assurance de ma considération et croyez-moi votre très humble serviteur.— P. M. Netscher— générale maj.»

(Expediente do Instituto Archeologico publicado no *Diario de Pernambuco* de 19 de Setembro de 1886.)

[1] Com as suas proprias palavras elle informará melhor do que nós os leitores sobre esta parte :

« A principio o serviço fazia-se morosamente, tendo eu de vencer antes de tudo uma não pequena difficuldade — habilitar-me a decifrar os caracteres daquelles velhos documentos, os quaes mais ou menos modificados são os do codices da idade média. Foram necessarios dous mezes de continuados esforços para familiarisar-me com a velha escripta, e só então pude organizar as primeiras listas dos documentos a copiar.

« Essas cópias tinham de ser extrahidas sómente por um dos amanuenses do archivo, e isto durante as horas do trabalho nesse estabelecimento, das 10 da manhã ás 3 da tarde, sendo esse empregado frequentemente interrompido para attender tambem a outras occcupações.

Cessando em Dezembro ultimo esta commissão, para cujo completo desempenho o commissionado não considerava de mais « dous annos de assiduo trabalho », em virtude de ordem do Governo Imperial, por lhe parecer que não podia continuar a correr por conta dos cofres geraes o pagamento dos vencimentos de um lente da Faculdade que se achava na Europa em commissão provincial, teve elle de interromper o seu trabalho para voltar a Pernambuco antes de um anno.

O tempo decorrido em Haya, porém, fôra bem aproveitado, como demonstram os excerptos do relatorio que apresentou ao Instituto Archeologico em sessão de 9 de Maio ultimo. Os ditos excerptos encontram-se na presente *Revista* pp. 183 e seguintes. Chamo para elles a attenção do leitor.

O bom desempenho da commissão era cousa esperada, ao menos pelos que tinham conhecimento da communicação que fez de Haya o incansavel traductor, em

---

« As pessoas que conheciam os velhos caracteres, eram em numero mui limitado e de ordinario empregados publicos, cujas funcções os impossibilitavam de ir trabalhar no archivo. Só depois de algum tempo e por meio de annuncios nos jornaes, consegui encontrar um copista particular que pudesse dedicar-se áquelle serviço.

« Por ultimo veio em meu auxilio o digno director do archivo. Comprehendendo quanto eu desejava activar o andamento de um serviço, que pelo grande numero de documentos a copiar promettia ser duradouro, o Sr. van den Bergh levou a sua confiança para commigo ao ponto de permittir que eu tirasse as peças de que precisasse para fazel-as copiar sob a minha guarda e responsabilidade. Desde então pude dobrar as horas de trabalho, e com o auxilio de varios empregados publicos que se prestaram a extrahir cópias nas suas horas vagas, o serviço durante os ultimos mezes de minha residencia em Haya avançava rapidamente.

« Refiro estas particularidades para mostrar quanto me esforcei por poupar o tempo. Em Dezembro do anno passado, eu esperava que dentro de alguns mezes as principaes collecções de documentos estariam copiadas, ou que pelo menos eu teria empregado todos os recursos postos á minha disposição, e poderia dar por finda a minha incumbencia. E tanto mais desejava chegar a este resultado, quanto a minha saude sempre alterada não permittia que eu continuasse indefinidamente o aturado trabalho que necessitavam o exame dos documentos e o collecionamento das cópias.

« As minhas forças eram sustentadas, por assim dizer, artificialmente pelo desejo de corresponder á confiança deste Instituto e do proprio governo. »

Revista do Inst. Arch. de Junho de 1886, p. 103.

resposta ao pedido que lhe dirigira o nosso 2° secretario para que informasse si no archivo publico do Reino de Hollanda « existiam outros documentos de importancia para a historia das lutas dos hollandezes no Brazil além daquelles que o Dr. Joaquim Caetano da Silva fez copiar entre os annos de 1850 e 1853. »

Em longa e minuciosa carta de 2 de Outubro de 1885, acompanhada da relação de 20 peças de muito valor para nós, o Dr. José Hygino responde affirmativamente á pergunta do Instituto Historico. « Sim:—diz elle.... Os documentos consultados por J. C. da Silva são os que pertenceram ao archivo dos Estados Geraes, e as peças a que me refiro pertenceram ao archivo da Companhia das Indias Occidentaes, o qual sómente em 1859 foi recolhido ao archivo de Haya, e portanto muitos annos depois da visita de J. C. da Silva a este estabelecimento, e da publicação do livro de Netscher.»[1]

Todos estes documentos e outros de identico interesse vêm apontados no supra-indicado Relatorio, merecendo particular menção a importantissima collecção de cartas do supremo e secreto concelho do Brazil, do Concelho Politico ou de Justiça, do de finanças, do dos generaes, dos almirantes, dos commissarios, dos ministros protestantes ao serviço da companhia, dos actos das assembléas religiosas, etc. Abrangem o periodo de 1630 a 1655. Tratando destes papeis, que constituem 19 pastas ou *in folios*, diz o Sr. José Hygino : «Nem Netscher, nem J. C. da Silva, nem o Visconde de Porto Seguro aproveitaram esta riquissima collecção de documentos, que só por si é um archivo. »

A razão por que nenhum destes benemeritos escriptores se valeu de tão preciosas fontes de consulta, o Dr. José Hygino a expõe com mais desenvolvimento no seu Relatorio.[2]

---

[1] *Revista Trimensal do Inst. Hist.* de 1885 tomo 2º, pp. 305 e seguintes.

[2] « Esses papeis não se achavam no archivo de Haya ao tempo em que Netscher e Caetano da Silva ahi fizeram as suas investigações, e assim se explica não terem elles tido conhecimento de peças de tal importancia. Suppunha-se então geralmente, como o proprio Netscher

declara á pagina XII do seu livro, que os archivos da Companhia das Indias Occidentaes se tinham perdido em 1821 por um *erro deploravel*.

« É verdade que, no mesmo logar, Netscher accrescenta que « em Amsterdam se achava uma grande parte do archivo da camara da Zelandia ;» mas elle não pôde aproveitar esses copiosos materiaes, já porque o seu livro estava quasi de todo impresso, quando recebeu esta noticia e já porque lhe informaram, aliás inexactamente, que « o archivo existente em Amsterdam era de maior interesse para a administração interna da Companhia do que para a exposição geral dos acontecimentos. »

« Querendo eu deixar bem averiguado este ponto, de modo que nenhuma duvida pairasse sobre a procedencia das collecções de documentos, a que me refiro, dirigi-me ao Sr. van den Bergh, director do archivo de Haya, pedindo-lhe que se dignasse de informar-me quando e como o archivo a seu cargo as adquirira.

« O meu pedido foi satisfeito, remettendo-me o Sr. van den Bergh, com a sua carta de 22 de Janeiro deste anno, a informação minuciosa que será textualmente publicada no fim deste relatorio.

« Da exposição ou informação do Sr. van den Bergh consta o seguinte :

« Em 1821 existiam em Amsterdam, reunidos no mesmo edificio, os archivos das duas Companhias das Indias Orientaes e Occidentaes. Em virtude da resolução tomada pelo ministro das colonias a 27 de Novembro do mesmo anno, foi vendida uma parte desses archivos, por se suppor que continha papeis sem valor, cuja guarda era incommoda ; e assim se perderam todos os documentos do seculo XVII referentes ao Brazil, com excepção sómente de alguns poucos registros.

« E irreparavel seria essa perda, si por um feliz acaso não se houvesse conservado em Middelburgo o archivo da camara da Zelandia, onde se achavam volumosas collecções, contendo os papeis remettidos do Brazil aos directores da Companhia das Indias Occidentaes.

« As collecções dos documentos procedentes de Middelburgo, bem como todos os archivos coloniaes, foram removidas mais tarde para Amsterdam, e em 1856 para o real archivo de Haya, onde actualmente se guardam.

« O Sr. van den Bergh conclue dizendo que por esta causa « a rica collecção da correspondencia do governador do Brazil e officiaes superiores, assim como as resoluções do concelho colonial do Brazil ficaram completamente desconhecidas ao Sr. Netscher.»

«Note-se que, segundo a clausula 21 da *autorga* ou carta patente da Companhia, a Asembléa dos Dezenove (que constituia a sua direcção central) reunia-se ora em Amsterdam, ora om Middelburgo. O facto de haver sido esta ultima cidade uma das sédes daquella assembléa nos explica ter-se encontrado ahi a correspondencia das autoridades civis e militares do Brazil com os directores, bem como os registros dos officios dirigidos por estes aos seus delegados da colonia.

«Eis ahi o conjuncto de circumstancias, a que eu devo a bôa fortuna de ter deparado um rico manancial de noticias, que ainda não havia sido aproveitado anteriormente.

« Póde-se dizer que, com a acquisição das volumosas collecções encontradas na capital da Zelandia, o archivo real de Haya possue de presente dez vezes mais documentos acêrca do Brazil do que possuia de 1850 a 1854, epocha das investigações de Netscher e Caetano da Silva.»

Revista do Instit. Arch. Junho de 1886, pp. 12 a 14.

Pelo que fica exposto não é difficil aquilatar os serviços que á nossa litteratura historica prestou desinteressadamente tão digno trabalhador. Elle póde dizer sem vaidade que tornou á patria trazendo-lhe um thesouro que, comquanto lhe pertencesse, por falta de uma energia verdadeiramente hollandeza que através de mil riscos o fôsse reivindicar, estava dando duplicado valor aos cofres estrangeiros que o continham.

O Dr. José Hygino não julga concluida a sua tarefa. Não parou ainda. Os que andam em lidas semelhantes, comprehendem facilmente o poder desta grande lei do trabalho—um dos maiores sustentaculos do espirito.

Tem promptas para serem publicadas na *Revista do Instituto Archeologico* as traducções seguintes :

1.ª Dos editaes da Assembléa Legislativa convocada pelo conde Mauricio de Nassau em 1640.

2.ª De uma monographia sobre a Parahyba, escripta por Elias Herckman.

3.ª Do jornal da expedição de Matheus van den Brœck ao Ceará para exploração de minas.

Precisamos agora de vêr explicado á luz da verdadeira philosophia, o singular phenomeno de ser expulso do nosso solo um povo forte que, dirigido por Guilherme Taciturno, realizou, depois de grandes sacrificios e perdas, a independencia de sua patria; que pela sua probidade e lealdade mereceu excepção honrosa no Japão, quando este paiz trancava os seus portos á Portugal e a outras nações ;[2] que emfim se mostrou sempre grande na luta com os homens e com os elementos, triumphando de todos elles pela sua energia constante e paciente, pela tolerancia, e por muitos outros dotes nobilissimos.

O Dr. José Hygino está no caso de escrever, guiado pelo moderno criterio sociologico, a historia do periodo hollandez na sua provincia natal.

Nós o exhortamos a que ponha o peito a este honroso encargo.

FRANKLIN TAVORA.

---

[1] *Le Japon* por Fraissinet. *Introducção* por Malte-Brun.

PADRÕES DE MARMORE

EXISTENTES NO

INSTITUTO HISTORICO

Os primeiros exploradores do Brazil lançaram pela costa padrões de marmore que, como monumentos primitivos do conhecimento deste paiz, têm grande valor historico e merecem ser guardados com cuidado e veneração.

Possue o Instituto Historico dous que foram offerecidos pelo barão de Capanema.

Percorrendo em 1866, em desempenho de sua missão telegraphica, a costa da ilha do Cardoso, ao sul da barra de Cananéa, encontrou o nosso digno consocio, encostado no promontorio pedregoso composto de calháos soltos sobre rocha argilosa salpicada de chrystaes de magnetito, um marco de marmore já bastante carcomido pelo tempo.

Esse promontorio é conhecido por pontal de Itacurussá, hoje Tacurussá, fronteiro á ilha do Bom Abrigo, junto do qual abria-se o caminho do Rio, hoje inteiramente intransitavel.

Passando um anno antes por alli um inglez ou americano, tentára levar o marco, pelo que, para salval-o, officiou o barão de Capanema ao ministro do Imperio pedindo-lhe que ordenasse á municipalidade de Cananéa que autorizasse a trasladação do monumento para o Instituto Historico.

Obtida a permissão da camara municipal respectiva

conduzio comsigo o nosso collega o referido padrão, com um dos tenentes ou testemunhas, não podendo extrahir o outro por estar muito encravado.

Ambos os tenentes achavam-se precipitados no mar desde longa data.

Em 16 de Janeiro de 1767 foram estes padrões encontrados pelo coronel Affonso Botelho de Sampaio e Souza.

Guiado pela descripção que delles faz o chronista frei Gaspar da Madre de Deus, foi o historiador Varnhagen, com alguns companheiros, ao local, em Janeiro de 1841, e ahi deparou com tres padrões com as quinas, sem esphera, nem castellos, nem data.

Escreve o illustrado consocio :

« Os padrões erão iguaes, estavam juntos, um no meio com seus dous tenentes aos lados ; destes, um tinha cahido e estava lá mui no fundo, onde o levara o rolo do mar que o cobria, estando já sujo de ostras e sururús. Lá os deixamos em paz. Lembro-me que meu exame foi tão minucioso que até descobri as pequenas covas, que se tinhão brocado ou antes aberto á picareta no rochedo, afim de poderem neste segurar sem resvalar os pés da cabrelha, que tiverão de armar para içar aquelles. De tudo que vimos e examinamos se lavrou um auto declarando que não havia em taes padrões esculpidas nem espheras nem data. »

Tratando de Cananéa, diz Southey :

« Um dos padrões de pedra com as armas de Portugal erguidos pelos primeiros descobridores, ainda se vê na terra firme contiguo á barra. »

Escreve Ayres do Casal :

« Na entrada da barra de Cananéa da banda do continente, sobre umas pedras, está um padrão de marmore europeu com quatro palmos de comprimento, dous de largo, um de grossura e as armas reaes de Portugal sem castellos ; posto que mais deteriorado que muitos pensarião, bem se conhece que ahi foi collocado em 1503. »

As armas de que falla Casal eram simplesmente quinas.

Diz o nosso finado consocio Candido Mendes o seguinte:

« Na ponta ou pontal de Cananéa denominado de Itacurussá, perto ou fronteiro da ilha do Bom Abrigo, foi onde se acharam os celebres padrões de marmore com as quinas reaes que os navegantes portuguezes costumavam deixar em pontos do littoral quando iam a descobertas. »

Mas por quem foram collocados estes marcos ?

Frei Gaspar, Machado de Oliveira, Porto Seguro, e Azevedo Marques dizem que foram deixados por Martim Affonso de Sousa ; Ayres do Casal e Constancio por Gonçalo Coelho, Gabriel Soares por Christovão Jacques, e Candido Mendes opina que foram lançados pela armada lusitana de 1501, que teve por chefe André Gonçalves e por piloto, astronomo ou cosmographo Americo Vespucio, escolhido para esta commissão não só pelos seus conhecimentos nauticos, como por ter pratica de viagens á America, em que os portuguezes não eram ainda peritos.

Parece mais certa a opinião de Candido Mendes que, firmado na carta de Ruysch de 1508 e no mappa da America da edição de Ptolomeu de 1513, prova que não passou de Cananéa a armada de André Gonçalves.

Depois de alguma demora nesse ponto do littoral continuaram os navegantes a sua viagem, em 15 de Fevereiro de 1502, deixando um ou mais degradados, e plantando padrões para assignalarem seu direito de prioridade e senhoria.

Accrescenta o senador Candido Mendes:

« Pela carta de Americo Vespucio vê-se que chegando á altura de Cananéa resolvera deixar a terra e ir examinar o paiz por outra parte. E era mui natural que deixando a frota o littoral brasilico para se lançar no oceano com outra direcção, deixasse bem assignalado o ponto de sua ultima exploração para em qualquer tempo assegurar-se o direito de Portugal. »

Repete ainda o mesmo illustrado escriptor:

« O ponto ultimo da nossa costa ao sul em que tocou a frota exploradora portugueza, onde servio Vespucio, foi precisamente Cananéa ou Cananôr. »

O Sr. Capistrano de Abreu, em seu curioso trabalho intitulado *Descobrimento do Brazil e seu desenvolvimento no Seculo XVI*, expende razões que corroboram a opinião de Candido Mendes de que foi Cananéa o ultimo ponto da costa brasilica onde chegaram esses exploradores.

Tinham por fim esses padrões firmar e assegurar a posse da potencia que ordenára a exploração, como diz Vespucio na sua carta, logo que a frota chegou na primeira terra do nosso littoral.

Não foram elevados por Martim, Affonso porque muito antes da sua vinda já era conhecido o porto de Cananéa. Antes delle vir colonizar e estabelecer-se no littoral do Brazil já eram procurados pelos navegantes os portos de S. Vicente e de Cananéa.

Diz Gabriel Soares que Gonçalo Coelho e Christovão Jacques empregaram-se em explorar o nosso littoral, e em muitos pontos fixaram padrões ou marcos e outro tanto não diz de Martim Affonso. Mas não podiam ter sido erguidos por Gonçalo Coelho, porque não veiò este navegante fazer descobrimentos. Assim não consta que a armada de Pedro Alvares Cabral lançasse algum padrão, pois não ia fazer descobertas em territorio de selvagens, dirigia-se para um paiz mui habitado e culto. Tambem não foram deixados por Christovão Jacques, porque realizaram-se em 1525, no reinado de D. João III, os trabalhos deste navegante quando Cananéa já era mui conhecida.

Divergem os auctores da nossa historia sobre quem fôsse o capitão ou chefe da expedição de 1501. Firmado na opinião de Gaspar Correia, prova Candido Mendes que foi André Gonçalves o commandante da primeira armada exploradora das costas do Brazil.

O marco que o Instituto Historico possue tem quatro palmos de comprimento, dous de largura e um de grossura, não tem data alguma, mas tem a cruz da ordem de Christo

sobreposta a um escudo com as quinas portuguezas em cruz. E' de marmore branco, e está muito carcomido. O tenente ou testemunha, tambem de marmore branco, é menor no comprimento, não tem inscripção nem relevo algum, e manifesta haver adormecido longo tempo debaixo d'agua.

Memorando factos da historia patria, que vão longe de nós quatro seculos, indicando qual o ultimo ponto em que tocou a primeira frota exploradora no littoral sul do Brazil, são esses padrões de alta importancia historica. E essas preciosas reliquias do passado estão collocadas em nichos dos lados da entrada principal deste Instituto que, com amor patrio e ufania repetimos, habita as salas do palacio imperial.

MOREIRA DE AZEVEDO.

VIAGEM

FEITA POR

JOSÉ FRANCISCO THOMAZ DO NASCIMENTO

PELOS DESCONHECIDOS SERTÕES DE

GUARAPUAVA, PROVINCIA DO PARANÁ

E

relações que teve com os indios coroados

mais bravios daquelles lugares

No dia primeiro de Maio do anno proximo findo cheguei aos campos de Juquiá, distante da cidade de Guarapuava umas dezoito leguas para o Oeste.

Ali tinham chegado do Pary, que dista daquelle lugar umas vinte e oito leguas, sertão á dentro, alguns indios coroados, habitantes daquellas florestas, e tinham por chefe o capitão Nhon-nhon (que quer dizer minhoca, verme que se cria em terra lodosa), rapaz de seus vinte e quatro annos de idade, bem figurado e intelligente, casado com uma rapariga de dezesete a dezoito annos, de nome Anna Dona. Aquella gente nada fallava o nosso idioma, e como eu tinha um bom interprete, conversava com elles largamente. Preparei o nosso Nhon-nhon e sua gente da fórma seguinte :

Vesti-lhe uma camisa (pois elles vinham semi-nús), calça de algodão riscado nacional, uma farda de baetão azul forrada de baeta vermelha, com galão de capitão, botões de latão, bonet agaloado, um fio de contas vermelhas ao pescoço, gravata, lenço da mesma côr, machado,

facão, fouce, enxada, faca, tesoura, pente, cúrú (coberta de algodão grosso), pistola de dous cannos, polvora, chumbo e espoletas, remedio contra o veneno das cobras, anzóes e linha de pescar. A' Anna Dona vesti-lhe camisa de algodãosinho, vestido de chita, com babados na frente e de côres variadas, casaco com algibeiras, chaile vermelho com ramagem amarella, lenço da mesma côr, contas em fórma de rosario e bracelletes, chapéo enfeitado, espelho, pente, tesoura, agulhas e linhas, anzóes e linhas para pesca, cúrú, cassarola, panella de ferro, faca, prato, caneco, e colhér de ferro estanhado, de que ficou muito contente e faceira.

Aos da sua tribu reparti-lhes os mesmos objectos; com excepção do chapéo enfeitado ás mulheres, prato, caneco e colhér ; e aos homens menos farda, bonet, pistola, polvora, chumbo, espoletas, pente, espelho, tesoura e contas. O capitão Nhon-nhon trazia um irmão mais moço, a quem puz o nome Laurindo ; este pobre estava atacado por uma inflammação da pleura com pontada aguda, o miseravel rapaz dava gemidos horriveis ; fez-me de seu medico e pude conseguir cural-o ; outro indio a quem botei o nome de Pedro trazia a mão esquerda em estado de putrefacção ; foi uma dentada que lhe tinha dado um porco montez ha mais de oito dias ; felizmente consegui a cura, do que me ficaram muito agradecidos. No dia oito do mesmo mez pedi a Nhon-hon que mandasse chamar o Capitão Janguió, que habita no baixo Páqueré ou Pequiry e adiante do Pary, o que fez dando-me tambem quatro indios para irem em nossa companhia a fazermos uma picada, do Chagú ao Rio Paraná, com o fim unico de dar aos moradores de Guarapuava um porto de embarque naquelle rio, ou no do Iguassú, do Salto de Santa Maria para baixo, no lugar onde antigamente existiu uma povoação denominada Santa Maria d'Antevéro ; para nos ajudar na abertura dessa projectada picada de estudos, para mais tarde ser convertida em estrada, unico futuro do progresso do interior desta provincia. Os habitantes das Carangeiras, em numero de dez pessoas, voluntariamente me acompanharam, com seus mantimentos e ferramentas.

A 13 de Maio entramos no Chagú ao rumo de 78 gráos noroeste, e depois de 26 dias de tempo chuvoso e frio conseguimos com difficuldade abrir 9 leguas de picada, por onde passavam 6 cargueiros carregados. No lugar onde fazia as 9 leguas de picada, tivemos de invernar 11 dias, por causa das chuvas e ribeiros cheios; dalli pretendiamos seguir quando o tempo melhorasse, visto que o terreno parecia ser menos montanhoso, e menos difficultoso para os trabalhos, porque já se avistavam faxinaes e vestigios de campos.

Nesse mesmo dia, dous camaradas que andavam caçando voltaram muito assustados, por terem avistado em pouca distancia do lugar em que estavamos fumaça em dous lugares perto um do outro, dizendo-me serem toldos de indios bravios, e que nos retirassemos o quanto antes, o que não consenti sem que primeiro verificasse daquelle lugar; os 4 indios eram os que mais medrosos se mostravam, e me diziam pelo interprete que aquelles toldos eram dos indios Guaranys, e que elles eram muito valentes e os coroados tinham muito medo delles. Animei aos camaradas, e mandei que preparassem nossas armas, e feito isto esperei para as horas do meio dia, horas estas em que os indios costumam ir lavar-se, e, com muita cautela, mandei que seguissemos em busca dos lugares onde tinham avistado a fumaça, lugares aquelles que não distavam do ponto onde nos achavamos mais de 3 kilometros; conseguimos chegar alli e vimos dous toldos (choças) que pelo tamanho indicavam morarem nelles muita gente, e com bastante prevenção chegamos bem perto e conhecemos não haver nelle pessoa alguma; depois de dividir sentinellas para todos os pontos ordenei que entrassemos naquelles verdes palacios; o maior delles media 10 metros de comprimento sobre quatro de largura e dous e meio de altura, sendo que outro tinha 8 metros e 40 centimetros de comprimento, largura e altura igual ao primeiro; note-se que aquelles toldos são em fórma de abobada com as beiradas sobre o terreno; dentro só havia fogo bem accêso, dous cestos velhos e duas pontas de flexa de madeira recentemente acabadas de fazer, e muito cheias de farpas, as quaes trouxemos, e em seu lugar deixei dous facões, um

machado, uma fouce, quatro lenços, uma tesoura. Os indios que andavam em minha companhia me fizeram vêr que aquelles toldos e flexas eram de Guaranys que viviam dalli até o Paraná e com quem elles têm tido varias guerras. Entendemos ser prudente voltar, por não ter levado interprete que servisse para relacionar-me com aquelles valentões; o que ficará para mais tarde, se o Governo Imperial me quizer auxiliar para uma empreza de tão grande utilidade. No dia 10 de Junho daquelle anno cheguei ao Juquiá, e no dia 14 chegou o cacique capitão Janguió com 25 pessôas, entre homens, mulheres e crianças.

Janguiô é um homem de estatura média, de seus quarenta annos de idade, semblante carregado para os de sua comitiva, de poucas palavras, olhar penetrante e desconfiado, traz um minguado bigode, barba e sobrancelhas raspadas, trazendo por armas uma grande e aguçada lança que não largava da mão, e sua gente armada de arcos e flexas; as mulheres traziam seus filhos pequenos sobre uma cinta a tiracollo, e um cesto conico preso á outro cinta, as quaes são feitas de cascara de páo ou tecidas de cipó, preso na testa e o cesto fica sobre o dorsal, e nelles carregam grandes pesos.

Aquelles pobres habitantes das selvas andam nús, apenas envoltos com alguns pedaços de panno immundo, a que chamam curú. O dia estava bastante frio e chuvoso, elles tremiam com o frio e tinham fome, mandéi armar barracas, e deu-se-lhes comida, que constava de milho, abobora e carne de porco; carne de gado vaccum não comem e nem sal. O proprietario da fazenda Juquiá, o Sr. Leandro Soares, e sua familia, muito me auxiliaram para o bom trato daquelles abandonados da sorte. Emquanto comiam nas barracas, Janguiô e um filho de quinze a dezeseis annos, a quem dei o nome de Pedro, depois de vestidos como Nhon-nhon, com a differença que Janguió teve chapéo armado com franja dourada nos extremos, depois de preparados, só quizeram ficar junto de mim, dando-me a lança para guardar; sentámo-nos á mesa: Janguiô enchendo a colhér, ao levar á bocca, dando com a vista no galão do braço e nas franjas do chapéo, ficava tão fóra de si que levava muito tempo para levar a colhér

á bocca, e para livrar-lhe desse incommodo fiz-lhe tirar a farda e o chapéo, que pôz sobre os joelhos, olhando com muito cuidado, e logo que acabou de comer pediu-me para o tornar a vestir, o que fiz. Depois de terem comido, foram vestidos como os Nhon-nhon, os quaes depois de promptos pulavam de contentes: á noite grandes danças e muitas cantorias. Offereceram-me seis bonitos papagaios, uma arára e quatro periquitos apanhados nas Sete Quédas do Paraná.

No dia seguinte pedi a Janguiô que mandasse sua gente voltar e abrir caminho para passarmos, promptamente elle mesmo foi; seis dias depois chegou de Guarapuava Nhon-nhon com sua comitiva; aos quaes mandei que seguissem sertão a dentro, o que immediatamente fizeram.

No dia vinte segui com cinco camaradas e oito cargueiros carregados; depois de termos caminhado duas leguas, encontramos Nhon-nhon e sua comitiva que nos esperavam; perguntando porque não tinham seguido, responderam-nos que tinham mandado seis camaradas limparem a picada e que elles não queriam que viajassemos sós e sem guia. Laurindo e Pedro, a quem tinhamos curado, foram os que tiveram essa lembrança, segundo nos contou Nhon-nhon; aquelles dois nunca me deixavam só e diziam-me que queriam me acompanhar para todos os lugares a que eu fôsse, embora morressem, pois que elles já teriam morrido se os não tivesse curado.

No dia vinte e cinco, depois de termos viajado umas duas leguas, encontramos um toldo feito de folhas de Xaxim, e dentro desse toldo estava com sua comitiva de dezoito pessoas, sendo oito homens, seis mulheres e quatro pequenos, um velho que parecia não ter menos de seus cento e vinte annos de idade, e aquelle pobre velho estava atacado de uma ardente febre; appliquei-lhe uma bôa dóse de quinino, mais por caridade do que de esperar allivio.

Dei-lhe algumas roupas e comedorias. Nesse mesmo dia fizemos pouco e invernamos quatro dias por causa das muitas chuvas e frios. A 30 seguimos e passamos o rio Paquérê ou Paquery, que já tinha bastante agua, e

com difficuldade o atravessamos, passando os indios e meninos nas ancas dos nossos animaes. Do outro lado do rio encontramos os seis indios que Nhon-nhon tinha mandado adiante: estavam assando carne de um Ogóro (anta); ahi houve festa, danças e as mulheres se vestiam e, pendurando os espelhos, se penteavam e enfeitavam, ficando então muito faceiras; isto faziam em todos os pousos; é preciso notar-se que as mulheres cortam o cabello como os padres franciscanos e abrem grandes corôas; pedi a ellas que não mais cortassem os cabellos e nem abrissem mais corôas; alegres prometteram-me que sim, que querem ser como nós. No outro dia seguiram os seis limpadores de caminho, e á tarde seguimos com a nossa caravana, fazendo pouso já com muita chusma. No primeiro dia de Julho seguimos, e no seguinte chegamos e passamos o rio Cantu, que estava bastante cheio; é escusado dizer que as mulheres e as crianças passaram nas ancas dos animaes. No dia 3, quando iamos seguindo, appareceram dous indios, que nos vinham avisar da proxima visita de uma comitiva que nos vinha encontrar. Ao fazermos pouso chegava o capitão Cadest (indio mal encarado) com 11 homens e 13 mulheres (sendo 3 delle) e 8 crianças; as primeiras palavras que aquelle casmurro me disse foram que estavam com muita fome; mandei dar-lhes o preciso e vesti o mal encarado capitão como aos outros, do que mostrou-se tão contente que logo depois de fardado, dançava, saltava e tocava buzina; todos os mais ficaram vestidos e contentes; á noite houve danças, jogos e folias, e como não tivesse levado ferramentas para repartir com elles, mandei-os com carta ao Juquiá, onde foram fornecidos. No dia dez, debaixo de copiosa chuva, chegavamos ás campinas denominadas do Victorino, lugar bonito e de bons faxinaes, os quaes são bem apropriados para a criação de gados; ahi paramos dous dias e logo que passaram as chuvas seguimos e chegamos ao Pary no dia 15.

Pary é um lugar feito com pedras soltas arrumadas em fórma de angulo obtuso, nos lugares das corredeiras menos fundas do rio; é ahi que elles encurralam os peixes, que ficam presos em tecidos de taquara, e dahi tiram-no com abundancia para comerem. Naquelle lugar ha

quatro toldos, sendo um do Capitão Nhon-nhon, outro de Raphael, pae do mesmo, outro do Capitão Manoel, e o quarto do cadete ; alli só se encontram milho, algumas aboboras, pouco feijão silvestre e poucas gallinhas.

Dahi mandei Joaquim, que mora do lado do sul do Pequiry, o qual veio trazendo o Capitão Major Coronel (seu pae), cujo velho tem feito varias sahidas a essa capital da provincia. Com difficuldade alli nos pudemos demorar quatro dias, visto que os nossos mantimentos mal nos poderiam chegar para a volta (visto tel-os repartido com os indios), pois preparados iamos sómente para a viagem que tencionavamos fazer até as Sete-Quedas.

Reunidos aquelles seis chefes, convidei-os para se mudarem daquelles lugares, tão longe de recursos, e que fôssem morar nas margens do rio Ivahy, perto da freguezia Theresina, que se lhes daria terras bôas para planta, ferramentas, engenho para a moagem de canna, e tudo o mais que lhes fôsse preciso; ficaram calados ; alguns minutos depois de terem consultado entre si, Janguiô fallou por todos, dizendo-me que elles não querem sahir donde estão acostumados e onde têm seus cemiterios (mostrando por esta fórma elles serem mais religiosos que nós), além do que, dizem elles, aquellas terras são melhores que as do Ivahy; pedem que lhes dêm engenho e o mais preciso para o trato da canna, ferramentas e alguns Portuguezes, pois é assim que elles nos denominam, e que entre estes vão ferreiros, carpinteiros e mais artistas, que os ensinem ao trabalho, bem assim a lavoura, para o que elles mostram muita propensão e diligencia, pois que entre essa gente não ha preguiça (como muitos dizem); queixaram-se elles dos Portugeuzes, nos seus povoados, depois de se terem aproveitado dos seus trabalhos e vigilias, correram com elles, o que isto é verdade, pois já tem acontecido e está acontecendo; dizem mais que sahindo elles daquelles lugares, os Guaranys veem tomar conta, o que não gostam, porque são seus inimigos; disseram-me mais que os caciques Jambré e capitão Barão, que habitam perto das Sete Quedas, não querem tão pouco sahir d'alli. Sou da mesma opinião daquelles indios, porque o que se faz mais necessario é povoar aquelles sertões, não só com os indios

catechisados como com gente nossa, pois ha muitos que para lá desejam ir morar, se o Governo Imperial lhes conceder terras, não só de cultura como de pastagens, que, segundo Janguió me informou, existem extensos campos, os quaes elles me fizeram presente, dizendo-me que botasse Portuguezes com gado e cavallos e que corresse com os Guaranys, com quem elles têm tido muitas brigas e de que têm medo, pois que são muito valentes e dextros nas armas.

Quando se passava por algum rio em que elles me diziam haver peixe, mandava botar bombas de dynamite, do que elles muito se assustavam, correndo e tapando os ouvidos com as mãos, dizendo terem muito medo, e por isso me convidavam para que com a minha gente fôssem matar os Guaranys e acabar com elles, ao que respondi que não, porém que queria amansal-os, para que todos ficassem amigos, o que elles acharam muito bom. Como todos sabem, os indios não confiam seus filhos de pessoa estranha, nem que seja da sala para um quarto, com promessa de dar-lhe alguma cousa, pois andam sempre com elles seguros. Porém o capitão Janguió tão agradecido me ficou que, tendo-lhe eu pedido seu unico filho (com o fim unico de experimental-o), elle m'o deu de bom coração. e como eu regeitasse, elle obstinadamente queria que eu o trouxesse, e como eu sahisse sem nada mais lhe dizer, elle me mandou levar o filho Curitiba, por seu pae para me entregar onde me encontrasse, e como não me poude encontrar, voltou.

Muitos e continuados presentes me fizeram; continuadamente me perguntavam se não trazia mais do que cinco camaradas, e se não tinha medo de andar com tão pouca gente por aquelles lugares, tão longe; respondi-lhes que tinha muitos camaradas Teirúmanê (valentes). Perguntavam assustados onde estavam e quem eram; respondi-lhes que meus camaradas eram todos os indios coroados, pelo que ficaram muito alegres, e me asseguraram que me não fariam mal, e que elles commigo, e com as bombas de dynamite (a que elles chamavam goiopin, que quer dizer fogo n'agua), acabariamos com os Guaranys e tudo que nos quizesse fazer mal.

Por diversas vezes me peguntavam quem era o meu chefe, pois desejavam muito vel-o; fiz-lhes vêr que era Sua Magestade o Imperador, o Sr. D. Pedro II, Chefe do Estado; mostraram-se muito desejosos de conhecel-o, por eu lhes ter dito que era Sua Magestade quem lhes mandou dar os presentes que lhes dei, e nessa occasião me encarregaram de entregar a Sua Magestade varios presentes sem importancia, mas que fielmente farei entrega, assim como varios pedidos que elles me fizeram para que tenha pena delles, que só querem a nossa amizade. Janguió ficou muito contente por eu ter botado o nome de Pedro em seu filho, e assim como elle tambem se quer chamar Pedro, e o capitão Nhon-nhon se quer chamar José do Nascimento.

Depois de termos repartido com alguns o que com muito custo levei até aquellas longinquas paragens, voltei com minha gente cheia de pezares, por não poderem fazer áquelles miseraveis tudo quanto eu desejava, fazendo-os estabelecer, para com isso serem aproveitaveis a si e ao paiz, que antes que nosso fôra, a elles pertenceu. Antes de minha despedida recommendei-lhes muito que fizessem grandes roças e plantações, o que me prommetteram fazer.

Com elles distribui mudas de mandioca, maçã, bananeiras, larangeiras, sementes de abobora, feijão, café, algodão, canna e verduras, ensinando-lhes como deviam plantar; dei-lhes alguns cachorros, de que muito gostaram; prometti-lhes voltar para ensinar-lhes a cultura, fazer engenhos e casas, levando para isso carpinteiros, com o que se mostraram alegres, pois que sendo, como é, o Rio Paiquerê navegavel do Pary ao Paraná, podem ser conduzidos seus productos até Matto-Grosso, assim como para Guarapuava e Tibagy, isto tão sómente póde ser feito com o trabalho gratuito delles. Pediram-me elles que não demorrasse muito para tão grande beneficio que me ficavam esperando; nesta occasião fiz-lhes novamente o pedido para que fizessem um bom caminho que dei para passar a cavallo e com cargueiros dalli até as Cachoeiras das Sete-Quedas, e que, segundo elles me informaram, já tem picada delles, por bom terreno de planicie, e pelo que delles colligi terá do toldo de Janguió até a umas doze a

quatorze leguas, assim como me fez vêr o mesmo Janguió que de sua morada, com dous dias de caminho de Matto-Grosso para o lado do Sul, tem dous grandes campos, onde habitam os Guaranys.

Pelo que alcancei desta noticia, são aquelles os tão fallados e almejados campos do Paiquerê. São esses os campos, com dois outros mais pequenos, de que elles me fizeram presente. Disseram-me mais que do Pary com dous dias de viagem para o lado do norte chega-se ao campo do Mourão, onde moram os caciques Gregorio e Henrique com seus toldos, sendo Gregorio um chefe bem respeitado pelos seus ; com elle tive bôas relações quando chequei á Guarapuava, onde elle estava nessa occasião ; dei-lhe alguns presentes e pediu-me que fôsse a seus toldos, dizendo-me que morava perto da abandonada Villa Rica do Espirito-Santo, á margem esquerdo do rio Ivahy, onde estive ha seis annos passados. Gregorio tambem não quer sahir dalli para outro lugar, e me fez vêr que mandasse abrir uma picada da villa do Tibagy até lá, que encontraria bom terreno sem serras e que ficava mais perto que por Guarapuava, que tem muitas serras e rios, além de ser mais longa : guardei o que elle me fez vêr para mais tarde.

Na nossa volta, quando chegavamos ao rio Paquiry, estava este muito cheio, e com uma velocidade espantosa, extorcendo-se como se fosse uma álidrás : mandei que cerrassem um pinheiro, e que delle fizessem uma canôa. No dia seguinte ao em que estavamos de falha, chegou á margem opposta daquelle rio uma turma de indios que sobre a barranca e outros trepados nas arvores, nos chamavam, batendo na barriga e bocca, mostrando por esta fórma que tinham fome.

Com uma bandeira quiz fazer-lhes comprehender que viessem : o que fizeram, mandando dous indios os mais corajosos dentre si, os quaes, margeando o rio mais de duzentos metros acima, lançaram-se n'agua e, com rapidez espantosa, passaram por onde estavamos, porém mais abaixo, pegando-se com uma arvore que debruçada estava sobre o rio por ella subiram, e me vieram contar que a dois dias nada tinham comido e sua gente ; o

frio era demais, mandei dar-lhes alguma cousa que comessem e levassem algum mantimento para os outros, porém um delles, a quem puz o nome de Bernardo, não voltou com receio de atravessar o rio novamente, e o outro, a quem puz o nome de Tobias, pouco mantimento poude levar.

Tobias voltou de novo, o que fazia duas ou tres vezes por dia. Bernardo mandei que trabalhasse na canôa, a qual no quarto dia foi posta na agua, puxada por cordas, para assim poder resistir á correnteza e velocidade das aguas (aquella canôa media trinta e oito palmos de comprimento e quatro de boca). Em duas viagens passaram aquellas creaturas, na primeira viagem veio o meu velho, a quem tinha applicado o quinino, com sua gente; tremiam de frio, e exhaustos de fome. O pobre ancião foi por mim recebido na barranca do rio; alli lhe fiz beber café bem quente com aguardente.

Depois que subiu disse-me por quatro vezes *Tupen macuiumbá* (Deus te pague): foram todos vestidos e providos de comida. Uma india trazia envolta em seus braços uma criança recemnascida de dous para tres dias. Demos ao nosso indio velho o nome de Bertholdo e a toda a sua gente varios nomes. Elles me offereceram tudo quanto tinham; tão sómente aceitamos algumas meadas de torçal feitas de sipó embi enfeitadas com pennas de passarinho, que as indias trazem ao pescoço em fórma de collar; e outras enroladas nas pernas. Bertoldo, depois de me contar muitas façanhas de valentes, deu-me um grande facão que possuia desde moço.

Aquelles indios nunca tinham visto nem conheciam os christãos. Ali os deixei providos de alguma roupa e mantimentos, levando Bernardo e Tobias, por quem mandei mais roupa e mantimentos para seus trabalhos. Aquelle velho me contou que os Guaranys, de quem elles muito se temem, vieram dos lados do Paraguay; pelo que colligi e mais tarde foi verificado, não são todos bravios, porque desde o começo da guerra que tivemos com os paraguayos os indios coroados se retiraram das visinhanças dos campos das Larangeiras, por onde fizeram

grandes estragos, matando familias inteiras e roubando; até essa época elles brigavam com os Guaranys bravios, para os apanhar e captivar, como tive occasião de vêr alguns desses miseraveis escravos tão maltratados, que lhes chamam caporão.

Disse mais que os Guaranys trabalhavam para as gentes do outro lado do rio Iguassú, que têm casas, andam caminhando com fogo por cima d'agua (embarcação a vapor). Uma pessoa que andou como voluntario da Patria na guerra contra o Paraguay, me contou que desertaram muitos soldados do exercito alliado para o lado do norte do rio Iguassú, e que foi convidado para desertar com cincoenta e quatro que para lá seguiram, sendo um delles seu conhecido e natural de S. José dos Pinhaes, e procurando alli por elle não teve noticias.

Dois indios Guaranys, que fallam bem a nossa lingua (sendo pai e filho), me contaram que são naturaes do Guatemy, fronteira do Paraguay, que para não serem presos pelas gentes de Lopes fugiram e andaram pelos campos e mattos do Iguassú, e alli encontraram gente portugueza, que com os Guaranys tiravam madeira e faziam herva-matte, que os barcos levavam Rio do Paraná abaixo. Os indios coroados têm dito que os Guaranys têm casa e andam vestidos com camisa de mulher (segundo o costume dos Pires do Rio da Prata, que andam de chiripá e será por isso que aos indios lhes pareça camisa de mulher); o certo é que as nossas fronteiras com o Paraguay e Corrientes só têm por guardas os rios Paraná e Iguassú. Tanto que desejam ir-se para alli estabelecer: não sei porque não se abre caminho para isso, o que se póde fazer com pouco dispendio; basta o Governo querer e estará por alli tudo povoado, e a fonte aberta para o commercio e riqueza!

Em Novembro cheguei á villa do Tibagy, passando por Guarapuava e Therezina: no Tibagy fui informado que dalli a doze leguas, sobre a margem esquerda do rio, junto á foz do rio Bello ou Barra Grande, existem alguns indios coroados, que ha mais de 7 annos que para alli se tinham retirado do aldeamento de S. Pedro do Iatahy, por terem alli brigado com outros da sua raça.

Com essa noticia segui a visitar aquelles indios em companhia de algumas pessoas d'aquella villa, sabendo que perto da Barra Grande morava um indio que se dizia proprietario dos terrenos occupados pelos indios. Tomamos pouso na casa dessa pessoa, que sem direito algum chama-se proprietario dos terrenos que são nacionaes devolutos.

No dia seguinte partimos para os toldos indigenas, levando em nossa companhia o intruso proprietario, que nos rogava com instancia botassemos aquelles indios dalli para fóra: logo que chegamos ao lugar tivemos a satisfação de vêr bonitos cannaviaes e novas roças derrubadas; o intitulado proprietario tomou-nos logo a dianteira e foi intimar aos indios, dizendo-lhes que iamos fazel-os sahir daquelles lugares.

Pouco depois chegavamos, e vimos seis toldos com bastante gente, entre grandes e pequenos, porém todos se afastaram de nossa comitiva, e só um indio com máo modo nos disse com enfado que se retiravam, mas que primeiro iam queimar tudo: perguntei-lhes qual o motivo porque iam fazer isso, fez-me vêr que o dono dos terrenos lhes tinha dito que a nossa ida alli era para tocal-os dalli fóra: com essa noticia chamei o tal inculcado proprietario e a todos os indios e fiz-lhes vêr diante delle que, sendo aquelles terrenos nacionaes devolutos, só o Governo os podia fazer sahir; mostrei-lhes que do rio Barra Grande, Tibagy abaixo, até uma serra que se avistava, e dahi por outra serra a encontrar o mesmo rio Barra Grande, ficava pertencendo a elles indios, e que dalli não sahissem senão por ordem do Governo. Bateram palmas contentes, correram ás roças, donde trouxeram cannas de doze e quinze palmos de comprimento, que foram algumas repartidas por todos (menos ao inculcado proprietario); as mulheres foram passar algumas cannas em um mal arranjado cylindro feito de troncos de palmeira, que passada a canna nove e dez vezes ainda ficava cheia de succo saccarino: não só nos offereceram aquelle caldo em limpas cuias, como nos deram rapaduras, e como assucar redondo, do que levamos amostra. Carlos Schneider, o unico ferreiro que ha na villa do Tibagy, é quem gratuitamente concerta

a ferramenta daquelles indios, e por isso muito estimado delles; ha tempo me disse elle que pelo convite dos indios desejava ir-se estabelecer com outros muitos do lado opposto do Rio-Bello ou Barra Grande, assentando alli um engenho com cylindro de ferro, que já o tem comsigo, e com esse engenho dar a moagem gratuita aos indios e aos demais que para alli fôrem ter de parceria, para o que tanto elle como tantos outros nacionaes não possuindo terras, o aconselhei que requeresse ao Exm. Sr. Dr. Presidente da Provincia a compra dos terrenos que precisassem; cuja medição eu lhes faria gratuita, e que se formasse alli uma colonia gratuita, fazendo plantações unicamente de canna e café, aceitando repueressem a compra dos terrenos mencionados, e ficou assentado entre elles denominar-se aquella nova colonia — Taunay —e nomeado Carlos Schneider o director gratuito.

E como tambem me acompanhassem alguns moradores do lugar denominado Agua Clara, que fica distante da villa do Tibagy umas quatro a cinco leguas para o poente, e por igual convite que lhes fiz tambem, requereram a compra de terrenos para o interior, que poderá ficar distante umas quatro e meia leguas para o sul da Barra Grande. Ficou essa segunda colonia denominada —D. Pedro II.—A necessidade que tem a grande quantidade do povo existente nesses lugares de terrenos de cultura, vêm-se na dura precisão de invadirem os terrenos nacionaes devolutos, e assim os vão estragando, sem formarem domicilio certo: isto com grande detrimento do Estado.

E como elles me tivessem pedido para que fôsse seu procurador e que os guiasse no que deviam fazer, impuz-lhes o encargo de abrirem uma picada até a frente da abandonada Villa Rica do Espirito Santo, situada á margem esquerda do rio Ivahy, seguindo para isso os detalhes que nos deu o indio Gregorio do campo do Mourão, o que foi bem acertado, segundo me disse um indio da Barra Grande: com essa proposta seguiram a fazer a dita picada, que já deve hoje ter bem mais de quinze leguas, sempre em terreno de planicie e de bôas terras e faxinaes, sem que tenha grandes rios a atravessar,

senão o Ivahy: aberta que seja aquella picada, facil será para formar-se muitas colonias por aquelles lugares, aproveitando-se os indios com quem ficamos de amizade, e certos para abrirem uma até as Cachoeiras das Sete Quedas, para onde se poderá ir de passeio em carros. A estrada para a Barra Grande torna-se mais perto, embora a passagem do Imbabu-grande, é pequena e de muitas serras vindo pela Agua Clara. Esperamos que o Exm. Sr. Dr. Presidente desta provincia approve a creação não só das projectadas colonias *D. Pedro II* e *Taunay*, sem dispendio do Estado, como muitas outras que se poderão crear por aquelles centros.

Importaram (em réis) um conto tresentos e oitenta e dous mil tresentos e vinte réis (1:382$320) os objectos que reparti com os indios, não incluindo as despezas de conducção do porto de Antonina aos lugares da distribuição. Pelo Ministerio da Agricultura fui auxiliado, em Dezembro de 1884, com a quantia de setecentos e dois mil tresentos e vinte réis (702$320) e tudo mais foi feito á minha custa; o que dou por muito bem empregado.

Villa do Pirahy — Março 1886.

(Publicada anteriormente, sob o titulo *Echos do Brazil*, na *Patria*, de Montevidéo, de 14, 15 e 16 de Maio do corrente anno de 1886).

ESTABELECIMENTO

DA

IGREJA CATHOLICA, APOSTOLICA, ROMANA

DO

MARANHÃO

MEMORIA HISTORICA LIDA NA AUGUSTA PRESENÇA DE

S. MAGESTADE O IMPERADOR

EM UMA DAS SESSÕES DO

Instituto Historico e Geographico do Brazil em 1885

A igreja maranhense nos tempos coloniaes foi ligada á prelazia de Pernambuco pela bulla de 15 de Julho de 1614, expedida pelo papa Paulo V, no reinado de Filippe III de Castella.

Foi seu primeiro prelado o padre Antonio Pereira Cabral, o qual teve, por carta regia de 8 Fevereiro de 1618, a faculdade de prover os beneficios do seu novo districto, e por outra carta régia, de 19 do mesmo mez e anno, foi nomeado prelado da matriz de Pernambuco.

O territorio do Estado do Maranhão foi elevado a bispado em virtude da bulla *Super universas orbis ecclesias* do papa Innocencio XI, expedida em Roma aos 30 dias do mez de Agosto de 1677, á instancia de el-rei D. Pedro II, então principe regente de Portugal durante o impedimento physico de seu irmão o rei D. Affonso VI.

Em falta de constituição propria é regida pela do arcebispado da Bahia.

Pela bulla *Salvatoris nostri*, do summo pontifice

Benedicto XIV, de 13 de Dezembro de 1740, era suffraganeo do arcebispado de Lisboa, bem como a provincia da Bahia e o bispado do Grão Pará. Depois de proclamada a independencia politica do Imperio, foi isenta de ser suffraganea do patriarchado de Lisboa, passando a sel-o do arcebispado da Bahia pela bulla *Romanorum pontificum vigilantia*, de 5 de Junho de 1827, expedida no pontificado do papa Leão XII, e as causas ecclesiasticas dependem em segunda instancia da relação Metropolitana.

O Rev. bispo D. Marcos Antonio de Souza, por portaria de 19 de Dezembro de 1827, passada no Rio de Janeiro por frei Luiz de Santa Theodora, que lhe serviu interinamente de secretario, fez constar esta mudança, que soube por officio expedido pela secretaria de estado dos negocios da Justiça em 25 de Setembro d'esse mesmo anno.

Mandou executar esta determinação apostolica e registral-a nos livros da camara ecclesiastica.

Em 24 de Setembro d'esse mesmo anno Sua Magestade lhe accordou o seu imperial beneplacito, como foi communicado ao bispo pelo Conde de Valença.

O cabido do Maranhão mandou cumpril-a e registral-a em 4 de Março de 1828, e o mesmo fez o vigario capitular como delegado e vigario *in spiritualibus et temporalibus ad universitatem causarum* do bispo diocesano, ordenando que fôsse tudo isto autoado na camara ecclesiastica, vindo os autos conclusos em 14 de Abril de 1828.

Finalmente foi a *bulla* executada nessa diocese em 28 do mesmo mez e anno, por sentença executorial proferida nos ditos autos, e mandou-se passar *edital*, que teve a data de 14 de Junho de 1828.

Imprimiu-se e espalhou-se grande numero d'estes editaes.

LIMITES.— Pela bulla de creação do bispado vê-se que os primitivos limites da diocese do Maranhão estendiam-se pelo sul até a cidade da Fortaleza, capital do Ceará. No reinado de D. João V, como os limites do Estado do Maranhão foram restringidos do cabo de S. Roque á serra do Ibiapaba até o mar 3° 15'' de latitude

austral, conforme declara o padre José de Moraes em sua *Historia da Companhia de Jesus*, os delineamentos da diocese pelo sul acompanharam naturalmente essa alteração depois de algum breve pontificio, cuja data ignoramos.

Ao norte, a instancias d'el-rei D. João V, foi do bispado do Maranhão tirado o territorio necessario para a creação do bispado do Grão-Pará pela bulla *Copiosus in misericordia* do mesmo pontifice Clemente XI, assignada em 4 de Março de 1719 e expedida em 13 de Novembro de 1720 pelo mesmo papa.

Baena, em seu *Compendio das éras do Pará*, cita a bulla do papa Bento XIV de 24 de Abril de 1746, que permittiu aos reis de Portugal e a seus successores na monarchia a liberdade de poderem determinar a seu arbitrio, pela primeira vez, certos e novos limites ás dioceses e prelazias já erectas do Ultramar, com especialidade na America.

Encontra-se esta bulla impressa no 2° vol. pag. 851 da obra *Direito civil e ecclesiastico* pelo Dr. Candido Mendes de Almeida. O bispo do Maranhão D. Marcos Antonio de Souza, em officio de 1 de Dezembro de 1835, informando outro de 11 de Junho do mesmo anno do ministerio da Justiça sobre a creação de uma nova *Diocese do Piauhy*, tambem se mostra desconhecedor d'esses limites.

Pelo lado do norte e occidente os limites da diocese eram os do mesmo Estado com os territorios do dominio hespanhol.

Depois da creação da diocese do Pará os limites de ambas foram firmados pela portaria do bispo do Pará de 2 de Maio de 1758, em época em que a diocese do Maranhão era governada pelo bispo D. Fr. Antonio de S. José, e como eram os verdadeiros limites, nunca semelhante provisão foi contestada; porém não ha documento algum real ou pontificio confirmando tal declaração.

Pelo lado do sul, passado o territorio da diocese de Pernambuco, confrontava a diocese do Maranhão com a do Rio de Janeiro pela capitania de S. Paulo, nas comarcas de Goyaz e Matto-Grosso; demarcação esta que

tambem nunca foi discriminada e confirmada por documento pontificio ou real.

Mas depois da creação da diocese do Pará e da prelazia de Goyaz, os limites da diocese permaneceram por longo tempo confusos.

Pelo decreto consistorial da Santa Sé Apostolica de 20 de Julho de 1860 foi desligado da diocese de Goyaz e incorporado á do Maranhão o territorio em que está edificada a cidade de Carolina, segundo os limites traçados no decreto n. 773, de 23 de Agosto de 1854.

Este decreto consistorial teve o beneplacito imperial em 25 de Setembro de 1860, e foi executado pelo internuncio apostolico no Imperio, o arcebispo de Athenas *in partibus* D. Mariano Falcinelli, por decreto de 3 de Março de 1861.

Presentemente os limites da diocese são os mesmos das provincias do Maranhão e Pará.

—

Eis o que pude escrever sobre a historia da fundação da Igreja catholica, apostolica, romana em Maranhão.

Omitti tão sómente a leitura da bulla *Super Universas orbis ecclesias*, para não fatigar vossas attenções, porém eu a traduzi e pela primeira vez apparecerá em linguagem portugueza.

Esta *Memoria*, embora pequena, é o fructo de muito trabalho, de muitas investigações, e de muito lidar entre papeis velhos, e alguns até já carcomidos pelo tempo.

Faz parte da 3ª edição, sensivelmente augmentada, do meu *Diccionario historico, geographico e estatistico da provincia do Maranhão.*

Fazendo aqui esta leitura tenho em vista dous fins :

O 1° consiste em sujeitar este e outros meus obscuros escriptos á douta apreciação dos meus distinctos e illustres collegas, para que se dignem corrigir meus erros ;

O 2°, finalmente, consiste na satisfação de fervoroso anhelo de dar mais uma prova de meu amor e de meu profundo apreço ao Instituto Historico e Geographico, a

que muito prézo desde os tempos de estudante, pois já nessa quadra feliz da existencia eu enviava-lhe minhas offerendas, e isto repeti até hoje, de toda e qualquer parte onde o destino me tem levado.

Se meus trabalhos nada valem, sejam-me ao menos levadas em conta a boa vontade e a sinceridade de minhas intenções, afim de ser desculpado quando vos obrigar a ouvir-me agora e sempre.

DR. CESAR AUGUSTO MARQUES.

O «BEMTEVI»

PERIODICO MARANHENSE

E SEU REDACTOR O

Sr. Estevão Raphael de Carvalho

MEMORIA HISTORICA LIDA NA NOITE DE 2 DE OUTUBRO DE 1855, NA SESSÃO DO

INSTITUTO HISTORICO

HONRADA COM A PRESENÇA DE

SUA MAGESTADE O IMPERADOR

Nos primeiros annos da minha vida conheci na capital da provincia do Maranhão o Sr. Estevão Raphael de Carvalho.

Morava em Vianna, e de vez emquando apparecia na cidade de S. Luiz.

Era geralmente considerado homem intelligente, muito liberal, revolucionario, atheu, impio, de genio forte, atrabiliario, e não me recordo o que mais.

Não sei até que ponto eram verdadeiras estas asserções.

Contava-se tambem que tinha na universidade de Coimbra frequentado a faculdade de philosophia ou de sciencias naturaes, e que se recusára no fim do 4° anno, a receber o grau de bacharel, dizendo «haver estudado para saber, e não para ter um titulo, ainda que scientifico.»

Quando o conheci era deputado provincial, e depois foi no Lyceu professor da aula de commercio, e após alguns

mezes inspector do thesouro provincial e antes de tudo isto fôra deputado geral.

Ouvi-o algumas vezes orando na assembléa provincial, e deliciava-me com sua palavra fluente, satyrica quasi sempre, e muitas vezes mordaz, pois não poupava nem seus proprios amigos politicos.

Era homem de mãos limpas ; um dia, cheio de indignação, ouvindo um deputado provincial exaltar a força do seu partido pelo que tinha vencido as eleições, disse voz em grita : « Engana-se o nobre collega ; o triumpho do nosso partido custou mais de setenta contos ao thesouro provincial ; affirmo, porque sou inspector d'esta repartição. »

Imagine-se a confusão dos amigos e o prazer dos adversarios.

Diziam que era atheu. Não sei com certeza.

Poucos dias, porém, depois de morto o sabio e santo bispo do Maranhão D. Marcos Antonio de Souza, na assembléa da provincia ouvi Estevão Raphael vociferar contra esse virtuoso prelado, previnindo sempre que ninguem lhe dissesse do lado : *parce-sepultis* ; « porque o bispo defunto pertencia á historia, e como tal era sujeito ás revelações de seus crimes. »

« Era o bispo (vociferava como um possesso, batendo com os pés, e sacudindo com os braços), era o bispo quem aconselhava a superiora a roubar os brincos de diamantes das orelhas da imagem do altar-mór.

« Era o bispo defunto... » ah ! minha penna recusa-se a continuar a reproduzir os muitos insultos que derramou sobre uma pobre senhora que, com a idade de 5 annos, entrou para os claustros do recolhimento de Nossa Senhora da Annunciação e Remedios (fundado em 5 de Julho de 1752, pelo veneravel frei Gabriel Malagrida), e que baixou ao tumulo com o cheiro de santidade e pranteada saudosamente por todos que tiveram a ventura de conhecel-a.

Não posso repetir tambem as accusações que elle então formulou contra D. Marcos, o sabio e virtuoso vigario da freguezia de Nossa Senhora da Victoria da Bahia, o magnanimo patriota, que foi um dos deputados

ás côrtes constituintes em 1821, e o primeiro bispo nomeado pelo augusto fundador do Imperio e que tanto abrilhantou o solio da Igreja Maranhense, sendo ainda hoje sua memoria venerada com vivas saudades e profundo respeito.

Se essas creaturas, tão virtuosas, foram assim accusadas na tribuna provincial, não é para admirar, embora para sentir-se, o que muito bem disse no senado, em sessão de 23 do mez proximo findo, o venerando Sr. Barão de Cotegipe, uma das mais fulgentes glorias da nossa patria, « que se fossemos a dirigir-nos pelo que dizem muitas vezes adversarios apaixonados, creio que haveria poucos homens no Brazil que pudessem governar ou occupar empregos, porque, infelizmente, é systema que se tem adoptado de atacar os cidadãos por todos os meios possiveis e desacredital-os até nas suas relações particulares.

« Esse systema de difamação não póde ser proveitoso a ninguem. »

Julgo comtudo que o odio selvagem que Estevão Raphael dedicava ao bispo D. Marcos provinha de não ter elle crença alguma religiosa, qualquer que fôsse, e nesse estado era um desgraçado, sem esperança na vida eterna, grande consolação para os infelizes !

Para provar-se o que digo basta citar-se que na sessão da assembléa geral de 6 de Junho de 1835, Estevão Raphael « propoz a desmembração da Igreja Brazileira da Catholica, Apostolica, Romana, e que o sacerdocio ficasse incluido no governo, assumindo o ministro da guerra as funcções de Summo Pontifice ».

Parece-me que nem foi sujeito á discussão.

Ainda mais uma prova do seu genio galhofeiro e mordaz.

No dia 2 de Julho do anno seguinte, perante a camara dos Srs. deputados leu o seguinte projecto :

« Art. 1.° Todo o individuo, que se intitular patriota ou se provar que o seja, pelas suas palavras, escriptos, acções e pensamentos :

Penas de 4 a 12 annos de prisão com trabalho.

Nesta classe entram os pais da patria, martyres da liberdade, defensores das liberdades publicas, etc.

Art. 2° Todo aquelle que se intitular philantropo, ou se provar que o seja, pelas suas palavras, acções, escriptos e pensamentos:

Penas de 6 a 12 annos de enfermaria privada no hospital.

Nesta classe entram os defensores da humanidade opprimida; os pescadores d'almas perdidas, etc., etc.

Paço da camara dos deputados, 2 de Julho de 1836. —*Raphael de Carvalho.* »

Produziu hilaridade geral, e unanimemente foi julgado não digno de discussão.

O genio do seu auctor e os factos que então se passavam nesta época de tantas desgraças, talvez possam desculpal-o de alguma fórma.

Contou-me o nosso sabio e venerando consocio o Sr. marechal Henrique de Beaurepaire Rohan que, dias depois, indo visital-o, elle lhe disséra: « Já vi o seu projecto », ao que respondêra immediatamente: « Já estava aborrecido de tanto patriota, por isso fiz aquillo. »

Accrescentou o nosso respeitavel consocio « O que é certo é que ninguem mais quiz ser patriota, e naquelle tempo havia uma chusma d'elles e ninguem se entendia. »

Regressando ao Maranhão, no sabbado 30 de Junho de 1838 publicou o primeiro numero do *Bemtevi*, jornal pequeno, satyrico, em prosa e verso, e capaz de excitar todas as paixões más do povo.

Teve tal iufluencia que um partido politico, o liberal da provincia, não duvidou tomar para si tal denominação.

O partido cabano ou conservador publicou outro periodico identico, *O Caçador do Bemtevi*, e imagine-se o desespero d'esses dous combatentes sem escrupulo, sem escolha de armas e sem vexame dos meios.

Era então presidente da provincia o commendador Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo, natural de Pernambuco.

Sobre elle convergiam todas as furias do *Bemtevi*,

pelo que Estevão Raphael foi ameaçado de prisão, segundo um seu artigo, que sob o titulo *Um attentado malogrado e outro permittido*, publicou no n. 15 do *Bemtevi.*

—

As suas imprudencias de dia para dia o empurravam para fim sinistro, e o *Despertador* nos seus ns. 5 e 6 em relação a elle disse: « O vosso corpo, e ainda mais, o vosso impuro sangue, ahi está por forte penhor do que fazeis.

« Vós é que deveis com justa causa receiar d'ora em diante que appareçam os funestos acontecimentos bem desastrosos á vossa vida, se é que continuais a bravatar dest'arte e a prégar revoluções. »

Não foi preso, graças ao tino governamental de Camargo, ao genio justiceiro do seu secretario, então o doutor e depois desembargador Anselmo Francisco Pereti, e aos amigos do presidente, homens ordeiros em sua maioria.

O Bemtevi continuou a espalhar seus escriptos incendiarios, e afinal, em 1838, appareceu a *Revolução do balaio*, que tambem se chamou dos *Bemtevis*, porque os revoltosos assim se intitulavam e davam vivas a esse periodico e ao seu partido.

Não sei qual foi a parte material que teve nesta revolução o meu talentoso e excentrico comprovinciano.

Sei que elle publicou o ultimo numero do seu *Bemtevi* em 6 de Outubro de 1838, fazendo votos para que no dia seguinte, o de uma eleição geral, todos depuzessem as suas desavenças e vencedores e vencidos dessem as mãos para alimentar a paz e a tranquillidade, tão necessarias a todos.

Foi o ultimo canto do *Bemtevi*, cuja collecção apresento agora ao Instituto como uma simples curiosidade, e mormente por ter sido um periodico que tantos males produziu e tanto influiu nos destinos da minha patria e redigido por um cidadão que exerceu cargos importantes, dotado de muito talento e honradez, pois seu nome nesse particular foi sempre respeitado, até mesmo pelos derrocadores de reputações alheias.

Mas... infelizmente para elle, o destino o arrastou por caminhos escabrosos, e por isso não poude prestar a Deus, á patria e ao seu monarcha os serviços de um bom cidadão.

« *Sic fata voluerunt* » e desgraçadamente a ninguem é dado fugir ao destino.

DR. CESAR AUGUSTO MARQUES.

RESPOSTA

ÁS

BREVES REFLEXÕES

QUE O

Exm. Sr. Conselheiro D. Francisco Balthazar da Silveira

FEZ SOBRE O

BEMTEVI

E SEU REDACTOR O

Sr. Estevão Raphael de Carvalho

LIDA NA NOITE DE 18 DE JUNHO DE 1886 NO INSTITUTO HISTORICO

Honrado com a Augusta Presença de

SUA MAGESTADE O IMPERADOR

Na sessão passada foram aqui lidas as *Breves reflexões* que o nosso consocio o Exm. Sr. D. Francisco Balthazar da Silveira fez á *Memoria Historica*, que tive a honra de lêr na noite de 2 de Outubro do anno proximo findo *sobre o periodico Bemtevi e seu redactor o Sr. Estevão Raphael de Carvalho.*

Pedi licença para na presente noite expender minha defesa, visto elle parecer contrariar-me em alguns pontos.

Vou desobrigar-me deste dever acompanhando pari-passu o escripto do nosso consocio, cuja ausencia, por enfermidades, todos nós lastimamos, e eu especialmente.

1.° Não disse uma só palavra contra a probidade de Estevão Raphael, pelo contrario, mais de uma vez chamei-o « homem de mãos limpas, dotado de muito talento e hon-« radez, sendo o seu nome nesse particular muito respei-« tado, até mesmo pelos derrocadores de reputações « alheias. »

Logo, longe de ser divergencia, confirma o nosso consocio o que escrevi.

2.° Não disse ser elle atheu, impio, atrabiliario, como me imputa o nosso consocio, e sim « que era geralmente « tido como tal, não sabendo eu até que ponto eram ver- « dadeiras essas asserções. »

Ainda repeti em outro lugar: «Diziam que era atheu. Não sei com certeza. »

Já se vê que de um *consta* á uma affirmativa a distancia é enorme.

Confessa, porém, S. Ex. que elle tinha fama de atheu.

Logo confirma o que eu disse, e foi até mais longe, dizendo ter elle *fama de louco*, o que eu ignorava.

Já vê o Instituto que o nosso consocio confirmou pela segunda vez o que eu disse.

3.° Escreveu o nosso consocio que Estevão Raphael frequentou com elle a Universidade de Coimbra em 1826, e por isso sabia que fôra estudante da Faculdade de Mathematicas, e não de Philosophia, como eu disse.

Tal não asseverei, e sim «que contava-se ter elle na « Universidade de Coimbra frequentado a Faculdade de « Philosophia. »

Acceito com prazer a correcção, mormente porque quando aqui li a minha *Memoria sobre o estabelecimento da Igreja catholica apostolica romana em Maranhão*, eu disse que ás vezes occupava a attenção do Instituto com o fim de sujeitar os meus obscuros trabalhos á douta apreciação dos meus distinctos e illustrados collegas, para que se dignassem corrigir meus erros.

4.° Continuando, disse S. Ex.: «O Sr. Raphael de Car- « valho não foi em 1838 o redactor do periodico *Bemtevi* « e sim um dos redactores ».

Accrescenta S. Ex.: « Convém pôr isto bem claro. »

Concordo.

Recorra-se á minha *Memoria* em contestação, e vêr-se-ha que tal não escrevi, nem aqui li, e nem publiquei em parte alguma semelhante asserção.

Que lamentavel engano do nosso consocio!

O que eu disse foi que «Estevão Raphael, regressando

ao Maranhão, no sabbado 30 de Junho de 1838 publicou o 1° n. do *Bemtevi*, etc., etc. »

Logo não disse que elle foi redactor unico desse periodico.

Ainda que dissesse não avançava uma falsidade, porque todos nós, que já andamos nas lutas da imprensa, sabemos que todo o periodico tem um redactor geral, e redactores e collaboradores para as diversas secções.

Se alguem me contestasse, o nosso Consocio era o proprio que vinha em meu auxilio, pois na 3ª pag. das suas *Breves Reflexões* elle confessa «que achando-se a sós com os quatro redactores, propoz que Estevão Raphael ficasse como Dictador, para que só sahisse impresso o artigo, que elle bem quizesse, e assim foi approvado».

Parece-me que é mais do que redactor o ser Dictador, isto é, senhor de baraço e cutello, ainda que seja naquella republica *Bemtevi*.

E assim arrastado pela verdade, que tem muita força, veio o nosso consocio confirmar o que eu disse.

Se fosse possivel alguma duvida, que testemunho, maior de toda a excepção, eu poderio iuvocar do que a do Sr. D. Francisco Balthazar da Silveira ?

A crença de ser Estevão Raphael redactor do *Bemtevi* já passou ao dominio da historia, como facto sabido, estudado e bem averiguado, porque o Dr. Eduardo Olympio Machado, quando Presidente do Maranhão, no officio que dirigiu em 5 de Janeiro de 1853 ao Conselheiro Joaquim José Rodrigues Torres, ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda, e presidente do conselho de ministros, dando conta da maneira por que se procedeu no Maranhão á eleição do anno anterior, asseverou o seguinte :

« Os liberaes ou marrecos em meados, ou pouco antes, do anno de 1838, reorganisaram-se com a denominação de *Bemtevis* para, com o auxilio de alguns descontentes, hostilisarem com mais força a administração do presidente Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo, e a lei dos prefeitos, que acoimaram de despotica e infensa á liberdade individual, garantida pelo pacto fundamental da nação.

A' testa desta nova organisação, além do antigo redactor da *Chronica*, João Francisco Lisboa, achava-se tambem o ex-deputado Estevão Raphael de Carvalho, redactor do pequeno periodico *Bemtevi*, redigido em estylo violentissimo e adaptado a desorientar as massas contra o partido dominante, conhecido pelo nome de *cabano.* »

Este officio tem sido reimpresso em diversos jornaes, por varias vezes, e em épocas differentes, e até em folhetos.

Logo, se eu tal dissesse, baseava-me no valioso juizo do nosso consocio e da primeira auctoridade civil da Provincia, onde cantou o *Bemtevi* ás vezes notas bem estridentes.

5.º Disse S. Ex.: « No fim de 1838, e não no de 1839, como indica o Dr. Cesar Marques, rebentou o primeiro motim, que teve lugar na *Manga*, terras do Hyguará, e sendo cabeça um tal Raymundo Gomes. »

Simples erro typographico, porque no meu *Diccionario historico e geographico do Maranhão*, publicado no anno de 1870, no artigo *Vargem-Grande*, lê-se: « Desperta bem tristes recordações a historia desta villa, porque foi nella que em 13 de Dezembro de 1838 se apresentou Raymundo Gomes, homem de côr escura, e acompanhado de nove da sua raça arrombaram a cadêa, soltaram os criminosos, e dahi partiu o facho da *revolução do Balaio*, etc., etc. »

6.º Termina escrevendo S. Ex. nada poder dizer sobre a acrimonia com que Raphael de Carvalho tratou o Bispo do Maranhão D. Marcos Antonio de Souza e D. Maria Francisca, regente superiora do recolhimento de N. S. da Annunciação e Remedios.

Parece-me que S. Ex. escreveria com mais propriedade « nada quero dizer », em lugar de « nada posso dizer », porque de tudo sabe e até minuciosamente o nosso consocio, visto « ter, como confessou, as melhores relações com o Prelado de saber e bôa vida, e a quem tratava com respeito quasi filial »: conhecer muito de perto a Regente do Recolhimento, « ligada em amizade com a Familia de sua virtuosa Esposa, e ter vivido em intima amizade e como irmãos desde 1826 com Estevão Raphael».

Ninguem melhor do que elle nos podia dar informações

exactas e preciosas. Recorreu, porém, ao *Parce Sepultis* das letras sagradas, que penso não ter applicação á historia, porque, sendo ella, como muito bem a definiu o douto jesuita padre Antonio Vieira, « a mãe da verdade, a emula do tempo, o deposito das acções, a testemunha do passado », é conveniente, necessario e até indispensavel que os factos e os individuos sejam estudados e discutidos « para exemplo e aviso do presente e advertencia do futuro», como bem disse tão venerando missionario apostolico.

Não houve, portanto, inconveniencia alguma de minha parte, e se com isto a minha consciencia se agitasse, seria logo acalmada com o procedimento que teve um dos nossos mais doutos e mais virtuosos consocios, o venerando e sempre de saudosa memoria, Marquez de Santa Cruz, o qual tratando do ex-regente o padre Diogo Antonio Feijó escreveu, como se póde lêr nas suas *Memorias* á pag. 110, o seguinte: « Lembrando-me do *parce sepultis*, eu desejaria esconder estes factos debaixo da mesma lousa, que cobre as cinzas desse homem celebre, mas ellas pertencem ao dominio da historia. »

Assim escudado com o procedimento do Sr. D. Romualdo Antonio de Seixas, « vigoroso na intelligencia, ar-
« dente no estudo, formado na escola de grandes homens,
« pratico nos negocios publicos, perfeito nas letras sa-
« gradas e profanas, fortalecido no chrysol das tribula-
« ções, grave no caracter e ameno no seu trato (Monsenhor J. J. da Fonseca Lima) », fico tranquillo e convicto que não commetti uma profanação sacrilega, e nem ao menos uma inconveniencia, quando estudei e escrevi, li e publiquei esse facto historico. Nada mais tenho que apreciar nas *Breves Reflexões* do nosso consocio.

Parece-me (ao contrario do que elle disse) que ainda uma vez fui feliz nas investigações das cousas antigas do nosso paiz, e que neste ponto tive a ventura de colher noticias exactas e informações verdadeiras, e que não fui guiado, como se lhe afigurou, por pessoas suspeitas ou mal informadas.

Dr. Cesar Augusto Marques.

O DIA 28 DE JULHO

MEMORIA HISTORICA LIDA NA AUGUSTA PRESENÇA

DE

S. M. o Imperador

NA NOITE DE 27 DE JULHO DE 1883

PELO

Dr. Cesar Augusto Marques

Ao benemerito da litteratura brazileira, ao trabalhador incansavel, ao homem de bem, e, finalmente, a uma das mais brilhantes glorias do Imperio do Cruzeiro, o Exm. Sr. Conselheiro barão de Paranapiacaba, offerece esta primeira pagina, e a mais heroica da Historia do Maranhão, o seu amigo muito dedicado, o—Auctor.

Rio de Janeiro, 27 de Julho de 1886.

O dia 28 de Julho desperta saudosas recordações no coração de todos os maranhenses, verdadeiramente patriotas.

Como obscuro, porém mui sincero e consciencioso chronista daquella provincia, venho aqui hoje saudar, embora com antecipação de algumas horas sómente, a aurora do dia de amanhã, descrevendo ligeiramente a proclamação da sua independencia, e, aproveitando o ensejo, offereço a cópia de dous preciosos documentos.

Bem sabeis, senhores, que o grito soltado nos campos do Ypiranga no glorioso dia 7 de Setembro de 1822, com rapidez notavel espalhou-se por todo o Brazil.

Electisaram-se todos os pensamentos, em todas as provincias encontrou écho esse brado, e nos salões do rico e na choupana humilde do rustico demonstrava-se a necessidade de adoptar-se o novo systema proclamado em S. Paulo e no Rio de Janeiro, e o ideal e o idylio da vida civil se apresentava a todos os espiritos, brotando innumeras esperanças de um futuro glorioso e risonho, como disse o illustre conselheiro e senador Vieira da Silva relativamente ao Maranhão.

Dirigia nessa éra os destinos da capitania do Maranhão uma Junta Governativa, creada pelo decreto das côrtes portuguezas de 29 de Setembro e carta de lei de 1 de Outubro de 1821, e era assim composta:

Presidente—O bispo diocesano D. frei Joaquim de Nossa Senhora de Nazareth.

Secretario—O brigadeiro Sebastião Gomes da Silva Belfort.

Membros— O chefe de esquadra Filippe de Barros e Vasconcellos.

Desembargador João Francisco Leal.

O thesoureiro aposentado da fazenda real Thomaz Tavares da Silva.

O coronel de milicias Antonio Rodrigues dos Santos.

O tenente de milicias Caetano José de Souza.

Uns eram portuguezes, outros brazileiros, e todos cegamente obedientes ao governo da metropole.

Apezar, porém, de todas as precauções e medidas oppressivas, de prisões e perseguições, de deportação e de todo o prestigio e influencia de um poder despotico, lavrava surdamente o fogo sagrado da liberdade em todas as villas e povoados do interior, e até na propria capital, como que affrontando o governo, vagava a idéa e agitavam-se todas as classes sociaes.

Era ainda pequeno o numero dos conjurados, e dispunham de poucos elementos para proclamar a emancipação desejada.

Todas as provincias, pressurosas, adheriram á independencia do Imperio, e só o Maranhão vivia separado desse gremio de livres, e ainda sujeito ao juramento prestado á constituição portugueza!

O herói, fundador do Imperio, affligia-se, e com razão, por não vêr completa a sua obra grandiosa e alimentando o humanitario desejo de não vêr regado com sangue o sólo onde em breve tinha esperanças de vêr plantada a arvore da liberdade, escreveu a seguinte carta ao Revm. presidente da junta:

« Meu caro Frei Joaquim—Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 1823.

« Como o conheço desde que nasci e lhe conheço as suas virtudes, é a razão por que pego na penna para dizer-lhe que trabalhe para unir o Maranhão ao Imperio a que elle pertence, como provincia, dizendo-lhe que nisto faz um grande serviço ao Brazil e a mim, que não desagrada a meu pai, que está captivo de vís carbonarios que são todos contra a religião que professamos, e que estão excommungados pelo chefe da igreja, assim como todos os que a seguem ou adherem ao seu governo.

« Espero que o bispo concorra quanto puder para o que lhe digo, visto as suas virtudes religiosas.

« Receba mil abraços e os puros sentimentos deste que o ama—*Pedro.*»

Esta carta, toda do proprio punho do Sr. D. Pedro I, foi escripta em papel almaço, dobrada, como outr'ora se fazia, sem enveloppe, e fechada com obreia e depois lacre.

Em minhas investigações pelo archivo da provincia encontrei-a na camara ecclesiastica, entre poucos livros e muitos papeis amontoados, confundidos e sem a menor ordem, uns inteiramente perdidos pelo cupim, traça e gottas de aguas pluviaes, e outros muito damnificados.

Felizmente, porém, o preciosissimo autographo estava apenas manchado com as nodoas proprias de seus muitos annos.

Não sei descrever o religioso respeito com que o li, e li muitas vezes !

Parecia-me estar vendo aquella mão poderosa, que empunhou dous sceptros e brandiu gloriosamente a espada de guerreiro valente, deslizando-se brandamente sobre esse papel !

Mandei fazer uma pasta apropriada, guardeia-a e entreguei-a ao então governador do bispado o Sr. conego mestre-escola Luiz Raymundo da Costa Leite, chamando sua attenção e cuidados para tão precioso thesouro.

O Revm. bispo respondeu por esta fórma, e encontrei essa resposta em um dos livros do registro da mesma camara ecclesiastica:

« Senhor— Penetrado dos mais puros sentimentos de respeito e gratidão, beijo as augustas mãos de Vossa Magestade pela distincta mercê com que se dignou honrar-me, enviando-me uma carta de sua propria lettra, cheia de expressões as mais lisongeiras e affectuosas.

« Esta carta, Senhor, escripta a 30 de Janeiro, e que tinha por fim exigir a minha cooperação para o estabelecimento da independencia do Brazil, representada a Vossa Magestade tão interessante á sua imperial corôa, e a mais vantajosa para o bem estar destes povos, foi-me entregue em 22 de Outubro, tempo em que já tinham decorrido quasi tres mezes depois que ella fôra acclamada nesta provincia, e que eu estava a retirar-me a Portugal, para onde sou obrigado a fazer viagem dentro em poucos dias. Mas, Senhor, acaso seria eu capaz de trahir os meus concidadãos e de abjurar á patria, que me viu nascer, e legitimos direitos de Vossa Magestade ?

« Um bispo tão devedor ao Sr. D. João VI, e tão amante da augusta casa de Bragança, póde elle ter outros desejos que não sejam da sua maior prosperidade, e grandeza, para assim patentear a Deus e ao mundo o seu dever, e a fiel gratidão de que fôra sempre animado ?

« Ah ! Senhor ! Independencia e desgraça são palavras synonimas entendidas no seu verdadeiro rigor : ellas se identificam e vêm a significar a mesma cousa. Se Vossa Magestade tivesse previsto a alluvião de desgraças

que tem incendiado este vasto territorio desde a Bahia até ao Maranhão, e todas aquellas que ainda estão por vir, sendo mais desastrosa a actual ruina do throno de Vossa Magestade, por certo que não teria coração para assignar tantos decretos, feitos talvez de proposito para inteiro exterminio e perdição dos milhares dos seus vassallos. Estas provincias estão regadas de sangue dos pacificos europeus, que a fixam: o furor da baixa plebe, atiçada pelos revoltosos demagogos, têm derramado impunemente para se apoderarem de seus bens, que tantos suores lhes custaram, jurando quasi todos a independencia, e prestando a mais decidida obediencia á Vossa Magestade, assim mesmo não cessam de ser perseguidos, e maltratados por bandidos e assassinos, que os obrigam a andar fugitivos, desamparar suas tristes familias, e procurar seguro asylo na America,na França e na Inglaterra e muito mais em Portugal.

« Em uma palavra, a lavoura estragada, villas e aldeias arrazadas, e outras despovoadas, eis os sazonados fructos que a venturosa independencia tem conduzido a estas provincias, e que a do Maranhão tem colhido em pouco tempo na maior abundancia; esta desgraçada provincia, como era de todas a mais habitada de europeus, e por isso, como fôra a ultima a render-se ao prestigio devastador, tudo se assomou contra ella. Cochrane, que pareceu no principio enviado como anjo da paz, passou poucos dias a extrahir dos negociantes violentamente um cabedal incomparavel, deu o maior córte ao commercio e foi o primeiro a arruinal-o. Seguiram-se os sertanejos do Ceará, e Piauhy, a que se aggregaram muitos da ralé deste povo, e todos estes com mira na rapina e no espolio dos europeus, não têm feito mais que desbastar, perder e matar, tendo a seu favor aquelles da governança, que parecem estar animados do mesmo espirito, ou pelo menos semelhante em tudo.

« Senhor. Seja-me permittido patentear á Vossa Magestade toda a verdade, se Vossa Magestade não quer ficar insultado, sem ter quem lhe obedeça, ponha termo a tantos males, dê as mãos a seu augusto pai, batalhe com elle a enterrar a independencia, assim como

enterrou a constituição. Veja que os espiritos dos povos é todo republicano, e aquelles que os dirigem conhecem bem a fraqueza do Rio de Janeiro e a nenhuma vantagem qua de lá tiram, servem-se do nome de Vossa Magestade para reunirem a gente da plebe e a terem debaixo das suas ordens, e quando lhes convier, ao primeiro rebate clamarão todos a uma voz— Vivam os republicanos unidos e acabe para sempre o imperador ! Eu não fallaria com tanta franqueza, se mesmo não estivesse ao facto destas cousas ; e não tivesse notado os seus procedimentos, que são todos filhos das suas malevolas intenções. Elles, porém dispõem, como lhes parece dos bens dos empregados, honra e propriedade dos europeus, sem nada se importarem com as leis de Vossa Magestade, a bem de seus vassallos, permittem que por toda a parte os estejam matando e roubando, dando-lhes muitas pancadas ; tem chegado a proferir que os hão de obrigar a sahir todos, ou reduzil-os á misera sorte de seus escravos, finalmente acabou-se a paz, já não ha justiça e nem esperança de havel-a tão cedo.

« Ninguem vive socegado em sua casa, muitos preferem viver no mar, a bordo de algumas embarcações estrangeiras, para, na primeira occasião, fugirem ; tal é, Senhor, o bem estar destes povos que tanto prézo, pelo que sempre me oppuz á independencia, que jámais juraria, porque temo a Deus, e estimo á Vossa Magestade, assim como estimo a seu augusto pai, e não quero a execração da minha patria, e muito menos dos meus nacionaes, que são meus diocesanos bem queridos.

« Beijo as mãos respeitosamente de Vossa Magestade — *Frei Joaquim de Nazareth.* »

Ainda uma vez realiza-se o pensamento do douto naturalista que disse : *o estylo é o homem.*

Nesta carta está como que retratado o Sr. D. Frei Joaquim, que tive a honra de conhecer nos primeiros annos de minha vida.

Era muito alto, tez morena, corpulento, membros proporcionaes, olhos vivos, temperamento bilio-nervoso, de modos mais bruscos do que brandos, franco até á rudeza,

e tinha sido frade da ordem dos Menores da provincia de Santa Maria d'Arribada, onde por suas acrysoladas virtudes, e por sua cheia e fortissima voz ao entoar o cantochão, mereceu a honra de ser muito estimado e apreciado pelo Sr. D. João VI, de saudosa memoria.

Adorava mais do que tudo a sua patria, a seu rei, o seu amigo velho, o seu querido senhor, como muitas vezes o ouvi chamar.

Por ella e por elle tudo sacrificava, sem o menor pezar ou constrangimento, e como mero cumprimento de dever, e assim o fez renunciando o bispado do Maranhão por não reconhecer a independencia do Imperio.

Annos depois renunciou tambem o bispado de Coimbra, o pariato do reino, o condado d'Arganil, e o senhorio de Caja, quando abrilhantou o throno portuguez a excelsa e virtuosissima senhora D. Maria II, a cujo governo não quiz obedecer, fugindo, disfarçado em marinheiro inglez, em um navio mercante, para Liverpool, onde, lembrandose de suas antigas ovelhas, emprehendeu nova viagem, e chegou na tarde de 3 de Março de 1840 á capital do Maranhão, e ahi, vivendo cercado pelo amor e estima geral, falleceu á meia-noite de 1° de Setembro de 1851.

Foram baldados todos os embaraços para a proclamação da independencia.

Agitou-se toda a provincia, todos os povoados pegaram em armas, e das suas irmãs mais proximas vieram reforços poderosos sob as ordens da junta expedicionaria do Ceará e Piauhy, composta dos benemeritos patriotas José Pereira Filgueiras, Manoel de Souza Martins, Joaquim de Souza Martins, Tristão Gonçalves Pereira de Alencar e Luiz Pedro de Mello Cesar — sendo efficazmente coadjuvados pelos valentes José Felix Pereira de Burgos, Salvador Cardoso de Oliveira, que morreu cego, pelos coroneis Simplicio Dias da Silva e Severiano Alves de Carvalho, e major Alecrim, que deu seu nome ao morro, outr'ora das Tabocas, em Caxias, onde rendeu-se o major Fidié e muitos outros bravos.

O movimento independente caminhou triumphante do interior para a capital.

Quando apenas faltava a capital, e a sua visinha e

fronteira cidade de Alcantara para render-se, no dia 26 de Julho de 1823 chegou a náo *Pedro I*, ao mando de lord Cochrane.

A junta governativa, menos seu presidente, foi a bordo no dia seguinte saudar o lord.

Depois de algumas horas de conferencia marcou elle a convocação de uma camara geral para as 10 horas da manhã do dia 28, no palacio do governo, a qual principiou ás 11 horas da manhã e acabou depois do meio dia.

A bandeira portugueza foi arriada pelo então tenente Greenfell, e içada a bandeira, já decretada em 18 de Setembro de 1822, ao som de muitos vivas, e de salvas de artilharia nas tres fortalezas, que defendem o porto.

Colheu apenas os louros da victoria, disputada com valor e immensos sacrificios pelos bons patriotas, e em 25 de Novembro do mesmo anno foi agraciado com o titulo de marquez do Maranhão!

Este caso recorda-me o ser, na antiga Roma, o mediocre poeta Bathylo honrado e premiado por Cesar pelos versos latinos, compostos, não por elle, e sim por Virgilio, qne assim queixou-se:

« Hos ego versiculos feci; tulit alter honores.
« Sic vos non vobis nidificatis, aves ».

Devo porém, confessar, e o faço com a franqueza do meu costume:

Se o nobre lord não tinha, a meu vêr, direito a um titulo, que sempre recordasse o Maranhão, é inegavel que prestou muitos e valiosos serviços á nossa emancipação politica, porém em outras provincias, e portanto era muito digno de receber qualquer mercê da munificencia imperial.

A assembléa provincial, pela lei n. 11 de 6 de Maio de 1835, ainda hoje felizmente em vigor, declarou feriado o *dia* 28 *de Julho*.

Já são passados muitos annos... Já houve tempo de sobra para o arrefecimento de odios e paixões politicas...

Muitos, ou melhor, quasi todos esses heróes, quasi todos esses combatentes em arraiaes contrarios, já gozam o descanso do tumulo.

Para elles raiou a posteridade, que lhes fará justiça, como bem disse o nosso erudito consocio barão de Santo Angelo, pois que a lousa do sepulchro é o crysol da verdade, o escudo onde se embotam as espadas dos nossos inimigos, por mais pequeninos e mesquinhos que sejam, e finalmente a taça onde se myrram os labios da calumnia, por mais negra e calculada. E por isso, com o sentimento da mais profunda convicção, fazendo votos ao Supremo e sempre justo juiz do Universo, digo:

Esquecimento pleno e profundo respeito á memoria daquelles, que, arrebatados por convicções sinceras, embora erroneas, procuraram embaraçar a liberdade da nossa patria.

Gloria para sempre, gloria áquelles bons patriotas que morreram no campo da batalha.

Gloria para sempre, gloria áquelles que, com tanto sacrificio, conquistaram para nós uma patria livre e independente, cujas vantagens e felicidade gozamos á sombra de suas instituições tão invejaveis, e no glorioso reinado daquelle que a Divina Providencia nos outorgou como defensor perpetuo do Brazil.

Sala das sessões do Instituto Historico, na noite de 27 de Julho de 1883.

DR. CESAR AUGUSTO MARQUES.

SALTO VISCONDE DO RIO-BRANCO

Assim se ficou chamando, na viagem ultima do Sr. presidente da provincia do Paraná (dr. Alfredo de Escragnolle Taunay) ao sertão e á cidade de Guarapuava, a magnifica e até ha pouco fallada catadupa formada pelo importante rio dos Patos, poucos kilometros acima da Barra Vermelha, seu ponto de juncção com o rio S. João, ao formarem o grandioso Ivahy, confluente do Paraná.

Difficil, por certo, é encontrar, até mesmo no Brazil, tão prodigo em variadissimas e formosas curiosidades naturaes, cousa mais bella, mais cheia de grandeza e selvatica magestade. Imagine-se volumosissima e alvinitente massa liquida a precipitar-se de um jacto em abysmo de 75 a 80 metros de altura e pular uma muralha cortada a pique, cuja linha de aresta superior, toda crivada de fundas reentrancias e grandes saliencias, dá as mais pittorescas e encontradas direcções ás aguas no momento em que o rio inteiro, como que presa de fatal desespero, se jorra de um impeto no abysmo.

Por isso os enormes e espumantes caixões ora formam larga e bellisima curva toda riscada de rugas parallelas, como crespos de ondeante cabelleira, ora cahem de subito, em blóco, á modo de massa inerte e que só obedece á gravidade, ou então se dividem em fios e filetes, mais ou menos encorpados, parecendo, uns, alvissimos fitões a riscarem de branco a pedra negra, outros uma successão de aereos flocos, que não attingem o fundo, se desfazem em nevoeiros, se pulverisam nos ares e emprestam aos raios do sol as graciosas e leves côres do arco-iris.

Além da disposição especial de toda a rocha talhada a prumo, que imprime um cunho novo e extraordinario a essa catadupa, ha para o viajante que a contempla, como

nós a vimos, de cima para baixo, isto é, na bocca do precipicio, quando o rio depois de estender-se em magestoso e placido lago, de subito galga o colossal obstaculo, ha uma particularidade que dá realce particular e nunca assás admirado ao *Salto Visconde do Rio-Branco.*

E' um grande panno de muralha estratificada e saliente que, do lado de lá da curva mais opulenta em aguas, se adianta bem para fóra e serve assim de fundo ao crystallino jacto, conservando-se sempre enxuta, pois a rigorosa convexidade da quéda e sua rapidez são taes que nenhum borrifo ou salpico se desprende.

E este monolitho, terminado por uma especie de agigantada cornija, ainda mais sobresahe, porquanto a seu turno resalta de uma verdadeira cortina de agua formada por um jacto que se despeja do lado de detrás, de modo que aquelle grande colosso pétreo figura de columna cercada por todos os lados de immensos bulcões de liquidos, sem ficar nunca molhada.

A admirarmos tudo isso e mais a vegetação esplendida das margens, a estratificação das paredes cyclópeas de toda aquella scena, cuja nota alegre e vivida era dada pela florescencia multicolor das *melastomáceas*, que aqui chamam alleluias (flôres de quaresma), ficámos quasi uma hora, dando por bem empregadas as canseiras a que nos haviamos sujeitado, transitando por picadas impossiveis, cheias de perigos, afim de podermos contemplar essa maravilha. Aliás já alguns viajantes de nota até alli haviam chegado, os Srs. barão de Capanema, o dr. Weiss com o principe de Hohenlohe e barão Schœler, o engenheiro Oldebrecht e varios outros, não muitos, pois esse salto é ainda pouco conhecido e quasi nunca visitado, tendo havido agora necessidade de abrir-se nova trilha para termos passagem.

Alli nos estava ainda reservada nova e valente impressão. Foi quando o Sr. dr. Taunay, voltando-se para os companheiros de viagem, exclamou com voz forte: « Esta catadupa terá o nome de *Salto do Visconde do Rio-Branco.* » Então uma saudade pungente e cheia de gratidão opprimiu o coração dos brazileiros que se achavam naquellas solidões; todas as grandezas da natureza

inconsciente, aquellas revoltas e estrondeantes aguas, aquellas immensas rochas, aquellas solemnes e alentadas arvores ficaram pequenas ante a estatura moral do estadista, cuja recordação esse glorioso nome evocava no meio de fundos sertões!

(*Jornal do Commercio* de 28 de Abril de 1886)

PRIMEIRO NAVIO FRANCEZ NO BRAZIL

Memoria lida em sessão do Instituto istorico e geografico brazileiro, pelo socio efetivo Tristão de Alencar Araripe.*

§ 1. — *Noticia da viagem*

Sabido é, que por muito tempo vogou na Europa a noticia de uma viagem feita ás terras do Brazil por um navio francez, sem que todavia se determinassem as particularidades da derrota, e o ponto a que tocára o navio ; especificava-se apenas ter sido a viagem realizada sob a direção do capitão francez Binot Paulmier de Gonneville.

Contava a tradição, que esse navegante, levado pela tempestade, aportára a uma terra austral, onde communicára com gente selvagem, mas de animo pacifico.

A falta do roteiro autentico da viagem sucitava duvidas sobre a realidade do facto, que os geografos e navegadores discutiam com diverso alvitre.

---

*Conserva-se a orthographia do original a pedido do autor, conforme o permitte o Instituto por deliberação tomada em meza.

(N. da R.)

§ 2. — *Noções primarias do facto*

Não existiam indicações precizas sobre a terra apontada pela tradição como objeto do descobrimento do capitão normando; todavia os antigos mapas geograficos inculcavam a sua situação.

No globo terrestre de João Schrœner, aparecido em 1520, vê-se no emisferio ocidental esta legenda — *Brasilia inferior* : legenda colocada além de 42 gráos de latitude meridional depois da indicação do rio *Cananor*, que certamente quer significar o nosso rio de Cananéa na costa da atual provincia brazileira de São-Paulo.

Na grande carta geografica de Gerardo Mercator de 1569 axamos este letreiro : — « Hinc in latitudine 42 gr., distancia 450 leucarum a capite Bonœ Spei, et 600 promontorii Sancti Augustini, inventum est promontorium *Terrœ australis*, ut adnotavit Martinus Fernandus d'Enciso. »

O geografo espanhol aqui nomeado, na sua obra « *Summa de geografia*, » referindo-se a essa terra austral, assim se exprime : « Desta tierra no se sabe mas de quanto la han visto desde los navios, porque no han decencido en ella»

Tão sucintas informações sobre o rezultado da viagem do navio francez, forão depois corroboradas e dezenvolvidas por uma publicação feita em 1663 por um decendente da familia do nauta normando, autor da viagem.

Com efeito n'esse anno publicou-se em Paris uma memoria sob o nome do conego João Paulmier de Courtonne, o qual tratava de promover o estabelecimento de uma missão evangelica entre os selvagens, que existiam na terra descoberta por seu avoengo.

A obra do piedozo conego tinha por titulo o seguinte: — Memoires touchant l'établissement d'une mission chrestienne dans le troisieme monde, autrement appellé la Terre australe, meridionale, antartique et inconnue ; dediez a nostre S. Père le pape Alexandre VII, par un ecclesiastique originaire de cette mesme terre.»

O conego autor da memoria era bisneto de Essomeric, indio trazido da terra austral pelo navio francez, que ali fôra ter.

Este indio, adotado pelo capitão Binot Paulmier de Gonneville como filho, cazou-se em França com uma parenta do mesmo capitão, e ahi viveu por dilatado tempo, falecendo em 1583 com 96 annos de idade, sem jamais regressar ao seu paiz natal.

Dahi vem qualificar-se o conego como originario da terra, d'onde viera o seu progenitor, e que elle pretendia xamar ao gremio catolico.

§ 3. —*Busca da terra austral*

A publicação da memoria reanimou a tradição, e despertou o dezejo de reconhecer a terra outr'ora descoberta.

Os nautas figuravam ipótezes, as quaes todas levavam a crêr, que essa terra devia jazer ao sul do cabo da Bôa-Esperança, devendo portanto ser procurada nos mares austraes.

No intento d'esse reconhecimento a França empreendeu varias explorações durante o seculo passado, por julgar de conveniencia ter portos de abrigo para os seus navios, que faziam o commercio das Indias orientaes.

Em 19 de Julho de 1738 o capitão Bouvet de Lozier partio de Lorient com dous navios, *Aigle* e *Marie*, em direção á ilha de Santa-Catarina no Brazil, donde seguio em cruzeiro para suéste; nada porém descobrio, e regressou á França, oferecendo conjeturas sobre a terra descoberta pelo antigo capitão seu compatriota.

Posteriormente Luiz de Bougainville na sua viagem de circumnavegação de 1766 a 1769, e apoz elle João Surville nas suas excursões maritimas buscaram a terra austral indigitada pela tradição, e pela memoria do conego João Paulmier, sem aliás conseguirem a solução do problema.

Finalmente do mesmo porto de Lorient sahio em Maio de 1771 o capitão Kerguelen de Tremarec no navio *Bernier*, e do cabo da Boa-Esperança seguio o capitão

Marion Dufresne em Dezembro do mesmo anno, ambos em busca da dezejada terra austral.

Os dous exploradores tomaram diverso rumo no intuito das suas pesquizas.

Kerguelen de Tremarec fez primeira e segunda exploração, e regressou na persuazão de que o antigo navegador normando aportára á ilha de Madagascar, e que era essa a terra austral agora procurada.

Marion Dufresne, depois de avançar para o sul, quanto pôde, retrocedeu, acreditando que si podéra penetrar mais avante na região gelada, teria encontrado a terra, a que outr'ora xegára o seu compatriota.

Qual era essa terra austral buscada e não encontrada continuavam a discutir os geografos e istoriadores para comprovar o facto do seu antigo axamento, e para determinar a sua situação.

Diversificavam as opiniões, que tanto mais variavam quanta era a mingua de informações, que a tradição conservára, e que a memoria escrita pelo decendente do descobridor consignára.

Afirmavam uns, que essa terra devia jazer junto á Nova-Zelandia entre 50.° e 60.° do emisferio austral; e finalmente ouve quem pretendesse, que o nauta francez, em vez de correr ao sul, corrêra ao norte e fôra ter á Marilandia nas costas da America setentrional.

Tanto era o contraste das idéas, e tal a diversidade dos calculos !

Todo o empenho avia-se empregado no descobrimento de informações relativas á terra austral, que considerava-se descoberta n'essa antiga excursão normanda ; o proprio governo francez procurára averiguar o facto, e depois das possiveis diligencias não adiantára aos discursos e polemica dos doutos.

As instruções regias dadas pelo mesmo governo francez aos seus exploradores em 1771 rezavão o seguinte:

« Tudo indica a existencia de um grande continente ao sul da ilha de São-Paulo e Amsterdam, o qual deve ocupar uma parte do globo desde 45 gráos de latitude sul até as proximidades do pólo, em espaço immenso ainda não penetrado.»

Taes eram as noções dos geografos, dos omens doutos, e dos proprios estadistas francezes acerca da terra avistada por Binot Paulmier de Gonneville, guiados pela tradição, e na auzencia da relação exacta da sua viagem.

§ 4.—*Busca do roteiro autentico.*

O desvario das concluzões bem demonstrou, que independente de novas informações não era possivel atinar com a realidade do que a tradição vaga apontava.

Do campo das investigações maritimas passou-se ao dominio dos archivos com a pesquiza de documentos, que autenticassem o descobrimento do navegante normando, e indicasse o ponto certo do seu descobrimento.

Na memoria do bisneto de Essomeric existia um extrato da relação da viagem do capitão seu antepassado; e essa relação deveria conter as noções precizas para o esclarecimento da verdade.

O navio *Espoir*, pois assim xamava-se a embarcação, que executára essa aventuroza viagem, ao xegar ás costas da Normandia em França, fôra salteado por piratas, e vio-se forçado a encalhar nas praias da ilha de Jersei. Os naufragos entráram em Onfleur, e em observancia das leis maritimas francezas, que obrigavam os navegantes de longo curso a depozitar no almirantado os seus diarios nauticos, o capitão Binot Paulmier e seus companheiros de naufragio redigiram uma relação da sua viagem, e a depozitaram no conselho do almirantado de Rouen, para suprir os diarios de bordo perdidos com o navio.

Não se duvidava pois, que nos archivos publicos existisse similhante documento. As pesquizas porém, antigas e modernas, tinham sido infrutiferas; e tamsomente subzistiam a tradição e as informações do conego, que não deixavam sahir das duvidas e incertezas.

Foi n'estas circunstancias, que em 1869 appareceu o documento dezejado, isto é, a relação autentica da viagem feita no navio *Espoir* pelo capitão Binot Paulmier de Gonneville, sahido de França em 1503.

Este documento pôz fóra de questão a viagem, e ministrou elementos para conhecimento da decantada terra austral, tão baldadamente procurada.

Como foi tal documento descoberto, o veremos da seguinte carta escrita pelo bibliotecario da biblioteca do arsenal em Paris a Armando d'Avezac, membro do Instituto de França, em data de 12 de Janeiro de 1869.

Carta ao Sr. Armando d'Avezac, membro do Instituto.

Biblioteca do Arsenal 12 de Janeiro de 1869.

Caro Senhor.—Com verdadeiro prazer vos envio o trexo de um pequeno manuscrito, que me parece desconhecido, ao menos em parte, e que copiei para vosso uzo, pois trata-se de uma antiga viagem de descobrimentos atribuida a um navegante francez, Binot Paulmier de Gonneville, de que vos ocupastes em douto relatorio dirigido á sociedade de geografia, em 1857.

Este manuscrito, composto de 12 folhas de escritura, que podemos fazer xegar aos primeiros annos do 18.° seculo, foi axado entre os papeis do marquez de Paulmi, que sem duvida intentára servir-se d'elle nas suas *Memorias tiradas de uma grande biblioteca.*

Creio, que quazi metade d'este manuscrito ainda está inedito.

O conego João Paulmier, bisneto do indio Essomeric, adotado por Binot de Gonneville, e trazido para França no regresso da viagem, que este navegante fizera aos mares austraes, publicou sómente algumas paginas da relação original, na obra rara e curioza, que editou em 1663.

Mando-vos cópia de tudo quanto não foi publicado pelo conego João Paulmier. Essa garatuja ao correr da pena vos provará, que empenhei-me em servir aos vossos doutos trabalhos geograficos, eu, profano, mas simpatico.

O prezidente Carlos de Brosses nos diz, que o conde de Maurepas, ministro da marinha, mandou fazer pesquiza

nos cartorios dos tribunaes do almirantado na Normandia, para descobrir o original da relação, que o capitão Binot de Gonneville devia ter ali depozitado, conforme o testimunho do conego de Lisieux ; mas não o poderam axar.

Agora tendes em vista a peça completa, que foi aprezentada no 10.° seculo, e registada em acto autentico do mez de Agosto de 1658.

A vós, istoriador dos nossos antigos navegantes, compete dizer definitivamente o que devemos pensar do capitão Binot Paulmier de Gonneville e da sua viagem de 1503.

Aceitae a segurança da minha afetuoza dedicação.

Paulo Lacroix.

---

§ 5. —*Veracidade do documento e fórma de sua publicação.*

O documento agora descoberto consiste em uma certidão da relação da viagem do navio *Espoir*, passada por autoridade publica e com solenidade judicial ; não póde pois ser recuzada a sua veracidade.

Descoberto elle, foi entregue ao eximio geografo Armando d'Avezac, como se vê da carta retro, o qual, tratando do preciozo axado, diz o seguinte : « O manuscrito, que possuimos, é cópia extrahida de uma certidão legal, entregue aos erdeiros de Binot Paulmier a 20 de Agosto de 1658, conforme a minuta conservada no archivo do conselho geral do almirantado de Rouen em data de 19 de Junho de 1505. »

De posse do manuscrito tratou o ilustre geograf francez de publical-o; e porque a contestura compacta da sua redação seria um motivo de obscuridade e fastio para o leitor, rezolveo o sabio publicador do manuscrito dar-lhe fórma mais amena e agradavel, explicando assim a sua fórma de publicação :

« O documento principal, religiozamente conservado

em sua redação antiquada e no estilo de cartorio, sómente foi despojado do aspecto bronco e penozo, que lhe dava a compacta sequencia do testo oficial; para isso bastou simples artificio e dispozição tipografica para darlhe acésso mais agradavel e mais graciozo seguimento. »

A publicação pois fez-se mediante a divizão do testo em titulos e paragrafos com os respectivos disticos da materia n'elles conteúda, como se verá na tradução, que adiante oferecemos.

O douto escritor francez publicou o documento nos *Annaes das viagens* (*Annales des voyages*) no anno de 1869, precedido de um prefacio em que discutio o mesmo documento, e as questões a elle atinentes, e do qual deduzimos as nossas considerações.

A publicação fez se com este titulo : « Relation authentique du voyage du capitaine de Gonneville ès nouvelles terres des Indes publiée intégralement pour la première fois avec une introduction et des éclaircissements.»

§ 6.—*Navegação do capitão francez.*

O aparecimento da relação autentica da viagem do navio *Espoir*, pondo fóra de duvidas o facto do descobrimento da terra austral tantas vezes buscada, subministrou indicações bastantes para o conhecimento e determinação de qual fosse ella.

O ilustre geografo, a quem foi confiado o manuscrito pelo inventor, expoz todas essas indicações e analizou-as, rezultando da sua analize o esclarecimento dos pontos obscuros da narração conservada na tradição, a marxa de toda a viagem, e o reconhecimento dos sitios, onde tocou o navio explorador.

Assim ficou patente, que o navio francez efetivamente veio ao Brazil, aqui esteve, e daqui regressou á França.

Todo o exame das provas rezumiremos nas seguintes concluzões, que restauram a perigrinação dos navegadores normandos :

1.° Que a 24 de Junho de 1503 o capitão Binot Paulmier de Gonneville sahio do porto de Onfleur no navio

denominado *Espoir* com destino ás Indias orientaes para especular em especiarias;

2.° Que esse navio, costeando a Africa com o fim de dobrar o cabo da Bôa-Esperança, depois de transpôr a linha equinocial, foi desviado do seu rumo por uma tempestade, e a 5 de Janeiro de 1504 avistou terra em situação desconhecida;

3.° Que essa terra é o Brazil, sendo o logar, onde xegaram os navegantes, um ponto da costa da nossa atual provincia de Santa-Catarina;

4.° Que esse ponto, a que o navio aportou, e onde os navegantes dezembarcáram a 6 de Janeiro de 1504, é a foz do rio de São-Francisco do Sul; *

5.° Que ahi se demoráram os navegantes francezes até 3 de Julho seguinte, partindo n'esse dia para França;

6.° Que em regresso, depois de 90 dias de navegação, tocaram em um ponto da costa, onde, sahindo gente do navio em terra, fôram mortas tres pessoas da tripolação por indios bravios;

7.° Que, dahi partindo, foi ainda o navio aportar em outro ponto da costa brazilica, na provincia da Bahia;

8.° Que, depois de alguma demora n'esse ponto, para o navio completar o seu carregamento de generos do paiz, partio e foi a 5 de Janeiro de 1505 avistar a ilha de Fernando;

9.° Que dahi encaminhou-se para França, em cujas costas foi acommetido por piratas, e vio-se forçado a encalhar nas praias da ilha de Jersei, donde a tripolação com o seu capitão á frente recolheu-se a Onfleur no dia 20 de Maio de 1505.

Tal foi a navegação e o exito da viagem do capitão Binot Paulmier de Gonneville no navio francez *Espoir*.

---

* Eis como se exprime Armando d'Avezac em sua analize da relação autentica:

« Como a terra, onde aportáram, era ao sul do tropico, e ahi xegáram ao cahir das calmarias, torna-se evidente, que o surgidouro devêra ser na costa do Brazil entre as latitudes de 24.° por um lado, e de 27.° a 30.° por outro.

« Ora, na latitude média entre os dous termos, aos 26.°10' sul dezembóca o rio de São-Francisco do sul, no paiz abitado pelos Carijós.

§ 7. — *Suposta prioridade de outras viagens.*

Restaurada assim a viagem tradicional do navio francez e declarada indubitavel a excursão fortuita do capitão normando, veio a certeza do facto sucitar no animo dos escritores francezes a idéa de viagens ao Brazil, anteriormente realizadas por navios da mesma procedencia do *Espoir*.

Essa pretenção foi buscar suas raizes na leitura da propria narração da viagem do capitão Binot Paulmier.

Com efeito diz elle, que ao seu commetimento precedêram viagens feitas alguns annos antes (dempuis aucunes années) por Diepezes, Maloinos, e outros Normandos e Bretões.

Daqui inferem esses escritores terem vindo patricios seus ao Brazil no principio do anno de 1500, ou antes, precedendo assim o aparecimento de Francezes nas costas d'America meridional aos navegantes espanhoes Vicente Pinzon e Diogo de Lépe, e ao almirante portuguez Pedro Alvares Cabral.

Armando d'Avezac, no seu trabalho concernente á relação autentica da viagem do *Espoir*, diz :

« Não é destituido de interesse para a istoria observar, que *de alguns annos para cá* antes de Junho de 1503, supõe pelo menos *tres annos* de antecedencia : o que demonstra, que os nossos navios iam desde a primeira metade do anno de 1500, quando menos, buscar no Brazil madeira de tinturaria. »

Não ficou a idéa sem ampliação e commentario; e um notavel professor de Dijon, oje nosso consocio, procurou sustentar a supozição assim aventada, e a dezenvolveu já em suas preleções catedraticas, e já na obra publicada sob o titulo *Istoria do Brazil francez.*

O autor d'esta obra, o Sr. Paulo Gafarel, extende o orizonte dos descobrimentos francezes, xegando a desfazer a idéa de ser Cristovão Colombo o descobridor da America, quando considera como realidade a viagem do seu compatriota João Cousin ao Brazil em 1488.

Intenta o ilustrado professor provar, que em 1488 alguns negociantes da cidade de Diépe armárão um navio, que sob o commando de João Cousin, notavel marinheiro normando, se aventurára aos mares e viera ter ao Brazil, donde regressára á França, depois de tocar na costa d'Africa para carregar generos mercantis.

O professor dijonense, sustentando esta e outras navegações francezas ao Brazil ou á America meridional, não desconhece a dificuldade da téze, quando não existe prova autentica e diréta de taes acontecimentos.

Não aparecem os roteiros das viagens; não ha pois certeza d'ellas, nem pormenores da sua execução: só ha conjeturas, que não suprem os factos.

Pretende elle, que o capitão Binot Paulmier tivera por antecessores da navegação do Brazil:

1.° João Cousin;

2.° Varios navegantes autores de viagens clandestinas.

§ 9.—*Navegação de João Cousin.*

Diz o nosso citado consocio, que o navegante francez João Cousin, partindo em 1488 para a sua expedição, entrára no Atlantico, e para evitar as frequentes tempestades da costa d'Africa aproveitára os ventos largos, e lançára-se em pleno oceano, donde, n'altura dos Açores, fôra arrastado a oéste por uma corrente marinha, aportando em terra desconhecida perto da embocadura de um rio immenso.

Para firmar este facto o autor considera-o possivel geografica e istoricamente; e assim o estabelece como verdadeiro.

O autor considera o facto geograficamente possivel, porque a tradição diepêza, segundo elle diz, funda-se com efeito no cazo de uma corrente pelagica, que deveria ter levado João Cousin ao continente americano. Ora (diz elle) essa corrente existe: ao largo dos Açores nace em pleno oceano um rio maritimo, que dirige-se ao oéste para as costas do Brazil, sóbe ao norte, contorna o

golfo do Mexico, sae pelo estreito de Bahama, e espraia-se na direção da Europa.

Istoricamente elle considera possivel a viagem, porque é constante, que os Diepezes empreenderam avançadas expedições na costa d'Africa; e assim podiam alcançar a corrente, e ser levados ao Brazil.

Mas porque um facto é possivel, segue-se, que elle existio? Porque realmente existe essa grande corrente no Atlantico, e porque os Diepezes fizeram viagens na costa d'Africa, segue-se, que João Cousin ahi veio, envolveu-se na corrente maritima e xegou ao Brazil?

Certamente ninguem o afirmará; apenas diremos todos, que a couza era possivel; mas não estando o facto firmado em prova direta da sua existencia, o não devemos admitir como real e istorico.

O proprio propugnador da existencia da viagem de João Cousin ao Brazil formalmente o diz: « Não existe prova alguma autentica d'essa viagem; nenhum documento oficial conservou a narração. »

N'estas circunstancias sustentar a viagem de João Cousin ao Brazil em 1488 só pela possibilidade d'ella, é o mesmo, que sustentar que Fenicios e Cartaginezes descobriram o Brazil antes da éra cristan, só porque a corrente oceanica existia, e esses antigos povos navegaram na costa d'Africa, e podiam ser arrastados para oéste até as nossas plagas.

A viagem de João Cousin sae pois da ordem dos factos istoricos, para divagar no campo das conjeturas.

O proprio Paulo Gafarel o declara, quando assim se exprime: « Reconhecendo não serem ainda assás solidas as provas de prioridade d'esta viagem (de João Cousin), confessemos todavia, que esse problema geografico merece discussão especial. »

Na Istoria Universal por Cezar Cantu, reformada e acrecentada por Antonio Ennes, lê-se o seguinte:

« Modernamente pretendeu-se provar, que um certo João Cousin, de Diépe, empreendeu uma longa viagem, descobrio em 1488 o rio Amazonas, e voltou no anno seguinte, tendo tocado n'Africa; esta viagem porém e

estes descobrimentos não lograram a onra de entrar como realidades nos fastos da siencia. »

§ 10.—*Viagens clandestinas.*

Afirma o nosso consocio já citado, que depois de João Cousin e antes de Binot Paulmier, realizaram-se varias viagens ao Brazil empreendidas por navios francezes.

Mas donde constam ellas ? De mera possibilidade.

Com efeito assim como era possivel a João Cousin vir ao Brazil, assim tambem o era a outro qualquer navegante. Logo as viagens se fizeram.

Não precizamos insistir no vicio de tal modo de escrever a istoria.

Para bazear as suas asserções afirmativas das viagens clandestinas ao Brazil, o autor da obra destinada a sustental-as procura explicar a falta de noticias d'essas antigas expedições nauticas por duas ordens de considerações deduzidas de duas cauzas, isto é, negligencia dos istoriadores, e silencio propozital dos viajantes.

Pelo que respeita á negligencia dos istoriadores, diz elle, que estes unicamente preocupados com façanhas, batalhas, e negociações dos seus soberanos pouco se importavam com essas viagens de obscuros negociantes, ou com descobrimentos, que não traziam aumento ao immediato poderio dos reis.

Assim as cronicas e annaes d'esses tempos omitem a menção das viagens feitas ao Brazil, movidas unicamente por interesses do commercio particular.

Emquanto ao silencio propozital dos viajantes ou negociantes francezes, pensa elle, que estes não divulgavam as suas excursões para evitar ostilidades por parte das duas nações, Portugal e Espanha, entre as quaes avía o poder pontificio distribuido a propriedade das terras descobertas no novo mundo.

« D'este modo (diz o ilustre professor) explica-se pela indiferença dos istoriadores oficiaes,e pela abstenção dos nossos maritimos, a auzencia de informações precizas

sobre as nossas navegações ao Brazil n'este periodo (de João Cousin a Binot Paulmier). Estas expedições todavia fizeram-se : foram numerozas e quazi regulares. »

Taes são as palavras formalmente afirmativas do autor da Istoria do Brazil francez, assegurando a existencia das viagens clandestinas dos seus compatriotas ao Brazil.

As provas oferecidas pelo mais esforçado sustentador da vinda de Francezes ao Brazil antes de 1504, isto é, antes da expedição do navio *Espoir*, não passam de conjeturas.

Procedem porém essas conjeturas? Não as julgamos valiozas e capazes de estabelecer, como factos, aquillo que poderia acontecer, mas que não está comprovado ter sucedido.

O descuido dos istoriadores não é admissivel, quando observamos, que os cronistas d'esses tempos são minuciozos, e não omitem factos de somenos importancia ; para convencer-nos do que basta lêr as cronicas de João Froissard: não suprimiriam pois esses cronistas factos, que contribuiam para a fama e gloria do seo paiz, quaes eram os descobrimentos longinquos.

Nos primeiros dias do axamento da America por Cristovão Colombo excitou-se o mundo europeo com a noticia do grande sucesso, e os povos entráram em competencia de viagens para novos descobrimentos: não é pois crivel, que os istoriadores francezes por mera negligencia omitissem nas suas obras a menção de viagens a paizes remotos, reputando-as sem valor algum, e indignas de commemoração.

A suposta falta de documentos autenticos atribuida ao propozito dos negociantes não é mais aceitavel ; porquanto, sendo obrigatoria a entrega dos diarios nauticos das viagens de longo curso nos archivos reaes, esses documentos ahi existiriam, si taes viagens se tivessem feito; e no correr dos tempos ahi seriam encontrados, como o foram os das viagens subsequentes á de 1503 do capitão do *Espoir*.

João Baptista Ramuzio na sua coleção de navegações e viagens (*Raccolte delle navigazioni e viaggi*),

publicada em Veneza nos annos de 1550 a 1559, faz menção da viagem do navegador francez João Diniz, feita ao Brazil no principio do seculo 10.°, aproveitando um documento que encontrou.

Elle esteve em França, e é natural, que ahi solicitasse informações para a sua obra; e certamente teria descoberto noticia d'esses roteiros nauticos das denominadas viagens clandestinas, si ellas tivessem existido.

Alega-se, como razão do não aparecimento d'esses documentos, o incendio dos archivos municipaes da cidade de Diepe; mas esse incendio sucedeu em 1694; e assim taes documentos teriam vindo a lume, quando por espaço de quazi dous seculos ali deveriam jazer, e não escapariam á curiozidade e á diligencias d'esses investigadores ávidos de publicar novidades e noticias, que interessavam ás noções geograficas, quando a França entrava na liça dos descobrimentos na America, povoando o Canadá, a Florida, e vindo ao Brazil assentar colonias no Maranhão ao norte e no Rio de Janeiro ao sul.

E tanto não era objéto de segredo as viagens feitas por Francezes ás terras do novo mundo, não obstante a gracioza partilha pontificia, que, entre outros factos reveladores do nenhum dezejo de manter em sigilo essas viagens, notamos o da expozição de sete selvagens levados do novo mundo para Rouen no anno de 1509 por navio francez. *

A doação feita pelo papa ás corôas de Portugal e Espanha das terras do novo mundo nunca foi impedimento para as demais corôas da Europa explorarem essas mesmas terras, nas partes por aquellas não ocupadas; e bem conhecida é a anedota atribuida ao monarca francez, que, desconhecendo os alegados direitos procedentes da munificencia papal, exigia do rei espanhol a aprezentação da verba testamentaria de Adão, pela qual fôra constituido erdeiro das terras do novo mundo:

Além d'isso a bula divizoria é do anno de 1494, e como,

---

* Anno 1509 septem homines sylvestres ex ea insula, quæ Terra nova dicitur, Rothomagi adducti sunt cum cymba, vestimentis et armis eorum. (*Eusebii Cesariensis Chronicon cum additionibus*).— Paris—1518.

segundo o nosso consocio francez, as viagens clandestinas seguiram-se á de João Cousin em 1488, é certo, que essas primeiras viagens, isto é, as efetuadas de 1488 até 1494, no espaço de 6 annos, não necessitavam de clandestinidade.

Um facto singular, isto é, uma ou outra viagem ao Brazil n'essas eras poderia passar dezapercebida; muitas viagens porém, e feitas regularmente, como pretende o ilustre professor francez, não podiam realizar-se sem tornarem-se notorias, e sem deixarem por consequencia memoria de si bastante para ser consignada nos istoriados, e nos documentos oficiaes contemporaneos.

As viagens clandestinas pois dos Francezes ao Brazil não existiram.

§ 11.— *Concluzão*

Não é sómente em vista do que fica expendido, que devemos considerar o navio *Espoir* como a primeira embarcação franceza vinda ás plagas brazileiras.

No seculo 16.° já reputavam-se como os primeiros Francezes vindos ao Brazil os navegantes, que na Bahia aportaram em 1504.

Assim o afirmava o autor do opusculo, que sob o titulo de *Informação do Brazil e suas capitanias* foi escrito em 1584, e enviado ao governo portuguez, de cujos archivos o ouvemos por diligencia do nosso finado consocio Visconde de Porto-Seguro, que tantos esclarecimentos conseguio por seus trabalhos para a nossa primitiva istoria patria.

N'esse opusculo vem um capitulo intitulado: *Da primeira entrada dos Francezes no Brazil*, e ahi se diz o seguinte:

« Na era de 1504 vieram os Francezes ao Brazil a primeira vez, ao porto da Bahia, e entraram no rio Paraguassú, que está dentro da bahia, e fizeram os seus resgates; e tornáram com boas novas á França, donde vieram depois 3 náos, e estando no mesmo lugar em

resgate, entraram 4 náos da armada de Portugal, e queimaram-lhe duas náos, e outra lhe tomaram com matar muita gente. »

Ora, esses Francezes, que na era de 1504 estiveram na Bahia em resgate, e dahi sahiram para França, não são outros, nem o podem ser, sinão os expedicionarios do navio *Espoir*, quando, partindo do seu ancoradouro do rio de São-Francisco do sul em Santa-Catarina, forão beirando o litoral do Brazil, e tomáram terra em dous pontos, segundo se vê da propria relação autentica da viagem aprezentada ante o almirantado francez em Rouen.

Podemos pois ter como certo, que antes de 1504 não vieram Francezes ao Brazil, e que por tanto o *Espoir*, sob o commando do capitão Binot Paulmier de Gonneville, foi o primeiro navio francez, que xegou ás costas do Brazil, seguindo-se daqui que, quando Francezes pizaram terras do Brazil ao sul do tropico austral em 6 de Janeiro de 1504, já essas mesmas terras, na região ao norte do mesmo tropico, tinham sido calcadas pelos navegantes portuguezes Pedro Alvares Cabral e seus companheiros em Abril de 1500, e já as suas costas desde 5 até 32 gráos de latitude meridional tinham sido percorridas pela expedição portugueza, que, com Americo Vespucio e sob o commando de André Gonçalves, viera exploral-as em 1501.

RELAÇÃO AUTENTICA

Os oficiaes do almirantado de França, no tribunal geral da meza de marmore do palacio em Rouen, fazemos saber, que dos registos do cartorio do dito tribunal do anno de 1505, foi extrahido e conferido com a minuta original o seguinte:

PARTE PRIMEIRA

Declaração da viagem do capitão Gonneville e seus companheiros ás Indias e observações feitas na dita viagem, aprezentadas em juizo, conforme requereram os oficiaes do rei, nosso senhor, e lhes foi ordenado.

SECÇÃO PRIMEIRA

Armamento do navio

§ 1.—*Origem e fim da empreza*

E primeiramente dizem, que, traficando em Lisboa o Gonneville e os onrados cidadãos João Langlois e Pedro Lecarpentier, vistas as importantes riquezas de especiarias e outras raridades trazidas para essa cidade por

navios portuguezes, que vam ás Indias orientaes, ha poucos annos descobertas, ajustaram entre si mandar um navio, depois de obterem minucioza informação de pessoas que tinham feito essa viagem, e de averem contratado por alto salario dous Portuguezes, que dali tinham regressado, um de nome Bastião de Moura, e outro Diogo do Couto, para com a sua experiencia os coadjuvar no trajecto para as Indias.

§ 2.—*Armadores e navio*

E porque os tres individuos ácima nomeados não tinham bastantes posses para por si sós levarem avante tamanha empreza, reuniram-se com os onrados cidadãos Estevão e Antonio, conhecidos por irmãos Thieri, André de Lamare, Batista Bourgeoz, Tomaz Atinal e João Carrel, rezidentes em Onfleur, os quaes nove cidadãos, por despeza e gastos commums, esquiparam um navio de porte de 120 toneladas, ou pouco menos, xamado *Espoir*, que apenas tinha servido para fazer a viagem á Amburgo, bom de casco e veloz, e um dos mais bem abastecidos de todos os aparelhos do porto de Onfleur; e não pouparam os armadores do dito navio couza alguma para bem provel-o, e conforme o inventario de mostra, n'elle avía o seguinte :

§ 3.—*Armas e munições de guerra*

Emquanto a munições de guerra :

2 Peças fundidas de cobre e latão.

2 Meias-peças de igual fundição.

6 Obuzes e morteiros de ferro fundido de varios tamanhos e calibres.

40 Mosquetes, arcabuzes e outras armas de fogo.

1.600 Libras de balas de diversos calibres para artilharia, além de 3 duzias de balas de cavilha e corrente.

Mais, em pelouros para as ditas armas de fogo, xumbo em lençóes e em barra, 400 libras.

Em ferragens e metralha para a dita artilharia 500 libras.

2.000 Libras de polvora, sendo a quinta parte a granel.

350 Milheiros de méxas para armas de fogo.

A dita artilharia montada em suas carretas e provida com o conveniente numero e quantidade de soquetes encabados com sacatrapo na ponta, desentupidores, lanadas, xapas, escovilhas, palmetas, pinças de mira e varias serpentinas, cartuxos de ferro e de madeira, peles de pergaminho e papel grosso para cartuxame, talhas com moitões, rocegas e outros aparelhos necessarios.

40 Lanças, dardos, alabardas e partazanas.

Item, mais de sobresalente:

2 Carretas.

6 Rodas de carretas.

1 Duzia e meia de pedaços de ferro, tambem de sobresalente.

6 Ganxos para gaixetes.

4 Duzias de agulhetas e atacadores.

§ 4.— *Material naval de sobresalente*

Item, em munições de nautica para sobresalente:

2 Ancoras, afóra as do serviço ordinario, pezando uma 500, outra 300.

2 Cabos tambem de sobresalente, um d'elles com 120 braças e outro com 100.

2 Cabos de maroma tambem de sobresalente.

600 Aunas de lona de algodão dobrada e singela e pano cru real para remonta das velas.

8 Vaquetas para bombas e vergas de gurupés.

6 Maxadinhas de aço para cortar enxarcia.

1 Duzia de maxadinhas de esgrima e de abordagem.

1 Leme e respectiva cana, de sobresalente.

E tudo foi verificado como exato pelo inventario supramencionado, e mostra a grande perda, que o dito capitão e cidadãos sofreram com o roubo e saque do seu navio, de que deram queixa perante a justiça, na qual tinham, por inadvertencia ou omissão, deixado de mencionar a quantidade e especie de suas munições.

§ 5. — *Vitualhas.*

Mais foi o dito navio provido de biscoito, grãos, farinha para quazi dous annos, em razão do numero da gente da tripolação ;

De ervilha, favas, toucinho, carne de cabra, e peixe salgado e seco, cidra e outras bebidas, afóra a provizão d'agua para mais de um anno.

E além d'isso foi abastecido de muito refresco antes da partida.

Assim como a ambulancia do cirurgião do dito navio foi aviada com varios medicamentos dos mais uzuaes e de instrumentos e utensis de sua arte.

§ 6. — *Mercadorias de permuta.*

Emquanto a mercadorias o navio foi carregado :

De pannos de diversas qualidades, 300 peças.

De maxados, pás, fouces, ancinhos, total 4 milheiros.

2.000 Pentes de varias qualidades.

50 Duzias de espelhos pequenos.

6 Quintaes de missanga de vidro.

8 Ditos de quincalharias de Rouen.

20 Grozas de facas e navalhas.

1 Fardo de alfinetes e agulhas.

20 Peças de droguete.

30 Ditas de fustão.

4 Ditas de panos escarlates e mais 8 duzias de diferentes côres.

1 Dita de veludo pintado e algumas de veludo dourado.

E dinheiro de prata, que sabiam ser mais aceito na India do que de ouro.

E tudo como costumam os Portuguezes carregar para terem lá e no caminho as couzas de melhor trafico.

§ 7. — *Formação da tripolação e dispozição da partida.*

Dizem, que no navio embarcaram-se 60 pessoas ; e por acôrdo de todos e especialmente dos consocios do

navio, foi constituido capitão e xefe principal o cidadão de Gonneville, para dirigir a viagem como entendesse com o parecer de André de Lamare e Antonio Thieri, por serem compartes do navio que faziam a viagem.

E para o mister do mar servia como piloto Colin Vasseur, de Saint-Arnous lez de Touques, bom pratico e mestre, e Nollet Epeudri, de Grestaing, como sota-piloto.

E todos, quer principaes quer simples companheiros, antes de partir, receberam os sacramentos, tanto em razão da fortuna de tão longinqua viagem, como pela duvida de os receber por tão longo espaço, pois que não avía capelão no navio e iam para fóra da cristandade.

E assim partiram do porto de Onfleur no dia do senhor S. João Batista do anno da graça de 1503.

SECÇÃO SEGUNDA

Viagem de ida

§ 8. — *De Onfleur ao Cabo-verde*

Dizem além d'isso, que, partindo com mar apenas balouçado por vento nordeste propicio, em 18 dias, ou quazi, xegaram ás ilhas Canarias, que sam terras altas, sobretudo a de Tenerife, entre a qual e Gomera passaram sem parar, demandando dahi a Berberia, e costeando o dito paiz, que é terra baixa e campanha raza.

De Berberia buscaram as ilhas do Cabo-verde, xeias de montes e roxedos, abitadas por Portuguezes, que fazem o seu principal trafico de cabritos, de que essas ilhas abundam.

E passando alem, xegaram á grande terra do dito Cabo-verde, paiz de Mouros, os quaes permutáram com a gente do navio o cuxu, especie de arrôz, galinhas pretas, e outras vitualhas por ferro, missangas, e outras bugiarias; e por elles foi o navio abastecido d'agua, e tambem limpo do caramujo; demorando-se aqui durante 10 dias.

§ 9.—*Do Cabo-verde ao equador*

Item, dizem, que, sahindo novamente ao mar, na vespera de São Lourenço, foi assentado correr ao longo das praias d'Africa para evitar os perigos, e a pestilencia da sua costa.

E então tinham vento mui favoravel, que durou seguramente por 6 semanas; salvo tufões que as vezes levantavam-se em tempo sereno, que muito incommodavam, mas eram passageiros.

E tambem eram incommodados por xuvas fetidas, que manxavam os vestidos; e caindo no corpo, levantavão borbulhas, e eram frequentes.

§ 10.—*Passagem da linha*

Item, dizem, que a linha do equador foi por elles transposta a 12 de Setembro; e viram aquem e além d'ella peixes voadores, movendo-se em bandos, como em França fazem os estorninhos, tendo azas como grandes morcegos e o tamanho quazi de um arenque branco: viam-se tambem dourados, golfinhos, e outros peixes, que os marinheiros apanhavam e comiam.

E então começou no navio o escorbuto, de que foram atacados bem dous terços da tripolação; e d'esse mal morreram o senhor Coste d'Harfleur, que por curiozidade vinha na viagem, Pedro Estieuvre, e Luiz Lecarpentier, d'Onfleur, Cardot Hercamp, artilheiro de Pont-Audemer, Marcos Drugeon, du Breuil, e Filipe Muris, de Pouques.

E desde então começaram a dirigir-se pelo Cruzeiro do outro pólo.

§ 11.—*Encontro de sargaços flutuantes*

Item, dizem, que, 8 dias depois do dia de todos os santos, viram flutuando no mar caniços compridos e grossos com raizes, que os Portuguezes diziam ser sinal

de aproximação do cabo da Boa-Esperança ; o que lhes cauzou grande alegria ; e porque não viam as aves denominadas *manga de veludo* (*manche de velours*) julgavam o navio em pozição muito abaixo do dito cabo ; como tambem porque sentiam muito frio.

§ 12.—*Ventos contrarios*

Dizem, que então começaram a ter tempo e vento contrarios, de sorte que durante tres semanas quazi nada avançáram.

E lhes morreu Colin Vasseur, seu principal piloto, de apolexia fulminante ; o que foi grande perda para a viagem.

E foi esta desgraça seguida de outra, a saber, de rudes tormentas, tão vehementes, que foram constrangidos a andar por alguns dias, á feição do mar, e sem governo, e perderam o caminho; com o que muito se afligiram em razão da necessidade, que tinham d'agua, e de refrescar em terra.

§ 13.—*Descobrimento de uma grande terra*

Dizem, que a tormenta foi seguida de calmarias, de maneira que pouco avançavam. Porém Deos os confortou; pois começaram a ver muitos passaros, que vinham e voltavam do lado do sul ; o que os persuadio, que não estavam longe de terra : e como para lá irem devessem voltar costas á India oriental, assim se fez, sendo necessario mudar a manobra das velas ; e a 5 de Janeiro descobriram uma grande terra, a que só poderam aportar na tarde do dia seguinte, por terem vento terral contrario ; e ancoraram em bom fundo.

E logo n'esse dia foram alguns tripolantes reconhecer a terra ; e na manhan seguinte foi mandado o escaler correr a costa para axar porto e voltou depois do meio dia, e conduzio o navio a um rio, que axára, o qual é quazi como o de Orne.

SECÇÃO TERCEIRA

Estada nas novas terras das Indias

§ 14. — *Estado do navio e consequentes rezoluções*

Dizem terem-se demorado no dito paiz até Julho seguinte, por terem axado o navio tão carcomido e estragado que tinha grande necessidade de calafeto : no que empregou-se não pouco tempo em razão da falta de operarios peritos n'esse mister.

Dahi lembra-se a marinhagem do navio de regressar á França, recuzando navegar para a India, dizendo não ter sido ainda este mar navegado por cristãos, ser tempo perdido, e tambem faltar o principal piloto, em quem repouzava a maior confiança da viagem ; e o peior era estar o navio incapaz de suportar a navegação. Assim por estas e outras razões fez-se auto por todos assinado para dezencargo do capitão, e ficou assentada a volta para a cristandade.

§ 15.— *Caracter e modo de vida dos indigenas*

Item, dizem, que durante a sua estada na dita terra conversavam amigavelmente com os moradores d'ella, depois que estes se familiarizaram com os cristãos, sendo angariados por meio de comidas e pequenas dadivas, que se lhes fazia ; sam os ditos indios gente simples, procuram apenas passar vida alegre sem grande trabalho, vivendo de caça e pesca, e do produto espontaneo da terra, e de alguns legumes e raizes, que plantam ; andam semi-nus, especialmente os moços e plebeos ; trazem mantos, já de esteiras finas, já de peles, já de penas, como uzam nos seus paizes os Egipcios e Boemios, com a diferença de serem mais curtos em fórma de aventaes atados pelos quadris, xegando até os joelhos nos omens, e nas mulheres até meia tibia ; pois omens e mulheres trajam

do mesmo modo, com a diferença de ser mais comprido o vestuario da mulher.

E as mulheres trazem colares e braceletes de ossos e conxas; não assim o omem, que em vez d'isso traz arco e flexa, tendo por dardo um osso convenientemente acerado e um venabulo de páo durissimo e tostado e despontado na parte superior: e n'isto consiste o seu armamento.

E as mulheres e raparigas andam com a cabeça descoberta, tendo os cabelos gentilmente trançados com delgados cordões de fibras erbaceas tintas de cores vivas e luzentes.

Emquanto aos omens, trazem compridos cabelos flutuantes com uma volta de altas plumas de cores vivas e bem ataviadas.

§ 16.— *Fertilidade da terra*

Dizem tambem ter penetrado na dita terra por dous dias de marxa, e mais na costa tanto á direita como á esquerda; e ter notado ser a dita terra fertil, copioza de animaes, aves, peixes, arvores e outras couzas singulares e desconhecidas na cristandade, das quaes o finado senhor Nicole Lefebvre, de Onfleur, que era voluntario na viagem, curiozo, e pessoa de saber, tirára os dezenhos: o que perdeu-se com os diarios da viagem na ocazião da piratagem do navio; a qual perda é cauza de se omitirem muitas couzas e boas informações.

§ 17.— *Abitantes*

Item, dizem ser a dita terra regularmente povoada.

E estam as abitações dos indios em aldeias de 30, 40, 50 ou 80 cabanas, feitas á maneira de praças de mercado com estacas fincadas e juntas umas ás outras, e ligadas por ervas e folhas, com que os ditos abitantes tambem se cobrem; e têem por xaminé uma abertura, por onde sae a fumaça. As portas sam de varas convenientemente ligadas,

e as feixam com xaves de madeira, como nos campos da Normandia se pratica com os estabulos.

E seus leitos sam de esteiras macias, xeias de folhas ou plumas e seus cobertores de esteiras, peles, ou plumagens; e os utensilios domesticos sam de madeira e até mesmo as panelas, mas revestidas de uma especie de argila com quazi um dedo de espessura; o que impede o fogo de as queimar.

§ 18.— *Governo*

Item, dizem ter notado ser a dita terra dividida em pequenos distritos, cada um dos quaes tem um rei; e embora os ditos reis não tenham melhor moradia nem melhor vestuario do que os vassalos, todavia sam mui venerados por estes; nenhum é tão atrevido que ouze recuzar-lhes obediencia, tendo elles o poder de vida e de morte sobre os seus súditos: e alguns tripolantes do navio viram um exemplo digno de memoria, a saber, de um rapaz de 18 a 20 annos, que em ocazião de disputa déra na propria mãe uma bofetada; do que sabendo o soberano, embora a mãe ofendida se não queixasse, mandou buscar o ofensor, e o mandou lançar no rio com uma pedra ao pescoço, xamados por avizo publico todos os mancebos da sua aldeia e das aldeias vizinhas, e ninguem pôde obter remissão, nem a propria mãe, que de joelhos veio implorar o perdão do filho.

§ 19.— *O rei e sua familia*

Este rei era o da terra, onde esteve o navio, e tinha o nome de Arosca.

O seu paiz tinha a extensão de um dia de marxa, abrangia talvez uma duzia de aldeias, cada uma das quaes tinha o seu capitão especial; todos obedeciam a Arosca

O dito Arosca era, conforme parecia, de idade de 60

annos, e então viuvo; tinha 6 filhos, rapazes de 30 a 15 annos, e vinha com elles frequentemente ao navio.

Omem de porte grave, estatura média, nédio e olhar bondozo; vivia em paz com os reis vizinhos, mas elle e estes guerreavam com os povos das terras interiores, contra os quaes, por duas vezes durante a estadia do navio, marxou levando 500 a 600 omens de cada vez.

E da ultima ouve no regresso muita alegria em todo o seu povo por ter alcançado grande vitoria, não passando as ditas guerras de excursões de poucos dias contra o inimigo. E teve muito dezejo, que alguns do navio o acompanhassem com armas de fogo e artilharia para amedrontrar e destroçar os seus ditos inimigos; mas os nossos escuzaram-se.

§ 20. — *Distinções exteriores*

Item, dizem, que não observaram sinaes alguns particulares, que distinguissem o dito rei e os outros reis do dito paiz, dos quaes vieram 5 vêr o navio, excepto trazerem os ditos reis as plumas da cabeça de uma só côr; e seus vassalos, ao menos os principaes, trazem á vontade na sua roda de penas alguns pedaços de pluma da côr da do seu soberano, que era o verde para o dito Arosca, ospedeiro da gente do navio.

§ 21.— *Acolhimento dado aos Europeos*

Item, dizem que, ainda quando os cristãos fôssem anjos decidos do céo, não seriam mais estimados por esses pobres indios, que estavam maravilhados da grandeza do navio, artilharia, espelhos e outras couzas, que viam no navio, e sobretudo de que por palavras de uma carta, que se enviava de bórdo á gente da tripolação, que andava nas aldeias, se lhe fizesse saber o que se queria; não podendo ninguem persuadil-os como o papel podia falar.

Assim eram os cristãos temidos por elles; e em consequencia de pequenas liberalidades, que lhes faziam,

de pentes, facas, maxados, espelhos, missangas e outros avelorios tão apreciados por elles, que para os adquirir, de boamente se despedaçariam, trazendo abundancia de carne e peixe, frutas e viveres, e tudo quanto viam ser agradavel aos cristãos, como peles, plumas, e raizes de tinturaria; em permuta do que se lhes dava quincalharias e os outros artefactos de pequeno valor; e assim reuniram-se perto de 100 quintaes dos mencionados generos, que em França dariam bom preço.

§ 22.— *Levantamento de uma cruz*

Item, dizem, que para deixarem no dito paiz sinaes de terem ali aportado cristãos, fez-se uma grande cruz de madeira, com altura de 35 pés e meio, bem pintada, a qual foi levantada em um monticulo á vista do mar, mediante bonita e devota ceremonia, a toque de tambor e trombetas, em dia especialmente dezignado, que foi o dia da pascoa de 1504.

E foi a dita cruz carregada pelo capitão e principaes pessoas do navio com pés descalços; e ajudavam n'esse trabalho o dito senhor Arosca, seus filhos e outros magnatas indios, sendo para isso convidados em sinal de distinção: do que mostravam-se contentes.

Acompanhava a tripolação, com suas armas, cantando a ladainha, e grande turba de indios de todas as idades, aos quaes com muita precedencia se faziam caricias e a tudo assistiam quietos e mui atentos ao misterio.

Infincada a dita cruz, deram-se varias descargas de escopetaria e artilharia, ouve banquete e fizeram-se decentes donativos ao dito senhor Arosca, e aos indios principaes; e emquanto ao vulgo, a ninguem se deixou sem algum mimo de pequenas bugiarias de pouco valor, mas d'elles prezadas; tudo para que conservassem memoria do facto; dando-se-lhes a entender por sinaes e por qualquer outro modo mais adequado, que deviam conservar e onrar a dita cruz.

E n'ella estava gravado, de um lado, o nome do nosso santo padre o papa de Roma, do rei, nosso senhor, e o

do senhor almirante de França, e do capitão, burguezes e companheiros desde o maior até o menor.

E fez o carpinteiro do navio esta obra, que lhe valeu um mimo de cada companheiro.

Do outro lado foi gravado um distico latino, feito pelo senhor Nicole Lefebvre acima nomeado, que por modo graciozo declarava a data do anno do levantamento da dita cruz, e quem a plantára; e dizia assim :

Hic sacra Palmarius posuit Gonivilla Binotus ;
*Grex socius pariter, neustraque progenies.**

§ 23.—*Dispozições de regresso*

Dizem tambem, que por fim, estando o navio calafetado, limpo e provido o melhor possivel para o regresso, foi rezolvido partir para a França.

E porque é costume entre os que xegma a novas terras das Indias, trazer para a cristandade alguns indios, fizeram tanta instancia, que o dito senhor Arosca consentio, que seu joven filho, que ordinariamente vivia em boas relações com a gente do navio, viesse para a cristandade, porque prometiam ao pae e ao filho trazel-o de volta dentro de 20 luas, ao mais tardar; pois assim significam elles os mezes.

E para mais os incitar, fazia-se-lhes crer, que a aquelles que para cá viessem, se ensinaria o uzo da artilharia; o que elles ardentemente dezejavam para poderem dominar seus inimigos, assim como aprenderiam a fazer espelhos, facas, maxados, e tudo quanto viam e admiravam entre os cristãos; o que para elles era o mesmo que prometer a um cristão ouro, prata, e pedrarias, ou ensinar-lhe a fazer a pedra filozofal.

Acreditando o dito Arosca firmemente n'estas couzas, estava mui contente por quererem levar o dito seu filho,

* O que traduzido em linguagem vernacula significa :
Este monumento foi aqui consagrado por Binot Paulmier de Gonneville, com assistencia da população indigena e da geração normanda.

que xamava-se Essomeric, e deu-lhe por companheiro um indio de 35 ou 40 annos de idade, xamado Namoa.

E elle e seu povo os vieram trazer ao navio, provendo-os de abundantes viveres, muitas e lindas plumagens, e outras raridades para fazer mimos de sua parte ao rei, nosso amo.

E o dito senhor Arosca e os seus esperaram a partida do navio, fazendo o capitão jurar, que voltaria dentro de 20 luas; e na ocazião da partida todo o dito povo fazia grande alarido, e davam a entender, que conservariam a cruz, fazendo sinal d'ella com dous dedos cruzados.

SECÇÃO QUARTA

Viagem de regresso

§ 24.—*Mão tempo e doenças*

Item, dizem, que então partiram das ditas Indias meridionaes no terceiro dia do mez de Julho de 1504, e depois só viram terra na vespera de São Dionizio, tendo corrido diversas fortunas, e sofrido febres malignas, de que foram acommetidas varias pessoas do navio, e morreram 4, a saber: João Bicherel, de Pont l'Evesque, cirurgião do navio, João Renoult, soldado, de Onfleur, Estenoz Vennier, de Gonneville junto a Onfleur, criado do capitão, e o indio Namoa.

E susitou-se duvida sobre o batismo de Namoa; mas o dito senhor Nicole dizia, que seria profanar o batismo em vão; por quanto o dito Namoa não conhecia a crença de nossa santa madre igreja, como devem saber aquelles que recebem o batismo na idade da razão; e foi crido o dito senhor Nicole como o mais entendido em materia ecleziastica d'entre os do navio.

Todavia depois teve escrupulos; e assim, adoecendo por sua vez o joven indio Essomeric, e perigando, foi por

seu parecer batizado, e lhe administrou o sacramento o mesmo senhor Nicole, e foram padrinhos o dito Gonneville, capitão, e Antonio Thieri, e em lugar de madrinha figurou André de Lamare como terceiro padrinho, e foi xamado Binot, nome de batismo do mencionado capitão; e istó sucedeu a 14 de Setembro.

E parece, que o batismo servio de remedio á alma e ao corpo; porque dahi por diante o indio melhorou, curou-se, e agora está em França.

§ 25.—*Escala por outra terra*

Dizem terem taes molestias provindo de axarem-se estragadas e apodrecidas as aguas do navio, e tambem do ar do mar, como observaram, notando que o ar de terra e carne e aguas frescas curaram todos os doentes. Pelo que, conhecida a cauza do mal, dezejavam todos a terra.

Ora, passado o tropico de Capricornio, e tomada a altura, axavam estar mais afastados d'Africa do que do paiz das Indias ocidentaes, onde, desde alguns annos, os Diepezes, e os Maloinos e outros Normandos e Bretões vão buscar madeira de tingir de vermelho, algodão, macacos e papagaios e outros generos, e como o vento de léste, que observaram reinar ordinariamente entre o dito tropico e o de Cancer, os impelisse para ahi, foi unanimemente rezolvido ir em busca d'este paiz, afim sobretudo de carregar taes mercadorias, e salvar os gastos da viagem.

E ahi xegaram na vespera de São Dionizio, como acima fica dito.

§ 26.—*Retrato dos abitantes.*

Item, dizem, que ahi axaram indios boçaes, nus, omens e mulheres, como sahiram do ventre materno, descuidados de cobrir as partes pudendas; pintando o corpo especialmente de preto; tendo beiços furados, e os buracos

guarnecidos de pedras verdes bem polidas e adaptadas ; retalhados em varios lugares da pele por gilvazes, afim de parecer mais formozos rapazes, imberbes, semitonsurados.

No demais crueis comedores de carne umana, grandes caçadores, pescadores e nadadores ; dormem suspensos em leitos feitos como redes, armam-se com grandes arcos, e maças de madeira, e não têem rei nem senhor ; ao menos nada observaram a tal respeito.

Alem d'isso abitam formozo paiz, de bons ares, terra fertil em frutos, aves, e animaes, e o mar piscozo, sendo as especies dessimilhantes das da Europa.

E fabricam o seu pão e bebidas de certas raizes.

§ 27. — *Dezastre entre estes canibaes*

Dizem, que nos lugares d'este paiz, onde aportaram, já tinham passado cristãos, como se patenteava por generos da cristandade possuidos pelos indios ; por isso não se admiravam estes de ver o navio ; todavia temiam sobretudo a artilharia e os arcabuzes.

E tendo dezassombradamente saltado em terra, quando alguns companheiros apanhavam agua, e outros andavam em terra sem armas por nada temerem, foram traiçoeiramente assaltados por esses malvados indios, que mataram um grumete do navio, xamado Enrique Jesane, apreenderam e carregaram para os bosques Tiago Lhome, conhecido pelo apelido de Lafortune, soldado, e Colas Mancel, marinheiro, todos de Onfleur ; e estas duas pobres creaturas perderam-se, sem se lhes poder dar socorro.

Estavam ainda em terra quatro omens, que alcançaram a lanxa, e salvaram-se, todos mui feridos, e um faleceu, apenas subio ao navio : e este era o ja mencionado senhor Nicole Lefebvre, o qual, movido de curiozidade, avía dezembarcado para terra ; e por todos foi muito lamentado, como merecedor de melhor sorte ; pois era afavel e sapiente.

§ 28.—*Nova arribada na distancia de cem leguas.*

Item, dizem, que este lastimavel acontecimento os obrigou a deixar o lugar do dezastre, e subir bem 100 legoas pela costa, onde axaram indios iguaes em feições, mas d'elles não receberam dano algum, e quando o intentassem fazer, nenhum mal praticaram, por que o cazo precedente advertia a não fiarem-se d'elles.

E ahi durante a demora do navio foi este carregado de viveres e mercadorias do dito paiz ja declarados, na quantidade mais extensa e circunstanciadamente mencionada na queixa aprezentada em juizo contra os roubadores do navio, como ahi se verá.

Essas mercadorias satisfariam os gastos da viagem, além de darem bom lucro, si o navio xegasse salvo ao porto.

§ 29.—*Partida definitiva.*

Item, dizem, que partiram do dito paiz entre dia de São Tomé e natal de 1504, tendo agarrado 2 indios, que dezejavam trazer á França; mas na primeira noite atiraram-se ao mar, estando o navio a mais de 3 leguas de distancia da costa; mas esses gentios sam tão bons nadadores que tal trajecto os não assusta.

§ 30.—*Do Brazil aos Açores*

Item, dizem, que elles n'esta estadia nada viram digno de observação além do que viram de passagem, e só no fim de 8 dias, depois da sahida, viram um ilhote dezabitado, coberto de verdejante arvoredo, donde sahião milhares de aves, e tantas que algumas vierão pouzar nos mastros e cordas do navio, onde se deixavam apanhar.

E pareciam as ditas aves volumozas com as penas, mas depenadas eram de pequena corpulencia.

E em cinco semanas, depois de muitas lufadas de vento sudoéste, ultrapassaram a linha (equinocial) e tornaram a vêr a estrêla do norte.

Depois tiveram ventos variaveis e algumas tormentas. E penetraram em um mar juncado de grandes ervas, carregadas de bagas arredondadas como ervilhaca ou xixarro, seguras por longos filamentos; e ahi é tão profundo o mar, que, lançada a sonda, não se axou fundo.

Emfim crendo estar apenas n'altura das ilhas Canarias, avistaram os Açores, e ancoraram no Faial a 9 de Março ultimo ; e ali receberam viveres e outras couzas, de que necessitavam.

Os ditos Açores sam abitados por Portuguezes.

§ 31.—*Ataque dos piratos*

E elles no mar fôram constrangidos pela tempestade a arribar á Irlanda para calafetar rombos do navio.

E com vento de feição navegaram felizmente até 7 de Maio ultimo, quando nas proximidades das ilhas de Jersei e Guernesei, quiz a desgraça, que se encontrassem com um inglez, chamado Eduardo Blunt, de Pleimouth, contra quem foi por commun acôrdo deliberado defenderem-se; o que se fez até que por detraz das ilhas apareceu outro corsario temivel, francez de nação, a saber, o capitão Mouris Fortin, bretão, já condenado por piratarias.

E então por não serem iguaes as forças, foi precizo ir encalhar na costa, onde as pessoas fôram em parte salvas, e o navio despedaçado e perdido com tudo quanto continha, excepto aquillo que os ditos corsarios ainda tiveram tempo de saquear emquanto o navio não foi ao fundo.

E entre os mortos e feridos contaram-se 12 pessoas e 4 que depois morreram na ilha em consequencia dos seus ferimentos, como tudo mais minuciozamente contem a queixa e querella que o dito capitão de Gonneville e seus companheiros aprezentaram em juizo; e á qual convem recorrer.

E os nomes dos falecidos são: Nollet Espeudri, piloto, morto de uma bala de artilharia, João Davi e Perrot, filho do dito João, Roberto Valasse, Guilherme Dubois, Guilherme Marie, Antonio Pain, Cardin Vastis, Jacob Sueur, o irmão do mesmo Jacob xamado Enrique, Roberto Mahieu, Claudio Venier, André de Rubigni,

Lebastard de Colvé, João Leboucher e Marcos Deschamps, todos de Onfleur e Touques, ou de seus arrebaldes.

E na ilha souberam o nome dos ditos corsarios e os males e piratarias, que estam acostumados a fazer nas circunvizinhanças e outros logares.

§ 33.—*Entrada em Onfleur*

Item, dizem, que da ilha, depois que melhoraram os feridos, passaram ao porto de Hogue, onde deixaram 3 doentes, a saber, Pedro Toustain, Pedro de Lamare, e o senhor de Saint-Clerimonier.

Os demais vieram por terra para Onfleur, onde xegaram a 20 de Maio proximo passado, em numero de 28, aqui nomeados, a saber : capitão de Gonneville, os ditos Thieri e de Lamare, burguezes, os dous Portuguezes, os senhores Potier, Dumont, Delariviére, Duham, Debois Lefort, todos mancebos aventureiros de Onfleur, João Cousin Senior, e outro dito Junior, Claudio Mignon, Tomaz Bourgeoz, Alexis Lami, Collas Vallée, Guilherme Leduc, Tomaz Varin, João Poulain, Gil Dufour, Roberto Heuzé, Leonardo Cudorge, Enrique Richard, Jacob Richard, e João Bosque, todos de profissão maritima, Leonardo Cavalier, e Tomaz Bloche, grumetes.

Tambem o indio Essomeric, aliás xamado Binot, o qual em Onfleur, e em todos os logares do tranzito era curiozamente comtemplado, por não ter jámais ido á França personagem de tão longinquo paiz ; estando os moradores da cidade alegres por vêr seus compatriotas regressados de tamanha viagem, e livres de cazos dezastrosos advindos mesmo no limiar da caza.

§ 33.—*Motivos d'esta declaração*

Item, dizem, que afim de terem, com o favor de Deus, futura reparação, elles e os burguezes compartes do navio, aprezentaram sua queixa e artigos em juizo.

E como os oficiaes do rei, nosso senhor, que os receberam, requizitassem, que, pela singularidade da dita viagem e conforme as ordenanças da marinha, que ordenam que á justiça sejam entregues os diarios e declarações de todas as viagens de longo curso, o dito capitão e seus companheiros assim fizessem, por isso, obedecendo á justiça, o capitão de Gonneville, os ditos André de Lamare e Antonio Thieri, que assistiram e dirigiram toda a viagem, não podendo com pezar seu exhibir os seus diarios, por se terem perdido com o navio, fizeram a prezente declaração : e tudo afirmam por verdade á justiça, e como tal entregam oje 19 de Junho de 1505, e assinaram.

O que acima fica é extrahido dos registos supramencionados, e conferido com a respectiva minuta, perfeita e inteira, devidamente assinada, sendo os registos aprezentados pelo guarda d'elles em obediencia á carta régia em fórma de compulsoria obtida pela senhora Maria Collet e outros, cujo teor é o seguinte :

PARTE SEGUNDA

CARTA REGIA

EM FORMA DE COMPULSORIA, CONTENDO ORDEM PARA EXTRAÇÃO DE UMA CERTIDÃO OU « VIDIMUS » DA DECLARAÇÃO DA VIAGEM DO CAPITÃO DE GONNEVILLE

Luiz, por graça de Deos, rei de França e de Navarra :

A nossos amados e fieis oficiaes incumbidos do nosso tribunal geral do almirantado de França, na meza de marmore do nosso palacio em Rouen, saude.

Por parte da senhora Maria Collet des Boues, viuva do finado senhor Paulmier, senhor de Courthoine, e de Pommeret, tutora de seus filhos menores, assim como por parte dos filhos maiores do dito finado senhor de Pommeret, e tambem por parte da senhora Simôa Paulmier, viuva do senhor Ledoux, senhor de La Roziére, litisconsortes da dita de Collet, nos foi reprezentado :

Que tendo sido de algum tempo para cá por nós ordenado, que os estrangeiros e seus decendentes seriam xamados a acudir ás necessidades do nosso estado ; intentam os encarregados da cobrança dos dinheiros reaes compreender em suas demandas a viuva Collet, embora seja ella de familia tão notoriamente originaria do paiz da nossa obediencia, que ella pode justificar como, ha 300 annos ou perto d'isso, um dos seus avós servia no emprego de capitão sob as ordens do condestavel Bertrand du Guesclin. Que a terra e senhorio de Boues no nosso viscondado de Auge, entrado na familia de Collet, é possuido por pessoas da dita familia já por 8 gerações. E que no anno de 1466, na verificação dos nobres da nossa provincia da Normandia feita pelo senhor Remond de Montsault, commissario para isso deputado, Guilherme Collet, senhor de Boues, quarto avô da suplicante, fôra reconhecido como decendente da familia desde então possuidora, no dito viscondado, do privilegio de nobrêza, desde tempo immemorial ; o que faz certo não poder arguir-se a sobredita familia de albinagio, nem tambem a dita Collet, pois sendo nacida nos nossos reinos de gentisomens originarios francezes, e tendo sempre vivido em França, não póde adquirir a qualidade de estrangeira ;

Que tambem os contratadores das taxas reaes pretendem particularmente compreendel-a como viuva, e tutora dos filhos mais moços do dito finado senhor de Pommeret e d'ella ; o que obrigava os outros filhos maiores e tambem á dita senhora viuva do dito senhor de La Rozière, irman do dito finado senhor de Pommeret, a reunir-se á suplicante para sustentar, que, embora não desconheçam, que Binot Paulmier, progenitor de sua familia em nosso reino, fôsse de origem estranha, e não se tenha n'elle naturalizado, todavia devem ficar

izentos de devassa, por ter sido o dito Binot trazido das Indias em navio francez como embaxador e sob promessa de o reconduzirem ao seu paiz natal dentro de determinado tempo, a qual promessa não fôra satisfeita, sendo alias impossivel ao dito Binot voltar a tão remoto paiz; e que não seria justo, que aquelle que veio e d'este modo permaneceu em França, bem como sua decendencia, fossem tratados da mesma sorte que os outros estrangeiros, que aqui vieram espontaneamente abitar; não sendo razoavel que os ditos decendentes do referido Binot sejão agora inquietados, porque outr'ora se lhes não cumprio a promessa.

E como a principal peça justificativa d'esta sua defeza é uma declaração da viagem feita ás ditas Iudias por outro Binot Paulmier, denominado vulgarmente capitão de Gonneville, aprezentada em Junho de 1505 perante os oficiaes do nosso almirantado em Rouen, como antigamente por louvavel justificação era observado por todos os capitães e pessoas do mar xegadas de viagens de longo curso; e que por outro lado os ditos suplicantes não possuem o original d'esse documento, que consideram como decizivo no processo, mas tamsomente uma copia, que os sobreditos contratadores sustentam não merecer fé, pedindo a exibição do original, couza impossivel aos suplicantes, porque, conforme dispõe o costume da nossa referida provincia da Normandia, os filhos mais velhos apossão-se de todos os titulos concernentes ao estado das familias, tendo os mais moços somente copia; de conformidade com o que o finado meu amado e leal conselheiro João Batista Paulmier, emquanto vivo primeiro prezidente dos tezoureiros de França na Provença, mais velho da dita familia, possuira outr'ora o dito original, como se menciona no instrumento e conferencia da dita copia, e abitando o falecido prezidente no dito paiz da Provença, afastado mais de 200 legoas do domicilio dos suplicantes, e não tendo alias deixado filhos varões, que tivessem interesse na conservação de taes titulos, mas somente uma filha cazada no dito paiz com o senhor de Fourbin, marquez de la Barben, é evidente ser couza impossivel, ou ao menos dificilima, a dita viuva e seus litisconsortes recobrarem o dito

original, visto o grande lapso de tempo, grande distancia dos logares, e outras circunstancias acima apontadas;

Eis porque dezejam ter uma certidão ou *vidimus* autentico obtido dos registos do vosso archivo; mas prezumem, que lhes oporeis obstaculo, por axar-se a declaração da dita viagem, conforme souberam, nos registos secretos do dito tribunal, si acazo os não provessemos de carta compulsoria, que lhes concedemos por graça especial.

Portanto vos mandamos, que, si nos ditos registos, ainda nos secretos e extraordinarios, estiver a dita declaração da viagem do dito capitão do Gonneville, deis, ou façais dar aos suplicantes as certidões ou *vidimus*, que requeridos fôrem.

E no cazo de recuza ou demora, mandamos ao nosso primeiro alcaide ou meirinho, a quem requerido fôr, faça todas as intimações e diligencias necessarias para a execução da prezente carta, expedida por interesse civil.

Pois tal é a nossa vontade.

Dada em Rouen aos 17 dias do mez de Agosto do anno da graça de 1658, 16.° do nosso reinado.

Pelo conselho :— Coquart

(Com rubrica e selado com selo de lacre amarelo sobre simples fita).

De tudo o que fizemos expedir o prezente, no qual imprimimos selo, e o entregamos para valer como original, e para servir aonde convier á dita senhora Collet, viuva do dito senhor de Pommeret, tutora dos ditos seus filhos, á dita viuva do dito de La Rozière, e aos demais suplicantes e litisconsortes.

Dada no dito tribunal geral a 30 de Agosto de 1658.— *Martel.*— *Carmille.*

Documento aprezentado em 1783 *pelo barão de Gonneville como copia da relação da viagem do capitão Binot Paulmier de Gonneville.*

A 19 de Julho de 1505 o capitão de Gonneville e a gente da sua tripolação embarcada no navio, o burguez

emprezario do armamento, no mez de Junho de 1503, advertidos pelo senhor procurador regio para fazer a nossa declaração de viagem por ocazião do nosso regresso, em virtude da queixa por pirataria do dito navio praticada por um corsario inglez, á vista das costas de França, perto de Jersei e Guernesei, dos diarios, cartas, papeis, diversas pinturas e plantas, e de perto de 10 quintaes de mercadorias, raridades, curiozidades, e outras couzas de valor,

Dizem, que, tendo levantado ancora no dito mez de Junho, em razão da fama das riquezas dos Portuguezes no novo mundo, e com o intento de axar n'aquelle continente ainda maiores, do porto de Onfleur, na foz do Sena, singraram direito ao de Lisbôa, passaram a Gran-Canaria, aquem das costas ocidentaes d'Africa, xamadas Cabo-verde, no decurso de Agosto, depois de ter corrido em direção ao Brazil, fizeram um trajecto de mais de 800 legoas sem ver terra alguma com o maior incommodo do mundo, sempre inquietados pela xuva e tempestade em grandes trevas a ponto de recearem por sua vida, e tiveram grande medo, embora fôsse o dito capitão mui versado em navegação, e foram forçados a dobrar o cabo de Agostinho (*Augoustin*), isto em Novembro, e n'esta carreira ao sul andaram couza de 600 legoas, o menos mal possivel.

Sendo porém n'esta viagem, na altura do cabo das Tormentas (*cap tourment*), batidos por vento furiozo sempre excessivo sem encontrar abrigo algum, viram-se em calmaria de um mar, que não conheciam, nem puderam atinar, não sabendo para onde volver-se, não podendo aproximar-se das costas, e perdendo-as de vista, de sorte que faltava animo e valor para proseguir no intento, sem outro auxilio além do de seus instrumentos para tomar a altura do sol, e xegar a uma pozição conveniente.

Mas tendo por fim aparecido alguns passaros, que vinham do lado do sul sem poderem ser bem reconhecidos, indicio de continente proximo para se esperar o descobrimento da terra, a que tinham grande precisão de aportar, por cauza de concertos, limpeza e falta de viveres, amainaram todas as velas, e correram mui velozmente

com bom vento do sul, no que trabalhava a maruja com toda a força, até que emfim, exhaustos e muito fatigados, avistarma em Janeiro de 1504 um continente, em torno do qual girava grande quantidade das ditas aves, as quaes esvoaçavam-se em derredor, notando-se entre ellas muitos papagaios de diferentes côres; o que a todos alegrava e enxia de tanta satisfação a ponto de saltarem de alegria e contentamento.

Depois ficaram sobremodo admirados de vêr um formosissimo e grande rio, que se assimilhava com o de Orne, que banha os muros da cidade de Caen n'esta provincia da Normandia.

Elles demoraram-se ahi, para os concertos e para fazer provizões para o dito navio, mui estragado e desprovido de tudo, por espaço de quazi 6 mezes, durante o qual percorriam muitas vezes as terras e iam vizitar as aldeias do paiz, os abitantes e suas cabanas; do que Nicole Lefebvre levantou carta.

Depois d'essa demora, bem calafetado e carregado o navio, partiram do dito paiz no terceiro dia de Julho de 1504, e depois só viram terra na vespera de São Domingos*, tendo sofrido diversas fortunas, e mui atormentados de febres, de que muitos foram atacados, e morreram no navio, tomaram novamente o caminho e navegaram até o momento em que foram salteados pelos piratas, e tudo perderam.

Observação de Amando d'Avezac

Este documento, encontrado em 1847 nos archivos do ministerio da marinha franceza, em um maço do cartas dirigidas ao ministro francez marexal de Cartries em 1783, foi aprezentado pelo barão de Gonneville como copia completa da relação da viagem do capitão Binot Paulmier de Gonneville, avô do dito barão.

Ha em tudo isso uma concordancia geral, que parece demonstrar, que o barão de Gonneville teve realmente em mãos um documento qualquer preenxendo de

* 10 de Outubro de 1501.

modo plauzivel as lacunas da narração abreviada do conego João Paulmier.

Parece, que tal documento não passa de um rezumo feito pelo barão da relação da viagem do seu avô, quando não queiramos supor ser alguma nota rezumida feita pelo mesmo capitão ou por algum dos companheiros d'este.

ROL DA TRIPOLAÇÃO DO NAVIO *ESPOIR* DE 120 TONELADAS

Capitão Binot Paulmier de Gonneville

Armado no porto de Onfleur para as Indias Orientaes. a 24 de Janeiro de 1503, e encalhado na costa da ilha de Jersei.

1 Binot Paulmier de Gonneville, capitão armador e xefe principal.

2 Antonio Thieri.
3 André de Lamare. } Ambos de Onfleur, co-armadores e adjuntos ao xefe principal.

4 Bastiam de Moura.
5 Diogo do Couto. } Ambos Portuguezes contratados em Lisboa para coadjuvar na direção da empreza.

6 Colin Vasseur, de Saint Arnoult les Touques, primeiro piloto; morto repentinamente d'apoplexia no mar a 30 de Novembro de 1503.

7 Nollet d'Espeudri, de Grestain, segundo piloto; falecido.

8 João Bicherel, de Pont-l'Eveque, cirurgião de bordo, falecido de febre maligna no mar além do tropico do Capricornio a... (entre Julho e Outubro) 1504.

9 O Senhor Nicole Lefebvre, de Onfleur, voluntario na viagem, curiozo, e pessoa de saber; ferido mortalmente pelos canibaes a 10 de Outubro de 1504.

10 O senhor Coste, de Harfleur, que por curiozidade vinha na viagem; falecido no mar de escorbruto, ao sul do equador a... (entre Setembro e Novembro) 1503.

11 Pedro Estieuvre, de Onfleur. 12 Luiz Lecarpentier, de Onfleur. 13 Cardot Deschamps, de Pont-Audemer, artilheiro. 14 Marcos Drugeon, de Breuil. 15 Filipe Muris, de Touques.	Falecidos de escorbuto, de 12 de Setembro a 9 de Novembro de 1503.
16 João Renoult, de Onfleur, soldado. 17 Estenot Vennier, de Gonneville junto a Onfleur, criado do capitão.	Falecidos de febre maligna no mar ao sul do tropico de capricornio entre Julho e Outubro de 1503.
18 Tiago Lhome, por velaxo Lafortune, soldado. 19 Colas Mancel, marinheiro, 20 Enrique Jesane, grumete.	Todos tres de Onfleur, mortos pelos canibaes a 10 de Outubro de 1504.
21 João Davi. 22 Perrot Davi, filho do precedente 23 Roberto Valasse. 24 Guilherme Dubois. 25 Guilherme Marc. 26 Antonio Pain. 27 Cardin Vastine. 28 Jacob Sueur. 29 Enrique Sueur, irmão do precedente. 30 Roberto Mahieu. 31 Claudio Verrier. 32 André de Rubigni. 33 Lebatard de Colvé. 34 João Leboucher. 35 Marcos Deschamps.	Todos de Onfleur, de Touques, ou das vizinhanças; mortos, afogados ou feridos mortalmente, no ataque dos piratas diante de Jersei e Guernesei a 7 de Maio de 1505.
36 Pedro Toustain. 37 Pedro de Lemare. 38 O Senhor de Saint Clerimonier.	Ficaram doentes em Hogue em consequencia das ofensas recebidas na ocazião do ataque dos piratas.

39 O Senhor Portier. 40 O Senhor Dumont. 41 O Senhor Delariviere. 42 O Senhor Duham. 43 O Senhor Debois Lefort.	Todos mancebos aventureiros de Onfleur.
44 João Cousin, senior. 45 João Cousin, junior. 45 Claudio Mignon. 47 Tomaz Bourgeoz. 48 Alexis Lami. 49 Colas Vallée. 50 Guilherme Leduc. 51 Tomaz Varin. 52 João Poulain. 53 Gil Dufour. 54 Roberto Heuzé. 55 Leonardo Cadorge. 56 Enrique Richard. 57 Jacob Richard. 58 João Bosque.	Todos de profissão maritima.
59 Leonardo Cavalier. 60 Tomaz Bloche.	Grumetes.

61 Essomeric, indio, de idade de 15 annos, embarcado a 3 de Julho de 1504 ; baptizado a 12 de Setembro seguinte no mar, com o prenome de Binot.

62 Namoa, indio, idade de 35 a 40 annos, embarcado a 3 de Julho de 1504 ; falecido de febre maligna, ao sul do tropico de Capricornio, antes de 12 de Setembro.*

---

* Traduzi a relação autentica da viagem, por estar esta peça escrita em antigo francez inçado de termos obsoletos e frazes antiquadas ; e constituir importante documento da nossa istoria primitiva, que convem encorporar aos dos archivos patrios.

Rio 25 de Janeiro de 1885.

T. Alencar Araripe.

BIOGRAPHIA

DOS

BRASILEIROS DISTINCTOS

POR

LETTRAS, ARMAS, VIRTUDES, Etc.

O Dr. Joaquim Caetano da Silva

(Lida na Sessão de 26 de Novembro de 1886)

Nome feito na republica das lettras, tendo deixado de si um rastilho luminoso, que o tempo cada vez ampliará mais, formado pela dupla irradiação do talento e do caracter ; ninguem mais digno de um pedestal de eterno bronze ou de alvissimo marmore neste augusto PANTHÉON das glorias nacionaes, que o Instituto Historico tem destinado aos que souberam pelo proprio merecimento elevar-se ácima dos seus contemporaneos, do que o dr. Joaquim Caetano da Silva, que não tive occasião de conhecer sinão pelas obras e pela fama.

Não se dirá mais com justiça que o Instituto esquece um dos seus filhos mais illustres. Si bem que pago em parte pela penna mais desauctorisada dos seus membros, não será menos sincero nem menos valioso o tributo de veneração e saudade que ora se presta á sua memoria, archivando-se nestas paginas os titulos do seu incontestado merecimento.

Já o dr. Joaquim Manuel de Macedo no seu *Anno Biographico*, sob a data 29 *de Agosto,* lhe delineára o retrato moral,memorando, diante do sepulchro recentemente aberto, os factos mais importantes da sua vida.

Nas *Ephemerides Nacionaes* não omitti o seu nome e os dados capitaes da sua biographia.

Na de 27 de Fevereiro de 1873 lê-se com effeito a seu respeito a seguinte referencia, a que a natureza d'aquelle trabalho não permittia dar-se mais largas proporções :

« Fallece na cidade de Niteroy o erudito dr. Joaquim Caetano da Silva, nascido a 2 de *Setembro* de 1810 na povoação da Guarda do Serrito, freguezia do Espirito-Santo de Jaguarão, provincia do Rio-Grande do Sul.

« Formara-se em medicina na Faculdade de Montpellier, em França, para onde fôra aos dezeseis annos de edade completar os seus estudos preparatorios e onde fez a mais brilhante figura como estudante. De volta para o Brazil exerceu o professorado no collegio de Pedro II no Rio de Janeiro, leccionando grammatica portugueza, que sabia a fundo, rhetorica e grego. Succedeu em 1839 ao bispo de Anemuria no cargo de reitor d'aquelle collegio. Em 1851 foi nomeado encarregado de negocios do Brazil na côrte dos Paizes-Baixos.

« Em Paris publicou elle no anno de 1861 a sua importantissima obra —*L'Oyapoc et l'Amazone: Question brésilienne et française*—, em dois volumes, obra que por si só seria sufficiente para decidir em nosso favor a secular questão de limites do Imperio com a França, pelo lado das Guyanas, si muitas vezes o interesse não obscurecesse a razão e o direito nos mais illustrados governos do mundo, e a força não supplantasse muitas vezes a justiça. Quanto a nós, o dr. Joaquim Caetano pronunciou a ultima palavra nesta melindrosa controversia internacional, que assoberbára o talento de um dos nossos mais intelligentes homens de Estado. »

Perfilhando a opinião do auctor do *Anno Biographico*, accrescentava eu :

« Como historica, geographica e diplomatica, essa obra bastaria para a gloria do Dr. Silva ; mas exalta-se ainda n'ella o alto merecimento do sabio brazileiro, que a escreveu em francez como se ufanaria de a ter escripto o mais provecto litterato da França (Dr. J. M. de Macedo, *Anno biographico brazileiro*). »

E concluia :

« Da sua obra *Mechanismo da lingua grega*, na qual era fama que se mostrava um hellenista profundo, nunca mais houve noticia. »

As datas extremas, que, como se vê, dava eu então para o seu nascimento e morte, foram colhidas no citado *Anno Biographico*, não tendo na occasião outras fontes de consulta, como ainda não tenho agora, que me satisfaçam de todo.

Ultimamente, porém, acontece que, no seu numero de 28 de Fevereiro, publicou *O Paiz* uma notavel e desenvolvida noticia bio-bibliographica do nosso benemerito consocio que me parece digna de registrar-se nas paginas da revista da associação que elle tanto honrou. Nesse valioso escripto, que o auctor deixou de firmar, não só se consigna o dia 28, e não 27, de Fevereiro para o seu fallecimento, como tambem o mez de Outubro, e não o de *Setembro*, para o seu nascimento, datas que estão em desaccordo com as do *Anno Biographico*, e portanto com as minhas nas *Ephemerides*.

O *Diccionario bibliographico portuguez*, monumento litterario que nunca perderá do seu valor real, que é enorme, é omisso a esse respeito, e o sñr. Brito Aranha, digno continuador de Innocencio da Silva, bebeu nas mesmas fontes.

Procurando, porém, agora nas publicações diarias do tempo, deparei no *Jornal do Commercio* de 1 de Março de 1873 com a noticia do obito de Joaquim Caetano, occorrido na verdade no dia 28 de Fevereiro. O proprio dr. J. M. de Macedo, no elogio historico dos socios fallecidos naquelle anno, lido na sessão magna do Instituto, dá aquelle dia para aquelle facto.

« Abatido, diz elle, depauperado de forças, annunciou todavia ao seu medico assistente que morreria de

uma congestão cerebral, e a 27 de Fevereiro d'este anno, quando o julgavam em grande melhora de padecimentos, a prophecia realisou-se, a congestão cerebral pronunciou-se; e *no outro dia* o Dr. Silva deu a alma á Deus. »

Assim pois, liquidada fica esta data. A do nascimento porém, como deslindal-a?

Segundo Innocencio, o dr. Joaquim Caetano fôra collaborador da *Minerva Brasiliense* e ha artigos seus no *Bulletin de la Societé Géographique de Paris.*

A sua *Memoria sobre os limites do Brasil com a Guyana franceza, conforme o sentido exacto do artigo* 8° *do tractado de Utrecht*, enserida no tomo XIII da nossa *Revista*, correspondente, como observa Innocencio, ao anno de 1850, posto que só fôsse apresentada em 1851, anda tambem reproduzida no tomo II da *Corographia Historica, Chronographica, etc., do Imperio do Brasil* do dr. Mello Moraes.

Eis a noticia biographica publicada pel' *O Paiz* na data indicada:

Benemeritos esquecidos

« Não é sem certa commoção que vemos despertar na alma da geração actual o sentimento da gratidão por alguns benemeritos servidores da Patria e glorias da nossa nacionalidade, esquecidos nos tumulos desconhecidos onde repousam ha tantos annos.

Essa reparação nacional equivale ao resgate de uma grande divida e serve para attestar o nobilissimo sentimento de que se acha possuida a geração presente, procurando honrar de certo modo a memoria dos grandes patriotas, perpetuando os seus nomes e a sua lembrança em symbolos materiaes que, ao menos, indiquem aos posteros em que humilde cova descansam os restos daquelles que trabalharam pela felicidade e pela grandeza da Patria.

Dessa immensa divida nacional vamos pouco a pouco persolvendo-nos.

S. Paulo vai finalmente erigir um modesto monumento sobre a campa de José Bonifacio.

Outros predecessores illustres reclamam igualmente, se não seu quinhão de gloria, ao menos uma parcella do reconhecimento publico.

E folgando de assignalar entre esses benemeritos esquecidos aquelle que foi em vida o Dr. Joaquim Caetano da Silva — o sabio illustre que escreveu sobre os limites do Brazil com o Guyana Franceza uma obra que vale por um exercito de cem mil homens alinhados nessa fronteira, é com prazer que abrimos espaço á seguinte rememoração dos seus serviços e trabalhos, esperando que os brazileiros não serão indiffentes á idéa de collocar sobre a humilde cova onde jazem os seus restos, uma lapide modesta que seja o testemunho da gratidão dos posteros.

---

28 DE FEVEREIRO DE 1886

Fazem hoje 13 annos que falleceu em S. Domingos de Nitheroy o sabio investigador do rio de Vicente Pinson, o Dr. Joaquim Caetano da Silva, que possuia no mais elevado grão — modestia, sabedoria e pureza de costumes.

Nascido a 2 de Outubro de 1810 na povoação chamada Guarda do Serrito, da freguezia do Espirito Santo do Jaguarão, seu pai, o cirurgião do exercito Antonio José Caetano da Silva, aproveitando a vocação que elle mostrava pelos estudos, o encaminhou á Europa, partindo o joven rio-grandense para a França aos 16 annos de idade, e começando a estudar em Montpellier desenvolveu-se-lhe logo o seu genio natural de profundo investigador em trabalhos a que se dedicava.

Fazendo parte de uma sociedade litteraria de brazileiros e de portuguezes, fundada por estudantes dessas nacionalidades, para cultivo da lingua portugueza, onde teve por companheiros Thomaz Gomes dos Santos, Fernando Francisco Lessa e outros, quando apenas contava 19 annos de idade, apresentou o joven Silva em sessão de 21 de Junho de 1829 um trabalho, relativamente importante,

ao qual intitulou — *Lista de quatrocentas e noventa palavras*, que Moraes não aponta no seu *Diccionario* e de que elle mesmo se serve quando explica os significados de outras dicções; apresentada como memoria do turno á sociedade litteraria Luso-Brasiliense de Montpellier, a 21 de Junho de 1829, por *Joaquim Caetano da Silva*, secretario da mesma sociedade.—Este trabalho, de que ainda se conserva o original, foi precedido de um discurso notavel para a idade do apresentante, do qual copiamos o seguinte:

« Meus senhores— A vergonha de vos ver continuamente apresentar a esta sociedade objectos da mais justa poderação, sem me emparelhar comvosco em tão gloriosa carreira, tem excitado em mim um zelo verdadeiro capaz de emprezas não pequenas, se a elle se ajuntassem qualidades que me faltam.

« Se as minhas circumstancias me não impuzessem outras obrigações mais forçosas, etc., etc., etc.»

Em 1832 novo trabalho apresentado á mesma sociedade com o titulo *Supplemento ao Diccionario de Moraes*. Este foi mais profundo. Eram quatrocentos e tantos vocabulos de obras de classicos portuguezes não lembrados pelo lexicographo Moraes.

Em 1836, continuando sempre com o seu genio incansavel, conquistou do *Cercle Médical de Montpellier*, a 11 de Fevereiro, o diploma de seu membro titular com o trabalho —*Fragment d'une mémoire sur la chute des corps*.

Estudante em paiz estrangeiro, sem recursos e dispondo apenas de uma pensão insignificante (seu pai era pobre), Joaquim C. da Silva obtinha alguns recursos leccionando a lingua franceza a estudantes francezes; leccionando a lingua de Racine e de Molière.

A 29 de Agosto de 1837 sustentou publicamente na Faculdade de Medicina de Montpellier sua these sobre idéas de philosophia medica e com ella obteve o gráo de doutor em medicina. Já nessa época era secretario particular do *Cercle Médical de Montpellier* e membro correspondente da Sociedade Real de Medicina de Gand.

Voltando para o Rio de Janeiro, foi nomeado a 21 de Fevereiro de 1838 professor de grammatica portugueza, rhetorica e grego do collegio de Pedro II.

Em 1839 foi nomeado professor do lyceu de Angra dos Reis para ensinar rhetorica e grego, mas não acceitou esta nomeação, sendo logo nomeado reitor do mesmo collegio de Pedro II em 26 de Junho do dito anno.

Sempre com o seu genio investigador, atirou-se a trabalhos sobre os limites do Brazil com a Guyana Franceza e, já como membro do Instituto Historico Brazileiro, leu em sessões de 26 de Setembro, 10 e 24 de Outubro de 1851, uma extensa memoria sobre esses limites, conforme o sentido exacto do art. 8º do tratado de Utrecht.

A 14 de Novembro de 1851 o governo nomeou-o encarregado de negocios junto ao governo dos Paizes Baixos e a 17 de Fevereiro de 1854 consul geral do Brazil no mesmo reino.

O Dr. Silva não cruzou os braços com estas duas nomeações : se até então os interesses vitaes dos limites de sua patria o preoccupavam, dahi em diante ainda mais o preoccuparam, pois para o Dr. Silva, acima de tudo a sua patria — o seu Brazil.

Trabalhou o incansavel investigador e trabalhou com o fervor que possuia aquelle coração de verdadeiro brazileiro, e com tanto amor pela patria, que levantou um baluarte inexpugnavel, com o qual tornou infecundas as pretenções da França sobre o territorio da Guyana na America.

Publicou em dous grossos volumes *L'Oyapock et l'Amazone*, a ultima palavra, irrespondivel, incontestada, sobre o direito e a justiça do Brazil na renhida questão do Oyapock. E' uma obra monumental, que só ella bastaria para firmar os merecimentos do notavel sabio brazileiro Dr. J. C. da Silva, que a escreveu em purissimo e correcto francez.

Não parou.

As *Questões Americanas* vieram sorprender aos que julgavam o Dr. Silva em descanso. Em 1863 occupou a attenção do Instituto Historico e Geographico Brazileiro com a leitura dos apontamentos com os quaes procurou esclarecer varios pontos obscuros — *A Antilia* e o *Brazil*, que A. de Humboldt não aprofundou bem. São dous

artigos que equivalem a dous monumentos, principalmente o intitulado *Brazil.* »

Foi inspector geral da Instrucção Publica da côrte, por nomeação do ministro conselheiro José Bonifacio, em 1863. Nesse cargo não cessou de propor medidas em beneficio da instrucção, as quaes eram quasi sempre contrariadas pelo ministro que succedeu áquelle conselheiro, e tanto havia nesse ramo de serviço que o desagradava, que no primeiro relatorio que apresentou declarou em conclusão que na Instrucção Publica havia:

Apparato grande.

Despeza grande.

Resultado pequenino.

Apostolo da liberdade do ensino, queria que se alargasse o circulo mais que acanhado em que encontrou a instrucção. Lutou, mas não conseguiu.

Os desgostos que lhe causaram tantas contrariedades augmentaram-lhe as acabrunhações daquella alma. e o moral cada vez mais se sentiu enfraquecer, vindo a fallecer em Fevereiro de 1873, quando occupava o cargo de director do Archivo Publico.

Em seu pobre e laborioso viver de 63 annos conheceu os verdadeiros amores de esposa e de filha.

Foi casado com D. Suzana Clotilde de Moinac, tendo tido logar o casamento em França. aos 24 de Novembro de 1837. Deste casamento teve uma filha, a quem adorou em vida.

Fallecendo em S. Domingos de Nitheroy, sepultou-se em Maruhy. Sobre sua modesta sepultura repousa o esquecimento do sabio brazileiro, do lexicographo e purista da lingua portugueza, do hellenista consummado, do incansavel investigador das cousas da patria, do investigador do rio de Vicente Pinson — o Oyapock e o Amazonas. Nem sequer a posteridade lhe levantou um altar no templo da Memoria, de sorte que a gloria de brazileiro tão sabio, tão profundo, tão honesto, não reflecte senão nos corações dos seus mais intimos. »

Completando a noticia d'*O Paiz*, ajuntarei:

Era o dr. Joaquim Caetano da Silva cavalleiro da

Ordem de Christo do Brazil, commendador da mesma Ordem de Portugal e official da Imperial Ordem da Rosa.

Fôra socio da Sociedade Real de Medicina de Gand, membro correspondente de 1ª classe do Instituto de França, socio da Sociedade Geographica de Paris e do *Cercle Médical de Montpellier*.

A proposito do monumento que diz a noticia supracitada vai erguer-se na campa de José Bonifacio, direi de passagem que em Abril do corrente anno o sñr. conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, então presidente da provincia de S. Paulo, encarregou de architectar tumulo condigno do immortal patriarcha ao laureado cinzelador do *Christo e a Magdalena*, o sñr. Rodolpho Bernardelli. Como se sabe, José Bonifacio jaz na igreja de Nossa Senhora do Carmo, na cidade de Santos, onde não ha ainda muitos dias lhe visitou a campa singela o Imperador, ajoelhando-se, segundo referem os noticiaristas da excursão imperial, deante do que resta do seu venerando tutor.

Voltando ao dr. Joaquim Caetano, lembrarei que o nosso infatigavel consocio, o sñr. dr. Moreira de Azevedo, se refere aos primeiros e promissores trabalhos do nosso philologo na sua erudita memoria *Sociedades fundadas no Brazil desde os tempos coloniaes até o começo do actual reinado*, impressa na *Revista do Instituto* do anno passado, parte II, pg. 287.

Devo ainda relembrar o serviço importante que o dr. Joaquim Caetano prestou não só ao Instituto como á Historia Patria, copiando no Archivo Publico de Haya, entre os annos de 1850 e 1853, documentos preciosos ali existentes, relativos ao periodo historico do dominio batavo ; serviço de mór valia que o snr. dr. José Hygino Duarte Pereira, nosso consocio hoje, acaba de completar com zelo e patriotismo superiores a todo o encomio.

Por diploma datado de 29 de Dezembro de 1838 teve o dr. Joaquim Caetano assento no nosso Instituto como

seu membro correspondente; a 15 de Abril de 1839 passou á effectividade do titulo e a 8 de Julho de 1859 foi elevado á alta categoria de membro honorario, predicamento que a nossa associação nunca barateia.

Da relação inedita das suas obras, que me foi cavalheiramente franqueada pelo nosso digno consocio o sñr. dr. Sacramento Blacke, transcrevo o seguinte, que servirá como que de recapitulação dos productos da sua actividade intellectual e do seu patriotismo.

Escreveu o dr. Joaquim Caetano da Silva:

Supplemento ao diccionario de Antonio de Moraes e Silva apresentado á Sociedade Litteraria Luso-brasiliense, creada em Montpellier para a instrucção mutua da lingua portugueza, relação de 490 nomes que haviam escapado a Moraes. Neste supplemento acham-se mencionados esses nomes, e mais quatrocentos tirados de outros auctores, como Garção, Diniz, Francisco Manuel do Nascimento, etc.

O manuscripto d'esta obra acha-se em poder do sñr. João Antonio de Oliveira, genro do auctor.

Fragment d'une mémoire sur la chute des corps, présentée au Cercle médicale de Montpellier le 11 *février* 1836.

Quelques idées de philosophie médicale, presentées et publiquement soutenues á la faculté de Médecine de Montpellier le 29 *aoust* 1837, *pour obtenir le grade de docteur en médecine.*

Memoria sobre os limites do Brasil com a Guyana franceza conforme o sentido exacto do artigo 8° *do Tractado de Utrecht.*

— Foi publicada na Revista do Instituto Historico, tomo XIV, de pp. 421 a 512, depois de lida em sessões de 26 de Setembro e 10 e 24 de Outubro de 1851.

Esta memoria foi laureada pelo Instituto. Reproduziu-a o dr. Mello Moraes na sua *Corographia historica do Imperio do Brazil*, como já ficou dito.

L'Oyapok et l'Amasone: Question brésilienne et francaise. Paris, 1861, 2 *vols. in-8° gr.*

Questões americanas.

« Com este titulo, diz o auctor, emprehendo apurar

varios pontos que Alexandre d'Humboldt deixou indecisos no seu *Exame critico da historia da geographia do novo Continente.* »

A molestia de olhos, que lhe sobreveio por esse tempo e lhe arrebatou a vista, não lhe consentiu que passasse de duas memorias: *Antilia*, publicada na Revista do Instituto, tomo XXVI, 1863, de pp. 269 a 300; e *Brasil*, lida em sessão perante o Instituto: revellam ambas, como pondera o dr. J. M. de Macedo, estudo descommunal; «na ultima, porém, na que trata da origem do nome *Brazil*, que ficou ao Imperio americano, maravilhão o criterio, e abysmo de averiguações, e a profunda sciencia que o elevou á orientalista applaudido pelos orientalistas mais celebres da França.»

Grammatica Portugueza.—Inedita.

Mechanismo da lingua grega.— *Idem.*

« Nesta obra, accrescenta o sñr. dr. Blacke, se revela o auctor um perfeito hellenista, segundo me informa pessôa competente, que a viu. »

Existem outros escriptos seus de menor tomo esparsos em revistas nacionaes e outras e alguns ineditos.

No tomo XV, 1852, da *Revista trimensal do Instituto* vem o seu

Appendice ao parecer do Sr. Diogo Soares da Silva de Bivar sobre o *Indice chronologico* do Sr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.

Neste escripto apresenta o auctor quarenta e oito duvidas ás asserções de Diogo de Bivar.

Sobre a gravidade. Publicado no tomo I, pp. 66 a 68 da *Minerva Brasiliense*.

O Oyapok: memoria apresentada á Sociedade de Geographia de Paris. Vem reproduzida na *Revista Popular* (Rio de Janeiro, B. L. Garnier), tomo I, pp. 37 a 42, 163 a 167, 224 a 232 e 39 *bis* a 45.

———

Eis o que me occorre dizer sobre este venerando morto. Fica assim resgatada a divida que o Instituto

tinha em aberto para com a memoria do seu tão illustrado quão virtuoso consocio, que soube, como Thomaz Gomes dos Santos, honrar na mocidade o nome brasileiro na terra estrangeira e glorifical-o na idade provecta no seu proprio paiz, pelo cultivo assiduo e serio das bôas lettras, até lhe bater a hora do somno derradeiro.

DR. J. A. TEIXEIRA DE MELLO.

O Barão de Villa Franca

(Lida na noite de 9 de Dezembro de 1886).

Discursar da vida de um heroe de cem batalhas, cujos feitos foram repetidos por todos os echos e apregoados pelas tubas da fama, graças á prodigiosa prodigalidade da imprensa, é por certo cousa facil. O assumpto por si mesmo se impõe. E', porém, seguramente mais difficil fallar de quem, recolhido da scena movediça da politica, consagrou o resto dos seus dias ás placidas fruições do lar domestico, sem comtudo se descuidar do que podia trazer proveito aos seus concidadãos, dando-lhes ás mãos cheias o fructo de suas locubrações e experiencia, sem atordoar o mundo com o ruido de seus passos. Venho tratar de um homem d'estes, que, depois de ter subido muito alto na escala da publica administração, fez como Cincinato: voltou aos campos e á charrua. A Historia lhe não tomará talvez o nome (si as multidões o

não acclamaram !) e elle, preenchida a sua missão, deslisou-se silenciosamente da penumbra da vida para a incommensuravel escuridão do sepulchro.

Intentei traçar-lhe a biographia quando vivia ainda, mas retrahiu-me a penna a presumpção de que a sua elevada posição social pudesse guial-a movida pelo interesse proprio : poderia parecer que se deixava ella levar por considerações humanas e cegar-se a suggestões pessoaes, que cerceiam a imparcialidade e obliteram o juizo, pois não raro costuma este descahir para o optimismo, si a sympathia pessoal está de permeio, ou pender para o pessimismo, si o odio lhe tempéra as tintas e ministra as idéias. Deante, porém, do sepulchro aberto de fresco esse receio desapparece.

Tomo, pois, desassombradamente a penna para esboçar a vida do barão de Villa-Franca.

I

O dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta, barão de Villa-Franca, filho legitimo do conselheiro Joaquim Ignacio Silveira da Motta e de d. Anna Luiza da Gama, nasceu a 26 de Julho de 1815 na cidade de Goyaz, a antiga *Villa-Bôa*, onde seu pae estava exercendo o cargo de ouvidor.

Fez os estudos preliminares na cidade do Rio de Janeiro e formou-se em sciencias sociaes e juridicas na Faculdade de S. Paulo, recebendo o grau de bacharel no anno de 1838. Na *Lista geral dos bachareis e doutores* que têem obtido o diploma naquelle curso, publicada por ordem do Governo, em 1884, pelo snr. Artidóro Augusto Xavier Pinheiro, figura o seu nome naquella data.

Serviu diversos lugares de magistratura desde o anno de 1841 até ao de 1852, sendo um d'elles o de juiz municipal em Maricá, interrompendo a sua carreira em commissões do Governo, onde quer que fôssem precisos os seus serios conhecimentos do direito e o seu zelo pelo publico serviço. No anno de 1848 exerceu o cargo de secretario do governo da provincia de Pernambuco sob a

presidencia do conselheiro Vicente Pires da Motta, e logo depois o de official de gabinete do ministro da justiça, o conselheiro Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, de quem desde então mereceu sempre o mais elevado conceito e que se conservou seu amigo até á morte.

Em ambos os cargos revelou o dr. Silveira da Motta taes dotes civicos que no anno seguinte, em 1849, era nomeado presidente da provincia do Piauhy. Em 1850 passou a presidir á do Ceará. Como se verifica das datas, administrou o dr. Silveira da Motta a provincia do Ceará em uma época de fermentação politica, que exigia no governo do Estado, e portanto nos seus delegados de confiança, espirito de justiça e energia temperada pela moderação: os rectos de coração sabem como hão de conciliar uma cousa com a outra: Silveira da Motta provou que o sabia.

Em Maio de 1852 foi encarregado de prover sobre os acontecimentos politicos da Bagagem, na provincia de Minas-Geraes, como chefe de policia.

Por carta imperial de 19 de Abril de 1859 foi nomeado presidente da do Rio de Janeiro, cargo que exerceu por dous annos. Desde esse tempo ficou o seu nome incluido na lista dos vice-presidentes d'essa provincia. Para dar a medida, só pelo lado economico, de quão fecunda foi esta sua gerencia, direi desde já que as apolices provinciaes, que estavam depreciadas, deixou-as elle ao par quando terminou a sua commissão.

Direi depois, com os documentos em punho, ministrados pelos jornaes do tempo de uma e outra parcialidade politica, como desempenhou o dr. Silveira da Motta essas importantes e melindrosas incumbencias.

Nesta curta resenha apenas quiz esboçar, de modo que se pudesse abraçar de um lance de olhos, a sua carreira ascensional na administração publica, para a qual tinha os predicados necessarios; alli podia altear-se a quanto era dado aspirar ao cidadão mais competente e mais fartamente dotado dos requisitos exigidos para os mais arduos cargos do Imperio.

Como magistrado procedeu sempre o dr. Silveira da

Motta com imparcialidade, que hoje talvez se não comprehenda. No governo sempre antepoz a felicidade publica a precarias conveniencias politicas, que rapidas surgem e rapidas se desvanecem, deixando após si o vacuo e a satisfação de interesses particulares em detrimento do interesse publico. Nas suas mãos nunca a administração foi transformada em instrumento politico e muito menos ainda em arma de combate ou escada para a exaltação da sua propria personalidade. Era divisa sua : *Quem não é contra nós é nosso.* Obedecendo a este preceito, tão são quão novo e desconhecido na politica contemporanea, não desviava a administração da sua senda, evitando assim os males que provêem da absorpção dos espiritos nas lutas politicas, de que resultam graves perturbações, não sendo a menor d'ellas o desperdicio de recursos que entendia deverem ser opportunamente aproveitados para o bem geral.

Os periodicos do tempo, sem distincção de matizes politicos, os *Annaes* do parlamento, onde o senador Alencar fazia votos pela duração da presidencia de Silveira da Motta no Ceará, dão idéia do quanto, não só nessa, como nas outras provincias que governou, soube manter a politica nos seus justos limites, resguardando a esphera administrativa da invasão de interesses e paixões partidarias.

Comquanto o futuro lhe acenasse com a perspectiva de vantajosas posições, desprendido de ambições politicas, procurou no campo o retiro que convinha á sua natureza tranquilla e contemplativa. Alli, no remanso do lar, que a felicidade domestica lhe rodeiou sempre de todos os conchegos que o desengano do mundo reserva aos eleitos, empregou as suas horas de lazer no estudo da physiologia vegetal e no das sciencias que têm ligação com a vida agricola.

Alliado á nobre familia de Araruama, nobre, não só pelos titulos com que a munificencia imperial a tem distinguido, mas tambem pelos mais delicados instinctos do coração e a mais aprimorada educação, fundida ainda, neste ultimo quartel do seculo, pelos moldes antigos ; alliado a esta familia modelo pelo casamento que contrahira com uma irmã do actual visconde de Araruama,

d. Francisca de Velasco Castro Carneiro, não só introduziu consideraveis melhoramentos agricolas e fabris na sua propria fazenda *Santa Francisca*, em Quissamã, como tomou parte activa e preponderante, com os outros membros da familia, no estabelecimento do engenho central d'aquelle nome, primeiro sob todos os aspectos não só do districto, como da provincia e quiçá do Imperio.

Em galardão dos seus serviços á causa publica e em consideração ás elevadas qualidades que já o ennobreciam no conceito dos seus concidadãos, deu-lhe o decreto de 16 de Janeiro de 1875 o titulo de barão de Villa-Franca, obtendo as honras de grandeza por decreto de 22 de Setembro de 1877. Foi o dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta o primeiro barão d'esse titulo. Tinha tambem a commenda da Ordem de Christo.

Sua viuva poucos dias lhe sobreviveu. Viviam um para o outro : dous elos da mesma cadeia, partido um, despedaçou-se o outro ao mais leve esforço do voraz minotauro que devasta a superficie do globo para povoar-lhe o sub-solo e as regiões ethereas. Alma delicada e culta, espirito educado nos mais sãos principios da religião e da familia, faltou-lhe aquelle braço, embora valetudinario, quebrou-se aquelle laço que mais a prendia á vida, e foi dormir com elle o somno dos mansos de coração. Esposa exemplar e dedicada, soubera fazer a felicidade de um homem de talento, de um varão honesto e justo.

O barão de Villa-Franca fallecêra em sua fazenda *Santa Francisca*, em Quissamã, victima de dilatação aortica, no dia 18 de Abril de 1885, e a baroneza o seguiu a 14 de Junho do mesmo anno.

Não deixaram descendencia.

O barão mandára imprimir em Paris, na typographia A. Hennuyer, em 1880, um opusculo de 40 pp. *in*-8°, com o modesto titulo *Note sur les plantes utiles du Brésil*, que fôra primitivamente editado no *Bulletin de thérapeutique médicale et chirurgicale*, ns. de Julho de 1879 em diante. D'esse opusculo possuo um precioso exemplar cuidadosamente corrigido da mão do auctor.

O snr. Brito Aranha, na continuação que nos está dando do *Diccionario* de Innocencio, menciona summariamente a obra seguinte :

— *Apontamentos juridicos*. Paris... Editores Laemmert.—

E accrescenta :

— Diz o auctor no prologo, que o seu fim « foi offerecer á mocidade que se destina ao estudo do direito um livro manual, que contendo por modo simples e conciso as indicações mais proveitosas do direito patrio, facilitasse o estudo e solução de questões juridicas e administrativas. » —

Eis aqui as indicações exactas d'essa obra :

—Apontamentos juridicos por Ignacio Francisco Silveira da Motta, bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela Academia de S. Paulo. *Paris, na imprensa de Vor Goupy e C., Rio de Janeiro, nas livrarias de E. e H. Laemmert, Garnier, e Freitas Guimarães*, 1865, 8°, de 533 pp., em fórma de diccionario.

Infelizmente são esses os unicos escriptos seus que viram a luz da imprensa, e talvez os unicos que coordenasse, além dos relatorios das suas administrações provinciaes.

O barão de Villa-Franca manejava entretanto a penna com facilidade, correcção e elegancia, posto que com sobriedade de imagens e figuras ; traçadas em estylo desaffectado e chão, irreprehensiveis no purismo da lingua, as suas cartas podem servir de modelo epistolar, quer versassem sobre os mais elevados assumptos economicos e politicos, quer apenas se occupassem dos mais comesinhos motivos da vida particular. Homem da acção quando administrador publico, cumprindo-lhe velar por grandes interesses sociaes, não teve o vagar necessario para archivar no papel as suas impressões e ideias ; além d'isso, a mais exaggerada modestia, que fazia a feição dominante do seu caracter, o traço mais saliente da sua physionomia moral, prejudicou grandemente a sua popularidade, cousa todavia de que se elle nunca queixou.

Si ha ahi entre vós algum que o tivesse conhecido e tratado de perto, esse dará sem duvida testemunho da minha fidelidade como biographo.

Alguns documentos, que guardo com o maior apreço, e alguns jornaes da época, publicados durante e depois das administrações do dr. Silveira da Motta, e os seus relatorios presidenciaes, poderão collocar o humilde delineador da sua vida na situação conveniente para manter a imparcialidade indispensavel e não faltar,— já não digo ao respeito á veracidade historica, mas á veneranda memoria do morto.

D'esses jornaes e documentos, auxiliares irrecusaveis para os futuros chronistas do Imperio, me aproveitarei com a devida sobriedade na 2ª parte do presente esboço biographico.

(*Continúa*)

DR. TEIXEIRA DE MELLO.

O Barão de Alhandra

Escrevem-nos de S. Petersburgo em data de 14 de Março:

« O Barão de Alhandra falleceu no dia 11. Esteve doente apenas cinco dias, mas de pé, e só no ultimo dia tomou o leito. Teve a principio uma inflammação de intestinos e logo depois o pulmão esquerdo affectado. Foi tratado com os maiores cuidados. Tres medicos o examinaram e logo disseram que attenta a idade avançada do illustre enfermo não havia esperança de salval-o. Mui pouco soffreu; póde dizer-se que expirou adormecendo tranquillamente. Além dos medicos estavam presentes os Srs. Schwabe, consul-geral do Brazil, e Gericke, nosso vice-consul em S. Petersburgo. Durante a molestia o barão não quiz receber visitas, affirmando que não estava

gravemente doente e que aquella pequena indisposição passaria depressa.

« Como na legação do Brazil não havia secretario ou addidos,o consul geral, segundo os estylos daqui, dirigio-se logo ao decano do corpo diplomatico, que é o embaixador da Allemanha. Mas, estando este enfermo, envion o secretario da embaixada e pedio ao ministro da Baviera, barão Gasser, que se dirigisse immediatamente á casa da legação do Brazil. Na presença desses dous diplomatas e do vice-consul Gerickes o consul geral Sr. Schwabe fechou e sellou os archivos da legação, os valores e todos os papeis particulares e objectos que pertenciam ao illustre morto, lavrando-se um protocollo que foi assignado pelas quatro pessoas presentes.

« Entre os papeis do defunto encontraram-se dous testamentos,um de 1875, instituindo herdeira de seus bens a baroneza de Alhandra, fallecida o anno passado, e outro de 1884. Este ultimo testamento tem a data de 18 de Junho, e annulla expressamente o anterior. Por este o barão constitue herdeiros de todos os seus bens, em partes iguaes, as netas de seu irmão Manoel Hygino de Figueiredo, já fallecido, as filhas legitimas de seu sobrinho Dr. Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo, as filhas nascidas do casamento de seu irmão Dr. Carlos Honorio de Figueiredo com D. Maria Candida de Araujo Vianna, filha do Marquez de Sapucahy e dama de S. M. a Imperatriz, e as filhas legitimas de seu irmão Joaquim Procopio de Figueiredo, já fallecido. Ao seu criado Pietro Breccia, italiano, residente em Roma, e que o servio durante muitos annos com affeição e fidelidade, deixa oitenta libras esterlinas, e ás pessoas que estavam a seu serviço por occasião do fallecimento deixa tres mezes de seus salarios. Institue por seus testamenteiros, na Europa, o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos, e no Brazil, seu sobrinho Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo, director da Polyclinica Geral.

« O funeral está marcado para o dia 16 do corrente (4 de Março no calendario russo), e será feito com a pompa e as ceremonias devidas á elevada posição diplomatica do finado.

« Esta morte tem sido geralmente sentida aqui, pois o velho barão de Alhandra era muito conhecido e estimado na côrte, no mundo diplomatico e na alta sociedade, tendo sabido conquistar durante 11 annos de sua residencia em S. Petersburgo as mais sinceras affeições e muitos amigos dedicados. Todos os jornaes têm fallado do digno representante do Brazil em termos de muita sympathia, lamentando a perda desse velho *gentleman*, sempre tão affavel, tão bom e tão distincto. No ministerio de estrangeiros não é menor o sentimento, e o nosso illustre escriptor e diplomata, barão de Jomini, que desde muitos annos ia todas as semanas visitar e entreter-se com o velho barão, ficou verdadeiramente consternado ao receber a triste noticia do passamento do seu querido amigo.

« Tudo o que se fizer até á chegada do successor do barão de Alhandra, será feito, como até aqui, de commum accôrdo, pelas quatro pessoas que preencheram as primeiras formalidades e assignaram o protocollo, isto é, pelo ministro da Baviera, o secretario da embaixada da Allemanha, o consul geral do Brazil e o vice-consul do Brazil em S. Petersburgo, e sob a direcção e o patrocinio do embaixador da Allemanha. »

— O Barão de Alhandra, José Bernardo de Figueiredo, era natural da provincia de Pernambuco, onde nasceu em 1805, e filho legitimo do brigadeiro Joaquim Bernardo de Figueiredo e de D. Isabel do Sousa e Figueiredo. Fez os seus estudos em Pariz, onde depois de terminar o bacharelado em lettras e sciencias, cursou as aulas da faculdade de medicina e recebeu o diploma de doutor. Regressando ao Recife, exerceu durante alguns annos a medicina, e a 17 de Março de 1835 entrou para a carreira diplomatica com a nomeação de addido de 1ª classe á legação de Pariz. Em 1839 foi removido para Roma como addido servindo de secretario, e em 1846 promovido a secretario. Por vezes esteve dirigindo a legação junto á Santa Sé, e nessa posição se achava quando acompanhou o Santo Padre a Gaeta por occasião dos acontecimentos de 1848.

Em 1850 foi removido para Napoles, onde se demorou apenas um anno, tendo sido nomeado em 1851 encarregado

de negocios junto á Santa Sé e á côrte de Florença. Elevado a ministro residente em 1866, foi em 1874 removido para S. Petersburgo no caracter de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario.

O Santo Padre Pio IX, que, quando ainda cardeal, pudera conhecer e tratar de perto o barão de Alhandra, e depois o vio constantemente á frente da legação brazileira durante quasi todo o tempo do seu longo pontificado, testemunhou sempre ao nosso compatriota e á baroneza de Alhandra a mais particular estima e tocante affeição. Em Roma, onde residio 35 annos, como em S. Petersburgo, onde passou os ultimos 11 annos de sua vida, soube o velho barão de Alhandra escolher com muito tacto os seus amigos, conquistar amizades sinceras e ganhar as melhores relações no mundo official e nos circulos aristocraticos, relações que facilitaram sempre o bóm exito das negociações de que foi encarregado. No Brazil é que haviam desapparecido, como elle dizia tristemente, não ha muitos mezes, todos os seus velhos amigos, Olinda, Paraná, Uruguay e Sapucahy.

Foi casado com uma senhora de distinctissimo merecimento e summo espirito, D. Amelia Anna de Figueiredo, baroneza de Alhandra, nascida em Inglaterrra, filha legitima de Ralph Forster e de Amelia Temple Forster. Desse consorcio houve apenas um filho, Antonio Guilherme de Figueiredo, que seguio, como seu pai, a carreira diplomatica, e foi morto em um duello, perto de Florença, no anno de 1868. A baroneza de Alhandra falleceu, em S. Petersburgo, no dia 5 de Maio do anno passado.

Contava o barão de Alhandra, ao fallecer, no dia 11 de Março ultimo, 80 annos de idade e 50 de serviços na carreira que seguio e sempre honrou. Era o decano do nosso corpo diplomatico, e o anno passado recebêra de S. M. o Imperador a elevada mercê de Grã-Cruz honorario da ordem da Rosa. O titulo de barão de Alhandra lhe havia sido concedido em 1872, após a primeira viagem de Suas Magestades á Europa.

O finado era moço fidalgo com exercicio na casa Imperial, e além da grã-cruz da Rosa, possuia o habito de cavalleiro da ordem brazileira de Christo, e grã-cruz

da ordem pontificia de Christo (a mais elevada distincção que podia dar-lhe o papa Pio IX, e que recebeu ao partir para S. Petersburgo), as grã-cruzes da ordem pontificia de S. Gregorio Magno, de Francisco I de Napoles e de Sant'Anna da Russia, e a commenda da real ordem militar portugueza de Nosso Senhor Jesus-Christo.

Os funeraes do nosso ministro na Russia, barão de Alhandra, effectuaram-se em S. Petersburgo no dia 16 de Março, cinco dias depois do fallecimento do velho diplomata. Escrevem-nos a este respeito:

« A's 10 horas da manhã foi o corpo conduzido da casa da legação, na rua Millionaya n. 9, para a igreja catholica de Santa Catharina, onde ás 11 horas começou um officio funebre. O templo estava litteralmente cheio, e todos os diplomatas, altos funccionarios e militares vestiam grande uniforme, tendo laços de fumo no braço esquerdo e nos punhos das espadas. O Imperador e a Imperatriz fizeram-se representar por S. Ex. o principe Dolgorouki, grão-mestre de ceremonias do palacio. Todos os membros da familia imperial deram identica commissão aos seus camaristas de serviço. Os membros do gabinete, quasi todos os do conselho do imperio, senado e outras grandes corporações do Estado, assim como o corpo diplomatico inteiro, com a unica excepção do embaixador da Allemanha, que se achava enfermo, muitos dos primeiros dignitarios da côrte e dos ministerios, e numerosas senhoras da alta sociedade enchiam o templo. « Todos, diz o *Journal de St. Pétersbourg* de 17 de Março, todos quizeram assim dar esse ultimo testemunho de sympathia e estima ao lamentado barão de Alhandra, e acompanhar até ao lugar do eterno descanso os seus restos mortaes.

« Um regimento de infantaria da guarda imperial e um corpo de cavallaria, tambem da guarda (Cosacos do Don), postados nas visinhanças da igreja, faziam as honras militares. Terminado o officio funebre, foi o caixão conduzido até ao coche da casa imperial por SS. EEx. os Srs. conselheiros privados Nicoláo de Giers, ministro dos negocios estrangeiros, A. Vlangaly, adjunto do ministro, e barão Jomini, primeiro conselheiro do ministerio dos

negocios estrangeiros, por Sir Eduardo Thornton, embaixador da Inglaterra, general Appert, embaixador da Republica Franceza, Conde de Dudzeole e barão Due, enviados extraordinarios e ministros plenipotenciarios da Belgica e da Suecia, e almirante Samuel Greig, membro do conselho do imperio.

« Quasi todos os ministros e altos funccionarios russos ultimamente agraciados pór S. M. o Senhor D. Pedro II, varios membros do corpo diplomatico estrangeiro que serviram no Brazil, e alguns almirantes e officiaes da marinha russa que receberam igual honra por occasião da visita do Grão-Duque Alexis ao Rio de Janeiro, traziam ao peito unicamente as insignias da ordem brazileira da Rosa.

« A's 12 1/2 horas partio o cortejo funebre, entre alas de soldados de infantaria. Na frente ia a cavallaria da guarda, depois os carros da casa imperial e o coche funebre. Atrás deste seguiam cerca de 500 pessoas, das mais distinctas de S. Petersburgo.

« O prestito encaminhou-se assim pelas perspectivas Newsky e Liteinaya, atravessou a ponte deste nome, e á 1 1/2 hora da tarde chegou ao cemiterio catholico no arrabalde de Vibourg, margem direita do Bolshaya Nevka (Grande Newa).

« No cemiterio seguraram nos cordões do caixão SS. EEx. os Srs. principe Dolgorouki, representante de SS. MM. o Czar e a Czarina, conselheiros privados Klangaly e barão Jomini, do ministerio de estrangeiros, os embaixadores da Inglaterra, Austria-Hungria, França e Italia, e o ministro plenipotenciario da Belgica.

« Os restos mortaes do barão de Alhandra foram depositados em uma sepultura ao lado da em que se acham os da baroneza, fallecida em Maio do anno passado. »

O Journal de S. Pétersbourg, orgão officioso do ministerio dos negocios estrangeiros, disse o seguinte, em seu numero de 12 de Março, noticiando a morte do barão de Alhandra :

« O corpo diplomatico residente em S. Petersburgo perdeu esta manhã (11) o seu decano na idade, o barão de Alhandra, ministro do Brazil. Contava 81 annos o

diplomata brazileiro, e, após alguns dias de enfermidade, acompanha ao tumulo, com dez mezes de intervallo apenas, aquella que durante meio seculo fôra a fiel companheira de sua longa existencia, e a cujo lado irá descansar no cemiterio catholico do bairro de Vibourg.

« A noticia da sua morte produzio o mais geral sentimento, e entre os seus collegas do corpo diplomatico, como na nossa alta sociedade, deixará o digno ministro do Brazil as mais vivas saudades. Era elle um robusto velho, activo, fazendo por si mesmo tudo, tendo a *coqueterie* de não responder quando lhe perguntavam pela sua idade, e não parecendo, com effeito, ser tão adiantado em annos.

« Lutou com a morte até ao derradeiro alento, sem acreditar que a sua hora fatal tivesse soado. Ainda hontem á noite, esta manhã mesmo, dava instrucções aos seus criados, e impunha silencio aos amigos e collegas que lhe iam offerecer obsequiosamente seus serviços. «*Je n'ai rien, je ne suis pas malade,* » respondia aos que tentavam fazer entrever o fatal desfecho.

« Cinco minutos antes de expirar, quando tranquillamente ia adormecendo, exclamou : « *Bien vite, mon chapeau, mon pardessus et ma canne, je dois aller à Rome* ! » Em Roma esteve o Sr. de Alhandra acreditado durante muitos annos antes de occupar o posto de S. Petersburgo.

« Foram aquellas as suas ultimas palavras.

« O defunto não deixa parentes conhecidos aqui, e como não tinha secretario, e a legação do Brazil achase presentemente sem titular, coube ao embaixador da Allemanha, como decano do corpo diplomatico, proceder ás formalidades do estylo.

« Entre os seus papeis foi achado um testamento de data antiga e outro mais recente, mas não conhecemos as suas disposições. Daremos noticia da data dos funeraes. »

— Todas as outras folhas de S. Petersburgo dedicaram artigos á memoria do nosso compatriota e descreveram o seu funeral. (*Gazetilha do Jornal do Commercio* de 9 e 16 de Abril de 1885). —

Completamos assim, com a biographia d'esse nosso ilustre consocio, a noticia que d'elle se dá no *Elogio historico* dos socios do Instituto fallecidos o anno passado de 1885.

N. DA R.

FREI BASTOS

OU

FREI FRANCISCO XAVIER DE SANTA RITA BASTOS BARAÚNA

Não ha em todo vasto imperio do Cruzeiro quem não conheça frei Bastos, quem não tenha ouvido contar algum dos immensos e interessantes factos da vida do *Bossuet brazileiro*, como por antonomasia o chamavam os de sua época ; mas só o que todos sabem é que frei Bastos foi um frade de um talento maravilhoso, e de vida a mais desregrada. E' assim que, propondo-me a escrever uma ligeira noticia d'elle, foi baldado todo o meu empenho para saber ao certo as datas de seu nascimento e de seu obito [1] e só pude apurar que nasceu na provincia da Bahia pelo anno de 1785 e falleceu em 1846.

Religioso da ordem seraphica de S. Francisco, foi um dos oradores mais fecundos, eruditos e eloquentes que o Brazil tem produzido, e poeta de não menos merito ; mas, apreciador da vida livre do seculo, com a mais completa negação para o claustro, não quiz, entretanto, secularisar-se, nunca. Preferio viver em repetidas ausencias do convento, sem licença, em luta continua com

---

(1) Dirigi-me a tres religiosos franciscanos da Bahia, pedindo-lhes apontamentos relativos a frei Bastos, e á um delles uma segunda vez, pedindo-lhe ao menos a data do seu nascimento e a de seu obito, e nada me responderam. Dirigi-me a dous ou tres parentes do mesmo frei Bastos, e de um obtive só a promessa de que me enviaria algumas notas, que ainda espero. Ultimamente o meu amigo, commendador Umbelino Guedes de Mello, pedio a um frade seu amigo, tambem da Bahia, o mesmo favor, e nenhuma resposta veio ainda.

seu prelado, e soffrer, por isso, prisões successivas no respectivo carcere.

Devoto incensador do jogo, do vinho e das mulheres, era preciso, muitas vezes, ir arrancal-o á seus idolos na hora em que devia subir á tribuna e então era, de ordinario, quando mais brilhava sua eloquencia admiravel, a maior parte das vezes improvisando seus discursos, e sempre arrebatando seus ouvintes.

Na falta imprevista de algum pregador era elle o lembrado; só restava encontral-o, e isso é o que não era facil.

Entre muitos factos identicos que conheço, citarei apenas um, que lhe valeu o titulo de pregador régio. N'uma festa solemne, já presentes o rei, toda sua côrte e nobreza, faltou o orador por doente. e foi frei Bastos lembrado para remediar a falta imprevista. Um alto personagem foi encontral-o n'uma botica á rua do Carmo. e elle improvisou, como costumava, um sermão em que a eloquencia sagrada tocou ao sublime, arrancando geraes applausos.

O proprio senhor D. João VI o applaudio e, quando sua magestade, lhe demonstrou o desejo de fazer-lhe uma graça, dizendo-lhe que declarasse o que queria, frei Bastos—com o coração a saltar-lhe de jubilo, só lhe respondeu: *licença, senhor, licença para sahir*. Nem lhe fallou no titulo de pregador régio; que para elle valia essa faculdade, inherente ao titulo, muito mais do que as honras d'este. Pouco, porém, valeu-lhe semelhante graça; porque muitas vezes, quando sahia á rua, esquecia-se da volta para o convento; era preciso que o guardião mandasse procural-o e, ou o seu estado ou os logares, em que era encontrado, eram taes que, em vez de ser-lhe franqueada sua cella, o que se lhe abria era o carcere.

Foi á frei Bastos que o laureado poeta Junqueira Freire dirigio a sua sentida e exprobatoria poesia que começa:

> Porque te afogas, Bossuet brasileo,
> No immundo pégo da lascivia impura?
> Porque teus louros triumphaes nodôas
> C'as roxas fézes do azedado vinho?
> Porque continuo tua gloria assopras
> Nos leves bafos do charuto ardente?

Como disse um distincto litterato, que o chama *especie de Bocage de burél*, vê-se que frei Bastos foi um homem completamente desviado de suas inclinações, um condemnado do claustro, um suppliciado no meio em que vegetou. O seguinte soneto em que elle escreveu, dando sem duvida um desafôgo ás torturas que lhe esmagavam a alma, é uma prova robusta d'isso :

Si um homem houver, homem tão forte,
Que possa vêr em sua casa entrando
Malfeitores crueis, assassinando
A cara filha, a candida consorte;

Si um tal homem houver, que sem transporte
Veja o ceu rubros raios vomitando,
O mar sobre os rochêdos atrepando,
A terra inteira a bracejar com a morte;

Que appareça esse heroe assim disposto,
Que eu quero lhe mostrar por dentro o peito,
E quero lhe não mude a côr do rosto.

Ha de cahir em lagrimas desfeito,
Vendo o meu coração pelo desgosto
Em mil retâlhos e pedaços feito !

Em resultado da vida licenciosa e dissoluta á que se entregára na mocidade, succedeu que grande parte da sua velhice passasse elle paralytico das extremidades inferiores, n'um leito da enfermaria da capital da Bahia, no mesmo convento onde vestira o burél, e cujos carceres tantas vezes o hospedaram. Nessa enfermaria o conheci eu. Tinha elle junto ao leito uma mesa e sobre esta uma lamparina sempre accesa, quer fôsse noite, quer fôsse dia, para accender o charuto que elle tinha constantemente á boca.

A Bahia era, por essa época ao menos, a terra brazileira mais catholica e mais festeira ; é das nossas cidades a que mais egrejas contém. Não havia domingo ou dia santificado, em que não se celebrassem tres, quatro, cinco e, ás vezes, mais festividades religiosas, quasi todas essas festividades precedidas de novenas e cada uma das novenas com um sermão ou uma pratica. Pela quaresma,

o mesmo succedia; havia sermões por toda a parte, seguidos das solemnidades da semana santa. Havia por consequencia muitos pregadores, ou muita gente, que como tal se apresentava; e muitos jovens pregadores, porque... não queriam ter maior trabalho, lá iam á frei Bastos. Este só indagava da invocação ou assumpto; o candidato tomava a penna, e escrevia até achar sufficiente, o que lhe ditava frei Bastos sem consultar um livro, sem evocar a reminiscencia de uma passagem qualquer da historia de qualquer santo. Alguns lhe pagavam e, por pequena que fôsse a quantia, elle a recebia para comprar charutos.

Com a mesma facilidade, com que improvisava sermões, improvisava poesias a quem lh'as pedia. Mas que é das obras de frei Bastos?

Comprehende-se que desses sermões que elle ditava para serem pregados por outros, quem lh'os foi pedir, apresenta-se como autor; acredito que o mesmo se dê a respeito de muitas de suas composições poeticas. Dentre as que são conservadas por parentes de frei Bastos, que ainda existem, ou por estranhos, citarei um soneto que elle escreveu a lapis e foi entregue ao arcebispo D. Romualdo por occasião de sua visita ao convento em uma grande festividade, passando o venerando prelado pelo carcere em que elle se achava preso, e negando-se a ouvil-o por causa da obstinação com que frei Bastos perseverava, a despeito de seus conselhos e até de seus pedidos, na vertiginosa senda dos desvarios. Eis o soneto que foi escripto de momento:

> Soccorrei-me, senhor, quebrai piedoso
> Minhas algemas, cheias de dureza!
> Si meu crime provém da natureza,
> Quem de ser deixará réo criminoso?
>
> David, que foi tão justo e virtuoso,
> Por Besabeth cahio na vil fraqueza,
> Sansão, perdendo o brio e fortaleza,
> Ao orbe deu exemplo lastimoso.
>
> Vêde Jacob detido em captiveiro
> Pela gentil Rachel; vêde Suzana;
> Vêde afinal, senhor, o mundo inteiro.

Desculpa tenho na paixão insana;
Que ou mandasse-me o ceu o ser primeiro
Ou fizesse de ferro a carne humana.

O arcebispo recusara-se a ouvir frei Bastos; mas leu o soneto e, deixando correr dos olhos duas grossas perolas, com a voz meio embargada disse: *soltem-no*. Foi isso no dia da festa de S. Francisco.

Mas, ainda uma vez pergunto, que é das obras de frei Bastos? Que é dos innumeros sermões que enthusiasmavam o auditorio mais illustrado e da immensidade de poesias que desde sua mocidade escrevia elle? Ninguem dá notícia de taes obras que, entretanto, encheriam com certeza bons volumes. Elle mesmo nunca deu-se ao trabalho de colligil-as; das oratorias creio que bem poucas escreveu; uma unica que foi publicada e estou convencido de que não o foi por elle: refiro-me á sua « *Oração funebre* recitada nas exequias que celebrou e officiou pontificalmente na egreja primacial do collegio desta cidade (da Bahia) o excellentissimo e reverendissimo Sr. D. frei Francisco de S. Damaso Abreu Vieira, arcebispo da Bahia, no dia 8 de Junho de 1816, na morte de nossa fidelissima rainha de Portugal e senhora D. Maria I. »

Da voraz destruição ou do extravio, a que ficára entregue, por sua morte, a já reduzida, porém preciosa cópia de manuscriptos, escapou a «*Oração gratulatoria*» pelo faustissimo natalicio do Principe da Beira e tambem pela carta régia de 28 de Março dirigida á excellentissima junta primacial da Bahia pelo augusto Sr. D. João VI; pregada no convento da Bahia a 28 de Abril de 1821.» Parece-me que o commendador J. L. Alves, lêo essa oração, porque della transcreve uma grande parte no seu interessante trabalho *O clero e o claustro no Brazil*, que infelizmente não pôde ser publicado todo.

Ha tambem quem tenha cópia de seu «*Sermão* sobre os vicios e a educação religiosa da mocidade» segundo me consta. A origem deste sermão é a seguinte: O orador fôra arrancado de uma banca de jogo para subir ao pulpito e mettera ás pressas o baralho na manga do

habito. Ao persignar-se, porém, cahindo-lhe as cartas, elle sem perturbar-se chama um menino e manda que apanhe algumas, declarando-lhe que cartas eram ; mandou depois que rezasse o *Credo*, e a criança respondeu que não sabia. E' um sermão que arrancou applausos do mais luzido auditorio, desde o arcebispo que era o celebrante em uma festividade solemne.

Das poesias de frei Bastos só vi publicadas quatro decimas improvisadas, no periodico *Crepusculo*, da Bahia, tomo 1°, e que aqui transcrevo :

MOTTE

Junto as margens da lagôa
De uma funesta espessura,
Entregue á todo o desgosto,
Chóro a minha desventura.

GLOSA

Pallida sombra vagante
Fugia de Eneas terno,
Que baixára ao negro averno
De vêr o pai — anhelante.
De dôr um ai sussurrante
A seus ouvidos echôa ;
Chora o pio, a Estyge sôa,
Repete o echo no monte
E a barca prende Charonte
Junto ás margens da lagôa.

— O' tu que commoves tanto
— Meu coração, grita Enéas,
— Não me fujas ; que receias ?
— Dize a causa do teu pranto.
Ai de mim ! tremeu no entanto
Desta voz a Estyge escura.
Oh ! miserrima ternura !
Elisa sou... mais não disse
E busca o trilho, infelice,
De uma funesta espessura.

Vagava Enéas sem tino
Apoz a sombra furtiva,
E vagava a sombra esquiva
Ao delirio, ao desatino.
— Monstro, monstro viperino,
— Espera, volta-me o rosto,
— Não toques o extremo opposto.
— Si me amaste lá no mundo
— Não me deixes no profundo
— Entregue a todo desgosto.

A taes ancias commovida
Volve Dido miseranda,
E com voz macia e branda
Assim fallou resentida:
— A ti não é concedida
— A ideia da sepultura,
— Basta só que da loucura
— Saibas meu fim, minha sorte,
— E que no reino da Morte
— Chóro minha desventura. (2)

O commendador Alves dá tambem noticia de um poema de frei Bastos «*As Chagas de S. Francisco*» de que foi entregue uma cópia ao dr. Manoel José Cardoso para mandal-o imprimir em Coimbra; mas não se realizou a impressão por perder-se a cópia. Ultimamente, por occasião da exposição de historia patria, effectuada na bibliotheca nacional da côrte, foi enviado pelo presidente da provincia da Bahia o authographo de um poemêto de frei Bastos «*Assizeida*» offerecido pelo distincto official da bibliotheca publica dessa provincia, João de Brito, para a mesma exposição.

Pequenas poesias d'esses repentes em verso, de que frei Bastos era prodigo, citam-se ainda hoje nas palestras alegres de litteratos, principalmente na Bahia. Uma vez ia elle a entrar em casa de uma moça que estava á janella, quando esbarrou com um enterro. Parece que

(2) Esta poesia sahio com o nome de frei M. de Santa Rita Bastos Baraúna, no *Crepusculo*, de cuja redacção fazia parte o dr. Manoel Carigé Baraúna, filho de um irmão de frei Bastos, o capitão Manoel Carigé Baraúna, ambos poetas, naturaes da cidade de Nazareth, da Bahia, e já fallecidos. Por isso suppuz, até pouco tempo, que seu primeiro nome era frei Manoel, e não frei Francisco Xavier.

naquella época o clerigo, quer secular, quer regular que encontrava um enterro (que então se fazia á mão) o acompanhava — e frei Bastos, estacando á esse encontro disse :

> Vejo Amor e vejo Morte . . . :
> A qual dos dous seguirei ?
> Vou seguir amor primeiro ;
> Depois. . . . tambem morrerei.

Ha muitos factos que demonstram a prodigiosa memoria de que era dotado. Vou mencionar só um : O arcebispo lhe emprestára um livro que estimava muito e era rarissimo. Frei Bastos o perdeu, e o arcebispo não cessava de pedil-o. Nas livrarias não se encontrava á venda. Afinal, tanto o perseguio o prelado, que elle um dia apresentou-lhe o livro, porém... manuscripto, porque o tinha em memoria.

Dr. A. Victorino A. S. Blake.

INSTITUTO HISTORICO

OBJECTOS DO MUSEU

CATALOGO

ORGANIZADO PELO 1° SECRETARIO

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

Arco e flexas dos Indios da provincia do Espirito-Santo.—Offerta de Moreira de Azevedo.

Bandeira pertencente ás forças dos revoltosos do Rio Grande do Sul sob o commando de Vicente de Paula em 1844 e 1845.—Offerecida por Libanio Augusto da Cunha Mattos.

Bengala que pertenceu a Eduardo Francisco Nogueira Angelim, presidente da revolução dos Cabanos no Pará.—Offerta de João Barbosa Rodrigues.

Bolsa de missangas.

Bomba de ouro, prata e topazio para mate, que pertenceu ao dictador do Paraguay Francisco Solano Lopes.—Proveniente do Museu Nacional.

Busto de D. Pedro II esculpido em 1842. —Bronze.

Busto de gesso sobre pedestal de vinhatico do monsenhor José Antonio Marinho, com o seguinte distico: « Monsenhor José Antonio Marinho, nasceu em 7 de Outubro de 1803. Fundou seu collegio em 10 de Junho de 1849. Falleceu em 13 de Março de 1853. »

Cabaça de prata para mate, que pertenceu ao dictador Francisco Solano Lopes. — Proveniente do Museu Nacional.

Caneta e penna de ouro com que D. Mariano Donato Muñoz, plenipotenciario boliviano, assignou o tratado de 27 de Março de 1867 e a troca das ratificações do mesmo tratado em 22 de Setembro do mesmo anno. — Proveniente do Museu Nacional.

Carrinho e pá que serviram no primeiro córte na estrada de ferro de Petropolis por S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro II, no dia 28 de Agosto de 1852. Emprezario e presidente da Companhia Irineu Evangelista de Souza. Encarregado da factura da estrada de ferro o engenheiro civil William Braggs.—Offerta do visconde de Mauá.

Copo de ouro encontrado no tumulo dos indigenas do Mexico.

Coroa de marmore com a data 1719 encontrada na villa de Barcellos, provincia do Amazonas.—Proveniente do Museu Nacional.

Correias que serviram para descer á nova sepultura a caixa contendo os restos mortaes de Estacio de Sá em 20 de Janeiro de 1863.

Desenho da bandeira da republica Confederação do Equador.

Diploma commemorativo concedido ao Instituto Historico pelo jury da Exposição Continental Sul Americana, realizada em Buenos-Ayres em 1882.

Diploma de honra conferido ao Instituto Historico pela sua revista, na Exposição Nacional inaugurada no Rio de Janeiro em 12 de Dezembro de 1881.

Distinctivo de fazenda de lã encarnada com o distico « Vivan los Federales Muerran los Selvages. »

Emblema prateado do Divino Espirito-Santo.—Offerta de Moreira de Azevedo.

Escama de um mero apanhado dentro do Dique da Ilha das Cobras em 8 de Outubro de 1861. — Offerta de Moreira de Azevedo.

Escudo de armas da « Republica Rio-Grandense », dita de *Piratinim*—20 de Setembro de 1835—, com as armas, bandeira e datas celebres da revolução, estampadas a côres em um lenço de seda.

Fac-similes (2) de assignaturas abertas em madeira : uma d'ellas de Salvador Corrêa.

Fio electrico de que se serviram o professor Samuel G. B. Morse e Alfred Vail.

Fragmento da cruz de madeira pertencente ao cruzeiro da primeira igreja da villa de S. Vicente.—Offerta do coronel José Joaquim Machado de Oliveira.

Lampada de cobre mandada vir para a igreja da villa de Barcellos, provincia do Amazonas, em 1782. No archivo da camara municipal da villa consta a época em que foi requisitada pelo vigario Chuvre. Está incompleta.—Proveniente do Museu Nacional.

Legenda de latão da independencia do Brazil com o distico «Independencia ou Morte.»—Offerecida por Saturnino Ferreira da Veiga, que affirmou ter pertencida a Evaristo Ferreira da Veiga.

Mão de D. Pedro II moldada em bronze sobre o natural.—Provinda do Museu Nacional.

Marco e tenente de pedra encontrados em Cananéa, provincia de S. Paulo, pelo barão de Capanema e por elle offertados. Estão collocados na entrada do Instituto.

Mascara de gesso de :

— Antonio Carlos de Andrada Machado e Silva.
— Antonio José Barbosa França, conego.
— Barão do Passeio, depois visconde do Rio Comprido.
— Evaristo Ferreira da Veiga.
— Francisco Manuel da Silva.
— Francisco de Menezes Dias da Cruz, dr.
— Januario Arvellos.
— João Pereira Reis.
— Joaquim Lopes Cabral.
— Joaquim José Ignacio, almirante, depois visconde de Inhaúma.
— José Antonio Marinho, monsenhor.
— José Bonifacio de Andrada e Silva, o patriarcha.
— José Mauricio Nunes Garcia, padre.
— Manuel de Frias Vasconcellos, brigadeiro.
— Zacharias de Góes e Vasconcellos, conselheiro.—Provenientes do Museu Nacional.

Medalhas :

— **Tumulo** do marechal De Saxe. — TOMBEAU DU MAREL DE SAXE DEPOSE DANS LE TEMPLE DE ST. THOMAS A STRASBOURG. O tumulo no centro, e em baixo, no exergo : DAUMYR 1774—Rs. A allegoria do tempo. — Cobre.

— **Chegada** do PRINCIPE EUGENIO DE SABOIA CARIGNANO ao Rio de Janeiro. PRINCIPE EUGENIO DE SABOIA CARIGNANO. Busto do principe, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador : MONTEIRO F. — Rs. APORTOU AO RIO DE JANEIRO EM $18\frac{28}{4}39$.—Cobre.

— **Idem.** — Ferro.

— **Bernardino** RIVADAVIA. Busto, á direita, tendo por baixo o nome do gravador : CATALDU F. — Rs. Diversas datas em uma fita dobrada em muitas voltas constituindo um laço e circulada em baixo e aos lados por dous ramos de louro. — Bronze.

— **Effigies** superpostas de A. A. L. PALANDER e de A. E. NORDENSKIOLD, á esquerda ; por baixo o nome do gravador : LEA AHLEORNE. — Rs. Um navio navegando em alto mar ; no centro : INVIA TENACE NULLA EST VIA ; no exergo : ORAS ASIÆ BOREALES PRIMUM CIRCUM-NAVIGANTIBUS. REG. ACAD. SCIENT. SUEC. MDCCCLXXIX. — Cobre.

— **Figura** de mulher, em pé, voltada á direita, tendo na dextra uma penna, na sinixtra um livro aberto, e em torno emblemas do commercio, navegação, sciencia, artes, etc. — Rs. Escudo com corôa mural ; cercado por dous ramos de louro ; tendo em volta : CONGRÈS SCIENTIFIQUE DE FRANCE. MR. A. DE CAUMONT, PRESIDENT GENERAL, 14me SESSION, MARSEILLE SEPbre. 1846.—Bronze.

— Um cavallo á galope, á esquerda ; por cima, um braço sahindo de nuvens e segurando uma corôa sobre a cabeça do cavallo ; em baixo, uma paysagem. — Rs. SINCERE ET CONSTANTER * ANNO 1661 * Quatorze escudos e no centro o monogramma C. L.— Chumbo.

— CHRISTOPHORO HANTEEN. Busto, á esquerda; por baixo, o nome do gravador: B. BERCSLIEN F. — Rs. SOLEMNIA SEMISECULARIA GRATULATUR, e em sentido inverso: UNIV. REG. FRED. MDCCCLVI. No centro de uma corôa de louros: SPLENDET IN ORBE DECUS.— Cobre.

— **Effigie** de Luiz XVI.—LUD. XVI DG FR. ET N. REX. Busto do rei, á esquerda. Rs. a estatua do rei a cavallo, no centro; em cima: OPTIMO PRINCIPI. No exergo: MDCCXLIIII.—Latão.

— **Effigie** de WILH. III D. G. ANG. SCO. FR. ET HI. REX á direita. Rs. A effigie de MARIA D. G. ANG. SCO. FR. et HI. REGINA, á direita.—Latão.

— **Effigies** de Guilherme IV e Adelaide, reis da Grã-Bretanha. WIL. IV & ADELAIDE KING & QUEEN OF GREAT BRITAIN. Bustos superpostos, á direita. Rs. A corôa real em cima de um coxim, entre raios. Por cima: ASCENDED JUNE 26 1830. Em baixo: CROWNED SEP 8 1831.—Latão.

— **Effigie de Luiz XIV.**—LOUIS LE GRAND ROY DE FRANCE. Busto do rei, á direita, tendo por baixo as iniciaes do gravador: L. G. L. Rs. AD NVTVM ASSVRGVNT, em cima do emblema; em baixo: BASTIMENT DU ROY.—Latão.

— **Medalha Commemorativa Franceza.**—O busto da Republica, á esquerda, tendo em volta: RÉPUBLIQUE FRANÇAISE. SOUVENIR DE LA FETE NATIONALE 14 JUILLET 1881, dentro de dous ramos de louro :—Latão.— Offerta do dr. Moreira de Azevedo.

— **Busto de D. Juan Miers.**—D. JUAN MIERS CONSTRUCTOR, 1826 em circulo; no centro: PRIMER ENSAYO DE LA MAQUINARIA. Rs. O emblema da machina, tendo ao redor: LA CASA DE MONEDA DE BUENOS-AYRES. —Cobre.

— **Commemoração** do terceiro centenario da morte de Camões e fundação do Gabinete Portuguez de Leitura. —Busto do poeta de tres quartos para a esquerda, dentro de uma corôa de louros. Em cima : TERCEIRO CENTENARIO DE CAMÕES. Em baixo : 10 DE JUNHO DE 1880. Rs. ASSENTAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO NOVO EDIFICIO, em linha circular ; por dentro, em outra linha circular e em sentido inverso : GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA NO RIO DE JANEIRO. No campo, o busto de Minerva, tendo por baixo o nome do gravador : JANVIER.—Bronze.—Offerta da Directoria do Gabinete Portuguez de Leitura.

— **Monumento** a Luiz de Camões — Busto do poeta com corôa de louros, á esquerda ; por baixo as iniciaes do gravador : F. A. C. A LUIZ DE CAMÕES A PATRIA RECONHECIDA. — Rs. IX OUTUBRO MDCCCLXVII. MONUM. INAUG. EM LISBOA, no centro de uma corôa de louros.—Bronze.

— **Medalha** offerecida a el-rei D. João VI pela Camara Municipal do Rio de Janeiro commemorando a sua acclamação na mesma cidade.—JOANNES. VI. D. G. U. R. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. Busto do rei, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador : Z. FERREZ—e a data—1820—Rs. Um templo de quatro columnas ; no centro, o busto do soberano reinante com o emblema da abundancia, á esquerda. Aos lados da escadaria, sobre duas pilastras, dous anjos. No exergo : JOANNI. SEXTO. SENATUS FLUMINENSIS SEXTO FEBR. ANNI. DOM. 1818. — Cobre.

— REPUBLICA RIO-GRANDENSSE. No campo, entre raios, um barrete phrygio, suspenso por uma adaga nua, segura por duas mãos unidas. Aos lados : 20 7bre. No exergo, entre duas pequenas rosetas : 1835. Rs. Igual ao anverso. — Latão.

— **Fundação** do Instituto Historico.—AUSPICE PETRO SECUNDO. A figura da Historia, com corôa mural, tendo o

joelho direito em terra, e segurando com a mão esquerda uma pedra tosca, escreve nella a data 21. Por baixo : Z. Ferrez (nome do gravador). No exergo : Pacifica Scientiæ Occupatio — Rs. Institutum Historico Geographicum in Urbe Fluminense Conditum die XXI Octobris A. D. MDCCCXXXVIII — Bronze.—Dous exemplares.—Offerecidas por S. M. o Imperador.

— **Lançamento** da pedra fundamental do hospital da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro. D. Pedro II Imp. Const. e Def. Perp. do Bras. Busto do Imperador fardado, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador : Azevedo G. — Rs. A fachada do centro e partes lateraes por terminar do Novo Hospital da Santa Casa da Misericordia. Em baixo: Lançou a Pedra Fundamental do Novo Hospital da Santa Casa da Misericordia 18$\frac{2}{7}$40.—Cobre.

— **Idem**, idem—Offerecidas por S. M. o Imperador.

— **Sagração** e coroação de S. M. o Senhor D. Pedro II. Petrus II. Bras. imp. Busto do Imperador de manto, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: Azevedo G.— Rs. Ordo et Felicitas. O Imperador, de manto e sceptro, sentado, á direita, e o Brasil, á esquerda, representado por um cacique em attitude de collocar-lhe a corôa na cabeça, pisa com o pé direito um dragão. No exergo : 18$\frac{18}{7}$41. — Prata.

— **Idem**—Ferro.

— **Acclamação** de S. M. o Senhor D. Pedro II. Petrus II. Imperat. Brasiliarum—Busto fardado do Imperador, á esquerda, tendo por baixo : w. J. Taylor. F. — J. D. Sturz Dir. — Rs. Pro Domine Petro Secundo. No centro, o rei d'armas, a cavallo, lançando a flecha e luva e proclamando Imperador ao Senhor D. Pedro II. No exergo: 1841. — Ferro.

— **Abertura** do Dique Imperial. D. PEDRO II IMP. DO BRAS. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador : C. LUSTER F. — RS. ABERTURA DO DIQUE IMPERIAL EM 21 DE SETEMBRO DE 1861.—Prata.

— **Homenagem** ao restaurador do Ypanema. VARNHAGEN RESTAURADOR DO YPANEMA. Busto fardado de Varnhagen, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador : CAQUÉ F.— RS. AO DIA 1 DE NOV. DE MDCCCXVIII C. JUSTA MEMORIA A SECÇÃO LIII DA HIST. GER. DO BRAZIL MDCCCLVII.—Cobre.

— **Premio** escolar Wilkens de Mattos. Busto de Wilkens de Mattos, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador : HAETON. PREMIO WILKENS DE MATTOS 1883—Prata. — Offerta do Commendador João Wilkens de Mattos. Foi instituida para premiar annualmente á orphã da Sociedade Amante da Instrucção que melhor comportamento tiver durante o anno.

— **Homenagem** ao Visconde do Rio-Branco. AO SEU GR.'. M.'. VISCONDE DO RIO BRANCO O GR.'. OR.'. do BRASIL AO VAL.'. do LAVRADIO. No centro, o busto do Gr.'. M.'., á direita, tendo por baixo e á esquerda o nome do gravador : ERNESTO F. No campo, aos lados, a esquadria e o compasso, o nivel, a regoa, a colhér e o malhete. RS. PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS O VISCONDE DO RIO-BRANCO. * LEI N. 2040 DE 28 DE SETEMBRO DE 1871. * No centro, um grupo allegorico representando a Liberdade, sentada, á direita, mostrando a um grupo de mulheres e de ingenuos um papel desenrolado, em que está escripta a data—1871.—A' direita, o Brazil, em pé, representado por um cacique. No exergo, á direita, o nome do gravador : CARNEIRO F.—Preso á medalha um pelicano sustentando a corôa imperial e um collar de estrellas e espheras com os nomes das lojas maçonicas. — Ouro e prata. — Proveniente do Museu Nacional.

— **Exposição de 1861 no Rio de Janeiro.** Premio. DOM PEDRO II IMPERADOR DO BRAZIL. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do 1º gravador : C. LUSTER F. — Rs. Dentro de uma corôa formada de dous ramos de louro : PREMIO CONFERIDO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1861. Por baixo, entre as pontas dos ramos, as iniciaes do 2º gravador : E. R. S.—Cobre.—Offerta de Moreira de Azevedo.

— **Terceira Exposição Nacional do Rio de Janeiro.** DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL — * — Busto do Imperador, á esquerda. Sem nome de gravador. Rs. Dentro de uma corôa, formada de dous ramos de louro : PREMIO CONFERIDO NA TERCEIRA EXPOSIÇÃO NACIONAL— * —1873.—Cobre.—Offerta de Moreira de Azevedo.

— **Instituto Historico.** Premio Imperial. DOM PEDRO II IMP. CONST. E DEF. PERP. DO BRAS. Busto do Imperador, fardado, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador : AZEVEDO G.—Rs. INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO. No centro : PREMIO IMPERIAL 1847. — Cobre. — Proveniente do Museu Nacional.

— **Instituto Historico.** Sessão de 15 de Dezembro de 1849. D. PEDRO II IMP. CONST. E DEF. PERP. DO BRAS. Busto do Imperador, de manto e laureado, á esquerda. — Rs. INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO. No centro : SESSÃO DE 15 DE DEZEMBRO DE 1849. Sem o nome do gravador.—Cobre.—Proveniente do Museu Nacional.

— **Medalha** offerecida á S. M. a Imperatriz.—D. THEREZA CHRISTINA IMPERATRIZ DO BRAZIL. Busto da Imperatriz, com diadema, á direita, tendo por baixo o nome do gravador: CHR. LUSTER F.—Rs. A AUGUSTA PROTECTORA DA INFANCIA DESVALIDA — * — A MEZA ADMINISTRADORA DO RECOLHIMENTO DE STA. THEREZA.—1858. — Madeira bronzeada.

— **Calendario** de 1867.—Dentro de seis linhas circulares, em lettras microscopicas, o calendario do anno de 1867. No centro, o busto laureado do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador : LUSTER ; em redor do busto : DOM PEDRO II IMP. DO BRAZIL.—Rs. No campo, um parallelogrammo rectangulo com a tabella do nascimento e occaso do sol e da lua. Aos lados, os eclipses. Por cima, as datas do descobrimento, independencia, e juramento da Constituição do Imperio, e das victorias nacionaes no Rio da Prata. Em baixo : AUG. CASA IMPERIAL DO BRAZIL...—Madeira bronzeada.

— **Baptizamento** do principe D. José.—D. PEDRO II. IMPERADOR— Busto laureado do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador : LUSTER—Rs. Escudos das armas do Brazil e de Saxe, inclinados á esquerda e á direita, tendo no centro a corôa imperial. No campo : O PRINCIPE D. JOSÉ— e por baixo, em linha circular, BAPTIZOU-SE EM 29 DE JULHO DE 1869. Por cima, uma pomba em campo de raios, symbolisando o Espirito-Santo.— Madeira bronzeada.

— **Commemorativa** das batalhas de Pirebebuy e Campo Grande. GASTON D'ORLEANS, CONDE D'EU, MARECHAL DO EXERCITO BRASILEIRO, em dous circulos incompletos. Busto do conde, á direita, tendo por baixo o nome do gravador : LUSTER F.—Rs. AO VENCEDOR DE PIREBEBUY E CAMPO-GRANDE OS EMPREGADOS DA CASA DA MOEDA 1871. —Madeira bronzeada.

— **Encerramento** da 3ª sessão da 14ª legislatura do Parlamento Brasileiro.—D. IZABEL PRINCEZA IMPERIAL REGEO O IMPERIO * 25 DE MAIO DE 1871 Á 1 DE ABRIL DE 1872. O busto da Princeza, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador : F. CARNEIRO F.— Rs. ENCERRAMENTO DA 3ª SESSÃO, em linha curva, e em linhas rectas: DA 14ª LEGISLATURA. No centro,

o paço do senado embandeirado; por baixo, á direita: CARNEIRO F.; no exergo: SENADO.—Madeira bronzeada.

— **Segunda** Exposição Horticola de Petropolis.—D. IZABEL PRINCEZA IMPERIAL. Busto da Princeza, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: CARNEIRO F.—Rs. Dentro de uma corôa de louro: SEGUNDA EXPOSIÇÃO HORTICOLA DE PETROPOLIS — 20 DE JANEIRO DE 1876. —Madeira bronzeada.

—**Terceira** Exposição Horticola de Petropolis.—D. ISABEL PRINCEZA IMPERIAL DO BRAZIL. Busto vestido da Princeza, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: F. CARNEIRO F.—Rs. Dentro de uma corôa de louro formada de dous ramos: TERCEIRA EXPOSIÇÃO HORTICOLA DE PETROPOLIS — 8 DE ABRIL DE 1877.—Madeira bronzeada.

— **Exposição** brasileira-allemã de Porto Alegre. O edificio da exposição embandeirado. tendo por baixo: EXPOSIÇÃO BRASILEIRA-ALLEMÃ 1881, em 3 linhas rectas, e em linha circular: PORTO ALEGRE. RIO GRANDE DO SUL.—Rs. Entre ramos de cereaes: GRATIA LABOR, TIBI, SOLATIA PRÆBES.—HONRA AO MERITO.—Madeira bronzeada.

— **Com** o mesmo anverso e reverso da medalha VISCONDE DO RIO BRANCO.—Madeira.—Offertadas pelo dr. Sobragy, director da Casa da Moeda.

— **Anverso**: As armas imperiaes. **Reverso**. No campo: PASCHOAL, RUA DO OUVIDOR 126. Em circulo: CONFEITARIA IMPERIAL. RIO DE JANEIRO.—Latão. —Offerta de Moreira de Azevedo.

— **Anverso**: No campo as armas imperiaes e em circulo: GRANADO & C. RIO DE JANEIRO. FORNECEDORES DA CASA IMPERIAL. **Reverso**: No centro de uma estrella o

distico—MARCA REGISTRADA: DEPOSITO GERAL DO LICOR TIBAINA RIO DE JANEIRO IMPERIAL DROGARIA E PHARMACIA.—Nickel.— Offerta de Moreira de Azevedo.

— **Anverso**: PREMIO AO MERITO, no centro de uma corôa de louros. **Reverso**: No campo, um livro aberto com uma penna, e em circulo: COLLEGIO MONTEIRO.— Offerta de Moreira de Azevedo.

— **Anverso**: No centro o distico: COM APPLICAÇÃO VENCEREIS. **Reverso**: A Figura da sciencia no centro, e em circulo: ATHENEU FLUMINENSE. HONRA AO MERITO.—Offerta de Moreira de Azevedo.

— **Anverso**: No campo, as armas da Republica Argentina, tendo na parte inferior em uma fita: 1° PREMIO AL MERITO. Em circulo: LA REPUBLICA ARGENTINA. PRESIDENCIA DEL GENERAL ROCA. — **Reverso**: EXPOSICION CONTINENTAL, na parte superior, em meio circulo. Em baixo: BUENOS-AYRES 1882, em meio circulo. No centro: REALIZADA POR EL CLUB INDUSTRIAL ARGENTINO BAJO EL PATROCINIO DEL GOBIERNO NACIONAL.— Prata.— Foi concedida ao Instituto como premio pela sua revista.

Moedas de Ouro:

— **Seis florins**. Anno Brasil 1645, em tres linhas. Rs. A lettra W, tendo à primeira perna cortada por um G e a ultima por um C, querendo significar Geoctroyeerde Westindische Compagnie, isto é, Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes. Em cima do W, os numeros romanos VI, designando o valor da moeda em florins.

— **Tres florins**. Anno Brasil 1646, em tres linhas separadas. Rs. A lettra W, tendo a primeira perna cortada por um G e a ultima por um C, representando a mesma

significação acima mencionada. Sobre a lettra W os algarismos romanos III.—Estas moedas, de fórma rhomboidal, foram cunhadas pelos Hollandezes quando sitiados no Recife pelos Pernambucanos.

Moedas de prata:

— M. SCVR. AED. CVR. Marais Scaurus deditis curulis. No exergo: Rex Aretas; no campo : Ex. S. C. (ex-Senatu Consulto)—Aritas de joelhos segurando um camello pela rédea e apresentando um ramo.

— Republica Romana. A Emilia (Familia Plebea) Rg. M. (Marais) Sila. Roma. Jupiter na quadriga galopando, á direita, com o sceptro e arremessando o raio; por cima o litums.

— Republica Romana. Curtia (Familia Plebea).

Mais tres moedas, que parecem consulares; porém que, por muito gastas, não podem ser classificadas.

— Imp. CÆSAR VESPASIANUS AUG., cabeça laureada de Vespasiano, á direita.

— Imp. MAXIMINUS AUG. Busto laureado de Maximino, á direita, com o paludamento e a couraça do Imperio. —Não póde ser classificada por terem desapparecido todas a lettras.

— Phillipus* V* D* G. No centro as armas reaes, tendo de um lado R. S. e do outro II. P. Rs. HISPANIARUM Rex. 1737.

— Franciscvs I. D. G. AVST. IMPERATOR. Busto laureado do Imperador, á direita. Rs. As armas imperiaes e ao redor : GAL. LOD. IL. REX. A.A. 1831 HVM. BOH. LOMB. ET VEN. No exergo : 20.

— Tres patacas. JOANNES D. G. PORT. P. REGENS. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 960 e á direita tres rosetas. Aos lados da corôa: —1818—Rs. SUBQ SIGN. NATA STAB. Cruz da ordem de Christo com a esphera no centro.

Moedas de cobre:

— Vinteréis. JOANNES V D. G. PORT. BRAS. ET ALG. REX. A corôa real; por baixo o valor: XX. 1731.—Rs. PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORBEM.

— Vinte réis. JOANNES V D. G. P. ET BRASIL. REX. A corôa real; em baixo: XX. 1735.

— Dez réis. JOANNES V. DEI GRATIA. Rs. PORTUGALIÆ ET ALGARBIORUM REX., em circulo; no centro: X.— Não se vê a data.

— Vinte réis. IOSEPHUS I D. G. P. ET BRASIL. REX. 1774. No centro a esphera, e em circulo: PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORBEM.

— Quarenta réis. IOSEPHUS I. D. G. P. ET BRASILIÆ REX. A corôa real; em baixo: X L —1753. Rs. No centro a esphera, e em circulo: PECVNIA. TOTVM. CIRCVMIT. ORBEM.

— Vinte réis. MARIA I ET PETRUS III D. G. P. ET BRASIL. REGES. A corôa real, XX, 1781. No centro a esphera armilar, e em circulo: PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORBEM.

— Dez réis. MARIA I D. G. P. ET BRASILIÆ REGINA—X. A esphera armilar assente na cruz de Christo, no centro; ao redor: PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORBEM. — Não se póde verificar a data.

— Dez réis. JOANNES D. G. PORT. ET BRAS. P. REGENS. X. No centro a esphera armillar.—PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORBEM.

— **Vinte réis.** JOANNES. D. G. PORT. ET BRAS. P. REGENS. XX. A esphera. PECUNIA. TOTUM. CIRCUMIT. ORBEM. A corôa, e por baixo : 1813.

— **Vinte réis.** JOANNES VI. D. G. PORT. BRAS. ET ALG. REX.; a corôa, por baixo : XX. 1818. A esphera. PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORBEM.

— **Quarenta réis.** JOANNES VI. D. G. PORT. BRAS. ET ALG. REX. A corôa real; o valor: XL. A esphera, no centro: PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORBEM.

— **Oitenta réis.** JOANNES VI. D. G. PORT BRAS. ET ALG. REX. A corôa, por baixo : LXXX. 1822. A esphera, tendo ao redor : PECUNIA TOTUM CIRCUMIT ORBEM.

— **Quarenta réis.** PETRUS I. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. 1829. No centro : 40. A corôa brasileira, e ao redor : IN HOC SIGNO VINCES.

— **Dez réis.** PETRUS I. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. 1830. No centro : 10. As armas brasileiras.

— **Dez réis.** PETRUS II. D. G. CONST. IMP. PERP. BRAS. DEF. 1833, no centro : 10. As armas brasileiras, e ao redor : IN HOC SIGNO VINCES.

— **Dez réis.** DEI GRATIA MARIA II. As armas portuguezas. No centro de uma corôa de louros um X. PORTUGAL. ET ALGARBIORUM REGINA—1836.

— **Quarenta** Centesimos. REPUBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY — 1857. 40 CENTESIMOS.

— **Cinco** Centesimos. REPUBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY 1857. CENTESIMOS, e por baixo o algarismo 5.

— **Vinte** Centesimos. REPUBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY 1857. No centro 20, e por cima a palavra CENTESIMO.

— **Un real.** CASA DE MONEDA BUENOS-AYRES. No centro: UN REAL. 1 R., e em circulo: VIVA LA FEDERATION. 1840.

— **Dos reales.** PROVINCIA DE BUENOS-AYRES. Uma corôa de louros. CASA DE MONEDA. DOS REALES 1853.

— **Dos Centavos.** CONFEDERACION ARGENTINA 1854. TESORO NACIONAL. DOS CENTANOS. BANCO.

— **Cuatro** CENTAVOS. CONFEDERACION ARGENTINA 1854. TESORO NACIONAL. CUATRO CENTAVOS. BANCO.

— **Un Decimo.** BUENOS-AYRES 1823. As armas da republica.

— **1/12** 1845. REPUBLICA DEL PARAGUAY. As armas da republica.

— **Cuarto** de peso. REPUBLICA PERUANA M. V. 1823. As armas da republica.

— **Half Cent.** UNITED STATES OF AMERICA. O busto do presidente, no exergo a data : 1809 ; em circulo, treze estrellas HALF CENT.

— **Half Cent.** UNITED STATES OF AMERICA. O busto do presidente; no exergo: 1828. Treze estrellas em circulo. Uma corôa de louros e dentro : HALF CENT.

— **One Cent.** UNITED STATES OF AMERICA. O busto do presidente no centro e ao redor treze estrellas 1828. Uma corôa de louros e dentro : ONE CENT.

— **One Cent.** UNITED STATES OF AMERICA. O busto do presidente rodeado de treze estrellas. ONE CENT. No exergo, a data 1816.

— **One Cent.** UNITED STATES OF AMERICA. Busto do presidente circulado por treze estrellas e a data 1838. Dentro de uma corôa de louros : ONE CENT.

— **One Cent.** UNITED STATES OF AMERICA. O busto do presidente no centro de treze estrellas e a data 1819. Uma corôa de louros, e no centro: ONE CENT.

— **Half Penny.** PROVINCE OF NOVA SCOTIA. O busto do rei no centro. HALF PENNY TOKEN, em circulo. No exergo: 1823.

— **Half Penny.** PROVINCE OF NOVA SCOTIA. No centro o busto. Uma flôr circulada pelas palavras HALF PENNY TOKEN 1832.

— **Un Sou.** AGRICULTURE ET COMMERCE. BAS CANADA. Dentro de uma corôa de louro : UN SOU. Na parte superior : TOKEN ; no exergo : MONTREAL.

— **One Penny.** PROVINCE DU BAS CANADA. BANK TOKEN CONCORDIA SALUS. CITY BANK 1837. ONE PENNY. No centro a effigie do rei.

— **Un Sou.** PROVINCE DU BAS CANADA. O busto do rei ; o escudo real. BANK TOKEN. 1831. No exergo: CONCORDIA SALUS ; ao redor do escudo : HALF PENNY. BANK DU PEUPLE.

— **Deux Sous.** PROVINCE DU BAS CANADA. A effigie do rei. O escudo, tendo em circulo : BANK TOKEN ; no exergo : 1837. ONE PENNY. CONCORDIA SALUS. CITY BANK.

— **4 Doubles.** GEORGIUS III D. G. REX. O busto do rei. A figura da Britania com o tridente. O escudo ; no exergo : GUERNESEY. 4 DOUBLES 1830.

— **Half Stiver.** GEORGIUS III D. G. REX. O busto do rei. As armas; no exergo: HALF STIVER 1813. Em circulo: COLONIES OF ERIQUEBO. DEMARARY. TOKEN.

— **Half Penny.** O busto do rei. A figura da Bretanha. No exergo : 1812. Em circulo : HALF PENNY. TOKEN.

— **Georgius II** Rex. A figura da Britania com o tridente. Em circulo : BRITANNIA, e no exergo : 1738. Não se percebe o valor.

— **1/4 de Schilling** —Um A e um C entrelaçados. A corôa. Rs. Duas settas, tendo na parte superior: 1/4 Schilling 1803.

— **2 Schillings**. As armas no centro, tendo por baixo um F e um R entrelaçados, e na parte inferior: VI. 2 SCHILLINGS COURANT 1811.

— GEORGIUS IV. D. G. REX. As armas, e em circulo : HI-. BERNIA 1822. Não tem valor especificado.

— GEORGIUS IV. DEI GRATIA 1826. A figura da Bretanha : BRITANNIAE REX. FID. DEF.

— GULIELMUS IV. DEI GRATIA 1831. A figura da Britania. Em circulo: BRITANNIAR. REX. FID. DEF.

— **One Penny**. VICTORIA D. G. BRIT. REG. F. D. A figura da Britannia. ONE PENNY 1862, em circulo.

— **Half Penny**. Uma corôa de louros encerrando a data 1821. HALF PENNY. As armas reaes.

— **1/4 de Schilling**. As armas reaes; no exergo: G A entrelaçadas ; ao lado : IV. Em circulo, tres pequenos brazões 1/4 SCHILLING. Duas settas 1802.

— LUDOU. XVI. D. GRATIA. O busto do rei. FRANCIÆ ET NAVARRÆ REX. 1780.

— LUDOU. XVI. D. GRATIA. O busto do rei. As armas : FRANCÆ ET NAVARRÆ REX. 1790.

— **2. S.**—LOUIS XVI. ROY DES FRANÇOIS 1792. O escudo real. O algarismo 2 e um S. Em circulo : LA NATION. L'AN IV DE LA LIBERTÈ.

— **5 Centimes**. REPUBLIQUE FRANÇAISE 1789. Uma corôa de louros, tendo no centro: 5 CENTIMES. Em circulo: LIBERTÉ, EGALITÉ ET FRATERNITÉ. O busto da republica.

— **Un Decime**. A corôa real; no exergo a lettra L. 1814.

— **5 cent**. CHARLES X. ROY DE FRANCE. O busto real. 5 CENT. Em circulo: COLONIES FRANÇAISES 1830.

— **5 centesimi**. CAR. FELIX D. G. REX. 5 CENTESIMI 1826. As armas reaes.

— **A cruz de Christo**, tendo em circulo: VIC. AM. II. D. G. DUX SAB. As armas 1688, em circulo: RES. PRIN. PED.

— **5 centesimi**. CARL FELIX D. G. REX. SAR. CYP. ET HIER. 5 CENTESIMI 1826. As armas reaes.

— **20 Sol**—VICT. AMED. D. G. REX. SARD. 1796. O busto do rei. As armas DUX. SAB. PRIN-SOL. 20.

— **Un Sol**. POST TENEBRAS LUX. 1819. As armas, tendo em circulo: REP. ET CANTON DE GENEVE.

— **Manita**. REPUBLICA BERRENSIS. Um escudo. 1724. Em circulo, a palavra DOMINUS.

— **2 S**. A imagem da Conceição, tendo ao lado um S e do outro um 2. Em circulo: Sub TUUM PRESIDIUM. As armas; no exergo: 1814, e em circulo: REPUBLICA GENUENSIS.

— **Tornesi** DIECI FERDINANDUS II. D. G. REGENI UTR. SIC. ET HIER. REX. O busto real e escudo. 1836.

— **Carolus III** D. G. HISP. REX. 1773. O busto do rei e as armas reaes.

— **Ferdin. VII**. D. G. HISP. REX. 1830. As armas.

— **Ferdin. VII.** D. G. HISP. REX. 1827. As armas.

— **2 cents.** LEOPOL. PREMIER ROY DES BELGES. 1836. L'UNION FAIT LA FORCE. No exergo: 2 CENTS. CONSTITUTION BELGE 1831.

Ha uma moeda de Henrique III da França, outra de Filippe III e outra de Filippe IV da Hespanha, das quaes não se pode descobrir inscripção alguma.

— **40 réis.** Moeda brazileira collocada em escoria de carvão de pedra proveniente de um incendio.

Moeda papel:

Cinco libras ou cinco soldos da Republica Franceza.

— **Cinco** dollars.

— **Cincoenta** soldos da Republica Franceza. Lei de 4 de Janeiro de 1792.

— **Cincoenta** soldos da Republica Franceza. Lei de 23 de Maio de 1793.

— **Dez** libras ou dez francos da Republica Franceza. Lei de 26 de Outubro de 1792.

— **Um Real boliviano.**— Carlos Casado.— Offerta de Moreira de Azevedo.

— **Um** dollar.

— **Um** oitavo de dollar.

— **Um** quarto de dollar.

— **Um** real e meio. Banco do Rosario. — Offerta de Moreira de Azevedo.

— Vinte cinco soldos da Republica Franceza. Lei de 4 de Janeiro de 1792.

Padiola e Macete offerecidos á Commissão da Estatua Equestre de D. Pedro 1º em 1 de Janeiro de 1862 feitos por T. J. Oliveira.

Allegoria aberta em chumbo, tendo o distico : IMPERIAL INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL.

Peças de prata encontradas nas excavações na rua Direita, hoje Primeiro de Março, para as obras a cargo da Associação Commercial do Rio de Janeiro. Entregues ao Thesouro Nacional, em virtude do aviso do ministerio da Fazenda de 11 de Setembro de 1805, foram mais tarde remettidas para o Museu Nacional. A saber :

Bandeja lisa.

Cabos de colhéres (3).

Chocolateira com cabo.

Colhéres grandes (2).

Fragmentos de diversos objectos (5).

Funil.

Garfos.

Jarras com tampa (2).

Pedestal de candieiro.

Pratos grandes e pequenos (11).

Salvas lavradas em fórma de concha (5).

Salva grande, lavrada.

Tampas (2).

Terrina.—Provindos do Museu Nacional.

Pedra estrahida do antigo palacio construido por Christovão Colombo na Ilha de S. Domingos, na margem occidental do rio Ozama. O secretario das Relações Exteriores da Republica Dominicana certificou a identidade d'esta pedra. — Offerecida pelo encarregado de Negocios do Brasil em Venezuela, Filippe José Ferreira Leal. — Proveniente do Museu Nacional.

Penna com que o conselheiro José Agostinho Moreira Guimarães escreveu em 28 de Setembro de 1871, na Secretaria da Agricultura, a carta de lei d'aquella data, decretando a liberdade do ventre das escravas e outras providencias ácerca do elemento servil no Imperio do Brazil. —Proveniente do Museu Nacional.

Provisão passada pelo Conselho Geral do Santo Officio em 24 de Abril de 1731, nomeando Damião de Barros Galvão para exercer o cargo de Familiar do Santo Officio da Inquisição da cidade de Lisboa. — Offerta de Alexandre Barros Galvão.

Provisão passada pelo Conselho Geral do Santo Officio em 15 de Março de 1754, nomeando Manoel da Cunha Teixeira de São Paio para exercer o cargo de Familiar do Santo Officio da Inquisição da cidade de Lisbôa. —Offerta do dr. Carlos Honorio.

Quadros:

— **Arvore** Genealogica da casa de Bragança até D. João IV.—Proveniente do Museu Nacional.

— **Aspecto** da Pedra Bonita ou Reino Encantado, na Comarca de Villa Bella, Provincia de Pernambuco, e das Scenas que nelle se passaram.

— **Combate** e passagem da Fortaleza de Humaytá em 19 de Fevereiro de 1868.—Offerta do dr. Fausto de Souza.

— **Desastre** acontecido em 7 de Agosto na Fortaleza de S. João, do qual escapou milagrosamente S. M. o Imperador com a sua comitiva.

— **Figura** do cometa que appareceu no Rio de Janeiro no anno de 1843, desenhada por José dos Reis Carvalho, mestre de Desenho da Academia de Marinha, como se apresentou á vista pelas 7 horas da tarde, em 5 de Março, primeiro dia da sua apparição. Elle o observou de sua casa, situada na face esquerda do Rocio (olhando para o Oeste), defronte da Rua do Thesouro; e addicionou a perspectiva dos edificios que ficavam tambem a Oeste na direcção das visuaes dirigidas ao cometa.

— **Glorioso** combate dos encouraçados Brazileiros atacados pelos Paraguayos no dia 2 de Março de 1868. —Offerta do dr. Fausto de Souza.

— **Glorioso** Combate dos encouraçados Brazileiros *Barroso* e monitor *Rio Grande*, atacados pelos Paraguayos na noite de 9 de Julho de 1868.—Offerta do dr. Fausto de Souza.

— **Incendio** da galera americana *Ocean Monarch* soccorrida pelo vapor de guerra nacional *Affonso*, ao mando do Capitão de Mar e Guerra Joaquim Marques Lisboa, nas aguas de Liverpool, no dia 24 de Agosto de 1848. Reproducção lithographica de um desenho do principe de Joinville.—Offerta de L. A. Boulanger.

— **Medalhões** em gesso representando Fernando I, Imperador da Austria; Guilherme IV, Rei da Prussia; Luiz Phillipe I, Rei dos Francezes; D. Pedro II, Imperador do Brazil; Victoria, Rainha da Grã Bretanha; e um sem designação individual.

— **Passagem do Tonclero** no dia 17 de Dezembro de 1851 pela Esquadra Imperial.—Offerta do dr. Fausto de Souza.

— **Pic d'Orizaba.**

— **Signaes do Zodiaco,** representando sua acção directa sobre o homem. Feito na officina do Arco do Cego em Lisboa.—Offerta de Moreira de Azevedo.

— **Victoria** alcançada pelas Armas Britannicas e Portuguezas no sitio de Vimeiro contra os Francezes em 21 de Agosto de 1808. — Offerta de Moreira de Azevedo.

— **Volcano de la Puebla.**

Relogio de ouro que pertenceu ao Regente do Imperio padre Diogo Antonio Feijó, deixado ao Museu Nacional em verba testamentaria por Diogo Benedicto dos Santos Prado.—Proveniente do Museu Nacional.

Retratos de:

— Antonio José de Lima Leitão e Antonio Maria dos Santos Brilhante.
— Agostinho José de Souza Lima, dr.—Offerta de Moreira de Azevedo.
— Agostinho Marques Perdigão Malheiro, dr.—Offerta de B. L. Garnier.
— Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira, desembargador da relação do Maranhão.
— Antonio de S. Gama, governador do Maranhão.
— Barão Homem de Mello.
— Barão de S. Gabriel.—Offerta do dr. Fausto de Souza
— Bernardo Guimarães.—Offerta de Antonio Borges.
— Conde de Porto Alegre.—Offerta do dr. Fausto de Souza.
— Candido José de Araujo Vianna, presidente do Maranhão.

Retratos de:

— Diogo Antonio Feijó.
— Evaristo Ferreira da Veiga.—Offerta do dr. Fausto de Souza.
— Fernando Machado de Souza, major.—Offerta do dr. Fausto de Souza.
— Francisco Nunes de Souza.
— Francisco de Lima e Silva, regente.
— Imperadores romanos. Medalhões de marmore.
— João Braulio Muniz, regente.— Offerta de B. L. Garnier.
— João Manuel Menna Barreto.—Offerta do dr. Fausto de Souza.
— Jean Maurice, Comte de Nassau (moldurado).—Offerta de Moreira de Azevedo.
— João Vicente Torres Homem, dr.—Offerta de Moreira de Azevedo.
— Joaquim Manuel de Macedo, dr.
— José Antonio Corrêa da Camara, 2° visconde de Pelotas.—Offerta do dr. Fausto de Souza.
— José Joaquim da Rocha, conselheiro (moldurado). — Offerta de Innocencio da Rocha Maciel.
— Manuel Antonio de Almeida, dr.—Offerta do dr. Fausto de Souza.
— Manuel José Maria da Costa e Sá, conselheiro.
— Marquez de Caravellas.
— Marquez do Herval.—Offerta do dr. Fausto de Souza.
— Marquez de Monte Alegre.
— Marquez de Olinda.—Offerta do dr. Fausto de Souza.
— Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. — Offerta de B. L. Garnier.
— Patricio José Corrêa da Camara, tenente-general, 1.° visconde de Pelotas.—Offerta do dr. Fausto de Souza.
— Pedro II, D., Imperador do Brazil.
— Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão, tenente-general, visconde de Santa Thereza. — Offerta do dr. Fausto de Souza.
— Quoniambebe (chefe indio).
— Robles (general do Paraguay).

Retratos de:

— Robert Southey.—Offerta do dr. Fausto de Souza.
— Sampaio (Frei).—Offerta do dr. Fausto de Souza.
— Sentenciados da Penitenciaria da Côrte.
—Offerta de Moreira de Azevedo.
— Solano Lopes, ex-dictador do Paraguay, com o distico: ESTATUA DEL NERON DEL SIGLO XIX. — Moldurado.
— Thiers. Offerta do senador Candido Mendes de Almeida. — Moldurado.
— Washington.

Tinteiro de cobre, em caixa de madeira, que servia á D. João VI quando se hospedava na ilha do Governador. —Offerecido ao Museu Nacional por frei Manuel de S. Caetano Pinto, abbade do Mosteiro de S. Bento d'esta Côrte.—Proveniente do Museu Nacional.

Typos que serviram no datico que se vê no tomo XXVI da revista do Instituto Historico, anno 1863, no artigo sobre a exhumação dos ossos de Estacio de Sá.

FIM

ACTAS DAS SESSÕES EM 1886

1ª SESSÃO ORDINARIA EM 4 DE JUNHO DE 1886

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva
(1º Vice-Presidente)

A's seis e meia horas da tarde, achando-se reunidos no salão do Instituto os Srs. Joaquim Norberto de Souza e Silva, conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro e Tristão de Alencar Araripe, Drs. Joaquim Pires Machado Portella, Cesar Augusto Marques, Maximiano Marques de Carvalho, Felizardo Pinheiro de Campos, João Franklin da Silveira Tavora, Alfredo Piragibe, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, José Alexandre Teixeira de Mello, Francisco Ignacio Ferreira, Barão de Teffé, Augusto Fausto de Souza e Henrique Raffard, faltando com participação de motivo justificado os Srs. Visconde de Bom-Retiro, Dr. Manuel Duarte Moreira de Azevedo e General Henrique Beaurepaire-Rohan, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, o qual, sendo recebido com as honras que lhe são devidas, tomou assento.

O Sr. Presidente declarou aberta a sessão.

O Sr. Dr. Machado Portella participa que tendo recebido um officio do Sr. Dr. Moreira de Azevedo declarando achar-se impedido de comparecer ás sessões por motivo de molestia, assumira as funcções do 1º Secretario e officiára ao Tenente-Coronel Fausto de Souza para entrar em exercicio nas de 2º Secretario. Depois passa a lêr o seguinte :

EXPEDIENTE

OFFICIOS

Das presidencias das provincias do Pará, Sergipe e Goyaz, enviando relatorios e collecções de Leis provinciaes.

Dous officios da 2ª Directoria do Ministerio do Imperio: o 1°, solicitando informações relativas ao Instituto para serem mencionadas no respectivo relatorio; o 2°, communicando ficar inteirada do resultado da eleição dos membros do Instituto que têm de servir durante o corrente anno.

Do Secretario da Illustrissima Camara Municipal da Côrte, remettendo 100 exemplares do *Catalogo dos documentos historicos* existentes no Archivo Municipal, afim de serem distribuidos pelos socios do Instituto.

Do Sr. Arthur Vianna de Lima, communicando a remessa da sua obra: *Exposé sommaire des théories transformistes de Lammarck et Darwin.*

Do Secretario da Real Academia de Ciencias Morales y Politicas, enviando diversas obras.

Do Sr. J. M. da Silva Noronha, accusando o recebimento do officio do Instituto que acompanhou uma cópia do *Proprio Mappa dado com a ordem geral da entrada.*

Do Secretario da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, enviando a relação dos membros que compõem a Directoria da mesma sociedade, e bem assim o seu Boletim.

Da Inspectoria Geral das Terras e Colonisação, remettendo todas as publicações que até hoje têm sido feitas por essa Repartição.

Do nosso consocio Conego João Pedro Gay, offerecendo um mappa topographico da cidade de Uruguayana, um dito da Villa de S. Borja, e o seu retrato photographado.

Do Secretario do Congresso Litterario Gonçalves

Dias, communicando a eleição da nova Directoria da mesma Sociedade.

Do nosso consocio Barão de Teffé, participando que estando ausente da côrte por motivo de molestia, não podia comparecer á sessão anniversaria do Instituto.

Da Secretaria da Agricultura, remettendo um caixote contendo a collecção da *Revista do Instituto* que figurára na Exposição Universal de Antuerpia.

Do Secretario da Assembléa Provincial do Espirito-Santo, enviando um exemplar dos seus *Annaes* de 1885.

Do Presidente do Club Bibliothecario Academico da Escola Militar da Côrte, remettendo os seus estatutos e pedindo as *Revistas Trimensaes do Instituto*.

Do Bibliothecario da Faculdade de Medicina d'esta Côrte, restituindo as obras que lhe haviam sido emprestadas para a Exposição Medica.

Do Sr. Commendador João Wilkens de Mattos, remettendo a *Carta hydrographica do Rio Urubú*, na Provincia do Amazonas, e seis desenhos de inscripções encontradas em diversas localidades do dito rio.

Do Secretario do Centro Catharinense nesta Côrte, enviando os seus estatutos e pedindo a troca de suas publicações com o Instituto Historico.

OFFERTAS

Por S. A. o Principe Roland Bonaparte : *Voyages des Néerlandais á la Nouvelle-Guinée.*

Pelas presidencias das Provincias : da Bahia, *Leis e resoluções* da dita provincia ; de Sergipe, *relatorios* ; do Espirito Santo, *Annaes* e *relatorios*.

Pela Secretaria da Camara dos Deputados : *Annaes* da mesma Camara, do anno de 1885.

Pelo Sr. Paul Emile-Coni: *Annuaire Statistique de la province de Buenos-Ayres* ;—*Reseña de la Plata.*

Pelo Sr. Henrique Raffard : *Nova Friburgo et la Societé Philantropique Suisse de Rio de Janeiro*, 1877.

Pelo Sr. J. A. de Lavalle : *Jean de la Torre, D. Pablo de Olavide* (*Apuntes sobre su vida y sus obras*).

Pelo Sr. Prospero Peregallo: *Sonetos escolhidos* de Luiz de Camões.

Pelo engenheiro Sr. Arthur Lyon Alexander: *D. Pedro I Railway*, estudos preliminares.

Pelo Sr. A. J. Ferreira da Silva: *Noticia da vida e trabalhos do Naturalista Brazileiro J. Barbosa Rodrigues.*

Pelo Sr. I. J. da Fonseca: *Nocões de philologia.*

Pelo Sr. F. de B. Accioli de Vasconcellos: *Guida dell Emigrante all Imperio del Brasile.*

Pelo Sr. João Barbosa Rodrigues: *Rio Jauapery, Pacificação dos Crichanás.*

Pelo Sr. Presalindo Lery Santos: *O Almirante Barão da Laguna, Senador do Imperio; Esboço Biographico.*

Pela Directoria do Imperial Observatorio do Rio de Janeiro: *Annuario para* 1886 e *Revista* do mez de Janeiro.

Pelo Sr. Coronel E. A. da Cunha Mattos: *Marinha de Guerra, Artilheria Naval.*

Pela Companhia de S. Christovão: *Relatorio da Directoria* apresentado em sessão de 12 de Março d'este anno.

Pelo Sr. Cyro Deocleciano Ribeiro Pessoa Junior: *Estudo descriptivo das estradas de Ferro do Brazil.*

Pelo Sr. M. Vivien de Saint-Martin: *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle.*

Pela Real Academia de Ciencias Morales y Politicas: *Annuario de* 1886;— *Danvila, El poder Civil*, tomos 1º, 2º e 3º;—*Discurso de recepcion* del Sr. Groizar y Gomes de la Serna;— *Idem* do Sr. Gomes Salazar; — *Regulamento interior de la Academia*; — Resumo de suas actas e discursos;— Discurso de recepção do Sr. Romero y Robledo.

Pela Bibliotheca Publica Municipal do Porto: *Catalogo dos Manuscriptos.*

Pelo Sr. Gama Barros:— *Historia da Administração publica em Portugal.*

Pela Sociedade Cientifica Argentina: *Annaes* da mesma Sociedade (Janeiro e Fevereiro).

Pela presidencia da Provincia do Pará: Falla com que o Sr. Presidente Conselheiro Tristão de Alencar Araripe

abriu a sessão extraordinaria da Assembléa Legislativa Provincial em 5 de Novembro de 1885;—Regulamento penal do Corpo Militar de Policia; — Idem organico do referido corpo;— Idem do Corpo de Bombeiros e Boletim mensal do expediente da presidencia da referida provincia.

Pela presidencia da provincia de Goyaz: *Collecção de Leis.*

Pelo Sr. Dr. Cesar Augusto Marques: Dous numeros do jornal *Pacotilha*, contendo a vida do poeta caxiense João José da Silva Maçarona.

Pela respectiva commissão: *Censo escolar*, tomo 2°, 1883—1884.

Pela secretaria da Camara dos deputados: *Annaes* do Parlamento Brazileiro, sessões de Maio a Outubro de 1839; — Relatorio e Synopsis dos trabalhos da mesma Camara na sessão de 1885.

Pelo Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe: Uma collecção de Leis e Relatorios da Provincia do Pará.

Pelo Sr. Commendador João Wilkens de Mattos: Carta hydrographica do Rio Urubú;— Seis estampas de inscripções encontradas em diversas localidades do dito Rio

Pelo Sr. Barão de Teffé: Carta hydrographica e descriptiva do Alto Javary em grande escala, preparada para mappa mural.

Pelo Sr. Dr. Teixeira de Mello: *Cartas* do Padre Antonio Blazquez, da companhia de Jesus, escriptas do Brazil.

Pelas Sociedades de Geographia de Lisboa, de Geographia Italiana, de Pariz, de Tours, Americana, do Rio de Janeiro, de Lille, de Antuerpia, de Madrid, Commerciale du Havre, Real Academia de Historia de Madrid, Academia Nacional de Ciencias em Cordoba e Commerciale de Bordeaux: os seus Boletins.

Pelo Archivo dos Açores: *Historia Açoriana*, fasciculo n. 37 do 7° volume.

Pelo Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro: Relatorio da Directoria do mesmo, de 1883 e 1884.

Pela Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa, Imperial Observatorio do Rio de Janeiro e Sociedade de Geographia Comercial Española as suas *Revistas*

Pela Sociedade Cientifica Argentina, os seus *Annaes*.

Pelas respectivas redacções: *Gazeta da Bahia*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *A Evolução*, *A Vanguarda*, *A Provincia do Espirito Santo*, *A Imprensa*, *O Publicador Goyano*, *Jornal do Parahyba*, *O Baependyano*, *O Espirito-Santense* e *O Cachoeirano*.

ORDEM DO DIA

O Sr. Conselheiro Olegario apresenta por escripto a seguinte allocução, que por parte do Instituto teve a honra de dirigir a Sua Magestade o Imperador no dia 25 de Março ultimo, á qual o mesmo Augusto Senhor se dignou de responder agradecendo as congratulações d'esta associação.

O Sr. presidente declara que a resposta de Sua Magestade é recebida com especial agrado.

« Senhor. — O Instituto Historico e Geographico Brazileiro envia-nos em commissão ante o excelso throno de Vossa Magestade Imperial afim de apresentarmos, em nome do mesmo Instituto e em dia de tanto jubilo para todos os brazileiros, as mais respeitosas e cordiaes congratulações pelo feliz anniversario do juramento da Constituição Politica do Imperio.

O grandioso feito que hoje se commemora é a solemne consagração da heroica empreza iniciada em 1822 ; é a garantia mais segura da liberdade proclamada pelo inclito fundador do Imperio, no generoso impulso do mais acrysolado patriotismo.

A constituição jurada em 1824, satisfazendo as justas aspirações da nação, firmou em bases solidas as instituições politicas que constituem toda a nossa grandeza, porque fundam-se na consciente vontade do povo e na leal e completa adhesão dos brazileiros ao regimen monarchico representativo, sabiamente adoptado pela lei fundamental do Estado.

A lição dos tempos, a observação e a experiencia nos

tem ensinado quão dolorosa é muitas vezes a conquista da liberdade, e quão difficil e grave é o encargo de governar os povos.

Ao Brazil coube a dita de assegurar sem commoções violentas a estabilidade das liberaes instituições que o regem e á sombra da monarchia constitucional vai encaminhando, unido e forte, na senda do progresso e da civilisação, desenvolvendo os naturaes elementos de sua prosperidade, sem sentir os abalos desastrosos que não poucas vezes têm convulcionado outras nações.

Tanto basta para immarcescivel gloria do Principe, a quem devemos a liberdade e a patria, que nos enche de orgulho ; do sabio monarcha, que com tanta prudencia e solicitude tem sabido zelar o precioso legado que lhe foi confiado em nome da nação ; e d'essa mesma nação que tão dignamente tem conseguido elevar-se á posição de honra que lhe cabe entre os povos cultos do velho e novo mundo.

Os memoraveis successos de 22 e 24 serão sempre altivos monumentos nos fastos da nossa vida politica.

A Historia, superior ás paixões e imparcial em seus conceitos, ha de fazer justiça inteira a todos quantos têm concorrido efficaz e nobremente para o engrandecimento e progresso d'esta terra que nos é tão cara.

E o Instituto Historico Geographico Brasileiro, associando-se, como deve, ás manifestações de enthusiasmo que abrilhantam esta festa nacional, ainda uma vez sente prazer em reiterar os sinceros votos que faz pela estabilidade e firmeza das nossas instituições constitucionaes e pela prosperidade da dymnastia imperante, grato penhor das liberdades publicas e da felicidade do Brazil.

Côrte, 25 de Março de 1886. — *O. H. d'Aquino e Castro.*

O Sr. Presidente, recordando o fallecimento do nosso consocio Dr. A. M. Miranda Castro, que succedêra durante as ferias do Instituto, indica que por esse motivo se lance na acta um voto de pezar.

O Sr. 1° Secretario lê uma carta do nosso consocio D. Francisco Balthazar da Silveira, fazendo varias considerações acerca da noticia biographica lida em as sessões

do anno passado relativa ao Redactor do periodico politico *Bemtevi* do Maranhão, Estevão Raphael de Carvalho. Foi confiada ao Sr. Dr. Cesar Marques.

O Sr. Thesoureiro Barão de Teffé apresenta as contas de receita e despeza concernentes ao periodo de Setembro a Dezembro de 1885.

Foram remettidas á Commissão de Fundos e Orçamento.

O Sr. Dr. Cesar Marques, offertando um trecho do *Jornal do Commercio* de 28 de Abril d'este anno, em que se descreve o salto « Visconde do Rio Branco », na Provincia do Paraná, propõe que seja transcripto na *Revista Trimensal.*

Foi dirigido á Commissão de Redacção.

Pelos socios presentes fez-se a distribuição do fasciculo da *Revista* pertencente ao 1° trimestre d'este anno.

O Sr. Presidente, obtendo a imperial venia, levantou a sessão.

Augusto Fausto de Souza,

2° Secretario interino.

2ª SESSÃO ORDINARIA EM 18 DE JUNHO DE 1886

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidida pelo Sr. 1° vice-presidente Joaquim Norberto de Souza e Silva

A's seis horas e meia da tarde, presentes os Srs. Joaquim Norberto de Souza e Silva, Augusto Fausto de Souza, Alfredo de Escragnolle Taunay, José Alexandre Teixeira de Mello, Henrique Raffard, Cesar Augusto

Marques, Francisco Ignacio Ferreira, Alfredo Piragibe, Maximiano Marques de Carvalho, José Egydio Garcez Palha, Felisardo Pinheiro de Campos, José de Saldanha da Gama, monsenhor Manuel da Costa Honorato e Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, annunciada a presença de S. M. o Imperador, que é recebido com as formalidades do estylo e toma assento; o Sr. Joaquim Norberto, como 1° vice-presidente, assume a presidencia, e obtida a venia de S. M., convida o socio Sacramento Blake para exercer as funcções de 2° secretario e declara aberta a sessão.

Lida pelo Sr. 1° secretario interino a acta da sessão anterior, é approvada sem debate. O mesmo Sr. 1° secretario dá conta do seguinte:

EXPEDIENTE

Officio da presidencia da provincia de Sergipe, enviando um exemplar da Falla dirigida á assembléa provincial por occasião da abertura da 27ª legislatura.

Officio da directoria do Gabinete de leitura da cidade de Sobral, no Ceará, pedindo a remessa da *Revista Trimensal do Instituto*.

Officio do secretario da Sociedade Scientifica Argentina, declarando que, depois de haver recebido os tomos 44° (2ª parte) e 45° da *Revista do Instituto* e a *Grammatica e Vocabulario da lingua tupy*, de John Lucok, nenhuma outra obra lhe fôra enviada, ao passo que a dita sociedade tem feito remessa com regularidade de seus *Annaes*—e por isso solicíta os tomos posteriores da *Revista* aos dous de que faz menção.

Carta do Dr. Joaquim Pires Machado Portella, 2° secretario, declarando não poder comparecer á sessão, por haver fallecido um filho seu.

Carta do Sr. Barão de Teffé communicando não poder comparecer á sessão por incommodos de pessoa de sua familia.

OFFERTAS

Pelo Sr. Henrique Raffard: Estatutos da Sociedade Philantropica Suissa do Rio de Janeiro, adoptados em 25 de Julho de 1859 e os Relatorios desde 1839 até 1885; *Die Chinelische Auswanderung* von Dr. Friedrich Rakel; *Traité et solution de la question d'Emigration* par le capitaine Fred. Jaeggi Gyger; *Reponse* par M. Bremond, consul général du Portugal en Suisse.

Pela Bibliotheca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: *Programma do ensino das materias da 1ª até 6ª series medicas e ensino das clinicas.*

Pelo Imperial Observatorio do Rio de Janeiro: a *Revista* do corrente mez.

Pelo Sr. Visconde Sanches de Baena: *Restauração de Portugal.*

Pelo Archivo dos Açôres: *Historia Açoriana*, ns. 40 e 41 do 7° volume.

Pelas sociedades de Geographia de Paris, de Antuerpia, de Tours, de Madrid e de Bordeaux, os seus *bolletins.*

Pelas respectivas redacções: *Jornal da Bahia, do Recife, da Parahyba, A Provincia do Espirito Santo, O Espirito-Santense, A Immigração, A Imprensa, O Poeta, O Cachoeirano, O Baependyano, Diario Popular, A Evolução, A Vanguarda, O Liberal Mineiro, O Publicador Goyano, A Semana, L'Immigrant, L'Etoile du Sud, Le Brésil, Le Nouveau Monde, Boletim da Alfandega do Rio de Janeiro* e *Revista do Retiro Litterario Portuguez.*

ORDEM DO DIA

O Sr. presidente lê a seguinte allocução relativamente aos socios fallecidos, conselheiro Josino do Nascimento Silva e Dr. Francisco Manuel Raposo de Almeida, pedindo que se lance na acta da sessão seguinte um voto de pezar por tão sentidas perdas.

« Deixou de existir no dia 6 do corrente um dos mais

antigos socios correspondentes do nosso Instituto. O conselheiro Josino do Nascimento Silva elevou-se por seu merito, talento e conhecimentos aos mais importantes cargos da sociedade brazileira, sempre com zelosa dedicação e nunca contestada probidade, e longa seria a enumeração de todos elles.

« Era ultimamente director aposentado da secretaria de Estado dos Negocios da Justiça e director da instrucção publica da provincia do Rio de Janeiro, onde tivera o berço natal.

« Pertenceu o conselheiro Josino do Nascimento Silva á um dos mais brilhantes periodos de nossas lettras, o qual por assim dizer despontou com a maioridade de S. M. Imperial.

« Unira-se ao grupo que tinha por orgão o *Chronista*, de cuja redacção faziam parte os talentosos escriptores Justiniano José da Rocha, Francisco Rodrigues Silva e outros.

«Do lado contrario havia uma pleiade mais numerosa de brilhantes talentos por contendores, que vinham da Europa com as ideias do romantismo em todo o seu brilho e enthusiasmo. Eram elles: Magalhães, depois Visconde de Araguaya, Torres Homem, depois Visconde de Inhomerim, Porto-Alegre que finou-se Barão de Santo Angelo, Pereira da Silva e outros, tendo por orgão o *Jornal dos Debates*, que introduziu entre nós a critica litteraria e ousou pronunciar as palavras — Litteratura brazileira — que a França já tinha ouvido ha alguns annos.

« O romantismo representou a arma dos combates, e nessas lides litterarias cresceram as rivalidades, renasceu o theatro nacional da apathia em que permanecia, appareceu a caricatura, e em tudo lucraram mais ou menos as lettras patrias.

« A esse movimento litterario deve-se sem duvida a creação do Instituto Historico.

« O conselheiro Josino do Nascimento Silva era de uma modestia excessiva e modestamente collaborou em varios periodicos litterarios e politicos e fez por muitos annos parte da redacção de uma das mais antigas folhas diarias d'esta côrte.

« Nenhum redactor principal já se pareceu tanto pela sua moderação reflectiva com seu proprietario, como elle com o cidadão Nicolau Lobo Vianna, editor do *Diario do Rio de Janeiro* ; mas essa moderação da linguagem não era a linguagem apaixonada do povo, e o *Diario do Rio de Janeiro* deixou de publicar-se no fim de alguns annos, apezar de tão prudente e modesta direcção.

« Pena foi que tão superior talento e tão esmerada instrucção não projectasse seus raios de luz mais intensamente sobre a nossa instituição.

«Auxiliou-nos de longe, applaudindo apenas os nossos trabalhos no recinto do seu gabinete, como tantos illustres consocios nossos.

« Falleceu tambem no intervallo de nossas férias o nosso consocio correspondente Francisco Manuel Raposo de Almeida, que ha muito tempo estabelecêra-se no Imperio, residindo em varias provincias, nas quaes creou diversos jornaes.

« Durante o tempo em que residiu nesta Côrte frequentou o Instituto e leu alguns trabalhos. »

São lidas as seguintes propostas para socios, que foram remettidas á Commissão respectiva:

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Dr. em medicina Eduardo Augusto Pereira de Abreu, membro honorario da Imperial Academia de Medicina do Rio de Janeiro, autor do trabalho inedito junto, intitulado : *A physicatura-mór e o cirurgião-mór dos exercitos no reino de Portugal e estados do Brazil*».

Sala das sessões, 18 de Junho de 1886.—Dr. *Alfredo Piragibe*.—Dr. *Cesar Augusto Marques*.—Dr. *J. A. Teixeira de Mello*.—*Augusto Victorino Alves Sacramento Blake*.

Propomos seja admittido ao gremio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Antonio Ribeiro de Macedo, filho da provincia do Paraná, servindo de titulo de admissão o seu interessante trabalho intitulado : *Discripção do municipio do Porto de Cima, na provincia do Paraná*, seguida de uma narração da ascensão ao cume do Marumby. Sala das sessões, 18 de Junho de 1886.— *Escragnolle Taunay*, *M. C. Honorato*, *Francisco Ignacio Ferreira*, *Augusto Fausto de Souza*.

O Sr. Fausto de Souza, apresenta dous desenhos topographicos, que fazem parte de um trabalho seu que tem de ser publicado na *Revista* do Instituto e pede autorização para solicitar do Ministerio da Guerra que sejam lithographados no Archivo Militar, como se tem procedido com outros trabalhos identicos.—Foi concedida a autorização pedida.

O Sr. Cesar Marques restitue as reflexões que acerca de sua memoria, lida o anno passado relativamente ao Dr. Raphael Estevão de Carvalho, enviou o socio D. Francisco Balthazar da Silveira ao Instituto, e em seguida lê um trabalho, em que responde a essas reflexões e sustenta o que dissera naquella memoria.

O Sr. Taunay dá principio á leitura do seu escripto intitulado : *Os Campos Geraes e o Sertão de Guarapuava*, descripção de viagem, seguida de um vocabulario da lingua Canganguê (indios coroados de Guarapuava).

São distribuidos pelos socios presentes as duas publicações seguintes :

Alfredo d'Escragnolle Taunay : *Esboço caracteristico* por Carlos von Kozeritz, traduzido do allemão por R. P. B.

Carta-folheto para servir de guia aos immigrantes que se destinarem ao Brazil e particularmente á provincia do Paraná.

O Sr. Presidente, obtendo a imperial venia, levanta a sessão.

Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, servindo de 2° secretario.

3ª SESSÃO ORDINARIA EM 2 DE JULHO DE 1886

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. J. Norberto, 1° *vice-presidente.*

A's 6 1/2 horas da tarde, achando-se reunidos no salão do Instituto os Srs. Joaquim Norberto de Souza e Silva,

Drs. Joaquim Pires Machado Portella, Maximiano Marques de Carvalho, Augusto Fausto de Souza, Felizardo Pinheiro de Campos, Augusto V. Alves do Sacramento Blake, José Alexandre Teixeira de Mello, Alfredo de Escragnole Taunay, José de Saldanha da Gama, Barão de Teffé e Henrique Raffard, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, o qual, sendo recebido com as honras do estylo, tomou assento, e o Sr. 1° vice-presidente Joaquim Norberto abriu a sessão.

Lida a acta da sessão antececente foi approvada, e o Sr. 1° secretario interino Machado Portella faz a leitura do seguinte expediente :

Officio da Secretaria da Imperial Academia de Medicina, convidando esta associação para se fazer representar em sua sessão solemne anniversaria. O Sr. 1° secretario declara que haviam sido designados para esse fim os Srs. conselheiros Olegario, e Drs. Teixeira de Mello e Sacramento Blake.—Inteirado.

Carta do socio Dr. Cesar Marques, participando que, por motivo de serviço, deixa de comparecer á presente sessão.—Inteirado.

Carta do socio Manuel Pinto Bravo, communicando a sua partida para o Ceará e offerecendo os seus serviços. —Inteirado.

Officio da Redação do Orgão da escola de S. Vicente de Paula, enviando o n. 14 do seu *Correio Familiar* e pedindo ao Instituto um exemplar de cada um dos numeros da *Revista Trimensal.*

OFFERTAS

São recebidas com agrado as seguintes obras :

Offerecido pelo Sr. Brito Aranha o volume XIII do *Dioccionario Bibliographico Portuguez* (6° do supplemento).

Pela administração da Typographia Nacional—*Leis e Decisões do Governo de* 1825.

Pelas respectivas redacções : A *Revista do Exercito*

Brazileiro, numeros de Janeiro e Fevereiro do corrente anno: *O Diario Popular, O Cachoeirense, O Espirito-Santense, A Provincia do Espirito-Santo, A Semana, A Evolução, O Publicador Goyano, Le Brésil*, e *L'Etoile du Sud.*

Pelo Sr. commendador Joaquim Norberto, o *Jornal do Commercio* de Outubro de 1884 a Junho d'este anno.

Pela sociedade dos « Naturalistas de Moscow », os *Boletins* ns. 1 e 2 de 1885.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Machado Portella lê uma carta do Sr. conselheiro Olegario, fazendo varias reflexões sobre a commissão de que fora incumbido de comparecer á sessão solemne da Academia Imperial de Medicina, a qual foi transferida.—Inteirado.

O 2° secretario interino informa que tendo, em nome d'este Instituto, solicitado do Exm. ministro da guerra as impressões de dous desenhos no Archivo Militar, o mesmo senhor accedêra promptamente, expedindo as necessarias ordens.—Inteirado.

O Sr. Thesoureiro Barão de Teffé, apresentando varias considerações para demonstrar que a verba de despeza marcada no orçamento vigente para a remessa da Revista é insufficiente, pede que seja augmentada a dita verba. Resolve-se que o mesmo Sr. indique a quantia de que necessita, afim de ser consultada a esse respeito a Commissão de Fundos.

O dito Sr. Thesoureiro envia á mesa uma proposta que lhe foi dirigida para a venda de uma collecção de mappas e Cartas geographicas.—E' enviada á commissão de Geographia.

O Sr. Dr. Sacramento Blake apresenta o seguinte requerimento:

Requeiro que se peça á Commissão de trabalhos historicos seu parecer relativamente aos seguintes candidatos propostos para socios correspondentes do Instituto :

Joaquim de Paula e Souza, medico, natural e residente em S. Paulo;

Chefe de divisão Ignacio Joaquim da Fonseca, natural da Bahia e residente nesta Corte;

Francisco Augusto Pereira da Costa, natural e residente em Pernambuco;

José Ricardo Pires de Almeida, medico, natural e residente nesta Côrte.

São todos elles autores de varias e interessantes obras acerca de nossa historia, já publicadas. Rio de Janeiro, 2 de Julho de 1886.—Dr. *Sacramento Blake.*

E' remettida á secção competente.

O Sr. Conselheiro Saldanha da Gama pedindo a palavra, diz que tendo lido em um volume do *Diccionario Bibliographico Portuguez* uma proposição a seu respeito que é inexacta, solicita que seja acceita, como um protesto seu, a nota seguinte:

Peço que se insira na proxima acta da sessão d'este Instituto a seguinte declaração: Que não sou autor dos escripto politicos á mim referidos no volume XIII do *Diccionario Bibliographico de Innocencio da Silva* continuado por Brito Aranha.

Sala das sessões, 2 de Julho de 1886. *Assignado*, José de Saldanha da Gama.

O Sr. Dr. Taunay continua a leitura do seu interessante trabalho—*Os Campos Geraes e Sertão de Guarapuava.*

O Sr. Tenente Coronel Fausto de Souza começa a de sua memoria historica *A redempção de Uruguayana.*

Achando-se adiantada a hora, o Sr. Presidente, obtendo a imperial venia, levantou a sessão.

Augusto Fausto de Souza,

2° Secretario interino.

4ª SESSÃO ORDINARIA EM 16 DE JULHO DE 1886

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. J. Norberto, 1º *vice-presidente.*

A's 6 1/2 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva, Drs. Joaquim Pires Machado Portella, Augusto Fausto de Souza, João Franklin da Silveira Tavora, Maximiano Marques de Carvalho, José Alexandre Teixeira de Mello, Cesar Augusto Marques, José de Saldanha da Gama, Alfredo d'Escragnole Taunay, Francisco Ignacio Ferreira, João Severiano da Fonseca, Ladislau de Souza Mello Netto, Felizardo Pinheiro de Campos, Monsenhor Manuel da Costa Honorato, Barão de Teffé, Tenente-Coronel Francisco José Borges, 1º Tenente José Egydio Garcez Palha, e Henrique Raffard, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, o qual, sendo recebido com as formalidades do estylo, toma assento, e o Sr. 1.º Vice-presidente, assumindo a presidencia, declara aberta a sessão.

Lida a acta da anterior, é approvada.

O Sr. 1º Secretario Machado Portella faz a leitura do seguinte:

EXPEDIENTE

Officio do Presidente da Provincia da Bahia, enviando a Falla com que abriu a Assembléa Legislativa Provincial.

Officio do Club Naval, solicitando a remessa da Revista do Instituto.

O mesmo Sr. Machado Portella leu o trecho de uma carta que lhe fôra dirigida pelo Secretario do Instituto Archeologico Pernambucano, remettendo dous exemplares do relatorio do Dr. José Hygino Duarte Pereira, dando conta da sua commissão aos archivos da Hollanda, e bem assim um exemplar photographado de uma carta escripta em tupy por Filippe Camarão.

O Sr. Thesoureiro apresenta o balancete e contas relativas no semestre de Janeiro a Junho ultimo.— São enviados á Commissão de Fundos e Orçamento.

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. Cesar Marques: o 1° e 2° numeros da *Actualidade*, jornal que principiou a ser publicado na capital do Maranhão no 1° de Dezembro de 1883, contendo no 1° numero, o retrato e biographia do Dr. Augusto Olympio Gomes de Castro, e no 2°, o de Martinus Hoyer.

Pelo Sr. Henrique Raffard:

A Industria Saccharifera no Brazil; — Quelques details sur les etrangers au Brésil, escripta pelo fallecido consocio consul honorario Theodoro Maria Taunay.

Pelo Sr. Inspector da Alfandega do Rio de Janeiro: *Quadros comparativos da renda geral do Imperio nos exercicios de* 1871—1872 *a* 1882—1883.

Pelo autor, *Cosmos Littéraire.*

Pela Sociedade Physico Economica de Königsberg: 1ª e 2ª parte do seu *Boletim* de 1883.

Pela Sociedade de Colonisação Allemã de Berlim: a sua *Revista* n. 1, 3° anno.

Pela Academia de Madrid e Miniapolis, os seus boletins.

Pelas sociedades de Historia Natural de Vienna, de Giessen, de Emdem e U. Zagrebú, os seus boletins.

Pelas sociedades de Geographia de Berlim, de Taranto, de Karlsruhe, Bordeaux, Iena, Stuttgart, Bhud-Pest, Roma, Berna, Hannover, Sant Gallon e New-York, os seus boletins.

Pela Sociedade de Geographia de Lisboa no Brazil, a sua Revista, 2° serie, n. 4.

Pelo Sr. Dr. J. Pires Farinha: Inspectoria Geral de Hygiene, Boletim-memorial da mortalidade da cidade do Rio de Janeiro.

Pelas respectivas redacções: *Gazeta da Bahia, O Publicador Goyano, A Evolução, A Provincia do Espirito-*

Santo, L'Etoile du Sud, A Semana, O Cochoeirano, O Baependyano, Jornal da Parahyba, O Espirito-Santense, A Imprensa, Jornal do Recife, A Immigração, Le Brésil, Le Nouveau Monde, Diario Popular, e *Boletim da Alfandega do Rio de Janeiro.*

Pelo socio Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho : *O Sul de S. Paulo.*

Todas as offertas foram recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Teixeira de Mello declarou haver cumprido com o Sr. Dr. Blake a commissão de que fôra encarregado perante a Academia Imperial de Medicina, faltando o Sr. Conselheiro Olegario por motivo de molestia. —Inteirado.

E' lido, submettido á discussão e approvado o seguinte parecer :

Sala das Sessões do Instituto Historico do Brazil, em 2 de Julho de 1886.

A Commissão de Fundos e Orçamento d'esta Associação, tendo examinado as contas apresentadas pelo Sr. Thesoureiro relativas ao periodo de Setembro a Dezembro do anno passado, achou-as em ordem e devidamente documentadas.

Pelos ditos documentos verifica-se a existencia de um saldo de 702$817 réis, que passa para o presente anno.

Em vista do que, é a mesma Commissão de parecer que sejam approvadas as ditas contas.—*Dr. Maximiano Marques de Carvalho.—Dr. João Severiano da Fonseca.*

O Sr. Dr. Maximiano manda á mesa a seguinte proposta, lembrando a conveniencia de ser explorada uma zona que indica na região do Sul:

Proponho que este Instituto Historico e Geographico offereça ao Governo Imperial uma commissão de geographos que vão fazer uma viagem, em navios brazileiros, pelo Oceano Austral entrando no Pacifico e surgindo no

Atlantico, sempre navegando entre 45 e 60 gráos de latitude austral, com o fim de rectificar a carta geographica d'aquellas regiões, e descobrir alguma grande ilha e terra desconhecidas e d'ellas tomarem posse para este Imperio brazileiro.

Sala do Instituto, 16 de Julho de 1886.—Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.* — A' commissão de Geographia.

O Sr. Thesoureiro, em virtude do que foi resolvido na sessão passada, envia á mesa a seguinte proposta:

Sendo de 200$ a verba votada para a remessa dos exemplares da nossa Revista e importando em 232$ o porte do Correio pelos 116 pacotes destinados ás associações que permutam comnosco as suas publicações; accrescendo ainda a circumstancia de haverem outras instituições começado agora a enviar-nos seus boletins com o pedido de permuta, segue-se que, pela insufficiencia da verba votada (200$000) será suspensa a remesssa para algumas d'essas associações, o que não me parece justo, ou então deve ser augmentada de quantia não inferior a 50$000.

Sala das Sessões do Instituto Historico, em 16 de Julho de 1886.—*Barão de Teffé.*

Depois de varios esclarecimentos prestados pelo Sr. Dr. Maximiano, membro da Commissão de orçamento, é a mesma proposta submettida a votação e approvada.

O Sr. Dr. Cesar Marques declara que da Commissão de Geographia é elle o unico membro presente na Côrte, por se acharem ausentes os socios Calheiros e Bravo.— O Sr. Presidente nomeia para preencher as duas vagas os Srs. Saldanha da Gama e Taunay.

O Sr. Machado Portella pediu a palavra, e depois de historiar o que em diversas sessões do Instituto se ha tractado relativamente á ida do Dr. José Hygino á Hollanda em commissão do Instituto Archeologico Pernambucano, passou a mostrar, lendo diversos trechos do respectivo relatorio, o excellente resultado d'essa commissão; pois o mesmo Dr., além de suas habilitações especiaes, teve a felicidade de encontrar o archivo de Haya possuindo actualmente dez vezes mais documentos sobre o

Brasil do que possuia em 1850 a 1854, quando o investigaram o Dr. Joaquim Caetano da Silva e Netscher, visto que para elle foram posteriormente volumosas collecções, que estiveram em Middelburg, de papeis remettidos do Brazil aos directores da Companhia das Indias Occidentaes; nas quaes collecções, principalmente na dos *Notulos* ou actas diarias do Conselho Supremo e Secreto do Brazil, diz o Dr. José Hygino se acham mencionados todos os pormenores relativos ao governo politico, civil ou militar, tudo o que concerne ás relações entre os hollandezes e os portuguezes, entre os calvinistas, os catholicos e os judeus, e todos os dados sobre a situação economica e financeira da colonia.

Faz vêr o avultado numero de cópias que para o Instituto Archeologico Pernambucano o Dr. Hygino trouxe d'esses documentos, bem como dos do archivo dos tribunaes da Hollanda, do Archivo dos Estados Geraes, do Archivo particular do Rei, e até do *Museu Britannico*, além de muitos e interessantes mappas, retratos e grande quantidade de livros e opusculos.

E conclue apresentando a seguinte proposta:

Tenho a honra de propor que, em vista da leitura, que acabo de fazer, de diversos trechos do importante relatorio que ao Instituto Archeologico de Pernambuco apresentou o Dr. José Hygino Duarte Pereira, dando conta do resultado da sua commissão a Europa para fazer acquisição de documentos authenticos relativos ás lutas dos Hollandezes no Brazil, o Instituto Historico digne-se de resolver:

1.° Que a Commissão de Redacção, escolhendo os trechos mais noticiosos e importantes do dito relatorio, quando não seja possivel todo elle, os faça publicar em nossa Revista;

2.° Que a Commissão de pesquisa de manuscriptos, tendo em vista não só a carta que lhe foi confiada na sessão de 13 de Novembro do anno passado, como tambem a relação dos documentos por elle trazidos para o Instituto Archeologico e os de que trata o mencionado relatorio, indique ao Instituto quaes os de que convenha mandar extrahir cópia;

3.° Que em nome d'este Instituto se dirija ao referido Instituto Archeologico um officio congratulatorio pela importante acquisição que acaba de fazer de tão preciosos documentos historicos, devido isso principalmente á pericia, louvavel zelo e dedicação do incançavel socio do mesmo Instituto Archeologico, o Dr. José Hygino Duarte Pereira.

Sala das sessões, em 16 de Julho de 1886.— *J. P. Machado Portella.*

O Sr. Dr. Maximiano pede que á vista da importancia da proposta que acabou de ser lida, seja ella resolvida immediatamente, dispensando-se de ir á Commissão respectiva. Assim se resolveu, ficando approvada unanimemente.

O Sr. Dr. Severiano da Fonseca dirige á mesa a indicação seguinte:

INSTITUTO HIISTORICO

Em sessão de 21 de Outubro de 1882 o Instituto resolveu solicitar do Governo Imperial que, por intermedio do presidente da provincia de Matto-Grosso, obtivesse a remoção para a cidade de Cuyabá, com o fim de poderem ser conservados, alguns retratos historicos e antigos, existentes no palacio dos antigos capitães-generaes e na Camara Municipal da decadente cidade de Matto-Grosso ; constando-me, porém, que tal remoção não fôra effectuada, venho lembrar ao Instituto para renovar tão justo e patriotico pedido.

Sala das sessões em 16 de Julho de 1886.— Dr. *Severiano da Fonseca.*

Foi approvada.

O Sr. Dr. Cesar Marques lê um ligeiro trabalho intitulado *A obra historica do Reverendo Capuchinho Francez Ivo de Evreux e Mr. Ferdinand Denis,* e offerece uma photographia com o retrato d'aquelle virtuoso sacerdote.

O Sr. Taunay continúa a leitura da sua memoria: *Os Campos Geraes e o Sertão de Guarapuava*, finda a qual,

o Sr. presidente, depois de obter a Imperial venia, levantou a sessão.

Foi distribuido pelos socios presentes o numero da Revista correspondente ao 2° trimestre d'este anno.

Augusto Fausto de Souza,
2º Secretario interino.

5ª SESSÃO ORDINARIA EM 30 DE JULHO DE 1886

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva,
1° Vice-Presidente.

As 6 1/2 horas da tarde, achando-se reunidos no salão do Instituto os Srs. socios: Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva, Drs. Joaquim Pires Machado Portella, Augusto Fausto de Souza, João Franklin da Silveira Tavora, João Severiano da Fonseca, Maximiano Marques de Carvalho, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, José Alexandre Teixeira de Mello, Alfredo d'Escragnolle Taunay, José de Saldanha da Gama, Ladislau de Souza Mello Netto, Felizardo Pinheiro de Campos, João Ribeiro de Almeida, Barão de Teffé e Henrique Raffard, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que sendo recebido com as devidas honras, tomou assento. Continuando o impedimento do Sr. Visconde de Bom Retiro, o Sr. 1° Vice-Presidente assumiu a presidencia e declarou estar aberta a sessão.

O 2° Secretario lê a acta da sessão anterior, que foi approvada.

O Sr. 1° Secretario Dr. Portella dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do mesmo Sr. Dr. Portella offerecendo como Director do Archivo Publico do Imperio um exemplar do

1° volume das publicações de sua Repartição, contendo o Catalogo das Cartas Régias e Provisões do Conselho Ultramarino desde 1662 a 1821.

Officio do Secretario da Imperial Sociedade dos Artistas Mecanicos e Liberaes de Pernambuco, pedindo uma collecção da Revista Trimensal para o Lyceu de Artes e Officios a seu cargo.

Carta do Sr. João Capistrano de Abreu, offertando um exemplar da obra: *Informações e fragmentos Historicos* do Padre José de Anchieta, e solicitando que se lhe conceda licença para tirar cópia de tres cartas do mesmo veneravel Padre que este Instituto possue em suas collecções.—Foi concedido.

Offertas

Helo Sr. Vivien de Saint-Martin: *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle* (33° fasciculo).

Pelo Sr. D. Rafael Roig y Torres: *Cronica Cientifica*, anno 5°, n. 116.

Pelo Sr. Dr. Mello Moraes Filho: a sua obra *O Dr. Mello Moraes.*

Pelo Sr. Dr. Eugenio Guimarães Ribeiro: *Revista de Hygiene* ns. 1 e 2.

Pelo Sr. Dr. Luiz Henrique Pereira de Campos: —*Conferencias da Repartição de Estatistica.*

Pelas Sociedades de Geographia de Neuchatel, Bruxellas, Pariz, Italiana, Instituto Geographico Argentino, Real Academia de Historia de Madrid, Sociedade Nacional de Agricultura, Africana d'Italia, Adriatica de Sciencias Naturaes, Geographica de Tours, L'Enseignement, Centro Boliviano, Sociedade de Historia Natural de Viena e Scientifica Argentina, os seus boletins.

Pela Sociedade Ibero-Americana: os seus Estatutos e jornaes do 1° anno ns. 6 e 7.

. Pelas respectivas redacções : *Diario Official*, *Diario da Bahia*, *Diario Popular*, *Correio de Campinas*, *A Immigração*, *O Espirito-Santense*, *O Publicador Goyano*,

O Cachoeirano, O Baependyano, A Provincia do Espirito-Santo, Jornal do Recife, Jornal da Parahyba, A Imprensa, A Semana, A Evolução, L'Etoile du Sud, Le Brésil, Le Nouveau Monde, o Boletim da Alfandega do Rio de Janeiro.

Todas as offertas foram recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

A Commissão de fundos e orçamento apresentou o seguinte

PARECER

A Commissão de fundos e orçamento, tendo examinado as contas relativas ao 1° semestre do 1° de Janeiro ao ultimo de Junho do corrente anno, apresentadas pelo nosso muito prestimoso thesoureiro o Sr. Barão de Teffé, as achou exactas e conformes ao orçamento da receita e despeza, e confirmadas com os documentos juntos, pelos quaes se demonstra que houve uma receita de 5:980$817 rs. e uma despeza de 4:474$ rs., e ficou um saldo de 1:506$817 rs. A Commissão de fundos e orçamento é de parecer que sejam approvadas estas contas, por se acharem exactas.

Sala das sessões do Instituto, 27 de Julho de 1886. —Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.*—Dr. *João Severiano da Fonseca.*

O Sr. Barão de Teffé declara á mesa que houve equivoco do Sr. Dr. Cesar Marques quando em a passada sessão informou qne não se acha na côrte o socio Calheiros da Graça, membro da Commissão de Geographia.

O Sr. presidente á vista d'essa declaração resolve que fique sem effeito a nomeação que fizera do Sr. conselheiro Saldanha da Gama para substituir o Sr. Calheiros.

O Sr. Dr. Maximiano manda á mesa, e fundamenta com varias ponderações, uma indicação para que seja remettida a *Revista* do 2° semestre d'este anno a todos os professores das escolas primarias da Côrte e capitaes das Provincias.

O tenente coronel Fausto de Souza, obtendo a palavra, continua a leitura da sua memoria—A redempção da Uruguayana—concluindo a 1ª parte.

Achando-se adiantada a hora, o Sr. presidente, depois de alcançar a imperial venia, levantou a sessão.

Augusto Fausto de Souza,
2º Secretario interino.

6ª SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE AGOSTO DE 1886

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva
1º Vice-Presidente.

Reunidos no salão do Instituto, ás 6 1/2 horas da tarde, os Srs. socios: Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva, conselheiros Barão Homem de Mello, Olegario Herculano de Aquino e Castro, D. José de Saldanha da Gama, Monsenhor Manuel da Costa Honorato, Henrique Raffard, Barão de Teffé, Drs. Joaquim Pinto Machado Portella, João Franklin da Silveira Tavora, Alfredo de Escragnolle Taunay, Cesar Augusto Marques, Augusto Victorino Alves do Sacramento Black, Felizardo Pinheiro de Campos e Augusto Fausto de Souza, annuncia-se a chegada de S. M. o Imperador que, sendo recebido com as honras do costume, tomou assento.

O Sr. Presidente Joaquim Norberto declara aberta a sessão, e o 2º secretario interino lê a acta da sessão anterior, que é approvada.

Antes da leitura do expediente, o Sr. presidente lê, commovido, a seguinte allocução:

« Senhores: O luto reveste de saudade a cadeira da presidencia, e assim se conservará, até que seja preenchida a vaga deixada pela morte do benemerito presidente,

o illustrado Visconde de Bom Retiro. Soffreu o Instituto Historico essa immensa magua, compartilhando com toda a nação a grande e infausta perda que hoje lamenta o Brazil.

« Falleceu o Visconde de Bom Retiro na primeira hora do dia 12 d'este mez, succumbindo á enfermidade que tanto o affligira nestes ultimos annos e nos privou por vezes de sua assistencia, interrompendo a sua assiduidade por longos mezes.

« A' lamentavel noticia do seu passamento reuniu-se a mesa do Instituto Historico e deliberou :

« Que a sessão, que devia ter lugar no dia seguinte, coincidindo com o dia marcado para o enterro, fôsse transferida para quando se annunciasse ;

« Que o Instituto se encerrasse por tres dias ;

« Que os membros da mesa tomassem luto por oito dias, e fôssem incorporados ao funeral, tendo por seu orgão o orador, bem como ouvissem as missas do setimo dia.

« O que tudo foi fiel e selemnemente cumprido.

« Começou o Visconde de Bom Retiro a fazer parte de nossa associação desde 1855, como socio correspondente ; tornou-se depois effectivo e foi eleito seu 1° Vice-presidente, até que pela morte do venerando Marquez de Sapucahy passou a occupar a cadeira da presidencia, que deixa agora vaga. Era actualmente socio honorario.

« Revelou-se sempre no Visconde de Bom Retiro o cidadão eminentemente amigo da terra que o viu nascer, e nos differentes e elevados cargos em que serviu com a maior fidelidade e illustração, não teve outro objectivo que não fôsse a grandeza da patria, que não é um mytho vão na crença brazileira.

« Dóe ver um obreiro d'estes, intimamente votado ao culto da prosperidade nacional, ficar áquem da realisação dos desejos patrioticos e desapparecer ante essa miragem do porvir, em que se lhe realçava o auge da grandeza da patria e sua collossal prosperidade. Consola, porém, vêl-o transportado á sua derradeira morada, no meio das lagrimas e suspiros, atravez das bençãos de uma numerosa população.

« Oh ! foi esse, por certo, o seu primeiro dia ! Se a

alma, essa borboleta immortal, como diz uma lenda religiosa, não perde de vista o corpo, sem ver o destino de seu cadaver, essa chrysalida terrena, foi por sem duvida esse testemunho de dôr e de saudade o seu maior galardão, o seu maior triumpho. Nem uma voz, como era uso na ovação romana do triumphador, se levanta contra elle !

« E eis todo o seu elogio ! Baixou ao tumulo no meio da saudação da artilharia, que lhe disse o derradeiro adeus da patria e entre as saudosas despedidas que lhe dirigiu o Instituto Historico pela voz eloquente do seu orgão.

« E a terra brazileira, que o acolheu sempre no seio maternal, não cessará de repetir com saudade o seu preclaro nome. »

Peço que se lance na acta um voto de profundo pezar por tamanha perda.

E' concedida a palavra ao Sr. Dr. Franklin Tavora, que participa haver assistido, com os outros membros da mesa, ao funeral do nosso fallecido presidente, tendo na occasião de baixar o corpo ao tumulo proferido como orador do Instituto as seguintes palavras :

« Senhores: Ha quasi meio seculo que o altissimo estadista, cujo fallecimento deploramos, se mostra modelo de dedicação á monarchia e á sua patria.

« Não ha ninguem no Brazil, de condição mediocre para cima, que possa ignorar que se este vulto chega á sua morada final carregado de renome, chega igualmente carregado de serviços de irreprehensivel relevancia na administração das provincias e do Estado, nos conselhos da corôa, na politica interna e externa, no parlamento, nos progressos materiaes e intellectuaes, emfim em todos trabalhos com que pleiteamos lugar ao lado das primeiras nações do mundo.

« Mas em momento tão veloz, já disputado á morte, como é o presente, não cabe a tarefa de commemorar uma vida fecundissima em exemplos que hão de ser assumpto de muitas paginas na critica da historia.

« O Instituto não vem aqui empregar os processos da pesquisa e da apologia, instrumentos do espirito ; em outra occasião exercerá o officio da indagação e do

louvor que o caracterisa. Vem, sim, movido pelo coração, repassado de pezar, receber as mudas depedidas do seu benemerito presidente, que nunca mais ha de ver na direcção dos seus trabalhos; que nunca mais o esclarecerá com o seu saber e benevolencia de irmão exemplarissimo.

« O Instituto comparece nesta triste solemnidade para dirigir ao primeiro dos seus consocios, que a morte afasta do recinto das sessões para o das campas, o derradeiro adeus, — este adeus pessoal que torna authentica a sua profundissima saudade.»

O Sr. Presidente, retomando a palavra, diz ainda:

« Tenho que cumprir ainda um dever, bastante doloroso para mim. No dia 1° d'este mez perdemos tambem um socio na pessoa de meu irmão e amigo o commendador João José de Souza Silva Rio, que era membro effectivo do Instituto desde 1845, e que durante muitos annos exerceu o cargo de Thesoureiro de nossa associação e nelle prestou muitos e bons serviços. Peço que igualmente se lance na acta um voto de sentimento pela sua morte.

« Não findarei sem communicar ainda ao Instituto a morte de outro consocio correspondente, o Sr. Dr. Maximiano Antonio de Lemos, que falleceu nesta Côrte no dia 12 d'este mez. Peço igual menção na acta para elle.»

O Sr. 1° Secretario interino Dr. Portella apresenta á mesa o seguinte:

EXPEDIENTE

Officio do Secretario da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, communicando a eleição de sua nova Directoria.—Inteirado.

Officio da Directoria do Lyceu Litterario Portuguez, convidando o Instituto para se fazer representar em sua sessão solemne anniversaria, na noite de 24 do corrente. —O Sr. Presidente nomeia em commissão para esse fim os Srs. Conselheiros Barão Homem de Mello, Olegario e Dr. Sacramento Blacke.

Officio do Secretario do Gabinete de Leitura Atheneu Ubatubense, agradecendo a remessa da Revista Trimensal, e pedindo o tomo 47 e seguintes.—Inteirado.

OFFERTAS

São offerecidas ao Instituto as seguintes obras:

Pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, o 1° e 2° Boletins do tomo 2° de sua Revista.

Pelo Observatorio Imperial do Rio de Janeiro, a Revista n. 7 de 1 de Julho ultimo.

Pelo Sr. Torlogo OConnor Paes de Camargo e Dauntr: *A' volta da Exposição,*— catalogo dos productos agricolas e industriaes exhibidos na 1ª Exposição regional do Municipio de Campinas.

Pela Secretaria do Senado: Annaes da 1ª sessão da 19ª Legislatura, vols. 1 a 5, e 1 a 3 das sessões extraordinarias de 1885.

Pela Secretaria da Camara dos Deputados: Annaes do parlamento Brasileiro, 1° e 2° volumes de 1886.

Pelo Instituto Philotechnico, a Revista n. 1 do 1° anno.

Pelas Sociedades de Geographia, de Pariz, de Madrid, de Bordeaux e Americana, os seus Boletins.

Pela Sociedade Cientifica Argentina, o 6° fasciculo do tomo 21 de seus Annaes.

Pela Sociedade Imperial dos Naturalistas de Moscow, os Boletins ns. 3 e 4 de 1886.

ORDEM DO DIA

E' lida, approvada, e remettida á Commissão de fundos e orçamento a seguinte proposta:

Temos a honra de propôr que o Instituto Historico, para testemunho perenne de homenagem ao seu preclaro

Presidente, o Exm. Visconde de Bom-Retiro, de saudosissima memoria, mande fazer e collocar na sala de suas sessões o busto do mesmo Exm.Sr.—Sala das sessões, 20 de Agosto de 1886.—Joaquim Pires Machado Portella, Joaquim Norberto de Souza e Silva, Barão Homem de Mello, Augusto Fausto de Souza, Dr. Cesar Augusto Marques, Felizardo Pinheiro de Campos, Alfredo d'Escragnolle Taunay, Olegario H. de Aquino e Castro, Henrique Raffard, Monsenhor M. C. Honorato, Barão de Teffé, José de Saldanha da Gama, J. Franklin da Silveira Tavora, Dr. Augusto V. A. do Sacramento Black.

E' approvado o parecer, que se achava sobre a mesa, da Commissão de fundos e orçamento, relativo ás contas do 1° semestre d'este anno, apresentadas pelo Sr. Thesoureiro.

E' tambem lido e approvado o parecer da commissão de geographia, regeitando a proposta do Sr. Silvares, que offerece vender ao Instituto varios mappas e cartas geographicas.

O Sr. Barão de Teffé communica que recebeu da Inglaterra a obra em um volume: *Habitações lucustres da Irlanda* pelo coronel Woods, a qual é offerecida ao Instituto pelo nosso consocio Ricardo Gumbleton Daunt.Fazendo entrega d'esse volume, o mesmo Sr. Barão propõe que seja enviada á Commissão de archeologia e ethnographia. —Assim se resolve.

O Sr. commendador Joaquim Norberto declara que achando-se na cadeira da presidencia nomeia o Sr. Barão Homem de Mello para substituil-o na commissão de trabalhos historicos.

O Sr. Dr. Escragnolle Taunay continua a leitura da sua memoria *Os Campos Geraes e o Sertão de Guarapuava.*

O Sr. Barão de Teffé lê um trecho de um importante trabalho seu intitulado: *O porto do Rio de Janeiro.*

Achando-se adiantada a hora, o Sr. presidente obtem a imperial venia e declara levantada a sessão.

Augusto Fausto de Souza,
2º secretario interino.

———

7ª SESSÃO ORDINARIA EM 3 DE SETEMBRO DE 1886.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva,
1º Vice-Presidente.

A's 6 1/2 horas da tarde, achando-se reunidos no salão do Instituto os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, senador Alfredo de Escragnolle Taunay, Monsenhor Manuel da Costa Honorato, Drs. Joaquim Pires Machado Portella, Cesar Augusto Marques. João Franklin da Silveira Tavora, José Alexandre Teixeira de Mello, Maximiano Marques de Carvalho, Felizardo Pinheiro de Campos, Ladisláo de Souza Mello Netto e Augusto Fausto de Souza, annunciou-se a chegada de S.M.o Imperador, que é recebido com as honras do estylo, e o Sr. presidente declara aberta a sessão.

O 2º secretario interino lê a acta da sessão antecedente, a qual é approvada.

O Sr. 1º Secretario Dr. Portella deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio da 2ª Directoria do Ministerio do Imperio, acompanhando o 4º volume dos *Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto.*

Officios das Presidencias das Provincias do Rio de Janeiro e das Alagôas, enviando, este a Falla e aquelle o relatorio apresentados ás respectivas assembléas provinciaes por occasião da abertura da 1ª sessão da 26 legislatura.

Da Directoria Geral de Immigração e Agricultura de Montevidéo, remettendo um exemplar de suas *Memorias* relativas ao anno de 1884.

Carta do Sr. Dr. Brito Silva, propondo vender a este Instituto duas medalhas.—O Sr. 1° secretario declara que vai verificar se já o Instituto possue iguaes.

Uma proposta de Izidro Ferreira Maia, offerecendo vender ao Instituto por 400$ réis cinco cópias de quadros historicos.—E' remettida á Commissão de trabalhos historicos.

OFFERTAS

Além das que foram referidas no expediente, foram recebidas as seguintes:

Pela Secretaria da Agricultura o *Relatorio* e *Annexos* apresentados á Assembléa Geral Legislativa no presente anno.

Pelo Sr. Dr. Augusto Ferreira dos Santos: Memoria historica dos *Acontecimentos notaveis da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no anno escolar de* 1885.

Pelo Sr. M. Vivien de Saint-Martin : *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle*, 34° *livraison.*

Pela Sociedade de Medicina e Cirurgia d'esta Côrte, a sua *Revista* de 1 de Agosto ultimo.

Pelo Imperial Observatorio do Rio de Janeiro : *Revista do mez de Agosto.*

Pelas respectivas redacções : *Revista dos cursos praticos e theoricos da Faculdade de Medicina*, e *Revista Pharmaceutica* do Rio de Janeiro.

Pela Real Sociedade de Geographia de Antuerpia, o tomo 3° de suas *Memorias.*

Pelas Sociedades de Geographia de Paris, Bruxellas, Bordeaux, Italiana e de Munick, os seus *Boletins.*

Pela Sociedade Africana de Italia e Instituto de Toronto, os seus *Boletins.*

Pelas redacções respectivas : a *Gazeta da Bahia*, o *Diario Popular*, o *Rio de Janeiro*, *Le Nouveau Monde*, a *Imprensa*, a *Provincia do Espirito Santo*, a *Semana*, o *Jornal da Parahyba*, o *Publicador Goyano*, o *Espirito-Santense*, o *Cachoeirano*, o *Baependyano*, *Ambos-Mundos*, *L'Etoile du Sud* e o *Boletim da Alfandega do Rio de Janeiro.*

ORDEM DO DIA

E' lida e remettida á Commissão de trabalhos historicos a seguinte proposta:

Propomos para socio correspondente d'este Instituto o Sr. Luiz Henrique Pereira Campos, bacharel formado em direito, natural do municipio da côrte, de 39 annos de idade, official da secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, servindo de titulo para a sua admissão a sua conferencia impressa sobre trabalhos de estatistica. — Sala das sessões do Instituto Historico, 20 de Agosto de 1886. — *Dr. Cesar Augusto Marques. — Felizardo Pinheiro de Campos.— Dr. J. A. Teixeira de Mello. — Monsenhor M. C. Honorato.— J. P. Machado Portella.*»

O Sr. Dr. Cesar Marques, recordando ser esta a 1ª sessão do corrente anno em que não se lançam goivos e saudades á memoria de nossos consocios, pede licença para apresentar a seguinte indicação, fundada em precedentes historicos : «Requeiro que na acta da presente sessão se declare que o Instituto Historico sente-se possuido de muita satisfação por ter sido elevado ao alto cargo de Senador do Imperio o nosso illustrado e incansavel consocio o Sr. Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay. S. R. Em 3 de Setembro de 1886. Dr. Cesar A. Marques.—Submittida á votação é unanimemente approvada, e agradecida pelo Sr. Taunay.

E' lida uma carta do Sr. Barão de Teffé offerecendo da parte do nosso consocio Dr. Ricardo Gumbleton Daunt a collecção, hoje muito rara, do periodico *Attlantis*; e bem assim uma carta do mesmo Sr. Dr. Daunt, datada de Campinas, versando sobre uma obra historica de valor que existe em poder de um particular na dita cidade de Campinas, que conviria ser obtida por esse Instituto. Nesta mesma carta se dá noticia de um compendio de Geographia em 6 tomos, gravuras e mappas datados de Amsterdam anno 1648, o qual se annunciou á venda na cidade de Buenos-Ayres.—Esta carta é remettida á Commissão de Trabalhos Historicos para dar parecer.

O Sr. Dr. Maximiano, pedindo a palavra, faz algumas ponderações acerca de uma proposta que fôra enviada á Commissão de Fundos e sobre a qual deu parecer isolado por se acharem doentes os outros dous membros da mesma Commissão. O Sr. 1° Secretario informa que o parecer do Sr. Dr. Maximiano fôra por elle remettido ao Sr. General Beaurepaire Rohan, membro da referida Commissão, pois que seu estado não o impossibilita de prestar esse serviço.

O Sr. Dr. Taunay lê um capitulo do seu interessante trabalho intitulado: *Os Campos Geraes e o Sertão de Guarapuava.*

O Tenente Coronel Fausto continua a leitura da memoria: *A redempção de Uruguayana.*

Estando adiantada a hora, o Sr. Presidente obtem a imperial venia e levanta a sessão.

Augusto Fausto de Souza,
2° Secretario interino.

8ª SESSÃO ORDINARIA EM 17 DE SETEMBRO DE 1886

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

(1° Vice-Presidente)

A's 6 ½ horas da tarde, achando-se reunidos no salão do Instituto os Srs. Joaquim Norberto de Souza Silva, Olegario Herculano de Aquino e Castro, Joaquim Pires Machado Portella, Barão de Teffé, Alfredo d'Escragnolle Taunay, João Franklin da Silveira Tavora, Maximiano Marques de Carvalho, Filizardo Pinheiro de Campos, Francisco Ignacio Ferreira, Augusto Victorino

Alves do Sacramento Blake, Ladisláu de Souza Mello Netto e José Alexandre Teixeira de Mello, annuncia-se a chegada de S. Magestade, que é recebido com as honras do estylo. Em seguida o Sr. presidente declara aberta a sessão.

Designado 2° Secretario interino o Dr. Teixeira de Mello, lê a acta da sessão anterior, que é approvada.

O Sr. Dr. Machado Portella, 1° Secretario interino, dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Presidente da Provincia da Parahyba, Dr. A. Herculano de Souza Bandeira, datado de 21 de Agosto, enviando exemplares do *Jornal da Parahyba*, em que fôra impresso o Relatorio do Engenheiro Francisco Soares da Silva Retumba sobre a sua viagem de exploração ao interior d'aquella Provincia e juntamente o *fac-simile* de uma inscripção gravada em rocha na povoação de Pedra Lavrada, de que faz menção aquelle Relatorio.

Do Dr. Cesar Augusto Marques, communicando não poder comparecer por motivo de molestia á presente sessão do Instituto.

Do Sr. Tenente Coronel Augusto Fausto de Souza, fazendo communicação identica e enviando para a bibliotheca do Instituto um exemplar encadernado da obra do Monsenhor Pinto de Campos: *Vida do grande cidadão brazileiro Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias.*

Da *Société de Sciences et Géographie d'Haîti*, datado de Port-au-Prince a 1 de Agosto do corrente anno, communicando a installação d'aquella Sociedade, cuja Acta de constituição envia, e pedindo a permuta das publicações respectivas.

Communicação de todos os membros da familia do barão Gustavo de Schreiner, socio honorario do Instituto, do fallecimento do mesmo barão, occorrido a 12 de Agosto proximo passado em Friefack, na Allemanha.

Officio do Sr. Dr. Jaguaribe Filho, participando não ter podido comparecer para fazer parte da commissão que em nome do Instituto felicitou Sua Magestade o Imperador no dia do anniversario da Independencia do Imperio, em consequencia de, por força maior, ter ido acompanhar sua familia á Provincia de S. Paulo.

OFFERTAS

Pelo Sr. M. A. Baguet «Court aperçu de la découverte du Brésil et de son histoire politique jusqu' á son emancipation.» «Les Patagons, la race blanche et la race de couleur.»

Pelas Sociedades : Imperial dos Naturalistas de Moscow, Real Sociedade Economica de Amigos del Pais, Archeologica Druztwa, Scientifica Argentina e Instituto Philotechnico (d'esta côrte), as respectivas publicações.

Pela Directoria da Companhia Estrada de Ferro Macahé e Campos, o seu relatorio, com o parecer da commissão fiscal, apresentado em 30 de Agosto ultimo á assembléa geral dos accionistas.

Pelas respectivas redacções : *O Diario Popular*, *A Imprensa*, *O Publicador Goyano*, *A Semana*, *O Rio de Janeiro*, *A Provincia do Espirito Santo*, *O Baependyano*, *O Cachoeirano*, *o Correio Official de Goyaz*, *Le Nouveau Monde*, *L'Etoile du Sud* e *a Revista do Ensino*.

ORDEM DO DIA

O Sr. Conselheiro Aquino e Castro communica que desempenhára a commissão de, por parte do Instituto, comprimentar a Sua Magestade o Imperador no dia 7 do corrente e que pronunciára o seguinte discurso :

Senhor. — O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pela commissão que se acha presente, vem ante o excelso throno Imperial cumprir um agradavel e honroso dever dirigindo a Vossa Magestade, em dia de tanto jubilo

para todos os corações brasileiros, as mais respeitosas congratulações pelo faustoso anniversario do maior dia do Brasil—aquelle em que foi emprehendido, ha mais de meio seculo, na terra classica do patriotismo e da liberdade, o grandioso feito que encheu de gloria a patria e de immortal renome o heroico fundador do Imperio.

As ondas de luz, que tanto brilho espargiu sobre o solio que Vossa Magestade Imperial tem sabido honrar e engrandecer, são ainda claros e vivos reflexos do Sol do Ypiranga, illuminando o berço de um grande povo e a fundação de uma altiva nacionalidade.

Honra ao caracter nobre e elevado dos Brasileiros! Gloria ao principe generoso, que franca e lealmente correspondeu ás justas aspirações da liberdade!

Mas de pouco valeria essa tão almejada liberdade, por nós enthusiasticamente conquistada, se não soubessemos d'ella uzar, em beneficio commum da sociedade, em prol de seus legitimos interesses e effectiva garantia dos nossos direitos.

Se a missão d'aquelles que dirigem a governação do Estado é ardua e difficil, não menos graves e difficeis são os deveres impostos ao cidadão.

O engrandecimento da patria depende especialmente do esforço e da cooperação constante e intelligente de todos os seus filhos.

Por ella trabalhemos com ardor e energia.

E a Historia, que é a memoria dos povos e a voz consciente da opinião, ha de, em seus annaes, registrar com as distincções devidas os nomes memoraveis d'aquelles que por seus serviços, dedicação e patriotismo mais efficazmente houverem concorrido para a prosperidade do Imperio e desenvolvimento das liberaes instituições que o regem.

Digne-se Vossa Magestade de acolher benigno as puras e sinceras homenagens do Instituto, sempre grato ao favor com que é honrado pelo augusto protector das lettras brazileiras. Rio, 7 de Setembro de 1886.

Sua Magestade dignou-se responder:

Que agradecia muito as congratulações do Instituto pelo anniversario da independencia da nossa patria.

O Sr. presidente declara que a resposta de Sua Magestade é recebida com o todo o respeito e agrado.

O mesmo Sr. presidente communica que em carta que lhe dirigira de Manáos o Sr. João Barbosa Rodrigues, nosso consocio e director do Museu Botannico do Amazonas, em data de 21 de Agosto proximo passado, lhe escrevia que não lhe tem sido possivel mandar cousa alguma para o Instituto, nem mesmo o seu relatorio ácerca da pacificação dos *Crichanàs*, e accrescentava a respeito d'aquelle Museu: «Para solemnizar os annos de Sua Alteza fiz aqui uma bella exposição de productos da provincia e addicionei uma de historia e geographia da mesma provincia. Reuni muita cousa e cousa de grande sensação aqui. Cheguei a reunir com difficuldade incrivel todos os jornaes, periodicos, pasquins, etc., que se têm aqui publicado, desde o primeiro numero, assim como os retratos de todos os presidentes e vice-presidentes. Inaugurei tambem o retrato a oleo de S. Alteza, que ahi mandei fazer. Esteve uma festa esplendida.»

O Sr. 1° Secreterio communica, em solução ao que se resolvêra na sessão passada sobre a proposta do Sr. Dr. Carlos Augusto de Brito Silva, que o Instituto possue a medalha commemorativa da fundação do mesmo Instituto, mas não possue a que commemora o casamento de S. M. o Imperador.—Fica sobre a mesa.

Foi apresentado o seguinte parecer da Commissão de Historia:

A Commissão de Historia examinou as traducções feitas pelo Dr. José Hygino Duarte Pereira, offertadas a este Instituto, e constantes da *Revista Trimensal*, tom. XL, pag. 7 e tom. XLI, pag. 183.

Os trabalhos traduzidos são *o Diario ou Narração Historica de Matheus Van den Broeck* e a *Narração da Viagem que nos annos de* 1591 *e seguintes fez Antonio Knivet da Inglaterra ao mar do Sul, em companhia de Thomaz Cavandish*, e tambem tres fasciculos da *Historia* ou *Annaes dos Feitos da Companhia Previlegiada das Indias Occidentaes*, desde o seu começo até o anno de 1636, por João de Laet.

Mostrando-se familiarisado com a lingua hollandeza

em que foram escriptos os mencionados trabalhos, o Dr. José Hygino venceu todas as difficuldades que ella devêra naturalmente offerecer á quem aprendeu sem mestre, unicamente movido pelo desejo muito louvavel de conhecer importantes fontes da historia patria.

O *Diario* de Matheus Van den Broeck, quasi desconhecido entre nós por ser muito raro, deixa no espirito do leitor impressões originaes. Não é sem razão que, no rapido prefacio da traducção, affirma o traductor que hão de ser sempre lidas com interesse pelos que cultivam a historia patria o combate da Casa Forte, a prisão do autor do *Diario*, a sua viagem por terra á Bahia, o conselho de guerra na fortaleza de Nazareth, e outros episodios, cuja individuação não seria muito propria neste parecer.

Pelo que respeita á *Narração* da viagem de Knivet, comquanto escripta originariamente em inglez, o Dr. José Hygino traduziu-a da lingua hollandeza, para a qual tinha sido transportada, talvez com o fim de não falhar na Collecção das *Viagens celebres ás Indias Orientaes e Occidentaes*, impressa em Leyde em 1707, como reconhece o traductor.

Esta narração não é menos curiosa que a primeira. Nos tres capitulos de que se compõe, encontram-se muitas noticias,informações e costumes, que na variedade e nos contrastes dão a esta viagem um aspecto de peregrinação, em que não faltam padecimentos physicos nem provações moraes.

O melhor elogio que se póde fazer d'essas traducções é a fluencia, a naturalidade, a fidelidade com que o traductor trasladou no nosso idioma a exposição original, e a utilidade que d'ellas resulta para a historia do Brasil já foi reconhecida na sessão d'este Instituto a 10 deDezembro de 1875, em que todos os membros em numero de 12, que compareceram á mesma sessão, assignaram uma proposta para se pedir ao Ministro do Imperio auxiliasse a continuação de semelhantes traducções pelo Dr. José Hygino.

Por si mesmas, as aqui mencionadas são titulos sufficientes para a admissão de quem pretendesse um lugar entre nós.

Mas o Dr. José Hygino acaba de augmentar o valor d'estes titulos com o seu ultimo trabalho, de que o Instituto já teve noticia pela proposta que na sessão de 16 de Julho ultimo apresentou o nosso digno 1º Secretario interino.

Commissionado pelo Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, o Dr. José Hygino effectuou uma viagem á Hollanda afim de examinar valiosos ineditos existentes nos principaes archivos; e, regressando a Pernambuco, apresentou um minucioso relatorio, a cuja leitura procedeu perante numeroso auditorio, em sessão especial, celebrada a 9 de Maio ultimo.

E' um trabalho de merito manifesto, em que vêm indicados os mais importantes documentos hollandezes, e ao qual acompanham valiosas cópias. Quasi todas são ineditas, e muita luz trazem ao dominio hollandez no Brasil: são hoje indispensaveis para quem houver de escrever a historia d'esse periodo das nossas lutas coloniaes.

Em presença de tão bons titulos, é a Commissão de Historia de parecer que o Dr. José Hygino Duarte Pereira está no caso de pertencer ao nosso Instituto.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 17 de Setembro de 1886.— *Barão Homem de Mello.— O Visconde de Souza Fontes.*

A Commissão de admissão de socios tambem apresenta o seguinte parecer:

A Commissão de admissão de socios do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo presentes os pareceres da Commissão de Historia, relativos aos trabalhos dos Srs. Senador Manuel Francisco Corrêa, Barão de Ourem e Dr. José Hygino Duarte Pereira, e convencida de que concorrem nas pessoas dos illustrados cidadãos propostos todas as condições exigidas pelos nossos estatutos para a admissão ao gremio do Instituto, é de parecer que sejam os mesmos recebidos como socios correspondentes. Rio, 17 de Setembro de 1886. — *O. H. d'Aquino e Castro. — Barão de Teffé.*

Fica sobre a mesa para ser votada na sessão seguinte.

O Sr. Senador Taunay lê um capitulo do seu trabalho « *Os Campos Geraes e o Sertão de Guarapuava* ».

E o Sr Dr. Sacramento Blake preenche o resto da sessão com a leitura de notas suas biographicas relativas ao afamado orador sagrado bahiano fr. Francisco de Santa Rita Bastos Baraúna, conhecido pela designação de *Frei Bastos.*

Finda essa leitura e obtida a imperial venia, o Sr. presidente levanta a sessão.

Sala das sessões do Instituto, em 1 de Outubro de 1886.

Dr. Teixeira de Mello,
2.° Secretario interino.

9ª SESSÃO ORDINARIA EM 1 DE OUTUBRO DE 1886

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE SUA MAGESTADE O IMPERADOR

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva, 1° *vice-presidente*

A's 6 1/2 horas da tarde, achando-se presentes no salão do Instituto os Srs. Joaquim Norberto de Souza e Silva, Olegario Herculano de Aquino e Castro, Joaquim Pires Machado Portella, Augusto Fausto de Souza, Barão de Teffé, Alfredo de Escragnolle Taunay, João Franklin da Silveira Tavora, monsenhor Manuel da Costa Honorato, Felizardo Pinheiro de Campos, Cesar Augusto Marques, Maximiano Marques de Carvalho, José de Saldanha da Gama e José Alexandre Teixeira de Mello, annuncia-se a chegada de Sua Magestade, que é recebido com as honras do estylo e toma assento.

Em seguida o Sr. presidente declara aberta a sessão.

O socio Teixeira de Mello, servindo de 2° secretario,

lê a acta da sessão anterior, que é approvada depois de algumas observações do Sr. presidente.

O Sr. Dr. Machado Portella, 1º secretario interino, dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Aviso do Ministerio do Imperio de 28 de Setembro ultimo, remettendo um exemplar do protocollo da 3ª conferencia da commissão central de artes e monumentos historicos que se reuniu em Vienna d'Austria.

Officios :

Do Vice-Presidente da Provincia do Rio-Grande do Sul, general Manuel Deodoro da Fonseca, datado de Porto Alegre a 15 de Setembro ultimo, enviando um exemplar da collecção das actas, regulamentos e instrucções expedidas pela presidencia d'aquella provincia no anno de 1879.

Do Sr. Commendador Antonio Alvares Pereira Coruja Junior, datado de hoje, offerecendo á bibliotheca do Instituto um exemplar encadernado do trabalho que publicára *Repertorio das Leis, Decretos, Consultas, Instrucções, Portarias, Avisos e Circulares, relativos á concessão, administração e fiscalisação das Estradas de Ferro.*»

OFFERTAS

Pelo Sr. Senador Taunay : um exemplar do seu trabalho *Casamento Civil*, primeiro dos livros de propaganda da Sociedade Central de Immigração.

Pelo editor : *Nucleos de Immigração no Municipio do Porto de Cima, Provincia do Paraná—Mappas estatisticos organizados pela Sociedade de Immigração do Porto de Cima.*

Pelo Inspector da Alfandega do Rio de Janeiro : *Quadros comparativos da Renda Geral do Imperio nos exercicios de* 1871-72 *a* 1882-83.

Pelo Director da Imprensa Nacional: *Collecção das Leis e Decisões do Governo do Imperio do Brazil de* 1885.

Pelo Sr. João Barbosa Rodrigues: *Rio Jauapery—Pacificação dos Crichanás.*

Pela respectiva Commissão:— Discurso pronunciado pelo Dr. José Hygino Duarte Pereira ao abrir a sessão magna litteraria do dia 11 de Agosto de 1886, da Faculdade de Direito do Recife.

Pela Sociedade Central de Immigração: A nova Lei de Terras, parecer apresentado ao Parlamento Brasileiro pela referida Sociedade.

Pelas Sociedades, de Geographia de Tours, de Instrucção do Porto Feliz, Scientifico-Litteraria da Escola de Marinha e o Imperial Observatorio do Rio de Janeiro, as suas *revistas.*

Pelas Sociedades, de Geographia de Roma, de Bordeaux, de Lisboa, e Instituto Geographico Argentino, os seus boletins.

Pelas respectivas redacções: a *Gazeta da Bahia, Diario Popular, O Rio de Janeiro, A Provincia do Espirito Santo, A Immigração, O Cachoeirano, O Baependyano, A Semana, O Espirito-Santense, Ambos Mundos, O Publicador Goyano, Manguaba, A Imprensa, Le Nouveau Monde, L'Etoile du Sud e o Boletim da Alfandega Rio de Janeiro.*

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente declara que, achando-se sobre a mesa os pareceres da Commissão de Admissão de socios relativo aos Srs. Senador Manuel Francisco Corrêa, Barão de Ourem e Dr. José Hygino Duarte Pereira, submette-os á votação. Corrido o escrutinio secreto sobre cada um dos tres candidatos propostos, são todos tres eleitos por unanimidade de votos e declarados socios correspondentes do Instituto.

O Sr. Dr. Machado Portella propõe que seja remettido á Commissão de Geographia o Mappa do Alto

Javary, offertado ao Instituto pelo Sr. Barão de Teffé, a fim de que a mesma Commissão dê sobre elle o seu parecer.

O Sr. Dr. Maximiano de Carvalho indica que, attendendo á importancia do referido Mappa, seja elle reduzido e impresso para acompanhar a revista do Instituto.

O Sr. Barão de Teffé impugna a indicação do Sr. Dr. Maximiano e lembra que se adopte antes a idéa que tem o Sr. Franklin Tavora da creação de um boletim mensal, em que se dê conta do movimento social do Instituto, que não póde ser dado pelos fasciculos trimensaes da revista, attenta a sua natureza e aos fins que lhes assignam os estatutos.

A' vista da discussão suscitada resolve-se que a proposta do Sr. Dr. Portella e o additamento do Sr. Dr. Maximiano vão á indicada Commissão, para sobre elles dar parecer.

Em seguida o Sr. Presidente pondera os embaraços em que se vê a Mesa do Instituto quanto á substituição do seu 1° Secretario, por terem os Srs. Portella e Fausto de Souza dado parte de doentes.

O Sr. Dr. Portella declara: Que apezar de não ser vigoroso o seu estado de saude, não déra parte de doente, mas instára por ser dispensado de substituir ao 1° secretario, repetindo ultimamente em carta ao Sr. presidente as razões que lhe havia exposto e a diversos socios;—Que acceitára essa substituição persuadido de que não seria duradouro o incommodo do Sr. 1° secretario, além de que o Instituto se achava então em ferias; que, como sempre suppôz, reconheceu praticamente que o lugar de 1° secretario só será bem exercido por quem possa diariamente demorar-se algum tempo no Instituto, cuja molla principal é o 1° secretario, sobre quem pesam muitos deveres e com grande responsabilidade; e que não podendo elle vir aqui quotidianamente e demorar-se, não queria que soffresse o serviço do Instituto; que, portanto, instava por sua dispensa, e que sómente para que não parecesse obstinação de sua parte em recusar seus fracos serviços, é que tem estado até agora nessa substituição. »

O Sr. Fausto de Souza declara que não comparecêra á sessão passada, por ter soffrido uma luxação no pé ; que está, porém, prompto a continuar a prestar ao Instituto os seus serviços como 2° secretario, mas não póde substituir o primeiro, porque, além de ter tambem emprego publico, reside longe da cidade.

O Sr. Barão de Taffé procede á leitura de um estudo seu sobre o porto do Rio de Janeiro.

O Sr. Dr. Cesar Marques lê parte do seu trabalho biographico : *Vida e feitos de D. frei Miguel de Bulhões, bispo do Pará.*

O Sr. Senador Taunay lê um capitulo mais do seu trabalho : *Os Campos Geraes e o Sertão de Guarapuava.*

Finda esta leitura e obtida a imperial venia, encerra o Sr. presidente a sessão.

Dr. Teixeira de Mello,
Servindo de 2º secretario.

10ª SESSÃO ORDINARIA EM 14 DE OUTUBRO DE 1886

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva, 1.° *Vice-Presidente*

A's 6 1/2 horas da tarde, reunidos no salão do Instituto os Srs. Joaquim Norberto de Souza e Silva, Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Joaquim Pires Machado Portella, Maximiano Marques de Carvalho, Francisco Ignacio Ferreira, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Manuel Francisco Corrêa e José Alexandre Teixeira de Mello, annuncia-se a chegada de S. M. o Imperador, que é recebido com as formalidades do estylo. O Sr. Presidente obtendo a imperial venia declara aberta a sessão.

Lida pelo socio Teixeira de Mello, servindo de 2º Secretario, a acta da sessão anterior, é approvada depois de feitas as rectificações motivadas pelo Sr. Machado Portella.

Em seguida o Sr. Senador Manuel Francisco Corrêa agradece ao Instituto a honra que lhe fizera recebendo-o em seu seio, e o Sr. Presidente responde que o Instituto Historico folga de ver em seu gremio tão illustre cidadão, e espera que o nobre apostolo da instrucção popular seja um dos seus mais dignos auxiliares, concorrendo com a sua reconhecida illustração e tenacidade no trabalho para mais esplendor da nossa instituição.

O Sr. 1º Secretario interino dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Tres officios apresentados pelo Sr. Conselheiro Olegario, dirigidos ao Sr. 1º Secretario do Instituto, em datas de 15, 24 e 28 de Junho, pelo Sr. Tenente-Coronel Antonio Borges de Sampaio, residente em Uberaba, acompanhando diversos manuscriptos e periodicos antigos, relativos á nossa historia e constantes das relações juntas aos mesmos officios.— O Sr. Conselheiro Olegario requer que sejam remettidos a uma commissão os documentos offerecidos, afim de examinal-os e propor o destino que convém ter, fazendo-se na acta especificada menção delles.—Vão á Commissão de revisão de manuscriptos e são os seguintes:

« Mappa recapitulador das observações meteorologicas registradas diariamente na cidade de Uberaba, provincia de Minas-Geraes, durante o anno de 1885, pelo Tenente-Coronel Antonio Borges de Sampaio.»

« Munuscriptos: — *Caderno diario* pelo Coronel José Manoel da Silva e Oliveira ; viagem de Goyaz á Campanha de Cayapó em 1804.—*Caderno diario* do mesmo Coronel, de Goyaz ao Rio Claro, sem data, mas deve ser do começo d'este seculo.— *Noticia sobre o Cayapó*, pelo mesmo Coronel, 1805.— *Memoria* pelo mesmo sobre as minas do Rio Claro e Pilões.— *Memoria* sobre o Rio

Claro e Pilões, com notas á margem. Sem nome de auctor.— Additamento ás ditas memorias : *Sobre o ribeirão Santo Antonio*, 1803.

Sobre o ribeirão S. Ouvidor. 1803.— Carta officio dirigida pelo Capitão-general de Goyaz D. Francisco de Assis Mascarenhas ao Guarda-mór Coronel José Manoel da Silva e Oliveira a 22 de Janeiro de 1805, sobre uma excursão ás campanhas de Pilões,Rio Claro, a Cayapó.— Minuta sobre o Moquem do arrayal do Pilar. Sem data. — Minuta de uma petição para a creação do julgado do Desemboque. 1817.— Minuta de uma petição para a creação da freguezia de Dôres de Campo Formoso. Sem data.— Diversas minutas e dous mappas, relativos á villa de Paracatù e sua installação pelo desembargador Lucio Soares Teixeira de Gouvêa.— Apontamentos sobre a cidade de Pernambuco.— Documentos authenticos sobre a creação do districto e Capella do Santissimo Sacramento filial do Desemboque, hoje cidade do Sacramento, a 10 leguas de Uberaba e 9 do Desemboque.— Real Provisão de 27 de Fevereiro de 1701 e Accordão proferido sobre o aggravo relativo á matança de gados e lavouras na Bahia. Cópia.— Minuta sobre a decadencia da Capitania de Goyaz. Um officio original. Uma cópia. Uma proclamação mineira. 1833.— Officios de 1823 relativos a uma povoação de *Separados*,que sendo então muito notada, não existia no terrritorio de *Farinha Podre*.— Auto de vereação feito em camara no Paracatú em 25 de Novembro de 1821. Documento authentico. — Installação da Irmandade de S. Benedicto. Uberaba. 1855. Documento authentico.

« *Impressos relativos á independencia do Imperio e 2° reinado* : *Gazeta do Rio de Janeiro*, 1821 (8 numeros). *Diario do Governo*, 1824 (3 numeros)—*Correio do Rio de Janeiro*, 1823 (3 numeros)—*Opinião Campanhense*, 1832 (2 numeros)—*Astro de Minas*, 1833 (1 numero)—Memoria explicativa do Anti-Constitucional Sr. D. Manoel de Portugal e Castro, governador e capitão general de Minas-Geraes, tanto no acto do juramento da Constituição, no dia de 17 de Julho, como no das eleições geraes da comarca, nos dias 19 e 20 de Agosto de 1821.—Constituição

explicada. Sem data.—Das sociedades e das convenções, ou Constituições. 1821.—Proclamação do Governo sobre a convenção das Cortes. 1820.—Proclamação aos Mineiros. 1827.—Correspondencia interceptada, carta de Manoel Coherente. 1822.—Manifesto da Nação Portugueza aos soberanos e povos da Europa. 1820.—Manifesto da junta provisional do governo supremo do Reino aos Portuguezes. 1820.—Discurso sobre a necessidade de uma bem entendida Constituição nos governos monarchicos, extrahido dos numeros 5-9 do *Genio Constitucional*. 1821.—Carta dirigida a El-Rei o Sr. D. João VI pela Junta Provisional do Governo Supremo, estabelecida na cidade do Porto. 1820.—Manifesto da assembléa de Minas ao respectivo presidente da provincia. 1835.—Qualidades que devem acompanhar os compromissarios e eleitores, extrahido do *Genio Constitucional* n. 39. Sem data.—Decreto do Principe Regente de 5 de Junho de 1821, creando uma Junta Provisoria de nove membros, e a relação dos quatro Ministros de Estado nomeados na mesma data.—Proclamação aos soldados, quando se tratava das bases da Constituição. Sem data.—Decisões de Sua Alteza Real o Principe Regente do Brazil, mandadas publicar pelo Exm. Governo Provisorio da Provincia de Minas-Geraes. 1822.—Proclamações (duas) de 3 de Abril de 1833 e cópia msc. de um officio do vice-presidente Bernardo Pereira de Vasconcellos de 5 de Abril de 1833. »

Manuscriptos: « Certidão da Provisão do Conselho Ultramarino de 15 de Novembro de 1760.—Officio do Senado da Camara do Paracatú sobre eleições de deputados. 1822.— Certidão relativa á dispensa de eleitores na comarca do Paracatú, em 1821.— Certidão da correspondencia havida entre o Governo e o Ouvidor da comarca de Paracatú, Lucio Soares Teixeira de Gouvêa, sobre a Junta Eleitoral, em 1821.— Officio do Juiz Ordinario do Desemboque, remettendo uma serie de quatro cópias de actas relativas ao assumpto supra, em 1821.— Minuta da Memoria dos principios da povoção e creação do Julgado do Desemboque, pertencente á Capitania de Goyaz. »

Impressos: « Instrucções a que se refere o Decreto

de 3 de Junho de 1822, que mandou convocar uma Assembléa geral constituinte e legislativa para o Reino do Brazil.—Relação dos 24 eleitores da comarca nomeados á pluralidade de votos no Senado da Camara de Lisbôa em 19 de Dezembro de 1820.— Decreto de 8 de Junho de 1821, sobre o juramento da Constituição.— Decreto de 9 de Março de 1821, das Côrtes geraes e constituintes, que fixa as bases da Constituição da Monarchia Portugueza. — *Astro de Minas* n. 417, de 22 de Junho de 1830.— Circular de Bernardo Pereira de Vasconcellos, datada de 25 de Julho de 1844, exemplar dirigido ao Vigario do Desemboque Hermogenes Casimiro deAraujo Brwnswik.»

Officio do Sr. Conde de Baependy, presidente do Senado, datado de 1 do corrente mez, remettendo um exemplar da *Noticia dos Senadores do Imperio.*

Do Sr. Dr. José de Saldanha da Gama, apresentando suas despedidas ao Instituto e offerecendo-lhe os seus serviços no reino da Belgica, para onde parte como consul geral do Brazil.

Do Sr. Joaguim de Almeida Faria Sobrinho, Vice-Presidente da Provincia do Paraná, datado de 30 de Setembro ultimo, enviando um exemplar da— Collecção de leis promulgadas pela assembléa legislativa d'aquella provincia no anno de 1885.

Do Sr. General Antonio Enéas Gustavo Galvão, provedor da Imperial Irmandade da Santa Cruz dos Militares d'esta Côrte, pedindo por alguns dias o retrato que o Instituto possue do benemerito general Ricardo José Gomes Jardim, para por elle mandar tirar outro que a Imperial Irmandade deseja conservar como prova de gratidão á sua memoria.— O Instituto annue ao pedido.

OFFERTAS

Pelo Presidente da Commissão *Monumento do Ypiranga*, Relatorio lido na sessão de 7 de Setembro de 1886.

Pela Secretaria da Faculdade de Medicina do Rio de Janerio, Lista geral dos estudantes matriculados na dita Faculdade no anno de 1886.

Pelo Sr. commendador João Wilkens de Mattos, Relatorio da Imperial Sociedade Amante da Instrucção, apresentado em sessão de 5 de Setembro de 1886.

Pelo Sr. Dr. José Pereira Rego Filho, residente em Buenos-Ayres, Estadistica del Comercio y de la Navigacion de la Republica Argentina, correspondiente al año 1885. Publicacion Oficial.

Pela redacção do *Archivo dos Açores*, Historia Açoriana, fasciculos ns. 42 e ultimo do VII volume e 43 e 44 do VIII.

Pelo Sr. F. Bianconi, *Collection des Etudes Générales Géographiques*, 6ª serie, n. 5.

Pela Sociedade Cientica Argentina, entrega 2ª, tom. 22 dos seus *Anales*.

Pelo Instituto Philotechnico, Centro Boliviano e redacção da *Revista do Exercito*, as suas revistas.

Pelo Sr. Francisco Augusto Pereira da Costa, Relatorio apresentado ao presidente da provincia de Pernambuco, dando conta da commissão de que fôra encarregado de examinar bibliothecas.

Pelas Sociedades de Geographia da Belgica, de New-York, de Neuchatel, de Sttuttgard, e Sociedade de estudos indo-chinezes de Saigon, e Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, os seus boletins.

Pelas respectivas redacções: *Gazeta da Bahia, Diario Popular, A Provincia do Espirito-Santo, Manguaba, Jornal da Parahyba, A Imprensa, A Nova Patria, O Publicador Goyano, A Semana, Ambos-Mundos, Jornal de Medicina, O Rio de Janeiro, O Baependyano, O Cachoeirano, L'Etoile du Sud* e *Le Nouveau Monde*.

Pela Sociedade Promotora de Immigração da Provincia de S. Paulo: *Die Provinz São Paulo in Brasilien.*

Pelo Sr. José Carlos de Carvalho: Signaes electricos á noite, organizados para uso da marinha de guerra brazileira.

Pela Academia Real das Sciencias, Lettras e Bellas-Artes da Belgica: *Mémoires des Membres*, tomo 45. — *Mémoires couronnés et des savants étrangers*, tomo 45, 46.—*Mémoires couronnés et autres mémoires*, tomo 36. —*Bulletins de l'Academie*, 3ª serie, tomos 6, 7 e 8.—*Annuaires* de 1884 e 1885.

Pela Société Royale Belge de Géographie(Bruxelles), *Bulletins*, 1885, ns. 1, 2, 3, 5 e 6.

Pela Academia de Sciencias Naturaes de Minnesote, *Bulletim* de 1885, vol. 11, n. 5.

Pela Bibliotheca Nacional de Albany Geological Survey of the State of New-York, *Paleontology*, vol. 1, parte 1ª.

Pela Sociedade Imperial e Real de Geographia de Vienna, *Mittheilungen*, vol. XXVII, 1884.

Pelo Museu Nacional do Mexico, Anales—1885—tomo III, entregas 7ª e 8ª.

Pela Sociedade de Geographia de Munich, Relatorio annual, 1884.

Pela Sociedade de Geographia de Greifswald, Relatorios annuaes—1883-1884, 1ª Parte.

Pela Academia das Sciencias de Munich, *Sitzungsberichte der mathematisch-physikalichen classe* — 1884 — 4 fasc.— *Sitzungsberichte der phylologischen und historischen classe* 1884, 6 fasciculos.—*Almanach fur das Jahr* 1884. — *Abhandelungen der mattematisch-physikalischeu classe* 1884—15° vol., secção 1ª.

Pela Universidade de New-York: *Natural History of New-York Palaeontology*—vol. V, Parte 1ª.

ORDEM DO DIA

Lê o Sr. 1° Secretario interino o seguinte parecer da Commissão de fundos e orçamento ácerca da proposta, anteriormente apresentada ao Instituto, relativamente ao busto do Visconde de Bom Retiro:

« A Commissão de fundos e orçamento, examinando a proposta feita ao Instituto por todos os seus membros presentes na sessão do dia 20 de Agosto proximo passado, é de parecer que seja feito o busto do nosso prestimoso consocio fallecido, e que ha fundos sufficientes para isso.

« A Commissão de fundos e orçamento, desejando acompanhar o pensamento unanime do Instituto de perpetuar a memoria do nosso preclaro e saudoso Presidente, é

de parecer que o seu busto seja feito de bronze fundido e sinzelado com a maior perfeição, de fórma que represente bem a sua figura.

A Commissão julga de seu dever declarar ao Instituto que o busto feito em bronze e cinzelado custará mais do que o simples molde em gesso que se tem feito até agora dos outros fallecidos consocios, porém para este augmento de despeza haverá recursos no orçamento do Instituto.

Por esta occasião a Commissão julga igualmente de seu dever lembrar ao Instituto que a memoria dos grandes homens tem vindo desde a mais remota antiguidade até as gerações presentes pelos livros e pelos monumentos e estatuas feitas em bronze; quanto aos moldes em gesso desappareceram inteiramente da memoria dos homens; portanto a Commissão de fundos e orçamentos é de parecer que os moldes em busto que existem actualmente na sala d'este Instituto sejam convertidos annualmente em bronze, principiando-se pelo mais antigo, para assim ficar perpetuada a memoria dos nossos illustrados e saudosos consocios a quem o Instituto deseja consagrar homenagem perpetua pelos relevantes serviços prestados ao mesmo Instituto e á nossa patria.

A Commissão de fundos e orçamento é finalmente de parecer que seja feito o busto do nosso prestimoso Presidente, sendo acabado com a maior perfeição e se lavre no pedestal no mesmo bronze o seu nome e embaixo estas palavras :

Vir dilectus Deo
et hominibus.

Sala das sessões do Instituto, 3 de Setembro de 1886.—*Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*—*Henrique de Beaurepaire Rohan.*

Insistindo verbalmente o Sr. Dr. Maximiano pela adopção da idéa capital contida no parecer, estabelece-se discussão a esse respeito, na qual tomam parte os Srs. Conselheiros Olegario e Corrêa, propondo o primeiro que o busto do nosso estimado presidente seja de preferencia feito de marmore, e quanto ao augmento de despeza que trará a sua execução, é de crer que haja quem venha em

auxilio do Instituto por essa occasião, de modo que fiquem plenamente satisfeitos os desejos do Instituto. A' replica do Sr. Dr. Maximiano para que seja preferido o bronze e executado o trabalho em Paris, allegando a barateza da mão de obra e a conservação e perfeição de bustos e outros monumentos historicos d'aquella materia prima que vira no Museu Bourbonico e outros museus da Europa, responde o Sr. Conselheiro Corrêa, opinando em substancia para que seja feito o trabalho no Brazil, não só por artista nacional, como até de marmore nosso, dando-se assim uma feição mais patriotica á gratidão do Instituto pela memoria do seu illustre presidente e dos outros seus benemeritos consocios, com o que afinal concorda o Sr. Dr. Maximiano.

Finda esta discussão, em que se resolve que seja não só preferido o marmore para o alludido busto e feito por artista brazileiro, como que se substitua pelo marmore cada anno um dos bustos dos finados consocios que o Instituto possue em gesso.

Lê o Sr. Dr. Machado Portella a continuação da memoria do Sr. tenente-coronel Fausto de Souza sobre a *Redempção da Uruguayana.*

Terminada esta leitura e obtida a imperial venia, o Sr. presidente levanta a sessão.

Augusto Fausto de Souza,
2° secretario interino.

11ª SESSÃO EM 26 DE NOVEMBRO DE 1886

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, 1° *vice-presidente.*

A's 6 $^1/_2$ horas da tarde, achando-se reunidos no salão do Instituto os Senhores socios : Joaquim Norberto de

Souza e Silva, Conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro, José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, Tristão de Alencar Araripe, Manuel Francisco Correia, e João Ribeiro de Almeida, Drs. Joaquim Pires Machado Portella, Maximiano Marques de Carvalho, João Franklin da Silveira Tavora, Cesar Augusto Marques, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blacke, José Alexandre Teixeira de Mello, Senador Alfredo de Escragnolle Taunay, Monsenhor Manuel da Costa Honorato, e Tenentes Coroneis Francisco José Borges e Augusto Fausto de Souza, é annunciada a chegada de S. Magestade o Imperador, o qual, sendo recebido com as ceremonias do estylo, tomou assento, e o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

O 2° Secretario interino lê a acta da sessão anterior, que foi approvada sem observação alguma.

O Sr. 1° Secretario interino Dr. Machado Portella apresenta o seguinte:

EXPEDIENTE

Carta do nosso consocio Barão de Teffé communicando não lhe ser possivel comparecer á presente sessão. —Inteirado.

Officio do Secretario do Instituto Archeologico Pernambucano, accusando a recepção do officio que este Instituto lhe dirigiu congratulando-se pelo bom desempenho que deu o Dr. José Hygino Duarte Pereira á commissão de que fôra incumbido nos archivos da Hollanda.

Do Secretario da Real Academia de Ciencias Morales y Politicas, agradecendo a remessa da nossa *Revista Trimensal.*

Do Secretario do Congresso Litterario Gonçalves Dias, convidando o Instituto para se fazer representar na sessão solemne do dia 3 do corrente. O Sr. 1° Secretario declara terem sido nomeados os Srs. socios Drs. Blacke, Tavora e Francisco Ignacio Ferreira.

Do 2° Secretario da Associação Promotora da Instrucção, enviando uma collecção das actas das sessões da assembléa geral e pedindo uma collecção da *Revista* d'este Instituto.

OFFERTAS

Pelo Sr. D. Angel Justiniano Carranza as seguintes obras: *Expedicion al Chaco Austral.—La revolucion del* 39 *en el sur de Buenos-Ayres.—Ordenanzas Generales para la armada, tomos* 1 e 2.—*El Laurel Naval* de 1814.

Pelo Sr. Dr. Luiz Carlos Lins Wanderley: Visita Episcopal do Exm. e Revm. Sr. D. José Pereira da Silva Barros a algumas Parochias do Rio Grande do Norte.

Pelas Sociedades de Geographia de Paris, New-York, Bordeaux, Roma, Lisboa, Antuerpia, Berlim, U Zagrebú, Africana de Italia, Instituto Geogprahico Argentino e Real Academia de Historia de Madrid, os seus boletins.

Pela Sociedade Cientifica Argentina, os seus *Annaes*, entregas 3° e 4ª do tomo XXII.

Pelas Sociedades Geographicas, do Rio de Janeiro, de Tours, Centro Boliviano,Real Academia de Ciencias de Madrid, Academia de Ciencias de Cordoba, Imperial Observatorio do Rio de Janeiro, Instituto Pharmaceutico e Instituto Philothechnico, as suas *Revistas*.

Pelo Sr. Dr. Ernesto da Cunha de Araujo Vianna : *Revista dos Constructores* ns. 1 a 8.

Pelo Sr. A. de Quatrefages a sua obra : *Histoire Générale des Races Humaines.*

Pelas respectivas redacções : *Le Brèsil, Jornal de Medicina, Revista do Ensino, Ambos-Mundos, L'Etoile du Sud, A semana, Le Nouveau-Monde, A Immigração, Boletim da Alfandega do Rio de Janeiro, O Diario Popular, O Rio de Janeiro, Gazeta da Bahia, Gazeta da Victoria, O Publicador Goyano, O Espirito Santense, o Baependyano, O Cachoeirano, Jornal da Parahyba, A Imprensa, A Provincia do Espirito-Santo.*

ORDEM DO DIA

São lidas pelo Sr. 1° Secretario as seguintes propostas :

« Propomos que seja admittido na qualidade de socio correspondente d'este Instituto o Exm. Sr. Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira Andrade, nascido na cidade de Goyanna em 12 de Dezembro de 1835, formado em sciencias sociaes e juridicas pela Faculdade de Direito do Recife em 1856, doutorado na mesma Faculdade em 1858, Membro da Assembléa Provincial de Pernambuco de1858-60, Deputado á Assembléa Geral em 1861, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio em 1870, Senador em 1877. Servem de titulo para sua admissão os seus relatorios apresentados á Assembléa Geral como Ministro do Imperio.

« Sala das sessões, do Instituto Historio Geographico Brazileiro em 26 de Novembro de 1886. — (Assignados) *João Franklin da S. Tavora, Augusto Fausto de Souza, J. P. Machado Portella, M. C. Honorato, Manoel Francisco Correia, Dr. Cesar Augusto Marques, José Mauricio F. P. de Barros, Dr. Maximiano M. de Carvalho, Dr. J. A. Teixeira de Mello, O. H. de Aquino e Castro, T. de Alencar Araripe, Alfredo de Escragnolle Taunay.*»

« Propomos para membro do Instituto Historico o Sr. João Curvello Cavalcante, bacharel formado em sciencias sociaes e juridicas, servindo-lhe de titulo para admissão a sua obra em dous volumes, já em 2ª edição, intitulada : *Nova numeração de predios da cidade do Rio de Janeiro* — muito curiosa pelas importantes noticias historicas que dá d'esta antiga cidade, de suas mudanças e transformações até os tempos actuaes.

« Sala das sessões em 26 de Novembro de 1886. — *Dr. Cesar Augusto Marques, T. de Alencar Araripe, Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*»

«Propomos seja admittido no gremio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, na qualidade de socio correspondente, o escriptor Argentino D. Angelo Justiniano Carranza, servindo de titulo de admissão as obras que acaba de offerecer a este Instituto.

« Sala das sessões em 26 de Novembro de 1886.—*A. d'Escragnolle Taunay, Franklin Tavora, A. Fausto de Souza.*

Estas tres propostas foram enviadas às Commissões de trabalhos historicos e geographicos.

São lidos ainda os seguintes pareceres das Commissões:

« A Commissão de Geographia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, attendendo á utilidade que traz á geographia do Brazil o—Itinerario da viagem terrestre da cidade de Santos, na provincia de S. Paulo, a Cuyabá, capital da Provincia de Matto-Grosso—impresso na *Revista* d'este Instituto em 1863, escripto pelo general José de Miranda da Silva Reis, é de parecer que seja esse trabalho considerado como titulo de admissão de seu autor ao gremio d'este Instituto.

« Sala das sessões em 14 de Outubro de 1886.—*Francisco Calheiros da Graça, Dr. Cesar Augusto Marques.* »

E' enviada á Commissão de admissão de socios.

« A Commissão de admissão de socios, tendo presentes os pareceres das Commissões de Geographia e de Historia sobre os trabalhos offerecidos como titulos de admissão dos Srs.:

« 1) Tenente-coronel Francisco Antonio Pimenta Bueno, autor de uma memoria sobre o prolongamento da estrada de ferro de S. Paulo, e outros trabalhos;

« 2) Francisco Augusto Pereira da Costa, autor do *Diccionario de Pernambucanos Celebres*;

« 3) Tenente-coronel Antonio Borges Sampaio, autor da memoria sobre a fundação da cidade de Uberaba (Minas-Geraes) e de outros trabalhos que tem enviado ao Instituto, offertando ao mesmo tempo numerosos documentos, manuscriptos e impressos, relativos á historia e geographia do Brasil;

« Tendo por preenchidas as condições dos Estatutos que regulam a admissão de socios, é de parecer que sejam os mesmos Senhores recebidos como socios correspondentes do Instituto.

« Sala das sessões em 14 de Outubro de 1886.—*Olegario H. de Aquino e Castro, Dr. João Ribeiro de Almeida.*

Fica sobre a mesa para ser votado em a proxima sessão.

O Sr. Dr. Franklin Tavora, pedindo a palavra, lê a seguinte proposta assignada pela Commissão de estatutos e redacção:

« O tempo tem demonstrado que a publicação de nossa *Revista* de tres em tres mezes não preenche os fins para cuja acquisição foi fundada, e que se torna necessaria outra publicação, a qual bem póde ser mensal, para lhe servir de complemento.

« De facto, uma publicação que sómente de tres em tres mezes dá testemunho de si, vai ficando irremissivelmente fóra das relações do seu tempo.

« Ha noticias, descobrimentos, factos intimamente ligados á natureza de nossa instituição, com os quaes esta se deve occupar de prompto, sob pena de perderem o interesse da occasião. Como se ha de demorar por 60 ou 90 dias um parecer, uma apreciação do Instituto sobre certo assumpto de actualidade, com que outras associações ou a imprensa se occupa? Quem ha de lêr, por exemplo, com interesse um juizo do Instituto acerca de uma obra de geographia ou de historia, que na imprensa diaria e em conferencias tem sido objecto de longos exames?

« Varias associações litterarias e scientificas, existentes dentro e fóra do Imperio, publicam o seu orgão mensalmente; e as que o publicam trimensalmente, enchem este longo intervallo com um *Boletim mensal*. Para servir-nos de um exemplo de casa, recordaremos que a Academia Imperial de Medicina, cujos *Annaes* sahem á luz de tres em tres mezes, foi autorisada pelo decreto n. 9386, de 28 de Fevereiro de 1885, a crear um *Boletim quinzenal*.

« A' commissão de Redacção offereciam-se dous alvitres para remediar o mal indicado: 1°, propor que a *Revista Trimensal* se mude em *Revista mensal*; 2°, propor a creação de um *Boletim mensal* para servir de complemento á *Revista*.

« A Commissão não se animaria jamais a escolher o 1° alvitre. A *Revista Trimensal*, além de ser obra dos Fundadores do Instituto, cuja memoria a commissão considera digna de toda a veneração, tem por si a consagração publica de 47 annos. Quaesquer que sejam as faltas

que, com o correr dos tempos, fôssem naturalmente apparecendo, para attenual-as tem a *Revista* a sua gloriosa e util existencia de quasi meio seculo.

« Decidiu-se a Commissão pelo 2° alvitre, tanto mais quanto está convicta de que, com o *Boletim mensal* (que não passará de 32 paginas), cessarão os inconvenientes e serão suppridas as faltas que ora se notam.

«O *Boletim* virá a ser a imprensa activa do Instituto. Nelle poderão ser defendidos, sustentados e explicados os actos d'esta Associação.

«Em certas condições, sem cahir na polemica apaixonada, que é uma das feições da nossa imprensa militante. poder-se-ha combater qualquer aggressão que nos tenha sido feita.

« As suas principaes secções são estas:

«1.ª Extracto das actas.

«2.ª Resumida noticia das monographias e memorias a cuja leitura se tiver procedido nas duas ultimas sessões quinzenaes.

«3.ª Apreciação dos trabalhos que não fôrem examinados na secção da *Revista*, denominada *Indicações bibliographicas*.

« Taes são as bazes do *Boletim Mensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, para cuja publicação. que deve começar em Janeiro do anno proximo vindouro, a Commissão de Estatutos e de Redacção tem a honra de pedir ao Instituto a necessaria autorisação.

« Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro em 26 de Novembro de 1886.—*João Franklin da Silveira Tavora, Dr. J. A. Teixeira de Mello, Augusto Fausto de Souza.* »

O Sr. Dr. Cesar Marques propõe que esta proposta seja enviada á Commissão de Fundos e Orçamento, e assim fica resolvido.

O Sr. Dr. Teixeira de Mello procede á leitura da biographia do Dr. Joaquim Caetano da Silva, finda a qual o Sr. Presidente levanta a sessão, ficando designada a seguinte para o dia 9 do mez vindouro.

Augusto Fausto de Souza,
2º secretario interino.

12ª SESSÃO EM 9 DE DEZEMBRO DE 1886

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. MAGESTADE O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva

1º Vice-Presidente

Achando-se reunidos, ás 6 ½ horas da tarde, no salão do Instituto os Srs: Joaquim Norberto de Souza e Silva, Conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro, Manuel Francisco Correia, Henrique de Beaurepaire Rohan, Tristão de Alencar Araripe, Barão de Teffé, Henrique Raffard, Drs. Joaquim Pires Machado Portella, Cesar Augusto Marques, Maximiano Marques de Carvalho, João Severiano da Fonseca, Augusto Alves V. do Sacramento Blacke, José Alexandre Teixeira de Mello e Augusto Fausto de Souza, annuncia-se a chegada de S. M. o Imperador. Sendo recebido com as honras do costume e depois de tomar assento, o Sr. Presidente interino declara aberta a sessão.

E' lida e approvada sem observação alguma a acta da sessão antecedente.

O Sr. 1º Secretario interino Dr. Portella apresenta á mesa o seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. Dr. Francisco Ignacio Ferreira, communicando que por motivo de molestia não podia fazer parte da commissão nomeada para comprimentar a S. M. o Imperador no dia 2 do corrente.

Do Sr. Dr. Alfredo Taunay participando não lhe ser possivel comparecer á presente sessão.

Do provedor da Imperial Irmandade da Santa Cruz dos Militares, devolvendo o retrato do General Gomes Jardim, que lhe fôra emprestado para tirar copia, e agradecendo.

Do Sr. Geminiano Brazil de Oliveira Goes communicando haver tomado posse da Presidencia da Provincia da Parahyba no dia 11 do mez passado.

Das Directorias da 1ª Secção do Ministerio da Agricultura e da Marinha, enviando relações das obras concernentes á historia e geographia do Brazil, de que as suas respectivas secretarias podem dispôr, em resposta aos officios que por este Instituto lhes foram dirigidos em data de 17 de Novembro ultimo.

Do Secretario do Centro Catharinense nesta Côrte, communicando a eleição de sua nova Directoria.

OFFERTAS

Foram recebidas com agrado as seguintes :

Pelo Sr. Conselheiro Araripe — *Ordem que acompanhou o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira quando veio em commissão ao Brazil como naturalista* (Manuscripto).

Pelo Sr. Conselheiro João Baptista Gonçalves Campos— *Cathecismo Christão* por Diomedes Cyriaco.

Pelas Sociedades de Geographia Italiana e Commercial de Bordeaux — os seus *boletins*.

Pelas respectivas redacções : — *A Minerva Fluminense* (revista mensal), *A Gazeta da Bahia*, *Diario Popular*, *A Provincia do Espirito-Santo*, *A Semana*, *O Rio de Janeiro*, *O Bacpendyano*, *A Imprensa*, *O Espirito-Santense*, *L'Etoile du Sud*, *Le Nouveau-Monde*, *Jornal de Medicina*, *A Immigração*, *Revista do Ensino*, *Boletim da Alfandega do Rio de Janeiro.*

ORDEM DO DIA

E' lido o seguinte discurso proferido pelo orador d'este Instituto em o dia anniversario de S. M. o Imperador.

« Senhor :

« São justas as manifestações que concorrem a saudar o anniversario natalicio de V. M. Imperial. A sua explicação depara-se nos beneficios de que V. M. tem dotado o Brazil em longo periodo de paz interior, feição dominante no segundo reinado.

« A critica não póde deixar de reconhecer que na applicação das forças nacionaes, V. M. se dirige pelas leis do progresso evolutivo, que traz a prosperidade sem accidentes nem desastres.

« O Instituto não tem outra orientação e, ligado ao Brazil pela mesma nacionalidade, confunde com as d'elle as suas proprias saudações ao Chefe do Estado e á Imperial Familia.

« Mas, além d'este motivo, outro move o Instituto a exultar com a presente data: apenas inaugurado, teve a satisfação de vêr deferida a supplica que dirigira á V. M. para que fôsse o seu Protector. Este deferimento revelou-se mais vivamente nas palavras com que aprouve a V. M. responder ás congratulações apresentadas pelo Instituto por occasião de ser V. M. declarado maior : « Póde contar com a minha protecção. »

«Desde esse momento, o Augusto Protector não perdeu jámais de vista o seu protegido, e este, animado por incentivo tão poderoso, proseguiu a sua tarefa com toda a confiança na promessa que factos posteriores vieram revalidar.

«Congratulando-se novamente com V.M. em nome do Instituto, o seu orgão deplora não poder dar todo o relevo á manifestação de sua gratidão.

« 2 de Dezembro de 1886.—*Franklin Tavora.* »

O Sr. 1° Secretario communica que foram compradas para a bibliotheca do Instituto varias obras que pertenceram ao Sr. Visconde de Bom-Retiro, assim como a obra *Nova Geographia Universal* de Elysée Reclus. Declara mais que mandára comprar dez pastas para guardar os papeis das diversas Commissões e um carimbo para marcar os livros e manuscriptos do Instituto.

E' lido e fica sobre a mesa para ser votado na sessão seguinte o

PARECER

« A Commissão de admissão de socios, tendo em attenção o parecer junto, da Commissão de Geographia, relativo ao Itinerario da viagem terrestre da cidade de Santos a Cuyabá, escripto pelo General José de Miranda da Silva Reis, e reconhecendo estar o mesmo General nas condições de poder ser recebido no gremio do Instituto, como foi proposto por diversos socios em sessão de 13 de Julho de 1883, é de parecer que lhe seja conferido o titulo de socio correspondente.—Rio, 9 de Dezembro de 1886.—*Olegario H. de A. e Castro.—Barão de Teffé.*»

O Sr. Dr. Maximiano apresenta a seguinte proposta :

« Proponho que a obra de Elysèe Reclus, que se acha sobre a mesa, seja escrupulosamente examinada pela Commissão de Geographia d'este Instituto e sobre ella apresente relatorio em uma das primeiras sessões do anno vindouro.—Sala das sessões, 9 de Dezembro de 1886.—*Dr. Maximiano M. de Carvalho.* »

Sobre este assumpto fallam diversos membros, sendo afinal resolvido, conforme propoz o Sr. Dr. Cesar Marques, que a indicação do Sr. Dr. Maximiano seja limitada á parte referente ao Brazil, quando fôr ella publicada.

Foi depois apresentado um parecer incompleto da Commissão de Fundos e Orçamento, relativo á proposta lida na precedente sessão para a creação de um *Boletim mensal.* Os Srs. Barão de Teffé, Maximiano, Cesar Marques, Araripe e Correia fazem considerações acerca d'esse objecto, decidindo-se que fique elle adiado até que pela dita Commissão de fundos seja apresentado um parecer mais completo.

O Sr. Presidente faz correr o escrutinio por tres vezes entre os socios presentes, sendo depois acclamados Membros Correspondentes do Instituto os Srs. Tenente-Coronel Francisco Antonio Pimenta Bueno, Francisco Augusto Pereira da Costa e Tenente-Coronel Antonio Borges de Sampaio.

O Sr. Conselheiro Araripe procede á leitura de um

seu trabalho intitulado : *Cidades petrificadas e Inscripções lapidares no Brazil;* finda a qual estabelece-se interessante discussão sobre o assumpto, entre diversos membros, resolvendo-se que se officie aos Presidentes das Provincias do Piauhy e do Pará, solicitando-se a remessa para este Instituto de esclarecimentos mais positivos acerca de ruinas de cidades antigas, existentes nessas Provincias.

O Sr. Dr. Teixeira de Mello lê a 1ª parte da Biographia do Barão de Villa Franca, Dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta, fallecido em 1885.

Sendo apresentado aos socios presentes o livro das inscripções para a leitura de trabalhos em o anno vindouro, inscrevem-se os senhores :

Barão de Teffé:—*Descoberta das nascentes do Javary.*

Dr. Cesar Marques:—*Biographia de D. Francisco de Mello Manoel da Camara,* Governador do Maranhão de 1806-1809.

O naufragio de Martins nas aguas do Amazonas em 1817 e o seu piedoso voto em Santarem.

Achando-se adiantada a hora, o Sr. Presidente, depois de obtida a imperial venia, levanta a sessão.

Augusto Fausto de Souza,
2º secretario interino.

SESSÃO DA ASSEMBLÉA GERAL PARA ELEIÇÃO EM 21 DE DEZEMBRO DE 1886

A's 6 horas da tarde, achando-se na sala do Instituto numero legal de socios para, em assembléa geral, proceder-se á eleição dos membros da mesa e das commissões, que têm de servir no anno social de 1887, depois de lída e approvada a acta da anterior, o Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva, 1° vice-presidente servindo de Presidente, abriu a sessão, e, nomeados os escrutadores, procedeu-se á eleição, cujo resultado é o seguinte :

PRESIDENTE

Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

1° VICE-PRESIDENTE

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

2° VICE-PRESIDENTE

Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.

3° VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.

1° SECRETARIO

Dr. João Franklin da Silveira Tavora.

2° SECRETARIO

Tenente-Coronel Augusto Fausto de Souza.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. João Severiano da Fonseca.
Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.

ORADOR

Senador Alfredo de Escragnolle Taunay.

THESOUREIRO

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Maximiano Marques de Carvalho.
Dr. João Severiano da Fonseca.
Dr. Francisco Ignacio Ferreira.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E DE REDACÇÃO

Dr. João Franklin da Silveira Tavora.
Tenente-Coronel Augusto Fausto de Souza.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Dr. Alfredo Piragibe.
Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão.

COMMISSÃO DE HISTORIA

Dr. Manuel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.
Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE HISTORIA

Visconde de Souza Fontes.
Dr. Cesar Augusto Marques.
Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.

COMMISSÃO DE GEOGRAPHIA

Barão de Teffé.
Capitão de Fragata José Candido Guillobel.
Capitão-Tenente Manuel Pinto Bravo.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE GEOGRAPHIA

1° Tenente José Egydio Garcez Palha.
Monsenhor Dr. Manuel da Costa Honorato.
Capitão Tenente Francisco Calheiros da Graça.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA

Dr. Ladisláu de Souza Mello Netto.
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan.
Barão de Capanema.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Senador Alfredo de Escragnolle Taunay.
Senador Manuel Francisco Correia.
Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

COMMISSÃO DE PESQUIZA DE MANUSCRIPTOS

Henrique Raffard.
Pedro Paulino da Fonseca.
Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

Instituto Historico e Geographico Brazileiro

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1886

DISCURSO

DO PRESIDENTE INTERINO O SR. J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

Senhores!— E' preceito de nossos estatutos, que n'este dia de tão gloriosas recordações, se reuna o Instituto Historico em sessão magna, na qual as galas e as flores da alegria se mesclam ao crepe e aos goivos da tristeza, como occorre geralmente nas phases ordinarias da existencia humana.

A insufficiencia que occupa presentemente esta cadeira, velada de luto pela saudade, revela uma grande falta, annuncia perennal ausencia. Na pessoa do illustre Visconde de Bom-Retiro perdeu o Instituto Historico o distincto presidente que pelo espaço de onze annos dirigiu os seus trabalhos com a amabilidade, com o tino, com o prestigio, com a illustração de seus prestimosos antecessores.

Simples obreiro, alquebrado por quarenta e cinco annos de serviços a esta Associação, obriga-me o dever a substituir tão illustrado varão, ainda que provisoriamente, em tão honroso cargo. Assim no naufragio acode ao leme da nau o velho marinheiro que vê as ondas da tempestade arrebatarem o seu palinuro. Se a tanto me atrevo é porque me escoro e confio na indulgencia de tão illustre auditorio.

Completa-se hoje mais um anno na vida social do Instituto Historico, e o tomo quadragesimo nono da *Revista trimensal*, como mais um marco, ahi fica attestando a continuação de nossos esforços.

E' para nós bem pouco o que temos feito até aqui, relativamente aos nossos desejos, pois quizeramos ter feito muito mais, porém para os que cultivam a nossa historia em todos os seus pormenores já se lhes depara na nossa *Revista* um repositorio immenso de numerosos documentos. Nem nos fallece a melhor vontade, e a prova é que limitando-se as reuniões quinzenaes a um pequeno numero de sessões, mal temos o necessario tempo para algumas leituras, e força é o adiamento de outras muitas.

Nem os nossos limitados recursos nos permittem alargar a esphera de nossas publicações, não obstante possuirmos cabedal para ellas. Agora mesmo se nos offerecem curiosos e importantes documentos sobre a guerra hollandeza, ignorados dos historiadores que se occuparam com a sua narração, e todos os dias archivamos obras e documentos que, por menos interessantes que pareçam, servem muitas vezes a elucidar pontos duvidosos, a rectificar datas, a apurar nomes e a verificar localidades.

E' de crer, pois, que mais tarde tenhamos de organisar novas impressões, enfeichando-as segundo os episodios historicos e offerecendo assim subsidios valiosissimos para novas monographias, que são os preparatorios necessarios para o complexo de uma historia geral subordinada á ordem dos tempos, ficando a *Revista Trimensal* para os trabalhos propriamente de redacção do Instituto e suas actas.

Tambem a nossa chorographia está pedindo maiores desvellos. Quasi que a temos deixado em esquecimento pela difficuldade da lithographagem dos mappas, que avultam em grande numero em nossas pastas, e que podem formar um archivo graphico de subsidios para o grande Atlas do Imperio, e assim ampliarmos as fontes consultivas.

Mais escasso e imperfeito era por certo o conhecimento de nossas cousas quando o Brazil se tranformou

em imperio independente. Entretanto já a litteratura nacional se denunciava nos cantos de uma pleiade de illustres poetas, nos quaes começava a transparecer o americanismo; nas narrativas sinceras de um ou outro historiador, e nas orações eloquentes de nossos prégadores, e sobretudo dos quatro frades sublimes. E quando Ferdinand Denis apresentou á França a historia das lettras brasileiras, predizendo o futuro esperançoso que as aguardava, lavrára a incredulidade sarcastica em muitos espiritos de além-mar, que apenas acreditavam no ouro e nos diamantes d'estas ditosas plagas cisatlanticas.

Justiça ao eminente francez, um dos estrangeiros mais amigo e devotado ao Brazil!

Foi elle quem em 1826 lembrou a publicação de um jornal hebdomadario, no qual se consignassem as memorias e tradições curiosas que se fôssem colhendo pelas provincias. D'ahi originou-se a idéa da *Revista Trimensal*. Passados treze annos instituia-se a nossa associação e publicava-se a *Revista*.

Novos Colombos da intelligencia, Januario da Cunha Barbosa e Raymundo José da Cunha Mattos, como que adivinharam um mundo novo.

O mar era immenso e, como o dos geographos arabes, a abobada da noite eterna o obumbrava á suas vistas. Affoutos, como aquelles que pretenderam adiantar-se ao descobrimento do immortal Lygure, atiraram-se ao pelago desconhecido, não tendo por bussola senão a inspiração que dá o amor da patria, vestal dos corações da humanidade, e deixaram o resto á Providencia Divina, a quem elles imploraram entoando sublimes estrophes de Isaïas.

Ah tambem por esse tempo, como o berço de cannas do menino hebreu, boiando sobre as ondas do Nilo, arrojára a caudalosa torrente da revolução sobre as praias da anarchia o throno diamantino, e o augusto menino imperador era salvo—não como o futuro legislador dos hebreus, pela filha de um rei, mas por um povo inteiro que n'elle via—a aurora de sua gloria—a esperança da sua salvação—o mytho de sua grandeza—a estrella de sua prosperidade.

As applicações da intelligencia vieram a ter igualmente sua epocha nas transformações rapidas e admiraveis de nosso seculo.

A colonia, apezar de escrava, tinha tido por tres seculos a sua voz eloquente e, o que mais é—voz livre, pois no pulpito—a unica tribuna do paiz,—era dado o extratagema de certas allegorias; prégava-se á vista de numeroso auditorio—aos peixes!

O reino, curvado ao regimen absoluto possuia com os portos francos, com o commercio livre, a sua nova imprensa, aguia de cem olhos que ainda não voava, agrilhoada pela censura prévia. Agitava-se porém em seu ninho, e como o condor que se attreve a encarar o sol, levava os olhos pelos céos, e nos arreboes matutinos buscava saudar no astro do Ypiranga a luz da liberdade nacional.

O Imperio, lucta gloriosa das conquistas da civilisação —que nos trouxe a independencia—que nos deu a constituição—que nos outorgou a imprensa livre—tão livre como o proprio pensamento, e que tambem nos lavará da negra nodoa, nos apresentando purificados aos olhos do novo seculo—o Imperio mostra em suas diversas e bem accentuadas phases todas as peripecias d'esses grandes dramas—que ensaiam os povos quando se constituem—que representam as nações novas quando se elevam ao apogeu da grandeza, á meta da prosperidade, embora com a lentidão que se nos quer dar, e se nos condemna, como se não luctassemos com a nossa immensuravel grandeza, como se os melhoramentos que outros povos concentram em limitada esphera não os derramassemos nós sobre leguas e leguas de um imperio continental, que magestosamente se alarga dos Andes ao Oceano Atlantico e se estende entre os rios-mares que assombram o velho mundo.

E pois era pena, senão uma grande falta, senão um erro reprehensivel, que á marcha dos acontecimentos politicos não acompanhassem os estudos da historia e da geographia do paiz e de tudo quanto a elles se prende, pois precisavam de sua luz, porque, como dizia Montaigne a respeito da França de seu tempo, tinhamos e temos necessidade do auxilio das luzes de todas as aptidões.

Assim aquelles que esperavam por dias mais felizes—

aquelles que sonhavam acordados como utopistas—aquelles que se entregavam sem treguas ao estudo de nossas cousas, dominados apenas pelas idéas do amor da patria, da gloria e das lettras, vêm com prazer a animação que desce os degraus do throno e busca a arena do Instituto Historico. Então, animado pelo prestigio da alta protecção, procurou o Instituto Historico corresponder a tanta honra e animação com a sua bôa vontade, com o seu novo ardor, enfileirando sob seu pendão de luz novos e denodados campeões. Esses novos campeões dirigem-se de frente erguida para a terra da promissão, que é o futuro, como o futuro é a gloria, cabal recompensa dos trabalhos de abnegação. A estrella que os guia como um fanal celeste, se afigura no brilho diamantino da corôa imperial que paira brilhantemente sobre a concepção de Januario da Cunha Barbosa.

Não conta ainda meio seculo de existencia e já o Instituto Historico, curvado sob sua patriotica missão, tem adquirido uma reputação como que secular, e que toda redunda em realce do paiz. Foi o Instituto Historico que abriu relações scientificas e litterarias entre o Brazil e o velho mundo, e fez inscrever nas actas das antigas academias da culta Europa, sob o enthusiasmo de seus sabios, mais o nome de uma nação dada ás investigações da intelligencia, afim de tambem por sua vez pagar a devida contribuição á historia da humaninade, em que se resumem os annaes de todos os povos cultos. Coroado com o prestigio que lhe dá o diadema imperial—auxiliado pelo poder legislativo, que lhe proporciona os recursos necessarios—acompanhado com a adhesão de todos os corpos scientificos e litterarios do Imperio e das nações estrangeiras,—conquistou o Instituto Historico o eminente lugar que hoje occupa, realisando as esperanças que concebêra o seu augusto protector.

Trago á lembrança estas recordações porque sempr é bom, util e agradavel revivel-as, para que se não esqueça que a creação do Instituto Historico foi uma necessidade e é e sê-lo-ha a sua continuação. Ha queixosos, h

pessimistas entre nós que não conhecem trabalho algum do Instituto que tenha utilidade ou haja produzido beneficio para o paiz.

E' pena, porque taes accusações, por demais injustas, pois estão banhadas de falsidade, não partem da ignorancia. Felizmente ellas se perdem de encontro a uma columna de quasi meio seculo de existencia. Essa columna, como o Memnon do antigo polytheismo, falla aos raios do sol da intelligencia. Pois não merecerão ser tidos em bôa conta os importantissimos trabalhos sobre todos os ramos da nossa historia contidos em perto de cincoenta volumes?—Pois poder-se-ha dizer á face do Imperio que esta intituição não haja produzido cousa alguma de util em beneficio do paiz?—Pois o exemplo de apreço pelas cousas patrias, quando mais não fosse, não seria por si só sufficiente para aquilatal-o?

Parece que os fundadores da nossa Associação previram semelhante accusação. Ao menos um d'elles, o conego Januario da Cunha Barbosa, predisse que a grande utilidade que se podia colher dos estudos historicos e geographicos marcaria por isso mesmo uma epocha gloriosa em nossa patria e concluiu assim:

— « O Brazil guarda nas entranhas de suas terras e assim tambem nos peitos de seus filhos e sinceros amigos thesouros preciosos, que devem ser aproveitados por meio de constantes e honrosas fadigas. Sem trabalho, sem persistencia nas grandes emprezas jamais se conseguirá a gloria que abrilhanta o nome dos bons servidores da patria. A geographia é a luz da historia, e a historia, tirando da obscuridade as memorias da patria, honra por isso mesmo aos que lhe consagram constantes desvellos. »

A Europa, a America, todas as nações cultas saudaram a inauguração do Instituto Historico com o mais vivo enthusiasmo, prevendo os beneficios que de sua fundação colheria o Imperio e até o mundo culto, que ostenta em suas bibliothecas as nossas publicações. Varões eminentes em todos os ramos de conhecimentos humanos não se dedignaram de acceitar os nossos diplomas.

Então Eugenio de Monglave, secretario perpetuo do Instituto Historico da França, disse á face da Europa:

« Vê-se que o Brazil começa a sentir toda a sua importancia e deseja ter parte no grande movimento que impelle a humanidade a um brilhante futuro, querendo occupar o lugar que lhe convém em meio das grandes nações. E de certo pertencia ao unico paiz que tem na America a sua litteratura nacional, principiar a explorar outras partes do immenso campo que se tem aberto á intelligencia do homem. Começar pela geographia e pela historia é começar bem; é lançar uma vista sobre o passado para obter esclarecimentos que sirvam de illuminar todos os momentos do tempo presente; é unir o estudo das cousas positivas ao estudo d'aquelles que lhe dão vida. »

Doze annos passados, quando acolhia o Imperador o Instituto Historico nos seus paços, ponderou o nosso finado presidente, o Conselheiro de Estado Candido José de Araujo Vianna, depois marquez de Sapucahy, que esse beneficio sobrelevava a todos os outros que o Instituto havia recebido de seu augusto protector e era de um alcance extensissimo a prol dos estudos historicos e geographicos e a prol talvez de toda a litteratura brasileira. Pois bem, foi a *Revista* o que pela súa importancia mais inspirou a protecção do Imperador, como denotam estas augustas palavras:

« Sem duvida que a vossa publicação trimensal tem prestado valiosos serviços, mostrando ao velho mundo o apreço que tambem no novo merecem as applicações da intelligencia. »

Convém, insistindo sempre na utilidade do Instituto, rememorar aqui que o periodo que se seguiu á protecção imperial foi tambem periodo glorioso para as lettras patrias, como prophetisára o sabio Marquez de Sapucahy. Mais do que tudo fulgiu a poesia nacional, como se a lyra brasileira emergisse de um circulo de luz, de ouro e de purpura nos vastos horizontes que se lhe abriam.

Magalhães com os seus *Tamoyos*, Porto Alegre com o seu *Colombo*, Gonçalves Dias com as suas *Americanas*, Macedo, Alencar e outros com seus dramas e romances se tornaram dignos de uma mocidade cheia de enthusiasmo, ávida de gloria e sedenta de applausos.

O throno da eloquencia sagrada acordou de seu longo silencio á voz divina de Monte Alverne, o Homero do pulpito : o enthusiasmo do auditorio illustrado explosiu em delirio. E o theatro, dominado pela declamação emphatica e convenções extravagantes, restaurou-se com o exemplo de João Caetano sob a personificação de Antonio José, que surgiu das cinzas da fogueira da Inquisição, nas quaes existia esquecido.

Veio depois a guerra, e as palmas dos mais esplendidos triumphos, obtidas nas mais preclaras victorias junctaram-se aos louros das lettras sobre os degraus do throno imperial.

Esse periodo de arroubamento e de gloria ja vai, verdade é, arrefecido. Desappareceram todos esses eminentes talentos, não, como antigamente nos, hospitaes — em pobres leitos — mas na apotheose da morte. A nova geração, transviada das sendas do idealismo, perdida a estrella polar do patriotismo, mal tem dado algumas producções dignas de si, e o realismo, sem o fogo do amor da patria, falto de inspiração divina, agonisa debatendo-se de encontro ás frias barreiras do positivismo—sem alma, porque não tem a crença da immortalidade—sem espaço, porque não vê o infinito—sem luz, porque não se inspira de Deus e em Deus.

Calmos, interrogando o passado, estudando o presente e com os olhos cheios de fé no futuro, cumprimos a nossa missão, não como profissionaes, não como especialistas, pois nos cingimos ás circumstancias de um paiz novo. Somos simples obreiros que architectamos as peças necessarias a um grande e monumental edificio. Ufanamo-nos de ser uteis á patria em tão santo mister, e assim buscamos desempenhar a recommendação de Alexandre de Gusmão quando disse: « — Para por todos os modos engrandecer a nação... procura resuscitar as memorias da patria da indigna escuridade... »

Prospéra o Instituto, como vos demonstrará em seu relatorio o nosso illustrado 2° Secretario, que substitue o

nosso distincto consocio Dr. Manuel Duarte Moreira de Azevedo, a quem longa enfermidade tem infelizmente privado de tomar parte em nossos trabalhos com aquelle afan e assiduidade que o caracterisavam.

Não se esquece de nós a fatalidade da morte. Com os socios fallecidos poderiamos formar uma illustre necropolis de mais de quatrocentos tumulos! Além de nosso prestimoso Presidente pagaram este anno o inevitavel tributo cinco conspicuos consocios: seus nomes e seus serviços prestados á patria e á nossa Associação vos serão recordados por nosso eloquente orador.

Abriu o Instituto as suas portas a novos socios. Sejam elles bem vindos! Possamos nós colher de suas luzes a contribuição de seus trabalhos a prol de nossos esforços, como dignos auxiliares que dão por garantia os seus brilhantes nomes.

Cumpro um grato dever agradecendo em nome do Instituto Historico a todas as illustres senhoras e distinctos cavalheiros que se dignam de animar com sua presença esta solemnidade litteraria.

Senhor! Agradecer em nome do Instituto Historico a protecção que V. M. Imperial se digna de lhe outorgar; —agradecer o acolhimento que lhe faz aposentando-o no paço imperial, convertido em templo das lettras e sciencias e do amor da patria e da gloria;—agradecer a augusta honra da presença de V. M. Imperial, tanto nas sessões ordinarias como nas solemnes, é repetir o que d'esta cadeira já disseram os illustres presidentes da nossa Associação. Mas o Instituto não póde ainda uma vez deixar de inclinar-se respeitosamente ante o throno imperial, em homenagem de gratidão, e agradecer a V. M. Imperial protecção tamanha, honra tão subida, tudo pelo amor do estudo da historia patria e da geographia nacional, pelo qual V. M. Imperial tão vivamente se desvella e tão individualmente se interessa, pois crê na sua utilidade, pois vê por si mesmo o beneficio que d'elle colhe o paiz.

Com a permissão, que impetro de V. M., abre-se a sessão.

RELATORIO

DO SR. 1° SECRETARIO INTERINO

DR. JOAQUIM PIRES MACHADO PORTELLA

Preceitúa a lei regulamentar deste Instituto que na assembléa geral anniversaria da sua installação o 1° Secretario leia um relatorio em que exponha os trabalhos havidos durante o anno social.

Este mandato, a que tão largo e luminoso desempenho deram talentos da valia de Januario da Cunha Barbosa, Araujo Porto Alegre, Joaquim Manoel de Macedo e outros, ainda hoje teria completa e brilhante execução, como tão proficientemente a teve nos tres annos transactos pelo não menos illustre 1° Secretario o Sr. Dr. Moreira de Azevedo, se de semelhante tarefa o não inhibissem incommodos de saude, que felizmente se acha em via de restabelecimento.

Esse lamentavel impedimento faz com que me curve obediente á nossa lei organica, que impõe ao 2° Secretario o dever de substituir ao 1°.

Muito honrosa me é por certo essa substituição, da qual, em tempo, com insistencia declinei. Mas infelizmente para vós, e não menos infelizmente para mim, que, não por affectada modestia, confesso a minha insufficiencia, aggravada (vos affirmo), por diversas circumstancias que muito me tolhem, em vez de um bem elaborado e eloquente relatorio, vai ser lida uma exposição deficiente e desalinhada.

Ampara-me nesta conjunctura a esperança de que em vosso animo despertará generosa indulgencia a consideração de que a imperioso cumprimento de um dever

foi que me submetti, ainda arrostando temerosas difficuldades, ainda sacrificando naturaes e bem entendidos estimulos de amor proprio.

—

Este Instituto, que deve sua origem á feliz proposta apresentada á *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional* em 16 de Agosto de 1838 pelos benemeritos Marechal Raymundo José da Cunha Mattos e Conego Januario da Cunha Barbosa, e que data a sua inauguração de Dezembro do mesmo anno,—este Instituto,que, na phrase de Fernandes Pinheiro, uma augusta vontade ergueu á categoria de instituição nacional, completa, Senhores, 48 annos de existencia,— de existencia, é certo, affanosa, mas tambem cheia de gloria devida ao concurso patriotico e efficaz de denodados athletas do engrandecimento intellectual do paiz, sacerdotes, magistrados, militares, medicos, politicos, diplomatas, estadistas, que, aproveitando diligentemente o tempo que lhes podem dispensar os obrigatorios labores de suas profissões e empregos, têm contribuido com os esforços de sua dedicação, com os recursos de sua intelligencia e actividade, com os opimos productos de suas lucubrações litterarias. E' que têm elles bem comprehendido que, em vez de antagonicas a vida pratica e a vida das lettras, póde dar-se entre ellas uma alliança amoravel e fecunda em proveitosos e brilhantes resultados.

Como prova da veracidade deste asserto nenhum exemplo posso apresentar mais palpitante e convincente que o do nosso primeiro Socio, o primeiro Cidadão do Imperio, que, não obstante as multiplas, constantes e onerosas occupações de seu elevadissimo cargo, jamais deixa de assistir a uma sessão siquer deste Instituto,animando-o com a sua augusta presença, amparando-o com a sua inexgotavel munificencia, honrando-o com a sua luminosa e fraternal collaboração, dando-lhe assim reconhecido e inapreciavel prestigio no paiz e no estrangeiro.

—

Tendo-me occupado do Instituto em si mesmo ou como associação, segue-se naturalmente tratar de seus membros.

No quadro dos socios têm sido inscriptos desde a sua fundação, 859 nomes. Dos que existem, sendo 117 nacionaes, 105 estrangeiros, são correspondentes 149, effectivos 33, honorarios 17, além de 5 Presidentes honorarios e do nosso Augusto Protector Immediato.

Seis foram as acquisições de socios correspondentes feitas este anno pelo Instituto Historico; todas ellas se recommendam pelo reconhecido merecimento dos illustres neophytos, de cujo valioso auxilio muito devemos esperar. Foram :

— O Sr. senador Manoel Francisco Correia, sobre cuja illustração e infatigabilidade em promover o derramamento da instrucção nada preciso dizer;

— O Sr. barão de Ourém, que, embora ausente do Imperio, delle jamais se esquece, publicando diversos trabalhos sobre o Brazil, principalmente uma interessante noticia annual das nossas sessões parlamentares ;

— O Sr. Dr. José Hygino Duarte Pereira, corajoso investigador dos archivos da Hollanda para vulgarisar em portuguez preciosissimos documentos historicos ;

— O Sr. Tenente-coronel Francisco Antonio Pimenta Bueno, cujos conhecimentos geographicos e trabalhos de explorações e de cartographia estão a attestar o seu talento e pericia ;

— O Sr. Francisco Augusto Pereira da Costa, laborioso pesquisador de documentos historicos, autor do *Diccionario de Pernambucanos celebres* e de outros livros.

— O Sr. tenente-coronel Antonio Borges de Sampaio, diligente colleccionador de interessantes manuscriptos e activo registrador e noticiador de factos occurrentes.

Pendem de parecer das competentes commissões quatro propostas para socios correspondentes.

Mas, Senhores, se no decurso deste anno tivemos a satisfação de fazer as seis importantes acquisições que vos acabo de mencionar, passámos no mesmo periodo pela intensa magua de vêr-mos rareadas as nossas fileiras

com a lamentavel perda de sete prestimosos consocios. Fôram elles os Srs. Dr. Antonio Maria de Miranda Castro, o conselheiro Josino do Nascimento e Silva, Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida, commendador João José de Souza Silva Rios, Dr. Maximiano Antonio de Lemos, Barão Gustavo Schreiner e Visconde de Bom-Retiro. Fatal coincidencia ! Quatro deixaram de existir no mez de Agosto : Souza Rios no dia 1 e os tres ultimos no dia 12 !

A vibrante palavra do eloquente Orador deste Instituto em breve passará a mostrar-vos as honrosas credenciaes com que cada um delles se apresenta á gratidão e benemerencia desta sociedade e da patria.

Mas seja-me permittido como individual tributo de perenne saudade fazer aqui particular menção do preclaro Visconde de Bom-Retiro, eminente cidadão, em quem se admiravam a honestidade, o bom senso, cavalheirosa affabilidade, variada e solida instrucção, longa serie de serviços ao Estado, infatigavel actividade no desempenho das funcções ainda as mais arduas, — do Visconde do Bom Retiro, que por um decendio completo honrou a cadeira presidencial deste Instituto, cadeira que desde tão deploravel fallecimento tem-se conservado inoccupada e coberta de crepe na sala de nossas sessões ordinarias.

Ao sahimento desse conspicuo e benemerito cidadão compareceram os membros da Mesa administrativa deste Instituto e crescido numero de consocios, indo todos render devido preito de amizade e veneração e dizer-lhe pela voz do nosso Orador o plangente *adeus* da eterna despedida.

Em demonstração de profundo pezar deixou de funccionar o Instituto no dia costumario de sessão, e na primeira que se celebrou foi apresentada uma proposta assignada por todos os membros presentes para no proposito de perpetuar a memoria do prestigioso Presidente, fazer-se seu busto em marmore e ser collocado na sala das sessões; proposta, que passando pelos tramites regulamentares, foi unanimemente approvada, e está em caminho de execução.

Doze foram as sessões ordinarias havidas este anno: em todas ellas, á excepção de duas, leram diversos socios interessantes trabalhos, alguns dos quaes de superior quilate. Passo a mencional-os segundo a ordem chronologica da respectiva leitura.

Havendo o Sr.Dr. Cesar Marques em uma das sessões do anno anterior lido uma memoria sob o titulo « *O Bemtevi* e seu redactor o Sr. Estevão Raphael de Carvalho, » e tendo a respeito della o nosso respeitavel consocio o Sr. Conselheiro D. Francisco Balthazar da Silveira enviado ao Instituto um trabalho com a epigraphe « *Breves Reflexões* » leu o mesmo Sr. Cesar Marques uma resposta a essas *Reflexões* explanando o seu pensamento e affirmando que aos seus estudos historicos preside calma, investigação e sobretudo imparcialidade.

O Sr. Senador Escragnolle Taunay leu 10 capitulos do seu trabalho *Os Campos Geraes e o Sertão de Guarapuava*, relação das viagens que fez áquelles logares, como Presidente da Provincia do Paraná.

Descrevendo minuciosamente tudo quanto mais de perto lhe ferio a attenção, desenvolve detidas observações, já sobre factos da immigração, já sobre assumptos administrativos e de interesse geral ou provincial.

Como em todas as suas obras, busca o autor pintar com fidelidade e vivo colorido o aspecto da natureza e reproduzir exactamente as impressões artisticas que recebeu.

Relatando passo a passo todas as minudencias dessa longa digressão, o Sr. Taunay reunio em seu livro tão importante repositorio de informações, que nenhum viajante mais daquellas paragens poderá dispensar-lhe continua leitura.

Deve terminar a obra um vocabulario de mais de seiscentos termos e locuções da lingua *Cayngang* (coróados de Guarapuava).

O Sr. Taunay talvez seja o primeiro escriptor, que nos indique com exactidão o nome da tribu a que pertencem aquelles aborigenes, sempre appellidados pelo qualificativo portuguez.

Nas suas lides presidenciaes o nosso consocio não se esquecia, pois, do Instituto Historico, que o conta

em seu seio desde 1868, em cujas *Revistas* apparecem frequentemente trabalhos de sua lavra.

« As informações (diz Herbert Smith, o abalisado viajante americano), descripção e estudos sobre Matto-Grosso e o vacabulario da lingua *Chané*, de Escragnolle Taunay, são os mais perfeitos e exactos de tudo quanto a tal respeito se tem escripto. »

Este juizo dá bôa garantia da verdade e valor scientifico e descriptivo dos escriptos do nosso confrade.

O Sr. Agusto Fausto de Souza leu em quatro sessões uma bem escripta e interessante memoria intitulada *A redempção da Uruguayana*. E' um historico das operações militares durante a invasão paraguaya no Rio-Grande do Sul, desde o principio de Junho até o fim de Setembro de 1865.

E' dividido em duas partes esse trabalho, ambas de igual importancia historica. Na primeira limita-se o autor a relatar todos os factos na ordem em que se foram succedendo, tornando-se mais minucioso em os acontecimentos e rendição da cidade, acontecimentos nos quaes tomou parte como engenheiro militar ás ordens do commandante em chefe Barão de Porto-Alegre. Na segunda parte, respondendo o autor a duas questões, que naturalmente se apresentam a quem lêr a primeira, analysa com a maior isenção de animo as diversas operações, procurando esclaracer muitos pontos, que até agora têm jazido na escuridão, e apresentando á verdadeira luz todos os successos desse notavel periodo da guerra do Paraguay, do qual só têm sido publicadas até hoje narrações mais ou menos apaixonadas ou escriptas sobre bases nem sempre merecedoras de credito.

Illustram esse trabalho duas plantas topographicas, sendo uma da marcha seguida pela columna invasora, e a outra da posição das forças combantentes no memoravel dia da rendição da praça; e como peças justificativas de todas as proposições contidas nas duas partes da memoria, é ella seguida de muitos documentos, alguns dos quaes raros e de elevado valor historico.

A impressão manifestada geralmente por occasião da leitura desse trabalho não podia deixar de ter sido muito

agradavel ao autor, reconhecendo-se que elle procurou não afastar-se dos principios indispensaveis a quem escreve algum trabalho historico, a saber: a verdade, a imparcialidade e a clareza.

O Sr. Barão de Teffé fez a leitura de uma memoria de sua lavra intitulada *o Porto do Rio de Janeiro; obstrucção inevitavel de seus ancoradouros; providencias energicas a adoptar.*

Na 1ª parte tratou das marés, da velocidade das correntes no fluxo e refluxo nas épocas de quadraturas e syzigias, das enxurradas e aguas do monte que arrastam materias de toda a especie, das terras de alluvião e dos detrictos accarreados pelos rios que desaguam na nossa esplendida bahia; causas naturaes da obstrucção lenta, mas progressiva da parte septentrional, desde Mauá até a zona d'encontro nas marés.

Na 2ª occupou-se largamente dos abusos commettidos pelos navios nacionaes e estrangeiros que arrojam ao mar, nos ancouradouros mais frequentados, a moinha do carvão, as cinzas, o lixo e quantos objectos se inutilisam a bordo... Tratou de demonstrar o prejuizo occasionado pelo transporte diario do lixo em batelões descobertos até a Ilha da Sapucaia, onde chegavam com metade da carga; a falta de cuidado na incineração e o abuso inqualificavel de empregar-se o lixo em aterros nas circumvizinhanças dessa ilha.

Verberou taes abusos, que devem ser punidos com toda a severidade, porque o resultado funesto da imprevidencia já se revela de modo assustador no crescimento do baixo fronteiro á Alfandega, na diminuição da profundidade dos melhores ancoradouros deste porto, até hoje preconisado como o melhor do mundo, e na progressão lenta, porém inquietadora, do banco da barra.

O Sr. Dr. Cesar Marques, levado pelo vivo interesse que sempre manifesta pela historia de sua Provincia natal— o Maranhão, occupou-se em lêr em outra sessão um trabalho sobre um dos primeiros missionarios que levaram a luz da religião ás densas brenhas daquella Provincia; tem esse trabalho o titulo *Obra historica do Reverendo Cappuchinho Francez Ivo de Evreux e Mr.*

Ferdinand Denis. E mostrou uma photographia desse piedoso sacerdote que de Paris lhe fôra remettida pelo nosso venerando consocio Mr. Ferdinand Denis, dedicado amigo do Brazil, e que fôra o descobridor da obra do Padre Ivo de Evreux que se julgava perdida na bibliotheca de Santa Genoveva, e fora depois traduzida no Maranhão pelo mesmo nosso consocio Dr. Cesar Marques.

Ainda em outra sessão leu elle uma memoria historica sobre a vida e feitos de D. Fr. Miguel de Bulhões e Souza, 3° Bispo do Pará. Era para lamentar, disse elle, que quasi nada se tivesse escripto sobre esse illustre Prelado, tão trabalhador, tão infatigavel como missionario, e tão esmoler e tão desprendido das vaidades do mundo, como se vê de uma preciosa carta, que a dita memoria transcreve integralmente, escripta por esse Bispo a um Padre que de Lisbôa o incitava á acquisição de novas honras concedidas pelo Santo Padre.

Esse nosso illustrado consocio faz votos para que se continue nesse molde a escrever outras biographias dos Bispos do Pará, por que a historia dos Bispados do Brazil, conforme elle ja fizera ver no seu *Diccionario do Maranhão*, nos tempos coloniaes, se liga á historia geral desses tempos, pela grande influencia que os Bispos então exerciam em todos os ramos do serviço publico.

O nosso estimavel e modesto confrade o Sr. Dr. Teixeira de Mello, auctor das *Ephemerides*, apezar de, como relator da commissão de redacção da *Revista trimensal*, ter estado encarregado dos trabalhos de revisão e organisação do volume deste anno, não deixou de fazer a leitura de dous trabalhos seus. Em uma sessão leu elle a biographia do nosso erudito consocio e notavel philologo nacional o fallecido Dr. Joaquim Caetano da Silva. Aproveitando-se da que fôra publicada no periodico *O Paiz* a 28 de Fevereiro ultimo, anniversario do fallecimento desse illustre brazileiro, que tão relevantes serviços prestou ao Estado com o seu precioso livro *O Oyapock*, desenvolveu-a, ampliou-a, e completou-a com subsidios novos, pagando assim em nome do Instituto a divida, que se conservava em aberto para com sua memoria.

Na ultima sessão leu uma synthese biographica do Dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta, Barão de Villa Franca, honesto e zeloso servidor do Estado, que retirado depois da vida activa da politica, perpetuou o seu nome em duas obras de merito, uma de jurisprudencia elementar «*Apontamentos juridicos*» impressa em 1865; e outra de physiologia vegetal, *Plantes utiles du Brésil*, publicada em 1880.

O diligente pesquisador de dados biographicos, auctor do *Diccionario Bibliographico Brazileiro*, o Sr. Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blak leu um trabalho sob o titulo *Fr. Bastos ou Frei Francisco Xavier de Santa Rita Bastos Baraúna*, no qual nos dá varios traços da vida, e indica as obras de que ha noticia, de um dos mais fecundos, eruditos e eloquentes oradores nacionaes; e por isso com razão appellidado de *Bossuet brazileiro* pelos de sua época na Bahia.

O Sr. Conselheiro Araripe leu uma memoria sob o titulo *Cidades petrificadas e inscripções lapidares no Brazil*, na qual dando ao Instituto sciencia da noticia divulgada pela imprensa do apparecimento de uma antiga cidade abandonada no Piauhy, e da communicação feita por um consocio nosso residente no Pará sobre um lettreiro apparecido nas margens do Xingú, fez varias considerações sobre esses antigos monumentos verdadeiros ou suppostos, e concitou o Instituto a proceder a investigações, afim de que possamos chegar a um resultado, que nos dê a convicção da realidade de taes monumentos no solo da nossa patria, ou se desfaça a crença vulgar na existencia delles.

Nas doze sessões havidas este anno diversas propostas foram apresentadas. Umas ainda se acham pendentes de parecer das competentes commissões, como a dos Srs. Tavora, Teixeira de Mello e Fausto de Souza, para que, como complemento á *Revista Trimensal*, se publique mensalmente um boletim, á exemplo do que praticam algumas associações. Outras já foram approvadas, taes como:

— a do Sr. Dr. Severiano da Fonseca para que se renove ao Governo o pedido feito em 1882 de serem removidos para a cidade de Cuyabá, com o fim de poderem ser conservados, alguns retratos historicos e antigos, existentes no palacio dos antigos Capitães Generaes e na Camara Municipal da decadente cidade de Matto-Grosso.

— a de commissão de fundos e orçamento para que, além de um busto em marmore do nosso saudoso Presidente o Sr. Visconde do Bom Retiro, vão sendo convertidos annualmente em bustos tambem de marmore, principiando-se pelo mais antigo, os de gesso, que possuimos, de outros illustrados e prestimosos consocios, consagrando-se-lhes assim homenagem perpetua pelos relevantes serviços que prestaram ao Instituto e á patria.

— a do 1° Secretario interino para se transcrever em nossa revista os mais noticiosos e importantes trechos do relatorio do Dr. José Hygino Duarte Pereira dando conta ao Instituto Archeologico Pernambucano da sua commissão aos archivos da Hollanda; e para que a commissão de pesquiza de manuscriptos, tendo em vista a relação não só dos documentos trazidos pelo dito Dr. José Hygino para o referido Instituto Archeologico como os de que trata o mencionado relatorio, indique os de que convenha mandar o Instituto Historico extrahir copia.

Accedendo ao obsequioso convite de diversas associações para assistir á festa anniversaria das respectivas inaugurações, o Instituto tem-se feito representar em taes solemnidades por meio de uma deputação de tres membros.

Nã só por dar cumprimento a uma disposição de seus Estatutos, como para satisfazer grata exigencia de vivo sentimento patriotico e de profunda gratidão para com o seu Augusto e Immediato Protector, tem o Instituto Historico, em todas as occasiões de festividade nacional, enviado ao Paco Imperial uma deputação para apresentar ao Imperador as mais enthusiasticas e sinceras congratulações, e em todas essas occasiões ao costumado benigno acolhimento accresce a honra de graciosa resposta de Sua Magestade.

Fallarei agora da nossa *Revista*. Srs., a collecção da *Revista do Instituto Historico*, a dos *Annaes do Parlamento* e o Catalogo da Exposição de historia havida na Bibliotheca Nacional são, em meu humilde pensar, as tres obras essencialmente nacionaes, que de summa utilidade para a historia patria mais honram o nome brazileiro.

Si na criteriosa phrase do nosso Augusto e Immediato Protector na memorada e memoranda sessão de 15 de Dezembro de 1849, a *Revista do Instituto* seria indeclinavel testemunho do que o mesmo Instituto fizesse a bem da Historia e Geographia do Brazil, esse testemunho, devemo-nos regosijar, nos tem sido muito honroso, porque assegura que não temos levado vida improficua e ingloria.

E na verdade : os 48 tomos já publicados da *Revista* são um precioso repositorio não só de raros e ineditos documentos, como de inestimaveis memorias de propria lavra de nossos illustrados consocios; contendo todas essas publicações — noticias de factos de importancia historica, ainda não conhecidos ou até então inexactamente narrados ; a verificação de datas ; a rectificação de nomes ; a illucidação de pontos duvidosos; interessantes dados estatisticos ; biographias de vultos eminentes que honraram o paiz por suas lettras, virtudes e serviços ; descripções de viagens ; roteiros de explorações ; curiosas investigações ethnographicas, mormente acerca de linguas dos nossos aborigenes, etc.

E a prova mais evidente da importancia da nossa *Revista* está na diligencia, direi mesmo, na avidez com que tem sido procurada e ambicionada . Homens de lettras e simples curiosos, estabelecimentos de instrucção, associações congeneres da nossa, institutos scientificos, quer no paiz quer no estrangeiro, solicitam a nossa *Revista*.

Além dos exemplares que são distribuidos pelos socios, 97 são fornecidos a bibliothecas e associações litterarias no Brazil, e 163 são remettidos periodicamente a Academias e Institutos estrangeiros. Foi necessario augmentar no nosso orçamento a verba destinada á despeza com a remessa pelo correio.

Continua a *Revista* a ser impressa com regularidade, sendo nella publicados não só preciosos documentos

antigos e ineditos, que bem denotam a copiosidade e valor do archivo do Instituto, como tambem apreciaveis trabalhos, fructo das lucubrações de seus socios, trabalhos, não rara vez, de alto e inestimavel merecimento.

Concluio-se a reimpressão dos tomos 5° e 14 de 1843 e 1851.

Por motivos de economia haviam nestes ultimos annos sahido reunidos em um só volume os quatro correspondentes aos quatro trimestres: este anno, porém, já foi publicado e distribuido em cada um dos tres trimestres decorridos o volume respectivo.

Esses tres volumes não desmerecem dos anteriores; pois trouxeram á luz da publicidade trabalhos como:

Curiosas e descriptivas *Cartas do Padre Antonio Blaquez* sobre o Brazil, escriptas da Bahia, de 1556 a 1565. Essas cartas foram copiadas do livro de registro da casa de S. Roque em Lisbôa pelo Dr. Perdigão Malheiros.

O interessante *Diario da viagem philosophica* pela capitania de S. José do Rio-Negro pelo sabio naturalista Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.

A *Historia da Campanha do Sul em* 1827, batalha do Ituzaingo, historia acompanhada de 39 documentos, até hoje desconhecidos, como diz o seu auctor. Foi offerta do nosso respeitavel consocio o Sr. Visconde de Barbacena.

Diversas cartas extrahidas da Torre do Tombo em Lisboa, escriptas por D. Duarte da Costa, 2° Governador do Brazil, e pelo 1° Bispo de S. Salvador D. Pedro Fernandes Sardinha, accusando-se reciprocamente perante a côrte de Lisboa.

— *Campos dos Goytacazes em* 1881, minuciosa memoria historica e geographica escripta pelo nosso illustrado consocio o Sr. Dr. J. Alexandre Teixeira de Mello, lida em mais de uma sessão do Instituto. E' uma monographia completa em que o auctor se aproveitou do que antes delle se escrevêra acerca do assumpto, reunindo em um só ponto o que por muitos andava disperso, e accrescentou novos materiaes, e indicou novas fontes para obra de mais folego no futuro.

— Principaes trechos do extenso e importantissimo relatorio em que o incansavel Dr. José Hygino Duarte

Pereira, em sessão especial do Instituto Archeologico Pernambucano, deu conta da commissão, que optimamente desempenhou, de ir á Hollanda fazer acquisição de documentos relativos ás lutas com os Hollandezes no Brazil. Esses trechos se referem principalmente aos numerosos e preciosissimos documentos que, ainda não conhecidos nem explorados, encontrou elle em Haya nos archivos da Companhia das Indias Occidentaes, dos Tribunaes de Hollanda, dos Estados Geraes, e no particular do Rei ; de todos os quaes trouxe avultado numero de copias, além de muitos mappas, plantas, retratos, livros e opusculos.

— E, em uma secção sob o titulo *Indicações bibliographicas*, um bem elaborado artigo do nosso orador o Sr. Franklin Tavora apreciando o mencionado relatorio e dando uma noticia biographica do talentoso e erudito Dr. José Hygino.

Muito grato, Senhores, me é dizer-vos que o nosso Instituto se acha em relações com grande numero de academias e associações scientificas e litterarias que honram o mundo civilisado, principalmente com as que se occupam de geographia e historia.

Essas relações com sociedades estrangeiras, essa permuta de trabalhos scientificos e producções litterarias, ao passo que tornando mais conhecido o nome brazileiro, fornecem base para juizo imparcial e justo a nosso respeito, irão estabelecendo uma especie de communhão de idéas, que preparam para a solução do problema da fraternidade das nações.

Não posso, pois, esquivar-me á satisfação de mencionar aqui as principaes associações que comnosco se correspondem ; e confio que vos não será enfadonho ouvir que são ellas :

As sociedades de Geographia de Lisboa, de Pariz, de Madrid, de Berlim, de Roma, de Munich, de New York, de Antuerpia, de Tours, de Lille, de Toronto, de Karlsruhe, de Iena, de Hannover, de St. Gallen, de Stuttgard, de Greifswswald, de Neuchatel, de Bordeaux,

de Vienna, de Bruxellas, o Instituto Geographico Argentino, a Real Academia de Historia de Madrid, a de Ciencias Morales y Politicas da mesma cidade, a Antropologica de Washington, a Cientifica Argentina, a Academia de sciencias em Cordoba, a sociedade Archeologica Druztoa, a de estudos Indo-Chinezes de Saignon, a de colonisação allemã de Berlim, a Academia Real de Sciencias, Lettras e Bellas Artes, da Belgica,—a de Sciencias de Munich,—a sociedade de Naturalistas de Moscow,—a Adriatica de Sciencias Naturaes—a Academia de Sciencias Naturaes de Minesota—as sociedades de Historia Natural de Vienna, de Giessen, de Emden, de Zagrebú,—a Universidade de New-York—a Sociedade Physico-Economica de Kungsberg—a de Instrucção do Porto,—a Africana da Italia—a Real Sociedade Economica de Amigos del Pais—A Bibliotheca Nacional de Albany—a Sociedade Commercial do Havre e a de Bordeaux—o Muzeu Nacional do Mexico, etc.

Muitas destas associações nos remettem suas actas, relatorios, revistas, boletins e obras estimaveis por intermedio do *Smithsonian Institution*, de Washington.

Ainda este anno duas *Revistas* nos foram pela primeira vez obsequiosamente enviadas pelas respectivas sociedades:—a del *Centro Boliviano, Geografia, Colonizacion y Ciencias*,—e a de *los Progresos de las Ciencias exactas, fisicas y naturales* (Madrid). E a *Société des Sciences et de Géographie d'Haiti*, communicando-nos sua fundação, remetteu-nos a acta de sua constituição e pediu-nos permuta de publicações.

———

Numerosas foram as offertas de livros, folhetos, manuscriptos, mappas, jornaes, etc., que nacionaes e estrangeiros se dignaram de fazer ao Instituto. Algumas são de real importancia.

Longo tempo levaria em mencionar agora todas essas provas de apreço dos offertantes para com a nossa Associação; e, pois, indicando sómente algumas, cumpro o dever de dar aqui solemne testemunho do especial agrado

com que todas ellas foram recebidas e do profundo reconhecimento do Instituto.

Além de collecções de leis geraes e provinciaes, annaes do parlamento, relatorios de ministros de Estado, de Presidentes de Provincia, e outras publicações officiaes, que as Secretarias de Estado, as das Camaras Legislativas, os Presidentes de Provincia e outros funccionarios publicos remetteram; além de revistas, boletins, periodicos, e outras publicações remettidas pelas sociedades e academias estrangeiras já mencionadas, e por associações e estabelecimentos scientificos e litterarios do Brazil, foram offertados :

Pelo Sr. Barão de Teffé—uma extensa carta hydrographica e descriptiva do Alto Javary, em grande escala, preparada para mappa mural, organizada pelo mesmo senhor ;

Pelo Sr. conselheiro Wilkens de Mattos—uma carta hydrographica do rio Urubú na provincia do Amazonas, e seis desenhos de inscripções encontradas em diversas localidades do dito rio ;

Pelo Presidente da Parahyba—o *fac-simile* de uma inscripção gravada em rocha na povoação da Pedra-Lavrada, acompanhado de um relatorio ;

Pelo Instituto Archeologico Pernambucano—um exemplar photographado de uma carta de Filippe Camarão em lingua *tupy*, e cujo original existe em um dos archivos da Hollanda ;

Pelo Sr. Antonio Borges de Sampaio—25 impressos avulsos, relativos á Independencia do Imperio e ao actual reinado, e 28 manuscriptos sobre politica, administração, estatistica etc. ;

Pelo Sr. Brito Aranha—o 13º volume do *Diccionario Bibliographico Portuguez*;

Pelo nosso consocio o Sr. Gumbleton Daunt—*Habitações lacustres da Irlanda* pelo coronel Woods ; e a collecção, hoje muito rara, do periodico *Atlantis*;

Pelo nosso consocio M. A. Baguet—*Cours aperçu de la decouverte du Brésil et de son histoire politique jusqu'à son emancipation,—Les Patagons, la race blanche et la race de couleur*;

Por Mr. Quatrefages a sua obra—*Histoire Générale des Races Humaines*;

Pelo Principe Roland Bonaparte—*Voyages des Néerlandais à la Nouvelle Guinée*;

Por Mr. Vivien de St. Martin o seu *Nouveau Dictionaire de Géographie Universelle*;

Pelo Sr. F. Bianconi—*Collection des Études Genérales Geographiques*;

Pelo nosso consocio o Sr. João Barbosa Rodrigues —*Rio Jauapery, Pacificação dos Chrichanás*;

Pelo Sr. H. Raffard—*Die Chinelische Auswandrung* von Dr. Friedrich Rakel—*Traité et solution de la questíon de Emigration*, par le capitaine Fred. Jaeggi Gyger e outros livros;

Pelo Sr. D. Angel Justiniano Carranza—*Expedicion al Chaco Austral—La revolucion del 39 en el sur de Buenos-Ayres—Ordenanzas Generales para la armada—El Laurel Naval de* 1814;

Pelo Sr. Visconde de Sanches Baena—*Restauração de Portugal*;

Pelo Sr. J. Capistrano de Abreu—Informações e fragmentos historicos do Padre José de Anchieta;

Pelo Sr. Dr. Mello Moraes Filho a obra—*O Dr. Mello Moraes*;

Pelo Sr. Dr. J. Pereira Rego Filho—*Estadistica del comercio y de la navigacion de la Republica Argentina*, año de 1885;

Não devo estar fatigando a vossa attenção com a leitura de tão extensa relação.

Já chegaram da Europa e se acham na sala de nossas sessões as duas grandes espheras, que por deliberação do Instituto, haviam sido encommendadas, por intermedio do distincto geographo o Sr. Barão de Teffé, uma terrestre e outra celeste.

Para a bibliotheca do Instituto foram compradas diversas obras, dentre as quaes se destacam a do notavel viajante Herbert Smith *The Amazons and the coast* e a *Nova Geographia Universal* de Mr. Elisée Reclus, isto é,

os 12 grossos volumes até agora publicados, relativos á Europa, Asia e Africa.

Da mesma bibliotheca foram reencadernados 118 volumes, que se achavam damnificados.

Pelo Ministerio da Guerra foi concedida permissão para serem lithographados na officina do Archivo Militar os dous desenhos topographicos que acompanham a memoria, a que já me referi, do Sr. tenente-coronel Fausto de Souza sobre a redempção da Uruguayana.

Quanto ao estado financeiro da nossa associação, o actual prestante Thesoureiro o illustrado Sr. Barão de Teffé tem sabido sustental-o no pé a que o seu infatigavel antecessor o Sr. conselheiro Araripe, por sua previdente e providente gerencia, havia conseguido eleval-o.

No ultimo dia de sessão correu pelos socios presentes o livro de inscripção para leitura de memorias no anno vindouro. Inscreveram-se o Sr. Barão de Teffé para tratar da *Descoberta das nascentes do Javary*, e o Sr. Dr. Cesar Marques para lêr a *Biographia* de D. Francisco de Mello Manoel da Camara, governador do Maranhão, 1806—1807, e tambem *O naufragio de Martius* nas aguas do Amazonas e o seu piedoso voto em Santarem.

Senhores! Esta solemnidade, sendo uma festa de familia, é ao mesmo tempo uma festa civica. Si aqui nos reunimos neste dia os socios do Instituto Historico para nos congratularmos por mais um anno de existencia e fazermos a resenha da gestão social nesse periodo, o imponente aspecto desta reunião, honrada com a augusta assistencia do mais eminente cidadão do Imperio, honrada com a respeitavel presença de altos funccionarios do Estado, honrada com o obsequioso comparecimento de tantos personagens e illustrados concidadãos, é uma demonstração bem significativa do vivo interesse, da desvelada solicitude de todos por este Instituto, considerando-o como uma instituição nacional. E', Senhores, que a commemoração de seu passado a todos offerece a segurança de que elle sempre saberá bem servir á civilisação e á patria.

ELOGIO HISTORICO

DOS SOCIOS

Visconde de Bom-Retiro, Barão de Schreiner, Commendador João José de Souza Silva Rio, Drs. Maximiano Antonio de Lemos, Francisco Manoel Raposo de Almeida e Conselheiro Josino do Nascimento e Silva

PELO ORADOR

DR. JOÃO FRANKLIN DA SILVEIRA TAVORA

Senhores— Não me é licito trazer para este recinto a poesia da lagrima.

Da saudade pelos nossos consocios fallecidos, especialmente por aquelle que durante a ultima década nos honrou e animou com a sua presença na direcção dos trabalhos, nós não nos podemos absolutamente eximir ainda nos esplendores desta sessão de festa.

Mas a semelhante sentimento não compete o primeiro lugar quando, reunidos em magna assembléa, temos de votar posthuma retribuição de gloria, exercendo funcção da posteridade, a companheiros que tanto fizeram por merecel-a, dignificando o officio das lettras, os labores da historia e as lutas da administração.

O Visconde de Bom-Retiro pertence ao numero daquelles homens que, pouco se differençando dos outros emquanto andam na terra, assumem, tanto que desapparecem na região tumular, as proporções cosmicas do paiz que elles engrandeceram com o seu trabalho fertilizador.

A morte fixou nas paginas de nossa historia não a sua estatura natural, mas a vasta fórma da tradição do seu nome.

Até ao momento de descer á sepultura, construida para recolher dentro de suas paredes estreitas restos humanos e não um mundo, o nosso douto presidente mostrou-se-me aos olhos com as suas mesmas dimensões, a sua mesma apparencia, a que sómente faltavam as côres e os brilhos da vida.

Quando contemplei, com meditação, o seu passado para poder resumir nestas descoradas linhas o fulgor dos seus dotes e o valor dos seus actos, reconheci que o Visconde de Bom-Retiro tinha proporções iguaes ás de sua patria; reconheci que na raiz de cada uma das principaes manifestações da grandeza actual do Brazil está um pouco da seiva do seu espirito iniciador; reconheci que elle foi superior no talento; superior na escolha dos meios de utilizar as suas luzes extraordinarias; superior no exercicio da vontade que não enfraqueceu jámais, nem ainda quando se tratava de chegar a arriscadas e arduas soluções; superior na intuição do progresso sem a celeridade, instrumento quasi sempre funesto, porque exclue a reflexão e o conselho; superior no patriotismo com a tolerancia que as conveniencias e relações entre os povos propoem.

Luiz Pedreira do Couto Ferraz nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 7 de Maio de 1818 e foi nomeado presidente de provincia, pela primeira vez, em Outubro de 1848. Approximo de caso pensado estas duas datas para derivar deste facto uma reflexão que a critica me suggere: quem teve o berço perto do tumulo de uma revolução—a de 1817, e começou a subir a longa escada das posições administrativas, perto da cova de uma revolta, —a de 1848, parece ter sido destinado a levar toda a vida a trabalhar pela paz.

Especialmente a revolta de 1848 muito concorreu para que Pedreira désse provas publicas dos seus prodigiosos talentos e do seu sentimento de ordem.

Comquanto extincto, o movimento revoltoso ainda se revelava nos resentimentos e rancores, que ficam de

semelhantes commoções. Os vencedores davam mostras de querer passar a prudente medida da victoria. Os vencidos julgavam-se perto do aniquilamento. Toda posição, todo meio de vida era negado a quem, ainda que á sombra da mesma nacionalidade, pegára de arma rebelde e homicida contra o governo legal. O resultado da eleição, pela unanimidade, parecia indicar que no paiz não havia outra opinião politica senão a opinião victoriosa. Ainda em 1853, Bernardo de Souza Franco, depois de 16 annos de vida parlamentar, entre os quaes se aponta com admiração a sessão de 1850 em que elle, em unidade, combateu com a camara unanime, teve de retirar-se á vida privada, por lhe ser negado o logar alli.

Não podia continuar semelhante estado anormal, inteiramente fóra da natureza do governo representativo, e nas proprias linhas do partido saquarema começava-se a sentir a frieza produzida pelo abuso de victoria que mais se occupava com a satisfação de paixões mediocres do que com os supremos interesses da patria.

Ao numero dos politicos a quem repugnava espectaculo que não encontra justificação nem nos erros nem ainda na exaltação do partido vencido, não podia deixar de pertencer um estadista de lucida e superior percepção, o qual ha de sempre apparecer no plano mais elevado da nossa scena politica.

Honorio Hermeto Carneiro Leão, nesse tempo Visconde de Paraná, vio desde as origens o ribeiro que acabava de estancar antes de chegar ao oceano, ou, ao menos, antes de affluir para um grande rio.

E' innegavel que á revolta de 48 faltaram todas as condições ou ao menos as principaes para produzir resultados que não fôssem nullos.

Não tivera intuito director, nem alvo para onde convergissem as ambições dos homens que porventura as nutriam. O seu primeiro vulto, o desembargador e deputado geral Joaquim Nunes Machado, entrára contra a vontade no movimento rebelde, ainda que estivesse offendido com a subida do partido contrario e o adiamento das camaras.

Nunes Machado não podia querer a revolução. Os

seus precedentes demonstram que, comquanto o seu patriotismo fosse muito facil em accender-se, elle estava sempre com o principio da autoridade. Fôra um dos membros da commissão da camara dos deputados incumbida de offerecer indicação conveniente sobre a maioridade de S. M. Imperial o Sr. D. Pedro II, solução revolucionaria, na opinião de muitos. Nunes Machado não lhe dava outro caracter quando da tribuna dizia que « não havia de acompanhar a camara se esta quizesse fazer uma revolução e lançar o paiz no vortice das revoluções » ; que «havia governo no paiz a quem cumpria respeitar, porque se compunha de pessoas tão honradas como elle orador e como qualquer deputado. »

Com o andar dos tempos a sua energia e eloquencia tribunicia augmentaram ; mas elle não queria que as suas idéas, em cujo triumpho punha aliás o maior empenho, viessem a vencer com a illegalidade e ainda menos com o sangue. Tinha nobilissimo coração.

Sempre fôra monarchista, e em 1840 sustentára o regente Araujo Lima, outro monarchista sem sombra. Ninguem ignora que, dirigindo-se desta côrte para o Recife, estava no firme proposito de chamar os praieiros ao bom caminho, e atalhar a revolta : esta providencia tinha sido resolvida em numerosa reunião politica de senadores e deputados liberaes. Ninguem ignora tambem que, prevendo as difficuldades do seu encargo, porque bem conhecia as imprudencias dos partidos, e temendo tamanha responsabilidade, negou-se quanto pôde a embarcar para Pernambuco, passo que afinal chegou a dar quasi convicto de que havia de trazer-lhe o martyrio, como de facto aconteceu. Ninguem ignora que amigos levianos e impacientes ou adversarios habeis nos artificios da insidia, contando com o seu animo facilmente inflammavel e o seu brio sujeito a precipitação, tinham feito correr o calumnioso boato de que, vendido ao governo e a estrangeiros, elle estava compromettido a acabar por todos os modos com a revolta. Os que calcularam com a vehemencia do seu temperamento, não se enganaram. Nunes Machado atirou-se de corpo e alma á voragem, e ella consumio-o tão inconscientemente como desinteressadamente se lhe entregára elle.

Que ponto de vista differente do actual tinha a dignidade politica ha quarenta annos, Senhores! Um cidadão notavel por grandes qualidades entre as quaes o amor da patria, sacrificava-se de olhos fechados, acreditando ter praticado um sacrificio espartano.

Mas leis irreductiveis de sociologia dão a explicação de acontecimentos semelhantes.

A atmosphera politica estava impregnada de electricidade revolucionaria. Era repercussão dos primeiros tempos do Imperio.

Em tratando-se deste particular, o espirito mais esclarecido não tinha a serenidade indispensavel para guiar-se a si mesmo.

As discussões eram violentas, e dellas passava-se sem mais reflexão para ajuntamentos, onde a ordem e a liberdade periclitavam. Emfim, a revolução, depois de ter sido a nota do passado, continuava a ser a nota do futuro, como é hoje a musica de Wagner.

Foi nestas condições que o genio de Paraná mostrou a sua grandeza, a sua lucida penetração.

Paraná tinha visto com seus proprios olhos, de 1849 a 1850, como presidente de Pernambuco, os estragos produzidos pela reacção.

A idéa da *Constituinte*, immersa nas cinzas da *Confederação do Equador*, resurgira depois de declarada a revolta como para dar lemma á bandeira que o não tinha.

Além desta idéa, outras muitas contidas em famoso manifesto profusamente espalhado, sustentavam ainda o resto do organismo que acabava de passar por golpe capital no Recife.

Vira as convulsões, não de uma natureza que podia tornar á vida, mas de um corpo agonisante extorcendo-se em dôres atrozes, que elle podia mitigar, e talvez extinguir de todo.

Não hesitou, veio a amnistia, e desde esse momento póde-se dizer que foi atirada ao sólo brazileiro a semente da conciliação, destinada a servir de balsamo a dôres moraes, de preservativo contra a reproducção do mal.

Na sessão de 9 de Junho de 1852, o deputado Antão falla no sentido da moderação e da justiça, reprovando os

meios extremos. Na sessão de 9 de Julho, Zacharias de Góes, ministro da marinha, trata longamente da conciliação, mostrando-se duvidoso dos seus resultados, o que não deve causar minimo reparo, visto que já procurava livrar-se dos golpes daquella arma de fina tempera que a opposição brandio contra o ministerio. Na sessão de 5 de Julho de 1854, respondendo ao deputado Ferraz, Paraná, já presidente do conselho, disse em conclusão de longo discurso :

« Fique a camara na certeza de que a politica que segue o actual ministerio não foi inspirada pela corôa; foi elle quem a creou, e é por ella responsavel.

« Se a corôa tinha esse pensamento politico, tornou-o exequivel chamando para organisar o ministerio a quem suppoz que teria o mesmo pensamento.»

Nascesse no seu cerebro ou no de outrem o intuito de conciliar os brazileiros desavindos, o certo é que Paraná, organisando o ministerio de 6 de Setembro de 1853, fez justamente o que faltava— deu ás idéas de moderação e concordia a força moral de programma ministerial.

Não mais lutas fratricidas. Todas as forças nacionaes sejam applicadas ao reparo das passadas perdas. Concorram todos os operarios ao trabalho do commum engrandecimento. Seja a politica uma religião de verdade e de amor. Um amplexo de confraternidade patriotica venha resgatar os males occasionados pelos antigos partidos que se deram combate cruento. Tal foi o programma que se estampou, como reflexo de luz divina, no cerebro daquelle homem admiravel que, passando os olhos, em rapido inventario, pelas riquezas naturaes do Brazil, descobrira do ponto de vista sublime em que sempre se collocava para estudar e conhecer o andar do seu paiz, superficies immensas sem vias de communicação, sem navegação, sem nucleos coloniaes, sem instrucção— este substancial alimento, para o qual já o nosso primeiro Imperador, na segunda falla do throno, chamava a attenção dos legisladores.

Paraná comprehendeu esta altissima tarefa, e pela exacta consciencia que elle tinha, do seu valor, pôz o peito ao trabalho herculeo, confiando em auxiliares em

quem conhecia riquezas de fé e nobilissimas ambições para serem uteis á sua terra.

Por singular phenomeno, quando era tão desfavorecido nas condições materiaes, era ao memo tempo o Brazil rico de eloquencias parlamentares, erudições politicas, grandes administradores, habilissimos jornalistas. Será necessario recordar-vos que na camara dos deputados, onde até o anno anterior repercutira a potente voz de Souza Franco, primavam Euzebio de Queiroz, Pedreira, Zacharias, Ferraz, o actual presidente do conselho Sr. Barão de Cotegipe, então João Maurio Wanderley, que mais tarde na recomposição ministerial veio sustentar valentemente com Pedreira o pesadissimo encargo da conciliação, Paranaguá, Sinimbú, Paula Baptista; no senado Montesuma, Calmon, Araujo Vianna, Gonçalves Martins, Paulino de Souza, Rodrigues Torres, Limpo de Abreu, e na imprensa os deputados Paranhos, Firmino Silva, Justiniano Rocha?

Honorio não hesitou. Havia grandes forças com que inaugurar uma orientação para nova éra, talvez esplendida redempção. Havia poderosas energias onde escolher as mais apropriadas a realizar aquelle programma, conciso e modesto nas palavras, complexo nos intuitos, immenso nas aspirações e nos resultados.

Um escriptor pernambucano, que veio a esta capital como supplente de deputado e tomou assento em 1854, desenha o ministerio da conciliação com estas linhas:

« Vi os ministros.

« Appareceu-me o Visconde de Paraná com os seus labios naturalmente contrahidos, delatores da sua energia d'animo, e seu olhar pausado e synthetico, como o do general que mede o campo de batalha contando com a victoria.

« Vi o conselheiro Paranhos com a sua fronte espaçosa, seu olhar intelligente, seu sorriso diplomatico.

« O Visconde d'Abaeté (a este vi e ouvi no mesmo dia) com o olhar calmo do veterano no serviço do paiz, o passo gravemente cadenciado, voz branda e segura—voz de quem já se não commove ao aspecto de uma camara, voz de quem conhece ás escuras o terreno do combate.

« O conselheiro Nabuco, com as suas contracções nervosas de olhos, que como que caraterisam aquella physionomia sympathica, coroada por uma testa de traços francos e largos, sobre a qual—todos nós o sabemos— têm passado longas vigilias do estudo, que talvez não cedam a precedencia a outras em nossa terra.

« O conselheiro Bellegarde, acanhado no gesto e nas fallas, mas dizendo-nos naquelle a modestia do homem superior e nestas a profundeza do operario de gabinete, operario valente e consciencioso, que nunca se preoccupou com as lutas da palavra.

« Por ultimo o conselheiro Pedreira, um joven de modos apuradamente cortezãos, de olhos negros, olhar directo e franco, fallas que insinuam tanto a sympathia, que, ao receber o aperto de mão que elle me offereceu, deixei cahir alli mesmo todo o meu acanhamento e toda a minha prevenção de provincia».

Estes escorços parecem-me incompletos.

Verei se posso dar a cada um delles o lampejo do caracter proprio, verei se lhes posso communicar o reflexo do sangue generoso que impulsionou os seus vultos sem os congestionar.

Nabuco era o jurisconsulto provecto que o longo exercicio em cargos de magistratura amestrára nos intrincados caminhos do direito. Começára a mostrar-se na imprensa desde verdes annos, redigindo as folhas academicas *Echo de Olinda*, *Velho de* 1817 e *Aristarcho*. Escrevêra para o *Lidador* e a *União*, periodicos pernambucanos, que de 1844 a 1849 tamanha influencia tiveram contra o partido praieiro. Na politica apparecia desde 1830, anno em que foi eleito membro á assembléa provincial de Pernambuco. Como administrador tinha dado provas na provincia de S. Paulo em 1851.

Paranhos pelos dotes da sua penna e da sua palavra, era conhecido de Honorio, de quem fôra secretario na missão especial ao Rio da Prata, afim de destruir o ominoso e feroz poder de Rosas. Era lente substituto da Academia de Marinha, quando, no periodico denominado *Novo Tempo*, defendeu o ministerio de 2 de Fevereiro de 1844, o que lhe grangeou a amizade de Manoel

Alves Branco (Visconde de Caravellas), principal vulto do mesmo ministerio; e foi ás suas brilhantes aptidões alli reveladas para a administração e para a politica que deveu a nomeação de secretario e vice-presidente da provincia do Rio de Janeiro, provincia que o distinguio depois elegendo-o para seu representante na assembléa geral. Paranhos veio a ser posteriormente o redactor principal do *Correio Mercantil*, e no *Jornal do Commercio* escreveu as *Cartas ao amigo ausente*, que se tornaram famosas, não só no Imperio mas no Rio da Prata. Convidando-o para seu secretario na alludida missão, Honorio já estava prevendo os serviços importantes do seu auxiliar, e confiando-lhe depois a pasta da marinha (em 15 de Dezembro de 1853) tinha a certeza de que o talento, o trabalho, a circumspecção seriam a feição caracteristica dos negocios a cargo do joven deputado, que em menos de 20 annos, havia de figurar entre os benemeritos da humanidade, illuminado pela lei de 28 de Setembro de 1871.

Bellegarde representava o exercito, e o seu passado habilitava-o para a pasta da guerra, que teve em suas mãos suavissimo brilho. Matriculado na Escola Militar, quando tinha 13 annos, fôra premiado em 5 dos 7 annos que comprehendia o curso daquella escola. Ainda cursava a aula, quando teve de servir com habilissimos chefes em commissões de engenharia. Substituto e depois lente cathedratico leccionára proficientemente em quasi todas as cadeiras. Tinha publicado alguns dos varios opusculos em que manifestou os seus conhecimentos e idéas sobre a sua profissão. Levantára o plano do encanamento das aguas potaveis do Bebiribe ao Recife. Tinha celebrado em 1848, como encarregado dos negocios do Brazil, no Paraguay, um tratado de alliança que foi uma como porta aberta á politica do Imperio no Rio da Prata.

Limpo de Abreu não era homem novo. Pertencia á raça heroica dos consolidadores da monarchia representativa no Brazil. Foi um dos corypheus das nossas priscas liberdades. Como magistrado era, na phrase de Feijó, citada já por outrem, « a integridade e o amor da

justiça em pessoa. » Como politico, em 1832, presidio á camara dos deputados e foi membro da commissão incumbida de formular o codigo do processo. Promovêra com os amigos o Acto addicional, e tivera grande intervenção na declaração da maioridade. Fôra ministro da justiça em 1836, e tinha a pasta dos negocios estrangeiros em 1845, quando expedio a justamente celebre *nota-memorandum* contra o *Bill Aberdeen*, que sujeitava ao julgamento dos tribunaes inglezes os navios brazileiros que faziam trafico de africanos. Principalmente este ultimo acontecimento, que mereceu a approvação dos primeiros homens de nossa terra e o applauso do paiz em massa, estava indicando o conhecido patriota para a pasta dos negocios estrangeiros.

Pedreira, escolhido para a pasta do Imperio, comquanto fôsse um dos mais jovens dos ministros, distinguia-se por provas de merecimento em posições de muita responsabilidade de que sahira com o seu brilhante conceito mais augmentado.

Este conceito procedia dos seus tempos escolares. Habilitado em todos os preparatorios aos 13 annos, sómente dous annos depois, em que completou a idade legal, pôde matricular-se na Academia Juridica de S. Paulo, na qual se bacharelou em 1838, e perto de seis mezes depois se doutorou afim de concorrer, por instancias do bispo eleito do Rio de Janeiro, D. Antonio Maria de Moura, a uma das cadeiras de lente substituto da mesma academia.

Foi nomeado para a cadeira a que se oppuzera, e depois para a de lente cathedratico de direito das gentes e diplomacia em que mais tarde se jubilou.

Era membro da assembléa legislativa da provincia do Rio de Janeiro em 1846, quando, manifestando-se divergencia entre o presidente e o vice-presidente da mesma provincia, o governo o considerou nas condições de pôr em accordo os partidos que em varios municipios pareciam perto de atirar-se em luta armada. Pedreira conseguio compor os discordes.

Estando fóra de duvida por este novo titulo o seu

merito, foi-lhe confiada a presidencia da provincia do Espirito Santo em 1848.

Foi fecundissima a sua administração nessa provincia onde teve ainda de congraçar espiritos hostis, caracteres extremados, partidarios intolerantes. Restabelecida ou estabelecida pela primeira vez a harmonia entre homens separados por idéas e paixões contrarias, Pedreira voltou-se para os melhoramentos materiaes e moraes.

Instrucção primaria, vias de communicação, colonisação, catechese, agricultura, todos estes importantissimos assumptos em uma provincia onde pareciam estar ou de facto estavam ainda com a feição e fórma rudimentar, receberam do joven presidente impulso progressivo. Era justo que todos os partidos lhe fôssem gratos, e elles puzeram de manifesto a sua gratidão, elegendo-o por mutuo accôrdo, deputado á assembléa geral.

Logo depois foi nomeado presidente da provincia do Rio de Janeiro, onde se conservou até 1853. Era já considerado um modelo de administrador, e acceitando a pasta do Imperio, correspondeu plenamente á confiança que o chamára aos conselhos da corôa.

A' eminente posição subio elle no vigor da mocidade. Incansavel e attento, não houve nenhum dos negocios que estavam a seu cargo, que não recebesse da sua iniciativa grandes adiantamentos.

Genio essencialmente creador, os nossos maiores interesses materiaes, acharam nelle senão o primeiro, um dos seus principaes promotores.

Inspirando-se no que sobre esta personalidade tão favoravel ao paiz escreveu Porto Alegre, um dos orgãos da nossa imprensa diaria resume os serviços de Pedreira nestas palavras :

« Longa seria a enumeração dos importantes serviços a que ligou seu nome. A primeira via-ferrea construida no Imperio, as de Pedro II, de Pernambuco, da Bahia e de S. Paulo, a renovação dos contratos da companhia de navegação do Amazonas, das linhas de paquete por vapor para o sul e para o norte, os contratos das linhas ferreas para o Jardim Botanico e para a Tijuca, a estrada União e Industria, a transformação das calçadas desta cidade, o

contrato para o serviço de esgoto, a reforma da instrucção primaria e secundaria, das faculdades de direito e de medicina, da aula do commercio, da academia das bellas artes, do conservatorio de musica, a creação do instituto dos meninos cégos attestam a capacidade do ministro e quanto se esforçou na prestação de serviços relevantes ao paiz. Foi o conselheiro Pedreira quem primeiro mandou um musico estudar á Europa, e foi ainda quem mais acoroçoou a creação da opera nacional ».

A quadra verdadeiramente aterradora pela qual passámos em 1855— a da primeira invasão do cholera-morbus bastava para demonstrar quanto primava na intrepidez e diligencia quando se tratava do bem publico. « Hospitaes, enfermarias, ambulancias, commissões medicas, providencias a favor da pobreza, de tudo cuidou Pedreira com abnegação e coragem digna de imitação.» Acompanhou S. M. o Imperador na visita que fez S. M. a todos os hospitaes e enfermarias, visita que teve muito maiores resultados do que poderiam dar palavras, conselhos, precauções e outras providencias que se praticam em semelhantes calamidades.

Não se deve perder de vista que no meio de drama tão lugubre em que sobresahiam S. M. o Imperador, o ministro do Imperio e o presidente da junta de hygiene Dr. Paula Candido, o segundo não arrefeceu os cuidados nos outros negocios de sua pasta.

No meio das lagrimas e do luto não se esqueceu da concordia dos brazileiros nem dos melhoramentos materiaes e moraes.

Com a sua assignatura foi expedido o decreto n. 842 de 19 de Setembro de 1855, que dividio o Imperio em districtos eleitoraes. Filha do programma da conciliação, esta eleição não desmentio a sua paternidade. O partido liberal, quasi exterminado e apagado, teve na camara Villela Tavares, Octaviano, Torres Homem, Silveira Lobo e outros.

Mas não podia a conciliação como programma politico, ter existencia senão passageira, ainda que Paraná não houvesse fallecido antes de dar toda a execução ao seu pensamento.

Os partidos volveram aos seus antigos acampamentos por ventura mais encarniçados e exclusivistas. O procedimento que teve para o proprio Pedreira a outra politica, excluindo-o da representação da sua provincia na legislatura que começou em 1864, bem o demonstra.

Ha desses vai-vens no organismo das sociedades. Antes que uma idéa se firme, ha de passar por alternativas, que se podem comparar a certas contracções que só cessam de todo quando o corpo que ellas annunciam está definitivamente nos dominios da vida.

Talvez que os nossos partidos venham ainda a reconstituir-se em novos alicerces, ou a ser substituidos por outros muito differentes. Elles estão sujeitos á influencia dos problemas que cada dia se apresentam na pedra da vida social, e cujas soluções podem trazer mudanças periodicas, accidentando ou aplanando os campos em que elles militam, tornando mais faceis ou mais difficeis os seus movimentos, perturbando a sua disciplina, dividindo as suas linhas. São evoluções particulares que se prendem ao principio da evolução universal.

Mas, quem percorrer com vistas e attenção de analysta o periodo que teve por ponto inicial o ministerio de 6 de Setembro de 1853, ha de reconhecer que as consequencias da conciliação não cessaram com esse ministerio. Semente fecunda, o seu programma, que se parece com a justiça, tem produzido e vai produzindo ainda os seus fructos. A conciliação é hoje irremissivelmente o pensamento director de nossa politica.

Quer o exclusivismo quer a posição pela força parecem ter entrado em caducidade.

Outros pensarão contrariamente, mas quando lhe queiram negar outros beneficios, não lhes será facil desconhecer que a conciliação trouxe, como partilha commum, o gosto dos melhoramentos do paiz a todos os partidos até então circumscriptos á estreita orbita da politica propriamente. Trouxe-lhes ainda a consciencia de que se não cuidarem de augmentar o patrimonio de progresso que vão recebendo successivamente das que as

precedem, as situações, como as rosas de Malherbe, têm muito curta vida, e ainda quando se illuminam com os fulgores da manhã já lhes apparecem no horizonte as sombras do anoitecer. Trouxe-lhes ainda a certeza de que quando nas officinas, laboratorios e arsenaes escassêa por inutil, o trabalho da fabricação dos instrumentos de guerra, augmenta para a politica o trabalho da prudente realização das reformas que são as armas com que a opposição dá combate sem ferro e sem fogo aos governos.

A provincia do Rio de Janeiro depressa reparou a injustiça feita ao grande athleta da conciliação, ao conselheiro Pedreira, a quem devia tão assignalados serviços; e em 1866 offereceu em lista senatorial ao Imperador aquelle nome que a corôa, cujo maior brilho é a justiça, remunerou com a escolha. Outras nomeações além da de senador, distinguiram Pedreira em 1867. Foram ellas a de conselheiro de Estado extraordinario, e 1° barão de Bom-Retiro sem grandeza. Pedreira passou em 1871 a conselheiro de Estado ordinario, e em 1872 foi elevado a visconde de Bom-Retiro com grandeza.

Os serviços que prestou á agricultura para attrahir a immigração e facilitar a colonisação, apresentaram-o por assim dizer, para o lugar de presidente do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura em 1865.

Este emprego naturalmente o apresentou tambem para dar fórma e direcção ao serviço das exposições, no qual se mostrou sempre competente, como em todos os de que foi incumbido, por melindrosos que fôssem, e ainda que exigissem habilitações e conhecimentos especiaes. A illustração, o patriotismo, o zelo, a prudencia, a diligencia proverbial do visconde de Bom-Retiro venciam todas as difficuldades.

Com auxiliares tambem zelosos, organizou, na qualidade de 2° vice-presidente, o trabalho das exposições internacionaes, em que figurou o Brazil de 1867 a 1876.

Cada um dos tres livros publicados: 1°, *Breve noticia para a exposição universal de Paris*; 2°, *O Imperio do Brazil na exposição universal de* 1873 em *Vienna d'Austria*. 3°, *O Imperio do Brazil na exposição universal de* 1876, *em Philadelphia*, cada um destes livros que

augmenta de importancia e noticias de um para outro, vem attestar os valiosos thesouros de tão peregrino cerebro.

Pedreira ganhou por fórma tal a confiança do governo e a consideração dos homens mais respeitaveis, que rarissimas foram as commissões officiaes em que o seu nome não appareceu.

Ainda este anno foi nomeado presidente da commissão incumbida pelo ministerio do Imperio de formular *Bazes para a reorganisação do ensino primario e secundario do municipio da côrte, desenvolvimento da instrucção publica nas provincias e elevação do ensino secundario em todo o Imperio.*

O relator da commissão faz justiça posthuma ao sabio Visconde, declarando no principio do seu relatorio que « sem o concurso das luzes de S. Ex. e sem a efficaz e illustrada direcção por S. Ex. dada aos trabalhos, não teria a commissão podido desempenhar-se dos seus arduos deveres. »

A personalidade moral do Visconde de Bom-Retiro está nos melhoramentos e adiantamentos materiaes, nos progressos da instrucção, nas suas orações parlamentares, que se tornaram notaveis pela suavidade e clareza.

Mas o que verdadeiramente ha de transmittir a sua individualidade intellectual aos posteros são os seus pareceres de conselheiro de Estado.

Apercebido por estudos em todas as questões de administração, graphou nessas paginas doutrinas de verdade e sabedoria indelevel.

Ordinariamente não são longas essas producções, que lhe vinham á penna, por assim dizer ás carreiras, de caminho para a Tijuca, Jardim Botanico e Copacabana, por fugir a importunos que o interrompiam no serviço do Estado; mas nos justos limites de semelhantes trabalhos, deparam-se abundantes e preciosas lições de jurisprudencia dos povos cultos, em fórma sem colorido deslumbrante, mas não sem a correção de linguagem limpida, cuja imagem penetra no cerebro do leitor como a claridade da luz do dia.

Eis ahi toscamente desenhado o vulto do Visconde de Bom-Retiro, na sua vida politica e administrativa.

Completarei, na medida de minhas forças, este esboço que honra a galeria dos nossos estadistas, pelo lado que o liga ao nosso Instituto.

Era ministro do Imperio quando foi votado o parecer que concluia pela sua admissão na qualidade de socio correspondente (sessão de 14 de Setembro de 1855). O mesmo parecer concluia tambem pela admissão de João Francisco Lisboa, uma das maiores autoridades da nossa historia, como attesta o celebre *Jornal de Timon* que attrahio sobre o seu autor justa fama e gloria.

Já de ha muito Pedreira dava mostras de que a nossa associação attrahia a sua attenção. Além dos seus relatorios, remettia para a bibliotheca do Instituto obras e documentos, entre os quaes mencionarei a *Descripção da viagem feita da Barra do Rio-Negro* pelo major de artilharia Hilario Maximiano Antunes Gurjão.

Requerendo-lhe o Instituto a nomeação de uma commissão scientifica incumbida de proceder a estudos nas provincias do norte, elle organizou-a de accordo com as bases formuladas pelo Instituto, fornecendo todos os instrumentos, alguns valiosissimos, nunca vistos no Brazil, afim de que a commissão tivesse os melhores resultados.

Nenhum pedido lhe fez esta associação que não fôsse satisfeito pelo illustrado ministro com a melhor vontade.

Logo que as suas numerosas occupações lhe deram folga, começou a comparecer ás nossas sessões, facto que muito influio para que entrasse na commissão de redacção da *Revista Trimensal* em 1859. Eleito vice-presidente em 1865, passou a presidente em 1876, por morte do douto Marquez de Sapucahy, e nesta qualidade se ausentou para sempre de nosso Instituto, deixando dignificada pelo seu alto prestigio a cadeira ora coberta de luto na qual se sentára em segundo logar aquelle Marquez e em primeiro o sabio Visconde de S. Leopoldo.

Em seus discursos recitados nas sessões magnas, como a de hoje, encontram-se a amabilidade e cortezia fidalga que teve em todas as suas relações com a sociedade.

Ocioso parece recordar-vos, senhores, a vós que o tivestes em vosso seio, estas qualidades caracteristicas do nosso presidente.

Bom-Retiro não era artista da palavra; não empregava fallando ou escrevendo os apparatos da rhetorica. Ainda na vivacidade e vehemencia natural da juventude, quando o parlamento passava por excitações nervosas tão communs nas assembléas politicas, elle não tinha arroubos de febril imaginação com Berryer ou Odillon Barrot. Não conheceu o ésto das paixões violentas de Gambeta.

Mas nas suas expressões lampejava o sentimento, muitas vezes com os adornos da elegancia modesta de Thiers.

E o que mais se poderia exigir de entendimento tão combatido por trabalhos sempre importantes, relativos não raro a pontos melindrosissimos de nossa administração?

Os dias e as noites fugiam-lhe em lidar que não cessava.

Ha dous annos vim encontra-lo neste paço concluindo o discurso com que devia abrir os nossos trabalhos. Faltara-lhe absolutamente o tempo necessario para o fazer no seu gabinete.

Vi-o, senhores, correctamente trajado para presidir á sessão magna. O conselheiro de S. M. o Imperador, o seu conselheiro de Estado, o veador de S. M. a Imperatriz, o gentil homem da imperial camara, o secretario do conselho de Estado, o senador e grande do Imperio, o doutor em sciencias juridicas e sociaes, o official da Imperial Ordem do Cruzeiro e da Rosa, o Gran-Cruz da Ordem de Christo do Brazil, o Gran-Cruz da Ordem de Leopoldo d'Austria e da Conceição de Nossa Senhora da Villa Viçosa de Portugal, o grande official da Legião de Honra da França, o inspector geral da Caixa da Amortização, o presidente do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, o presidente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, membro das sociedades Auxiliadora da Industria Nacional, de Acclimação do Rio de Janeiro e outras; membro correspondente da Sociedade de Acclimação de Paris; o commissario do governo em diversos institutos; o ex-ministro de Estado e ex-lente cathedratico da Faculdade de direito de S. Paulo; emfim o Visconde de Bom-Retiro trazendo ao peito as condecorações que eram nelle testemunhos de alto engenho, de nobre

esforço no serviço publico, de lealdade e dedicação á monarchia e especialmente a S. M. o Imperador, a quem sempre acompanhou nas viagens dentro e fóra do paiz, e que lhe deu o maior thesouro que póde dar—a sua amizade e confiança,—como é publico; ainda na ultima hora usava da penna, lança invicta das suas intellectuaes victorias, e escrevia palavras onde se depara a sentimentalidade do seu coração delicado, fonte de affectos nunca desmentidos para a sua familia, fóco de immenso amor para a patria.

No mesmo dia (12 de Agosto do anno corrente) em que nesta côrte fechou os olhos á vida mortal, esse grande homem, falleceu na Europa um notavel estrangeiro, o Barão de Schreiner, que, por algum tempo, representou no Brazil o Imperio de Austria-Hungria como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. M. I. e R. Apostolica.

O Barão de Schreiner, que, além de se ter distinguido na carreira diplomatica, era provecto nas lettras e sciencias, e muito versado nas litteraturas grega e latina, começou a pertencer ao nosso Instituto, como socio honorario, na sessão de 10 de Novembro de 1876, em que foi votada unanimemente a sua admissão.

No discurso recitado pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo, como presidente interino, na sessão magna commemorativa da inauguração do Instituto, está feito o elogio daquelle diplomata, nestas breves linhas:

« O Instituto se additou, offerecendo o diploma de seu socio honorario a S. Ex. o Sr. Barão de Schreiner, cavalheiro tão illustrado como venerando, e que, com o encanto da victoria celere de Cesar, conquistou todas as nossas attenções e sympathias pelo radiar de sua sciencia em clarões abertos de passagem, e pelas delicadezas da mais fina cortezia. »

Na mesma data falleceu tambem o nosso socio correspondente commendador João José de Souza Silva Rio, irmão do provecto homem de lettras e nosso assiduo companheiro de lutas, que ora preside aos nossos trabalhos.

Nasceu nesta cidade em 4 de Julho de 1810, e

entrou no serviço publico depois de ter concluido os cursos de humanidades e mathematicas puras.

Foi proposto para socio em 1845 com o popular litterato, de cujo nome ha pouco fiz menção, o Dr. Joàquim Manoel de Macedo, que tanto abrilhantou com os fulgores da sua eloquencia a cadeira, agora offuscada pela mediocre palavra do vosso orador.

Era então contador da contadoria geral da guerra, lugar em que se aposentou. Foi secretario do Banco Rural e Hypothecario e membro do Conservatorio Dramatico.

Escreveu varias balatas, episodios romanticos ou novellas, e um drama comico em um acto, intitulado—O *Caloteiro por bailes.*

Publicou poesias no *Museu Pittoresco, Gabinete de Leitura* e *Sentinella da Monarchia*.

O seu Ensaio sobre a estatistica do Imperio, que elle pretendia apresentar a este Instituto, não vio a luz da publicidade.

Tres dias depois destas perdas cahio tambem para nunca mais se levantar, Maximiano Antonio de Lemos, nascido na provincia de Minas-Geraes a 10 de Janeiro de 1812. Era Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro; lente da Escola Homœopathica, ex-addido de 1ª classe da Legação Brazileira em França.

Aos seus esforços, reunidos aos de outros collegas, muito deve a creação do Instituto dos meninos cegos.

Postoque cultor desvelado das lettras medicas, sómente deu a lume o livro intitulado:—O *Medico das crianças*,— de collaboração com o Dr. Americo Hyppolito Ewerton de Almeida.

Outro cultor das lettras, mas especialmente cultor da historia, era o nosso consocio Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida, que a 17 de Março se finou obscuramente em Taubaté, quasi ignorado da moderna geração.

Houve comtudo tempo em que este nome figurou com distincção frequentemente em nossa imprensa.

Sempre na frente da cruzada de litteratos que, inspirando-se na lucida intuição da litteratura nacional, não cessavam pela poesia, pelo romance, pelo drama, e

pela critica, de trabalhar com as vistas neste alvo, concorreu com o melhor da sua energia e actividade para a elevação do gosto dos estudos de archeologia e de historia, já na provincia da Bahia, já na provincia de Pernambuco.

Sobre o dominio hollandez nesta ultima provincia, tinha elle muitos e seguros conhecimentos fundados em documentos importantes que conseguira reunir em suas mãos, e esclarecidos pelo exame dos logares aonde se transportou afim de estudar o scenario da tragedia flamenga.

Nasceu na ilha de S. Miguel dos Açores a 15 de Agosto de 1807. Foi discipulo do visconde de Almeida Garrett, que o mandou educar no collegio real dos nobres em Lisboa, fundado pelo marquez de Pombal.

Depois de ter testemunhado os triumphos do seu bemfeitor e compartido, na imprensa e associações litterarias, as glorias da pleiade de litteratos, entre os quaes se apontavam Mendes Leal, C. Castello Branco, Rebello da Silva, Latino Coelho, com quem entreteve intimas relações, resolveu vir para o Brazil. Esta expatriação teve por origem a revolução de Torres Vedras. Deportado para a ilha da Madeira, e depois amnistiado, voltára a S. Miguel, onde a revolta do Minho o forçou a refugiar-se em Lisboa. Foi dahi que se transferio para o Rio de Janeiro, a que elle appellidava— capital do novo Imperio dos Assyrios.

Relacionando-se com os litteratos e escriptores que naquelle tempo (1850) formavam nomes que mais tarde consagrou a admiração publica, entrou a collaborar para o *Correio da Tarde* e *Correio Mercantil*, e fundou a *Nova Gazeta dos Tribunaes*.

Em 1853, já em Santos, redigio o *Mercantil*, e depois, não se dando bem no jornalismo paulista, fundou um collegio em Pindamonhangaba, onde se casou.

Voltando á Côrte, passou-se logo depois á provincia de Santa Catharina, de cuja assembléa legislativa chegou a ser membro.

Em 1860 seguio para a Bahia, onde redigio o *Brazil Catholico*, merecendo do venerando Arcebispo Conde de Santa Cruz apreço e a sua amizade.

Não se fixando de uma vez alli, tomou a deliberação de ir para Pernambuco, onde redigio o *Mercantil*, *Oriente* e *Liberal*; e movido pela paixão de correr terras, foi até Goyanna. Nessa cidade fundou o Instituto Historico e Archeologico de Goyanna, que teve pouca duração.

Voltou a S. Paulo em 1873; e alli escreveu o *Americano*, *Gazeta do Paraizo*, *Jornal de Taubaté* e *Jornal de Pouso-Alegre*.

Publicou varios trabalhos de theologia, historia, geographia, critica e biographias; deixando ineditos dramas e romances. Deixou tambem a *Historia ecclesiastica do Brazil*, em que de ha muito trabalhava.

Era bacharel em direito e doutor em canones pela universidade de Coimbra, doutor em theologia *ex-gratia* de Pio IX, official da Santa Sé Apostolica, ex-promotor fiscal da nunciatura apostolica no Rio de Janeiro.

Resta-me tratar, senhores, de um socio de muito distincto merecimento que, da completa orphandade em que se achou, quando apenas tinha 14 annos de idade, e por falta de meios, estudava gratuitamente no seminario de S. José desta Côrte, successivamente se elevou a bacharel em sciencias juridicas e sociaes pela Academia de S. Paulo, juiz municipal, e promotor publico, procurador dos feitos da fazeñda, official maior e depois director da secretaria de Estado dos Negocios da Justiça, Presidente das provincias de S. Paulo e Rio de Janeiro, Director da Instrucção Publica desta ultima provincia, advogado do Banco do Brazil, eleitor, juiz de paz, membro da assembléa legislativa da provincia do Rio de Janeiro, e Deputado á Assembléa Geral pela mesma provincia.

Quero referir-me ao Conselheiro Josino do Nascimento e Silva, que nasceu a 31 de Julho de 1811 na cidade de Campos dos Goytacazes, e falleceu a 6 de Junho do corrente anno nesta Côrte.

Josino lutou valentemente com a pobreza, e sobre ella alcançou victoria com o trabalho, a honestidade, a lealdade aos seus amigos particulares e aos seus superiores officiaes, sem faltar ao zelo digno de imitação no cumprimento dos deveres.

Ia-me esquecendo de mencionar dous dos instrumentos da sua victoria — o talento e o estudo.

A imprensa foi o campo das suas primeiras lutas.

Ainda bem joven começou a fazer traducções para o theatro e para os jornaes, afim de obter com que pudesse occorrer ás necessidades da vida.

Dado este passo, não é dificil, antes parece natural chegar ás columnas superiores dos jornaes. Foi o que se deu com elle.

Collaborou no *Jornal do Commercio*, *Chronista*, *Sete de Abril* e *Tres de Maio*, e foi redactor unico do *Diario Official* e da *Chronica Fluminense*.

Dos jornaes era natural que passasse aos livros. De facto annotou e publicou o *Codigo Criminal*, o *Codigo do Processo* e a *Lei da Guarda Nacional*, obras ainda bem acceitas do publico.

Mereceu provas de muita consideração e a honrosa amizade de homens, que, pela pratica dos homens e pela alta posição que occuparam entre nós, não podiam enganar-se acerca das nobres qualidades de Josino do Nascimento e Silva. A este numero pertencem o Marquez de Paraná, o Visconde de Caravellas, Euzebio de Queiroz, o Visconde do Rio-Branco .

A demissão, que soffreu, e a reparação desta pena pela aposentadoria, põem em relevo o seu real merecimento.

Resumirei este facto em poucas linhas:

Exercia Josino o cargo de Director Geral da Secretaria da Justiça em 1864, quando por uma questão pessoal foi demittido.

A pena trazia effeitos crueis, como é facil comprehender. A vida de secretaria quebrara-lhe as forças que, no principio da sua carreira, lhe tinham dado bons fructos, applicando-se á advocacia. Ellas todavia não estavam inteiramente aniquiladas, porque Josino ainda se sentiu bastante forte para vir á imprensa discutir o acto, e dirigir-se ao governo, perante o qual sustentou a sua reclamação.

Ouvida sobre este assumpto a respectiva secção do Conselho de Estado, foi esta de parecer, por unanimidade,

que o governo devia reparar a injustiça feita ao reclamante ; divergindo, porém, seus membros na fórma da reparação. O Visconde de Jequitinhonha opinou que fosse elle nomeado para cargo igual ao de que fôra demittido, ou reintegrado neste ; o Marquez de S. Vicente e o Visconde de Uruguay opinaram pela aposentadoria como meio mais prompto de resgatar a offensa. De accordo com esta ultima opinião resolveu o governo, decretando a aposentadoria.

Na administração da provincia do Rio de Janeiro, melhorou o estado das rendas provinciaes, contratou o prolongamento da via-ferrea de Cantagallo, encampou a da Cachoeira, contratou a de Nictheroy a Campos, assegurou o futuro da de Macahé, inaugurou o hospital de S. João Baptista de Nictheroy.

—

Eis terminada por hoje a tarefa com que ha seis annos me distinguis.

Rogo-vos que vos digneis passar a outrem este honroso onus para cujo desempenho não sou o mais competente nem pelas habilitações, nem pela posição official.

Sêde justos e generosos.

Os homens de consciencia clara e sã praticam grande sacrificio quando se incumbem de cargo que exige brilho e altura que lhes faltam.

Seja a minha ultima [illegible]lavra pedir-vos desculpa de fallar-vos em mim l[illegible]pois de ter fallado em nomes que a patria glorifica, [illegible]ia illustra.

ERRATA

Á MEMORIA

CAMPOS DOS GOYTACAZES

PAG.	LINHA	ERRO	EMENDA
7	22	pelo	pela
11	25	odiosa todo	odiosa a todo
21	29	commum.	commum na provincia.
29	36	descem	desciam
88	2 e 3	S. M. a Imperatriz, etc.	*Supprima-se.*
88	*Nota*	Setembro.	Setembro de 1871
89	40	aberto:	aberta:
99	8 e 9	e seu municipio	*Supprima-se*
101	33	ha	havia
101	31	chega	chegava
110	18	modesto	aproveitado
118	30	Começava	Começavam
119	1	ia	iam
161	35	preto ou	*Supprima-se*
177	35	pespedição	despedição

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE VOLUME

PGS.

3º FASCICULO

4º FASCICULO

BALANÇO
DA
Tezouraria do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro nos mezes de Janeiro a Setembro de 1885

RECEITA

1885—Janeiro 1.		
Saldo do anno anterior (1884)................	423$040	
Setembro 18.		
Subsidio do Tezouro Nacional................	7:500$000	
Juros de apolices........................	1:062$000	
Liquidação da caderneta da Caixa Economica n. 8.033..............................	365$975	
Venda da *Revista Trimensal*................	68$000	
Resgate do debito do socio Manoel de Jezus Valdetaro..............................	60$000	9:479$015
Prestações semestraes dos seguintes socios:		
Alfredo de Escragnolle Taunay, 1884 e 1885	24$000	
Augusto Fausto de Souza, 1884..........	12$000	
Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, 1884..............................	12$000	
Barão de Lavradio. 1885..................	12$000	
Cezar Augusto Marques, 1884 e 1885........	24$000	
Conde de Baependi, 1885..................	12$000	
Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe Filho, 1885..............................	12$000	
Enrique Schutel Ambauer, 1885..........	12$000	
Francisco Baltazar da Silveira, 1885........	12$000	
Francisco de Paula Toledo, 1884 e 1885.....	24$000	
João Franklin da Silveira Tavora, 1884....	12$000	
João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú, 1885	12$000	
Joaquim Antão Fernandes Leão, 1883 a 1885	36$000	
Joaquim Floriano de Godoi 1884 e 1885....	24$000	
Jozé Alexandre Teixeira de Mello, 1884....	12$000	
Jozé Candido Guilhobel, 1884............	12$000	
Jozé de Vasconcelos, 1884 e 1885.........	24$000	
Jozino do Nascimento Silva, 1885.........	12$000	
Ladisláo de Souza Mello Neto, 1884........	12$000	
Luiz de França Almeida Sá, 1884 e 1885...	24$000	
Manoel da Costa Onorato, 1885............	12$000	
Manoel Pinto Bravo, 1884................	12$000	
Tomaz Jozé Pinto de Cerqueira, 1884......	12$000	
Tristão de Alencar Araripe, 1885...........	12$000	
Visconde de Wildick, 1885................	12$000	396$000
Importancia de um armario inutilizado cedido a Jozé Francisco Vacani............	20$000	20$000
		9:895$015

DESPEZA

Orçamento, art. 2

§ 1: Impressão do tomo 47 da *Revista Trimensal* (saldo), impressão das actas de 1884, e impressão da 1ª parte da *Revista* de 1885 (doc. n. 1, 2, 3)..	3:538$000
§ 2: Reimpressão de folhas da *Revista* para completar numeros truncados dos tomos 31 e 40 e broxamento dos tomos 41 e 49 (doc. n. 4, 5, 6)...	514$600
§ 3: Remessa da *Revista*, porte do correio para diversos paizes (doc. ns. 7, 8, 9)............	141$000
§ 4: Livros encadernados no Instituto dos surdos-mudos, e encadernação de mapas (doc. n. 10, 11, 12)............................	345$100
§ 5: Historia do Brazil e outras obras compradas a H. Laemmert & C. (doc. n. 13 a 16)....	84$000
§ 6: Impressão e broxamento de 700 exemplares do catalogo das cartas geograficas, atlas, planos e vistas existentes no Instituto, doc. n. 17......................................	530$000
§ 7: Concerto de uma das salas da caza do Instituto (doc. n. 18 a 21)........................	291$540
§ 8: Pintura no tecto e portas da caza do Instituto e caiação das paredes (doc. n. 22).........	480$000
§ 9: Despezas miudas feitas pelo Porteiro nos mezes decorridos de Janeiro a Agosto ultimo, papel, tinta, avizos pela imprensa, e velas para illuminação da caza (doc. n. 23 a 34).......	149$840
§ 10: Vencimento do Bibliotecario, Escriturario e Porteiro nos mezes decorridos de Janeiro a Agosto ultimo (doc. n. 35 a 42)..........	1:892$000
§ 11: Porcentagem ao cobrador da quantia arrecadada por cobrança (456$) na razão de 30 % (doc. e nota n. 43 e 44).............	136$800
	8:102$880

Transporte	8:102$880	
§ 12:		
Despeza com uma lata grande para guardar papeis, 10 quadros impressos de socios, concerto de meza, lavatorio e outros objetos (doc. n. 45)	99$700	
Compra de uma apolice da divida publica do valor de 1:000$ (doc. n. 52)..............	1:072$300	
Imposto e mais despezas para a transferencia de 2 apolices da divida publica do valor de 1:000$ cada uma, legadas pelo finado consocio Ricardo Jozé Gomes Jardim (doc. n. 54, 55)..................................	442$000	
		9:716$880

RESUMO

Receita....	9:895$015
Despeza..................	9:716$880
Saldo....................	178$135
	9:895$015

OBSERVAÇÃO

Além do saldo supra existem 17 apolices de 1:000$ e 2 de 600$000.

Rio 18 de Setembro de 1885.

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE,
Tezoureiro.

BALANÇO
DE
19 de Setembro a 31 de Dezembro de 1885

RECEITA

Art. 1:		
Saldo recebido do Sr. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe........................	178$135	
Resto do subsidio do Thezouro Nacional......	1:500$000	
Producto da venda de 3 volumes da *Revista*....	12$000	
Joia de dous socios (doc. A)..................	40$000	
Cobrança da divida de um socio (1883 e 1884)..	24$000	
Prestações de sete socios apresentadas pelo Cobrador (doc. A.).........................	84$000	
Minha contribuição de 1885....................	12$000	
		1:850$135

DESPEZA

Art. 2 § 4:		
Encadernação de livros.......................	10$000	
§ 9:		
Despezas miudas, expediente, sendo: Conta do Porteiro (doc. 13) ; *Jornal do Commercio*, (doc. 11); Viuva Guimarães & Pereira, (doc. 8); *Gazeta de Noticias*, (doc. n. 7); *Caza Livro de Ouro*, (doc. n.6); Fernando Amares, (doc. 4).................................	77$120	
§ 10:		
Vencimentos dos empregados nos mezes de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro (doc. 1, 2, 3, 10)........................	947$998	
§ 11:		
Porcentagem de 20 °/₀ ao cobrador, correspondente á cobrança de 148$000 (doc. A)...	29$600	
§ 12:		
Eventuaes—sendo: Telegramma de 15 palavras para Lisboa (doc. n. 9)..................	82$300	
		1:147$318

RESUMO

Quantia arrecadada até 31 de Dezembro...	1:850$135
Quantia despendida » » » » ...	1:147$318
Saldo que passa para 1886.......	702$817

BARÃO DE TEFFÉ.
Thezoureiro

BALANÇO

DA

Thezouraria do Instituto Historico Geographico brazileiro no anno de 1886

BALANÇO DO 1.º SEMESTRE

Receita arrecadada até 30 de Junho

Art. 1

§ 1:

Saldo que passou do anno de 1885............	702$817	
§ 2:		
Subsidio do Thezouro Nacional. Recebi no dia 27 de Fevereiro a prestação semestral......	4:500$000	
§ 3:		
Juros das apolices recebidos no dia 11 de Fevereiro, sendo 17 do valor nominal de 1:000$ e 2 de 600$ cada uma..................	546$000	
§ 5:		
Prestações semestraes do socio Dr. Cesar Augusto Marques..........................	12$000	
§ 6:		
Venda da *Revista* (producto de 1 volume entregue pelo Bibliothecario)..................	4$000	
§ 7:		
Cobrança da divida activa : sendo do socio Dr. Ricardo Gumbleton......................	12$000	
E mais 13 socios, sendo 2 annos de um (doc. B, C, C* e D)..............................	168$000	
E mais a importancia adiantada dos 3 annos de 1886, 1887 e 1888 do socio Luiz da França Almeida Sá............................	36$000	5:980$817

RESUMO

Receita realisada até 30 de Junho....	5:980$817	
Despeza » » » » »	4:474$000	
	1:506$817	

BARÃO DE TEFFÉ
Thezoureiro.

DESPEZA

PRIMEIRO SEMESTRE DE JANEIRO A JULHO DE 1886

Art. 2

Descripção	Parcial	Doc.	Total
§ 1: Impressão da *Revista Trimensal* (doc. n. 28)..			1:590$000
§ 2: Reimpressão de numeros esgotados (doc. n. 30)..			940$000
§ 3: Remessa da mesma *Revista* (doc. n. 34)........			100$000
§ 5: Encadernação de livros (doc. n. 24)..........			95$700
§ 6: Compra de livros e de duas espheras grandes (doc. n. 14, 15 e 29)......................			54$700
§ 7: Expediente, na fórma seguinte:			
Asseio da casa e agua (doc. n. 21 e 35)	13$440		63$640
Papel, tinta, etc. (doc. n. 16, 21 e 35)	50$200		
§ 8: Vencimento dos empregados, a saber:			
Bibliothecario...	600$000	Doc. n. 12, 18, 22, 25, 27 e 33.	1:510$000
O mesmo como revisor	100$000		
Escripturario..........	390$000		
Porteiro......	420$000		
§ 9: Porcentagem de 20 % ao empregado incumbido da cobrança (doc. n. B, C, C* e D)........			33$600
§ 10: Eventuaes (doc. n. 17, 19, 20, 20 *a*, 20 *b*, 23, 26, 31, 32)................................			86$360
Despeza effectuada até 30 de Junho...			4:474$000

BARÃO DE TEFFÉ,
Thezoureiro

BALANÇO DO 2.º SEMESTRE

Receita arrecadada de 1.º de Julho ao fim de Dezembro

Art. 1

§ 1:

Saldo que passou do 1.º semestre.............	1:506$817

§ 2

Subsidio do Thesouro Nacional. Recebi no dia 14 de Julho 2/3 da contribuição deste semestre, correspondente aos 4 mezes da prorogativa...................................	3:000$000
Recebi em 20 de Novembro o resto do subsidio.	1:500$000

§ 3:

Juros das apolices ; recebi no dia 3 de Julho, sendo 17 de 1:000$ e 2 de 600$ cada uma....	546$000

§ 4:

Joia do socio conselheiro Manoel Francisco Correia..................................	20$000

§ 5:

Prestações semestraes dos socios (doc. n. E e F; anno 1886)............................	126$000

§ 7:

Cobrança da divida activa, sendo 4 socios do anno de 1885 (doc. n. E e F)..............	48$000
Receita do 2.º semestre e mais o saldo do 1º....	6:746$817

BARÃO DE TEFFÉ,
Thezoureiro

DESPEZA

Art. 2:

Impressão da *Revista Trimensal* (doc.n.55 e 55 *a*)		1:910$000
» de numeros esgotados (doc. n. 36)...		1:898$000
Remessa da mesma *Revista* (doc. n. 42)........		100$000
Impressão de bilhetes para a remessa (doc. n. 38)		105$000
Encadernação de livros (doc. n. 58)...........		78$400
Compra de livros e de 2 espheras.......	doc. 57..... 19$000 » 61..... 422$800 » 62..... 2$835 » 63..... 20$160	464$795

Expediente na fórma seguinte:

Conta do Porteiro (doc. n. 45 e 60).....	30$640	
Lavagem da casa (doc. n. 52)........	20$000	91$940
Illuminação da casa (docs. ns. 39 e 40)	21$300	
Papel, tinta, etc., (doc. n. 41 e 50).	20$000	

Vencimentos dos empregados, a saber:

Bibliothecario.........	600$000	Doc. 37, 43, 44, 51, 56 e 57.	
O mesmo como revisor	100$000		1:510$000
Escripturario.........	390$000		
Porteiro.............	420$000		
Commissão de 20 % ao empregado incumbido da cobrança (doc. n. E e F)...............			38$800
Eventuaes (doc. n. 46, 47, 48, 49, 53 e 54).......			49$040
Despeza do 2.° semestre de 1886...............			6:245$975

Barão de Teffé
Thezoureiro

APPENDICE AO BALANÇO

SOCIOS DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO QUE PAGARAM AS SUAS ANNUIDADES DE 21 DE SETEMBRO DE 1885 ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 1887, SENDO THESOUREIRO O BARÃO DE TEFFÉ.

Dr. Alfredo Piragibe, 1883 a 1885	36$000
Dr. Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo, 1885 e 1886	24$000
Conselheiro Henrique de Beaurepaire Rohan, 1885 e 1886	24$000
Conselheiro Olegario Herculano de Aquino Castro, 1885 e 1886	24$000
Dr. João Severiano da Fonseca, 1885	12$000
Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello, 1885 e 1886	24$000
Capitão-tenente Francisco Calheiros da Graça,	24$000
1885 e 1886	24$000
Conselheiro Epifanio Candido de Souza Pitanga, 1885 e 1886	24$000
Tenente-coronel Augusto Fausto de Souza, 1885	12$000
Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, 1885	12$000
Barão de São-Felix, 1885	12$000
Visconde de Souza Fontes, 1885 e 1886	24$000
Dr. Ernesto Ferreira França, 1885	12$000
Dr. João Ribeiro de Almeida, 1885 e 1886	24$000
Dr. João Franklin da Silveira Tavora, 1885	12$000
Commendador João Wilkens de Matos, 1885 e 1886	24$000
Capitão de Fragata Jozé Candido Guilhobel, 1885 e 1886	24$000
Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, 1885 e 1886	24$000
Dr. Benjamim Frankilin Ramiz Galvão, 1885 e 1886	24$000
1° Tenente Jozé Egidio Garcez Palha, 1883	12$000
Conselheiro Antonio Joaquim Ribas, 1885	12$000
Capitão-Tenente Manoel Pinto Bravo, 1885	12$000
Conselheiro Luiz Antonio Vieira da Silva, 1885 e 1886	24$000
Dr. Alfredo de Escragnolle Taunay, 1886	12$000
Dr. Ladislão de Souza Mello Neto, 1886	12$000
Monsenhor Dr. Manoel da Costa Honorado, 1886	12$000
Henrique Raffard, 1886	12$000
Conselheiro Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros, 1885 e 1886	24$000

Conde de Baependi, 1886....................	12$000
Senador Manoel Francisco Correia, 2.° semestre, 1886....................................	6$000
Joia do mesmo..................................	20$000
Antonio Jozé Victorino de Barros, 1885.......	12$000
Dr. Francisco Ignacio Ferreira, 1886...........	12$000
Barão de Lavradio, 1886........................	12$000
Conselheiro João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú, 1886...............................	12$000
Tenente-coronel Antonio Borges de Sampaio, 1887.....................................	12$000
Joia do mesmo..................................	20$000
Dr. Joaquim Pires Machado Portella, 1883 a 1885	36$000
Barão de Teffé, 1885 e 1886	24$000

Rio de Janeiro 1º de Março de 1887.